Villette

CHARLOTTE
BRONTË



MARTIN CLARET

Villette

CHARLOTTE
BRONTË

Villette

TRADUÇÃO
SOLANGE PINHEIRO

MARTIN CLARET

SUMÁRIO

ANTERROSTO
FOLHA DE ROSTO
SUMÁRIO

PREFÁCIO
NOTA DA TRADUTORA
I. BRETTON
II. PAULINA
III. OS COMPANHEIROS DE BRINQUEDO
IV. A SRTA. MARCHMONT
V. VIRANDO UMA NOVA PÁGINA
VI. LONDRES
VII. VILLETTE
VIII. MADAME BECK
IX. ISIDORE
X. O DR. JOHN
XI. A SALINHA DA MOÇA DA PORTARIA
XII. A CAIXA
XIII. UM ESPIRRO INCONVENIENTE
XIV. A FÊTE

XV. AS LONGAS FÉRIAS
XVI. MOITO TEMPO ATRÁS
XVII. LA TERRASSE
XVIII. NÓS NOS DESENTENDEMOS
XIX. A CLEÓPATRA
XX. O CONCERTO
XXI. REAÇÃO
XXII. A CARTA
XXIII. VASHTI
XXIV. M. DE BASSOMPIERRE
XXV. A PEQUENA CONDESSA
XXVI. UM ENTERRO
XXVII. O HÔTEL CRÉCY
XXVIII. A CORRENTE DO RELÓGIO
XXIX. A FÊTE DE MONSIEUR
XXX. M. PAUL
XXXI. A DRÍADE
XXXII. A PRIMEIRA CARTA
XXXIII. M. PAUL MANTÉM SUA PROMESSA
XXXIV. MALÉVOLA
XXXV. FRATERNIDADE
XXXVI. O POMO DA DISCÓRDIA
XXXVII. LUZ DO SOL
XXXVIII. NUVENS
XXXIX. VELHOS E NOVOS CONHECIDOS
XL. O CASAL FELIZ
XLI. FAUBOURG CLOTILDE

XLII. FINIS
TRADUÇÃO DAS PALAVRAS E FRASES EM OUTROS IDIOMAS
POSFÁCIO
PÁGINA DE DIREITOS AUTORAIS

PREFÁCIO

NARRADORA MAROTA

LENITA MARIA RIMOLI PISETTA*

O que em geral um leitor espera de um narrador em primeira pessoa? Por estabelecer um diálogo direto com o leitor, poderíamos dizer, em termos gerais, que esse tipo de narrador cria a expectativa de um tom quase confessional: que a narrativa se dê em uma atmosfera de sinceridade e que nada se oculte do leitor. Bentinho, por exemplo, um dos mais discutidos narradores em primeira pessoa da literatura brasileira, conta ao leitor tudo que sente. De certa forma, ele impõe a sua visão das coisas, a sua versão dos fatos. E o leitor fica naquela dúvida: será que Bentinho está vendo as coisas com clareza? Ou será que está distorcendo os fatos, levado pelo ciúme? De qualquer forma, Bentinho revela seu íntimo, seus impulsos mais monstruosos, suas atitudes mais frias: dizendo claramente o que sente, ele desnuda sua história para análise e julgamento do leitor.

Riobaldo Tatarana, outro famoso narrador em primeira pessoa de nossa literatura, também se expressa candidamente quando vai contando sua saga ao seu interlocutor, cujo papel se confunde com o do próprio leitor. Esse nosso jagunço filósofo não tem reservas ao contar sobre os mais mirabolantes episódios de sua vida nem ao revelar suas inquietações e dúvidas.

E que dizer então de Lucy Snowe, a personagem principal de *Villette* ? Ela estabelece um canal de comunicação com o leitor que parece direto e franco. Com muita frequência se dirige diretamente ao “Leitor”, travando

com ele um diálogo explícito. No entanto, em várias passagens, temos depois a impressão de que ela não está contando tudo.

A primeira vez que isso acontece claramente é quando ela nos conta que já sabia de algo que revela depois. Não entro em mais detalhes para não privar o leitor do prazer da descoberta, mas a passagem é facilmente identificável. Depois dessa primeira revelação da possibilidade de Lucy não ser uma narradora franca e direta, nós assumimos uma atitude meio defensiva, sempre esperando que isso aconteça de novo. E nos indagamos, perplexos: se ela sabia, por que não me contou?

Mais adiante, a narradora revela ao leitor uma série de fatos que pensávamos que ela, como nós, estava aflita para saber. E não é que ela de repente conta tudo aquilo que ansiávamos tanto por conhecer e que, identificando nossa curiosidade com a da narradora, julgávamos que ela também desconhecia? De novo, somos surpreendidos: se ela sabia, por que demorou tanto para nos contar?

Outro traço muito forte em Lucy Snowe é a ironia. Em sua narrativa se manifesta aquela ironia mais explícita, aquele mecanismo pelo qual dizemos o contrário do que pensamos, e que em geral tem um efeito humorístico. Mas também há momentos em que ficamos em dúvida se ela está sendo sincera na sua apreciação dos personagens com os quais convive. Será que ela está dizendo aquilo sinceramente?

Tomemos, por exemplo, o modo como ela descreve Madame Beck, sua patroa. Ela é uma mulher controladora, xereta, interesseira. Ao mesmo tempo, é racional, competente na administração de sua escola e, em certo sentido, respeitosa da individualidade de Lucy. Temos então a construção de um retrato complexo da personagem, o que enriquece a obra, embora às vezes deixe o leitor inseguro.

E um tratamento parecido é dado aos personagens principais. John Graham é às vezes caracterizado como um homem quase perfeito, tanto física quanto psicologicamente. E, quando estamos quase acreditando nisso, Lucy diz que não é bem assim, ele tem seus defeitos, embora ela não os enxergasse em determinada época. A própria descrição das

características físicas do Dr. John é ambígua. Ele teria soberbos cabelos castanho-avermelhados ou uma lamentável juba vermelha?

Essa dubiedade nas caracterizações, essa sobreposição de atributos que muitas vezes se opõem, pode, como já foi dito, confundir o leitor. Mas ao mesmo tempo, de certa forma, ela "imita" nossa experiência real. É porque não podemos manter nossas certezas por muito tempo que provavelmente procuramos nos romances caracterizações mais definitivas e comportadas, que não nos surpreendam a cada momento. Assim, *Villette* é um romance que, nesse aspecto, recria muito bem o modo como, na nossa convivência com as pessoas, vamos transformando nossas opiniões sobre elas. Dependendo da situação, enxergamos aqueles com quem convivemos sob uma luz mais ou menos positiva.

Por outro lado, há também na história um bom toque "romanesco", no sentido de algumas coisas parecerem bem inverossímeis. Em alguns pontos, nós as aceitamos porque assim a história fica mais "redonda"; nesses momentos, mandamos às favas a tal verossimilhança e apreciamos a história como ela é. Como dizia a minha avó, "a bem da novela, é melhor que aconteça assim". O número de "coincidências" em *Villette* é muito grande. É incrível como os personagens se "reencontram". Quase todos eles, mesmo os que aparecem ocasionalmente, no pano de fundo, têm uma função específica na história. Charlotte Brontë parece "reservar" personagens e reaproveitá-los em cenas futuras.

Um último aspecto que merece menção neste comentário é uma questão que permeia muitos romances escritos em épocas relativamente distantes da nossa: a variabilidade do conceito de "politicamente correto". Expressões e comparações que hoje são em geral consideradas antiéticas eram usadas com frequência e sem problemas na época de Charlotte Brontë. O ponto em que talvez esse descompasso seja mais flagrante é o embate entre catolicismo (religião do país imaginário onde Lucy Snowe vai morar e trabalhar, na igualmente fictícia cidade de Villette) e o protestantismo (religião da heroína e que ela defende com inabalável convicção). O modo como Lucy se refere aos católicos poderia ser considerado agressivo nos dias de hoje. Da mesma forma, as reservas que

os habitantes de Villette têm em relação ao fato de Lucy ser protestante talvez não fossem tão claramente explicitadas hoje em dia. Lendo o romance, é preciso lembrar que algumas normas de conduta vigentes na época da autora (que viveu entre 1816 e 1855) estão hoje ultrapassadas.

Quem se interessar em conhecer a biografia de Charlotte Brontë logo vai perceber que ela se baseou em vários acontecimentos e experiências da sua vida para escrever seu romance. *Villette* tem vários aspectos que se assemelham bastante com a época em que Charlotte esteve na Bélgica, trabalhando como professora em um pensionato (1842–1843). Além disso, vários personagens (não só de *Villette* , mas também de outros romances seus, como *O professor* e *Jane Eyre*) são identificados com pessoas reais com quem a autora conviveu. É claro que não há da parte dela nenhum compromisso com uma fiel descrição da realidade, mas não deixa de ser interessante pensar que a própria Charlotte viveu, em certa medida, muitas das experiências e situações descritas em *Villette.* E conviveu com pessoas bastante semelhantes aos personagens que descreve no romance.

Mas talvez o mais interessante aspecto de toda a obra seja mesmo essa narradora que não confessa tudo. Ou confessa, mas no tempo que ela escolhe, e que nem sempre acompanha a sequência da narrativa. Para quem leu *Jane Eyre* , talvez o mais conhecido romance de Charlotte, a diferença entre Jane e Lucy fica muito clara, não só em termos de caráter e de traços emocionais, mas também no modo como se caracteriza cada uma dessas duas narradoras em primeira pessoa.

---

* Professora e pesquisadora na área de tradução, vinculada ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP. É também tradutora profissional, trabalhando junto a editoras há mais de vinte anos.

NOTA DA TRADUTORA

Entre os inúmeros problemas e desafios da tradução, um, aparentemente fácil, mas extremamente complexo, é a tradução do pronome “you”. Em inglês, ele pode ser usado tanto em situações formais quanto informais, e muitas vezes o contexto indica claramente o uso. Em outros casos, a informação não é tão clara, e fica a cargo do tradutor decidir se “you” será traduzido por “o senhor/a senhora/a senhorita”, ou por “você”. Na obra de Charlotte Brontë, esse dilema se apresenta várias vezes, e os critérios para a tradução de “you” podem soar estranhos ou inconsistentes para o leitor do texto em português. Quando “you” acompanha uma forma de tratamento decididamente formal — Mr./Mrs./Miss/Monsieur/Madame — a opção foi usar os pronomes senhor/senhora/senhorita; nos casos em que “you” acompanha um nome de batismo, foi feita a opção por “você”. Em alguns casos, a escolha foi feita baseada na interpretação muito pessoal do texto literário — ocasiões em que a narradora, Lucy Snowe, não demonstra simpatia pela pessoa com quem conversa, ou casos em que entra o fator idade — quando uma personagem se dirige a outra mais jovem. Tendo a plena consciência de que essas escolhas podem ser subjetivas e estão sujeitas às críticas de leitores, peço licença para recordar que a tarefa da tradução envolve, acima de tudo, trabalhar com a grande distância pragmática, semântica, sintática e cultural entre duas línguas, e as soluções encontradas jamais resolverão definitivamente tais dilemas.

Neste romance, uma narradora inglesa — Lucy Snowe — vive em Villette, no reino de Labassecour (versão ficcional de Bruxelas, capital da

Bélgica, onde Charlotte Brontë estudou quando jovem, junto com sua irmã Emily). Em vários trechos da narrativa, algumas personagens falam francês; em uma carta para seu editor, Brontë diz preferir que as frases não fossem destacadas por itálicos, pois elas pareceriam excessivamente evidentes. E, conforme cita Janet Gezari em sua introdução para a edição norte-americana da Oxford World's Classics do romance *Shirley* (no qual algumas personagens também falam francês), Charlotte Brontë também manifestou a intenção de manter essas frases em francês sempre que a língua inglesa não transmitisse exatamente o que as personagens fossem dizer. Nas edições inglesas, poucas dessas frases ou palavras são destacadas com aspas ou com itálico; em sua maioria, elas aparecem na mesma fonte usada para o texto inglês, e as traduções em inglês são colocadas em notas no fim do texto.

Charlotte Brontë certamente tinha consciência de que a presença do francês no romance dificultaria a leitura para inúmeras pessoas, pois somente uma parte da população da Inglaterra do século XIX tinha acesso ao estudo de uma língua estrangeira; contudo, a ideia de dar uma voz às personagens parecia ser muito importante para a escritora. Assim sendo, para esta tradução de *Villette* foi feita a opção de seguir o padrão das edições inglesas do romance: as falas em francês são mantidas no texto, sendo colocadas em itálico ou entre aspas somente quando forem destacadas dessa forma na edição inglesa; as traduções são colocadas no fim do romance. Nos estudos teóricos, tantas vezes se fala nos ganhos e perdas de uma tradução; manter as frases em francês pode representar um empecilho para muitos leitores nos dias atuais, mas, é importante lembrar que essas pessoas se encontrarão na mesma situação de inúmeros leitores do texto original desde o lançamento do romance no começo dos anos 1850.

Há algumas variações (pontuação, separação do texto em parágrafos, etc.) entre as diferentes edições de *Villette* em língua inglesa encontradas no mercado; esta tradução foi feita baseada na Oxford World's Classics editada por Margaret Smith e Herbert Rosengarten.

CHARLOTTE
BRONTË

Villette

I. BRETTON

Minha madrinha morava em uma bela casa na graciosa e antiga cidadezinha de Bretton. A família do seu marido vivera lá por gerações, e tinha, na verdade, o nome do seu local de nascimento — Bretton de Bretton: se foi por coincidência, ou se houve algum ancestral importante o suficiente para transmitir seu nome ao de sua localidade, eu não sei.

Quando eu era menina, visitava Bretton umas duas vezes ao ano, e gostava muito da visita. A casa e seus habitantes me agradavam sobremaneira. Os cômodos grandes e tranquilos, a mobília bem cuidada, as janelas amplas e limpas, a varanda lá fora, que tinha vista para uma rua bela e antiga, onde os domingos e os feriados sempre pareciam perdurar — tão pacífica era a sua atmosfera, tão limpo o seu calçamento —, eu gostava muito disso.

Em uma casa onde vivem adultos uma criança geralmente recebe bastante atenção, e de uma forma discreta eu era bastante cercada de cuidados por parte da Sra. Bretton, que havia enviuvado, com um filho, antes de eu conhecê-la; seu marido, um médico, morrera enquanto ela ainda era uma jovem e bela mulher.

Ela não era jovem, pelo que me lembro dela, mas ainda era bonita, alta, com boas formas, e, embora fosse morena para uma mulher inglesa, sempre tinha o brilho da saúde nas faces e a vivacidade em um par de belos e alegres olhos negros. As pessoas consideravam uma grande pena ela não ter transmitido sua tez a seu filho, cujos olhos eram azuis — embora, mesmo em sua juventude, muito penetrantes — e tal era a cor de seu longo cabelo que seus amigos não se aventuravam a especificá-la, a não ser quando o sol brilhava sobre ele, e então eles diziam que era dourado. Ele herdou as feições da mãe, entretanto; também seus bons

dentes, sua estatura (ou a promessa de sua estatura, pois ele ainda não havia terminado de crescer), e, o que era melhor, a boa saúde dela, e seu espírito, daquela intensidade e equanimidade que são melhores que uma fortuna para quem os possui.

No outono do ano de **** eu estava visitando Bretton, minha madrinha tendo ido pessoalmente me reaver dos parentes com quem eu, naquela época, tinha residência permanente. Eu acredito que ela então via com clareza os eventos vindouros, cuja própria sombra eu mal podia adivinhar e cuja ligeira suspeita bastava para me fazer sentir uma tristeza indefinida e fez com que eu ficasse feliz por uma mudança de cenário e de companhia.

Para mim, o tempo sempre passava com doçura quando eu estava ao lado da minha madrinha; não com uma rapidez tumultuosa, mas ameno, como o fluir de um rio cheio através de uma planície. Minhas visitas à sua casa pareciam a caminhada do Cristão e do Esperançoso às margens de certo rio agradável, com “árvores verdejantes em cada margem, e prados embelezados com lírios o ano todo”. O encanto da variedade não se encontrava lá, nem a excitação dos acontecimentos; mas eu apreciava tanto a paz, e procurava tão poucos estímulos que, quando estes aconteciam, eu quase os sentia como uma perturbação, e desejava que eles tivessem se mantido a distância.

Um dia, foi recebida uma carta, cujo conteúdo evidentemente causou surpresa e preocupações à Sra. Bretton. A princípio eu achei que ela viesse da minha casa, e tremi, esperando não saberia dizer qual informação desastrosa: entretanto, não houve referência à minha pessoa, e a nuvem pareceu afastar-se.

No dia seguinte, ao voltar de uma longa caminhada, encontrei, ao entrar no meu quarto, uma mudança inesperada. Além da minha própria cama francesa em seu recesso mais escuro, apareceu em um canto uma caminha de criança, enfeitada de branco; e além, da minha cômoda de mogno, eu vi uma pequenina cômoda de jacarandá. Fiquei parada, olhando e pensando.

“Estas coisas serão sinais e símbolos de quê?”, eu me perguntei. A resposta era óbvia. “Um segundo hóspede está chegando: a Sra. Bretton espera outras visitas.”

Quando desci para o jantar, as explicações foram dadas. Disseram-me que, dentro de pouco tempo, uma menininha seria minha companheira: a filha de um amigo e parente distante do falecido Sr. Bretton. Essa menininha, foi acrescentado, havia recentemente perdido a mãe; embora, na verdade, a Sra. Bretton tenha acrescentado em seguida, a perda não fosse tão grande quanto podia parecer à primeira vista. A Sra. Home (parecia que Home era o sobrenome) havia sido uma mulher muito bonita, mas leviana e descuidada, que havia negligenciado sua filha, e decepcionado e entristecido seu marido. Tão pouco adequado o matrimônio demonstrara ser, que a separação finalmente aconteceu — uma separação de mútuo acordo, e não precedida de nenhum processo legal. Logo depois desse acontecimento, a dama tendo-se excedido demais em um baile, apanhou um resfriado, teve febre, e morreu depois de uma rápida doença. Naturalmente um homem de sentimentos muito suscetíveis, seu marido, demasiadamente chocado por uma tão repentina comunicação de tais notícias, parecia então incapaz de ser persuadido de que algum excesso de severidade de sua parte — uma falta de paciência e de indulgência — não tivesse contribuído para apressar o final da esposa. Ele ficara alimentando essa ideia até seu estado de espírito ficar seriamente afetado; os médicos insistiram que fosse tentada uma viagem como remédio, e entrementes a Sra. Bretton havia se oferecido para cuidar da menininha.

— E eu espero — acrescentou minha madrinha à guisa de conclusão — que a criança não se pareça nem um pouco com sua mamãe, uma criatura inconstante, tola e frívola com quem um homem sensato foi fraco o suficiente para se casar. Pois — disse ela — o Sr. Home *é* um homem sensato a seu modo, embora não muito prático: ele aprecia as ciências, e passa metade da sua vida em um laboratório, fazendo experiências; algo que sua volúvel esposa não era capaz nem de compreender nem de tolerar;

e na verdade — confessou minha madrinha — tampouco eu teria gostado disso.

Respondendo a uma pergunta feita por mim, ela acrescentou que seu falecido marido costumava dizer que o Sr. Home havia herdado o gosto pela ciência de um tio materno, um sábio francês; pois ele era, ao que parecia, de ascendência misturada de franceses e escoceses, e tinha parentes vivendo então na França, dos quais mais de um colocava um *de* na frente do nome, e se apresentava como nobre.

Naquela mesma noite, às nove horas, mandaram um empregado ir aguardar a diligência em que chegaria nossa pequena visitante. A Sra. Bretton e eu nos sentamos sozinhas na sala de estar esperando que ela chegasse, John Graham Bretton estando ausente por causa de uma visita que fazia a um de seus colegas de escola que vivia no interior do país. Minha madrinha lia a edição noturna do jornal enquanto esperava; eu costurava. Era uma noite úmida; a chuva batia contra os vidros, e o vento soava raivoso e inquieto.

— Pobre criança! — dizia a Sra. Bretton de tempos em tempos. — Que tempo para ela fazer sua viagem! Eu gostaria que ela já estivesse aqui a salvo conosco.

Pouco antes das dez horas a aldraba da porta anunciou o retorno de Warren. Assim que a porta se abriu eu corri para o *hall* ; lá se encontravam uma mala e algumas caixas de papelão; ao lado delas estava parada uma moça que parecia ser uma babá, e ao pé da escada estava Warren com um fardo nos braços coberto por um xale.

— É essa a criança? — perguntei.

— Sim, senhorita.

Eu teria afastado o xale, e tentado dar uma olhada no rosto, mas ele foi rapidamente afastado de mim e virado para o ombro de Warren.

— Coloque-me no chão, por favor — disse uma vozinha quando Warren abriu a porta da sala de estar — e tire o xale — continuou a pessoa que falava, retirando com sua mão diminuta o alfinete, e com um tipo de pressa meticulosa afastando o desajeitado envoltório. A criatura que então surgiu fez uma hábil tentativa de dobrar o xale; mas ele era

demasiadamente pesado e grande para ser carregado ou manejado por aqueles braços e mãos. — Dê-o para Harriet, por favor — foi a instrução que se seguiu —, e ela pode guardá-lo. — Tendo dito isso, ela se voltou e fixou o olhar na Sra. Bretton.

— Venha cá, queridinha — disse a dama. — Venha cá e deixe-me ver se você está fria e com as roupas úmidas: venha e deixe que eu coloque você perto do fogo para se aquecer.

A menina se adiantou na hora. Liberada de seu envoltório, ela parecia excessivamente pequena; mas era uma figurinha delicada e com belas formas, grácil, delgada e aprumada. Sentada no amplo regaço da minha madrinha, ela parecia uma mera bonequinha; seu pescoço era delicado como a cera, seus cachos sedosos aumentavam, a meu ver, a semelhança.

A Sra. Bretton se dirigia a ela com frases curtas e carinhosas enquanto esfregava as mãos, os braços e os pés da criança; a princípio ela foi examinada com um olhar cheio de expectativa, mas logo um sorriso se abriu em resposta. Normalmente, a Sra. Bretton não era uma mulher dada a carícias: até mesmo com seu filho tão amado, seus modos raramente eram sentimentais, com frequência o oposto; mas, quando a pequenina desconhecida sorriu para ela, ela a beijou, perguntando:

— E qual é o nome da minha menininha?

— Missy.

— E além de Missy?

— Polly, é assim que papai a chama.

— E Polly vai ficar contente por ficar comigo?

— Não *para sempre* ; mas até o papai voltar para casa. Papai foi embora — ela balançou a cabeça de um modo expressivo.

— Ele vai voltar para Polly, ou então vai mandar alguém buscá-la.

— Ele vai, senhora? A senhora sabe que ele vai?

— Eu acho que sim.

— Mas Harriet não acha: pelo menos, vai demorar muito tempo. Ele está doente.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela tirou a mão das mãos da Sra. Bretton e fez um movimento para sair do colo dela; a princípio, houve

oposição, mas ela disse:

— Por favor, eu quero sair: eu posso me sentar em um banquinho.

Ela recebeu permissão para deslizar do regaço e, pegando um escabelo, ela o levou para um canto onde as sombras eram profundas, e lá se sentou. A Sra. Bretton, embora fosse uma mulher autoritária e até mesmo peremptória em situações sérias, frequentemente era passiva em relação a assuntos de pouca importância: permitiu que a criança agisse como bem entendesse. Ela me disse:

— Por enquanto, não preste atenção.

Porém, eu prestei atenção: vi Polly apoiar seu pequeno cotovelo no pequeno joelho, a cabeça na mão; observei enquanto ela tirava um lencinho de não mais que uns cinco centímetros do bolsinho da sainha que parecia roupa de boneca, e então a ouvi chorar. Outras crianças tristes ou com dores choram em voz alta, sem vergonha ou inibição; mas aquela criaturinha chorava em silêncio: a mais ligeira e ocasional fungadela era testemunha de sua emoção. A Sra. Bretton não ouviu nada disso: e foi melhor assim. Não muito tempo depois, uma voz, surgindo lá do canto, solicitou:

— Podem tocar a sineta para chamar Harriet?

Eu toquei; a babá foi chamada e apareceu.

— Harriet, é hora de eu ir para a cama — disse a patroazinha. — Você precisa perguntar onde está minha cama.

Harriet informou que já havia feito essa pergunta.

— Pergunte se você dorme comigo, Harriet.

— Não, Missy — disse a babá. — A senhorita vai dividir o quarto com esta jovem senhorita — e apontou para mim.

Missy não abandonou seu posto, mas vi seus olhos me procurarem. Depois de alguns minutos de silencioso escrutínio, ela surgiu do seu canto.

— Eu lhe desejo boa noite, senhora — disse ela para a Sra. Bretton; mas passou por mim em silêncio.

— Boa-noite, Polly — eu disse.

— Não há necessidade de dizer boa-noite, já que vamos dormir no mesmo quarto — foi a resposta, com a qual ela desapareceu da sala de

estar. Nós ouvimos Harriet propor carregá-la para o andar de cima. — Não há necessidade — foi novamente a sua resposta —, não há necessidade, não há necessidade — e seus passinhos subiram penosamente as escadas.

Ao ir deitar-me uma hora depois, descobri que ela ainda estava totalmente desperta. Ela havia arrumado os travesseiros de modo que eles dessem apoio a sua pessoinha em posição sentada: suas mãos, uma apoiada na outra, descansavam sobre os lençóis, com uma calma antiquada que não era nada infantil. Eu me abstive de falar com ela durante algum tempo, mas antes de apagar a vela recomendei que ela se deitasse.

— Daqui a pouco — foi a resposta.

— Mas você vai resfriar-se, Missy.

Ela pegou uma minúscula peça de roupa da cadeira ao lado da sua caminha, e com ela cobriu os ombros. Eu deixei que ela fizesse o que bem entendesse. Ao ouvir por alguns momentos na escuridão, percebi que ela ainda chorava — chorava contida, silenciosa e com cautela.

Ao despertar com a luz do sol, um barulhinho de água chegou aos meus ouvidos. Ei-la! Lá estava ela, acordada e em cima de um banquinho perto do lavatório, com esforço e dificuldade inclinando a jarra (que ela não tinha condição de erguer) para derramar seu conteúdo na bacia. Era curioso observá-la enquanto ela se lavava e se vestia, tão pequena, atarefada e silenciosa. Evidentemente, não estava muito habituada a se arrumar; e os botões, laços, ilhoses e casas ofereciam dificuldades com as quais ela se defrontava com uma perseverança que dava gosto testemunhar. Ela dobrou a camisola, arranjou as roupas de cama com muito cuidado; retirando-se para um canto, onde a ondulação da cortina branca a ocultava, ficou imóvel. Eu me soergui e estiquei o corpo para ver com que ela estava ocupada. De joelhos, com a testa apoiada nas mãos, percebi que estava rezando.

Sua babá bateu à porta. Ela se levantou.

— Estou vestida, Harriet — disse ela. — Eu me vesti; mas não me sinto arrumada. Me arrume!

— Por que a senhorita se vestiu, Missy?

— Shhhh! Fale baixo, Harriet, ou você vai acordar *a menina* — (indicando a mim, que estava então deitada com os olhos fechados). — Eu me vesti para aprender, pensando em quando você me deixar.

— A senhorita quer que eu vá embora?

— Quando você fica brava, muitas vezes eu senti vontade que você fosse, mas não agora. Amarre a faixa na minha cintura direito; ajeite meus cabelos, por favor.

— Sua faixa está bem ajeitada. Que criaturinha meticulosa a senhorita é!

— Ela tem de ser amarrada de novo. Por favor, amarre-a.

— Assim, então. Quando eu for embora, a senhorita deve pedir para essa jovem vesti-la.

— De jeito nenhum.

— Por quê? Ela é uma jovem muito simpática. Eu espero que a senhorita se comporte bem em relação a ela, Missy, e não seja afetada.

— Ela não vai me vestir de jeito nenhum.

— Criaturinha engraçada!

— Você não está penteando direito meu cabelo, Harriet; o repartido vai ficar torto.

— Ai, a senhorita não é fácil de contentar. Assim está bom?

— Muito bom. E para onde devo ir agora que estou vestida?

— Eu vou levá-la até a sala onde tomam o café da manhã.

— Então vamos.

Elas se encaminharam para a porta. Ela parou.

— Oh, Harriet, eu queria que esta fosse a casa do papai! Eu não conheço essas pessoas.

— Seja uma boa menina, Missy.

— Eu sou boazinha, mas me dói aqui — disse ela, colocando a mão no coração e gemendo enquanto repetia — Papai! Papai!

Abri os olhos e me levantei, para acompanhar a cena enquanto ela ainda estava ao meu alcance.

— Diga bom-dia para a jovem — instruiu Harriet.

Ela disse “Bom-dia” e então seguiu a babá para fora do quarto. Harriet partiu temporariamente naquele mesmo dia, para ir ficar na casa de amigos, que viviam na vizinhança.

Ao descer, descobri Paulina (a menina dizia que se chamava Polly, mas seu nome completo era Paulina Mary) sentada à mesa do café da manhã, ao lado da Sra. Bretton; uma caneca de leite à sua frente, um pedaço de pão ocupava toda a sua mão, que estava apoiada, inerte, na toalha: ela não estava comendo.

— Eu não sei como vamos conquistar essa criaturinha — disse-me a Sra. Bretton —; ela não come nada, e, a julgar por sua aparência, não pregou o olho.

Eu manifestei minha confiança nos efeitos do tempo e da gentileza.

— Se ela se afeiçoasse a alguém aqui da casa, logo se sentiria bem; mas não antes disso — retrucou a Sra. Bretton.

II. PAULINA

Alguns dias se passaram, e não parecia muito provável que ela fosse afeiçoar-se muito a algum habitante da casa. Ela não era exatamente malcriada ou temperamental: estava longe de ser desobediente; mas dificilmente seria possível ter perante nossos olhos uma criatura menos suscetível de ser confortada — ou mesmo tranquilizada — do que ela. Ela se prostrava: nenhum adulto seria capaz de incorporar melhor essa atitude tristonha; nenhuma face enrugada de um adulto em exílio, ansiando pela Europa nos antípodas da Europa, jamais apresentou de modo mais legível os sinais de saudades de casa do que aquele rosto infantil. Ela parecia estar envelhecendo e ficando fantasmagórica. Eu, Lucy Snowe, me declaro livre dessa maldição, uma imaginação superexcitada e pouco coerente; mas a cada vez que, abrindo uma porta, eu a via sentada sozinha em um canto, a cabeça apoiada na mão diminuta, aquele cômodo me parecia não ser habitado, mas assombrado.

E também, em noites de luar, ao acordar, eu via sua figura, branca e saltando à vista em sua roupa de dormir, ajoelhada ereta na cama, e rezando como um fervoroso católico ou metodista — um fanático precoce ou santo prematuro — e eu mal sabia que pensamentos me passavam pela cabeça; mas eles corriam o risco de ser pouco mais racionais e saudáveis que os da criança devem ter sido.

Dificilmente eu percebia uma palavra de suas orações, pois elas eram ditas em um sussurro; às vezes, na verdade, nem sequer eram sussurradas, mas ditas em silêncio; as raras frases que chegavam aos meus ouvidos ainda traziam em si o lamento: “Papai; meu querido papai!”. Aquela, eu percebia, era uma natureza voltada para uma só ideia, revelando aquela

tendência monomaníaca que eu sempre julguei ser a mais infeliz com que um homem ou mulher pudesse ser amaldiçoado.

Qual poderia ter sido o fim dessa aflição, tivesse ela continuado sem ser reprimida, só pode ser conjecturado: ela sofreu, entretanto, uma reviravolta.

Certa tarde, a Sra. Bretton, persuadindo Paulina a abandonar seu costumeiro posto em um canto, a havia carregado até o recesso da janela e, a fim de distraí-la, lhe dissera que observasse os passantes e contasse quantas senhoras passavam pela rua em um determinado período. Ela havia ficado sentada apática, mal olhando, e sem contar, quando — meus olhos estando fixos nos dela — percebi em sua íris e em suas pupilas uma transformação surpreendente. Essas naturezas imprevistas, perigosas — *sensíveis* , como são chamadas — proporcionam um espetáculo curioso para aqueles a quem um temperamento mais calmo impede de participar de suas divagações irritadiças. O olhar fixo e carregado estremeceu e então se incendiou; a fronte pequena e carregada se desanuviou; as feições triviais e abatidas se iluminaram; a expressão triste desapareceu, e em seu lugar apareceram uma súbita ansiedade e uma intensa expectativa.

— É *sim* ! — foram suas palavras.

Como um passarinho ou um dardo, ou qualquer outra coisa veloz, ela saiu do cômodo. Como ela abriu a porta da casa eu não saberia dizer; provavelmente estivesse aberta; talvez Warren estivesse no caminho dela e acatasse seu pedido, que seria impetuoso o suficiente. Eu — observando calmamente lá da janela — a vi, em seu vestido negro e o minúsculo avental amarrado à cintura (ela sentia antipatia por aventais com mangas), sair correndo por um trecho da rua; e, quando eu estava prestes a me voltar para anunciar calmamente à Sra. Bretton que a criança havia saído correndo enlouquecida, e deveria ser seguida imediatamente, eu a vi ser carregada, e ela desapareceu na mesma hora do meu campo de visão impassível e do olhar espantado dos passantes. Um cavalheiro havia feito essa boa ação, e agora, cobrindo-a com seu capote, se encaminhava para devolvê-la à casa de onde ele a havia visto sair.

Eu concluí que ele a deixaria sob a guarda de um empregado, e se retiraria; mas ele entrou: e tendo-se demorado um pouco lá embaixo, subiu as escadas.

A recepção que ele teve imediatamente me explicou que ele era amigo da Sra. Bretton. Ela o reconheceu; cumprimentou-o, e, no entanto, estava agitada, espantada e colhida de surpresa. O olhar e os modos dela eram até mesmo repreensivos; e como resposta a eles, e nem tanto às suas palavras, o homem disse:

— Eu não pude evitar, senhora: julguei ser impossível deixar o país sem ver com meus próprios olhos se ela está sossegada.

— Mas o senhor vai desassossegá-la.

— Espero que não. E como vai a pequena Polly do papai?

Essa pergunta ele endereçou a Paulina, enquanto se sentava e a colocava gentilmente no chão à sua frente.

— E como vai o papai da Polly? — foi a resposta, enquanto ela se recostava nos joelhos dele e fixava o olhar no rosto do pai.

Não foi uma cena barulhenta nem cheia de palavras: e fiquei grata por isso; mas foi uma cena repleta de sentimentos, os quais, como o cálice não se agitou nem transbordou furiosamente, apenas deixavam o espectador mais oprimido. Em todas as ocasiões de uma manifestação veemente e incontida, uma sensação de desprezo ou de ridículo vem para alívio do exausto espectador; ao passo que eu sempre considerei muito mais penoso esse tipo de sensibilidade que se submete por vontade própria, um gigantesco escravo sob o controle do bom-senso.

O Sr. Home tinha feições severas — talvez eu devesse dizer feições rígidas: sua testa era protuberante e os ossos das faces eram marcados e proeminentes. O tipo do rosto era bastante escocês; mas havia sentimento nos olhos, e emoção nas suas feições então agitadas. Seu sotaque do norte se harmonizava com sua fisionomia. Ele tinha ao mesmo tempo uma aparência altiva e gentil. Ele colocou a mão na cabeça erguida da criança. Ela disse:

— Dê um beijo na Polly.

Ele a beijou. Eu desejei que ela soltasse uma exclamação histérica, para que eu pudesse sentir-me aliviada e ficar em paz. Ela fez pouquíssimo barulho: parecia ter conseguido o que desejava — *tudo* o que desejava, e estar em um êxtase de contentamento. Nem na expressão nem nas feições era essa criatura parecida com seu progenitor, e, não obstante, ela era de sua cepa: sua mente havia sido preenchida com a dele, assim como o copo é preenchida com o conteúdo do jarro.

Indiscutivelmente, o Sr. Home possuía um autocontrole viril, seja lá como fosse que ele secretamente se sentisse a respeito de certos assuntos.

— Polly — disse ele, olhando sua filhinha —, vá até o *hall* ; você vai ver o capote do papai em uma cadeira; coloque a mão nos bolsos, você vai encontrar um lenço; traga-o para mim.

Ela obedeceu; foi e voltou esperta e ligeira. Ele estava conversando com a Sra. Bretton quando ela voltou, e ela esperou com o lenço na mão. De certo modo, era uma cena por si só vê-la, em sua exígua estatura e sua aparência delicada e esguia, parada ao lado dele. Vendo que ele continuava a falar, aparentemente sem perceber seu retorno, ela pegou a mão dele, abriu os dedos que não resistiram, insinuou entre eles o lenço, e os fechou sobre ele, de um em um. Ele ainda parecia não vê-la ou percebê-la; porém, em seguida, ele a colocou nos joelhos; ela se aconchegou a ele e, embora nenhum dos dois olhasse para o outro, ou falasse com o outro durante a hora seguinte, suponho que ambos estivessem satisfeitos.

Durante o chá, as ações e o comportamento da criaturinha proporcionaram, como sempre, ocupação contínua para os olhos. Em primeiro lugar, ela deu instruções para Warren, enquanto ele arrumava as cadeiras:

— Coloque a cadeira do papai aqui, e a minha ao lado, entre papai e a Sra. Bretton: *eu* devo ocupar-me do chá dele.

Ela se acomodou em seu lugar, e chamou o pai com um gesto.

— Fique ao meu lado, como se nós estivéssemos em casa, papai.

E novamente, enquanto ela interceptava a xícara dele ao passar, mexia o açúcar e acrescentava o creme:

— Eu sempre fiz isso para o senhor em casa, papai: ninguém poderia fazer tão bem, nem mesmo o senhor.

Durante a refeição, ela continuou com suas atenções: bastante absurdas elas eram. As colheres para pegar açúcar eram grandes demais para uma só mão, e ela precisava usar ambas para manejá-las; o peso da cremeira de prata, dos pratos com pão e da manteigueira, da própria xícara e do pires desafiavam sua força e destreza insuficientes; mas ela erguia um, alcançava o outro, e felizmente conseguiu passar por todo o processo sem quebrar nada. Honestamente falando, achei que ela era uma pequena abelhuda; mas seu pai, cego como outros progenitores, parecia perfeitamente feliz ao deixar que ela o servisse, e até mesmo extremamente apaziguado com os serviços dela.

— Ela é meu conforto! — ele não pôde deixar de dizer à Sra. Bretton. Essa senhora também tinha seu próprio "conforto", incomparável em uma escala muito maior e, por enquanto, ausente; então ela se solidarizava com a fraqueza dele.

O segundo "conforto" chegou no decorrer da noite. Eu sabia que esse dia havia sido estabelecido para sua volta, e estava ciente de que a Sra. Bretton o estivera esperando o tempo todo. Nós estávamos sentados perto da lareira, depois do chá, quando Graham se juntou ao nosso grupo, ou melhor, eu deveria dizer, irrompeu nele — pois, é claro, sua chegada causou alvoroço; e então, como o Sr. Graham estava sem comer, foi necessário providenciar uma refeição. Ele e o Sr. Home se encontraram como velhos conhecidos; ele não prestou atenção na menininha por certo tempo.

Tendo terminado a refeição, e respondido a inúmeras perguntas feitas pela mãe, ele deixou a mesa e se encaminhou para a lareira. Do lado oposto àquele em que ele se sentara, estava acomodado o Sr. Home e, ao lado dele, a criança. Quando eu digo *criança* , uso um termo inapropriado e que não corresponde à descrição; um termo que sugere qualquer imagem menos aquela da circunspecta criaturinha em seu vestido de luto e na *chemisette* [1] branca, que poderiam muito bem ter servido para uma boneca de bom tamanho, empoleirada em uma cadeira de pernas altas ao lado de

um suporte, no qual estava sua caixa de costura que parecia de brinquedo, feita de madeira clara polida, e segurando nas mãos um pedaço de lenço, que ela declarava estar embainhando, e o qual ela furava, perseverante, com uma agulha, que em seus dedos parecia quase uma lança, espetando-se de tempos em tempos, marcando a cambraia com um rastro de minúsculos pontos vermelhos; ocasionalmente se sobressaltando quando a perversa arma — fugindo do seu controle — infligia um golpe mais profundo que de costume; mas sempre silenciosa, diligente, absorta, feminina.

Naquela época, Graham era um jovem de dezesseis anos de idade, belo e que aparentava ser volúvel. Eu digo volúvel não por ele realmente ter um temperamento desleal, mas porque o epíteto me parece adequado para descrever o belo tipo celta (não saxão) da sua boa aparência; seu ondulado cabelo castanho claro avermelhado, sua constituição flexível, seu sorriso frequente e que não era destituído nem de fascínio nem de sutileza (sem nenhum sentido pejorativo). Um menino mimado e caprichoso ele era naqueles dias.

— Mãe — disse ele, depois de observar a figurinha à sua frente em silêncio por algum tempo, e quando a ausência temporária do Sr. Home daquele cômodo o liberou do acanhamento um tanto jocoso que era tudo que ele conhecia a respeito da timidez. — Mãe, eu vejo nesta sala uma jovem dama a quem não fui apresentado.

— A menininha do Sr. Home, suponho que você se refira a ela — disse sua mãe.

— Na verdade, senhora — retrucou seu filho —, eu considero seu modo de se expressar muito pouco cerimonioso: a Srta. Home, *eu* com toda certeza teria dito, se fosse aventurar-me a me referir à jovem dama à qual faço menção.

— Ora, Graham, eu não vou permitir que você perturbe a criança. Não se iluda pensando que vou aceitar que você faça dela seu joguete.

— Srta. Home — prosseguiu Graham, sem ser desencorajado pela reprimenda de sua mãe —, eu posso ter a honra de me apresentar, já que

ninguém mais parece disposto a nos fazer esse obséquio? Seu escravo, John Graham Bretton.

Ela o olhou; ele se levantou e fez uma reverência muito cerimoniosa. Ela deliberadamente deixou de lado dedal, tesoura e trabalho; desceu com precaução do seu poleiro e, fazendo uma reverência com indizível seriedade, disse:

— Como tem passado?

— Eu tenho a honra de estar em boa saúde, apenas até certo ponto fatigado por causa de uma viagem apressada. Espero, senhora, encontrá-la em boa saúde.

— To-re-ravel-mente bem — foi a ambiciosa resposta da mulherzinha, e ela então tentou retomar seu antigo posto elevado, mas, percebendo que isso não poderia ser conseguido sem um pouco de escaladas e de esforço — um sacrifício ao decoro que não era nem para ser cogitado — e sentindo profundo desdém em ser auxiliada na presença de um jovem cavalheiro desconhecido, ela renunciou à cadeira de pernas altas em favor de um escabelo: e na direção desse escabelo Graham puxou sua cadeira.

— Eu espero, senhora, que sua atual residência, a casa de minha mãe, lhe pareça ser um local conveniente para morar.

— Não par-ti-cor-lar-men-te; eu quero ir para casa.

— Um desejo muito natural e louvável, senhora; mas um desejo que, não obstante, darei o melhor de mim para contrariar. Suponho ser capaz de extrair da senhora um pouco dessa preciosa conveniência conhecida como diversão, que mamãe e a Srta. Snowe falham em me proporcionar.

— Eu devo ir ter com papai em breve: não ficarei por muito tempo na casa de sua mãe.

— Sim, claro; a senhora ficará comigo, tenho certeza. Eu tenho um pônei com o qual a senhora poderá passear, e uma grande quantidade de livros com figuras para mostrar-lhe.

— O *senhor* vai morar aqui, agora?

— Sim, vou. Isso a deixa contente? A senhora gosta de mim?

— Não.

— Por quê?

— Eu acho o senhor estranho.

— Meu rosto, senhora?

— Seu rosto, e tudo o que lhe diz respeito: O senhor tem cabelos vermelhos e longos.

— Cabelos castanho-avermelhados, por favor: mamãe diz que são castanho-avermelhados ou dourados, bem como todos os amigos dela. Porém, mesmo com meus "cabelos longos e vermelhos" (e ele balançou a juba com ar de triunfo — fulvos ele próprio sabia muito bem que eram, e sentia orgulho da tonalidade leonina), eu simplesmente não posso ser mais estranho que sua senhoria.

— O senhor está me dizendo que sou estranha?

— Certamente.

(Depois de uma pausa.) — Acho que é hora de eu ir dormir.

— Uma criaturinha como a senhora deveria estar na cama há muitas horas; mas a senhora provavelmente ficou acordada na expectativa de me ver?

— Na verdade, não.

— A senhora certamente desejava desfrutar o prazer da minha companhia. A senhora sabia que eu estava voltando para casa, e quis esperar para dar uma olhada em mim.

— Eu fiquei acordada por causa do papai, e não pelo senhor.

— Muito bem, Srta. Home. Eu serei um favorito: em breve, preferido até mesmo em relação a papai, me arrisco a dizer.

Ela desejou boa noite para a Sra. Bretton e para mim; parecia estar indecisa se os méritos de Graham lhe davam direito à mesma atenção, quando ele ergueu-a com uma das mãos, e com essa mesma mão a manteve acima de sua cabeça. Ela se viu assim erguida à altura do espelho acima da lareira. O inesperado, a liberdade e o desrespeito da ação foram demais.

— Por misericórdia, Sr. Graham! — foi a exclamação indignada dela. — Ponha-me no chão! — E disse, quando estava novamente em pé: — Só fico imaginando o que o senhor pensaria de mim se eu fosse tratá-lo desse

modo, erguendo-o com minha mão (e elevando o poderoso membro), assim como Warren ergue o gato.

E, assim dizendo, ela se retirou.

III. OS COMPANHEIROS DE BRINQUEDO

O Sr. Home permaneceu na casa por dois dias. Durante sua visita, ninguém conseguiu persuadi-lo a sair: ele ficava sentado o dia inteiro ao pé da lareira, às vezes em silêncio, às vezes conversando com a Sra. Bretton, que tinha exatamente o tipo adequado de conversa para um homem em seu estado de espírito mórbido — sem simpatia em excesso e, contudo, não reservado demais, porém sensato; e mesmo com um toque maternal — ela era suficientemente mais velha que ele para que lhe fosse permitida essa atitude.

Quanto a Paulina, a menina estava ao mesmo tempo feliz e silenciosa, atarefada e vigilante. Seu pai com frequência a erguia e a colocava nos joelhos; ela ficava sentada até sentir ou imaginar que ele estava ficando agitado, e então se seguia um:

— Papai, coloque-me no chão, vou cansar o senhor com meu peso.

E o peso monumental escorregava para o capacho e, acomodando-se no tapete ou no banco bem ao lado dos pés do "papai", a caixa de costura branca e o lenço manchado de escarlate entravam em cena. Esse lenço, ao que parecia, devia ser uma lembrança para o "papai", e teria de ser terminado antes de ele partir; consequentemente, a exigência em relação ao esforço da costureira (ela conseguia fazer uns vinte pontos em meia hora) era severa.

A noite, restituindo Graham ao teto materno (seus dias eram passados na escola), nos proporcionava um motivo a mais de animação — uma característica não diminuída pela natureza das cenas que certamente seriam representadas entre ele e a Srta. Paulina.

Um comportamento arredio e desdenhoso havia sido o resultado da indignidade que lhe fora infligida na noite da chegada dele: a resposta habitual, quando Graham se dirigia a ela, era:

— Não posso dar atenção ao senhor; tenho outras coisas em que pensar. — E, quando ele lhe implorava para dizer *quais* coisas —, serviço.

Graham tentava atrair a atenção dela abrindo sua escrivaninha e exibindo o conteúdo variegado: lacres, bastões coloridos de cera, canivetes para aparar penas, e uma miscelânea de gravuras — algumas delas vistosamente coloridas — que ele havia recolhido com o passar do tempo. E tampouco era essa tentação poderosa completamente em vão: os olhos dela, furtivamente erguidos do seu trabalho, lançavam muitas olhadelas na direção da escrivaninha, rica em gravuras espalhadas. Uma gravura de uma criança brincando com um *Blenheim spaniel* casualmente esvoaçou até o chão.

— Que lindo cachorrinho! — disse ela, deliciada.

Prudente, Graham não deu confiança. Antes que muito tempo se passasse, esgueirando-se silenciosa do seu canto, ela se aproximou para examinar o tesouro mais de perto. Os grandes olhos e as orelhas longas do cachorro, e o chapéu e as plumas da criança eram irresistíveis.

— Linda gravura! — foi a crítica favorável feita por ela.

— Bem… pode ficar com ela — disse Graham.

Ela pareceu hesitar. O desejo de posse era forte, mas aceitar implicaria comprometer sua dignidade. Não. Ela a colocou de lado e se voltou.

— Não vai ficar com ela, então, Polly?

— Eu preferiria não aceitar, obrigada.

— Posso dizer-lhe então o que eu vou fazer com a gravura, se você recusá-la?

Ela se voltou parcialmente para ouvir.

— Fazê-la em tiras para acender as velas.

— Não!

— Mas eu farei isso.

— Por favor… não.

Graham se mostrou inexorável ao ouvir o tom de súplica; ele pegou a tesoura da cesta de costura da sua mãe.

— Lá vai! — disse ele, fazendo um gesto ameaçador. — Bem na cabeça do Fido, e cortando o nariz do pequeno Harry.

— Não! *Não* ! NÃO!

— Então venha para perto de mim. Venha rápido, ou ela vai ser cortada.

Ela hesitou, relutou, mas aquiesceu.

— Então, você vai ficar com ela? — ele perguntou, enquanto ela estava parada à sua frente.

— Por favor.

— Mas eu vou querer um pagamento.

— Quanto?

— Um beijo.

— Primeiro coloque a gravura na minha mão.

Enquanto dizia isso, Polly parecia bastante descrente. Graham deu-lhe a gravura. Ela fugiu na condição de devedora, saiu correndo na direção do pai e se refugiou nos joelhos dele. Graham se levantou com uma raiva fingida, e a seguiu. Ela escondeu o rosto no casaco do Sr. Home.

— Papai… papai… mande-o embora!

— Eu não serei mandado embora — disse Graham.

Com o rosto ainda escondido, ela estendeu a mão para mantê-lo afastado.

— Então, eu vou beijar a mão — disse ele; porém, naquele instante a mão se transformou em uma miniatura de punho, e pagou-lhe em uma moeda que não eram beijos.

Graham — que, a seu modo, não deixava de ser tão ardiloso quanto sua companheirinha, se retirou, aparentemente bastante desconcertado; ele se atirou no sofá e, apoiando a cabeça na almofada, ficou deitado imóvel como alguém que está sentindo dor. Polly, percebendo que ele estava silencioso, logo deu uma olhadinha na direção dele. Os olhos e o rosto dele estavam cobertos pelas mãos. Ela se voltou nos joelhos do pai, e olhou ansiosa e por muito tempo para seu inimigo. Graham gemeu.

— Papai, o que está acontecendo? — ela sussurrou.

— Seria melhor você perguntar a ele, Polly.

— Ele está machucado? (gemido número dois).

— Ele geme como se estivesse — disse o Sr. Home.

— Mãe — sugeriu Graham com voz fraca —, eu acho que seria melhor a senhora mandar chamar o médico. Ai, meu olho! (silêncio renovado, interrompido apenas pelos gemidos de Graham).

— E se eu ficar cego…? — sugeriu o rapaz.

Sua punidora não conseguiu suportar a sugestão. No mesmo instante ela estava ao lado dele.

— Deixe-me ver seu olho: eu não queria tocar nele, somente na sua boca; e eu não achei que tivesse batido com *tanta* força.

Ela recebeu o silêncio como resposta. A fisionomia dela deu a entender: "Eu sinto muito; eu sinto muito!".

E então se sucederam emoção, hesitação e choro.

— Basta de atormentar a criança, Graham — disse a Sra. Bretton.

— Tudo isso é tolice, minha queridinha — exclamou o Sr. Home.

E Graham uma vez mais a agarrou e a ergueu, e uma vez mais ela o puniu; e enquanto ela puxava seus cachos leoninos, chamava-o de "A criatura mais malcriada, rude, sem valor e enganadora que jamais existiu".

* * * * *

Na manhã da partida do Sr. Home, ele e a filha tiveram uma conversa particular no recesso de uma janela; eu ouvi parte dela.

— Eu não poderia fazer minhas malas e ir com o senhor, papai? — perguntou ela em um sussurro ardoroso.

Ele balançou a cabeça.

— Eu daria trabalho para o senhor?

— Sim, Polly.

— Porque eu sou pequena?

— Porque você é pequena e delicada. Somente as pessoas grandes e fortes devem viajar. Mas não fique triste, minha pequena; isso parte meu

coração. Papai logo vai voltar para perto da sua Polly.

— Certo, certo, eu não estou triste, nem um pouquinho.

— Polly ficaria triste se causasse dor ao papai, não ficaria?

— Muito mais que triste.

— Então, Polly deve ficar alegre: não chorar na hora da partida; não se inquietar depois. Ela deve esperar que nós nos encontremos de novo, e tentar ficar alegre enquanto espera. Ela consegue fazer isso?

— Ela vai tentar.

— Estou vendo que ela vai tentar. Adeus, então. É hora de ir.

— *Agora* …? *agora* mesmo?

— Agora mesmo.

Ela conteve o tremor dos lábios. Seu pai soluçou, mas ela, eu reparei, não. Tendo-a colocado no chão, ele se despediu dos demais presentes e partiu.

Quando a porta da rua se fechou, ela caiu de joelhos em uma cadeira com um grito: “Papai!”

Foi um grito contido e longo; algo como “Por que me abandonaste?”. Durante o espaço de alguns minutos, percebi que ela passava por uma agonia. Naquele breve período de sua vida infantil, ela enfrentou emoções tais como algumas pessoas jamais sentiram; isso estava em seu temperamento: ela passaria por mais daqueles momentos se continuasse vivendo. Ninguém falou. A Sra. Bretton, sendo mãe, derramou uma lágrima ou duas. Graham, que estava escrevendo, ergueu os olhos e fixou-os nela. Eu, Lucy Snowe, estava calma.

A criaturinha, deixada à própria sorte, fez por si mesma o que nenhuma outra pessoa poderia fazer — debateu-se com um sentimento intolerável; e, antes que muito tempo se passasse, até certo ponto, o reprimiu. Naquele dia ela não aceitou consolo de ninguém, nem no dia seguinte; depois, ficou mais passiva.

Na terceira noite, enquanto ela estava sentada no chão, abatida e silenciosa, Graham, entrando, carregou-a gentilmente, sem dizer uma palavra. Ela não resistiu: pelo contrário, aninhou-se nos braços dele, como se estivesse cansada. Quando ele se sentou, ela apoiou a cabeça no peito

dele; em poucos minutos ela estava adormecida; ele a levou para cima, para a cama. Não me surpreendeu o fato de, na manhã seguinte, a primeira pergunta dela ter sido:

— Onde está o Sr. Graham?

Por acaso, naquele dia Graham não viria tomar café; ele tinha alguns exercícios para entregar na aula da manhã, e havia solicitado a sua mãe que mandasse uma xícara de chá para o escritório. Polly se ofereceu para levá-la: ela precisava manter-se ocupada com alguma coisa, cuidar de alguém. A xícara foi confiada a ela; pois, embora estivesse agitada, ela também era cuidadosa. Como o escritório ficava na direção oposta à da sala onde tomávamos o café da manhã, as portas se abrindo para o corredor, meus olhos a seguiram.

— O que o senhor está fazendo? — ela perguntou, detendo-se no limiar da porta.

— Escrevendo — disse Graham.

— Por que o senhor não vai tomar café da manhã junto com sua mãe?

— Ocupado demais.

— O senhor quer tomar café da manhã?

— Naturalmente.

— Aqui está, então.

E ela colocou a xícara no capacho, como um carcereiro colocando a jarra d'água de um prisioneiro através da porta de sua cela, e se retirou. Logo em seguida, ela retornou.

— O que o senhor gostaria de ter, além do chá — para comer?

— Qualquer coisa gostosa. Traga-me algo especialmente bom; eis uma mulherzinha muito gentil.

Ela retornou para perto da Sra. Bretton.

— Por favor, senhora, mande para seu filho algo gostoso.

— Você deve escolher para ele, Polly; o que meu filho deve comer?

Ela escolheu uma porção de tudo que houvesse de melhor na mesa; e, logo em seguida, voltou com um pedido sussurrado de geleia, que não estava lá. Tendo-a obtido, entretanto (pois a Sra. Bretton nada recusava ao par), logo depois Graham foi ouvido enquanto fazia grandes elogios a ela;

prometendo que, quando ele tivesse uma casa só sua, ela seria sua governanta, e, talvez — se ela desse provas de algum tipo de gênio culinário — sua cozinheira; e, como ela não saísse de perto dele, eu fui procurá-la, e descobri Graham e ela tomando café da manhã *tête-à-tête* [1] — ela, em pé ao lado dele, e compartilhando a refeição dele: com exceção da geleia, que ela delicadamente se recusou a tocar; suponho que por temor de parecer que ela a havia solicitado tanto por sua própria causa quanto por ele. Ela constantemente demonstrava essa percepção refinada e esses instintos delicados.

O pacto de amizade assim surgido não foi rapidamente desfeito; pelo contrário, parecia que o tempo e as circunstâncias serviam na verdade para cimentá-lo ao invés de enfraquecê-lo. Díspares como eram os dois quanto à idade, ao sexo, aos interesses, etc., eles de algum modo descobriam muita coisa para dizer um ao outro. Quanto a Paulina, eu observei que sua personalidade nunca se manifestava adequadamente, a não ser com o jovem Bretton. Quando ela ficou calma e se acostumou com a casa, demonstrou ser dócil o suficiente com a Sra. Bretton; mas ficaria sentada em um escabelo aos pés dessa senhora o dia inteiro, aprendendo suas lições, ou costurando, ou desenhando figuras com um lápis em uma lousa de ardósia, sem jamais deixar que sua originalidade se manifestasse ou mostrar um único lampejo das peculiaridades da sua natureza. Eu deixei de observá-la nessas circunstâncias: ela não era interessante. Mas, no momento em que Graham batia à porta à noite, uma mudança acontecia; no mesmo instante ela aparecia no alto da escada. Geralmente, suas boas-vindas eram uma reprimenda ou uma ameaça.

— Você não limpou os pés de modo adequado no capacho. Eu vou contar para sua mãe.

— Criaturinha abelhuda! Você está aí?

— Sim — e você não consegue me alcançar: estou mais no alto que você (espiando entre os balaústres do corrimão; ela não tinha condição de olhar por cima deles).

— Polly!

— Meu caro menino! (esse era um dos termos usados por ela para se referir a ele, adotado como imitação da mãe dele.)

— Estou pronto para desmaiar de fadiga — declarava Graham, apoiando-se na parede do corredor, fingindo exaustão. — O Dr. Digby (o diretor) — quase me matou de tanto trabalho. Desça, e ajude-me a carregar meus livros.

— Ah! Você é esperto!

— De jeito nenhum, Polly… é a pura verdade. Estou tão fraco quanto um gatinho. Desça.

— Seus olhos são muito parecidos com os do gato, mas você vai saltar.

— Saltar? Nada disso: eu não sou assim. Desça.

— Talvez eu desça… se você prometer não tocar… não me agarrar, e não ficar me girando.

— Eu? Eu não conseguiria fazer isso! (desabando em uma cadeira).

— Então, coloque os livros no primeiro degrau, e se afaste uns três metros.

Tendo ele obedecido, ela descia, cautelosa, sem tirar os olhos do fragilizado Graham. Naturalmente a aproximação dela sempre estimulava nele uma nova e espasmódica vida: com certeza a brincadeira jovial aconteceria. Às vezes Polly ficava brava; às vezes a situação prosseguia sem contratempos, e nós podíamos ouvi-la dizendo, enquanto o conduzia para o andar de cima:

— Agora, meu caro menino, venha e tome seu chá; tenho certeza de que você quer comer alguma coisa.

Era bastante cômico observá-la sentada ao lado de Graham, enquanto ele fazia sua refeição. Na ausência dele, ela era uma criatura imóvel, mas com ele era a criaturinha mais prestativa e agitada possível. Com frequência eu desejava que ela cuidasse da própria vida e ficasse tranquila; mas não — ela se esquecia nele: ele não poderia ser servido bem demais, tampouco receber cuidados suficientes; ele era mais que o Sultão turco na apreciação dela. Aos poucos, ela colocava os vários pratos à frente dele, e, quando alguém pensasse que tudo quanto ele pudesse desejar estava ao alcance dele, ela descobria alguma coisa mais:

— Senhora — dizia em um sussurro à Sra. Bretton — talvez seu filho quisesse um pouco de bolo… um bolo doce, a senhora sabe… temos um pouco lá — (apontando para o armário lateral). Normalmente, a Sra. Bretton não aprovava bolos doces na hora do chá, mas, mesmo assim, a solicitação era apresentada. — Um pedacinho… somente para ele… já que ele vai para a escola: meninas, assim como eu e a Srta. Snowe, não precisam de guloseimas, mas *ele* apreciaria.

E Graham apreciava muito mesmo, e quase sempre era agraciado. Para fazer-lhe justiça, ele teria compartilhado seu prêmio com a pessoa a quem ele o devia; mas isso nunca era permitido: insistir significava deixar Paulina perturbada o resto da noite. Ficar ao lado dele, e monopolizar sua conversa e sua atenção, era a recompensa que ela queria — não uma fatia do bolo.

Com curiosa prontidão ela se adaptou a temas que interessavam a ele. Seria possível supor que a criança não tinha ideia ou vida próprias, mas tinha de necessariamente viver, mover-se e mergulhar seu ser em outra pessoa: agora que seu pai havia sido tirado dela, ela se aconchegava a Graham e parecia viver com os sentimentos dele: existir na existência dele. Ela aprendeu os nomes de todos os colegas de escola dele em um átimo: aprendeu de cor a personalidade de cada um assim como foi descrita pelos lábios do rapaz: uma só descrição da pessoa parecia ser suficiente. Ela nunca confundia ou misturava as identidades: conversava com ele a noite inteira a respeito de pessoas que jamais vira, e parecia compreender perfeitamente o aspecto, modo de agir e temperamento dessas pessoas. Algumas ela aprendeu a imitar: um professor auxiliar, por quem o jovem Bretton sentia aversão, ao que parece, tinha algumas peculiaridades, que ela apreendeu em um instante com a representação de Bretton, e encenava para diversão dele; entretanto, essa atitude a Sra. Bretton desaprovou e proibiu.

Os dois raramente brigavam; contudo, uma vez uma rusga ocorreu, e os sentimentos dela ficaram severamente abalados.

Um dia, por ocasião do seu aniversário, Graham convidou alguns amigos — rapazes da sua idade — para jantar com ele. Paulina sentiu

grande interesse pela vinda desses amigos; ela havia frequentemente ouvido falar deles; era deles que Graham falava com mais frequência. Depois do jantar, os jovens cavalheiros foram deixados a sós na sala de jantar, onde logo eles ficaram muito alegres e fizeram bastante barulho. Passando casualmente pelo *hall* , descobri Paulina sentada sozinha no degrau mais baixo da escada, os olhos fixos nos brilhantes painéis da porta da sala de jantar, na qual o reflexo da luz do *hall* brilhava; sua testinha estava franzida em ansiosa meditação.

— O que você está pensando, Polly?

— Nada em particular; eu só gostaria que a porta fosse de vidro transparente, para que eu pudesse ver através dela. Os rapazes parecem estar tão alegres, e eu gostaria de ir lá com eles: eu quero ficar com Graham, e observar seus amigos.

— O que impede você de ir?

— Eu tenho medo: mas posso tentar, a senhorita acha? Posso bater à porta, e pedir para entrar?

Eu julguei que talvez eles não objetassem a tê-la como companhia e, portanto, encorajei a tentativa.

Ela bateu à porta — a princípio, fraco demais para ser ouvida; mas, em uma segunda tentativa, a porta se abriu; a cabeça de Graham apareceu, ele aparentava estar de bom humor, mas impaciente.

— O que você quer, sua macaquinha?

— Ficar com você.

— Você quer mesmo? Como se eu fosse me importar com você! Vá ficar com a mamãe e a Srta. Snowe, e fale para elas colocarem você na cama. — A cabeça castanho-avermelhada e o rosto enrubescido desapareceram; a porta foi peremptoriamente fechada. Ela estava chocada.

— Por que ele fala desse jeito? Ele nunca falou assim antes — disse ela, consternada. — O que foi que eu fiz?

— Nada, Polly; mas Graham está ocupado com seus colegas de escola.

— E ele gosta deles mais que de mim! Ele me manda embora, agora que eles estão aqui!

Eu tinha pensado em consolá-la e tirar maior proveito da ocasião inculcando nela algumas das máximas filosóficas das quais eu sempre tinha um razoável estoque pronto para uso. Ela me impediu, entretanto, tapando os ouvidos com os dedos às primeiras palavras que eu pronunciei, e depois se deitando no capacho com o rosto pressionado contra o piso; nem Warren nem a cozinheira foram capazes de tirá-la daquela posição: permitiram-lhe que ficasse ali deitada, portanto, até ela decidir levantar-se por conta própria.

Graham esqueceu sua impaciência naquela mesma noite, e se teria aproximado dela como de costume quando seus amigos foram embora, mas ela se afastou da mão dele com um repelão, com os olhos muito brilhantes; ela não lhe disse boa-noite; não olhou no rosto dele. No dia seguinte, ele a tratou com indiferença; e ela ficou parecendo uma estatuazinha de mármore. No outro dia, ele a importunou, querendo saber qual era o problema; os lábios dela não se moveram. É claro que ele não sentia uma raiva verdadeira: o confronto era muito desigual em todos os aspectos; ele tentou apaziguá-la e conquistá-la: "Por que ela estava brava? O que ele tinha feito?". Logo em seguida, lágrimas lhe responderam; ele a mimou, e então ficaram amigos. Porém, ela era o tipo de pessoa que não se esquecia de tais incidentes: eu percebi que depois de ser repelida ela nunca mais o procurou, ou o seguiu, ou de algum modo solicitou a atenção dele. Uma vez, eu lhe disse para levar um livro, ou algum outro objeto, para Graham, quando ele estava fechado em seu escritório.

— Vou esperar até que ele saia — disse ela, orgulhosa. — Eu não quero lhe dar o trabalho de se levantar para abrir a porta.

O jovem Bretton tinha um pônei favorito, no qual ele frequentemente passeava; da janela, ela sempre ficava observando a saída e a volta dele. A ambição dela era receber permissão para dar uma volta no pátio montando esse pônei; mas estava longe dela pedir tal favor. Um dia, ela desceu para o pátio para vê-lo desmontar; enquanto ela se encostava ao portão, o desejo de ser contemplada com uma volta brilhava em seus olhos.

— Venha, Polly, você não quer dar um passeio? — perguntou Graham, um tanto despreocupado.

Suponho que ela achou que ele havia sido despreocupado *demais* .

— Não, obrigada — respondeu ela, voltando-se com o máximo de frieza.

— Seria melhor aceitar — continuou Graham. — Você vai gostar, tenho certeza.

— Não acho que eu me importe nem um pouquinho com isso — foi a resposta.

— Isso não é verdade. Você disse a Lucy Snowe que morria de vontade de dar uma volta.

— Lucy Snowe é uma *tacarela* — eu a ouvi dizer (a articulação imperfeita era sua característica menos precoce); e, com isso, ela entrou na casa. Graham, entrando logo depois dela, observou para a mãe:

— Mamãe, eu acho que essa criatura é uma criança trazida pelas fadas: ela é um perfeito amontoado de esquisitices; mas eu me aborreceria sem ela: ela me diverte muito mais que a senhora ou Lucy Snowe.

* * * * *

— Srta. Snowe — disse-me Paulina (ela havia então adquirido o hábito de ocasionalmente conversar comigo quando estávamos sozinhas em nosso quarto, à noite —, a senhorita sabe em qual dia da semana eu mais gosto de Graham?

— Como eu poderia saber algo tão estranho? Existe algum dia entre os sete em que ele seja diferente do que é nos outros seis?

— Certamente! A senhorita não vê? Não sabe? Eu acho que ele é ainda melhor aos domingos; pois nós temos sua companhia o dia inteiro; e ele está calmo, e, à noite, *tão* gentil.

Tal observação não era totalmente despropositada: ir à igreja, etc., mantinha Graham calmo aos domingos, e ele geralmente dedicava a noite a um tipo de diversão serena, embora bastante indolente, ao pé do fogo da sala de estar. Ele se apoderava do sofá, e então chamava Polly.

Graham era um rapaz diferente dos outros; todo seu prazer não se concentrava na ação: ele era capaz de alguns intervalos de contemplação;

conseguia encontrar prazer também na leitura, e tampouco era sua escolha de livros totalmente indiscriminada: havia lampejos de uma preferência característica, e mesmo de um instintivo gosto na escolha. É verdade que ele raramente fazia observações a respeito do que lia, mas eu o vi ficar sentado e refletindo a respeito.

Polly, estando perto dele, ajoelhada em uma almofadinha ou no carpete, uma conversa começaria em murmúrios, não inaudível, embora contida. Eu apanhava partes do seu conteúdo de vez em quando; e, na verdade, alguma influência melhor e mais sofisticada que a dos dias da semana parecia acalmar Graham em tais ocasiões, deixando-o em um estado de espírito bastante gentil.

— Você aprendeu algum hino esta semana, Polly?

— Aprendi um muito bonito, com quatro versos. Devo recitá-lo?

— Fale direitinho, então: não se apresse.

O hino tendo sido apresentado, ou melhor, quase cantado, em uma vozinha melodiosa, Graham apresentava objeções quanto ao desempenho, e em seguida daria uma lição a respeito de declamação. Paulina aprendia rapidamente, tinha o dom da imitação; e, além do mais, o prazer dela era agradar a Graham: ela demonstrou ser uma aluna capaz. Ao hino se seguiria um pouco de leitura — talvez um capítulo da Bíblia; a correção raramente era necessária nesse ponto, pois a criança era capaz de ler qualquer capítulo de narrativa simples muito bem; e, quando o tema era um que ela tinha condição de entender, e de se interessar por ele, sua entonação e ênfase eram algo notável. José atirado na cisterna; o chamado de Samuel; Daniel na cova dos leões — essas eram suas passagens favoritas: ela parecia sentir perfeitamente o *pathos* especialmente da primeira.

— Pobre Jacó! — às vezes ela dizia, com os lábios trêmulos. — Como ele amava seu filho José! Tanto — ela acrescentou uma vez —, tanto, Graham, quanto eu amo você: se você fosse morrer (e ela reabriu o livro, procurou o versículo e leu), “Eu me recusaria a ser confortado, e desceria à morada dos mortos para lamentar você”.

Com essas palavras, ela segurou Graham em seus bracinhos, atraindo a cabeça dele, com seus longos cabelos, para perto dela. A ação, eu me lembro, me pareceu estranhamente impetuosa, despertando a sensação que alguém poderia sentir ao ver um animal perigoso por natureza, e não mais que semidomesticado por meio de artifícios, acariciado com muita falta de cuidado. Não que eu temesse que Graham fosse magoá-la, ou a censurar com grosseria; mas achei que ela corria o risco de despertar, com tais carícias, uma repulsa impaciente, o que seria para ela pior que um golpe físico. De modo geral, entretanto, essas demonstrações eram toleradas com passividade; às vezes, até mesmo um tipo de espanto complacente em relação à sincera parcialidade dela brilharia gentilmente nos olhos dele. Uma vez ele disse:

— Você gosta de mim quase tanto como se fosse minha irmãzinha, Polly.

— Oh! Eu gosto *mesmo* de você — disse ela. — Eu gosto muito *mesmo* de você.

* * * * *

Não me foi permitido por muito tempo o distrair-me com esse estudo de personalidade. Ela mal havia permanecido em Bretton por dois meses, quando chegou uma carta do Sr. Home, avisando que ele estava então estabelecido entre seus parentes por parte de mãe no Continente; que, como a Inglaterra havia se tornado bastante desagradável para ele, ele não nutria a intenção de retornar; talvez por anos; e que ele desejava que sua menininha fosse juntar-se a ele imediatamente.

— Só fico pensando como ela vai receber a notícia — disse a Sra. Bretton, depois de ler a carta. *Eu* fiquei pensando também, e me encarreguei de comunicá-la.

Dirigindo-me à sala de estar — ela gostava de ficar sozinha nesse cômodo calmo e decorado, onde poderia ficar com toda confiança, pois ela não mexia em nada, ou melhor, não sujava nada que tocasse — eu a encontrei, sentada como uma pequena odalisca em um sofá, parcialmente

à sombra das cortinas drapejadas da janela mais próxima. Ela parecia feliz; todos os seus apetrechos para distração estavam ao seu alcance; a caixa branca de costura, um ou dois pedaços de musselina e uns dois pedaços de fita reunidos para serem transformados em roupas de boneca. Devidamente entoucada e encamisolada, a boneca estava deitada no seu berço; Paulina o estava balançando para que a boneca dormisse, com um ar de quem tinha uma fé absoluta no fato de ela ser possuidora da capacidade de ter sentimentos e sono; ao mesmo tempo, seus olhos estavam ocupados com um livro de figuras, que jazia aberto em seu regaço.

— Srta. Snowe — disse ela, em um sussurro — este livro é maravilhoso. Candace (a boneca, batizada por Graham; pois, na verdade, sua cor um pouco encardida lhe dava uma acentuada aparência etíope) está dormindo agora, e posso falar a respeito dele para a senhorita; porém, devemos falar em voz baixa, ou então nós vamos acordá-la. Graham me deu este livro; ele fala sobre países distantes, muito, muito longe da Inglaterra, e onde nenhum viajante pode ir sem atravessar milhares de quilômetros do mar. Homens selvagens vivem nesses países, Srta. Snowe, e usam roupas diferentes das nossas: na verdade, alguns deles mal usam roupas, para não sentirem muito calor, porque eles vivem em um lugar muito quente. Aqui está uma figura de milhares deles reunidos em um lugar desolado — uma planície, coberta de areia — ao redor de um homem vestido de preto… um inglês bom, *bom* mesmo… um missionário, que está pregando para eles sob uma palmeira. (Ela mostrou uma ilustração colorida que representava a cena.) E aqui temos figuras (ela continuou) *maior* estranhas (a gramática às vezes era esquecida) que essa. Aqui está a maravilhosa Grande Muralha da China; aqui está uma dama chinesa, com pés menores que os meus. Aqui está um cavalo selvagem da Tartária; e aqui, o mais estranho de tudo — uma terra de gelo e de neve, sem campos verdejantes, florestas ou jardins. Nessa terra, encontraram alguns ossos de mamute: não existem mais mamutes. A senhorita não sabe o que era um mamute, mas eu posso lhe dizer, porque Graham me disse. Um animal imenso, assustador, tão alto quanto este cômodo, e tão grande

quanto o hall; mas não era um animal feroz que comesse carne, é o que Graham pensa. Ele acha que se eu encontrasse um em uma floresta, ele não iria me matar, a não ser que eu ficasse muito no caminho dele; e então ele iria me pisotear no meio do mato, assim como eu poderia, sem saber, pisar em um gafanhoto em um campo de feno.

E assim ela continuou a tagarelar.

— Polly — eu a interrompi —, você gostaria de viajar?

— Agora não — foi a resposta prudente —, mas talvez daqui a uns vinte anos, quando eu for uma mulher crescida, tão alta quanto a Sra. Bretton, eu possa viajar com Graham. Nós pretendemos ir para a Suíça, e escalar o monte Branco; e um dia nós vamos navegar para a América do Sul, e fazer uma caminhada até o topo do Chim… Chim… borazo.

— Mas você gostaria de viajar agora, se o papai estivesse com você?

A resposta — que não foi dada antes de uma pausa — demonstrou uma daquelas inesperadas mudanças de estado de espírito tão características de Paulina:

— E qual é a vantagem de ficar falando essas bobagens? — disse ela. — Por que a senhorita falou no papai? O que ele representa para a senhorita? Eu estava começando a ficar feliz, e a não pensar tanto nele; e agora vai começar tudo de novo!

Os lábios dela tremeram. Eu me apressei a revelar que uma carta havia sido recebida, e a mencionar as instruções dadas para que ela e Harriet fossem imediatamente se reunir ao seu querido papai.

— Então, Polly, você não está contente? — acrescentei.

Ela não me respondeu. Deixou o livro de lado e parou de embalar a boneca; encarou-me, séria e ansiosa.

— Você não gostaria de ir encontrar-se com papai?

— Claro que sim — ela finalmente respondeu, daquele jeito incisivo que ela geralmente empregava para falar comigo, tão diferente do jeito de se dirigir à Sra. Bretton, e diferente também do tom de voz que dedicava a Graham. Eu gostaria de saber com mais detalhes o que ela pensava, mas não: ela não queria conversar mais. Dirigindo-se apressada à Sra. Bretton, ela lhe fez perguntas, e recebeu a confirmação da minha notícia. O ônus e

a importância dessas revelações a fizeram ficar séria o dia inteiro. À noite, no momento em que ouvimos Graham entrar lá embaixo, eu percebi que ela estava ao meu lado. Começou a arrumar a fita do medalhão no meu pescoço, tirou o pente do meu cabelo e o recolocou; enquanto ela estava ocupada com essas tarefas, Graham entrou.

— Fale logo para ele — ela sussurrou. — Fale que eu estou indo embora.

Durante o chá, eu fiz a revelação que me fora solicitada. Graham, casualmente, estava na ocasião muito preocupado com um prêmio escolar, ao qual ele estava concorrendo. A notícia teve de ser dada duas vezes antes de ele prestar a devida atenção, e mesmo então ele não dedicou a ela mais que uma atenção momentânea.

— Polly vai embora? Mas que pena! Minha querida Camundonguinha, vou sentir ficar sem a companhia dela: ela deve voltar e ficar conosco de novo, mamãe.

E, engolindo rapidamente seu chá, ele se apropriou de uma vela e uma mesinha para seus livros, e logo estava imerso em seus estudos.

A "Camundonguinha" se esgueirou para o lado dele e se deitou no tapete aos pés dele, o rosto encostado no chão; muda e imóvel ela ficou naquela posição até a hora de ir dormir. Uma vez eu vi Graham — totalmente inconsciente da proximidade dela — empurrá-la com o pé irrequieto. Ela retrocedeu alguns centímetros. Logo em seguida, uma mãozinha se esgueirou de sob o rosto dela, contra o qual ela estava pressionada, e delicadamente acariciou o pé desatento. Quando sua babá a chamou, ela se levantou e saiu, muito obediente, tendo dirigido a todos nós um quase inaudível boa-noite.

Não vou dizer que eu temia ir para a cama, uma hora mais tarde; contudo, certamente fui com a previsão intranquila de que não iria encontrar a criança dormindo um sono tranquilo. O sobreaviso do meu instinto se concretizou quando a descobri, gelada e desperta, pousada como um passarinho branco fora da cama. Eu mal sabia como falar com ela; não era possível lidar com ela como com qualquer outra criança. Ela,

entretanto, se dirigiu a mim. Assim que eu fechei a porta e coloquei a vela sobre a cômoda, ela se voltou com as seguintes palavras:

— Eu não consigo… não *consigo* dormir; e desse jeito eu não posso… eu não *posso* viver!

Eu lhe perguntei o que a atormentava.

— Uma tis-te-za pavorrosa — disse ela, com sua pronúncia lamentável.

— Devo chamar a Sra. Bretton?

— Isso é uma tolice muito grande — foi a resposta impaciente dela; e, na verdade, eu sabia muito bem que, se ela tivesse ouvido os passos da Sra. Bretton se aproximando, se teria aconchegado quieta como um ratinho sob as cobertas. Se por um lado ela manifestava suas excentricidades em minha presença sem a menor preocupação (ela não demonstrava ter uma sombra de afeição por mim), nunca mostrava para minha madrinha um lampejo de sua vida interior; para a Sra. Bretton, ela não era nada além de uma mocinha dócil, ainda que um pouco bizarra. Eu a observei; suas faces estavam enrubescidas; os olhos arregalados estavam ao mesmo tempo perturbados e cintilantes, e dolorosamente inquietos: era óbvio que ela não poderia ficar nesse estado até de manhã. Eu logo imaginei o que estava acontecendo.

— Você gostaria de dizer boa-noite para Graham de novo? — perguntei. — Ele ainda não foi para o quarto.

Na mesma hora ela estendeu os braços para ser carregada. Envolvendo-a com um xale, eu a levei de volta para a sala de estar. Graham estava justamente saindo de lá.

— Ela não consegue dormir sem ver você e sem falar com você mais uma vez — eu disse. — Ela não gosta da ideia de deixá-lo.

— Eu a mimei — disse ele, pegando-a dos meus braços com bom humor, e beijando o rostinho quente dela e os lábios que queimavam. — Polly, agora você gosta mais de mim que do papai…

— Eu gosto *mesmo* de você, mas você não se importa comigo — foi a resposta sussurrada dela.

Ela recebeu uma resposta que lhe garantia exatamente o contrário, foi beijada de novo, colocada nos meus braços, e a levei para cima; mas — ai de mim!, sem estar tranquila.

Quando achei que ela iria prestar atenção em mim, eu disse:

— Paulina, você não deveria ficar tão triste por Graham não gostar de você tanto quanto você gosta dele. É assim que tem de ser.

Ela levantou para mim seus olhos inquisidores, como se perguntando por quê.

— Porque ele é um menino, e você é uma menina; ele tem dezesseis anos, e você tem só seis; o temperamento dele é forte e vivaz, e o seu é diferente.

— Mas eu o amo tanto; ele *teria* de me amar um pouquinho.

— Mas ele ama. Ele gosta de você. Você é a favorita dele.

— Eu sou a favorita de Graham?

— Sim, muito mais que qualquer outra criança que eu conheça.

Essa afirmativa a tranquilizou; ela sorriu em sua angústia.

— Mas — continuei —, não se inquiete, e não espere demais dele, ou ele vai achar que você é enfadonha, e então tudo vai acabar-se.

— Acabar! — ela repetiu em voz baixa. — Então, eu vou ser boazinha. Vou tentar ser boazinha, Lucy Snowe.

Eu a coloquei na cama.

— Ele vai me perdoar desta vez? — perguntou ela, enquanto eu trocava de roupa. Eu lhe garanti que sim; que por enquanto ele não estava de maneira alguma distante; que ela apenas teria de tomar cuidado quanto ao futuro.

— Não existe um futuro — disse-me ela. — Eu estou indo embora. Será que eu jamais… jamais… verei Graham outra vez, depois de partir da Inglaterra?

Eu lhe dei uma resposta encorajadora. A vela tendo-se acabado, uma meia hora se passou em silêncio. Eu achei que ela estava dormindo, e então a pequena forma branca uma vez mais se ergueu na cama, e a vozinha perguntou:

— A senhorita gosta do Graham, Srta. Snowe?

— Gostar dele! Sim, um pouquinho.

— Só um pouquinho! A senhorita gosta dele como eu gosto?

— Eu acho que não. Não; não como você gosta.

— A senhorita gosta muito dele?

— Eu disse que gostava um pouquinho dele. Qual é a vantagem de gostar tanto dele? Ele é cheio de defeitos.

— É?

— Todos os meninos são.

— Mais que as meninas?

— É muito provável. As pessoas sábias dizem que é tolice achar que qualquer pessoa seja perfeita; e quanto a gostar e não gostar, nós devemos ser gentis com todos, e não idolatrar ninguém.

— A senhorita é uma pessoa sábia?

— Eu tento ser. Durma agora.

— Eu *não consigo* dormir. A senhorita não sente uma dor aqui (colocando a mãozinha de elfo no seu peito de elfo) quando pensa que a *senhorita* vai ter de partir e deixar Graham, pois *sua* casa não é aqui?

— Com certeza, Polly — respondi —, você não deveria sentir tanta dor, já que logo vai juntar-se ao seu pai. Você já se esqueceu dele? Você não quer mais ser a companheirinha dele?

Um silêncio mortal se seguiu a essa pergunta.

— Menina, deite-se e durma — insisti.

— Minha cama está fria — disse ela. — Não consigo esquentá-la.

Eu vi a criaturinha tremer.

— Venha aqui comigo — sugeri, desejando e, contudo, mal esperando que ela fosse concordar: pois ela era uma criaturinha muito estranha e caprichosa, e especialmente excêntrica comigo. Ela veio, entretanto, na mesma hora, como um pequeno fantasma deslizando sobre o tapete. Eu a coloquei na cama. Ela estava gelada: eu a aqueci em meus braços. Ela tremia, nervosa; eu a acalmei. E sendo assim tranquilizada e acariciada ela finalmente adormeceu.

"Uma criança sem igual", eu pensei, enquanto olhava seu semblante adormecido à luz incerta da lua, e cuidadosa e gentilmente secava suas

pálpebras e faces úmidas com meu lenço. “Como ela vai viver neste mundo, ou enfrentar esta vida? Como ela vai suportar os choques e as repulsas, as humilhações e o abandono, que os livros, e minha própria razão, dizem-me que estão à espera de todos os seres humanos?”

No dia seguinte, ela foi embora; tremendo como uma folha quando se despediu, mas exercendo autocontrole.

IV. A SRTA . MARCHMONT

Ao partir de Bretton, o que eu fiz poucas semanas depois da partida de Paulina (sem sequer pensar que eu nunca mais iria visitar o local, nunca mais caminharia por suas ruas calmas e antigas), voltei para casa, após ficar ausente por seis meses. Pode ser conjecturado que eu estava, naturalmente, feliz por voltar ao seio da minha família. Bem! A amável conjectura não causa mal nenhum e pode, portanto, tranquilamente ser deixada sem ser desmentida. Longe de dizer não, na verdade, vou permitir ao leitor que pense em mim, nos oito anos seguintes, como um barco adormecido durante uma temporada tranquila, em um porto tão imóvel quanto o cristal — o timoneiro deitado no pequeno convés, o rosto voltado para o céu, os olhos fechados: imerso, se você assim o desejar, em uma longa oração. Espera-se que muitas mulheres e moças passem a vida desse modo; por que não eu junto com as demais?

Pense em mim, desocupada, satisfeita, rechonchuda e feliz, recostada em um convés almofadado, aquecida pela luz constante do sol, embalada por brisas indolentemente suaves. Entretanto, não pode deixar de ser dito que, nesse caso, eu devo de algum modo ter caído pela amurada, ou que finalmente deve ter havido um naufrágio. Eu me recordo muito bem de um tempo — um longo período de frio, de medo, de conflito Até hoje, quando tenho o pesadelo, ele revive a arremetida e o gosto pungente das ondas salgadas na minha garganta, e sua pressão gelada nos meus pulmões. Eu até sei que houve uma tempestade, e que ela não durou apenas uma hora ou um dia. Durante muitos dias e noites nem o sol nem as estrelas apareceram; nós abatemos com nossas próprias mãos a aparelhagem do navio; uma forte tempestade se abateu sobre nós; toda a esperança que

tínhamos de ser resgatados nos foi tirada. Concluindo, o navio foi perdido, a tripulação pereceu.

Tanto quanto eu possa lembrar-me, não me lamentei com ninguém por causa desses problemas. Na verdade, com quem eu poderia lamentar-me? Eu perdera o contato com a Sra. Bretton havia muito tempo. Problemas, causados por outros, anos atrás, atravessaram nosso caminho, e impediram esse contato. Além do mais, o tempo havia ocasionado mudanças para ela também: a bela propriedade, da qual ela havia sido deixada como guardiã para o filho, e que havia sido majoritariamente investida em certos negócios envolvendo ações, havia se reduzido, era o que se dizia, a uma fração do seu valor original. Graham, assim eu fiquei sabendo por meio de rumores ocasionais, havia adotado uma profissão; tanto ele quanto sua mãe haviam partido de Bretton, e diziam que eles viviam então em Londres. Por isso, não havia possibilidade de contar com outras pessoas; somente a mim mesma eu poderia voltar-me. Eu não tinha ideia de que eu era de uma natureza autoconfiante ou ativa; mas a autoconfiança e o esforço me foram impostos pelas circunstâncias, assim como são a milhares de outras pessoas; e quando a Srta. Marchmont, uma dama solteira da nossa vizinhança, mandou chamar-me, eu obedeci ao pedido dela, na esperança de que ela pudesse designar-me alguma tarefa que eu tivesse condição de realizar.

A Srta. Marchmont era uma mulher rica que vivia em uma bela propriedade; mas ela era uma inválida reumática, sem movimentos nos pés e nas mãos, e tinha estado assim por vinte anos. Ela sempre ficava no andar superior da casa: sua sala de estar era contígua ao quarto. Eu tinha ouvido com frequência falarem da Srta. Marchmont e de suas peculiaridades (constava que ela era muito excêntrica), mas até então nunca a tinha visto. Descobri que ela era uma mulher enrugada e grisalha, séria por causa da solidão, severa por causa da longa doença, também irritadiça, e talvez exigente. Parecia que uma empregada, ou melhor, uma dama de companhia, que havia tomado conta dela por alguns anos, estava prestes a se casar, e a Srta. Marchmont, tendo ouvido falar da minha difícil situação, havia mandado chamar-me, com a ideia de que eu poderia ocupar

o lugar dessa pessoa. Ela me fez a proposta depois do chá, enquanto nós duas nos sentávamos sozinhas ao pé do fogo.

— Não vai ser uma vida fácil — disse ela, sincera, — pois eu preciso de muita atenção, e a senhorita vai ficar muito tempo confinada em casa; contudo, talvez, comparada com sua vida recente, ela possa parecer suportável.

Eu refleti. É claro que ela deveria parecer suportável, argumentei comigo mesma; porém, de algum modo, devido a uma estranha fatalidade, não deveria. Viver ali, naquele cômodo fechado, observando o sofrimento (e às vezes, talvez, uma vítima do mau gênio) ao longo de todo o restante da minha juventude; enquanto o que acabara se havia passado, para dizer pouco, de modo não aprazível! Meu coração se amargurou por um momento, e então recuperou o equilíbrio; pois, embora eu me forçasse a *perceber* os problemas, acho que era prosaica demais para *idealizá-los* , e, consequentemente, para exagerá-los.

— Eu não sei se teria forças para desempenhar a tarefa — observei.

— É esse também o meu temor — disse ela —, pois a senhorita aparenta estar exausta.

E aparentava mesmo. Eu me vi no espelho, em minha roupa de luto, uma figura esmaecida, com olhos fundos. Contudo, não pensei muito na sombria cena. A ruína, eu acreditava, era principalmente exterior: eu ainda sentia a vida pulsando em suas origens.

— A senhorita tem algo mais em vista?

— Por enquanto, nada muito claro: mas posso encontrar alguma coisa.

— É isso que a senhorita pensa: talvez tenha razão. Tente seu próprio método, então; e, se ele não der certo, tente o meu. A oportunidade que lhe ofereci estará ao seu alcance por três meses.

Era muita gentileza, eu lhe disse, expressando minha gratidão. Enquanto eu estava falando, sobreveio uma crise de dor. Eu cuidei dela; ministrei os remédios necessários, segundo suas instruções; e, quando ela já se sentia melhor, um tipo de intimidade já se estabelecera entre nós. Eu, por meu lado, havia aprendido, pelo modo como ela suportara essa crise, que ela era uma mulher firme e paciente (paciente enquanto sentia dor

física, embora às vezes fosse excitável sob uma prolongada irritação mental); e ela, baseada na boa vontade com que eu a havia socorrido, descobriu que poderia influenciar minhas simpatias (assim como elas eram). Ela mandou chamar-me no dia seguinte; por cinco ou seis dias sucessivos exigiu minha companhia. A convivência mais frequente, se por um lado revelou tanto os defeitos quanto as excentricidades, desvelou, ao mesmo tempo, um aspecto de um caráter que eu era capaz de respeitar. Severa, e mesmo taciturna como ela às vezes era, eu podia atendê-la e sentar-me ao lado dela com aquela calma que de vez em quando nos abençoa quando temos a consciência de que nossos modos, presença e contato satisfazem e acalmam as pessoas a quem servimos. Até mesmo quando ela me repreendia (o que ela fazia, vez ou outra, com muita acrimônia), era de um modo que não humilhava, e não deixava mágoa; era mais como uma mãe irascível censurando sua filha que uma patroa severa repreendendo uma empregada: fazer sermão, de fato, ela não conseguia, embora pudesse ocasionalmente perder a calma. Além do mais, um fundo de razão sempre perpassava seus ímpetos: ela era racional mesmo quando era irascível. Antes de muito tempo se passar, um crescente sentimento de apego começou a fazer com que a ideia de permanecer com ela como sua acompanhante aparecesse sob uma nova luz; dentro de mais uma semana, eu havia concordado em ficar.

E, assim, dois quartos quentes e fechados se tornaram meu mundo; e uma senhora idosa e inválida, minha patroa, minha amiga, tudo para mim. Atendê-la era meu dever; sua dor, meu sofrimento; seu alívio, minha esperança; sua raiva, minha punição; sua apreciação, minha recompensa. Esqueci que havia campos, bosques, rios, mares, um céu sempre cambiante além da gelosia embaçada de seu quarto de inválida; eu quase me sentia contente por esquecer isso. Toda minha vida interior passou a ser circunscrita a minha sorte. Controlada e silenciosa por costume, disciplinada pelo destino, eu não exigia caminhadas ao ar livre; meu apetite não necessitava de nada além das pequenas refeições servidas para a inválida. Além disso, ela me oferecia a originalidade do seu caráter para estudar: a constância das suas virtudes, vou acrescentar, a força das suas

paixões, para admirar; a veracidade dos seus sentimentos para confiar. Todas essas coisas ela possuía, e por causa delas eu me apegava a ela.

Levada por esses motivos, eu teria caminhado lentamente com ela por vinte anos, se por mais vinte anos sua vida de resignação tivesse sido prolongada. Porém, outro decreto havia sido escrito. Parecia que eu deveria ser estimulada a agir. Eu teria de ser incitada, levada, aguilhoada, forçada a me mover. Minha pequena quota de afeições humanas, que eu apreçava como se fosse uma sólida pérola, deveria derreter-se em meus dedos e deles escorrer como se fosse granizo se desfazendo. O pequeno dever que eu assumira deveria ser arrancado da minha consciência facilmente contentável. Eu tinha desejado fazer um acordo com o Destino: escapar de ocasionais grandes agonias me submetendo a toda uma vida de privações e de pequenas dores. O destino não seria tão facilmente pacificado; tampouco iria a Providência sancionar essa preguiça constringente e essa indolência covarde.

Uma noite de fevereiro, lembro-me muito bem, uma voz se manifestou perto da casa da Srta. Marchmont, ouvida por todos os moradores, mas traduzida, talvez, somente por um. Depois de um inverno tranquilo, tempestades estavam trazendo a primavera. Eu havia colocado a Srta. Marchmont na cama e estava sentada ao pé da lareira, costurando. O vento uivava nas janelas; tinha uivado o dia inteiro; mas, à medida que a noite avançava, ele assumiu um novo tom; um tom intenso, penetrante, quase articulado para nossos ouvidos; vibrava em todas as rajadas um lamento triste e desolador para os nervos.

“Oh, acalma-te, acalma-te!”, pensei com mente intranquila, abandonando meu trabalho, e fazendo um vão esforço para tapar os ouvidos ante aquele lamento sutil e pungente. Eu já ouvira essa voz antes dessa ocasião, e uma observação compulsória havia forçado em mim uma teoria quanto ao que ela prenunciava. Três vezes, no decorrer da minha vida, acontecimentos tinham-me ensinado que esses estranhos tons na tempestade, esses inquietos e desesperançados lamentos, indicam um estado vindouro da atmosfera que não é propício para a vida. Doenças epidêmicas, acreditava eu, eram com frequência anunciadas por um vento

leste arquejante, soluçante, atormentado e lamentoso. De uma situação dessas, deduzia eu, surgira a lenda da *Banshee* . Eu imaginava, também, ter percebido (embora não fosse filósofa o suficiente para saber se havia alguma conexão entre as circunstâncias) que, com frequência, nós ao mesmo tempo ouvimos falar de uma atividade vulcânica em partes distantes do mundo; de rios que subitamente transbordam de suas margens; e de estranhas marés altas avançando furiosamente nas zonas baixas costeiras. "Nosso globo", eu dissera para mim mesma, "parece em tais períodos dilacerado e desordenado; o mais fraco entre nós murcha sob seu hálito inclemente, soprando quente vindo dos vulcões fumegantes".

Eu ouvia, tremendo; a Srta. Marchmont dormia.

Perto da meia-noite, a tempestade em meia hora cedeu lugar a uma calma mortal. O fogo, que estivera quase apagado, se reavivou com vigor. Eu senti o ar mudar, e ficar cortante. Erguendo os reposteiros e a cortina, olhei para fora, e vi nas estrelas o luzir intenso de uma forte geada.

Voltando-me, o objeto com que meus olhos se depararam foi a Srta. Marchmont, acordada, erguendo a cabeça do travesseiro, e me olhando com uma intensidade pouco comum.

— A noite está bonita? — perguntou ela.

Respondi que sim.

— Eu achei que sim — disse ela —, pois me sinto tão forte, tão bem. Erga-me. Eu me sinto jovem esta noite — continuou ela —; jovem, com o coração tranquilo, e feliz. E se a minha doença estiver prestes a mudar, e eu ainda estiver destinada a gozar boa saúde? Seria um milagre!

"E estes não são dias propícios a milagres", pensei comigo mesma, espantada por ela falar desse jeito. Ela prosseguiu, dirigindo a conversa para o passado, e parecendo relembrar seus incidentes, cenas e personagens, com uma singular clareza.

— Esta noite eu amo a Memória — disse ela. — Eu a valorizo como minha melhor amiga. Ela está proporcionando-me agora um profundo deleite: está trazendo de volta ao meu coração, em uma vida cálida e bela, realidades; não apenas ideias vazias, mas o que uma vez foram realidades, e que eu julgava há muito tempo estarem decaídas, desfeitas, misturadas

com a terra dos túmulos. Neste momento, sou proprietária das horas, dos pensamentos, das esperanças da minha juventude. Eu reavivo o amor da minha vida, meu único amor, quase minha única afeição; pois não sou uma mulher especialmente boa: não sou amável. Contudo, tive meus sentimentos, fortes e concentrados; e esses sentimentos tinham seu objeto, que, em sua pessoa, era valioso para mim, como para a maioria dos homens e das mulheres são os inúmeros pontos nos quais eles esbanjam seu afeto. Enquanto eu amava, e enquanto era amada, de que existência eu desfrutei! De que ano glorioso eu consigo recordar-me, quão vívido ele retorna à minha mente! Que primavera cheia de vida, que verão quente e feliz; que luar doce, deixando prateadas as noites de outono; quanta força de esperança sob as águas contidas pelo gelo e os campos cobertos pela geada do inverno daquele ano! Durante todo aquele ano, meu coração viveu com o coração de Frank. Oh, meu nobre Frank, meu fiel Frank, meu *bom* Frank! Tão melhor que eu; o padrão dele, em todos os aspectos, tão mais alto! Agora eu tenho condição de ver isso e de dizer: se poucas mulheres sofreram como eu sofri com a perda dele, poucas desfrutaram do que eu senti com o amor dele. Era um amor de um tipo muito melhor que o comum; eu não tinha dúvida a respeito dele ou de Frank: era um amor que honrava, protegia e elevava, assim como alegrava aquela a quem era dirigido. Deixe-me perguntar agora, neste momento, quando minha mente está tão estranhamente lúcida, deixe-me refletir: por que ele foi tirado de mim? Por qual crime fui condenada, depois de doze meses de júbilo, a enfrentar trinta anos de pesar?

— Eu não sei — continuou ela depois de uma pausa. — Eu consigo… não *consigo* ver a razão; contudo, neste momento eu posso dizer com sinceridade o que nunca tentei dizer antes… Deus Inescrutável, seja feita a Vossa vontade! E neste momento eu consigo acreditar que a morte vai restituir-me Frank. Eu nunca acreditei nisso até agora.

— Então ele morreu? — perguntei em voz baixa.

— Minha cara menina — disse ela —, em uma feliz véspera de Natal eu me vesti e me arrumei, esperando que meu amado, que logo seria meu marido, viesse naquela noite me visitar. Eu me sentei para esperar. Uma

vez mais, revejo aquele momento… vejo o brilho da neve se insinuando através da janela, cuja cortina não fora fechada, pois eu tencionava vê-lo cavalgando pelo caminho branco; vejo e sinto a tépida luz da lareira me aquecendo, brincando com meu vestido de seda, e me mostrando, incerta, minha própria imagem jovem refletida em um espelho. Vejo a lua de uma calma noite de inverno, flutuando cheia, clara e fria, sobre a massa escura dos arbustos, e a relva prateada dos meus jardins. Espero, com um pouco de impaciência nas batidas do meu coração, mas sem dúvida em meu seio. As chamas se extinguiram na lareira, que apesar disso continuava luminosa; a lua estava subindo no céu, mas ainda era visível da gelosia; o relógio se aproximava das dez horas; ele raramente chegava mais tarde que isso, mas, uma ou duas vezes ele havia se atrasado.

— Iria ele me desapontar uma vez? Não… nem ao menos uma vez; e então ele estava chegando… e vindo rapidamente para compensar o tempo perdido. “Frank! Seu cavaleiro impetuoso”, eu disse para mim mesma, ouvindo feliz, e ainda assim com ansiedade, o galope que se aproximava, “você vai ser repreendido por isso: vou dizer-lhe que é *meu* pescoço que você está arriscando; pois qualquer coisa que seja sua é, em um sentido ainda mais caro e terno, minha”. E lá estava ele: eu o vi; mas acho que eu estava com lágrimas nos olhos, minha vista estava tão confusa. Eu vi o cavalo; ouvi o bater de suas patas… vi, pelo menos, uma forma; ouvi um clamor. *Seria* um cavalo? Ou que coisa era aquela, que se arrastava com dificuldade, atravessando, tão estranhamente escura, o gramado? Que nome eu poderia dar àquela coisa sob a luz do luar, à minha frente? Ou, como poderia eu expressar o sentimento que surgira em minh’alma?

— Eu só consegui correr para fora. Um grande animal (com certeza, o cavalo negro de Frank) parou, tremendo, resfolegando, na frente da porta; um homem o guiava; Frank, pensei.

— O que aconteceu? — perguntei. Thomas, meu empregado, respondeu dizendo bruscamente: “Entre na casa, senhora”. E então, chamando outra empregada, que veio correndo da cozinha, como se tivesse sido chamada por algum instinto: “Ruth, leve a patroa agora mesmo para casa”. Mas, eu estava ajoelhada na neve, ao lado de algo que jazia nela…

algo que eu vira ser arrastado pelo chão… algo que suspirava, que gemia em meu seio, quando o ergui e o aproximei de mim. Ele não estava morto; nem estava totalmente inconsciente. Fiz com que o carregassem para dentro; me recusei a receber ordens e ser afastada dele. Eu estava bastante calma, não apenas para me controlar, mas para controlar os demais. Eles haviam começado tentando tratar-me como se eu fosse uma criança, como eles sempre fazem com quem é atingido pela mão de Deus; mas eu não dei oportunidade para ninguém, a não ser para o médico; e, quando ele fez o que pôde fazer, eu me apropriei do meu Frank, que estava morrendo. Ele teve forças para me segurar em seus braços; teve condição de dizer meu nome; ele me ouviu enquanto eu rezava em voz baixa por ele; sentiu minha presença enquanto eu terna e carinhosamente o confortava.

— "Maria", ele disse, "estou morrendo no Paraíso". Ele deu seu último suspiro dizendo palavras leais para mim. Quando a manhã de Natal chegou, meu Frank estava com Deus.

— E isso — prosseguiu ela — aconteceu há trinta anos. Tenho sofrido desde então. Não sei se tirei o melhor proveito de todas as minhas desgraças. Naturezas dóceis e amáveis elas teriam lapidado até a santidade; os espíritos fortes e malignos elas teriam transformado em demônios; quanto a mim, tenho sido somente uma mulher atingida pelo infortúnio e egoísta.

— A senhora tem feito muito o bem — disse eu, pois ela era conhecida por sua generosidade quanto às esmolas.

— Eu não deixei de dar dinheiro, você quer dizer, quando ele poderia aliviar o sofrimento. Mas, o que isso significa? Não me custou esforço nem causou angústia doá-lo. Mas eu acho que a partir de hoje estou prestes a entrar em um melhor estado de espírito, para me preparar para o reencontro com Frank. Você percebe que eu ainda penso mais em Frank que em Deus; e, a não ser que se considere que por adorar demais essa criatura, por tanto tempo, e com tanta exclusividade, eu não tenha sido minimamente blasfema em relação ao Criador, pequena é minha chance de salvação. O que você pensa a respeito disso, Lucy? Seja meu capelão, e me diga.

Eu não tinha condição de responder a essa pergunta: não tinha palavras. Parecia que ela achava que eu a *respondera* .

— Muito bem, minha filha. Nós devemos reconhecer que Deus é misericordioso, mas nem sempre compreensível para nós. Devemos aceitar nosso próprio fardo, qualquer que ele seja, e tentar alegrar o fardo alheio. Não devemos? Bem, amanhã eu vou começar a fazer você feliz. Vou tentar fazer alguma coisa por você, Lucy: algo que a beneficiará quando eu estiver morta. Minha cabeça está doendo por falar tanto; contudo, estou feliz. Vá dormir. O relógio bateu duas horas. Você ficou acordada até tão tarde; ou melhor, até tão tarde eu, em meu egoísmo, fiz você ficar acordada. Mas, vá agora; não se preocupe mais comigo; sinto que vou descansar bem.

Ela se ajeitou como se fosse dormir. Eu também me retirei para minha cama em um quartinho adjacente ao dela. A noite passou tranquila; tranquilo o julgamento dela deve ter finalmente chegado: pacífico e sem dor: de manhã, ela foi encontrada sem vida, quase fria, mas calma e imperturbável. A agitação do seu estado de espírito e a mudança de temperamento haviam sido o prelúdio de um ataque; um só golpe foi suficiente para cortar o fio de uma existência por tanto tempo perturbada pela tristeza.

V. VIRANDO UMA NOVA PÁGINA

Minha patroa estando morta, e eu uma vez mais sozinha, tinha de procurar outra colocação. Nessa época eu poderia estar um pouco, um pouquinho, com os nervos abalados. Admito que não estivesse com boa aparência, mas, pelo contrário, magra, abatida, e com os olhos fundos; como uma pessoa que passa a noite acordada cuidando de outrem, como um empregado exausto, ou como uma pessoa endividada sem emprego. Endividada, entretanto, eu não estava; nem tão pobre, embora a Srta. Marchmont não tivesse tido tempo de me beneficiar, como, naquela última noite, ela havia dito que era sua intenção. Mesmo assim, depois do funeral, meu salário foi devidamente pago por seu primo em segundo grau, o herdeiro, um homem com aparência de avarento, com o nariz fino e a testa estreita, que, na verdade, eu ouvi muito tempo depois, acabara mostrando ser um completo sovina: um contraste direto com sua generosa parenta, e uma mácula para a memória dela, abençoada até os dias de hoje pelos pobres e necessitados. Proprietária, então, de quinze libras; com saúde que, embora não estivesse em seu melhor ponto, não estava arruinada, e com o estado de espírito em uma situação parecida, eu poderia ainda, em comparação com muitas outras pessoas, ser vista como alguém que ocupava uma posição invejável. Ao mesmo tempo, era uma posição embaraçosa, como pude claramente perceber certo dia, em que faltava exatamente uma semana para partir da minha atual moradia, sem que tivesse conseguido arranjar outra.

Confrontada com esse dilema eu fui, como último e único recurso, visitar uma antiga empregada da nossa família, para me aconselhar com ela; antigamente, ela fora minha babá, e agora era governanta em uma mansão, não muito longe da residência da Srta. Marchmont. Passei

algumas horas com ela; ela me confortou, mas não sabia como me aconselhar. Ainda perdida em uma escuridão interior, eu a deixei quando começava a escurecer; uma caminhada de pouco mais de três quilômetros se estendia à minha frente; era uma noite clara e fria. Apesar da minha solidão, da minha pobreza e da minha perplexidade, meu coração, alimentado e fortalecido pelo vigor de uma mocidade que ainda não havia completado as vinte e três primaveras, batia com força, e não fraco. Não fraco, tenho certeza, ou eu teria tremido durante aquela caminhada solitária, que avançava entre campos solitários, e não passava nem por um vilarejo, por uma casa de fazenda ou por um chalé: teria vacilado na ausência da luz do luar, pois era apenas orientada pela luz das estrelas que eu abria meu caminho; teria vacilado ainda mais na rara presença daquele que, nessa noite específica, brilhava nos céus do norte, um mistério cambiante — a Aurora Boreal. Porém, esse estranho solene me influenciou de uma maneira muito diversa do que me causando medo. Ele parecia trazer um novo poder. Sorvi energia com a brisa pungente que soprava em seu caminho. Um pensamento audacioso foi enviado ao meu cérebro, que foi fortalecido para recebê-lo.

— Abandone essa desolação — me foi dito — e saia daqui.

— Para onde? — foi a pergunta.

Não precisei olhar muito longe; contemplando daquela paróquia na planície fértil do coração da Inglaterra, eu vi mentalmente ao meu alcance o que jamais tinha visto com meus olhos mortais: vi Londres.

No dia seguinte, voltei à mansão e, pedindo uma vez mais para ver a governanta, comuniquei-lhe meu plano.

A Sra. Barrett era uma mulher séria, sensata, embora conhecesse do mundo muito pouco mais que eu; mas, séria e sensata como era, não me acusou de ter perdido o juízo; e, na verdade, eu tinha modos serenos que, até então, tinham sido tão úteis para mim quanto um casaco e um capuz de tecido grosseiro, já que sob seus auspícios eu tinha tido condição de, com impunidade, e mesmo com aprovação, fazer coisas que, se tivessem sido tentadas com uma aparência excitada e perturbada, teriam feito com que algumas mentes me categorizassem como sonhadora e zelote.

A governanta estava lentamente mencionando algumas dificuldades, enquanto preparava cascas de laranja para fazer geleia, quando uma criança passou correndo em frente à janela e entrou aos pulos no cômodo. Era uma bela criança, e enquanto ela dançava, rindo, vindo na minha direção (pois nós não éramos desconhecidas; nem, para dizer a verdade, era sua mãe, uma jovem daquela família, uma estranha), eu a peguei e coloquei em meus joelhos. Por mais diferentes que fossem agora nossas posições sociais, a mãe da criança e eu tínhamos sido colegas de escola, quando eu era uma menina de dez anos, e ela, uma jovem dama de dezesseis; e eu me lembrava dela, com boa aparência, mas pouco inteligente, em uma classe inferior à minha.

Eu estava admirando os belos olhos escuros do menino quando sua mãe, a jovem Sra. Leigh, entrou. Em que mulher bela e gentil a mocinha de boa índole e graciosa, embora pouco inteligente, havia se transformado! Ser esposa e mãe haviam-na mudado, e desde esse dia já vi essas duas situações mudarem de forma semelhante outras mulheres ainda menos promissoras que ela. De mim, ela havia se esquecido. Eu também havia mudado, embora, receio, não para melhor. Não me esforcei para fazê-la lembrar-se de mim; por que deveria? Ela veio pegar o filho para que ele a acompanhasse em uma caminhada, e atrás dela seguia uma babá, carregando um bebê. Eu somente menciono esse incidente porque, ao conversar com a babá, a Sra. Leigh falou francês (péssimo francês, aliás, e com uma pronúncia incorrigivelmente ruim, que uma vez mais forçosamente me fez pensar em nossos dias de escola): e eu descobri que a mulher era estrangeira. O menininho tagarelava fluentemente em francês também. Quando o grupo se afastou, a Sra. Barrett observou que a jovem senhora havia trazido aquela babá estrangeira para casa dois anos antes, ao voltar de uma excursão pelo Continente; que ela era tratada quase tão bem quanto uma preceptora, e não fazia nada além de passear com o bebê e conversar em francês com o patrãozinho Charles; “e”, acrescentou a Sra. Barrett, “ela diz que há muitas mulheres inglesas tão bem colocadas quanto ela junto com famílias estrangeiras”.

Eu armazenei essa informação casual, assim como donas de casa previdentes guardam farrapos e fragmentos aparentemente sem valor, para os quais suas mentes prescientes antecipam um possível uso qualquer dia. Antes de eu deixar minha velha amiga, ela me deu o endereço de uma estalagem respeitável e antiga na City, a qual, segundo ela me disse, meus tios costumavam frequentar antigamente.

Indo para Londres, corri menos riscos e demonstrei menos dinamismo do que o leitor possa imaginar. Na verdade, a distância era de apenas oitenta quilômetros. Meu dinheiro seria suficiente para me levar até lá, me manter lá por alguns dias, e também para me trazer de volta se eu não tivesse incentivo para ficar. Encarei isso como umas pequenas férias, permitidas por uma vez para uma mente cansada de trabalhar, ao invés de uma aventura envolvendo vida ou morte. Não há nada como encarar tudo que você faz com uma expectativa modesta: isso mantém a mente e o corpo tranquilos; enquanto as noções extravagantes podem levar ambos a um estado febril.

Oitenta quilômetros eram então uma viagem que durava um dia (pois estou falando de um tempo passado: meu cabelo, que, até pouco tempo, enfrentou as geadas do tempo, está agora, finalmente, branco, sob um toucado branco, como a neve sob a neve). Perto das nove horas de uma úmida noite de fevereiro, cheguei a Londres.

Meu leitor, bem o sei, é aquele que não me agradeceria por uma elaborada reprodução de poéticas impressões iniciais; e é bom que seja assim, considerando que eu não tinha nem tempo nem disposição de espírito para apreçá-las, tendo chegado tarde como cheguei, em uma noite escura, gelada e chuvosa, a uma Babilônia hostil cuja vastidão e estranheza punham à prova qualquer capacidade de raciocínio claro ou firme autocontrole com que, na ausência de faculdades mais brilhantes, a Natureza poderia ter-me presenteado.

Quando desci da diligência, a curiosa fala do cocheiro e de outras pessoas que esperavam ali por perto pareceu para mim tão estranha quanto uma língua estrangeira. Eu jamais tinha ouvido a língua inglesa esfrangalhada daquele modo. Entretanto, consegui entender e ser

entendida, pelo menos para fazer com que eu e minha bagagem fôssemos levadas em segurança à velha estalagem cujo endereço eu tinha. Quão difícil, quão opressiva, quão complicada minha situação me pareceu! Em Londres pela primeira vez; em uma estalagem pela primeira vez; cansada com a viagem, confusa por causa da escuridão; hirta devido ao frio; desprovida tanto de experiência quanto de conselhos em relação ao modo de agir, e, contudo, ser obrigada a agir.

Coloquei o problema nas mãos do Bom-Senso. Este, entretanto, estava tão entanguido e aturdido como todas minhas outras faculdades, e foi somente com o incentivo de uma inexorável necessidade que ele espasmodicamente cumpriu o seu dever. Assim instado, ele pagou o carregador: considerando a crise, não o culpei muito por ele ter sido clamorosamante enganado; pediu ao atendente que lhe arrumasse um quarto; timidamente chamou a camareira; e, além disso, suportou, sem ter sido totalmente vencido, um comportamento bastante desdenhoso por parte dessa jovem, quando ela apareceu.

Recordo que essa mesma camareira era um padrão de beleza e de elegância citadinas. Eram muito elegantes sua cintura, sua touca e seu vestido — eu fiquei pensando como eles haviam sido feitos. Sua fala tinha uma pronúncia que, em sua afetada volubilidade, parecia censurar a minha como se fosse uma autoridade; sua bela vestimenta exibia um desprezo fácil à minha modesta indumentária interiorana.

“Bem, não dá para evitar”, pensei, “e além do mais, sendo novo o cenário, bem como as circunstâncias, eu vou ter algum proveito”.

Mantendo uns modos muito tranquilos em relação à camareirazinha arrogante, e subsequentemente fazendo o mesmo em relação ao garçom com aparência de pastor da igreja, com seu casaco negro e seu colarinho branco, logo consegui que ambos me tratassem educadamente. Acredito que a princípio tivessem pensado que eu fosse uma empregada; mas dentro de pouco tempo eles mudaram de opinião, e vacilaram em uma atitude incerta entre condescendência e polidez.

Eu fiquei muito bem até após ter feito uma refeição, ter-me esquentado ao pé do fogo e estar devidamente trancada em meu próprio quarto;

porém, quando me sentei na cama e descansei a cabeça e os braços no travesseiro, fui tomada por uma terrível opressão. Subitamente, minha situação se abateu sobre mim como um fantasma. Incongruente, desolada e quase destituída de esperanças ela me parecia. O que eu estava fazendo ali, sozinha na grande Londres? O que deveria fazer na manhã seguinte? Quais perspectivas tinha na vida? Que amigos tinha na face da Terra? De onde eu tinha vindo? E para onde deveria ir? O que deveria fazer?

Molhei o travesseiro, meus braços e meus cabelos com lágrimas impetuosas. Um intervalo negro de reflexões amargas se seguiu a essa explosão; mas eu não lamentava o passo dado, tampouco desejava retroceder. Uma convicção forte e indefinida de que era melhor seguir adiante e não para trás, e que eu *conseguiria* seguir em frente, que um caminho, por mais estreito e difícil, se abriria com o tempo, predominava sobre os outros sentimentos: sua influência os afastou para tão longe que finalmente fiquei tranquila o bastante para poder fazer minhas orações e ir para a cama. Eu havia acabado de apagar a vela e me deitar, quando um som profundo, baixo e possante soou através da noite. A princípio, não o reconheci; mas ele soou doze vezes, e com o décimo segundo som colossal e toque vibrante, eu disse: “Estou à sombra da catedral de St. Paul”.

VI. LONDRES

O dia seguinte era primeiro de março, e, quando acordei, me levantei e abri as cortinas, vi o sol nascente lutando através do nevoeiro. Acima da minha cabeça, sobre o teto das casas, erguendo-se quase na altura das nuvens, vi uma massa solene, arredondada, azul-escura e indistinta — O DOMO. Enquanto eu olhava, meu eu interior se alterou; meu espírito sacudiu suas asas sempre acorrentadas e elas quase se soltaram; tive uma sensação súbita como se eu, que até então jamais vivera de verdade, estivesse finalmente prestes a saborear a vida. Naquela manhã, minha alma cresceu tão rapidamente quanto a planta de Jonas.

"Fiz bem em vir", eu disse, começando a me vestir com rapidez e cuidado. "Gosto do espírito desta grande Londres, que sinto ao meu redor. Quem, a não ser um covarde, passaria toda sua vida em vilarejos; e abandonaria para sempre suas faculdades à corrosão da obscuridade?"

Tendo-me vestido, desci; não estava desgastada e exausta pela viagem, mas bem-arrumada e descansada. Quando o garçom trouxe meu desjejum, dei um jeito de entabular conversa com ele de um modo tranquilo e, ao mesmo tempo, animado; conversamos por uns dez minutos, durante os quais ficamos conhecendo um ao outro.

Ele era um homem grisalho e idoso; e, ao que parecia, havia ocupado sua atual posição por vinte anos. Ao receber essa informação, tive certeza de que ele deveria lembrar-se de meus dois tios, Charles e Wilmot, que, quinze anos passados, eram visitantes frequentes do local. Mencionei seus nomes; ele se lembrava deles perfeitamente, e com respeito. Tendo informado meus relacionamentos, minha posição aos olhos do garçom estava definida e bem fundamentada. Ele me disse que eu me parecia com meu tio Charles: suponho que ele falasse a verdade, porque a Sra. Barrett

costumava dizer a mesma coisa. Uma cortesia imediata e obsequiosa substituiu então sua postura anterior, embaraçosamente duvidosa; a partir desse momento, eu não precisaria mais ficar confusa esperando uma resposta educada para uma pergunta razoável.

A janela da minha saleta se abria para uma rua estreita, perfeitamente tranquila, e que não era suja: os poucos passantes se pareciam com aqueles que são vistos nas cidadezinhas provincianas: aqui, nada era impressionante; tive a certeza de que poderia aventurar-me sozinha.

Tendo tomado o café da manhã, saí. Júbilo e prazer se encontravam em meu coração: caminhar sozinha em Londres parecia por si só uma aventura. Logo em seguida, eu me encontrei na Paternoster Row — um local clássico. Entrei em uma livraria, de propriedade de um Sr. Jones: comprei um livrinho; uma extravagância a que eu mal me podia dar o luxo; mas pensei que um dia eu poderia entregá-lo ou enviá-lo à Sra. Barrett. O Sr. Jones, um ressequido homem de negócios, estava atrás da sua escrivaninha: ele parecia um dos maiores dos mortais, e eu, um dos mais felizes.

Prodigiosa foi a quantidade de vida que vivi naquela manhã. Encontrando-me na frente da catedral, entrei; subi ao domo: de lá, vi Londres, com seu rio, e suas pontes, e suas igrejas; vi a antiga Westminster, e os verdejantes Temple Gardens, com o sol iluminando-os, e um céu alegre e azul de primavera recém-começada acima deles; e, entre eles, uma neblina não muito densa.

Após descer, saí andando para onde o acaso pudesse conduzir-me, ainda em um êxtase de liberdade e de satisfação; e cheguei, não sei como, ao coração da vida da cidade. Eu sentia e via Londres, finalmente: fui até o Strand; passei por Cornhill; misturei-me com a vida que passava; lancei-me nos perigos dos cruzamentos. Fazer isso, e fazer isso absolutamente sozinha, me proporcionou um prazer talvez irracional, mas real. Desde aqueles dias, eu vi o West End, os parques, as belas praças; mas eu amo o centro da cidade acima de tudo. Ele parece ser tão mais diligente: seus negócios, sua agitação, seu rumor são coisas, vistas e sons tão sérios. A cidade está ganhando o seu pão; o West End está apenas desfrutando de

seu prazer. No West End a pessoa pode se divertir, mas na cidade ela se sente profundamente cheia de vida.

Cansada, finalmente, e faminta (fazia anos que não sentia uma fome tão saudável), voltei, perto das duas horas, para minha escura, antiga e silenciosa estalagem. Meu jantar foi composto por dois pratos: um simples pedaço de carne e vegetais; ambos pareciam excelentes: muito melhores que as pequenas e delicadas refeições que a cozinheira da Srta. Marchmont costumava mandar para minha amável e falecida patroa e para mim; e para cujo consumo nós não conseguíamos trazer nem um apetite parcial! Deliciosamente cansada, recostei-me em três cadeiras durante uma hora (o quarto não dispunha de um sofá). Dormi, e então acordei e fiquei pensando por duas horas.

Meu estado de espírito e todas as circunstâncias que o acompanhavam eram então do tipo que mais favoreceria a adoção de uma linha de ação nova, decidida e ousada, talvez desesperada. Eu nada tinha a perder. Uma indizível aversão a uma existência anterior desolada desaconselhava o retorno. Se eu falhasse naquilo a que me propunha agora fazer, quem, a não ser eu mesma, iria sofrer? Se eu morresse longe — de casa, eu estava a ponto de dizer, mas eu não tinha casa — da Inglaterra, quem iria então se lamentar?

Eu poderia sofrer, estava habituada ao sofrimento: a própria morte não representava para mim aqueles terrores com os quais ela aterrorizava as pessoas delicadas. Eu tinha, antes daquele momento, encarado a ideia da morte com olhos tranquilos. Preparada, então, para quaisquer consequências, estabeleci um plano.

No fim daquela tarde obtive do meu amigo, o garçom, informações a respeito da partida de navios para certo porto continental, Boue-Marine. Descobri que não havia tempo a perder: naquela mesma noite deveria embarcar. Eu poderia, na verdade, ter esperado até amanhecer antes de subir a bordo, mas não queria correr o risco de chegar tarde demais.

— É melhor pegar sua cabine imediatamente, senhora — aconselhou o garçom. Concordei com ele e, tendo quitado minha conta, e reconhecido o auxílio do meu amigo com uma gorjeta que agora sei que era régia e que

aos olhos dele deve ter parecido absurda (e, de fato, enquanto guardava o dinheiro, ele deu um leve sorriso que indicava sua opinião a respeito do *savoir-faire* [1] da doadora), ele foi chamar uma diligência. Ele também me recomendou ao cocheiro, dando ao mesmo tempo uma ordem a respeito de me levar, acho, ao desembarcadouro, e não me deixar nas mãos dos barqueiros, o que esse trabalhador prometeu seguir à risca, mas falhou na hora de cumprir. Pelo contrário, ele me ofereceu como uma oblação, serviu-me como um assado suculento, fazendo com que eu descesse da diligência no meio de uma multidão de barqueiros.

Esse foi um momento de desconforto. Era uma noite escura. O cocheiro imediatamente partiu, assim que recebeu seu pagamento: os barqueiros começaram a brigar por minha causa e por minha bagagem. Neste momento ouço seu praguejar: eles abalaram minha filosofia mais do que a noite, ou o isolamento ou a estranheza da cena o fizeram. Um se apoderou da minha bagagem. Observei e esperei em silêncio; mas, quando outro pôs as mãos em mim, protestei com veemência, repeli o contato, entrei na mesma hora em um barco e exigi com severidade que a bagagem fosse colocada ao meu lado — "Bem ali" — o que foi feito rápido; pois o dono do barco que eu havia escolhido se transformou na hora em um aliado: com suas remadas, fui levada dali.

Negro era o rio, como uma torrente de tinta; luzes se refletiam nele vindas dos inúmeros edifícios nas proximidades, navios se balançavam em seu regaço. Eu fui levada a diversos navios; lia, à luz da lanterna, seus nomes pintados em grandes letras brancas sobre fundo preto. *O Oceano* , *A Fênix* , *O Consorte* e *O Delfim* passaram cada um a sua vez; mas *O Vívido* era o meu navio, e ele parecia estar ancorado mais adiante.

Pela correnteza negra nós deslizamos; pensei no Estige, e em Caronte transportando uma alma solitária até a Terra das Sombras. Em meio a essa estranha cena, com um vento frio soprando no meu rosto e as nuvens noturnas derramando chuva em cima da minha cabeça, tendo como companhia dois rudes remadores cujo praguejar insano ainda torturava meus ouvidos, eu me perguntei se estava infeliz ou apavorada. Não estava sentindo nenhuma das duas coisas. Frequentemente na minha vida já as

senti em circunstâncias comparavelmente seguras. “Como assim?”, disse para mim mesma. “Parece-me que estou animada e alerta, em vez de estar deprimida e apreensiva?” Eu não conseguia dizer qual era a sensação.

O Vívido se destacou, branco e ofuscante na noite escura, finalmente.

— A senhora chegou — disse o barqueiro, e na mesma hora pediu seis xelins.

— O senhor está cobrando demais — eu disse. Ele se afastou do navio e jurou que não me embarcaria até que eu o pagasse. Um jovem, o criado de bordo, como eu descobri posteriormente, estava olhando sobre a amurada do navio; ele deu um sorriso irônico, antecipando a briga vindoura; para desapontá-lo, eu paguei. Três vezes naquela tarde eu havia dado coroas quando teria de ter dado xelins; mas me consolei com a reflexão “É o preço da experiência.”

— Eles enganaram a senhora! — disse o criado, exultante, quando subi a bordo. Eu respondi impassível que “eu sabia”, e desci.

Uma mulher robusta, bela e vistosa, estava na sala das senhoras. Eu pedi para que ela me mostrasse meu leito; ela me olhou com ar severo, resmungou alguma coisa a respeito de ser pouco comum para os passageiros estarem a bordo naquela hora, e parecia disposta a ser menos que educada. Que face era a dela: tão agradável, tão insolente e tão egoísta!

— Já que estou a bordo, certamente ficarei aqui — foi minha resposta. — Eu vou incomodá-la pedindo-lhe que me mostre meu leito.

Ela concordou, carrancuda. Tirei minha touca, arrumei meus pertences e me deitei. Algumas dificuldades haviam sido vencidas; um tipo de vitória havia sido alcançado: minha mente, desprovida de lar, de âncora e de apoio, tinha mais uma vez tempo livre para um breve descanso. Até que o “Vívido” chegasse ao porto, nenhuma outra ação seria esperada da minha parte; mas então… Oh, eu não tinha condição de pensar no futuro. Perturbada e exausta, fiquei deitada em um tipo de inquietude.

A criada de bordo falou a noite toda; não comigo, mas com o jovem criado, filho dela e o retrato dela. Ele entrou na cabine e saiu continuamente: discutiram, brigaram, fizeram as pazes vinte vezes durante

a noite. Ela declarou estar escrevendo uma carta para casa; disse que era para o pai dela; leu trechos da carta em voz alta, julgando-me não mais que uma tola; talvez ela acreditasse que eu tinha adormecido. Muitos desses trechos pareciam envolver segredos de família, fazendo referência especial a uma "Charlotte", irmã mais jovem que, a julgar pelo conteúdo da missiva, parecia estar prestes a concretizar uma união romântica e incauta; veemente foi o protesto dessa senhora mais velha contra a detestável união. O devotado filho riu com desprezo da carta da mãe. Ela a defendeu e ficou furiosa com ele. Eles formavam uma estranha dupla. Ela deveria ter trinta e nove ou quarenta anos, e era alegre e vigorosa como uma menina de vinte. Ríspidos, barulhentos, fúteis e vulgares, a mente e o corpo de ambos pareciam desavergonhados e indestrutíveis. Devo acreditar que, na infância, ela deve ter vivido em locais públicos; e na juventude, provavelmente, deve ter sido uma empregada de botequim.

De madrugada, a fala dela se voltou para um novo tema: "os Watsons", uma família de passageiros que era esperada; conhecidos dela, ao que parecia, e muito estimados por ela devido aos bons lucros alcançados com as gorjetas deles. Ela disse que "praticamente recebia uma pequena fortuna quando essa família viajava".

Perto do amanhecer, todos estavam agitados, e quando o sol nasceu os passageiros subiram a bordo. Ruidosa foi a acolhida dada pela criada aos "Watson", e grande o rumor feito em honra deles. Eles eram um grupo de quatro pessoas, dois homens e duas mulheres. Além deles, havia apenas mais uma passageira — uma jovem, que um homem com aspecto de cavalheiro, embora com olhar lânguido, acompanhava. Os dois grupos ofereciam um nítido contraste. Os Watsons eram, sem dúvida, pessoas ricas, pois eles tinham em seu porte a confiança proporcionada pela consciência da riqueza; as mulheres, ambas jovens, e uma muito bonita, no que concerne à beleza física, estavam luxuosamente vestidas, com roupas alegres e absurdamente em desacordo com as circunstâncias. Suas toucas com flores coloridas, seus casacos de veludo e vestidos de seda pareciam mais adequados para um parque ou um passeio que para o úmido convés de um paquete. Os homens eram baixos, comuns, gordos e vulgares; o

mais velho e mais comum, mais ensebado e mais gordo, logo descobri que era o marido (o noivo, eu suponho, pois ela era muito nova) da moça bonita. Grande foi meu espanto ao descobrir isso; e ainda maior quando percebi que, ao invés de estar desesperadamente infeliz com tal união, ela estava feliz a ponto de ser leviana. “A risada dela”, refleti, “deve ser o mero frenesi do desespero”. E no próprio instante em que esse pensamento estava passando pela minha mente, estando eu quieta e debruçada sozinha na amurada do navio, ela veio tropeçando na minha direção, uma completa estranha, com uma cadeira dobrável nas mãos, e com um sorriso cuja frivolidade me deixou perplexa e sobressaltada, embora mostrasse belos dentes perfeitos, ofereceu-me a comodidade daquela peça de mobília. Eu recusei, naturalmente, com toda a cortesia que fui capaz de colocar em minhas maneiras; ela foi embora com passos ligeiros, descuidada e ágil. Deveria ter uma boa índole, mas o que a havia levado a se casar com aquela criatura, que no mínimo se parecia mais com um barril de óleo que com um homem?

A outra passageira, que estava acompanhada pelo cavalheiro, era ainda uma mocinha, bonita e clara: seu simples vestido de tecido estampado, a touca de palha sem acabamentos e o grande xale, usado com graça, formavam uma indumentária tão simples quanto a de um quacre: contudo, para ela, ficava muito bem. Antes de o cavalheiro deixá-la, eu o observei lançando um olhar de escrutínio sobre todos os passageiros, como se para se certificar em que companhia sua pupila seria deixada. Com um ar bastante insatisfeito, seus olhos se desviaram das damas com as flores coloridas; ele me olhou, e então falou com sua filha, ou sobrinha, ou o que ela fosse: ela também lançou um olhar na minha direção, e curvou ligeiramente os lábios pequenos e bonitos. Poderia ser minha pessoa, ou poderia ser meu caseiro vestido de luto, que suscitou essa demonstração de desprezo; com mais certeza, ambos. Um sino tocou; seu pai (posteriormente descobri que era pai dela) beijou-a, e voltou a terra. O paquete zarpou.

Os estrangeiros dizem que se pode confiar somente nas meninas inglesas para viajar sozinhas, e profundo é o espanto deles em relação à

ousada confiança de pais e de guardiães ingleses. Quanto às "jeunes [2] Misses", alguns dizem que seu arrojo é acentuadamente masculino e "inconvenant"; [3] outros as veem como vítimas passivas de um sistema educacional e teológico que descuidadamente abre mão de uma "supervisão" adequada. Se essa jovem em particular era do tipo que pode ser com toda a segurança deixada sem supervisão, eu não sei; ou melhor, não sabia *então* ; mas logo ficou aparente que a dignidade da solidão não era do gosto dela. Ela caminhou pelo convés uma ou duas vezes, de um lado para o outro; olhou com um arzinho de amargo desdém para as chamativas sedas e veludos e para os rudes sujeitos que as tratavam com solicitude, e finalmente se aproximou de mim e se manifestou.

— A senhorita gosta de viagens marítimas? — foi a sua pergunta.

Expliquei que meu *gosto* por viagens marítimas ainda tinha de passar pelo teste da experiência; eu nunca tinha feito uma viagem desse tipo.

— Oh, que delicioso! — exclamou ela. — Eu a invejo muito por essa novidade: as primeiras impressões, a senhorita sabe, são tão agradáveis! Eu já fiz tantas viagens que já me esqueci da primeira: eu me sinto blasée [4] em relação ao mar e a tudo isso.

Eu não pude deixar de sorrir.

— Por que a senhorita está rindo de mim? — perguntou ela, com uma petulância franca que me agradou mais que sua fala anterior.

— Porque a senhorita é muito jovem para se sentir blasée a respeito de qualquer coisa.

— Eu tenho dezessete anos (um pouco irritada).

— A senhorita mal aparenta dezesseis. A senhorita gosta de viajar sozinha?

— Hm! Eu não me importo nem um pouco com isso. Já cruzei o Canal sozinha dez vezes; mas dou um jeito para nunca ficar sozinha: sempre faço amigos.

— A senhorita não vai fazer muitos amigos nesta viagem, creio (lançando um olhar para o grupo dos Watson, que estavam então rindo e fazendo muito barulho no convés).

— Não com esses homens e mulheres odiosos — disse ela. — Tais pessoas deveriam ser passageiros de segunda classe. A senhorita está indo para a escola?

— Não.

— Para onde a senhorita está indo?

— Não faço a menor ideia — pelo menos, não além do porto de Boue-Marine.

Ela me encarou, e então continuou a falar, despreocupada:

— Eu estou indo para a escola. Oh, a quantidade de escolas estrangeiras que já frequentei em minha vida! E, no entanto, sou bem ignorante. Não sei nada… nada neste mundo… posso garantir-lhe; a não ser que toco e danço muito bem; e francês e alemão, é claro, eu sei falar; mas não consigo ler ou escrever muito bem. A senhorita sabe, um dia destes queriam que eu traduzisse para o inglês uma página de um livro simples em alemão, e eu não consegui fazer isso. Papai ficou tão mortificado: ele diz que é como se M. de Bassompierre (meu padrinho, que paga todas as minhas contas da escola) estivesse jogando fora todo o seu dinheiro. E então, quanto a conhecimento… história, geografia, aritmética, e todo o resto, eu sou um bebê; e escrevo inglês tão mal… "mas que ortografia e gramática", é o que eles me dizem. Além do mais, eu praticamente esqueci minha religião; eles dizem que sou protestante, sabe, mas realmente eu não sei se sou ou não: não sei muito bem a diferença entre romanismo e protestantismo. Porém, não me importo nem um pouco com isso. Certa época, eu fui luterana, em Bonn… querida Bonn…! Encantadora Bonn…! Onde havia tantos estudantes tão belos. Todas as meninas bonitas em nossa escola tinham um admirador; eles sabiam a hora em que fazíamos nossos passeios, e quase sempre passavam por nós na promenade: [5] "*Schönes Mädchen* ", [6] nós costumávamos ouvi-los dizer. Eu era feliz demais em Bonn!

— E onde a senhorita está agora? — perguntei.

— Oh! Na… chose [7] — disse ela.

Nessas circunstâncias, a Srta. Ginevra Fanshawe (tal era o nome dessa jovem) somente usou a palavra "chose" por ter temporariamente

esquecido o nome verdadeiro. Era um costume que ela tinha: “chose” surgia a todo momento em sua conversa, um conveniente substituto para qualquer palavra esquecida em qualquer língua que ela pudesse estar falando no momento. Meninas francesas fazem isso sempre; com elas Ginevra havia adquirido o costume. Entretanto, eu descobri que “chose”, nesse caso, substituía Villette — a grande capital do grande reino de Labassecour.

— A senhorita gosta de Villette? — perguntei.

— Gosto. Os nativos, a senhorita sabe, são imensamente estúpidos e vulgares; mas lá há algumas boas famílias inglesas.

— A senhorita frequenta uma escola?

— Sim.

— Uma boa escola?

— Oh, não!, um horror: mas eu saio todos os domingos, e não me importo nem um pouco com as maîtresses [8] ou com os professeurs, [9] ou com as élèves, [10] e mando as lições au diable [11] (ninguém ousaria dizer isso em inglês, a senhorita sabe, mas soa tão bem em francês); e assim eu vou vivendo de um modo encantador… A senhorita está rindo de mim de novo?

— Não. Eu estou somente sorrindo dos meus próprios pensamentos.

— E quais são eles? (Sem esperar resposta) Então, *diga-me* para onde a senhorita está indo.

— Para onde o Destino me levar. Eu tenho de ganhar a vida onde eu consiga emprego.

— Ganhar a vida! (Com um tom consternado) Então a senhorita é pobre?

— Tão pobre quanto Jó.

Depois de uma pausa:

— Bah! Que desagradável! Mas eu sei o que é ser pobre: eles são pobres demais em casa… papai e mamãe e todos eles. Papai se chama Capitão Fanshawe; ele é um oficial, não está na ativa, mas tem boa ascendência, e alguns de nossos parentes são bastante importantes; mas meu tio e padrinho de Bassompierre, que mora na França, é o único que

nos ajuda: ele dá educação para nós, meninas. Eu tenho cinco irmãs e três irmãos. Com o tempo, nós temos de nos casar — com cavalheiros bem idosos, suponho, com dinheiro: papai e mamãe dão um jeito nisso. Minha irmã Augusta está casada agora com um homem que parece ser muito mais velho que papai. Augusta é muito bonita… não parecida comigo… é morena; seu marido, o Sr. Davies, teve a febre amarela na Índia, e ele ainda tem a cor das moedas de um guinéu; mas ele é rico, e Augusta tem sua carruagem e sua vida arranjada, e nós todos achamos que ela se deu muito bem. Então, isso é melhor que "ganhar a vida", como a senhorita diz. Por falar nisso, a senhorita é inteligente?

— Não… de jeito nenhum.

— A senhorita sabe tocar, cantar, falar três ou quatro línguas?

— De jeito nenhum.

— Mesmo assim, eu acho que a senhorita é inteligente (uma pausa e um bocejo). A senhorita vai sentir enjoos?

— E a senhorita?

— Oh, demais! Assim que nós virmos o mar: na verdade, já começo a senti-los. Eu preciso ir lá para baixo; e não vou ficar dando ordens para aquela criada de bordo gorda e odiosa! Heureusement je sais faire aller mon monde. [12] — E ela desceu.

Não se passou muito tempo antes que os demais passageiros a seguissem: durante a tarde, permaneci sozinha no convés. Quando recordo o estado de espírito tranquilo, e mesmo alegre, com que passei aquelas horas, e lembro, ao mesmo tempo, a situação em que me encontrava, sua natureza arriscada (algumas pessoas diriam desesperada) sinto que, como

> "Muros não fazem uma prisão,
> nem grades — um grilhão"

então o perigo, a solidão e um futuro incerto não são males opressivos, desde que o físico seja saudável e as faculdades mentais estejam empregadas; desde que, sobretudo, a Liberdade nos empreste suas asas e a Esperança nos guie com sua estrela.

Eu só me senti mal muito tempo depois de termos passado por Margate, e profundo era o prazer com que eu inspirava a brisa marinha; divino o deleite que eu extraía das balouçantes ondas do Canal, das aves marinhas sobre as cristas das ondas, das velas brancas em sua distância sombria, do céu tranquilo, embora coberto de nuvens, pairando acima de tudo. Em meu devaneio, me parecia ver o continente europeu, como uma ampla terra de sonhos, muito distante. A luz do sol brilhava sobre ele, transformando a longa costa em uma linha dourada; ligeiros traços de cidadezinhas amontoadas e torres brilhando com a neve, de bosques compactos, de alturas pontiagudas, de pastagens planas e cursos d'água semelhantes a veias punham em relevo o panorama que tinha o brilho do metal. Como pano de fundo, se estendia o céu, solene e de um azul escuro; e, majestoso com uma promessa imperial, doce com suas cores de encantamento, se estendia de norte a sul um arco nas nuvens estabelecido por Deus, um arco de esperança.

Apague tudo isso, por favor, leitor; ou melhor, deixe-o ficar, e tire disso uma lição de moral; um texto aliterante para ser copiado diversas vezes:

> Devaneios diurnos são delírios do demônio.

Sentindo-me excessivamente enjoada, cambaleei até o meu leito.

O leito da Srta. Fanshawe casualmente ficava ao lado do meu; e, sinto muito dizer, ela me atormentou com um egoísmo impiedoso durante todo o tempo que durou nosso desconforto mútuo. Nada poderia exceder sua impaciência e agitação. Os Watsons, que também estavam passando muito mal, e a quem a criada de bordo atendia com uma parcialidade desavergonhada, eram estoicos comparados com a Srta. Fanshawe. Muitas vezes, desde aquela ocasião, eu tenho percebido, em pessoas com o temperamento frívolo e negligente, e o tipo de beleza diáfana e frágil de Ginevra Fanshawe, uma completa incapacidade de resistência: elas parecem azedar na adversidade, assim como a cerveja ordinária durante a tempestade; o homem que toma esse tipo de mulher como esposa deve

estar preparado para garantir-lhe uma existência como um mar de rosas. Indignada, finalmente, com sua incômoda rabugice, solicitei-lhe abruptamente que "mantivesse a boca fechada". A censura lhe fez bem, e foi possível observar que ela não me quis mal por causa disso.

À medida que a noite escura avançava, o mar ficou mais bravio: ondas maiores batiam contra a amurada da embarcação. Era estranho pensar que a escuridão e a água estavam ao nosso redor, e sentir o navio indo diretamente por seu caminho sem trilhas, apesar do barulho, das ondas e da tempestade crescente. Partes da mobília começaram a cair, e foi necessário amarrá-las em seus lugares; os passageiros ficaram ainda mais enjoados; a Srta. Fanshawe declarou, aos gemidos, que ia morrer.

— Ainda não, querida — disse a criada de bordo. — Estamos chegando ao porto. — E, realmente, em mais um quarto de hora a calma desceu sobre nós; e perto da meia-noite a viagem chegou ao fim.

Eu me sentia pesarosa: sim, pesarosa. Meu período de descanso se acabara; minhas dificuldades (minhas dificuldades prementes) recomeçaram. Quando fui para o convés, o ar frio e a sombria carranca da noite pareciam censurar-me por minha presunção em estar onde eu estava: as luzes da cidade portuária estrangeira, luzindo ao redor do ancoradouro estrangeiro, me receberam como inúmeros olhos ameaçadores. Amigos vieram a bordo recepcionar os Watsons; uma família inteira rodeou e levou embora a Srta. Fanshawe; eu… mas eu não ouso nem por um momento me deter na comparação de nossas posições.

Contudo, para onde eu iria? Eu precisava ir para algum lugar. A necessidade não ousa ser agradável. Enquanto eu dava o dinheiro à criada de bordo (e ela pareceu surpreendida ao receber uma moeda de maior valor do que, dada sua proveniência, seus cálculos grosseiros provavelmente haviam imaginado) eu disse:

— Faça a gentileza de me indicar uma estalagem quieta e respeitável, onde eu possa passar a noite.

Ela não apenas me deu a indicação solicitada, mas chamou um mensageiro e pediu-lhe que se encarregasse de mim, e *não* da minha bagagem, pois esta havia ido para a alfândega.

Eu segui esse homem ao longo de uma rua mal pavimentada, iluminada então por um incerto raio de luar; ele me levou até a estalagem. Eu lhe ofereci seis *pence* , que ele se recusou a aceitar; supondo que fosse insuficiente, troquei por um xelim; mas esse também ele recusou, falando de modo bastante rude, em uma língua que eu não conhecia. Um garçom, se aproximando pelo corredor da estalagem, iluminado por um candeeiro, me relembrou, em um inglês estropiado, que meu dinheiro era moeda estrangeira, sem valor no local. Eu lhe dei um soberano para trocar. Tendo resolvido esse probleminha, solicitei um quarto; ceia eu não conseguiria comer: ainda estava enjoada e debilitada, com o corpo todo tremendo. Quão profundamente feliz me senti quando a porta de um quarto muito pequeno finalmente se fechou atrás de minhas costas e minha exaustão. Uma vez mais, eu poderia descansar: embora a sombra da dúvida pudesse ser amanhã tão densa quanto sempre; a necessidade de empenho, mais urgente, o perigo (da penúria), mais próximo, a luta (pela existência), mais severa.

VII. VILLETTE

Eu acordei na manhã seguinte com a coragem revivescida e o estado de espírito revigorado: a fraqueza física não debilitava mais meu julgamento; minha mente estava diligente e lúcida.

Assim que acabei de me vestir, ouvi baterem à porta: eu disse “Entre”, supondo que fosse a camareira; porém, um homem grosseiro entrou e disse:

— Me dê seus chaves, Senhorrita.

— Por quê? — perguntei.

— Me dê! — disse ele, impaciente; e, enquanto praticamente as arrancava da minha mão, ele acrescentou — Certo! A senhorrita vai receber seu bagagem logo.

Felizmente, tudo de fato deu certo: ele trabalhava na alfândega. Eu não sabia aonde poderia ir para tomar café da manhã; mas comecei, não sem um pouco de hesitação, a descer.

Observei, então, o que não tinha percebido por causa do meu cansaço extremo a noite passada, a saber: que a estalagem era, na verdade, um grande hotel; e enquanto eu descia lentamente as escadas, parando em cada degrau (pois eu estava incrivelmente sem pressa de chegar lá embaixo), olhei o alto teto acima de mim, as paredes pintadas ao meu redor, as amplas janelas que enchiam o prédio de luz, o mármore estriado em que eu pisava (pois os degraus eram todos de mármore, embora sem carpete e não muito limpos); e, contrastando tudo isso com as dimensões do pequeno cômodo que me fora designado como quarto, com a extrema modéstia da sua mobília, eu me entreguei a um estado de espírito filosofante.

Muito me espantei com a sagacidade mostrada pelos garçons e camareiras ao indicar a acomodação ao hóspede. Como os empregados da estalagem e os criados de bordo, em todos os lugares, tinham condição de, com um só olhar, dizer que eu, por exemplo, era uma criatura sem a menor importância na sociedade, que não carregava muito dinheiro? Eles *sabiam* disso, evidentemente; percebi muito bem que todos eles, em um cálculo instantâneo, me atribuíram o mesmo valor insignificante. O fato me pareceu curioso e cheio de significado: eu não tentaria disfarçar para mim mesma o que ele indicava; contudo, consegui manter meu estado de espírito bastante animado sob a pressão dele.

Tendo por fim chegado a um grande salão, profusamente iluminado pela luz do sol, de algum modo consegui encontrar meu caminho para o cômodo que, no fim das contas, percebi que era a sala para tomar café da manhã. Não se pode negar que, ao entrar nesse cômodo, eu estivesse um pouco trêmula; me sentisse insegura, solitária, infeliz, desejando de todo o coração saber se o que eu estava fazendo era certo ou errado; sentia-me convencida de que era errado, mas não conseguia evitar. Agindo com a têmpera e a calma de um fatalista, sentei-me a uma mesa pequena, na qual logo em seguida o garçom colocou o café da manhã; e eu fiz a refeição em um estado de espírito que não era muito propenso a facilitar a digestão. Havia muitas outras pessoas tomando café em outras mesas naquele cômodo; me teria sentido bem mais feliz se, entre elas, tivesse conseguido ver alguma mulher; entretanto, não havia nenhuma: todos os presentes eram homens. Porém, ninguém pareceu pensar que eu estivesse fazendo algo estranho; um ou dois cavalheiros lançaram um olhar rápido na minha direção ocasionalmente, mas nenhum ficou me encarando de modo indiscreto: suponho que, se houvesse algo inusitado em toda a situação, eles a justificariam com a palavra “Anglaise!”. [1]

Tendo terminado o café da manhã, eu deveria colocar-me em movimento de novo; e em qual direção? “Vá para Villette”, disse uma voz interior, incentivada com certeza pela trivial frase dita num tom indiferente e casual pela Srta. Fanshawe, enquanto ela se despedia de mim:

— Gostaria que a senhorita fosse falar com Madame Beck; ela tem uns marmots [2] de quem a senhorita poderia cuidar; ela precisa de uma gouvernante [3] inglesa, ou estava precisando de uma, dois meses atrás.

Quem era Madame Beck, onde ela morava, eu não sabia; havia perguntado, mas a questão passara despercebida: a Srta. Fanshawe, ao ser rapidamente levada por seus amigos, deixou-a sem resposta. Supus que Villette fosse onde ela morava; e até Villette eu iria. A distância era de uns 64 quilômetros. Eu sabia que estava tentando agarrar uma tábua de salvação; mas, nas vastas e convulsivas profundezas em que me encontrava, me teria agarrado a teias de aranha. Após fazer perguntas a respeito de como chegar a Villette, e garantir um lugar na diligência, parti tendo como arrimo esse esboço, essa sombra de um projeto. Antes que você faça algum comentário a respeito da imprudência desse procedimento, leitor, olhe em retrospectiva para o ponto do qual parti; considere o deserto que eu havia deixado para trás, observe quão pouco eu me arriscara: o meu era um jogo em que o jogador não pode perder, e tem condição de ganhar.

Nego que eu tenha um temperamento artístico; contudo, devo ter algo da capacidade de um artista de tirar o máximo proveito do prazer presente: quer dizer, quando ele se enquadra em meus gostos. Eu desfrutei daquele dia, embora viajássemos lentamente, embora fizesse frio, embora chovesse. Um pouco despojado, plano e sem árvores era o caminho pelo qual viajávamos; canais lodacentos se arrastavam como cobras verdes semiadormecidas ao longo da estrada; e salgueiros podados margeavam campos na mesma altura da estrada, cultivados como se fossem canteiros de uma horta. O céu também era de um monótono tom cinzento; a atmosfera era estagnada e úmida; contudo, em meio a todas essas influências entorpecentes, minha fantasia brotava viçosa e meu coração se aquecia à luz do sol. Tais sentimentos, entretanto, foram muito bem contidos pela consciência incessante da ansiedade oculta por trás da diversão, como um tigre agachado em uma selva. A respiração dessa fera predadora estava constantemente em meus ouvidos; seu coração feroz batia muito perto do meu; ele não fez um só movimento no seu covil, mas

eu o sentia: sabia que ele aguardava apenas o pôr do sol para saltar feroz da sua emboscada.

Eu tinha esperança de que chegássemos a Villette antes que a noite caísse, e que assim eu pudesse escapar do profundo constrangimento que a escuridão parece colocar sobre nossa primeira chegada a um local desconhecido; mas, por causa do nosso lento avanço e das longas paradas, por causa de um compacto nevoeiro, por causa de uma chuva miúda e densa, uma escuridão, que quase podia ser tocada, havia se instalado sobre a cidade quando nós nos aproximamos de seus arredores.

Sei que passamos por um portão onde soldados estavam instalados; foi tudo que pude ver à luz do lampião; então, tendo deixado atrás de nós a lamacenta chaussée, [4] nós sacolejamos sobre uma superfície com um calçamento estranhamente áspero e pedregoso. Em um bureau, [5] a diligência parou, e os passageiros desceram. Minha primeira providência foi pegar minha bagagem; um assunto de pouca monta, mas importante para mim. Sabendo que era melhor não ser importuna ou ficar muito ansiosa a respeito da bagagem, mas esperar e observar silenciosamente a entrega de outras malas até ver a minha, e então imediatamente reclamá-la e pegá-la, fiquei de lado; meus olhos fixos naquela parte do veículo na qual eu havia visto meu pequeno portmanteau [6] colocado em segurança, e sobre o qual pilhas de malas e de caixas adicionais estavam então amontoadas. Uma a uma, eu as vi sendo removidas, colocadas no chão e apanhadas. Tinha certeza de que minha bagagem estaria, nesse momento, visível: não estava. Eu havia amarrado o cartão de identificação com uma fita verde, para poder reconhecê-lo na hora: nem um farrapo ou fragmento verde era perceptível. Toda a bagagem havia sido removida; todas as caixas de metal e todos os pacotes de papel pardo; a cobertura de linóleo foi tirada; vi perfeitamente que nem uma sombrinha, casaco, bengala, caixa de chapéu ou caixa de papelão havia ficado para trás.

E meu portmanteau, com minhas poucas roupas e o pequeno caderno de apontamentos que continha o que restava de minhas quinze libras, onde estavam eles?

Faço essa pergunta agora, mas não tinha condição de fazê-la então. Eu não conseguia dizer uma só palavra, não dominando uma frase de francês *falado* : e era em francês, e apenas francês, que o mundo inteiro parecia então estar tagarelando ao meu redor. *O que* eu deveria fazer? Aproximando-me do condutor, apenas toquei o braço dele com a mão, apontei para uma mala, e então para o topo da diligência, e tentei fazer uma pergunta com os olhos. Ele não me compreendeu, pegou a mala indicada e estava a ponto de colocá-la no alto do veículo.

— Solte-a, sim? — disse uma voz em bom inglês, e então, se corrigindo. — Qu'est-ce que vous faîtes donc? Cette malle est à moi. [7]

Mas eu havia ouvido os sons da Pátria; eles rejubilaram meu coração; eu me voltei:

— Senhor — disse eu, fazendo um apelo ao desconhecido, sem, em minha perturbação, reparar quem ele era. — Eu não sei falar francês. Posso pedir-lhe que pergunte a este homem o que ele fez com minha mala?

Sem perceber, momentaneamente, a que tipo de face os meus olhos se voltavam, e na qual eles se fixavam, senti em sua expressão um pouco de surpresa com meu apelo, e certa dúvida em relação à conveniência de interferir.

— *Por favor* , pergunte-lhe; eu faria o mesmo pelo senhor — disse eu.

Não sei se ele sorriu, mas disse no tom de voz de um cavalheiro; quer dizer, um tom de voz que não era nem ríspido nem assustador:

— Que tipo de mala era a sua?

Eu a descrevi, incluindo na descrição a fita verde. E imediatamente ele se encarregou do condutor, e eu percebi, durante a tempestade de francês que se seguiu, que ele o interrogou minuciosamente. Em seguida, voltou-se para mim:

— O homem declara que ele estava sobrecarregado, e confessa que retirou sua bagagem depois que a senhorita a viu guardada, e a deixou para trás, lá em Boue-Marine, com outros pacotes; ele prometeu, entretanto, despachá-la amanhã; depois de amanhã, portanto, a senhorita a encontrará a salvo neste bureau.

— Obrigada — disse eu, mas meu coração se entristeceu.

Nesse ínterim, o que eu poderia fazer? Talvez o cavalheiro inglês visse a falta de coragem em minha face; ele me perguntou, gentilmente:

— A senhorita tem amigos nesta cidade?

— Não, e não sei para onde ir.

Uma pequena pausa se seguiu, durante a qual, enquanto ele se voltava e ficava sob o clarão da luz de um candeeiro acima dele, vi que era um homem jovem, distinto e belo; ele poderia ser um lorde, pelo que eu podia perceber: pensei que sua natureza o havia feito bom o suficiente para ser um príncipe. Seu rosto era muito agradável; ele parecia altivo, mas não arrogante, másculo, mas não autoritário. Eu estava me voltando, com a profunda consciência da total ausência de direito de obter mais ajuda de uma pessoa como ele.

— Todo seu dinheiro estava em sua mala? — ele me perguntou, detendo-me.

Quão grata eu me senti por poder responder a verdade:

— Não, eu tenho o suficiente na bolsa (pois eu tinha quase vinte francos) para me manter em uma estalagem sossegada até depois de amanhã; mas sou uma estranha aqui em Villette, e não conheço as ruas e as estalagens.

— Eu posso dar-lhe o endereço de uma estalagem como a senhorita deseja — disse ele. — E ela não fica longe: com minhas instruções, a senhorita a encontrará com facilidade.

Ele arrancou uma folha do seu caderno de apontamentos, escreveu umas poucas palavras e a deu para mim. Eu *realmente* o achei gentil; e quanto a não confiar nele, ou em seu conselho, ou em suas palavras, seria mais fácil eu não confiar na Bíblia. Havia bondade na sua fisionomia, e honra em seus olhos brilhantes.

— O caminho mais curto para a senhorita será seguir o boulevard [8] e cruzar o parque — continuou ele. — Mas, é muito tarde e está escuro demais para uma mulher passar sozinha pelo parque; eu a acompanharei até lá.

Ele foi andando, e eu o segui, através da escuridão e da chuvinha que nos encharcava. O boulevard estava completamente deserto, seu caminho lodacento, a água gotejando das árvores; o parque estava escuro como se fosse meia-noite. Em meio à dupla melancolia das árvores e da neblina, eu não conseguia ver meu guia; só tinha condição de seguir seus passos. Eu não sentia o menor medo: acredito que poderia seguir aqueles passos determinados, através da noite contínua, até o fim do mundo.

— Agora — disse ele, quando atravessamos o parque —, a senhorita irá por esta rua larga até chegar às escadas; dois lampiões vão mostrar-lhe onde elas se localizam: a senhorita irá descer essas escadas: uma rua mais estreita se encontra abaixo; seguindo-a, no fim dela a senhorita encontrará sua estalagem. Eles falam inglês lá, então, suas dificuldades praticamente se acabaram. Boa-noite.

— Boa-noite, senhor — disse eu. — Aceite meus mais sinceros agradecimentos. — E nos separamos.

A lembrança da sua face, a qual, tenho certeza, apresentava uma expressão que não era hostil à amizade; o som em meus ouvidos de sua voz, que testemunhava uma natureza cavaleiresca em relação aos necessitados e aos fracos, bem como aos jovens e belos, foram, para mim, um tipo de tônico durante muito tempo. Ele era um verdadeiro cavalheiro inglês.

Eu prossegui, indo rapidamente por uma rua e uma praça magníficas, ladeadas por imponentes mansões, e entre elas a grande silhueta de mais de uma construção imponente, que poderia ser um palácio ou uma igreja, eu não saberia dizer. Quando passei por um pórtico, dois homens de bigodes surgiram repentinamente por trás dos pilares; eles estavam fumando charutos: suas roupas indicavam uma pretensão ao *status* de cavalheiro, mas, pobres coitados!, a alma deles era muito plebeia. Eles falavam com insolência, e, por mais rápido que eu andasse, eles acompanharam meus passos por um bom tempo. Finalmente, me deparei com um tipo de patrulha, e meus temidos perseguidores tiveram de sair do meu encalço; mas eles me haviam feito perder o controle: quando consegui me recompor, não sabia mais onde estava; deveria ter passado

pela escada havia muito. Aturdida, sem fôlego, meu pulso latejando em uma inevitável agitação, não sabia para onde me voltar. Era terrível pensar em me deparar novamente com aqueles palermas barbudos e desdenhosos; contudo, o caminho deveria ser refeito, e a escada deveria ser procurada.

Finalmente cheguei a uns degraus velhos e desgastados, e, supondo que eles fossem a escada que me havia sido indicada, desci. A rua à qual eles conduziam era mesmo estreita, mas nela não havia nenhuma estalagem. Continuei a andar. Em uma rua quieta e relativamente limpa e bem calçada, vi uma luz brilhando sobre a porta de uma casa bastante grande, com um pavimento a mais que as outras ao redor. *Essa* poderia ser a estalagem, finalmente. Eu me apressei: meus joelhos tremiam; eu estava ficando bastante exausta.

A casa não era nenhuma estalagem. Uma placa de latão adornava a grande porte-cochère: [9] "Pensionnat de Demoiselles" [10] era a inscrição; e, sob ela, um nome, "Madame Beck".

Tive um sobressalto. Centenas de pensamentos cruzaram com rapidez a minha cabeça em um momento. Contudo, não planejei nada e não pensei em nada: eu não tinha tempo. A Providência disse: "Pare aqui; esta é *sua* estalagem". O destino me conduziu com suas mãos fortes; controlou meus desejos; direcionou minhas ações: toquei o sino.

Enquanto esperava, eu não iria fazer conjecturas. Olhei fixamente as pedras da rua, nas quais a luz da porta se refletia; e as contei e observei seus formatos, e o brilho da umidade em seus ângulos. Toquei de novo. Finalmente abriram. Uma bonne [11] com uma touca elegante ficou parada à minha frente.

— Posso falar com Madame Beck? — perguntei.

Acredito que se eu tivesse falado francês ela não me receberia; mas, como falei inglês, ela concluiu que eu era uma professora estrangeira vindo por negócios relacionados ao pensionato; e, mesmo àquela hora tardia, ela me deixou entrar, sem uma palavra de relutância ou um momento de hesitação.

No momento seguinte eu estava sentada em um salão frio e brilhante, com um aquecedor de porcelana apagado, ornamentos dourados e chão

polido. Um pêndulo sobre a cornija soou as nove horas.

Quinze minutos se passaram. Quão rápidas eram as pulsações em meu corpo! Como eu me sentia gelada, e queimando, alternadamente! Fiquei sentada com os olhos fixos na porta, uma grande porta de dobrar branca, com molduras douradas: fiquei olhando para ver se uma das folhas se movia e se abria. Tudo tinha permanecido em silêncio: ninguém havia soltado um pio; as portas brancas estavam fechadas e imóveis.

— A senhorrita é anglesa? — disse uma voz ao meu lado. Eu quase dei um salto, tão inesperado era o som; tão grande era a certeza da minha solidão.

Nenhum fantasma estava ao meu lado, tampouco algo com aparência espectral; apenas uma mulher baixinha com aparência maternal, usando um grande xale, um roupão, e uma touca de dormir asseada e bem feita.

Eu disse que era inglesa e, na mesma hora, sem maiores preâmbulos, nós travamos a mais assombrosa das conversas. Madame Beck (pois ela era Madame Beck) havia entrado por uma portinha atrás de mim e, como ela estava usando chinelos, eu não havia escutado nem sua entrada nem sua aproximação. Madame Beck havia exaurido seu comando da língua insular quando dissera "A senhorrita é anglesa?", e passou então a falar com muito empenho em sua própria língua. Eu respondi na minha. Ela me entendeu um pouco, mas como eu não a compreendia de jeito nenhum, e embora juntas nós fizéssemos um barulho medonho (até então eu não havia ouvido ou imaginado nada parecido com o poder de elocução de Madame Beck), alcançamos pouco progresso. Antes que muito tempo se passasse, ela tocou o sino chamando ajuda, que chegou sob a forma de uma "maîtresse", [12] que havia recebido parte da sua educação em um convento irlandês, e era considerada uma pessoa perfeitamente fluente na língua inglesa. Uma criaturinha calorosa era essa maîtresse — labassecourienne dos pés à cabeça: e como ela trucidava a língua de Albion! Entretanto, eu lhe contei uma história simples, que ela traduziu. Contei-lhe como havia partido do meu país, desejando aumentar meus conhecimentos e ganhar meu sustento; como eu estava pronta para me dedicar a qualquer tarefa útil, desde que não fosse errada ou degradante;

como seria ama de uma criança, ou dama de companhia de uma senhora; e não me recusaria nem a fazer trabalho doméstico compatível com minhas forças. Madame ouviu isso; e, consultando sua fisionomia, quase julguei que minha narrativa a conquistara:

— Il n'y a que les Anglaises pour ces sortes d'entreprises — disse ela. — Sont-elles donc intrépides ces femmes là! [13]

Ela me perguntou meu nome e minha idade; ficou sentada olhando-me, não com pena, não com interesse: jamais um lampejo de simpatia ou um pouco de compaixão passaram por sua fisionomia durante a entrevista. Senti que ela não seria o tipo de pessoa que seria movida um centímetro por seus sentimentos: séria e ponderada, ficou olhando, consultando sua opinião e analisando minha narrativa. Um sino soou.

— Voilà pour la prière du soir! [14] — disse ela, e se levantou. Por intermédio da intérprete, ela me solicitou que eu fosse embora então, e voltasse na manhã seguinte; mas isso não me agradava: eu não tinha condição de voltar aos perigos da escuridão e da rua. Enfática, mas com modos calmos e controlados, eu disse, dirigindo-me a ela pessoalmente, e não à maîtresse:

— Tenha a certeza, madame, de que, ao garantir agora mesmo meus serviços, seus interesses serão bem atendidos e não serão prejudicados: a senhora vai descobrir que sou uma pessoa que desejará, com seu trabalho, dar plena retribuição ao dinheiro que lhe é pago; e, se a senhora me contratar, é melhor que eu fique aqui esta noite: não tendo conhecidos em Villette, e sem ter comando do idioma do país, como posso arrumar alojamento?

— É verdade — disse ela. — Mas, a senhorita pode dar-me ao menos uma referência?

— Nenhuma.

Ela me perguntou onde estava minha bagagem; eu lhe disse quando deveria chegar. Ela ficou pensativa. Nesse instante, os passos de um homem se fizeram ouvir no vestíbulo, dirigindo-se apressadamente para a porta da rua. (Vou contar esta parte da minha história como se tivesse

compreendido tudo que se passou; pois, embora ela fosse então praticamente ininteligível para mim, posteriormente eu a ouvi traduzida.)

— Quem está saindo agora? — perguntou Madame Beck, ouvindo os passos.

— M. Paul — respondeu a professora. — Ele veio esta noite para dar uma aula para a primeira turma.

— Exatamente a pessoa que eu mais gostaria de ver agora. Chame-o.

A professora correu para a porta do salon. [15] M. Paul foi convocado. Ele entrou: um homem pequeno, moreno e magro, de óculos.

— Mon cousin [16] — começou Madame —, eu quero sua opinião. Nós conhecemos sua habilidade para avaliar fisionomias; use-a agora. Avalie esse rosto.

O homenzinho fixou em mim seus óculos: lábios decididamente comprimidos e o cenho franzido pareciam dizer que ele desejava ver através de mim, e que um véu não seria um véu para ele.

— Eu a avaliei — afirmou ele.

— Et qu'en dites vous? [17]

— Mais… bien des choses [18] — foi a resposta oracular.

— Ruins ou boas?

— Dos dois tipos, sem dúvida — prosseguiu o profeta.

— É possível confiar no que ela diz?

— Você está decidindo uma questão importante?

— Ela deseja que eu a contrate como *bonne* ou *gouvernante* ; ela me conta uma história de muita integridade, mas não me dá referências.

— Ela é desconhecida?

— Uma inglesa, como dá para perceber.

— Ela fala francês?

— Nem uma palavra.

— Ela o entende?

— Não.

— É possível então falar francamente na presença dela?

— Sem dúvida.

Ele olhou fixamente.

— Você precisa dos serviços dela?

— Eles poderiam ser úteis. Você sabe que não estou contente com Madame Svini.

Ele continuava com seu exame minucioso. O julgamento, quando finalmente foi pronunciado, era tão indefinido quanto o que havia ocorrido antes dele.

— Contrate-a. Se o bem predomina nessa natureza, a ação acarretará sua própria recompensa; se o mal… eh bien! ma cousine, ce sera toujours une bonne oeuvre. [19] — E com uma mesura e um "bon soir", [20] esse indefinido árbitro do meu destino desapareceu. E Madame realmente me contratou naquela mesma noite; graças a Deus eu fui poupada da necessidade de tornar a sair para a rua solitária, triste e hostil.

VIII. MADAME BECK

Tendo sido deixada nas mãos da maîtresse, fui conduzida por um corredor longo e estreito até uma cozinha diferente, muito limpa, mas muito estranha. Ela parecia não conter nenhum utensílio para cozinhar, nem lareira nem forno; não entendi que a grande fornalha negra que ocupava um dos cantos era uma eficiente substituta para eles. Certamente o orgulho ainda não estava começando a sussurrar no meu coração; contudo, tive uma sensação de alívio quando, em vez de ser deixada na cozinha, conforme eu havia parcialmente antecipado, fui conduzida mais adiante para um pequeno cômodo interno chamado de "salinha". Uma cozinheira, usando uma jaqueta, uma saia curta e tamancos, trouxe minha ceia: a saber, um pouco de carne, de natureza desconhecida, servida com um molho estranho e ácido, mas agradável; um pouco de batatas picadas, deixadas mais saborosas com não sei qual ingrediente: vinagre e açúcar, acredito; uma tartine, ou fatia de pão e manteiga, e uma pera assada. Estando faminta, comi e me senti grata.

Depois da "Prière du Soir", [1] Madame veio pessoalmente dar mais uma olhada em mim. Ela quis que eu a seguisse ao andar de cima. Passando por uma série de quartinhos muito estranhos (os quais, fiquei sabendo depois, haviam antes sido celas de freiras: pois o edifício era, em parte, bem antigo) e pelo oratório (um cômodo longo, de teto baixo, sombrio, onde um crucifixo estava pendurado, pálido, na parede, e duas velas faziam uma indistinta vigília) ela me conduziu a um quarto onde três crianças estavam dormindo em três caminhas. Um aquecedor deixava o ar nesse cômodo opressivo; e, para melhorar a situação, ele estava perfumado com um cheiro que era mais forte que delicado: um perfume, na verdade, muito surpreendente e inesperado naquelas circunstâncias, que parecia

uma mistura de fumaça com alguma bebida alcoólica; resumindo, um cheiro de uísque.

Ao lado de uma mesa, sobre a qual lampejava o remanescente de uma vela que gotejava no candelabro, uma mulher grosseira, vestida de modo desconjuntado em um amplo vestido vistoso de seda listrada e um avental, estava em uma cadeira, profundamente adormecida. Para completar a cena, e para não deixar dúvidas quanto à situação, uma garrafa e um copo vazio estavam ao lado do cotovelo da bela adormecida.

Madame contemplou esse formidável tableau [2] com grande calma; ela nem sorriu nem franziu o cenho; nenhuma demonstração do raiva, repulsa ou surpresa perturbou a equanimidade de seu aspecto sério; ela nem ao menos despertou a mulher. Apontando serenamente para uma quarta cama, indicou que ela seria a minha; então, tendo apagado a vela substituindo-a por uma lamparina, saiu suavemente por uma porta interna, que deixou escancarada; a entrada para seu próprio quarto, um apartamento amplo e bem mobiliado, como dava para ver pela abertura.

Minhas orações naquela noite foram todas de agradecimento. De modo estranho eu fora conduzida desde a manhã; inesperadamente havia sido auxiliada. Eu mal podia acreditar que nem quarenta e oito horas haviam-se passado desde que eu partira de Londres, sem nenhuma outra tutela além da que protege a ave migratória; sem nenhuma perspectiva além do duvidoso e incerto tracejado da esperança.

Eu tinha o sono leve; na calada da noite subitamente acordei. Tudo estava em silêncio, mas uma figura branca estava parada no quarto: Madame em sua camisola. Movendo-se sem um som perceptível, ela olhou as três crianças nas três camas; ela aproximou-se de mim: fingi estar dormindo, e ela me estudou por muito tempo. Uma pequena pantomima, bastante curiosa, se seguiu. Eu arrisco dizer que ela ficou sentada um quarto de hora na beirada da minha cama, observando meu rosto. Então se aproximou, debruçou-se sobre mim; ergueu ligeiramente minha touca de dormir, e dobrou a borda, de modo a mostrar o cabelo; olhou minha mão, que jazia sobre as cobertas. Tendo feito isso, voltou-se para a cadeira onde estavam minhas roupas: ela estava aos pés da cama.

Ouvindo-a tocar as roupas e erguê-las, cautelosamente abri os olhos, pois confesso que estava curiosa para ver até que ponto seu gosto pela investigação a levaria. E a levou bem longe: ela inspecionou todas as peças. Conjecturei sobre seus motivos para proceder assim, a saber, o desejo de formar, a partir das roupas, um julgamento em relação a quem as usava, sua posição, seus recursos, seu asseio, etc. O fim não era ruim, mas os meios eram pouco justos ou justificáveis. Em meu vestido havia um bolso; ela o revirou; contou o dinheiro na minha bolsa; abriu um pequeno livro de apontamentos, inspecionou friamente seu conteúdo, e tirou do meio das páginas uma pequena trança do cabelo grisalho da Srta. Marchmont. A um molho de três chaves, da minha mala, da escrivaninha e da caixa de costura, ela dedicou especial atenção: com elas, na verdade, ela se retirou por uns momentos para o seu próprio quarto. Eu silenciosamente me sentei na cama e a segui com os olhos: essas chaves, leitor, não foram trazidas de volta até terem deixado no banheiro do quarto contíguo a impressão de suas incisões em cera. Tudo isso feito com decência e em ordem, minha propriedade foi recolocada em seu lugar, minhas roupas foram cuidadosamente dobradas. De que natureza eram as conclusões tiradas desse escrutínio? Seriam elas favoráveis ou não? Pergunta inútil. O rosto pétreo de Madame (pois, naquela noite, de pedra seu aspecto dava a impressão de ser: ele tinha sido humano, e, como mencionei antes, maternal, no salon), não revelava uma resposta.

Seu dever cumprido (senti que a seus olhos toda essa questão era um dever) ela se levantou, silenciosa como uma sombra: encaminhou-se para seu quarto; na porta, voltou-se, fixando o olhar na heroína da garrafa, que ainda dormia e roncava sonoramente. O destino da Sra. Svini (eu suponho que ela fosse a Sra. Svini, anglicé ou hibernicé, [3] Sweeny), o destino da Sra. Sweeny estava nos olhos de Madame Beck; um propósito imutável aqueles olhos expressavam: as inspeções noturnas de Madame relacionadas a deficiências poderiam ser lentas, mas eram garantidas. Tudo isso era tão pouco inglês: na verdade, eu estava mesmo em terra estrangeira.

A manhã me fez travar maior conhecimento com a Sra. Sweeny. Parece que ela se apresentara para sua atual empregadora como uma senhora inglesa em circunstâncias difíceis: nativa, na verdade, de Middlesex, alegando falar a língua inglesa com a mais pura pronúncia metropolitana. Madame, confiando em seus próprios expedientes infalíveis para descobrir a verdade com o tempo, era singularmente intrépida para contratar serviços sem maiores planejamentos (como, na verdade, havia sido abundantemente provado no meu caso). Ela recebeu a Sra. Sweeny como uma babá-governanta para suas três filhas. Eu mal preciso explicar para o leitor que essa senhora era, realmente, nativa da Irlanda; sua posição social eu não tenho a intenção de estabelecer: ela ousadamente declarou que "tinha sido encarregada da criação do filho e da filha de um marquês". Eu pessoalmente acho que ela poderia ter sido uma dependente, enfermeira, mãe de criação ou lavadeira em uma família irlandesa: ela falava uma língua indistinta, com uma curiosa sobreposição de afetadas entonações *cockney* . De um jeito ou de outro, ela havia obtido, e agora possuía, um guarda-roupa de um esplendor bastante suspeito: vestidos de seda cara e engomada, que não lhe caíam muito bem, aparentemente feitos para outras constituições físicas que não aquelas que eles agora adornavam; toucas com arremates de renda de verdade, e, o principal item do inventário, o objeto encantado com o qual ela causou certo espanto no ambiente doméstico, reprimindo as professoras e empregadas, que, de outro modo, estariam propensas ao desdém, e, enquanto seus grandes ombros *ostentavam* as dobras daquele drapejado majestoso, influenciando até mesmo a própria Madame Beck: *um verdadeiro xale indiano* — "un véritable cachemire", [4] como dizia Madame Beck, numa mescla de reverência e espanto. Eu tinha muita certeza de que sem esse "cachemire" ela não teria mantido sua posição no pensionnat [5] por dois dias: por causa dele, e apenas dele, ela a manteve por um mês.

Porém, quando a Sra. Sweeny soube que eu havia vindo para ocupar o lugar dela, aí então ela se manifestou; aí então ela surgiu perante Madame Beck com todas as suas forças; aí então ela se abateu sobre mim com todo o seu vigor concentrado. Madame suportou essa revelação e esse

comportamento tão bem, com tanto estoicismo, que eu, por pura vergonha, não pude suportá-las a não ser com compostura. Por uns instantes, Madame Beck se ausentou do quarto; dez minutos depois, um agente de polícia estava entre nós. A Sra. Sweeny e seus pertences foram removidos. O cenho de Madame não havia sido perturbado durante a cena; de seus lábios não saíra uma palavra ríspida.

Esse pequeno incidente desagradável da demissão foi resolvido antes do café da manhã: ordem para ir embora dada, policial chamado, rebelde enxotada; "chambre d'enfants" [6] fumigada e limpa, janelas escancaradas, e todos os traços da prendada Sra. Sweeny (até mesmo a fina essência e a fragrância do espírito que davam um testemunho tão sutil e tão fatal do ponto máximo do seu crime) foram sumariamente eliminados da Rue Fossette: tudo isso, estou dizendo, foi feito entre o momento em que Madame Beck surgiu de seu quarto como a Aurora, e aquele em que ela calmamente se sentou para servir a primeira xícara de café.

Perto do meio-dia, fui convocada para vestir Madame. (Parecia que meu posto seria algo intermediário entre governante e camareira). Até o meio-dia, ela assombrou a casa em seu roupão, xale e chinelos silenciosos. Como iria a diretora de uma escola inglesa aprovar esse costume?

Pentear seu cabelo me deixou perplexa; ela tinha bastante cabelo: avermelhado, sem fios grisalhos, embora tivesse quarenta anos de idade. Ao ver meu embaraço, ela disse:

— A senhorita não foi femme-de-chambre [7] em seu país? — e, pegando a escova das minhas mãos, e colocando-me de lado, não com falta de gentileza ou de respeito, ela própria o penteou. Ao realizar outras atividades da sua arrumação, ela um pouco me orientou, um pouco me ajudou, sem a menor demonstração de mau gênio ou de impaciência. N.B.: Essa foi a primeira e última vez que recebi a solicitação de vesti-la. A partir de então, recaiu sobre Rosine, a moça da portaria, tal tarefa.

Quando vestida, Madame Beck mostrava ser uma pessoa de estatura baixa e atarracada; contudo, ainda era graciosa, de seu modo peculiar; ou seja, com a graça resultante da proporção das partes. Sua tez era viçosa e sanguínea, não muito rubicunda; seus olhos, azuis e serenos; seu vestido

de seda escura tinha um caimento que só uma costureira francesa é capaz de conseguir que um vestido tenha; ela tinha aparência boa, embora um pouco burguesa, como, na verdade, ela era. Não sei que tipo de harmonia impregnava toda a sua figura; contudo, suas faces ofereciam um contraste também: seus traços não eram, de jeito nenhum, como os que habitualmente são vistos em conjunto com uma tez em que se mesclavam tamanho viço e compostura: seus contornos eram severos: a testa era alta, porém, estreita; ela expressava capacidade e um pouco de benevolência; mas não amplidão; tampouco seus olhos calmos, apesar de observadores, jamais conheceram o fogo que se acende no coração ou a doçura que dele se origina. Sua boca era rígida: podia ser um pouquinho austera; seus lábios eram finos. Quanto à sensibilidade e inclinações, com toda a sua ternura e temeridade, eu sentia, de algum modo, que Madame seria exatamente um tipo de Minos usando anáguas.

Com o passar do tempo, descobri que ela também era mais uma coisa que usava anáguas. Seu nome era Modeste Maria Beck, née [8] Kint; deveria ter sido Ignacia. Ela era uma mulher caridosa, e fazia muitas boas ações. Nunca houve uma patroa cujo comando fosse mais ameno. Disseram-me que ela nunca havia repreendido a intolerável Sra. Sweeny, apesar da sua bebedeira, desordem e negligência geral; contudo, a Sra. Sweeny teve de partir no momento em que sua partida se tornou conveniente. Disseram-me, também, que nem os preceptores nem os professores eram criticados naquele estabelecimento; contudo, tanto os preceptores quanto os professores eram constantemente trocados: eles desapareciam, e outros ocupavam seus lugares, ninguém sabia explicar muito bem como.

O estabelecimento era ao mesmo tempo pensionnat e um externato: as alunas externas ultrapassavam uma centena; as internas eram cerca de vinte. Madame devia ter grandes poderes administrativos: ela governava todas, junto com quatro professores, oito preceptores, seis empregadas, e três filhas, lidando, ao mesmo tempo, com perfeição, com os pais e amigos das alunas; e isso aparentemente sem esforço; sem alvoroço, fadiga, febre, ou qualquer sintoma de excitação indevida. Ocupada ela sempre estava; atarefada, raramente. É verdade que Madame tinha seu

próprio sistema para administrar e ajustar esse mecanismo; e um belo sistema ele era: o leitor viu uma amostra dele, naquela pequena questão de revirar meu bolso e ler meu caderno de apontamentos. “Surveillance”, [9] “espionage” [10] — essas eram suas palavras de ordem.

Mesmo assim, Madame sabia o que era a honestidade, e a apreciava; ou seja, quando a honestidade não se intrometia com seus desajeitados escrúpulos no caminho dos desejos e interesses de Madame. Ela tinha respeito pela “Angleterre”; [11] e quanto a “les Anglaises”, [12] ela não admitiria mulheres de nenhum outro país tomando conta de suas filhas, se pudesse evitar que isso acontecesse.

Com frequência, à noite, depois de ter estado espionando e contraespionando, vigiando e recebendo relatórios de espiões o dia inteiro, ela vinha até meu quarto, com uma marca de cansaço verdadeiro na testa, e ficava sentada escutando enquanto as crianças me diziam suas orações em inglês: o Pai Nosso e o hino que começava com “Gentil Jesus”, aquelas pequenas católicas tinham permissão de repetir sentadas em meus joelhos; e, quando eu as havia colocado na cama, ela conversava comigo (logo eu dominei francês o suficiente para ser capaz de entendê-la, e mesmo de dar-lhe respostas) a respeito da Inglaterra e das inglesas, e das razões para o que ela sentia prazer em chamar de a inteligência superior e a probidade maior, mais real e mais confiável delas. Muito bom-senso ela demonstrava com frequência; opiniões muito sensatas ela costumava expressar; ela parecia saber que manter as meninas em uma repressão desconfiada e na ignorância cega, e sob uma vigilância que não lhes deixava nem um momento ou um espaço para o recolhimento, não era o melhor modo de fazer com que elas se transformassem em mulheres honestas e recatadas; mas ela declarava que consequências nefastas se seguiriam se quaisquer outros métodos fossem tentados com crianças do continente: elas eram tão acostumadas com a repressão, que maior liberdade, por mais que fosse vigiada, seria mal compreendida e fatalmente abusariam dela. Ela estava cansada, costumava dizer, dos métodos que tinha de usar, mas usá-los ela devia; e depois de me fazer seu discurso, quase sempre com dignidade e delicadeza, ela ia embora com seus “souliers de silence”, [13] deslizando

como um fantasma pela casa, observando e espiando em todos os lugares, olhando através de todos os buracos de fechadura, ouvindo por trás de todas as portas.

Afinal, o sistema de Madame não era ruim; deixem-me fazer-lhe justiça. Nada poderia ser melhor que todos os seus arranjos para o bem-estar físico de suas alunas. Nenhuma mente era sobrecarregada: as lições eram bem distribuídas e tornadas incomparavelmente fáceis para as estudantes; havia liberdade para se distrair, e uma quantidade de exercícios que mantinham as meninas saudáveis; a comida era abundante e boa; rostos pálidos e mirrados não eram vistos em nenhum ponto da Rue Fossette. Ela nunca se recusava a dar um feriado; ela dava tempo de sobra para dormir, vestir-se, fazer as abluções, comer; seu método, em todos esses casos, era fácil, liberal, salutar e racional: muitas austeras diretoras de escolas inglesas poderiam muito bem imitá-la, e acredito que muitas ficariam felizes em fazê-lo, se os rígidos pais ingleses o permitissem.

Como Madame Beck governava por meio de espionagem, naturalmente ela tinha seu quadro de espiões: ela sabia muito bem a qualidade do material que usava e, se por um lado ela não tinha escrúpulos em usar os mais vis para uma ocasião vil, afastando de si esse espécime como se fosse uma casca inútil, depois de a laranja ter sido devidamente chupada, eu a vi sendo meticulosa na procura de metal puro para uso honesto; e, uma vez que um instrumento sem sangue e sem ferrugem fosse encontrado, ela cuidava de seu achado, mantendo-o envolto em seda e em algodão. Contudo, ai daquele homem ou mulher que contasse com ela um centímetro além do ponto em que era do interesse dela ser de confiança: interesse era a palavra de passe da natureza de Madame, a linha mestra de seus motivos, alfa e ômega de sua vida. Eu vi fazerem apelo a seus *sentimentos* , e sorri com um pouco de piedade, um pouco de desprezo, aos que faziam o apelo. Ninguém jamais conquistou um momento de sua atenção por meio desse subterfúgio, ou abalou suas intenções com esses recursos. Pelo contrário, tentar sensibilizar seu coração era o caminho mais seguro para suscitar a antipatia dela e para transformá-la em um inimigo secreto. Isso provava para ela que ela não tinha um coração para

ser tocado: lembrava-lhe em que ponto ela era impotente e sem vida. Jamais foi a diferença entre caridade e piedade exemplificada com mais exatidão que nela. Se por um lado Madame era destituída de solidariedade, tinha uma boa quantidade de benevolência racional: cederia com prontidão a pessoas que ela nunca havia visto; ou, melhor dizendo, a grupos e não a indivíduos. “Pour les pauvres” [14] ela abria a bolsa com prodigalidade; contra *o homem pobre* , via de regra, ela a mantinha fechada. Em planos filantrópicos para o bem da sociedade de modo geral, ela tomava parte ativa; nenhum pesar particular a comovia: nenhuma força ou quantidade de sofrimento concentrado em um só coração tinha poder para atravessar o dela. Nem a agonia no Getsêmani nem a morte no Calvário poderiam ter arrancado de seus olhos uma única lágrima.

Digo novamente: Madame era uma grande mulher, e muito capaz. Aquela escola proporcionava a seus poderes uma esfera muito limitada; ela deveria ter conduzido uma nação: deveria ter sido líder de uma turbulenta assembleia legislativa. Ninguém poderia tê-la desencorajado, ninguém irritava seus nervos, exauria sua paciência ou ultrapassava sua astúcia. Em sua pessoa, ela poderia ter abarcado os deveres de um primeiro-ministro e de um superintendente de polícia. Sábia, firme, desconfiada; sigilosa, astuta, desapaixonada; vigilante e inescrutável; perspicaz e insensível; e, além disso, perfeitamente decorosa; o que mais poderia ser desejado?

O leitor sensato não irá supor que eu obtive todas as informações aqui resumidas para seu benefício em um mês, ou em seis meses. Não! O que eu vi a princípio foi o próspero exterior de um grande e florescente estabelecimento de ensino. Lá estava uma grande casa, repleta de meninas saudáveis e cheias de vida, todas bem-vestidas e muitas delas bonitas, adquirindo conhecimentos por meio de um método maravilhosamente fácil, sem empenho doloroso ou um inútil desperdício de energia; talvez não fazendo rápidos progressos em nenhum assunto; indo com tranquilidade, mas sempre ocupadas, e nunca oprimidas. Lá havia um grupo de professores e de preceptores com uma incumbência mais rigorosa, já que todo o verdadeiro trabalho mental teria de ser feito por

eles, com o intuito de poupar as alunas; contudo, suas tarefas eram de tal modo organizadas que eles substituíam uns aos outros em rápida sucessão, sempre que o trabalho fosse árduo: lá, resumindo, era uma escola estrangeira, cuja vida, cujo movimento e a variedade faziam dela um contraste total e muito encantador com muitas instituições inglesas do mesmo tipo.

Atrás da casa havia um grande jardim e, no verão, as alunas praticamente viviam ao ar livre, entre as roseiras e as árvores frutíferas. Sob o vasto berceau [15] decorado com videiras, Madame colocava sua cadeira nas tardes de verão, e chamava as classes, em turnos, para que se sentassem ao redor dela e costurassem e lessem. Enquanto isso, preceptores chegavam e partiam, dando preleções rápidas e animadas, em vez de aulas, e as alunas tomavam notas de seus ensinamentos, ou *não* as tomavam, conforme sua inclinação as incitava, com a certeza de que, em caso de negligência, elas copiariam as anotações de suas companheiras. Além dos habituais jours de sortie [16] mensais, os dias festivos católicos acarretavam uma sucessão de feriados o ano todo; e às vezes, em uma luminosa manhã de verão, ou em um doce entardecer de verão, as alunas internas eram levadas para uma longa caminhada pelo campo, regaladas com gaufres [17] e vin blanc, [18] ou leite recém-ordenhado e pain bis, [19] ou pistolets au beurre [20] (pãezinhos) e café. Tudo isso parecia ser muito aprazível, e Madame dava a impressão de ser a bondade em pessoa; e os professores não tão ruins, mas poderiam ser piores; e as alunas, talvez um pouquinho barulhentas e agitadas, mas exemplos de saúde e de alegria.

Desse modo as coisas pareciam ser, vistas através do encanto da distância; mas chegou a hora em que a distância teve de se dissipar para mim, quando fui chamada da minha torre de vigia do quarto das crianças, de onde eu até então fazia minhas observações, e fui forçada a um relacionamento mais íntimo com esse pequeno mundo da Rue Fossette.

Estava eu um dia sentada no andar superior, como sempre, dando as aulas de inglês para as crianças, e ao mesmo tempo reformando um vestido de seda para Madame, quando ela entrou lentamente no cômodo, com aquele ar absorto e a testa franzida de preocupação que às vezes tinha,

e que a fazia parecer tão pouco jovial. Deixando-se cair em uma cadeira oposta àquela em que eu estava, ela ficou por alguns minutos em silêncio. Désirée, a menina mais velha, estava lendo para mim um pequeno ensaio da Sra. Barbauld, e eu a fazia traduzir do inglês para o francês enquanto lia, como um meio de me certificar de que ela havia compreendido o que lera: Madame ficou ouvindo.

Em seguida, sem prefácio ou preâmbulo, ela disse, quase com um tom de quem faz uma acusação:

— Na Inglaterra a senhorrita era goverrnanta.

— Não, Madame — respondi sorrindo. — A senhora está enganada.

— Essa é sua primeira experiência como professora, essa tentativa com minhas filhas?

Eu lhe garanti que era. Uma vez mais, ela ficou em silêncio; mas, erguendo o olhar, enquanto tirava um alfinete da almofada, descobri que eu era objeto de escrutínio: ela me mantinha sob seu olhar; parecia estar revirando-me em seus pensamentos, medindo minha adequação para um propósito, avaliando meu valor em um plano. Madame tinha, até então, examinado tudo que eu possuía, e acredito que ela se considerasse conhecedora de grande parte do que eu era; mas a partir daquele dia, pelo espaço de cerca de uma quinzena, ela me pôs à prova com novos testes. Ficava ouvindo na porta do quarto quando eu estava lá dentro com as meninas; me seguia a uma boa distância quando eu saía a caminhar com elas, escondendo-se em um ponto em que ainda conseguia escutar sempre que as árvores do parque ou do boulevard oferecessem uma proteção suficiente: um rigoroso processo preliminar tendo sido então observado, ela deu um passo adiante.

Certa manhã, aproximando-se de mim abruptamente, e com aparência de estar com pressa, ela disse que se encontrava em um pequeno dilema. O Sr. Wilson, o preceptor de inglês, não havia aparecido em sua hora costumeira; ela receava que ele estivesse doente; as alunas estavam esperando na sala; não havia ninguém para lhes dar aula; será que eu, uma única vez, me oporia a dar um pequeno ditado, apenas para que as alunas não tivessem ocasião de dizer que não tinham tido sua aula de inglês?

— Na sala de aula, Madame? — perguntei.

— Sim, na sala de aula: na segunda turma.

— Na qual há sessenta alunas — disse eu, pois sabia a quantidade; e, com meu habitual e repreensível hábito de ser covarde, refugiei-me em minha preguiça como um caramujo em sua concha, e aleguei incapacidade e impraticabilidade como pretexto para fugir da ação. Se fosse deixada a meu bel-prazer, eu infalivelmente teria perdido essa chance. Não tendo espírito aventureiro, não sendo incitada por impulsos de uma ambição prática, eu seria capaz de ficar sentada ensinando a cartilha às crianças por vinte anos, reformando vestidos de seda e fazendo vestidinhos de criança. Não que uma verdadeira alegria conferisse dignidade a essa resignação presunçosa: meu trabalho não tinha nem encanto para meus gostos nem domínio sobre meus interesses; mas me parecia uma coisa muito boa ficar sem grandes preocupações e livre de aflições íntimas: a negação do sofrimento profundo era a coisa mais próxima da felicidade que eu esperava conhecer. Além do mais, eu parecia ter duas vidas, a vida do pensamento e a da realidade; e, desde que a primeira fosse alimentada com uma boa quantidade dos bizarros e necromânticos prazeres da fantasia, os privilégios da outra poderiam permanecer limitados ao pão nosso de cada dia, ao trabalho contínuo e a um teto que me desse abrigo.

— Venha — disse Madame, enquanto eu me debruçava mais compenetrada que nunca sobre a confecção de um avental de uma criança. — Deixe esse trabalho de lado.

— Mas Fifine precisa dele, Madame.

— Ela vai ficar precisando, então, pois *eu* preciso da *senhorrita* .

E como Madame Beck realmente precisava de mim, e estava decidida a ter meus serviços, já que ela estava havia muito tempo insatisfeita com o preceptor de inglês, com seus problemas de falta de pontualidade, e seu método negligente de ensino; e como, também, *ela* não sofria de falta de decisão e de praticidade, quer *eu* as tivesse ou não, ela, sem maiores preâmbulos, me fez abandonar dedal e agulha; prendeu minha mão entre as dela, e me conduziu ao andar de baixo. Quando chegamos ao carré, um grande *hall* quadrado entre a residência e o pensionnat, ela parou, soltou

minha mão, me olhou e me examinou. Eu estava enrubescida e tremia dos pés à cabeça: não fiquem espalhando por aí, acredito que eu estivesse chorando. Na verdade, as dificuldades à minha frente estavam longe de ser totalmente imaginárias; algumas delas eram bastante reais; e não menos importante era o fato de eu não ter o perfeito comando do instrumento com o qual deveria ser obrigada a lecionar. Na verdade, eu havia estudado francês com aplicação desde minha chegada em Villette; aprendendo a parte prática diariamente, e a teoria em todos os momentos livres à noite, até o último instante em que as leis do estabelecimento permitissem as velas acesas; mas ainda estava longe de ter condição de confiar em meus poderes para me expressar oralmente de forma correta.

— Dîtes donc — disse Madame, com severidade —, vous sentez-vous réellement trop faible? [21]

Eu poderia ter respondido "Sim" e voltado para a obscuridade do quarto das crianças, e lá, talvez, ficar criando bolor para o resto da minha vida; porém, erguendo o olhar para Madame, eu vi em sua expressão algo que me fez pensar duas vezes antes de decidir. Naquele instante, ela não tinha o aspecto de uma mulher; mas, sim, de um homem. Um poder de um tipo especial se mostrava claramente em todos os seus traços, e aquele poder não era o do *meu* tipo; nem solidariedade, nem cordialidade nem submissão foram as emoções que ele suscitou. Fiquei parada, não tranquilizada, nem convencida nem impressionada. Parecia que um desafio de forças entre dons opostos se apresentara, e eu subitamente senti toda a desonra da minha falta de confiança, toda a pusilanimidade da minha falta de impulso para ser ambiciosa.

— A senhorita — disse ela — vai retroceder ou vai adiante? — indicando com a mão, em primeiro lugar, a pequena porta de comunicação com a residência, e então as grandes portas duplas das classes ou salas de aula.

— En avant [22] — respondi.

— Mas — prosseguiu ela, ficando mais fria à medida que eu me exaltava, e continuando com o olhar severo; e da própria antipatia que eu

sentia por ele tirei forças e determinação —, a senhorita consegue enfrentar as turmas, ou está demasiadamente excitada?

Ela mostrou ligeiro desprezo ao dizer isso: excitabilidade nervosa não era muito do gosto de Madame.

— Não estou mais excitada que esta pedra — respondi, batendo no piso com o pé — ou que a senhora — acrescentei, devolvendo-lhe o olhar.

— Bon! [23] Mas, permita-me dizer-lhe que não são meninas inglesas quietas e decorosas com que a senhorita vai se deparar. Ce sont des Labassecouriennes, rondes, franches, brusques, et tant soit peu rebelles. [24]

— Eu sei — respondi. — E também sei que, embora eu tenha estudado francês com afinco desde minha chegada, ainda falo com muita hesitação; pouca precisão para ser capaz de suscitar respeito delas. Posso cometer erros que me deixarão exposta ao escárnio das mais ignorantes. Mesmo assim, quero dar a aula.

— Elas sempre se livram de professores tímidos — disse ela.

— Eu também sei disso, Madame; já ouvi como elas se rebelaram contra a Srta. Turner e a perseguiram. — Essa Srta. Turner era uma pobre professora inglesa, sem amigos, a quem Madame havia empregado, e de quem se livrara sem pensar duas vezes; e cuja lamentável história não me era estranha.

— C'est vrai [25] — disse ela, friamente. — A Srta. Turner não tinha mais controle sobre elas do que uma empregada da cozinha teria tido. Ela era fraca e hesitante; não tinha nem tato nem inteligência, nem capacidade de decisão ou dignidade. A Srta. Turner não serviria para essas meninas de modo algum.

Não respondi nada, mas me encaminhei para a porta fechada da sala de aula.

— A senhorita não pode esperar ajuda nem de mim nem de ninguém — disse Madame. — Isso faria com que a senhorita fosse declarada incompetente para a função.

Eu abri a porta, gentilmente deixei-a passar, e a segui. Eram três salas de aula, todas grandes. A dedicada à segunda turma, onde eu deveria me apresentar, era consideravelmente a maior, e abrigava um grupo de alunas

mais numeroso, mais turbulento e infinitamente mais incontrolável que as outras duas. Nos dias que se seguiram, quando já conhecia melhor o terreno, eu às vezes costumava pensar (se tal comparação pode ser permitida) que a quieta, educada e domesticada primeira turma era, em relação à robusta, rebelde, turbulenta segunda turma, o que a Câmara dos Lordes é para a Câmara dos Comuns na Inglaterra.

Um primeiro olhar me informou que muitas das alunas eram mais que meninas, eram quase jovens mulheres; eu sabia que algumas delas eram de famílias nobres (ou o que é considerado nobreza em Labassecour), e eu tinha bastante certeza de que nenhuma entre elas ignorava minha posição na casa de Madame. Enquanto eu subia o estrade [26] (uma plataforma baixa, erguida um degrau acima do piso), onde ficavam a cadeira e a mesa do professor, vi à minha frente uma fileira de olhos e de faces que ameaçavam tempo tempestuoso: olhos cheios de uma luz insolente, e faces impassíveis e incapazes de enrubescer, como mármore. A "mulher" continental é um ser muito diferente da "mulher" insular da mesma idade e classe social: eu nunca vi tais olhos e faces na Inglaterra. Madame Beck me apresentou com uma frase fria, afastou-se da sala e me deixou sozinha em minha glória.

Eu nunca vou esquecer aquela primeira lição, nem toda a corrente implícita de vida e de temperamento que ela desvelou para mim. Foi então que eu, pela primeira vez, comecei a apreciar com exatidão a grande diferença que existe entre a "jeune fille" [27] idealizada do romancista e do poeta, e a dita cuja "jeune fille" como ela realmente é.

Parecia que três belles [28] com títulos na primeira fila se haviam sentado já tendo resolvido que a bonne d'enfants [29] não deveria dar-lhes lições de inglês. Elas sabiam que tinham sido bem-sucedidas na expulsão de professores desagradáveis antes; sabiam que Madame iria, a qualquer momento, livrar-se de um professeur ou maîtresse que se tornasse impopular na escola; que ela jamais dava assistência para que um funcionário fraco mantivesse seu posto; que se ele não tivesse forças para lutar, ou tato para abrir seu caminho, ia de mal a pior: olhando a "Srta. Snowe", elas se auguraram uma vitória fácil.

Mesdemoiselles Blanche, Virginie e Angélique iniciaram o ataque com uma série de risadinhas e sussurros; logo estes passaram para murmúrios e risadas altas, que os bancos mais distantes captaram e ecoaram ainda mais alto. Essa crescente revolta de sessenta contra uma logo se tornou demasiado opressiva, meu conhecimento de francês sendo tão limitado, e exercido sob uma pressão tão cruel.

Pudesse eu ter falado em minha própria língua, senti que poderia ter conquistado uma audiência; pois, em primeiro lugar, embora eu soubesse que tinha a aparência de uma pobre criatura, e em muitos aspectos realmente o fosse, a natureza me dera contudo uma voz que tinha condição de se fazer ouvir, se elevada pela excitação ou intensificada pela emoção. Em segundo lugar, mesmo que eu não falasse uma língua fluente, apenas um hesitante rudimento de linguagem, em circunstâncias comuns, ainda assim, com um estímulo como o que estava disseminado entre a massa amotinada, eu poderia, em inglês, ter produzido frases que prontamente estigmatizassem o procedimento das alunas assim como tal procedimento merecia ser estigmatizado; e então com um pouco de sarcasmo, temperado com uma amargura cheia de desprezo para as líderes, e atenuado com uma ironia mais palatável para as seguidoras mais fracas, porém menos inescrupulosas, me parecia que seria possível conseguir comandar esse rebanho descontrolado, e fazer com que ele fosse, pelo menos, domesticado. Tudo que eu tive condição de fazer nesse momento foi aproximar-me de Blanche (Mademoiselle de Melcy, uma jovem baronne, [30] a mais velha, mais alta, mais bonita e mais perversa), parar à frente da sua carteira, tirar de suas mãos seu livro de exercícios, tornar a subir no estrade, ler deliberadamente a composição, que julguei ser muito estúpida, e, de modo igualmente deliberado, e na frente de toda a turma, rasgar em dois pedaços a folha manchada.

Essa ação conseguiu chamar a atenção e diminuir o barulho. Somente uma menina, bem no fundo da classe, persistiu na rebelião com uma energia indiminuta. Eu a olhei atentamente. Ela tinha um rosto pálido, o cabelo como a noite, sobrancelhas fortes e grossas, traços decididos, e olhos escuros, rebeldes e sinistros: observei que ela se sentava perto de

uma portinha, e essa portinha, eu sabia muito bem, se abria para um pequeno compartimento, onde eram guardados os livros. Ela estava em pé, com o intuito de prosseguir com seus protestos com maior liberdade. Eu avaliei sua estatura e calculei sua força. Ela parecia ser tanto alta quanto vigorosa; mas, se o conflito fosse rápido e o ataque inesperado, achei que poderia controlá-la.

Caminhando pela sala, dando a impressão de estar tão tranquila e sem preocupações quanto me fosse possível, resumindo, ayant l'air de rien, [31] empurrei ligeiramente a porta e percebi que ela estava aberta. Em um instante, e abruptamente, eu me havia voltado para a menina. Em outro instante, ela ocupava o compartimento, a porta estava fechada, e eu tinha a chave no bolso.

Acontece que essa menina, chamada Dolores, e de raça uma catalã, era o tipo de pessoa que era ao mesmo tempo temida e odiada por suas colegas; o acima mencionado ato de justiça sumária demonstrou ser popular: não havia uma aluna presente que, em seu íntimo, não tivesse gostado de vê-lo levado a cabo. Elas ficaram imóveis por uns instantes, e então um sorriso, não uma risada, passou de carteira em carteira: e, quando eu tinha, séria e muito tranquila, retornado ao estrade, e gentilmente solicitado que fizessem silêncio, e começado um ditado como se nada tivesse acontecido, as penas percorreram pacificamente as páginas, e o restante da lição transcorreu ordenada e diligentemente.

— C'est bien — disse Madame Beck, quando saí da sala, acalorada e um pouco exausta. — Ça ira. [32]

Ela estivera ouvindo e espionando por uma fresta o tempo todo.

A partir desse dia, deixei de ser babá-governanta, e passei a ser professora de inglês. Madame aumentou meu salário; mas ela obteve de mim três vezes mais trabalho do que tinha obtido do Sr. Wilson, e pela metade do preço.

IX. ISIDORE

Meu tempo era então bem ocupado, e de maneira proveitosa. Levando em consideração que eu dava aulas e estudava com afinco, mal tinha um momento livre. Era agradável. Eu sentia que estava progredindo; em vez de ficar parada como uma presa para o bolor e a ferrugem, eu estava cinzelando minhas faculdades e deixando-as refinadas com o uso constante. Certo tipo de experiência se encontrava à minha frente, e não em pequena escala. Villette é uma cidade cosmopolita, e naquela escola havia meninas de praticamente todas as nações europeias, e igualmente de várias posições sociais. A igualdade é bastante praticada em Labassecour; embora não republicana em sua forma, ela quase o é em sua substância, e nas carteiras do estabelecimento de Madame Beck a jovem condessa e a jovem burguesa sentavam-se lado a lado: e tampouco era sempre possível, por meio de sinais externos, decidir quem era nobre e quem era plebeia, a não ser pelo fato de que esta, na verdade, com frequência tinha maneiras mais francas e corteses, enquanto aquela ganhava na combinação delicadamente equilibrada de insolência e de dissimulação. Na primeira, frequentemente havia o vivo sangue francês misturado com apatia: lamento dizer que o efeito desse fluido vivaz se fazia notar principalmente na volubilidade untuosa com a qual a adulação e a fantasia saíam pela boca, e em uns modos mais ligeiros e vivazes, mas bastante impiedosos e insinceros.

Para fazer justiça a ambas as partes, as honestas Labassecouriennes nativas tinham uma hipocrisia toda sua, também; mas era de um tipo mais tosco, do tipo que enganaria poucas pessoas. Sempre que uma mentira era necessária, elas a pronunciavam com uma facilidade e uma liberalidade descuidadas, absolutamente imperturbadas pelas reprimendas da

consciência. Não havia uma pessoa na casa de Madame Beck, da ajudante de cozinha à própria diretora, que não estivesse acima de sentir-se envergonhada por dizer uma mentira; elas não davam importância a isso: inventar poderia não ser exatamente uma virtude, mas era a mais venial das transgressões. “J’ai menti plusieurs fois” [1] era um dos itens da confissão mensal de todas as meninas e mulheres: o padre ouvia sem se sentir chocado, e absolvia sem relutância. Se elas tivessem deixado de ir à missa, ou tivessem lido um capítulo de um romance, essa era outra história: esses eram crimes dos quais a repreensão e a penitência eram as infalíveis e devidas recompensas.

Mesmo tendo apenas uma consciência parcial dessa situação, e desconhecendo seus resultados, eu me adaptei muito bem em minha nova esfera. Depois das primeiras lições difíceis, dadas em meio ao perigo e à beira de um vulcão moral que rugia sob meus pés e mandava fagulhas e fumaça quente aos meus olhos, o espírito eruptivo pareceu diminuir, tanto quanto eu pudesse dizer. Minha mente estava bastante voltada para o sucesso: eu não conseguia suportar a ideia de ser desconcertada por uma simples hostilidade indisciplinada e indocilidade desregrada, nessa primeira tentativa de subir na vida. Muitas horas noturnas eu costumava ficar deitada, acordada, pensando em qual plano seria melhor adotar para ganhar um controle confiável sobre aquelas amotinadas, para colocar aquela tribo indisciplinada sob uma influência permanente. Em primeiro lugar, eu via claramente que auxílio algum, sob nenhuma forma, deveria ser esperado da parte de Madame: seu virtuoso plano era manter uma popularidade intacta entre as alunas, fosse qual fosse o custo em termos de justiça ou conforto para os professores. Um professor buscar o apoio dela em uma crise de insubordinação era o equivalente a garantir sua própria expulsão. No relacionamento com as alunas, Madame apenas assumia para si o que era agradável, amável e recomendável, exigindo com severidade de seus subordinados autonomia em cada crise irritante, na qual agir com uma prontidão adequada equivalia a ser impopular. Portanto, eu deveria contar apenas comigo mesma.

Em primeiro lugar: ficou tão claro quanto o dia que essa multidão grosseira não deveria ser levada à força. Era preciso ter muita paciência com as alunas: modos corteses, embora tranquilos, as impressionavam; um lampejo muito raro de zombaria causava bom efeito. Elas não podiam, ou não queriam, suportar um esforço mental severo ou contínuo: grandes exigências em relação à memória, à atenção, elas rejeitavam peremptoriamente. Enquanto uma menina inglesa de uma capacidade e de uma docilidade não mais que medianas iria calmamente pegar um tema e se dedicar à tarefa de compreendê-lo e dominá-lo, uma Labassecourienne iria rir na sua cara, e devolvê-lo para você com a frase "Dieu, que c'est difficile! Je n'en veux pas. Cela m'ennuie trop". [2]

Uma professora que compreendesse como deveria agir pegaria o exercício de volta na hora, sem hesitar, contestar ou se queixar; agiria mesmo com um cuidado exagerado para amainar quaisquer dificuldades, reduzir o exercício ao nível de compreensão das alunas, devolvê-lo a elas assim modificado, e usar o açoite do sarcasmo com mão impiedosa. Elas sentiriam a aguilhoada, talvez estremecessem um pouquinho sob ela; mas não guardariam rancor contra esse tipo de ataque, desde que o desprezo não fosse *amargo* , mas *alegre* , e se apresentasse com clareza para elas, nítido e com letras grandes, de modo que quem o sofresse pudesse entender sua incapacidade, ignorância e preguiça. Elas se rebelariam contra três linhas adicionais em uma lição, mas eu nunca soube que uma delas se rebelasse por um golpe desferido contra seu autorrespeito: o pouco que elas possuíam dessa qualidade era treinado para ser esmagado, e o tal autorrespeito apreciava muito mais a pressão de um pé forte que outra coisa.

À medida que adquiri fluência e liberdade na língua delas e fui tornando-me capaz de fazer uso de suas frases mais vigorosas conforme fosse necessário, as meninas mais velhas e mais inteligentes começaram a gostar de mim, da maneira delas: percebi que sempre que uma aluna tivesse sido incitada a sentir em sua alma o impulso de uma emulação digna, ou o estímulo de uma vergonha honesta, a partir desse dia ela havia sido conquistada. Se eu conseguisse ao menos uma vez fazer com que suas

(normalmente grandes) orelhas queimassem sob seus cabelos espessos e sedosos, tudo estava relativamente tranquilo. Aos poucos, buquês começaram a ser deixados em minha mesa de manhã; como modo de reconhecimento por essa pequena gentileza estrangeira, eu às vezes costumava caminhar durante a hora do recreio com umas poucas alunas escolhidas. Enquanto conversávamos, uma vez ou duas eu casualmente fiz uma tentativa não premeditada de retificar algumas de suas notadamente distorcidas noções de princípio; acima de tudo, expressei minhas ideias a respeito da maldade e da iniquidade envolvidas em uma mentira. Em um momento de pouca cautela, eu por acaso disse que, dos dois erros, eu considerava a falsidade pior que um ocasional lapso de frequência na igreja. As pobres meninas eram ensinadas a relatar a ouvidos católicos qualquer coisa que a professora protestante dissesse. Uma consequência edificante se seguiu. Algo (um algo invisível, indefinido e sem nome) se insinuou entre minha pessoa e essas minhas melhores alunas: os buquês continuavam a ser oferecidos, mas a partir de então a conversa se tornou impraticável. Enquanto eu caminhava pelas aleias ou me sentava no berceau, [3] jamais uma menina apareceu do meu lado direito sem que uma professora, como se fosse por um passe de mágica, aparecesse do lado esquerdo. É igualmente maravilhoso contar que os chinelos de Madame a traziam continuamente atrás de mim, tão rápida, silenciosa e inesperada quanto um zéfiro andarilho.

A opinião de meus conhecidos católicos em relação às minhas perspectivas espirituais me foi manifestada de forma um tanto ingênua em uma ocasião. Uma pensionnaire, [4] a quem eu havia feito um pequeno favor, exclamou um dia, enquanto ela se sentava ao meu lado:

— Mademoiselle, que pena a senhorita ser protestante!

— Por que, Isabelle?

— Parce que, quand vous serez morte… vous brûlerez tout de suite dans l'Enfer. [5]

— Croyez-vous? [6]

— Certainement que j'y crois: tout le monde le sait; et d'ailleurs le prêtre me l'a dit. [7]

Isabelle era uma criaturinha estranha e brusca. Ela acrescentou, sotto voce: [8]

— Pour assurer votre salut là-haut, on ferait bien de vous brûler toute vive ici-bas. [9]

Eu dei risada, já que, na verdade, era impossível agir de outra maneira.

* * * * *

O leitor se esqueceu da Srta. Ginevra Fanshawe? Caso tenha se esquecido, devo ter permissão para tornar a apresentar essa jovem dama como uma das viçosas alunas de Madame Beck; pois ela o era. Em sua chegada à Rue Fossette, dois ou três dias depois de eu me estabelecer repentinamente lá, ela me encontrou com muito pouca surpresa. Ela devia ter sangue bom nas veias, pois jamais qualquer duquesa foi mais perfeita, radical e sinceramente nonchalante [10] que ela: um rápido e passageiro sobressalto era tudo que ela conhecia a respeito da sensação de espanto. A maior parte de suas outras faculdades parecia estar na mesma condição de fragilidade: seus gostos e desgostos, seu amor e ódio eram meras teias de aranha; mas havia algo nela que parecia forte e duradouro o suficiente, e isso era o seu egoísmo.

Ela não era orgulhosa; e, mesmo eu sendo bonne d'enfants, ela sem demora fez de mim um tipo de amiga e confidente. Ela me aborrecia com milhares de enfadonhas reclamações a respeito das briguinhas de escola e da economia do estabelecimento: a comida não era do seu gosto; as pessoas por perto dela, professores e alunas, ela considerava desprezíveis, porque eram estrangeiras. Eu a suportei com seus insultos voltados ao peixe salgado e aos ovos duros das sextas-feiras, com sua invectiva contra a sopa, o pão, o café, com certa paciência por algum tempo; mas, finalmente, cansada por causa da repetição, fiquei mal-humorada e a coloquei em seu devido lugar: algo que deveria ter feito bem no início, pois uma salutar imposição de limites sempre lhe caía bem.

Por muito mais tempo tive de suportar as exigências que ela me fazia em termos de trabalho. O guarda-roupa dela, no que diz respeito a artigos

de uso exterior, era bastante bem e elegantemente suprido; mas havia outras peças de vestuário que não mereciam tanto cuidado: o que ela possuía precisava de consertos constantes. Ela odiava fazer trabalhos manuais com agulha, e levava suas meias, etc. para mim aos montes, para que fossem remendadas. A aceitação pelo período de algumas semanas ameaçava resultar na instituição de um aborrecimento intolerável, e eu finalmente lhe disse com clareza que ela deveria decidir-se a consertar sua própria indumentária. Ela chorou ao receber tal informação, e me acusou de ter deixado de ser sua amiga; mas eu fui fiel à minha decisão e deixei que a histeria passasse por conta própria.

Não obstante tais fraquezas e várias outras que não precisam ser mencionadas (mas, de modo nenhum, de um tipo refinado ou elevado), quão bela era ela! Quão encantadora ela parecia, ao descer em uma luminosa manhã de domingo, bem vestida e bem-humorada, trajada de seda de um tom de lilás claro, e com seus belos e longos cachos pousados nos ombros brancos. Domingo era um dia que ela sempre passava com amigos que moravam na cidade, e entre esses amigos ela rapidamente me deu a entender que havia um que ficaria feliz em se tornar algo mais. Por meio de vislumbres e de alusões me foi demostrado, e com a animação geral de seu aspecto e de seus modos me foi provado, antes que se passasse muito tempo, que uma admiração ardente, talvez um amor verdadeiro, estava a seu dispor. Ela chamava seu pretendente de “Isidore”: esse, entretanto, ela indicou que não era o verdadeiro nome dele, mas um nome que ela gostava de usar para se referir a ele; o verdadeiro nome, ela deu a entender, não era “muito bonito”. Certa vez, quando ela estivera vangloriando-se a respeito da veemência dos afetos de “Isidore”, eu lhe perguntei se ela correspondia à afeição.

— Comme cela — disse ela. — Ele é bonito, e me ama perdidamente, então eu me divirto. Ça suffit. [11]

Ao descobrir que ela prolongara a situação por mais tempo do que eu havia imaginado, devido a seus gostos inconstantes, um dia me decidi a fazer umas perguntas sérias para saber se o cavalheiro era do tipo que seus pais, e acima de tudo seu tio (de quem, ao que parecia, ela era dependente)

iriam aprovar. Ela concedeu que isso era duvidoso, já que ela acreditava que "Isidore" não tinha muito dinheiro.

— A senhorita o encoraja? — perguntei.

— Furieusement, [12] às vezes — respondeu ela.

— Sem ter a certeza de que terá permissão de se casar com ele?

— Oh, como a senhorita é sem graça! Não quero me casar. Sou muito nova.

— Mas, se ele ama a senhorita tanto quanto a senhorita diz, e no fim tudo ficar em nada, ele vai sentir-se infeliz.

— Mas é claro que ele vai ficar com o coração partido. Eu ficaria chocada e desapontada se ele não ficasse.

— Fico pensando se esse M. Isidore é um louco — disse eu.

— Ele é louco, por mim; mas é esperto em outros pontos, à ce qu'on dit. [13] A Sra. Cholmondeley o considera muito inteligente: ela diz que ele vai abrir caminho com o talento dele; tudo que eu sei é que ele faz pouco mais que suspirar na minha presença, e que eu posso fazer dele gato e sapato.

Desejando ter uma ideia mais definida desse apaixonado M. Isidore, cuja posição me parecia ser das menos seguras, pedi a ela que me brindasse com uma descrição pessoal; mas ela não foi capaz de descrever: não tinha nem as palavras nem condição de colocá-las juntas de modo a produzir uma descrição expressiva. Até mesmo parecia não tê-lo percebido devidamente: nada de sua aparência, das mudanças em sua fisionomia, havia tocado o coração dela ou perdurado em sua lembrança; que ele era "beau, mais plutôt bel homme que joli garçon", [14] era tudo que ela conseguia afirmar. Minha paciência tantas vezes se teria esgotado, e meu interesse enfraquecido, ao ouvi-la, a não ser por um fato. Todas as alusões que ela fazia, todos os detalhes que dava vinham inconscientemente provar, em meu ponto de vista, que as atenções de M. Isidore eram oferecidas com grande delicadeza e respeito. Eu disse a ela claramente que acreditava que ele fosse bom demais para ela, e sugeri com igual clareza minha impressão de que ela não era nada além de uma fútil

coquette. [15] Ela deu risada, afastou os cachos de cabelo dos olhos, e saiu dançando, como se eu tivesse feito um elogio.

Os estudos da Srta. Ginevra eram pouco mais que nominais; havia apenas três coisas que ela praticava com seriedade, a saber, música, canto e dança; e também o bordado dos finos lenços de cambraia que ela não tinha condição de comprar prontos: coisas insignificantes como lições de história, geografia, gramática e aritmética, ela deixava sem fazer, ou conseguia que outras fizessem por ela. Grande parte de seu tempo era passada em visitas. Madame, ciente de que sua permanência na escola estava então limitada a certo período, que não seria prolongado quer ela fizesse progressos ou não, dava-lhe grande liberdade nesse aspecto. A Sra. Cholmondeley — a chaperon [16] de Ginevra, — uma senhora alegre e elegante, a convidava sempre que tinha companhia em sua própria casa, e às vezes a levava a festas à noite nas casas de amigos. Ginevra aprovava de todo o coração esse modo de proceder: ele só tinha um inconveniente; ela era obrigada a se vestir bem, e não tinha dinheiro para comprar diversos vestidos. Todos os pensamentos dela se voltavam para essa dificuldade; toda a sua alma estava ocupada com medidas para encontrar sua solução. Era maravilhoso testemunhar a atividade da sua mente, em outros aspectos preguiçosa, a esse respeito, e ver o arrojo bastante ousado ao qual ela era incitada por uma ideia de necessidade e pelo desejo de brilhar.

Ela pedia descaradamente para a Sra. Cholmondeley; descaradamente, digo eu: não com ar de relutante vergonha, mas no seguinte teor:

— Minha querida Sra. C., eu não tenho uma só peça de roupa adequada para usar na sua festa da próxima semana; a senhora *tem de* me dar um vestido de musselina, e também uma ceinture bleu céleste: [17] dê-me… mas que anjo! A senhora vai dar, não vai?

A "querida Sra. C." cedeu a princípio; mas, percebendo que as solicitações aumentavam à medida que eram acolhidas, ela logo foi forçada, assim como todos os amigos da Srta. Fanshawe, a opor resistência à usurpação. Depois de certo tempo, não ouvi mais falar de presentes da Sra. Cholmondeley; mas, mesmo assim, as visitas continuaram, e os

vestidos absolutamente necessários continuaram a ser fornecidos: como também os muitos e caros etcetera: luvas, bouquets, [18] até mesmo enfeites. Esses objetos, contrariando seu hábito, e mesmo sua natureza, pois ela não era dissimulada, eram mantidos escondidos com o maior cuidado durante certo tempo; mas, uma noite, quando ela estava indo a uma grande festa, para a qual especial cuidado e elegância na indumentária eram necessários, ela não conseguiu deixar de vir ao meu quarto para se mostrar em todo seu esplendor.

Bonita ela estava: tão jovem, tão viçosa, e com uma delicadeza de cútis e uma flexibilidade das formas totalmente inglesas, e que não são encontradas na lista dos encantos femininos no continente. Seu vestido era novo, caro e perfeito. Vi em um relance que ele não era desprovido de nenhum dos detalhes de acabamento que custam tão caro e dão ao efeito geral aquela aparência de perfeição e muito bom gosto.

Eu a olhei dos pés à cabeça. Alegre, ela deu um giro, para que eu pudesse inspecioná-la de todos os lados. Consciente de seus encantos, ela estava na melhor das disposições: seus pequeninos olhos azuis brilhavam de alegria. Ela estava a ponto de me dar um beijo, com seu jeito pueril de mostrar seu deleite, mas eu disse:

— Parada! Vamos ficar paradas, e ver como é que nós estamos, e descobrir o sentido de nossa magnificência — e então a afastei um pouco, para fazer uma inspeção mais contida.

— Eu vou me dar bem? — ela perguntou.

— Bem? — disse eu. — Há muitos jeitos diferentes de se dar bem; e, palavra de honra, eu não entendo o seu.

— Mas o que você diz da minha aparência?

— Você parece estar bem-vestida.

Ela não considerou o elogio efusivo o suficiente, e passou a chamar a atenção para os diversos pontos decorativos de sua indumentária.

— Veja esta parure [19] — disse ela. — O broche, os brincos, as pulseiras: ninguém na escola tem um conjunto igual… nem a própria Madame.

— Estou vendo tudo. (Pausa.) M. de Bassompierre deu essas joias para você?

— Meu tio não sabe nada a respeito delas.

— Elas foram presentes da Sra. Cholmondeley?

— Não foram, para falar a verdade. A Sra. Cholmondeley é uma criatura má, sovina; ela não me dá mais presentes, agora.

Eu decidi não fazer mais perguntas, e dei-lhe as costas abruptamente.

— Ora, velha Rabugenta… velha Diógenes (esses eram os termos familiares com que ela se dirigia a mim quando não estávamos de acordo), qual é o problema agora?

— Vá embora. Não me dá prazer nenhum olhar para você ou para sua parure.

Por uns instantes, ela pareceu surpreendida.

— O que foi agora, Mãe Sabedoria? Não fiquei endividada por causa disso… quer dizer, não por causa das joias, nem das luvas nem do bouquet. Meu vestido com certeza ainda não foi pago, mas o tio de Bassompierre vai pagá-lo com o resto das contas: ele nunca presta atenção aos itens, só olha o total; e ele é tão rico, ninguém precisa se preocupar a respeito de alguns guinéus a mais ou a menos.

— Você não vai embora? Quero fechar a porta… Ginevra, as pessoas podem dizer que você está muito bonita nessa roupa de festa; mas, a *meu* ver, você nunca vai parecer tão bonita quanto com aquele vestido de algodão e a simples touca de palha que você usava quando eu a vi pela primeira vez.

— Outras pessoas não têm os seus gostos puritanos — foi a resposta irritada dela. — E, além do mais, não acho que você tenha direito de me fazer sermões.

— Certamente! Eu tenho pouco direito; e a senhorita, talvez, tenha ainda menos direito de vir pavonear-se toda agitada no meu quarto, não sendo nada além de uma gralha com penas emprestadas. Eu não tenho o menor respeito pelas suas penas, Srta. Fanshawe; e, acima de tudo, pelas penas de pavão que a senhorita chama de parure: coisas lindas, se a senhorita as tivesse comprado com dinheiro que fosse seu, e que a

senhorita poderia muito bem ter poupado; mas que não são nem um pouco bonitas nas atuais circunstâncias.

— On est là pour Mademoiselle Fanshawe! [20] — foi anunciado pela moça da portaria, e ela foi embora saltitando.

Esse semimistério da parure não foi resolvido senão dois ou três dias depois, quando ela veio fazer uma confissão voluntária.

— Você não precisa ficar amuada comigo — começou ela — achando que eu estou fazendo alguém, papai ou M. de Bassompierre, ficar profundamente endividado. Eu lhe garanto que nada está sem pagar, a não ser os poucos vestidos que adquiri recentemente: todo o resto está acertado.

"É aí", eu pensei, "que jaz o mistério; considerando que eles não lhe foram dados pela Sra. Cholmondeley, e que seus recursos são limitados a uns poucos xelins, com os quais eu sei que você toma cuidado excessivo".

— Ecoutez! [21] — prosseguiu ela, aproximando-se e falando comigo com seu tom de voz mais confidencial e lisonjeiro; pois meu "amuamento" era inconveniente para ela: ela gostava que eu estivesse com disposição para conversar e escutar, mesmo que eu falasse somente para censurar e escutasse para zombar. — Ecoutez, chère grogneuse! [22] Eu vou contar-lhe todos os comos e os porquês disso tudo; e então você vai ver não apenas como essa história toda é muito correta, mas como eu fui muito esperta. Em primeiro lugar, eu *preciso* ir a festas. O próprio papai disse que ele desejava que eu conhecesse um pouco do mundo; ele observou especialmente para a Sra. Cholmondeley que, embora eu fosse um amor de menina, tinha uma carinha imatura, de menina de escola; da qual ele desejava sobremaneira que eu me livrasse, por meio de uma introdução à sociedade local, antes que eu faça meu début oficial na Inglaterra. Bem, então, se eu saio, eu *tenho de* me vestir bem. A Sra. Cholmondeley ficou mesquinha, e não vai me dar mais nada; seria muita maldade para com o tio fazê-lo pagar por *todas* as coisas de que eu preciso: *isso* você não pode negar; *isso* está de acordo com suas próprias pregações. Bem, mas ALGUÉM que me ouviu (e foi uma casualidade completa, eu lhe garanto) reclamando com a Sra. Cholmondeley a respeito

das minhas tristes circunstâncias, e em que dificuldades eu fui colocada por causa de um enfeite ou dois — *alguém* , longe de regatear um presente a uma pessoa, ficou muito feliz com a ideia de ser-lhe permitido oferecer um presentinho. A senhorita deveria ter visto com que cara de blanc-bec [23] ele ficou quando mencionou o assunto pela primeira vez: como ele hesitava e enrubescia, e tremia de verdade, de medo de ser repelido.

— Já chega, Srta. Fanshawe. Suponho que devo entender que M. Isidore é o benfeitor: foi dele que a senhorita aceitou aquela parure tão cara; ele é o fornecedor de seus bouquets e de suas luvas?

— Você se expressa de modo tão desagradável — disse ela. — É difícil até de dar uma resposta; o que eu quero dizer é que, ocasionalmente, permito que Isidore tenha o prazer e a honra de fazer-me uma delicadeza oferecendo-me um presentinho.

— É a mesma coisa… Então, Ginevra, para falar a verdade, eu não entendo muito bem esses assuntos; mas acho que você está procedendo muito mal… muito mal mesmo. Talvez, entretanto, você agora tenha certeza de que vai poder se casar com M. Isidore; seus pais e seu tio deram o consentimento, e, por sua vez, você o ama de verdade?

— Mais pas du tout! (ela sempre recorria ao francês quando ia dizer alguma coisa especialmente impiedosa e perversa). Je suis sa reine, mais il n'est pas mon roi. [24]

— Perdoe-me, devo acreditar que essas palavras não são mais que tolice e coquetismo. Não há nada maravilhoso a seu respeito, contudo, a senhorita está acima de se aproveitar da boa natureza e da carteira de um homem por quem sente completa indiferença. A senhorita ama M. Isidore muito mais do que pensa, ou que está disposta a admitir.

— Não. Outra noite, eu dancei com um jovem oficial, a quem eu amo mil vezes mais que a Isidore. Tantas vezes fico pensando por que eu me sinto tão indiferente em relação a Isidore, pois todos dizem que ele é belo, e outras damas o admiram; mas, de algum jeito, ele me aborrece: deixe-me ver então como está a situação…

E ela pareceu fazer um esforço para pensar. Eu a encorajei nesse ponto.

— Isso! — falei. — Tente ter uma ideia precisa do seu estado de espírito. A meu ver, ele está em uma grande confusão… tão caótico quanto um saco de retalhos.

— É alguma coisa parecida com isto — exclamou ela, antes que se passasse muito tempo. — O homem é muito romântico e devotado, e ele espera mais de mim do que eu julgo conveniente. Ele acha que sou perfeita: provida de todos os tipos de excelentes qualidades e sólidas virtudes, tais como eu nunca tive nem tenciono ter. Ora, ninguém consegue deixar de tentar, na presença dele, justificar sua boa opinião; e é tão cansativo ser sempre boazinha, e falar coisas sérias… pois ele realmente acha que sou sensata. Eu me sinto muito mais à vontade com você, minha velhota; com você, querida resmungona; que pensa o pior de mim, e sabe que sou coquete e ignorante e namoradeira e inconstante e tola e egoísta, e todas as outras coisas doces que nós duas concordamos que fazem parte da minha personalidade.

— Tudo isso está muito bom — disse eu, fazendo um grande esforço para preservar aquela gravidade e seriedade que corriam o risco de ser abaladas por essa sinceridade bem-humorada —, mas não altera essa infeliz história dos presentes. Faça um pacote com eles, Ginevra, como uma moça boa e honesta, e devolva-os.

— Mas é claro que não vou fazer isso — disse ela, resoluta.

— Então você está enganando M. Isidore. É óbvio que, ao aceitar seus presentes, você lhe dá a entender que ele um dia receberá um equivalente, em seu apreço…

— Mas ele não irá — interrompeu ela. — Ele tem seu equivalente agora, no prazer de me ver usando-os… já está bom demais para ele: ele é só um bourgeois. [25]

Essa frase, com sua arrogância disparatada, me curou da fraqueza temporária que me havia feito abrandar meu tom de voz e meu aspecto. Ela continuou a tagarelar:

— Minha preocupação atual é aproveitar a juventude, e não pensar em me acorrentar, com promessas ou juramentos, a este ou aquele homem. Quando eu vi Isidore pela primeira vez, acreditei que ele iria me ajudar a

aproveitar a juventude. Eu acreditei que ele se contentaria comigo por eu ser uma menina bonita; e que nós iríamos nos encontrar e nos separar e andar por aí como duas borboletas, e ser felizes. Mas vejam só! Eu às vezes o acho severo como um juiz, com sentimentos profundos, pensativo. Bah! Les penseurs, les hommes profonds et passionnés ne sont pas à mon goût. O Coronel Alfred de Hamal me agrada muito mais. Va pour les beaux fats et les jolis fripons! Vive les joies et les plaisirs! A bas les grandes passions et les sévères vertus! [26]

Ela esperou uma resposta para tal arenga. Eu não a dei.

— J'aime mon beau Colonel — prosseguiu ela —, je n'aimerai jamais son rival. Je ne serai jamais femme de bourgeois, moi! [27]

Eu informei então que era absolutamente necessário que meu quarto ficasse livre da honra da sua presença: ela foi embora rindo.

X. O DR . JOHN

Madame Beck tinha uma personalidade muito consistente; tolerante com todo o mundo, e nada carinhosa com nenhuma parte dele. Suas próprias filhas não a faziam desviar de sua constante calma estoica. Ela era solícita com a família, cuidava de seus interesses e de seu bem-estar físico, mas nunca parecia sentir o desejo de pegar as crianças no colo, de tocar os lábios rosados delas com os seus, segurá-las em um abraço cordial, derramar delicadamente sobre elas as carícias benignas, a palavra amorosa.

Eu às vezes a observava sentada no jardim, olhando as meninas enquanto elas caminhavam por uma aleia distante com Trinette, sua bonne; em sua expressão se manifestavam cuidados e prudência. Eu sabia que muitas vezes ela pensava, ansiosa, naquilo que ela chamava de "leur avenir"; [1] porém, se a mais nova, uma criança frágil e delicada, mas encantadora, vendo-a casualmente, se afastava da babá e, percorrendo com passos incertos o caminho, viesse ansiosa, rindo e ofegante se agarrar aos joelhos da mãe, Madame simplesmente, com calma, estendia a mão, como se fosse para prevenir uma inconveniente concussão devida à súbita investida da criança: "Prends garde, mon enfant!", [2] dizia ela, impassível, pacientemente permitindo que a filha ficasse ao seu lado por uns momentos, e então, sem um beijo ou um sorriso, ou uma palavra carinhosa, se levantava e a conduzia de volta para Trinette.

Seu comportamento em relação à menina mais velha era igualmente típico, mas de outro modo. Esta era uma criança maldosa. "Quelle peste que cette Désirée! Quel poison que cet enfant là!" [3] eram as expressões dedicadas à filha, tanto na cozinha quanto na sala de aula. Entre seus outros predicados, a menina se vangloriava de um sofisticado talento na

arte da provocação, às vezes deixando sua bonne e as empregadas quase enlouquecidas. Ela se esgueirava até o sótão, onde elas viviam, abria suas gavetas e caixas, deliberadamente destroçava suas melhores toucas e sujava seus melhores xales; ela esperava a oportunidade para se aproximar do buffet da salle-à-manger, [4] onde quebrava peças de porcelana ou de vidro; ou do armário da despensa, onde assaltava as conservas, bebia o vinho doce, quebrava jarros e garrafas, e fazia de tal modo que jogava as suspeitas na cozinheira e na ajudante de cozinha. Quando Madame via, e quando lhe faziam relatos de tudo isso, sua única observação, dita com serenidade incomparável, era:

— Désirée a besoin d'une surveillance toute particulière. [5]

Portanto, ela mantinha essa promissora muda de oliveira bastante tempo ao seu lado. Nem uma vez, eu acho, ela lhe falou francamente a respeito de suas faltas, explicou o mal representado por tais hábitos ou mostrou os resultados que deles se originariam. A vigilância deveria realizar a cura completa. E não era capaz disso, é claro. Désirée era, até certo ponto, mantida afastada dos empregados, mas então ela aborrecia e atacava sua mãe. Quaisquer posses da mesa de trabalho ou artigos de toilette [6] de Madame que ficassem ao alcance das mãos dela, ela surrupiava e escondia. Madame via tudo isso, mas, mesmo assim, fingia não ver: ela não tinha a retidão de alma para confrontar a criança com suas faltas. Quando desaparecia alguma coisa cujo valor fazia que a restituição fosse necessária, ela fingia acreditar que Désirée a havia tirado por brincadeira, e lhe implorava que restituísse. Desirée não seria enganada a esse ponto: ela havia aprendido a fazer com que a falsidade auxiliasse o roubo, e negava ter tocado no broche, no anel, na tesoura. Continuando com esse sistema fútil, a mãe iria calmamente assumir um ar de quem acreditava, e em seguida incessantemente vigiava e seguia a filha até descobrir os esconderijos: algum buraco no muro do jardim, alguma fenda ou um recanto no sótão ou no telheiro. Tendo feito isso, Madame mandaria Désirée dar um passeio com sua bonne, e aproveitava a ausência dela para roubar a ladra. Désirée demonstrava muito bem ser filha de sua astuta

mãe, nunca permitindo que sua fisionomia ou seus modos traíssem o menor sinal de mortificação com a descoberta da perda.

Da segunda filha, Fifine, diziam que era igual ao seu falecido pai. Certamente, embora a mãe lhe tivesse transmitido sua constituição saudável, seus olhos azuis e suas faces coradas, não era dela que a menina havia herdado o caráter. Ela era uma alminha honesta e alegre: uma criatura cheia de paixão, calorosa e ativa ela também era, e do tipo que provavelmente se depararia com perigos e com dificuldades. Um dia, ela deu um jeito de cair do alto de uma escada íngreme; e quando Madame, ao ouvir o barulho (ela sempre ouvia todos os barulhos), saiu da salle-à-manger e a tirou do chão, disse calmamente:

— Cet enfant a un os de cassé. [7]

A princípio, nós esperamos que não fosse esse o caso. Entretanto, era bem a verdade: um bracinho rechonchudo pendia inerte.

— Deixem que a Senhorrita (indicando minha pessoa) fique com ela — disse Madame — et qu'on aille tout de suite chercher un fiacre. [8]

Em um fiacre ela na mesma hora, mas com admirável calma e autocontrole, partiu para procurar um médico.

Parece que ela não encontrou o médico da família em casa; mas isso não fez diferença: ela procurou até colocar as mãos em um substituto do seu gosto, e o trouxe. Enquanto isso, eu havia cortado a manga da roupa da menina, trocado a roupa dela, e a colocara na cama.

Nenhuma de nós, eu suponho (por *nós* eu quero dizer a bonne, a cozinheira, a moça da portaria e eu mesma, todas essas personagens amontoadas então no quarto pequeno e aquecido), olhou com muita atenção para o novo médico quando ele entrou no quarto. Eu, pelo menos, estava ocupada tentando acalmar Fifine, cujos gritos (pois ela possuía bons pulmões) eram pavorosos para ouvir. Esses gritos redobraram em intensidade quando o estranho se aproximou da sua cama; e quando ele a ergueu:

— Deixa em paz! — gritou ela, veemente, em seu inglês estropiado (pois ela falava inglês como as outras crianças falavam). Não querer senhor: querer Dr. Pillule!

— E o Dr. Pillule é um grande amigo meu — foi a resposta, em perfeito inglês. — Mas, ele está ocupado em um lugar a mais de quatorze quilômetros daqui, e eu vim no lugar dele. Então, quando nós ficarmos um pouco mais calmos, vamos começar o exame; e nós vamos logo deixar esse pobre bracinho enfaixado e em ordem.

Dito isso, ele solicitou um copo de eau sucrée, [9] deu-lhe algumas colheradas do líquido doce (Fifine era uma verdadeira gourmande; [10] qualquer um poderia conquistar o coração dela por meio do paladar), prometeu-lhe mais quando o procedimento tivesse terminado, e imediatamente começou a trabalhar. Sendo necessário um pouco de assistência, ele a pediu à cozinheira, uma mulher robusta e de braços fortes; mas ela, a moça da portaria e a babá saíram correndo na mesma hora. Não me agradava tocar aquele membro pequeno e dolorido; mas, achando que não havia alternativa, minha mão já estava estendida para fazer o que fosse solicitado. Alguém passou à minha frente; Madame Beck havia estendido sua mão: a dela estava firme, enquanto a minha tremia.

— Ça vaudra mieux [11] — disse o médico, voltando-se de mim para ela.

Ele demonstrou sabedoria na escolha. Meu estoicismo seria fingido e minha força moral, forçada. Os dela não eram nem forçados nem fingidos.

— Merci, Madame; très bien, fort bien! — disse o médico, ao terminar. — Voilà un sang-froid bien opportun, et qui vaut mille élans de sensibilité déplacée. [12]

Ele estava contente com a firmeza dela; ela, com os elogios dele. Era provável, também, que a aparência geral dele, sua voz, sua expressão e seu comportamento causassem uma impressão a seu favor. Na verdade, quando se olhava bem para ele, e quando um candeeiro foi trazido (pois era começo de noite, e estava escurecendo) dava para ver que, a não ser que Madame Beck tivesse sido menos que uma mulher, não poderia ter sido de outra maneira. Esse jovem médico (ele *era* jovem) não tinha um aspecto comum. Sua estatura dava a impressão de ser imponentemente alta naquele quartinho e entre o grupo de mulheres; o perfil dele era nítido, bem feito e expressivo: talvez seus olhos relanceassem de uma face a

outra com muita vivacidade, muita rapidez, e com muita frequência; mas eles tinham uma aparência das mais agradáveis, assim como sua boca; seu queixo era largo e tinha uma covinha; era grego e perfeito. Quanto ao sorriso dele, não era possível decidir apressadamente qual o epíteto descritivo que ele merecia; havia nele algo agradável, mas algo também que trazia à mente da pessoa todas as suas fraquezas e todos os seus pontos fracos; tudo que poderia deixar a pessoa exposta a uma risada. Contudo, Fifine gostou desse sorriso duvidoso, e achou que seu dono era cordial: por mais que ele a tivesse feito sentir dor, ela estendeu a mão para lhe desejar uma boa noite. Ele deu uns tapinhas delicados na mãozinha, e então desceu junto com Madame; ela falando em seu estado de espírito mais animado e com grande volubilidade; ele ouvindo com ar de uma cortesia bem-humorada, temperada com aquela malícia inconsciente que acho difícil descrever.

Percebi que, embora ele falasse bem francês, falava melhor o inglês; ele tinha, também, a pele, olhos e formas ingleses. Percebi mais. Enquanto ele passava por mim ao deixar o quarto, voltando o rosto na minha direção por um instante (não para se dirigir a mim, mas para falar com Madame, contudo, em tal posição que eu quase fui forçada a olhar para ele) uma lembrança que estava lutando para se organizar em minha mente, desde o primeiro instante em que ouvi a voz dele, surgiu completa. Esse era o mesmo cavalheiro com quem eu havia falado no bureau; que me havia ajudado na questão da bagagem; que havia sido meu guia através do parque escuro e úmido. Ouvindo, enquanto ele passava pelo longo vestíbulo e saía para a rua, reconheci o jeito de ele caminhar: eram os mesmos passos firmes e uniformes que eu havia seguido sob as árvores gotejantes.

* * * * *

Seria possível concluir que a primeira visita desse jovem médico cirurgião à Rue Fossette fosse a última. O respeitável Dr. Pillule sendo esperado em casa no dia seguinte, aparentemente não havia razão para que

seu substituto temporário devesse uma vez mais ser seu representante; mas as Moiras haviam decretado o contrário.

O Dr. Pillule havia sido requisitado a atender um velho rico e hipocondríaco na antiga cidade universitária de Bouquin-Moisi, e depois de sua prescrição de uma mudança de ares e viagem como remédios, ele foi retido para acompanhar o tímido paciente em uma viagem de algumas semanas; portanto, coube ao novo médico continuar seu atendimento na Rue Fossette.

Eu o via com frequência quando ele vinha; pois Madame não confiaria a pequena inválida a Trinette, e solicitava que eu passasse a maior parte do meu tempo no quarto das crianças. Eu acho que ele era hábil. Fifine se recuperou rapidamente sob os cuidados dele; contudo, nem mesmo sua convalescença apressou a partida dele. O destino e Madame Beck pareciam estar mancomunados, e ambos haviam estipulado que ele deveria ter um contato deliberado com o vestíbulo, com a escadaria particular e os quartos do andar superior da Rue Fossette.

Mal Fifine havia saído das suas mãos, Désirée se declarou doente. Aquela criança endemoninhada tinha talento para fingir e, cativada pelas atenções e indulgências de um quarto de doente, ela chegou à conclusão de que uma doença seria perfeitamente do seu gosto, e consequentemente foi para a cama. Ela representava bem, e sua mãe ainda mais; pois, embora o caso fosse claro como o dia para Madame Beck, ela o tratou com um admirável e confiante ar de seriedade e boa-fé.

O que me surpreendeu foi o fato de o Dr. John (assim o jovem inglês havia ensinado Fifine a chamá-lo, e todos nós adquirimos dela o costume de chamá-lo por esse nome, até isso se tornar um hábito estabelecido, e ele não era conhecido por nenhum outro nome na Rue Fossette), de o Dr. John consentir tacitamente em adotar as táticas de Madame, e se associar às manobras dela. Ele deixou transparecer, na verdade, um período de cômica dúvida, lançou um ou dois rápidos olhares da criança para a mãe, deu-se ao prazer de um intervalo de conversa íntima, mas finalmente se resignou com bons modos a desempenhar seu papel na farsa. Désirée comia como um boi, ficava noite e dia aos pulos na cama, montava tendas com os

lençóis e cobertores, estirava-se como um turco entre travesseiros e almofadas, divertia-se atirando seus sapatos na bonne e fazendo caretas para as irmãs; resumindo, esbanjava uma saúde imerecida e um péssimo temperamento; ela apenas definhava quando sua mamãe e o médico faziam sua visita diurna. Madame Beck, eu sabia, estava feliz, fosse qual fosse o preço, por ter a filha na cama e longe das travessuras; mas eu fiquei pensando como o Dr. John não se cansava da história.

Todos os dias, transformando em motivo esse mero pretexto, ele fazia sua visita pontualmente; Madame sempre o recebia com o mesmo empressement, [13] a mesma amabilidade, o mesmo ar admiravelmente fabricado de preocupação com a filha. O Dr. John receitava remédios inofensivos para a paciente, e observava a mãe com olhos brilhantes e astutos. Madame percebia os olhares brincalhões dele sem ressentimento; ela era sensata demais para isso. Fácil de manejar como o jovem médico parecia ser, não era possível desprezá-lo; esse lado dócil evidentemente não era adotado com o intuito de cair nas graças da sua empregadora: embora ele gostasse de suas visitas ao pensionnat, e ficasse rodeando de modo inexplicável a Rue Fossette, ele era independente, quase descuidado em seu modo de se comportar lá; e, contudo, também estava com frequência pensativo e preocupado.

Talvez não fosse da minha conta observar o mistério do seu comportamento, ou buscar sua origem ou objetivo; mas, na situação em que eu estava, mal conseguia evitar. Ele se abria à minha observação, dando à minha presença no quarto apenas aquele nível de atenção e de importância que uma pessoa com minha aparência normalmente espera: ou seja, a que é dada a discretas peças de mobília, cadeiras feitas por um marceneiro qualquer e tapetes com um desenho que não chama a atenção. Com frequência, enquanto esperava Madame, ele ficava pensativo, sorria, observava, ou escutava como um homem que se considera sozinho. Eu, enquanto isso, tinha liberdade para me intrigar com sua aparência e seus movimentos, e ficar imaginando qual poderia ser o significado daquele interesse e apego peculiares, tudo misturado com dúvidas e estranhezas, e inexplicavelmente controlado por algum tipo de encanto dominante que o

ligava àquele semiconvento, isolado no coração densamente povoado da capital. Ele, eu acredito, nunca se lembrou de que eu tinha olhos na cabeça, e muito menos um cérebro por trás deles.

E ele nem teria descoberto isso, se não fosse por um dia em que, enquanto ele estava sentado à luz do sol, e eu observava a coloração do seu cabelo, de suas suíças e do seu rosto, todo o conjunto tendo tal tonalidade como a que uma luz forte suscita com uma força um pouco perigosa (na verdade, eu me lembro de ter sido levada, em meus pensamentos, a comparar sua cabeça brilhante àquela da "estátua de ouro" que o rei Nabucodonosor havia mandado fazer), uma ideia nova, repentina e surpreendente, fixou minha atenção com uma força e um poder de atração avassaladores. Até hoje não sei como eu o olhei: a força da surpresa, e também da convicção, fizeram-me perder o autocontrole; e eu apenas recuperei minha habitual consciência ao perceber que a atenção dele havia sido atraída, e que ele havia captado meu movimento em um límpido espelhinho oval preso na lateral do recesso da janela (e com cujo auxílio Madame muitas vezes secretamente espiava as pessoas andando no jardim abaixo). Embora fosse de um temperamento tão alegre e confiante, ele não era destituído de certa sensibilidade nervosa, que o deixava inconfortável sob um olhar direto e inquiridor. Ao me surpreender, ele se voltou e disse, em um tom de voz que, embora fosse cortês, tinha o toque exato de secura para indicar uma sombra de aborrecimento, bem como para dar ao que estava sendo dito a impressão de uma reprimenda:

— Mademoiselle não me poupa: não sou fútil o suficiente para imaginar que são meus méritos que atraem sua atenção; deve ser então algum defeito. Posso ser ousado a ponto de perguntar qual?

Eu fiquei confusa, como o leitor pode supor; contudo, não com uma confusão da qual eu não pudesse libertar-me, tendo a consciência de que não era devido à emoção de uma admiração incauta, nem ainda por causa de um estado de espírito de injustificável curiosidade que eu havia levado essa reprimenda. Eu poderia ter-me explicado na hora, mas não quis. Não falei. Eu não tinha o costume de falar com ele. Deixando então que ele pensasse o que quisesse, e me acusasse do que bem entendesse, retomei o

trabalho que havia abandonado e mantive a cabeça curvada sobre ele durante o resto da permanência do médico. Há um estado de espírito perverso que é mais pacificado que irritado por uma interpretação errada; e, em recantos onde nunca chegamos a ser bem conhecidos, sentimos prazer, acredito, em ser totalmente ignorados. Que homem honesto, ao ser casualmente tomado por um assaltante, não se sente mais excitado que vexado com o erro?

XI. A SALINHA DA MOÇA DA PORTARIA

Era verão e fazia muito calor. Georgette, a mais nova das filhas de Madame Beck, ficou com febre. Désirée, subitamente curada da sua enfermidade, foi, junto com Fifine, despachada para a casa da Bonne-Maman, [1] no interior, como precaução contra a infecção. O socorro médico era então realmente necessário, e Madame, decidindo ignorar o retorno do Dr. Pillule, que já estava em casa fazia uma semana, apelou ao seu rival inglês para continuar as visitas. Uma ou duas pensionnaires se queixaram de dor de cabeça e, em outros aspectos, pareciam compartilhar ligeiramente a enfermidade de Georgette. "Finalmente", eu pensei, "agora o Dr. Pillule deve ser chamado de novo: a prudente diretora nunca irá arriscar-se a permitir que as alunas sejam tratadas por um homem tão jovem".

A diretora era muito prudente, mas também podia ser intrepidamente arrojada. Ela introduziu o Dr. John na parte escolar do prédio e o colocou para cuidar da orgulhosa e bela Blanche de Melcy, e da fútil e namoradeira Angélique, amiga dela. O Dr. John, eu pensei, demonstrou certa gratidão por essa prova de confiança; e se a discrição no comportamento pudesse ter justificado o passo dado, ela teria sido, da parte do médico, amplamente justificada. Aqui, entretanto, nesta terra de conventos e de confessionários, uma presença como a dele não seria aceita impunemente em um "Pensionnat de demoiselles". A escola tagarelou; a cozinha sussurrou, a cidade apanhou os rumores, os pais escreveram cartas e fizeram visitas admoestatórias. Madame, caso ela tivesse sido fraca, teria então estado perdida: uma dúzia de estabelecimentos educacionais estava pronta para transformar esse passo em falso (se é que ele era um passo em

falso) em sua ruína; mas Madame não era fraca, e embora ela pudesse ser uma pequena jesuíta, mesmo assim meu coração bateu palmas, e com a voz dele eu exclamei “Brava!”, enquanto observava seu comportamento seguro, sua administração capaz, seu estado de espírito e sua firmeza nessa ocasião.

Ela enfrentou os assustados pais com uma graça bem-humorada e tranquila, pois ninguém se igualava a ela, eu não saberia dizer se na posse ou na adoção de certa “rondeur et franchise de bonne femme”; [2] que, em diversas ocasiões, alcançava o objetivo proposto com um sucesso instantâneo e completo, no ponto em que uma gravidade rígida e uma argumentação séria provavelmente teriam fracassado.

— Ce pauvre Docteur Jean! — dizia ela com uma risadinha, e esfregando alegremente as mãozinhas gordas e brancas uma na outra. — Ce cher jeune homme! La meilleure créature du monde! [3] — E começava a explicar como casualmente o empregara para cuidar das próprias filhas, que gostavam tanto dele que iriam gritar até ficarem doentes só de pensar em outro médico; como, tendo confiança em relação às próprias filhas, ela considerara natural demonstrar a mesma confiança em relação às outras meninas; e, au reste, [4] aquele era apenas o mais temporário dos arranjos do mundo; Blanche e Angélique tinham a migraine; [5] o Dr. John havia receitado remédios; voilà tout! [6]

As bocas dos pais foram fechadas. Blanche e Angélique solucionaram todo o problema que pudesse restar fazendo alto e bom som um dueto em louvor ao seu médico; as outras alunas ecoaram, declarando unanimemente que quando ficassem doentes elas iriam querer o Dr. John, e ninguém mais; e Madame riu, e os pais riram também. Os Labassecouriens devem possuir um grande órgão de amor aos próprios filhos: pelo menos a indulgência em relação à progênie é levada por eles a grandes distâncias, a lei da maior parte dos lares sendo equivalente ao desejo das crianças. Madame então recebeu crédito por ter agido nessa ocasião em um espírito de parcialidade materna: ela passou por esse teste com todas as glórias; as pessoas gostavam dela como diretora mais que nunca.

Até hoje, nunca consegui compreender inteiramente por que ela arriscou dessa maneira seus interesses pelo bem do Dr. John. O que as pessoas diziam, eu naturalmente sei muito bem: toda a instituição, alunas, professores e empregadas aí incluídos, afirmava que ela iria se casar com ele. E assim eles haviam decidido; a diferença de idade parecia não ser um obstáculo aos seus olhos: era para ser assim.

Há que se admitir que as aparências não desencorajavam completamente essa ideia; Madame parecia tão inclinada a continuar com os serviços dele, tão esquecida de seu antigo protégé, [7] Pillule. Ela fazia muita questão, também, de atender pessoalmente as visitas dele, e era infalivelmente alegre, jovial e benigna em seu comportamento em relação a ele. Além do mais, ela dava, nessa época, uma grande atenção à vestimenta: o déshabillé [8] matutino, a touca de dormir e o xale haviam sido descartados; nas visitas feitas logo cedo pelo Dr. John ela sempre se encontrava com os cabelos castanho-avermelhados muito bem penteados, o vestido de seda com caimento impecável, brodequins [9] bem atados em vez de chinelos: resumindo, toda a indumentária completa como um manequim, e tão louçã quanto uma flor. Mal me passa pela cabeça, entretanto, que a intenção dela nesse aspecto fosse além de simplesmente mostrar para um homem muito belo que ela não era uma mulher sem atrativos; e destituída de atrativos ela não era. Sem ter feições belas ou formas elegantes, ela agradava. Sem a juventude e suas graças, ela alegrava. Ninguém se cansava de vê-la: ela nunca era monótona, ou insípida, ou sem cor ou sem interesse. Seu cabelo que não ficava grisalho, seus olhos com sua amena luz azul, suas faces com seu rubor parecido com o de uma fruta saudável, essas coisas agradavam com moderação, mas com constância.

Teria ela, na verdade, visões passageiras de tomar o Dr. John como marido, levá-lo para sua casa bem mobiliada, dotando-o com suas economias (que, diziam, alcançavam um bom valor), e deixá-lo numa situação confortável para o resto da vida? E o Dr. John: suspeitaria que ela alimentava tais visões? Eu o encontrei tendo acabado de se despedir dela com um meio sorriso travesso nos lábios, e nos olhos uma expressão como

se fosse de vaidade masculina exultante e excitada. Mesmo com toda a sua boa aparência e boa natureza, ele não era perfeito; teria de ser muito imperfeito se, com velhacaria, encorajasse objetivos que ele não tinha a menor intenção de que fossem bem-sucedidos. Mas, ele não tencionaria que eles fossem bem-sucedidos? As pessoas diziam que ele não tinha dinheiro, que dependia totalmente da sua profissão. Madame, embora talvez fosse uns quatorze anos mais velha que ele, era, contudo, o tipo de mulher que nunca fica velha, nunca fenece, nunca se enfraquece. Eles certamente se entendiam bem. *Ele* talvez não estivesse apaixonado; mas, quantas pessoas *realmente* amam, ou pelo menos se casam por amor, neste mundo? Nós esperávamos o fim da história.

O que *ele* esperava, eu não sei, tampouco o que ele observava; mas a peculiaridade de seus modos, seu olhar cheio de expectativa, vigilante, absorto, ansioso, jamais desapareceu: pelo contrário, ficou mais intenso. Ele nunca tinha estado muito ao alcance da minha observação, e creio que tenha ficado cada vez mais longe dela.

Certa manhã, a pequena Georgette tinha estado mais febril e, consequentemente, mais rabugenta; ela estava chorando, e não ficava tranquila. Eu achei que um cordial expressamente receitado não lhe fazia bem, e tinha dúvida se deveríamos continuar ministrando-o; eu esperava com impaciência pela vinda do médico para conversar com ele.

O sino da porta soou, ele foi admitido; eu tinha certeza disso, pois ouvi sua voz falando com a moça da portaria. Ele tinha o costume de vir diretamente para o quarto das crianças, subindo uns três degraus das escadas de cada vez, e chegando até nós como uma alegre surpresa. Cinco minutos se passaram… dez… e eu não vi nem ouvi sinais da presença dele. O que ele poderia estar fazendo? Possivelmente, esperando no corredor lá embaixo. A pequena Georgette ainda se lamentava em voz fraca, chamando-me pelo nome familiar que ela me dava, “Minnie, Minnie, eu tão doente!”, até meu coração ficar partido. Desci para verificar por que ele não havia subido. O corredor estava vazio. Para onde ele fora? Estaria com Madame na salle-à-manger? Impossível: eu a havia deixado fazia muito pouco tempo, vestindo-se em seu quarto. Fiquei

ouvindo. Três alunas estavam naquele momento ensaiando com todas as forças em três cômodos contíguos: a sala de jantar e a sala de estar grande e a pequena, entre as quais e o corredor não havia mais que a salinha da moça da portaria que se comunicava com os salões, e que originalmente fora concebida para ser um boudoir. [10] Mais adiante, como um quarto instrumento do oratório, uma classe inteira de doze ou mais alunas estava tendo uma aula de canto, e bem nesse momento se juntando em uma "barcarole" [11] (acho que era assim que eles a chamavam), da qual eu ainda me lembro das palavras "fraîchë", "brisë", e "Venisë". [12] Em tais circunstâncias, o que eu teria condição de ouvir? Muita coisa, certamente, se tivesse sido esse o propósito.

Sim, eu ouvi uma risada leviana e aguda na já mencionada salinha, bem perto da porta ao lado da qual eu estava parada, aquela porta semiaberta; uma voz de homem, em um tom baixo e implorante, disse algumas palavras, das quais eu só consegui entender a súplica, "Pelo amor de Deus!". Então, depois de uma pausa de alguns segundos, de lá saiu o Dr. John, seus olhos muito brilhantes, mas não devido à alegria ou ao triunfo; sua bela face inglesa enrubescida; uma expressão perplexa, torturada, ansiosa e, mesmo assim, terna, em sua fronte.

A porta aberta me serviu de proteção; mas, mesmo que eu estivesse à frente dele, creio que ele teria passado sem me ver. Uma mortificação, alguma forte contrariedade dominava sua alma: ou melhor, para escrever minhas impressões agora assim como as experimentei na época, eu deveria dizer um pouco de pesar, uma sensação de injustiça. Não pensei tanto que seu orgulho estivesse ferido, mas que suas afeições haviam sido feridas; cruelmente feridas, assim me pareceu. Mas, quem era o torturador? Qual criatura naquela casa tinha tanto poder sobre ele? Eu achava que Madame estivesse no quarto; o cômodo de onde ele saíra era dedicado ao uso exclusivo da moça da portaria; e ela, Rosine Matou, uma grisette [13] francesa sem princípios embora bonita, superficial, inconstante, com roupas chamativas, fútil e mercenária; não era, certamente, a *ela* que se devia o ordálio pelo qual o Dr. John parecia ter passado.

Mas, enquanto eu ficava pensando, a voz dela, nítida, embora um pouco aguda, irrompeu em uma alegre canção francesa, trinando através da porta ainda escancarada: dei uma olhada lá dentro, duvidando dos meus sentidos. Ela estava sentada à mesa, em um belo vestido de "jaconas" [14] cor-de-rosa, arrematando uma minúscula touca de renda: nenhum ser vivo além dela se encontrava no cômodo, a não ser, na verdade, uns peixinhos dourados em um aquário, algumas flores colocadas em vasos e um amplo raio de sol de julho.

Ali havia um problema: mas eu precisava subir para perguntar a respeito do remédio.

O Dr. John estava sentado em uma cadeira ao lado da cama de Georgette; Madame estava em pé ao lado dele; a pequena doente havia sido examinada e acalmada, e agora estava deitada tranquila em sua caminha. Quando entrei, Madame Beck estava discutindo a saúde do próprio médico, fazendo observações a respeito de uma mudança real ou imaginária nas feições dele, acusando-o de trabalhar em excesso e recomendando-lhe descanso e uma mudança de ares. Ele ouvia, bem-humorado, mas com uma indiferença risonha, dizendo que ela era "trop bonne" [15] e que ele estava perfeitamente bem. Madame recorreu a mim; o Dr. John seguiu os movimentos dela com um olhar lento que parecia expressar uma lânguida surpresa por alguém ter-se dirigido a uma criatura tão insignificante.

— Qual é sua opinião, Srta. Lucie? — perguntou Madame. — Ele não está mais pálido e magro?

Eu raramente falava mais que monossílabos na presença do Dr. John; ele era o tipo de pessoa com quem eu provavelmente permaneceria para sempre a coisinha neutra e passiva que ele acreditava que eu era. Agora, entretanto, eu me permiti responder com uma frase: e uma frase que eu, de propósito, tentei expressar de forma bastante significativa:

— Ele aparenta estar doente agora; mas, talvez, isso se deva a uma causa temporária: o Dr. John pode ter sido contrariado ou perturbado.

Não tenho condições de dizer qual foi a impressão que essa fala causou nele, já que não olhei seu rosto procurando informações. Georgette então

começou a me perguntar em seu inglês estropiado se ela poderia beber um copo de eau sucrée. Eu lhe respondi em inglês. Pela primeira vez, acho, o Dr. John percebeu que eu falava sua língua; até então, ele sempre me considerara uma estrangeira, chamando-me de "Mademoiselle" e dando em francês as instruções necessárias a respeito do tratamento das crianças. Ele parecia estar a ponto de fazer uma observação; mas, pensando melhor, manteve a boca fechada.

Madame voltou a aconselhá-lo; ele balançou a cabeça, rindo, levantou-se e desejou-lhe um bom dia, cortesmente, mas ainda com o ar indiferente de alguém para quem tanta cortesia não solicitada era excessiva e prejudicial.

Quando ele partiu, Madame se deixou cair na cadeira de onde ele acabara de se levantar; apoiou o queixo na mão; tudo que era animado e amável desapareceu das suas faces: ela assumira agora uma aparência pétrea e rígida, quase mortificada e taciturna. Ela suspirou; um único suspiro, mas profundo. Um sino soou bem alto para as lições da manhã. Ela se levantou; ao passar pela penteadeira que tinha um espelho, Madame olhou sua imagem refletida. Um único fio de cabelo branco se entremeava em suas tranças castanhas; ela o arrancou com um estremecimento. À luz do sol de verão, dava para perceber claramente que o rosto dela, embora ainda tivesse as cores da juventude, já não tinha a mesma textura; e, então, onde estavam os contornos da juventude? Ah, Madame! Sábia como a senhora era, até mesmo a *senhora* sabia o que era fraqueza. Nunca eu tivera dó de Madame antes, mas meu coração se compadeceu, quando ela, sombria, deu as costas ao espelho. Uma calamidade se havia abatido sobre ela. Aquela bruxa, a Decepção, a estava saudando com um macabro "Salve", e sua alma rejeitava a intimidade.

Mas a Rosine! Meu espanto em relação a esse ponto vai além da minha capacidade de descrevê-lo. Aproveitei cinco oportunidades de passar pela salinha dela naquele dia, com o intuito de contemplar seus encantos, e descobrir o segredo da influência deles. Ela era bonita, jovem e usava um vestido bem feito. Todas características muito boas, e, suponho, bastante suficientes para serem a causa, em qualquer mente filosófica, de algum

quinhão de agonia e de transtorno em um homem jovem como o Dr. John. Mesmo assim, eu não podia deixar de ter um desejo, ao menos parcial, de que o dito cujo médico fosse meu irmão; ou, pelo menos, que ele tivesse uma irmã ou mãe que, gentilmente, lhe fizesse um sermão. Eu digo *parcial* ; eu o fiz em pedaços e o deixei de lado antes que ele se transformasse em um desejo completo, descobrindo em boa hora sua refinada loucura. "Alguém", argumentei, "poderia igualmente fazer um sermão para Madame a respeito do seu jovem médico: e que bem isso faria?".

Acredito que a própria Madame tenha feito um sermão para si mesma. Ela não procedeu com fraqueza nem se apresentou, de modo algum, como uma figura ridícula. É verdade que ela não tinha nem sentimentos intensos para superar nem sentimentos ternos que a fizessem excessivamente infeliz. É igualmente verdade que tinha uma importante tarefa, uma ocupação real para preencher seu tempo, afastar seus pensamentos e dividir seus interesses. E é ainda mais verdade que ela era dona de um genuíno bom-senso, que não é dado a todas as mulheres nem a todos os homens; e devido a essas vantagens combinadas ela se comportou com prudência; ela se comportou bem. Brava!, uma vez mais, Madame Beck. Eu a vi enfrentando o Apoliom em uma predileção; a senhora combateu bem, e venceu!

XII. A CAIXA

Atrás da casa da Rue Fossette havia um jardim; grande, considerando que ele se encontrava no centro de uma cidade, e, tanto quanto eu me lembre hoje, bastante agradável: mas o tempo, assim como a distância, dá a determinadas cenas uma influência muito atenuante; e quando tudo ao nosso redor são pedras, paredes brancas e um pavimento quente, quão precioso parece ser um arbusto, quão adorável um pedaço de chão plantado e isolado!

Havia uma tradição de que a casa de Madame Beck, antigamente, tinha sido um convento. E que, em tempos passados (quanto tempo atrás, não sei dizer, mas acredito que séculos), antes de a cidade ter-se estendido além desse terreno, e quando ele não passava de solo lavrado e uma avenida, envolvido por um isolamento tão profundo e frondoso quanto o que deveria acolher um estabelecimento religioso, algo havia acontecido nesse local que, gerando medo e infligindo horror, havia deixado para a construção a herança de uma história de fantasmas. Uma história vaga corria a respeito de uma freira vestida de preto e branco, às vezes em uma noite ou em algumas noites do ano, vislumbrada em alguma parte daquela vizinhança. O fantasma devia ter sido criado muito tempo atrás, pois as casas estavam por toda parte, agora; mas certas relíquias do convento, sob a forma de velhas e grandes árvores frutíferas, ainda consagravam o local; e, aos pés de uma delas (uma pereira matusalênica, praticamente morta a não ser por uns poucos ramos que ainda fielmente renovavam sua neve perfumada na primavera, e seus frutos doces como o mel no outono), dava para ver, ao afastar a terra musgosa entre as raízes praticamente expostas, um vislumbre de uma laje regular, dura e negra. Corria a lenda, não confirmada e desacreditada, mas ainda assim propagada, que esse era o

portal de um jazigo, aprisionando bem abaixo daquele solo, em cuja superfície crescia a grama e as flores vicejavam, os ossos de uma menina a quem um conclave de monges da lúgubre Idade Média havia enterrado viva por causa de algum pecado contra seus votos. Era a sombra dela que os medrosos haviam temido por tantas gerações depois de o seu pobre corpo ter virado pó; seu hábito negro e o véu branco que, para olhos tímidos, a luz do luar e as sombras haviam simulado, enquanto eles flutuavam no vento noturno através das sebes do jardim.

Independente de tolices românticas, entretanto, aquele velho jardim tinha seus encantos. Nas manhãs de verão, eu costumava levantar-me cedo para desfrutá-los sozinha; nas noites de verão, ficava bastante tempo lá, solitária, para um encontro com a lua que surgia, ou sentir o beijo de uma brisa noturna, ou imaginar, mais que sentir, o frescor do orvalho que caía. A relva era verdejante, as aleias calçadas com cascalho eram brancas; nastúrcios reluzentes sob o sol se amontoavam, belos, sobre as raízes das árvores do pomar destituídas de ramos e cobertas de trepadeiras. Havia um grande berceau, acima do qual se espalhava a sombra de uma acácia; havia um caramanchão menor, mais isolado, aconchegado às parreiras que corriam ao longo de um muro alto e cinzento, e juntavam suas gavinhas em um entrelaçamento de beleza; seus cachos pendiam em uma doce profusão ao redor do ponto privilegiado onde jasmim e hera se encontravam e se uniam a eles.

Sem dúvida, ao meio-dia, no amplo e vulgar meio do dia, quando a grande escola de Madame Beck saía desenfreada, e alunas externas e pensionnaires se espalhavam por todos os cantos, competindo com os habitantes da escola de meninos que ficava bem pertinho, no desavergonhado exercício de seus pulmões e membros; sem dúvida, *então,* o jardim era um local suficientemente banal e frequentado. Mas, durante o pôr do sol ou na hora do salut, [1] quando as externas haviam voltado para casa, e as internas estavam quietas em seus estudos, era agradável então vaguear pelas aleias pacíficas, e ouvir os sinos da igreja de São João Batista tocando com seu som doce, agradável e exaltado.

Estava eu caminhando uma noite, e havia sido detida por mais tempo que o habitual depois do pôr do sol devido à calma cada vez mais profunda, da suave frescura, do hálito fragrante com que as flores, que não eram vencidas pela luz do sol, respondiam à persuasão do orvalho. Eu vi, por causa de uma luz na janela do oratório, que os católicos estavam então reunidos para as orações noturnas, um rito que eu, de vez em quando, por ser protestante, me eximia de frequentar.

"Um pouco mais", murmuraram a solidão e a lua de verão, "fique conosco: tudo agora está verdadeiramente silencioso; por mais um quarto de hora sua ausência não será sentida: o calor e o alvoroço do dia deixaram você cansada; aproveite estes minutos preciosos".

Os muros traseiros das casas, sem janelas, cercavam o jardim e, especialmente, toda a extensão de um lado era margeada por um prédio, onde ficavam os alojamentos da escola vizinha. Essa parede traseira, entretanto, era toda de pedras nuas, com exceção de determinadas janelinhas nos sótãos bem no alto, que se abriam dos dormitórios das empregadas, e também um postigo em um andar mais abaixo, que diziam indicar o quarto ou o escritório de um professor. Mas, embora o jardim fosse assim protegido, uma aleia, que corria exatamente em paralelo ao muro alto naquele lado do jardim, tinha o acesso proibido às alunas. Na verdade, ela era chamada de "l'allée défendue", [2] e qualquer menina que pusesse os pés lá ficaria sujeita a uma punição tão severa quanto as amenas regras do estabelecimento de Madame Beck permitiam. As professoras poderiam ir lá impunemente; mas como o caminho era estreito, e os arbustos, negligenciados, haviam crescido muito compactos e densos de cada lado, tecendo acima de nossa cabeça um teto de ramos e de folhas que os raios de sol atravessavam somente em raros pontos, essa aleia raramente era frequentada mesmo durante o dia, e depois do anoitecer ela era cuidadosamente evitada.

Desde o começo me senti tentada a abrir uma exceção para essa regra de afastamento: o isolamento e a própria melancolia da aleia me atraíam. Por muito tempo, o temor de parecer excêntrica me afastou de lá; mas, aos poucos, à medida que as pessoas ficaram acostumadas comigo e com meus

hábitos, e com tais nuanças de peculiaridade que eram inerentes à minha natureza (nuanças com certeza não marcantes o suficiente para interessar, e talvez não proeminentes o suficiente para ofender, mas nascidas em mim e comigo, e das quais eu não poderia separar-me, assim como não me separaria da minha identidade) lentamente me tornei frequentadora desse caminho estreito e apertado. Eu me transformei em jardineira de algumas flores desbotadas que cresciam entre os arbustos amontoados; limpei as lembranças de outonos passados, que sufocavam um assento rústico no ponto mais afastado. Pegando emprestados de Goton, a cuisinière, [3] um balde de água e um esfregão, limpei o assento. Madame me viu trabalhando e sorriu em aprovação: se com sinceridade ou não, eu não saberia dizer, mas ela *parecia* sincera.

— Voyez-vous — exclamou ela — comme elle est propre, cette demoiselle Lucie? Vous aimez donc cette allée, Senhorrita? [4]

— Sim — respondi. — Ela é tranquila e cheia de sombra.

— C'est juste [5] — exclamou ela com ar bondoso; e gentilmente me recomendou que eu permanecesse lá quanto quisesse, dizendo que, como eu não estava encarregada da vigilância, não precisava dar-me ao trabalho de caminhar com as alunas: eu deveria apenas permitir que suas filhas fossem lá, para falar inglês comigo.

Na noite em questão, eu estava sentada no recluso assento que havia sido resgatado aos fungos e ao mofo, ouvindo o que pareciam ser os distantes sons da cidade. Muito distantes, na verdade, eles não estavam: a escola se localizava no centro da cidade; de lá, uma caminhada de cinco minutos levava ao parque; dez minutos não eram necessários para levar a construções de esplendor palaciano. Bem próximas estavam ruas amplas fortemente iluminadas, naquele momento cheias de vida: carruagens trepidavam por elas a caminho de bailes ou da ópera. A mesma hora que determinava o toque de recolher em nosso convento, que extinguia todas as luzes, e fazia com que as cortinas caíssem ao redor de cada cama, soava para a alegre cidade ao nosso redor os chamados para a diversão festiva. Nesse contraste eu não pensava, entretanto: instintos alegres minha natureza tinha poucos; bailes ou ópera eu jamais havia visto; e embora

com frequência ouvisse descrições deles, e até mesmo desejasse vê-los, esse não era o desejo de uma pessoa que espera desfrutar de um prazer se ao menos ela conseguir alcançá-lo, que se sente em condição de brilhar em alguma luminosa esfera distante, caso possa apenas abrir seu caminho até lá; não era um desejo de alcançar, nem a ânsia de experimentar; apenas o pacífico desejo de olhar uma coisa nova.

A lua estava no céu; não uma lua cheia, mas uma jovem lua crescente. Eu a via através de um espaço nos ramos acima da minha cabeça. Ela e as estrelas, visíveis mais além dela, não eram estranhas onde tudo mais era estranho: minha infância as conhecia. Eu já havia visto aquele sinal dourado com o globo escuro em sua curva repousando sobre o firmamento, ao lado de um velho espinheiro no topo de um velho campo, na Velha Inglaterra, em dias há tanto passados, assim como ela agora repousava ao lado de um imponente pináculo nesta capital continental.

Oh, minha infância! Eu tinha sentimentos: passiva como eu vivia, pouco como eu falava, fria como eu parecia, quando pensava nos dias passados, eu *conseguia* sentir. A respeito do presente, era melhor ser estoica; quanto ao futuro (um futuro assim como o meu), estar morta. E em um estado cataléptico e em um transe mortal, eu diligentemente continha a parte impetuosa da minha natureza.

Naquela ocasião, eu lembro muito bem, quaisquer coisas que pudessem ser excitantes, certos fenômenos meteorológicos, por exemplo, eram praticamente temidas por mim, porque despertavam o ser que eu estava sempre ninando, e instigavam uma ânsia furiosa que eu não podia saciar. Certa noite, uma tempestade se desencadeou; um tipo de furacão nos sacudiu em nossas camas: as católicas acordaram em pânico e rezaram para seus santos. Quanto a mim, a tempestade exerceu seu controle de forma tirânica: fui bruscamente despertada e forçada a viver. Eu me levantei e me vesti e, indo silenciosa para fora do postigo ao lado da minha cama, sentei-me em sua borda, com os pés no teto de um prédio contíguo mais baixo. Estava muito úmido, estava bravio, estava escuro como breu. Dentro do dormitório, elas se juntaram ao redor da lamparina, consternadas, rezando em voz alta. Eu não conseguia entrar: irresistível

demais era o prazer de me misturar àquele momento selvagem, sombrio e repleto de trovões, estrondeando uma ode que a linguagem jamais pronunciou para os seres humanos; terrivelmente glorioso era o espetáculo das nuvens, partidas e fendidas por clarões brancos e cegantes.

Eu ansiei, cheia de tristeza, então e nas vinte e quatro horas seguintes, por alguma coisa que me tirasse da minha atual existência e me conduzisse para o alto e para a frente. Esse anseio, e todos do mesmo tipo, era preciso golpear na cabeça; o que eu fiz, figurativamente, à maneira de Iael com Siserá, enfiando uma estaca em suas têmporas. Ao contrário de Siserá, eles não morreram: ficaram apenas temporariamente entontecidos, e de tempos em tempos iriam revolver a estaca com um puxão rebelde: e então as têmporas realmente sangravam, e o cérebro estremecia profundamente.

Essa noite eu não estava tão rebelde nem me sentindo tão deprimida. Meu Siserá estava deitado tranquilo em sua tenda, dormindo; e se sua dor se fizesse sentir em meio a seus sonhos, algo parecido com um anjo — o Ideal — se ajoelhava ao lado, derramando bálsamo nas têmporas acalmadas, segurando à frente dos olhos cerrados um espelho mágico, cujas visões doces e solenes eram repetidas nos sonhos, e espalhando um reflexo de suas asas e vestimenta enluaradas sobre quem dormia imóvel; sobre o umbral da tenda e sobre toda a paisagem que jazia ao redor. Iael, a rígida mulher, sentava-se afastada, compadecendo-se um pouco de seu prisioneiro; porém, mais inclinada a pensar na expectativa de Héber voltar para casa. E com essas palavras quero dizer que a fresca tranquilidade e a doçura orvalhada da noite me enchiam com um estado de espírito esperançoso: não a esperança de alguma coisa definida, mas um sentimento geral de encorajamento e de paz.

Não deveria tal estado de espírito, tão doce, tão tranquilo, tão pouco habitual, ter sido o prenúncio do bem? Ai de mim, nenhum bem adveio dele! Dentro de pouco tempo, o grosseiro Real irrompeu — maldoso, rastejante e repelente como ele é com frequência.

Entre a intensa quietude daquela pilha de pedras que assomava sobre a aleia, as árvores, o muro alto, eu ouvi um som; um postigo (todas as

janelas aqui são postigos, que se abrem com dobradiças) rangeu. Antes que eu tivesse tempo de olhar para cima e verificar onde, em qual andar, ou por quem ele fora aberto, uma árvore balançou, como se tivesse sido atingida por um projétil; um objeto qualquer caiu a meus pés.

O relógio da igreja de São João Batista batia as nove horas; o dia estava findando, mas ainda não estava escuro: a lua crescente pouco ajudava, mas o profundo fulgor daquele ponto no céu, onde o sol lançava seus últimos raios, e a claridade cristalina de um amplo espaço acima mantinham o crepúsculo de verão; até mesmo em minha caminhada no escuro eu poderia, aproximando-me de uma clareira, ter conseguido ler um papel com letras miúdas. Era fácil ver então que o míssil era uma caixa, uma caixinha de marfim branco e colorido; sua fechadura solta se abriu na minha mão, violetas estavam dentro da caixa, violetas que ocultavam um pedaço de papel cor-de-rosa bem dobrado, uma nota com o sobrescrito "Pour la robe grise". [6] De fato, eu estava usando um vestido francês de tecido cinzento.

Bom. Seria esse um billet-doux? [7] Algo de que eu já havia ouvido falar, mas até então não tinha tido a honra de ver ou de manusear? Seria esse tipo de mercadoria que eu segurava entre meu dedo indicador e o polegar naquele momento?

Dificilmente: não sonhei com isso nem por um momento. Pretendente ou admirador meus pensamentos não haviam concebido. Todas as professoras sonhavam com algum apaixonado; uma (mas ela, naturalmente, pertencia ao grupo dos crédulos) acreditava em um futuro marido. Todas as alunas acima de quatorze anos tinham conhecimento de algum futuro noivo; duas ou três já haviam tido casamento arranjado pelos pais, e estavam nessa situação desde a infância: mas, no âmbito dos sentimentos e das esperanças que tais perspectivas descortinam, minhas especulações não tinham nem uma só vez autorização para entrar, muito menos minhas presunções. Se as outras professoras iam à cidade, ou caminhavam pelos boulevards, ou simplesmente iam à missa, elas tinham certeza absoluta (segundo os relatos feitos na volta) de encontrar uma pessoa do "sexo oposto" cujo olhar embevecido e ardoroso lhes dava

garantia de seu poder de chamar a atenção e de atrair. Não posso dizer que minha experiência correspondesse à delas, nesse ponto. Eu ia à igreja e fazia caminhadas, e tenho certeza absoluta de que ninguém prestava atenção em mim. Não havia uma só menina ou mulher na Rue Fossette que não pudesse ou não comprovasse ter recebido um olhar de admiração dos olhos azuis do nosso jovem médico, em um momento ou outro. Eu sou forçada, por mais humilhante que isso possa soar, a excetuar minha pessoa: no que me diz respeito, aqueles olhos azuis eram destituídos de culpa, e tão calmos quanto o céu, com cuja cor eles se pareciam. O que acontecia era que eu ouvia as demais conversando, e com frequência me espantava com a alegria, a segurança e a satisfação delas, mas não me dava ao trabalho de erguer os olhos e dar uma olhada ao longo do caminho que elas pareciam ter tanta certeza de trilhar. Este, então, não era um billet-doux; e foi com uma firme convicção do contrário que o abri tranquilamente. Ele dizia o seguinte — eu traduzo:

"Anjo dos meus sonhos! Agradeço milhares, milhares de vezes, pela promessa mantida: eu mal me arrisquei a esperar que ela fosse cumprida. Acreditei que a senhorita, na verdade, não estivesse falando muito sério; e então a senhorita pareceu considerar a entreprise [8] envolvida em tamanho perigo, o horário tão inoportuno, a aleia tão rigidamente isolada, com frequência, a senhorita disse, assombrada por aquele dragão, a professora inglesa — une véritable bégueule Britannique à ce que vous dites — espèce de monstre, brusque et rude comme un vieux caporal de grenadiers, et revêche comme une religieuse [9] (o leitor perdoará minha modéstia por permitir que tão lisonjeiro retrato da minha amável pessoa mantenha o ligeiro véu da língua original). "A senhorita está ciente", prosseguiu essa preciosa efusão, "que o pequeno Gustave, por causa da sua doença, foi removido para o quarto de um preceptor (aquele quarto privilegiado, cuja gelosia se abre para a sua prisão). Lá, eu, o melhor tio do mundo, sou admitido para visitá-lo. Quão trêmulo me aproximei da janela e olhei rapidamente para o seu Éden; um Éden para mim, embora seja um deserto para a senhorita! Como eu temi deparar-me com o espaço vazio, ou o já mencionado dragão! Como meu coração palpitava de deleite quando,

através de espaços entre os invejosos ramos, eu na hora vislumbrei o lampejo do seu gracioso chapéu de palha, e o ondejar do seu vestido cinzento; vestido que eu reconheceria entre mil. Mas por que, meu anjo, a senhorita não ergueu o olhar? Cruel, me negando um raio desses olhos adoráveis! Como um único olhar me teria revivescido! Escrevo este bilhete com pressa; enquanto o médico examina Gustave, eu aproveito uma oportunidade para colocar o bilhete em uma caixinha, junto com um buquê de flores, as mais doces que florescem; contudo, menos doces que tu, minha Peri… minha tão encantadora! Sempre teu… tu bem sabes quem!".

"Eu gostaria de saber quem é", foi meu comentário; e o desejo era ainda maior com referência à pessoa a quem esse seleto documento se dirigia, que à pessoa que o escrevera. Talvez fosse do noivo de uma das alunas comprometidas; e, nesse caso, nenhum grande mal havia sido feito ou tencionado, apenas uma pequena infração. Muitas das meninas, a maioria, na verdade, tinham irmãos ou primos na escola vizinha. Mas, "la robe grise, le chapeau de paille", [10] neste caso, certamente eram uma indicação; e muito confusa. O chapéu de palha era uma proteção comum para a cabeça, usado por muitas, além de mim mesma. O vestido cinzento dificilmente dava maiores indicações. A própria Madame Beck normalmente usava então um vestido cinzento; outra professora, e três das pensionnaires, haviam comprado vestidos do mesmo tom de cinza e do mesmo tecido que o meu: ele era do tipo de roupa de uso quotidiano que, casualmente, estava na moda nessa época.

Entrementes, enquanto eu ficava pensando, sabia que precisava entrar. Luzes se movendo no dormitório anunciaram que as orações haviam terminado, e as alunas estavam indo dormir. Outra meia hora e todas as portas seriam trancadas, todas as luzes apagadas. A porta da frente, contudo, estava aberta, para admitir na casa aquecida o frescor da noite de verão; na salinha da moça da portaria que ficava ali bem perto brilhava uma luz, mostrando o longo vestíbulo com as portas de duas folhas da sala de estar de um lado, a grande porta da rua fechando a vista.

De repente, o sino soou rapidamente; rápido, mas não alto, um tinir cauteloso, um tipo de sussurro metálico e alertador. Rosine saiu às pressas da sua salinha e correu abrir a porta. A pessoa que ela admitiu ficou com ela dois minutos, conversando: parecia haver uma objeção, uma demora. Rosine foi até a porta do jardim, candeeiro nas mãos; ela ficou nos degraus, erguendo seu candeeiro, olhando ao redor vagamente.

— Quel conte! — exclamou ela, com uma risada coquete. — Personne n'y a été. [11]

— Deixe-me passar — suplicou uma voz que eu conhecia. — Eu só peço cinco minutos. — E uma silhueta familiar, alta e imponente (segundo todas nós na Rue Fossette julgávamos), saiu da casa, e foi andando por entre os canteiros e aleias. Era um sacrilégio a intrusão de um homem naquele local, naquela hora; mas ele sabia que tinha privilégios, e talvez confiasse na noite amigável. Perambulou pelas aleias, olhando de um lado para o outro; perdeu-se entre os arbustos, pisoteando flores e quebrando ramos em sua busca, e finalmente entrou na "aleia proibida". E lá eu o encontrei, como se fosse um fantasma, suponho.

— Dr. John! Ele foi encontrado.

Ele não perguntou por quem, pois com seus olhos sagazes percebeu que eu o segurava nas mãos.

— Não a traia — disse ele, olhando para mim como se eu fosse mesmo um dragão.

— Mesmo que eu estivesse muito inclinada à traição, não posso trair o que eu não sei — foi minha resposta. — Leia o bilhete; e o senhor vai ver quão pouco ele revela.

"Talvez o senhor tenha lido", pensei comigo mesma; e, no entanto, eu não conseguia acreditar que ele o escrevera: aquele dificilmente era o estilo dele: além do mais, eu fui tola o suficiente para pensar que seria um pouco difícil ele me chamar de tais nomes. O olhar dele o justificou; ele ficou excitado e enrubescido enquanto lia.

— Isto é na verdade demasiado: isto é cruel, isto é humilhante — foram as palavras que saíram dos lábios dele. Eu achei que *era* cruel,

quando vi a fisionomia dele tão alterada. Não importava se ele fosse culpado ou não; alguém, assim me parecia, deveria ter ainda mais culpa.

— O que a senhorita vai fazer a respeito? — perguntou ele. — A senhorita vai contar para Madame Beck o que descobriu, e causar comoção… um esclandre? [12]

Eu achava que deveria contar, e o disse; acrescentando que não acreditava que fosse haver comoção ou escândalo: Madame era prudente demais para fazer alvoroço a respeito de um caso desse tipo relacionado ao seu estabelecimento.

Ele ficou parado com os olhos baixos, pensativo. Ele era ao mesmo tempo orgulhoso demais e honrado demais para rogar que eu mantivesse segredo em um ponto em que o dever evidentemente me exortava a informar. Eu desejava proceder bem, contudo, detestava magoá-lo ou puni-lo. Bem nesse momento, Rosine deu uma olhada através da porta aberta; ela não podia ver-nos, embora por entre as árvores eu pudesse vê-la perfeitamente: o vestido dela era cinzento, como o meu. Essa circunstância, em conexão com acontecimentos anteriores, me sugeriu que talvez o caso, por mais deplorável que fosse, era um assunto com que eu não tinha nenhuma obrigação de me preocupar. Desse modo, eu disse:

— Se o senhor pode dar-me a garantia de que nenhuma das alunas de Madame Beck está envolvida nesse assunto, eu me sentirei feliz em me manter afastada de qualquer tipo de interferência. Pegue a caixa, o buquê e o bilhete; de minha parte, eu esqueço com alegria o caso todo.

— Olhe lá! — sussurrou ele de repente, enquanto sua mão se fechava sobre aquilo que eu lhe oferecia e ao mesmo tempo apontava entre os ramos.

Eu olhei. Eis Madame, de xale, roupão e chinelos, descendo cautelosamente os degraus, e andando silenciosa como um gato pelo jardim: em dois minutos, teria se aproximado do Dr. John. Mas se *ela* era como um gato, contudo, *ele* , do mesmo modo, se parecia com um leopardo: nada poderia ser mais ligeiro que os passos dele quando ele queria. Ele observou, e, quando ela dobrou uma esquina, ele foi para o jardim em dois saltos inaudíveis. Ela reapareceu, e ele havia desaparecido.

Rosine o ajudou, instantaneamente interpondo a porta entre ele e sua perseguidora. Eu também poderia ter ido embora, mas preferia encontrar Madame abertamente.

Embora fosse meu hábito frequente e já bem conhecido ficar durante o crepúsculo no jardim, contudo, nunca, até aquele dia, eu havia ficado até tão tarde. Com toda a certeza, era minha ausência que Madame sentia; ela viera procurar-me, e tencionava atacar o faltoso desprevenido. Eu esperava uma reprimenda. Não. Madame era toda bondade. Ela nem ao menos fez uma reprimenda; não expressou nem uma sombra de surpresa. Com aquele seu tato absoluto, no qual eu acredito que ela nunca tenha sido ultrapassada por nenhuma criatura viva, ela até mesmo declarou simplesmente ter saído para desfrutar "la brise du soir". [13]

— Quelle belle nuit! — exclamou ela, olhando para as estrelas; a lua havia então desaparecido por trás da grande torre da igreja de São João Batista. — Qu'il fait bon! Que l'air est frais! [14]

E, em vez de me mandar entrar, ela me reteve para dar com ela algumas voltas ao longo da aleia principal. Quando finalmente nós duas entramos, ela se apoiou afavelmente em meu ombro para subir os degraus da frente; na hora de nos separarmos, seu rosto foi oferecido aos meus lábios, e "Bon soir, mon amie; dormez bien!" [15] foi sua gentil despedida daquela noite.

Eu me flagrei sorrindo deitada na minha cama, acordada e pensativa; sorrindo por causa de Madame. A doçura e a suavidade do seu comportamento ofereciam, para quem a conhecia, um indício seguro de que algum tipo de suspeita estava ativo em sua cabeça. Através de alguma abertura ou posto alto de observação, entre os ramos das árvores ou pela janela aberta, ela havia, sem dúvida, tido um vislumbre, próximo ou distante, enganoso ou instrutivo, dos acontecimentos daquela noite. Tão sofisticada como ela era na arte da vigilância, era praticamente impossível que uma caixa pudesse ser jogada no seu jardim, ou que um intruso pudesse passar por suas aleias para recuperá-la, sem que ela, por meio de um ramo balançando, uma sombra movediça, um indesejável rumor de passos ou um murmúrio suave (e embora o Dr. John tivesse dito em voz

muito baixa as poucas palavras que dirigira a mim, contudo, o sussurro da sua voz masculina permeara, eu pensei, todo o recinto conventual), sem que, afirmo, ela tivesse percebido os sinais de fatos extraordinários ocorrendo em seus recintos. *Quais* fatos, ela não poderia ver de jeito nenhum, ou naquela ocasião ter condições de descobrir; porém, um delicioso e complicado pequeno complô se oferecia tentador para que ela o desemaranhasse; e no meio, envolta em teias de aranha, não havia ela capturado a "Senhorrita Lucie", desajeitadamente envolvida, como a tola mosquinha que ela era?

XIII. UM ESPIRRO INCONVENIENTE

Eu tive a oportunidade de sorrir; não, de dar risada, de Madame outra vez, no espaço de vinte e quatro horas depois do pequeno acontecimento abordado no último capítulo.

Villette possui um clima tão variável, embora não tão úmido, quanto o de qualquer cidade inglesa. Uma noite de ventos fortes se seguiu àquele doce crepúsculo, e todo o dia seguinte foi de tempestade de ventos: escuro, nebuloso e, contudo, sem chuva; as ruas estavam obscurecidas com areia e pó soprados dos boulevards. Talvez nem um tempo ameno me tivesse tentado a passar a parte da noite dedicada ao estudo e à recreação onde eu a havia passado na véspera. Minha aleia, e, na verdade, todos os caminhos e arbustos no jardim haviam adquirido um interesse novo, mas não agradável; seu isolamento havia então se tornado precário; sua calma, insegura. Aquele postigo que chovia bilhetes havia vulgarizado o outrora caro recanto para o qual ele dava vista; e em todos os outros lugares os olhos das flores haviam adquirido visão, e as protuberâncias nos troncos das árvores escutavam como ouvidos secretos. Na verdade, havia algumas plantas pisoteadas pelo Dr. John (em sua busca e em seu percurso apressado e descuidado) que eu desejava estear, regar e revivescer; ele também havia deixado algumas pegadas no canteiro: mas para essas, apesar do vento forte, eu consegui reservar um momento livre logo cedo, e as apaguei, antes que olhos comuns as tivessem descoberto. Com um tipo de satisfação pensativa, sentei-me à minha escrivaninha com meu alemão, enquanto as alunas se acomodavam para as lições do fim da tarde, e as demais professoras pegavam seus trabalhos de costura.

O cenário do “étude du soir” [1] era sempre o refeitório, um cômodo muito menor que qualquer outra das três classes ou salas de aula; pois aqui

ninguém, a não ser as alunas internas, jamais era admitido, e essas alunas não passavam de umas vinte. Dois candeeiros pendiam do teto sobre as duas mesas; eles eram acesos com o pôr do sol, e esse era o sinal para que os livros escolares fossem postos de lado, um comportamento grave fosse assumido, um silêncio geral, reforçado, e então começava "la lecture pieuse". [2] Essa tal "lecture pieuse", eu logo descobri, era principalmente concebida como uma saudável mortificação do Intelecto, uma útil humilhação da Razão; e uma dose tal para o Bom-Senso que fosse suficiente para ele digerir com calma, e vicejar da melhor maneira possível.

O livro trazido (ele jamais era mudado: quando a leitura terminava, era de novo recomeçada) era um volume venerável, velho como os montes — cinzento como o Hôtel de Ville. [3]

Eu teria dado dois francos pela oportunidade de ter aquele livro uma vez nas mãos, virar as sacras páginas amareladas, averiguar o título, e observar com meus próprios olhos as imensas invenções que, na qualidade de herética indigna, eu tinha apenas permissão para apreender com meus ouvidos atônitos. Esse livro continha legendas dos santos. Bom Deus! (eu falo tais palavras com reverência) e que legendas elas eram. Que jactanciosos tratantes esses santos devem ter sido, se eles se vangloriaram pela primeira vez dessas façanhas ou inventaram esses milagres. Essas legendas, entretanto, não eram mais que extravagâncias monásticas, a respeito das quais a pessoa podia rir em seu íntimo; havia, além do mais, questões sacerdotais, e as maquinações dos sacerdotes apresentadas no livro eram muito piores que seu monasticismo. As orelhas queimavam dos dois lados da minha cabeça enquanto eu era forçada a ouvir as histórias de martírios morais infligidos por Roma; as temíveis vanglórias de confessores, que haviam maldosamente abusado de sua posição, maltratando até a degradação damas bem-nascidas, fazendo de condessas e de princesas as mais atormentadas escravas sob a luz do sol. Histórias como a de Conrado e de Isabel da Hungria eram repetidas uma vez depois da outra, com toda a sua terrível perversidade, tirania insana e impiedade

sombria: narrativas que eram pesadelos de opressão, de privação e de paroxismo.

Eu compareci a essa "lecture pieuse" durante algumas noites, tanto quanto pude, e no máximo silêncio também, tendo apenas em uma ocasião quebrado as pontas da minha tesoura ao cravá-las de modo involuntário um tanto profundamente no carcomido tampo da mesa à minha frente. Mas, por fim, aquilo me deixou tão exaltada, e minhas têmporas, meu coração e meus pulsos latejavam tão rapidamente, e meu sono depois era tão interrompido por causa da excitação, que eu não tive mais condição de ficar sentada. A prudência recomendava então uma saída rápida do local, no momento em que o velho livro culpado era trazido. Nenhuma Mause Headrigg jamais sentiu maior apelo para dar seu testemunho contra o Sargento Bothwell que eu, para falar o que eu pensava a respeito dessa papista "lecture pieuse". Entretanto, de algum modo eu consegui me controlar e me refrear; e embora sempre, assim que Rosine chegasse para acender os candeeiros, eu saísse rapidamente do cômodo, contudo eu também o fazia em silêncio, aproveitando o momento de vantagem dado pelo pequeno tumulto antes do silêncio mortal, e desaparecendo enquanto as alunas internas deixavam de lado seus livros.

Quando eu desaparecia, ia rumo à escuridão; não era permitido andar com velas, e a professora que abandonasse o refeitório tinha apenas o hall, a sala de aula ou o dormitório sem iluminação como refúgio. No inverno, eu me dirigia às longas salas de aula, e ficava andando rapidamente por elas para me manter aquecida; feliz se a lua brilhasse, e se houvesse apenas estrelas, logo reconciliada com seu brilho indistinto, ou mesmo com o eclipse total da sua ausência. No verão, nunca ficava completamente escuro, e então eu subia para meu canto do longo dormitório, abria meu postigo (aquele quarto era iluminado por cinco postigos largos como grandes portas), e, inclinando-me para fora, olhava para a cidade que ficava além do jardim, e ouvia a banda de música do parque ou da praça do palácio, entretendo, enquanto isso, meus próprios pensamentos, vivendo minha própria vida, em meu próprio mundo silencioso de sombras.

Nessa noite, fugitiva como sempre do papa e de suas obras, subi a escada, aproximei-me do dormitório e abri sem ruído a porta, que era sempre cuidadosamente mantida fechada, e que, como todas as outras portas da casa, girava silenciosamente em dobradiças bem azeitadas. Antes de *ver* , eu *senti* que havia vida no grande quarto, que normalmente ficava vazio: não que houvesse movimento ou respiração, ou o sussurro de algum som, mas o Vácuo estava ausente, a Solidão não estava em casa. Todas as camas brancas, os "lits d'ange", [4] como elas eram poeticamente chamadas, estavam imediatamente visíveis; todas vazias: nenhuma pessoa adormecida repousava lá. O som de uma gaveta sendo cautelosamente aberta chegou aos meus ouvidos; dando um passo para o lado, assumi um ponto de visão que tinha um grande alcance, não impedido por cortinas pendentes. Então observei minha própria cama e mesa de cabeceira, com uma cesta de trabalho trancada sobre ela, e gavetas trancadas embaixo.

Muito bem. Um corpo atarracado e maternal, usando um xale decente e a mais limpa possível das toucas de dormir, estava parado à frente dessa mesa de cabeceira, aparentemente atarefado fazendo-me a gentileza de "arrumar" o "meuble". [5] Aberta estava a fechadura da cesta de trabalho, aberta a gaveta superior; devida e imparcialmente foi cada sucessiva gaveta aberta: nem um item do seu conteúdo deixou de ser tirado e desdobrado, nem um papel deixou de ser relanceado, nem uma caixinha deixou de ser aberta; e bela era a agilidade, exemplar o cuidado com que a busca estava sendo realizada. Madame se exercitava nela como uma verdadeira estrela, "sem se apressar e, no entanto, sem repousar". Não vou negar que foi com uma alegria secreta que a observei. Tivesse eu sido um cavalheiro, acredito que Madame me teria causado uma boa impressão; ela era tão hábil e ordeira em tudo que fazia: os movimentos de algumas pessoas provocam a alma com sua completa falta de jeito; os dela satisfaziam com sua elegante concisão. Resumindo, fiquei ali, fascinada; mas era necessário fazer um esforço para quebrar esse encanto: uma retirada rápida se fazia necessária. A investigadora poderia ter-se voltado e me flagrado; então, não teria acontecido nada além de uma cena, e ela e eu teríamos tido de, com um choque súbito, pôr tudo em pratos limpos

uma com a outra: por água abaixo teriam ido as convenções, descartados teriam sido os disfarces, e *eu* teria olhado nos olhos dela, e ela nos meus: teríamos descoberto que não mais poderíamos trabalhar juntas, e nos teríamos separado para sempre.

E qual era a vantagem de dar ensejo a tal catástrofe? Eu não estava zangada, e não tinha o menor desejo de abandonar Madame. Eu dificilmente conseguiria outro empregador com um jugo tão fácil de carregar e tão fácil de suportar; e eu gostava de verdade de Madame por causa do seu excelente bom-senso, independentemente do que eu pensasse a respeito dos seus princípios: quanto ao seu sistema, ele não me causava mal, ela poderia lidar comigo usando-o a seu bel-prazer: nada resultaria das manobras. Sem ser amada e sem buscar o amor, eu estava tão segura de espiões em minha pobreza de coração quanto os mendigos estavam seguros dos ladrões na pobreza de seus bolsos. Voltei-me, então, e fugi, descendo as escadas com movimentos tão rápidos e silenciosos quanto os de uma aranha, que no mesmo momento descia pelo corrimão.

Como eu ria quando cheguei à sala de aula. Sabia então que ela certamente havia visto o Dr. John no jardim; sabia quais eram os pensamentos dela. Divertia-me muito o espetáculo de uma natureza desconfiada levada a um engano tão grande por suas próprias intenções. Contudo, enquanto a risada se extinguiu, um tipo de ira se apossou de mim, e então a amargura se seguiu: era o rochedo sendo golpeado e as águas de Meribá jorrando. Eu nunca havia sentido um tumulto interior tão estranho e contraditório quanto o que senti durante uma hora naquela noite: irritação e risada, fogo e pesar partilharam entre si meu coração. Chorei lágrimas amargas: não porque Madame não confiava em mim; eu não dava a menor importância à falta de confiança dela, mas por outras razões. Pensamentos complicados e perturbadores transtornaram o sossego da minha natureza. Entretanto, aquele tumulto perdeu a intensidade: no dia seguinte, eu era novamente Lucy Snowe.

Ao tornar a olhar minhas gavetas, eu as achei todas muito bem trancadas; a inspeção posterior mais detalhada não foi capaz de descobrir nem mudança nem qualquer aparente alteração na posição de cada objeto.

Meus poucos vestidos estavam dobrados assim como eu os havia deixado; certo buquezinho de violetas brancas que uma vez me havia sido oferecido por um estranho (um estranho para mim, pois nós nunca tínhamos trocado uma palavra), e que eu havia deixado secar e conservava por causa de seu doce perfume entre as dobras do meu melhor vestido, estava lá sem ser perturbado; meu lenço de seda negra, minhas chemisettes [6] e golas de renda estavam sem a menor ruga. Tivesse ela amassado uma única peça, confesso que eu teria sentido uma dificuldade muito maior para perdoá-la; mas, ao descobrir tudo tão arrumado e em ordem, eu disse: "Deixe os mortos enterrarem os seus mortos. Não me causou mal algum: por que eu deveria sentir rancor?".

* * * * *

Havia algo que me intrigava, e eu quebrava a cabeça procurando uma resposta para o enigma com quase tanta diligência quanto Madame havia procurado indícios para um conhecimento que lhe pudesse ser útil nas gavetas da minha mesa de cabeceira. Como é que o Dr. John, se ele não tinha sido cúmplice no arremesso da caixa no jardim, poderia ter sabido que ela *havia sido* jogada, e apareceu tão prontamente no local para procurá-la? Tão forte era o desejo de esclarecer esse ponto que comecei a pensar nesta ousada sugestão:

"Por que não posso, caso venha a ter a oportunidade, pedir ao próprio Dr. John para explicar essa coincidência?".

E, enquanto o Dr. John esteve ausente, eu de fato acreditei que teria coragem de testá-lo com tal pergunta.

A pequena Georgette estava então convalescendo; e seu médico consequentemente rareou bastante as visitas: na verdade, ele as teria encerrado, se Madame não tivesse insistido em sua vinda ocasional até que a menina estivesse completamente restabelecida.

Ela entrou no quarto das crianças uma noite logo depois de eu ter escutado as orações balbuciadas e estropiadas de Georgette e tê-la colocado na cama. Pegando a mão da menininha, ela disse:

— Cette enfant a toujours un peu de fièvre. — E logo em seguida disse, lançando-me um olhar mais rápido que o habitual para seus olhos calmos — Le Docteur Jean l'a-t'il vue dernièrement? Non, n'est-ce pas? [7]

É claro que ela sabia disso melhor que qualquer outra pessoa na casa.

— Bem — continuou ela — eu vou sair, pour faire quelques courses en fiacre. [8] Vou falar com o Dr. John, e pedir que ele venha ver a menina. Vou fazer com que ele a veja esta noite; o rosto dela está quente, o pulso está rápido; a *senhorita* o receberá; eu estarei fora de casa.

Ora, a criança estava muito bem, apenas quente com o calor de julho; era pouco menos necessário chamar um padre para administrar a extrema-unção que um médico para receitar um remédio; Madame raramente fazia "courses", como ela dizia, à noite; além do mais, essa era a primeira vez em que ela havia decidido ausentar-se por ocasião de uma visita do Dr. John. Todos esses preparativos indicavam algum plano; isso eu percebi, mas sem a menor ansiedade. "Ha! Ha! Madame", riu Despreocupado o Mendigo, "a senhora está gastando seu engenho à toa".

Ela saiu, muito bem-vestida, com um xale caro, e um certo chapeau vert tendre [9] arriscado, devido à sua cor, para qualquer pele menos viçosa que a dela, mas, para ela, apropriado. Fiquei pensando quais seriam as suas intenções: se ela realmente iria mandar o Dr. John ou não; ou se, na verdade, ele iria vir: ele poderia ter compromissos.

Madame me havia encarregado de não deixar Georgette dormir até que o médico viesse; eu tinha, portanto, ocupação suficiente contando-lhe histórias infantis e tagarelando com palavras fáceis para seu benefício. Eu gostava de Georgette; ela era uma criança sensível e amorosa: mantê-la sentada em meu regaço, ou carregá-la nos braços, para mim era um deleite. Essa noite ela queria que eu recostasse minha cabeça no travesseiro da sua caminha; ela chegou até a enlaçar meu pescoço com seus bracinhos. Seu abraço, e o ato de se achegar a mim pressionando a face contra a minha, quase me fizeram chorar com uma dor terna. Nenhum tipo de sentimento era abundante naquela casa; essa gotinha pura vinda de uma fonte pura era muito doce; ela penetrou profundamente e apaziguou o coração, e enviou um jorro de lágrimas para os olhos.

Meia hora, ou uma hora se passou; Georgette murmurou em sua pronúncia infantil e doce que estava ficando com sono. “E você *vai* dormir”, eu pensei, “malgré maman et médecin, [10] se eles não estiverem aqui em dez minutos.”

Ouçam! Eis a batida à porta, e então os passos, surpreendendo a escadaria com a ligeireza com que deixavam para trás os degraus. Rosine introduziu o Dr. John e, com uma liberdade de modos não totalmente típica do seu comportamento, mas característica das empregadas de Villette de modo geral, ela ficou para ouvir o que o médico tinha a dizer. A presença de Madame a teria intimidado, fazendo-a voltar para seu próprio reino do vestíbulo e da salinha; à minha presença, ou à de qualquer outra professora ou aluna, ela não dava a menor importância. Bem-vestida, asseada e petulante, ela ficou parada, as mãos nos bolsos do seu colorido avental de grisette, [11] olhando o Dr. John com tão pouco temor ou timidez como se ele fosse um quadro e não um cavalheiro vivo.

— Le marmot n’a rien, nest-ce pas? [12] — perguntou ela, indicando Georgette com o queixo.

— Pas beaucoup [13] — foi a resposta, enquanto o médico apressadamente rabiscava com sua pena alguma medicação inofensiva.

— Eh bien! [14] — continuou Rosine, aproximando-se bastante dele, enquanto ele guardava a pena. — E a caixa… o senhor a pegou? Monsieur [15] saiu como um coup-de-vent [16] na outra noite; eu não tive tempo de perguntar.

— Eu a achei, sim.

— E quem a jogou, então? — continuou Rosine, falando abertamente as próprias palavras que eu teria tanto desejado dizer, mas não tinha engenho ou coragem para pronunciá-las: como algumas pessoas tornam tão curto o caminho para um ponto que, para outras, parece inalcançável!

— Esse pode ser meu segredo — retrucou o Dr. John secamente, mas sem demonstrar arrogância: ele parecia entender muito bem a personalidade de Rosine ou de uma grisette.

— Mais enfin [17] — continuou ela, nem um pouco atrapalhada —, monsieur sabia que ela havia sido jogada, já que foi procurá-la… e como sabia?

— Eu estava visitando um paciente no colégio ao lado — respondeu ele — e a vi sendo jogada da janela do quarto dele, e então vim buscá-la.

Quão simples era toda a explicação! O bilhete havia-se referido a um médico que estava então examinando "Gustave".

— Ah ça! — prosseguiu Rosine — Il n'y a donc rien là-dessous: pas de mystère, pas d'amourette, par exemple? [18]

— Pas plus que sur ma main [19] — respondeu o médico, mostrando a palma da sua mão.

— Quel dommage! — respondeu a grisette. — Et moi… à qui tout cela commençat à donner des idées. [20]

— Vraiment! Vous en êtes pour vos frais [21] — foi a resposta calma do médico.

Ela fez um biquinho de enfado. O médico não conseguiu deixar de rir do tipo de "moue" [22] que ela fez: quando ele ria, demonstrava algo particularmente amável e jovial no olhar. Eu vi a mão dele se dirigir ao bolso.

— Quantas vezes a senhorita abriu a porta para mim neste último mês? — perguntou ele.

— Monsieur deveria ter mantido a conta disso — falou Rosine, prontamente.

— Como se eu não tivesse nada melhor para fazer! — respondeu ele; mas eu o vi dando-lhe uma moeda de ouro, que ela pegou sem escrúpulos, e saiu saltitando para atender a porta, que estava então tocando a cada cinco minutos, à medida que as várias empregadas vinham buscar as semi-internas.

O leitor não deve julgar Rosine com muita severidade; de modo geral, ela não era má pessoa, e não tinha ideia de que pudesse haver qualquer erro em se agarrar a qualquer oportunidade que aparecesse, ou qualquer descaramento em ficar falando pelos cotovelos com o melhor cavalheiro de toda a cristandade.

Com a cena acima descrita, eu havia descoberto algo além daquilo que se relacionava à caixa de marfim; a saber, que não era o vestido de jaconas, cinzento ou cor-de-rosa, e tampouco o avental com babadinhos e bolsos o culpado pelo fato de o coração do Dr. John estar partido: essas peças de vestuário eram obviamente tão inocentes quanto a pequena túnica azul de Georgette. Muito bom mesmo. Mas, quem era então a culpada? Qual era a base, qual era a origem, qual a explicação perfeita para esse caso todo? Alguns pontos haviam sido esclarecidos, mas quantos ainda permaneciam obscuros como a noite?

"Entretanto", eu disse para mim mesma, "isso não é problema seu"; e, desviando-me do rosto no qual eu estivera detendo-me, de modo inconsciente, com um olhar inquisitivo, olhei pela janela que dava para o jardim abaixo. Enquanto isso, o Dr. John, parado ao lado da cama, estava lentamente colocando suas luvas e observando a pequena paciente, enquanto os olhos dela se fechavam e seus lábios rosados se entreabriam com o sono que se apoderarava dela. Esperei até que ele fosse partir, como sempre fazia, com uma ligeira mesura e um quase inaudível "boa-noite". Na hora em que ele pegou o chapéu, meus olhos, fixos nas casas altas que margeavam o jardim, viram a tal gelosia, já celebrada, se abrir com cautela; da abertura saíram uma mão e um lenço branco: ambos acenaram. Não sei se o sinal foi respondido de algum ponto do nosso próprio estabelecimento que não podia ser visto, mas no momento seguinte saiu voando da gelosia um objeto que caiu, branco e leve; billet [23] número dois, é claro.

— Ei-lo! — exclamei involuntariamente.

— Onde? — perguntou o Dr. John com ímpeto, dirigindo-se à janela. — O que foi?

— Eles fizeram aquilo de novo — retruquei. — Um lenço foi agitado e algo caiu — e apontei para a gelosia, agora fechada e com uma aparência hipocritamente neutra.

— Vá agora mesmo, pegue-o e traga-o aqui — foi a instrução imediata dada por ele, que acrescentou — Ninguém vai prestar atenção na *senhorita* : eu seria notado.

Desci na mesma hora. Depois de procurar um pouco, descobri um papel dobrado, escondido no ramo mais baixo de um arbusto; peguei-o e levei diretamente para o Dr. John. Acredito que, nessa ocasião, nem mesmo Rosine me houvesse visto.

Ele rasgou o bilhete em pedacinhos, sem lê-lo.

— Não é culpa *dela* , de jeito nenhum, a senhorita deve lembrar-se — disse ele, encarando-me.

— Culpa *de quem* ? — perguntei. — *Quem* é ela?

— Então a senhorita não sabe?

— Não tenho a menor ideia.

— Não tem ao menos um palpite?

— Nenhum.

— Se eu a conhecesse melhor, seria tentado a me arriscar e fazer confidências, e assim garantir que a senhorita fosse guardiã de uma criatura muito inocente e excepcional, mas um pouco sem experiência.

— Como uma dama de companhia? — perguntei.

— Sim — respondeu ele, absorto. — Que armadilhas se encontram ao redor dela! — acrescentou, pensativo; e então, com certeza pela primeira vez, ele examinou meu rosto, ansioso, sem dúvida, para ver se havia nele uma expressão gentil que lhe desse segurança para recomendar aos meus cuidados e indulgência uma criatura etérea, contra quem as forças da escuridão estavam mancomunadas. Eu não sentia uma inclinação particular para me encarregar da vigilância de criaturas etéreas; mas, lembrando-me da cena no bureau, me pareceu que *lhe* devia um favor: se eu *pudesse* ajudá-lo, então o faria, e não cabia a mim decidir de que maneira. Com tão pouca relutância quanto fosse possível, indiquei que "estava disposta a fazer o que estivesse ao meu alcance em relação a tomar conta de qualquer pessoa por quem ele pudesse sentir interesse".

— Não tenho interesse maior que o de um espectador — disse ele, segundo meu parecer, com uma modéstia admirável de testemunhar. — Por acaso, tenho conhecimento do caráter bastante desprezível da pessoa que, da casa oposta, já por duas vezes invadiu a santidade deste local; também encontrei na sociedade o objeto a quem tais vulgares tentativas

são dirigidas. A requintada superioridade e o refinamento natural dela deveriam, ao menos é possível pensar, afugentar a impertinência dessa ideia. Contudo, não é isso que acontece; e inocente e sem suspeitas como ela é, eu a protegeria do mal se pudesse. Pessoalmente, entretanto, nada posso fazer; não posso aproximar-me dela… — disse ele, fazendo uma pausa em seguida.

— Bem, estou disposta a ajudá-lo — respondi. — Apenas me diga como. — E, muito rápida, em minha mente, percorri a lista de nossas alunas, buscando esse modelo, essa pérola de grande valor, essa gema sem defeitos. "Deve ser Madame", concluí. "Somente *ela* , entre todas nós, tem o talento de até mesmo parecer superior: mas, quanto a não ter suspeitas, ser inexperiente, etc., o Dr. John não precisa preocupar-se. Entretanto, esse é apenas um capricho dele, e não vou contradizê-lo; a vontade dele deve ser feita: seu anjo será um anjo".

— Apenas identifique a pessoa a quem os meus cuidados devem ser direcionados — continuei, séria: entretanto, rindo comigo mesma ao pensar em ser designada como chaperon de Madame Beck ou de qualquer uma das suas alunas.

Bem, o Dr. John possuía excelentes nervos, e ele na hora sentiu, instintivamente, o que uma mente de constituição mais tosca teria percebido, a saber, que eu estava divertindo-me um pouquinho à sua custa. O rubor subiu-lhe às faces; com um meio sorriso ele se voltou e pegou o chapéu — estava indo embora. Meu coração bateu forte no peito.

— Irei… irei ajudá-lo — disse eu, ansiosa. — Farei o que o senhor desejar. Vou vigiar seu anjo; vou tomar conta dela; somente me diga quem é.

— Mas a senhorita *tem de* saber — disse ele então com ardor, mas falando em voz muito baixa. — Tão imaculada, tão boa, tão extraordinariamente bela! É impossível que uma escola possa abrigar duas pessoas como ela. Eu estou falando, é claro…

Nesse momento, o ferrolho da porta do quarto de Madame (que se comunicava com o quarto das crianças) deu um estalido repentino, como se a mão que o estivesse segurando houvesse se agitado ligeiramente;

houve a reprimida explosão de um espirro que não foi possível conter. Tais pequenos incidentes acontecem com os melhores entre nós. Madame (que mulher maravilhosa!) estivera então a serviço. Ela havia voltado para casa silenciosamente e subido para o andar superior na ponta dos pés; ela estava em seu quarto. Caso ela não tivesse espirrado, teria ouvido tudo, e eu também; porém, aquele espirro azarado confundiu o Dr. John. Enquanto ele ficou parado, atônito, ela entrou alerta, segura de si, com o melhor e, contudo, mais tranquilo dos espíritos: só mesmo uma pessoa que não conhecesse muito bem seus modos teria pensado que ela havia acabado de entrar, e ridicularizado o pensamento de que a orelha dela tivesse ficado colada ao buraco da fechadura por no mínimo uns dez minutos. Ela fingiu espirrar de novo, declarou estar "enrhumée" [24] e então passou a contar com muita volubilidade seus "courses en fiacre". [25] O sino para as orações soou, e eu a deixei com o médico.

XIV. A FÊTE [1]

Assim que Georgette se recuperou, Madame a mandou para o interior do país. Eu fiquei sentida; amava a menina, e sua perda me deixou ainda mais pobre que antes. Mas eu não devia reclamar. Vivia em uma casa repleta de vida ativa; poderia ter tido companhia, e escolhi a solidão. Cada uma das professoras, por sua vez, dirigiu a mim propostas para uma especial intimidade; eu tentei todas. Uma eu descobri ser uma mulher honesta, mas de mentalidade estreita, uma pessoa grosseira e egoísta. A segunda era uma parisienne, [2] exteriormente refinada (na alma, corrupta); sem crença, sem princípios, sem afetos; tendo penetrado na camada superficial de decoro dessa personalidade, se descobria por baixo um atoleiro. Ela tinha uma imensa paixão por presentes; e, nesse aspecto, a terceira professora (uma pessoa em outros aspectos sem personalidade e insignificante) se parecia muito com ela. Esta última professora mencionada também tinha outra característica distintiva — a da avarícia. Nela reinava o amor ao dinheiro em si mesmo. A visão de uma moeda de ouro traria aos olhos dela um brilho esverdeado que era excepcional de testemunhar. Certa vez ela, como uma demonstração de grande apreço, levou-me ao andar superior e, abrindo uma gaveta secreta, mostrou-me um tesouro: um amontoado desigual e grande de moedas, cerca de quinze guinéus em moedas de cinco francos. Ela amava esse tesouro como um pássaro ama seus ovos. Essas eram suas economias. Ela vinha falar comigo a respeito dela com um apreço presunçoso e perseverante, estranho de ser visto em uma pessoa que ainda não tinha vinte e cinco anos.

A Parisienne, por outro lado, era pródiga e perdulária (no temperamento; quanto à atividade, não sei). Esta última qualidade me

mostrou sua cabeça de serpente apenas uma vez, espiando com muita cautela. Um tipo curioso de réptil ela parecia ser, a julgar pelo único vislumbre que tive; sua originalidade aguçou minha curiosidade: se ela tivesse aparecido com ousadia, talvez eu tivesse filosoficamente me mantido firme e observado friamente aquela coisa longa desde sua língua bífida até a ponta da cauda escamosa; porém, ela apenas farfalhou nas folhas de um romance ruim; e, ao se deparar com uma apressada e imprudente demonstração de raiva, se retraiu e desapareceu, sibilando. Ela me odiou desde aquele dia.

Essa Parisienne estava sempre endividada; seu salário era gasto antecipadamente, não apenas com vestidos, mas com perfumes, cosméticos, confeitaria e condimentos. Que epicurista fria e insensível era ela em todos os aspectos! Eu a vejo agora. Com a face e o corpo magros, a tez pálida, traços regulares, com dentes perfeitos, lábios parecidos com um fio, queixo grande e proeminente, olhos muito abertos, mas gelados, cuja luz era ao mesmo tempo ansiosa e ingrata. Ela sentia um ódio mortal pelo trabalho, e adorava o que chamava de prazer, e que era uma insípida, apática e tola perda de tempo.

Madame Beck conhecia muito bem o caráter dessa mulher. Uma vez ela conversou comigo a seu respeito, com uma estranha mistura de discernimento, indiferença e antipatia. Perguntei por que ela a mantinha em seu estabelecimento. Ela respondeu claramente "porque estava de acordo com seus interesses proceder dessa maneira", e apontou um fato que eu já havia percebido, a saber, que Mademoiselle St. Pierre possuía, em um grau praticamente inigualável, a capacidade de manter a ordem entre suas alunas indisciplinadas. Certa influência petrificante a acompanhava e rodeava: sem paixão, barulho ou violência, ela continha as meninas assim como um ar gelado e imóvel poderia acalmar uma correnteza rumorosa. Tinha pouca serventia no que dizia respeito à transmissão de conhecimentos, mas quanto à vigilância rígida e manutenção das regras ela era inestimável.

— Je sais bien qu'elle n'a pas de principes, ni, peut-être, de moeurs — admitiu Madame com franqueza, e acrescentou filosoficamente —, son

maintien en classe est toujours convenable et rempli même d'une certaine dignité: c'est tout ce qu'il faut. Ni les élèves ni les parents ne regardent plus loin; ni, par conséquent, moi non plus. [3]

* * * * *

Um mundinho estranho, buliçoso e barulhento era aquela escola: os maiores esforços eram feitos para ocultar correntes com flores: uma sutil essência de romanismo permeava cada arranjo: uma grande indulgência dos sentidos (por assim dizer) era permitida como modo de contrabalançar o rígido controle espiritual. Cada mente estava sendo educada na escravidão; porém, para evitar que a reflexão se detivesse nesse fato, todos os pretextos para a recreação física eram agarrados e aproveitados ao máximo. Lá, assim como em todos os outros lugares, a Igreja se esforçava para educar seus filhos fisicamente robustos, com a alma fraca, gordos, corados, vigorosos, joviais, ignorantes, irracionais e não contendedores. "Comei, bebei e vivei!", dizia ela. "Cuidai de vossos corpos; deixai vossas almas a meus cuidados. Eu detenho o poder espiritual sobre elas, guio seus caminhos: garanto seu destino final". Uma barganha na qual todo verdadeiro católico se considera um ganhador. Lúcifer oferece exatamente os mesmos termos: "Eu te darei todo esse poder com a glória desses reinos; porque a mim ele foi dado, e para quem eu quiser eu darei. Se tu, portanto, me adorares, tudo isso será teu!".

Mais ou menos nessa época, no apogeu do brilho do verão, o estabelecimento de Madame Beck se tornava um lugar tão alegre quanto uma escola poderia ser. O dia inteiro as amplas portas de dobrar e os postigos de duas folhas permaneciam escancarados: a luz do sol parecia ser natural da atmosfera; as nuvens estavam muito distantes, viajando muito além do mar, descansando, sem dúvida, perto de ilhas como a Inglaterra — aquela cara terra de névoas —, mas completamente afastadas do continente mais seco. Nós ficávamos muito mais no jardim que sob um teto: as aulas eram dadas e as refeições eram feitas no "grand berceau". [4] Além do mais, havia um toque de preparação para as férias, que quase

transformava a liberdade em licenciosidade. Faltavam apenas dois meses para as grandes férias de outono; mas, antes delas, um grande dia, uma importante cerimônia, nada menos que a fête de Madame, deveria ser celebrada.

Os preparativos dessa fête recaíam principalmente sobre Mademoiselle St. Pierre: a própria Madame deveria manter-se afastada, desinteressadamente sem consciência do que poderia estar sendo preparado em sua honra. Acima de tudo, ela nunca sabia, nem ao menos suspeitava, que uma subscrição era feita anualmente em toda a escola para a compra de um belo presente. O tato educado do leitor fará a gentileza de deixar fora do relato uma breve e secreta consulta a esse respeito no quarto da própria Madame.

— O que a senhora gostaria de ganhar este ano? — era a pergunta feita por sua ajudante de ordens parisiense.

— Oh, não faz diferença. Nem pense nisso. Deixe que as pobres das crianças guardem seu dinheiro — e Madame mantinha um ar benigno e modesto.

Nesse momento, a St. Pierre esticava o queixo; ela conhecia Madame como a palma da mão; ela sempre chamava seus ares de "bonté", [5] "des grimaces". [6] Ela não fingia respeitá-los, nem por um instante.

— Vite! [7] — dizia ela, com frieza. — Diga o que quer. Deve ser uma joia ou algo de porcelana, um chapéu ou um objeto ou prata?

— Eh bien! Deux ou trois cuillers, et autant de fourchettes en argent. [8]

E o resultado era uma bela caixa, contendo prataria no valor de 300 francos.

O programa dos procedimentos do dia da fête incluía: apresentação da prataria, uma refeição leve no jardim, uma representação dramática (com alunas e professoras como atores), baile e ceia. Muito belo o efeito geral me parecia, como posso bem me lembrar. Zélie St. Pierre entendia dessas coisas e as administrava com habilidade.

A peça era o ponto alto; um mês de instruções prévias era necessário. A escolha dos atores também necessitava de conhecimento e de cuidado; então se seguiam as lições de pronúncia, postura, e depois o cansaço dos

inúmeros ensaios. Para cuidar de tudo isso, como se pode muito bem imaginar, a St. Pierre não era suficiente: outra supervisão, outros dotes além dos dela eram necessários. Eles eram fornecidos na pessoa de um preceptor, M. Paul Emanuel, professor de literatura. Nunca tive a oportunidade de estar presente nas dramáticas aulas de M. Paul, mas com frequência o via enquanto ele atravessava o carré (um hall quadrado entre a residência e o prédio da escola). Eu o ouvia, também, nas noites quentes, dando aulas com as portas abertas, e seu nome, com histórias a seu respeito, ressoavam nos nossos ouvidos de todos os lados. Principalmente nossa antiga conhecida, a Srta. Ginevra Fanshawe (que havia sido selecionada para desempenhar um papel importante na peça) costumava, ao conceder à minha pessoa grande parte de seu tempo livre, entremear suas frases com alusões frequentes ao que ele dizia e fazia. Ela o julgava horrivelmente insípido, e costumava afirmar que sentia medo, quase a ponto da histeria, só de ouvir os passos ou a voz dele. Um homenzinho moreno, ele era, com certeza, mordaz e austero. Até mesmo para mim ele dava a impressão de ser uma aparição severa, com a cabeça de cabelos negros cortados curtos, a testa ampla e pálida, o queixo fino, as narinas largas e frementes, o olhar meticuloso e porte apressado. Irritadiço ele era; dava para perceber enquanto ele interpelava veementemente o desajeitado batalhão sob suas ordens. Às vezes se precipitava sobre essas despreparadas atrizes amadoras fervendo de impaciência por causa da falsidade de suas concepções, da pouca emoção e da pouca intensidade da fala delas. “Ecoutez!”, exclamava ele; e então sua voz ressoava pelo estabelecimento como uma trombeta; e quando, imitando-a, surgia a voz fraca de uma Ginevra, uma Mathilde ou uma Blanche, dava para entender por que um profundo gemido de desdém ou um feroz sibilo de raiva recompensava o eco domesticado.

— Vous n’êtes donc que des poupées? — eu o ouvia trovejando. — Vous n’avez pas de passions… vous autres. Vous ne sentez donc rien? Votre chair est de neige, votre sang, de glace! Moi, je veux que tout cela s’allume, qu’il ait une vie, une âme! [9]

Inútil determinação! E quando ele por fim percebeu que *era* inútil, subitamente resolveu acabar com aquilo de uma vez. Até então ele estivera ensinando-lhes uma grande tragédia; rasgou a tragédia em pedacinhos, e veio no dia seguinte com uma curta e pequena peça cômica. A reação delas a essa obra foi mais tolerante; logo em seguida ele meteu a peça inteira em suas delicadas cacholas.

Mademoiselle St. Pierre sempre supervisionava as lições de M. Emanuel, e me diziam que a elegância dos modos dela, sua aparente atenção, seu tato e sua gentileza causavam boa impressão no cavalheiro. Ela possuía, na verdade, a arte de agradar, por certo tempo, a quem ela queria agradar; mas o sentimento não perdurava: em uma hora ele secava como o orvalho, desaparecia como teias de aranha.

O dia anterior à fête de Madame era quase tão festivo quanto o próprio dia da fête. Ele era dedicado à desocupação, limpeza, arrumação e decoração das três salas de aula. No interior da escola, tudo era a mais alegre das movimentações; nem no andar de cima nem no térreo uma pessoa tranquila e reclusa teria condição de encontrar um lugar para pousar os pés; de modo bastante conveniente, de minha parte, eu me refugiava no jardim. O dia inteiro eu ficava andando ou me sentava lá sozinha, encontrando calor sob o sol, abrigo entre as árvores e um tipo de companhia em meus próprios pensamentos. Eu me lembro muito bem de não ter dito mais que duas frases naquele dia para qualquer criatura viva: não que eu me sentisse solitária; estava feliz por ficar quieta. Para um observador, bastava passar pelos cômodos uma ou duas vezes, observar quais mudanças estavam sendo executadas, como um camarim e um vestiário estavam sendo organizados e um pequeno palco com cenário sendo montado, como M. Paul Emanuel estava supervisionando tudo, juntamente com Mademoiselle St. Pierre, e como um ansioso grupo de alunas, entre as quais Ginevra Fanshawe, estava trabalhando com alegria sob as ordens dele.

O grande dia chegou. O sol se levantou quente no céu sem nuvens, e quente e sem nuvens brilhou até o fim da tarde. Todas as portas e janelas estavam escancaradas, o que dava uma agradável sensação de liberdade

estival; e a mais completa das liberdades parecia mesmo ser a ordem do dia. Professoras e alunas desceram para o café da manhã usando roupões e papelotes nos cabelos: antecipando "avec délices" [10] a toilette [11] da noite, elas pareciam sentir prazer em ceder naquela manhã a uma ostentação de desmazelo, como autoridades jejuando em preparação para um banquete. Perto das nove horas da manhã, um importante funcionário, o "coiffeur", [12] chegou. É um sacrilégio dizer isso, mas ele estabeleceu seu quartel-general no oratório, e lá, na presença de bénitier, [13] vela e crucifixo, celebrou os mistérios da sua arte. Cada menina foi convocada, por sua vez, para passar pelas mãos dele, emergindo delas com uma cabeça tão macia quanto uma concha, cruzada por linhas brancas imaculadas, e coroada com tranças gregas que brilhavam como se fossem envernizadas. Eu também tive a minha vez com as demais, e mal pude acreditar no que o espelho disse quando o consultei para ter informações mais tarde; a exuberante guirlanda de cabelos castanhos trançados me impressionou; temi que eles não fossem todos meus, e foram necessários diversos puxões decididos para me dar garantias do contrário. Eu então reconheci no coiffeur um artista de primeira grandeza, alguém que certamente obtinha o máximo de materiais comuns.

Fechado o oratório, o dormitório se tornou o cenário de abluções, arrumações e ataviamentos curiosamente elaborados. Para mim era um mistério, e deverá sempre ser, como elas conseguiam gastar tanto tempo fazendo tão pouca coisa. A operação parecia ser rigorosa, intricada e prolongada: o resultado, simples. Um bem cuidado vestido de musselina branca, uma faixa azul (as cores da Virgem), um par de luvas de pelica brancas ou cor de palha, tal era o uniforme de gala, e para vesti-lo aquela casa lotada de professoras e de alunas dedicara três horas mortais. Porém, embora simples, deve-se admitir que a indumentária era perfeita: perfeita no estilo, na adequação e no frescor; cada cabeça tendo também sido enfeitada com um refinado esmero, e certo gosto contido, adequado à aparência plena e sólida dos contornos de Labassecour, embora rígidos demais para qualquer estilo de beleza mais gracioso e flexível; o efeito geral era, em seu conjunto, louvável.

Ao olhar essa massa diáfana e branca, eu me lembro muito bem de sentir que não era mais que um simples ponto de sombra em um campo de luz; eu não tinha coragem de usar um vestido branco transparente: algo fino eu precisava vestir, o tempo e os cômodos estando quentes demais para fazer com que tecidos mais grossos fossem toleráveis; então, eu havia procurado em uma dúzia de lojas até me deparar com um tecido parecido com crepe de um tom cinzento-arroxeado; resumindo, a cor da névoa acinzentada, pairando sobre uma charneca em flor. Minha tailleuse [14] havia gentilmente dado o melhor de si para trabalhar com o tecido: já que, como ela observou, sensata, ele era "si triste… si peu voyant", [15] os cuidados na confecção eram mais necessários: foi muito bom ela ter esse ponto de vista relativo à questão, pois eu não tinha nem flor nem joia para dar-lhe vida: e, além do mais, não tinha uma tez naturalmente rosada.

Nós não pensamos nessas deficiências na rotina constante da labuta diária, mas elas *impõem* sobre nós sua monotonia indesejada nessas ocasiões festivas, em que a beleza deve refulgir.

Entretanto, nesse exato vestido de sombras eu me senti em casa e confortável; uma vantagem de que eu não teria desfrutado em qualquer roupa mais brilhante ou vistosa. Madame Beck também adotou meu estilo; seu vestido era quase tão discreto quanto o meu, a não ser pelo fato de ela usar um bracelete e um grande broche que faiscava com ouro e pedras preciosas. Nós nos encontramos casualmente na escadaria, e ela me fez um aceno e deu um sorriso de aprovação. Não que ela achasse que eu tinha boa aparência (um fato que dificilmente chamaria sua atenção), mas ela considerou que eu estava "convenablement" e "décemment" [16] vestida, e la Convenance et la Décence [17] eram as duas tranquilas divindades da adoração de Madame. Ela até mesmo se deteve, colocou no meu ombro a mão enluvada, que segurava um lenço bordado e perfumado, e confiou aos meus ouvidos um comentário sarcástico a respeito das demais professoras (as quais ela estivera cumprimentando pessoalmente).

— Nada tão absurdo — disse ela — para des femmes mures [18] se vestir como meninas de quinze anos; quant à la St. Pierre, elle a l'air d'une vieille coquette qui fait l'ingénue. [19]

Tendo me vestido pelo menos umas duas horas antes de qualquer outra pessoa, eu senti prazer em me dirigir não para o jardim, onde as empregadas estavam atarefadas montando grandes mesas, ajeitando cadeiras e colocando toalhas, deixando tudo pronto para a refeição leve, mas para as salas de aula, então vazias, silenciosas, frescas e limpas, suas paredes recém-pintadas, seus assoalhos de tábuas que tinham acabado de ser esfregados e mal estavam secos; flores acabadas de colher enfeitando os cantos em vasos; e drapejados, recém-colocados, embelezando as grandes janelas.

Eu me retirei para a sala da primeira turma, um cômodo menor e mais arrumado que os outros e, pegando da envernizada estante de livros, da qual eu tinha a chave, um volume cujo título prometia despertar interesse, sentei-me para ler. A porta dessa "classe", ou sala de aula, se abria para o grande berceau; ramos de acácia acariciavam seus vidros, ao se estenderem para encontrar uma roseira em flor no lintel oposto: nessa roseira, abelhas zumbiam atarefadas e felizes. Comecei a ler. Bem no momento em que o zumbido entorpecente, a sombra como a de um caramanchão, a calma solitária e morna de meu retiro estavam começando a roubar o sentido das páginas e a visão dos meus olhos, e a me embalar pelos caminhos do devaneio até um profundo vale da terra dos sonhos, bem nesse momento o toque mais agudo que o calejado sino da porta jamais havia soado me trouxe abruptamente de volta à consciência.

Bem, o sino estivera tocando a manhã inteira, enquanto trabalhadores, ou empregadas, ou coiffeurs, ou tailleuses, iam e vinham em suas várias tarefas. Além do mais, havia boas razões para esperar que ele fosse soar a tarde toda, já que cerca de cem alunas externas ainda deveriam chegar em carruagens ou fiacres: nem daria para esperar que ele ficasse em silêncio durante a noite, quando os pais e amigos se juntariam em uma multidão para assistir à representação. Nessas circunstâncias um toque, até mesmo um toque agudo, era algo comum: contudo, esse repique específico tinha uma entonação própria, que espantou meu sonho, e fez com que meu livro caísse dos meus joelhos.

Eu estava abaixando-me para pegá-lo quando, firmes, rápidos e precisos, diretamente através do vestíbulo, ao longo do corredor, passando pelo carré, pela sala da primeira turma, pela sala da segunda turma, pela grande salle [20] — soaram passos, rápidos, regulares, decididos. A porta fechada da primeira classe, meu santuário, não impôs obstáculo; ela se abriu com ímpeto, e um paletôt [21] e um bonnet grec [22] preencheram o espaço vazio; dois olhos me encararam, a princípio de modo vago, e depois penetraram avidamente em mim.

— C'est cela! — disse uma voz. — Je la connais: c'est l'Anglaise. Tant pis. Toute Anglaise, et, par conséquent, toute bégueule qu'elle soit… elle fera mon affaire, ou je saurai pourquoi. [23]

E então, com certa polidez austera (suponho que ele tenha pensado que eu não havia captado o teor geral de seus pouco educados resmungos anteriores), e em um linguajar dos mais execráveis que jamais foram ouvidos:

— Senhorrita… é seu dever representar: eu estou plantado aqui.

— Em que posso ajudá-lo, M. Paul Emanuel? — perguntei, pois M. Paul Emanuel ele era, e em um estado de não pequena excitação.

— A senhorita deve representar. Não vou aceitar que a senhorita relute, ou faça cara feia, ou se faça de puritana. Eu li seu cérebro a noite em que a senhorita chegou; eu vejo seus moyens: [24] representar a senhorita pode; representar a senhorita deve.

— Mas como, M. Paul? O que o senhor está querendo dizer?

— Não há tempo a perder — prosseguiu ele, falando então em francês. — E vamos ignorar todas as desculpas, todas as minauderies. [25] A senhorita deve tomar parte.

— No vaudeville? [26]

— No vaudeville. A senhorita o disse.

Eu ofeguei, horrorizada. *O que* o homenzinho estava querendo dizer?

— Ouça — disse ele. — O caso precisa ser explicado, e então a senhorita deverá responder Sim ou Não; e segundo sua resposta eu terei minha opinião a seu respeito para toda a vida.

O mal contido ímpeto de uma natureza bastante irritadiça brilhava em suas faces, alimentava com um fulgor penetrante seu olhar; uma natureza que a imprudência, a insipidez, a hesitação, a taciturnidade, a afetação, acima de tudo, a inflexibilidade, poderiam rapidamente tornar violenta e implacável. Silêncio e atenção eram os melhores remédios; eu ouvi.

— Toda a representação vai fracassar — começou ele. — Louise Vanderkelkov ficou doente; pelo menos, é o que a ridícula mãe dela afirma; de minha parte, tenho certeza de que ela poderia representar, se quisesse: é apenas a boa vontade que falta. Ela estava encarregada de um rôle, [27] como a senhorita sabe, ou *não* sabe… não faz diferença: sem esse rôle a peça não vai adiante. Só temos agora poucas horas para aprendê-lo: nenhuma menina nesta escola iria ouvir a voz da razão e aceitar a tarefa. Na verdade, não é um papel interessante nem simpático; seu indigno amour-propre, [28] essa característica inferior que as mulheres têm em grande quantidade, se revoltaria contra isso. As inglesas são o melhor ou o pior do seu sexo. Dieu sait que je les déteste comme la peste, ordinairement [29] (isso foi dito entredentes, com covardia). Eu recorro a uma inglesa para me salvar. Qual é sua resposta: sim ou não?

Mil objeções cruzaram com rapidez a minha mente. A língua estrangeira, o tempo limitado, aparecer em público… A Inclinação recuou repugnada, a Habilidade hesitou, o Autorrespeito (aquela "abjeta característica") tremeu. "Non, non, non!", [30] disseram todos eles; mas, ao olhar para M. Paul e ver em seus olhos contrariados, fogosos e perscrutadores um tipo de apelo por trás da sua ameaça, meus lábios deixaram cair a palavra "oui". [31] Por um instante, sua face rígida ficou relaxada com um tremor de alegria: recompondo-se rapidamente, entretanto, ele prosseguiu:

— Vite à l'ouvrage! [32] Eis o livro; aqui está seu rôle: leia.

E eu li. Ele não deu sua aprovação; em alguns trechos franziu o cenho e bateu os pés. Ele me deu um exemplo: diligente, eu o imitei. Era um papel desagradável, o de um homem, o de um tolo almofadinha. Não era possível colocar nele nem o coração nem a alma: eu o odiei. A peça (uma mera tolice) se concentrava basicamente nos esforços de dois rivais para

conquistar uma bela coquette. Um amante era chamado de “Ours”, [33] um homem bom e galante, mas inculto, um tipo de diamante não lapidado; o outro era um borboleta, um falador e um traidor: e eu deveria ser a borboleta, faladora e traidora.

Fiz o melhor possível; o que era ruim, eu sei: isso provocou M. Paul; ele se encolerizou. Metendo mãos à obra, tentei fazer algo além do melhor que eu pudesse; suponho que ele tenha me dado crédito pelas boas intenções; afirmou estar parcialmente contente. “Ça ira!”, [34] exclamou ele, e quando as vozes começaram a soar no jardim, e vestidos brancos começaram a tremular por entre as árvores, ele acrescentou:

— A senhorita precisa retirar-se: a senhorita deve ficar sozinha para aprender o papel. Venha comigo.

Sem ter tido tempo ou capacidade para pensar, eu me descobri na mesma hora sendo escoltada, como em um tipo de turbilhão, escada acima, por dois lances de escada, não, na verdade, três (pois esse homenzinho impetuoso parecia, de modo instintivo, saber exatamente por onde andava); para o sótão solitário e alto eu fui levada, e nele colocada e trancada: a chave estava na porta, e essa chave ele levou e desapareceu.

O sótão não era um local agradável: acredito que M. Paul não soubesse quão desagradável ele era, ou nunca me teria trancado lá com tão pouca cerimônia. Na época de verão, ele era tão quente quanto a África; assim como no inverno, ele estava sempre tão frio quanto a Groenlândia. Estava lotado de caixas e de montes de velharias; vestidos velhos cobriam sua parede sem pintura; teias de aranha pendiam de seu teto sujo. Todos sabiam que ele era habitado por ratos, besouros negros e baratas; além do mais, boatos diziam que a fantasmagórica Freira do jardim havia uma vez sido vista lá. Uma escuridão parcial encobria um dos cantos, no qual, como se fosse para aumentar o mistério, uma velha cortina avermelhada estava estendida, como uma proteção para uma sombria cambada de casacos de inverno, cada um deles pendurado em um prego, como um malfeitor na forca. Do meio desses casacos, e por trás daquela cortina, diziam que a Freira surgia. Eu não acreditava nisso, tampouco estava perturbada por apreensões nesse sentido; mas vi um rato muito escuro e

grande, com uma longa cauda, vir deslizando daquela alcova esquálida; e, além do mais, meus olhos se depararam com muitos besouros negros pontilhando o chão. Talvez tais coisas me tenham perturbado mais do que seria sensato afirmar, bem como a poeira, o amontoado de coisas e o calor sufocante do lugar. Este último inconveniente logo teria ficado intolerável, caso eu não tivesse descoberto um jeito de abrir e suster a claraboia, permitindo a entrada de um pouco de ar fresco. Sob essa abertura empurrei uma cômoda grande e vazia, e tendo colocado sobre ela uma caixa pequena, e limpado o pó das duas, ajeitei meu vestido (meu melhor vestido, o leitor deve se lembrar; e, portanto, um legítimo objeto de meus cuidados) pormenorizadamente ao meu redor, subi nesse tipo de trono arrumado às pressas e, me tendo sentado, comecei a estudar a minha parte; enquanto a aprendia, não me esqueci de vigiar os besouros negros e as baratas, dos quais, acredito, mais que dos ratos, sentia um pavor mortal.

A princípio, minha impressão foi de que eu havia me encarregado de algo que, na verdade, era impossível realizar, e simplesmente resolvi dar o melhor de mim e me resignar ao fracasso. Logo descobri, contudo, que um papel naquela peça tão curta não era nada além do que a memória teria condições de dominar em poucas horas. Ensaiei e ensaiei, a princípio sussurrando, e depois em voz alta. Tendo a garantia de não ter plateia humana, desempenhei meu papel perante os vermes do sótão. Entrando em sua estupidez, frivolidade e falsidade com um espírito inspirado pelo desdém e pela impaciência, eu me vinguei desse "simplório", tornando-o tão presunçoso quanto me fosse possível.

Nessa ocupação a tarde se passou: o dia começou lentamente a escurecer; e eu, que não havia comido nada desde o café da manhã, comecei a ficar com muita fome. E me lembrei da refeição leve, que, sem dúvida, eles estavam bem naquele momento devorando no jardim lá embaixo. (Eu havia visto no vestíbulo uma cesta repleta de pequenos pâtés à la crème, [35] que, na minha opinião, não tinham igual em todo o mundo da culinária.) Um pâté, ou uma fatia de bolo, parecia-me bem apropos; [36] e à medida que meu desejo de tais guloseimas aumentava, começou a parecer um tanto injusto que eu tivesse de passar meu dia de festa jejuando

e prisioneira. Distante da porta da rua e do vestíbulo como era o sótão, o sino que tocava sem parar, contudo, era ouvido ligeiramente dali; e também o incessante rolar das rodas no calçamento atormentado. Eu sabia que a casa e o jardim estavam lotados, e que tudo era diversão e alegria lá embaixo; aqui estava começando a escurecer: os besouros estavam desaparecendo da minha vista; eu tremia pensando que eles pudessem marchar silenciosos sobre mim, subir no meu trono sem serem vistos, e, despercebidos, invadir minhas saias. Impaciente e apreensiva, recomecei o ensaio do meu papel apenas para passar o tempo. Bem quando eu estava concluindo, o tão protelado tinir da chave na fechadura chegou aos meus ouvidos, um som muito bem recebido. M. Paul (eu podia discernir através da escuridão que *era* M. Paul, pois ainda havia luz suficiente para mostrar o negror aveludado da sua cabeça com os cabelos cortados muito curtos, e o tom de marfim pálido da sua testa) olhou para dentro.

— Brava! — exclamou ele, mantendo a porta aberta e permanecendo no umbral. — J'ai tout entendu. C'est assez bien. Encore! [37]

Hesitei por um instante.

— Encore! — disse ele, severo. — Et point de grimaces! A bas la timidité! [38]

Uma vez mais repeti meu papel, mas não tão bem quanto havia feito estando sozinha.

— Enfin, elle sait [39] — disse ele, um tanto insatisfeito — e não dá para ser muito meticuloso ou exigente nessas circunstâncias. — Então ele acrescentou — A senhorita ainda deve ter uns vinte minutos para se preparar. Au revoir! [40] — e ele já ia sair.

— Monsieur — eu chamei, criando coragem.

— Eh bien! Qu'est-ce que c'est, Mademoiselle? [41]

— J'ai bien faim. [42]

— Comment, vous avez faim! Et la collation? [43]

— Não sei o que se passou. Não vi nada disso, trancada aqui.

— Ah! C'est vrai — exclamou ele. [44]

Em um instante meu trono estava vago, o sótão esvaziado; e uma repetição inversa do ímpeto que me havia levado até o sótão instantaneamente me levou para baixo… para baixo… para baixo, até a cozinha. Pensei que poderia ter chegado à adega. A cozinheira recebeu ordens peremptórias para trazer comida, e eu, tão peremptoriamente, fui ordenada a comer. Para minha grande alegria, essa refeição foi limitada a café e a bolo: eu havia temido vinho e doces, dos quais eu não gostava. Como ele adivinhou que eu teria preferido um petit pâté à la crème [45] eu não saberia dizer; mas ele foi e conseguiu um pouco em algum lugar. Com considerável prontidão, comi e bebi, mantendo o petit pâtê até o fim, como uma bonne bouche. [46] M. Paul supervisionou minha refeição, e quase me forçou a comer mais do que eu teria condição de engolir.

— A la bonne heure [47] — exclamou ele, quando indiquei que realmente não conseguiria comer mais, e, com as mãos erguidas, implorei que fosse poupada de comer o pãozinho adicional, no qual ele acabara de passar manteiga. — A senhorita vai me considerar como um tipo de tirano ou de Barba Azul, fazendo com que mulheres passem fome em um torreão; ao passo que, afinal de contas, eu não sou nada disso. E agora, Mademoiselle, a senhorita sente coragem e forças para aparecer no palco?

Eu disse que achava que sim; embora, na verdade, eu estivesse completamente confusa e mal pudesse dizer como me sentia: mas aquele homenzinho era do tipo de pessoa a quem não é possível contradizer, a não ser que você tivesse uma força dominadora suficiente para esmagá-lo na hora.

— Venha, então — disse ele, oferecendo-me a mão.

Eu lhe dei a minha, e ele saiu com passos rápidos, o que me obrigou a correr ao lado dele para conseguir fazer-lhe companhia. No carré ele parou por um momento: estava tudo iluminado com grandes candeeiros; as amplas portas das salas de aula estavam abertas, bem como as igualmente amplas portas para o jardim; laranjeiras e flores em vasos enfeitavam esses portais de cada lado; grupos de damas e de cavalheiros em roupas de festa estavam parados ou caminhavam por entre as flores. Lá dentro, a longa vista das salas de aula apresentava uma multidão afluente,

ondulante, murmurante, ondejante, tudo cor-de-rosa e azul e branco semitransparente. Havia lustres acesos no teto; bem distante havia um palco, uma solene cortina verde, uma fila de luzes no chão.

— N'est-ce pas que c'est beau? [48] — perguntou meu acompanhante.

Eu deveria ter dito que sim, mas meu coração havia subido à boca. M. Paul percebeu isso e lançou-me um olhar oblíquo e carrancudo, repreendendo-me ligeiramente por meus temores.

— Vou fazer o melhor possível, mas gostaria que já tivesse acabado — disse eu, e então perguntei: — Nós temos de passar pela multidão?

— De jeito nenhum; eu tenho uma solução melhor: passamos pelo jardim… aqui.

Em instantes estávamos lá fora: a noite fresca e calma me reanimou um pouco. Era uma noite sem lua, mas o reflexo das inúmeras janelas iluminava bastante o pátio, e até mesmo as aleias, com menos intensidade. O céu estava sem nuvens e majestoso com o tremeluzir de seus tons vivos. Quão suaves são as noites no continente! Quão brandas, balsâmicas, seguras! Sem a neblina vinda do mar, nem a umidade enregelante: são noites sem névoas, como o meio-dia, e tão frescas quanto as manhãs.

Tendo atravessado o pátio e o jardim, chegamos à porta de vidro da primeira classe. Ela estava aberta, assim como todas as outras portas naquela noite; nós passamos, e então fui introduzida em uma pequena saleta, que dividia a primeira classe da grande salle. Essa saleta ofuscou os meus olhos, por estar tão cheia de luz; me ensurdeceu, ruidosa por causa das vozes; me asfixiou: tão quente, sufocante, lotada.

— De l'ordre! Du silence! [49] — exclamou M. Paul. — Que caos é este? — perguntou ele, e o silêncio se fez. Com uma dúzia de palavras, e quase tantos gestos, ele dispensou metade das pessoas presentes, e fez com que as restantes se organizassem. As que ficaram estavam todas vestidas para a peça: eram as atrizes, e aquele era o camarim. M. Paul me apresentou. Todas me encararam e algumas deram risadinhas. Foi uma surpresa: elas não haviam esperado que a inglesa fosse tomar parte em um vaudeville. Ginevra Fanshawe, muito bem-vestida para desempenhar seu papel e fascinantemente bela, voltou em minha direção um par de olhos

muito arregalados. No melhor dos espíritos, sem ser perturbada por temor ou acanhamento, na verdade deliciada com a ideia de brilhar na frente de centenas de pessoas, ela pareceu, em meio à sua alegria, ter ficado imobilizada de espanto com minha entrada. Ela teria soltado uma exclamação, mas M. Paul a conteve, bem como às outras.

Tendo supervisionado e criticado todo o conjunto, ele se voltou para mim:

— A senhorita também deve vestir-se para seu papel.

— Vestir-se… vestir-se como um homem! — exclamou Zélie St. Pierre, vindo para a frente com passos rápidos e acrescentando, intrometida. — Eu mesma vou vesti-la.

Vestir-me como um homem não me agradava, e não me cairia bem. Eu havia consentido em adotar um nome masculino e a fazer papel de homem; quanto às suas roupas — halte là! [50] Não. Eu ficaria com meu próprio vestido, acontecesse o que acontecesse. M. Paul poderia fazer escândalo, ficar furioso: eu ficaria com meu próprio vestido. E eu o disse, com voz tão resoluta em sua intenção quanto baixa, e talvez insegura, na enunciação.

Ele não fez escândalo nem ficou furioso na hora, como eu bem pensava que fosse ficar, mas permaneceu em silêncio. Porém, Zélie interferiu novamente.

— Ela vai ser um excelente petit-maître. [51] Eis as roupas, tudo… tudo completo: um pouquinho grandes, mas… eu vou dar um jeito nisso. Venha, chère amie… belle Anglaise! [52]

E ela fez um ar de desdém, pois eu não era “belle”. Ela pegou minha mão, estava me levando embora. M. Paul permaneceu impassível — neutro.

— A senhorita não deve se opor — prosseguiu a St. Pierre, pois eu me opunha. — A senhorita vai estragar tudo, destruir a alegria da peça, a diversão da companhia, sacrificar tudo por causa de seu amour-propre. Isso seria muito ruim… monsieur jamais permitiria isso?

Ela procurou os olhos dele. Eu fiquei vigiando, igualmente, à espera de um olhar rápido. Ele lhe lançou um, e então outro para mim. “Pare!”, disse

ele devagar, segurando a St. Pierre, que continuava com seus esforços para me arrastar atrás dela. Todas esperavam a decisão. Ele não estava com raiva, nem irritado; percebi isso, e criei coragem.

— A senhorita não gosta dessas roupas? — perguntou ele, apontando para a vestimenta masculina.

— Não me oponho a algumas delas, mas não vestirei todas.

— Como isso vai ficar, então? Como aceitar um papel masculino, e entrar no palco vestida como uma mulher? Esta é uma peça de amadores, é verdade… um vaudeville de pensionnat; [53] certas alterações eu posso autorizar; contudo, a senhorita deve vestir algo que a apresente como membro do sexo mais nobre.

— E vestirei, Monsieur; mas os arranjos devem ser feitos à minha maneira: ninguém deve interferir; nada me deve ser forçado. Permita que eu me vista.

Sem dizer outra palavra, Monsieur pegou a roupa das mãos da St. Pierre, e deu-a para mim, permitindo que eu entrasse no vestiário. Ao ficar sozinha, eu me acalmei e tranquilamente comecei a me arrumar. Mantendo a roupa sem omitir nenhuma peça, simplesmente vesti, além dela, um pequeno colete, um colarinho, uma gravata e um paletôt; todas as peças eram a indumentária do irmão de uma das alunas. Tendo desfeito as minhas tranças, penteei os longos cabelos para trás, prendendo-os, e penteei a parte frontal do cabelo para um lado, peguei o chapéu e as luvas e saí. M. Paul estava esperando, bem como as demais. Ele me olhou.

— Isso pode ser aceito em um pensionnat — disse. E então acrescentou, com gentileza — Courage, mon ami! Un peu de sang-froid… un peu d'aplomb, M. Lucien, et tout ira bien. [54]

St. Pierre fez ar de desdém outra vez, com seus modos frios e traiçoeiros.

Eu estava irritável, por estar excitada, e não consegui deixar de me voltar para ela e dizer que, se ela não fosse uma dama e eu um cavalheiro, eu me sentiria inclinado a desafiá-la para um duelo.

— Depois da peça, depois da peça — disse M. Paul. — Então, eu vou dividir minhas pistolas entre vocês, e nós vamos instituir a disputa

conforme as regras: não será mais que a velha briga entre França e Inglaterra.

Mas se aproximava o momento para a peça começar. M. Paul, colocando-nos à sua frente, fez-nos uma rápida preleção, como um general se dirigindo a seus soldados prestes a atacar. Não sei o que ele disse, a não ser que recomendou a cada uma que se imbuísse da ideia de sua insignificância pessoal. Sabe Deus que eu achava esse conselho supérfluo para algumas de nós. Um sino soou. Eu e mais duas fomos levadas até o palco. O sino soou novamente. Eu tinha de pronunciar as primeiras palavras.

— Não olhe para a multidão, não pense nela — sussurrou M. Paul em meus ouvidos. — Pense que a senhorita está no torreão, representando para os ratos.

Ele desapareceu. A cortina subiu, encolhendo-se até o teto: as luzes brilhantes, a sala longa e a multidão alegre irromperam sobre nós. Pensei nos besouros negros, nas caixas velhas, no bureau roído pelos insetos. Falei mal a minha parte; mas falei. Aquela primeira fala era toda a dificuldade; ela me revelou o fato de que não era a multidão que eu temia, mas sim a minha própria voz. Composta de estrangeiros e estranhos, a multidão nada era para mim. Eu nem pensava neles. Quando minha língua finalmente se libertou, e minha voz assumiu sua verdadeira intensidade e descobriu seu tom natural, não pensei em nada a não ser na personagem que representava, e em M. Paul, que estava ouvindo, observando, incitando as cenas secundárias.

Em seguida, sentindo o verdadeiro poder surgir, um fluxo que jorrava do interior e aumentava, fiquei calma o suficiente para perceber minhas companheiras de representação. Algumas delas desempenhavam muito bem seu papel, sobretudo Ginevra Fanshawe, que tinha de ser a coquette entre dois pretendentes, e o fazia de modo admirável: na verdade, ela estava em seu elemento. Observei que ela uma ou duas vezes demonstrou certa afeição acentuada e intensa parcialidade em seus modos em relação a mim, o almofadinha. Com tal ênfase e animação ela me favoreceu, tais olhares ela lançou à multidão que ouvia e aplaudia, que para mim (que a

conhecia) logo ficou evidente que ela estava representando *para* alguém; e eu segui seus olhos, seu sorriso, seus gestos; e antes que muito tempo se passasse descobri que ela havia finalmente selecionado um belo e distinto alvo para seus dardos; bem no caminho daquelas flechas: mais alto que os demais espectadores e, portanto, com maior garantia de recebê-los, estava, com modos quietos, mas atentos, um vulto muito conhecido: o do Dr. John.

O espetáculo parecia ser um tanto sugestivo. Havia uma linguagem no olhar do Dr. John, embora eu não pudesse dizer o que ele falava; ele me animou: inferi dele uma história; inseri minha ideia no papel que eu representava; eu a coloquei na corte que fazia a Ginevra. No "Ours", ou apaixonado sincero, eu vi o Dr. John. Tive pena dele, como a princípio? Não, endureci meu coração, competi com ele e o sobrepujei. Eu sabia que não era mais que um almofadinha; porém, no ponto em que *ele* era rejeitado *eu* tinha condição de agradar. Agora eu sei que estava representando como se desejasse vencer e conquistar e estivesse decidida a fazê-lo. Ginevra me deu apoio; nós alteramos parcialmente a natureza do rôle, dando-lhe um brilho total. No intervalo entre os atos, M. Paul nos disse que ele não sabia o que se havia apossado de nós, e nos repreendeu em parte.

— C'est peut-être plus beau que votre modèle — disse ele — mais ce n'est pas juste. [55]

Eu também não sabia o que se apossara de mim; mas, de algum modo, meu desejo era eclipsar o "Ours", i.e., o Dr. John. Ginevra era doce; como poderia eu ser outra coisa além de cavaleiresco? Mantendo o texto, com temeridade eu alterei o espírito do rôle. Sem ânimo, sem interesse, eu não seria capaz de desempenhá-lo de jeito nenhum. Ele tinha de ser representado, nele foi acrescentado o desejado tempero; e, assim realçado, eu o representei com gosto.

Eu não esperava jamais sentir e fazer o que senti e fiz aquela noite, não mais do que esperava ser elevada em um transe ao sétimo céu. Fria, relutante e apreensiva, eu aceitara o papel para agradar a outra pessoa: pouco depois, me animando, sentindo-me interessada, ganhando coragem,

representei para agradar a mim mesma. Contudo, no dia seguinte, quando revivi tudo aquilo, desaprovei essa representação amadora; e, embora feliz por ter agradado a M. Paul e ter posto minhas próprias forças à prova pelo menos uma vez, tomei a firme resolução de nunca mais ser levada a algo semelhante. Um deleite profundo pela expressão dramática se havia revelado como parte da minha natureza; acalentar e exercitar essa habilidade recém-descoberta poderia me presentear com um mundo de prazeres, mas isso não seria adequado para uma mera espectadora da vida: a força e o desejo tinham de ser postos de lado; e de lado eu os coloquei, e os encarcerei com o ferrolho de uma determinação que nem o Tempo nem a Tentação abriram desde esse episódio.

Mal a peça terminou, e terminou *muito bem* , o colérico e arbitrário M. Paul passou por uma metamorfose. Sua hora de responsabilidade administrativa tendo passado, ele imediatamente deixou de lado sua austeridade professoral; em instantes estava entre nós, vivaz, gentil e sociável, trocando apertos de mãos com todas que estavam por perto, agradecendo-nos uma por uma, e anunciando sua determinação de que cada uma de nós deveria ser sua parceira no baile vindouro. Quando ele solicitou minha promessa, eu lhe disse que não dançava. “Pelo menos uma vez eu tinha de dançar”, foi a resposta; e se eu não me tivesse esgueirado e ficado longe das vistas dele, ele me forçaria a essa segunda representação. Mas eu já havia desempenhado demais por uma noite; era hora de me voltar para mim mesma e para minha vida comum. Meu vestido cinzento se saíra muito bem sob um paletôt no palco, mas não seria adequado para uma valsa ou quadrilha. Retirando-me para um canto tranquilo, de onde sem ser observada eu poderia observar, o baile, com seus esplendores e seus prazeres, passou à minha frente como se fosse um espetáculo.

Uma vez mais, Ginevra Fanshawe era a belle, a mais bonita e a mais alegre entre os presentes; ela foi escolhida para abrir o baile: tinha uma aparência adorável, com muita graça ela dançava, muito feliz ela sorria. Tais cenas eram seu triunfo: ela era a filha do prazer. Trabalho ou sofrimentos encontravam-na apática e abatida, impotente e prostrada; mas a felicidade expandia suas asas de borboleta, iluminava sua poeira dourada

e seus pontos reluzentes, fazia com que ela refulgisse como uma pedra preciosa, e enrubescesse como uma flor. Ela fazia beicinho ao se deparar com todas as bebidas comuns e sem graça; mas se alimentava de cremes e sorvetes como um beija-flor se alimenta de mel: vinho doce era o elemento dela, e bolos, seu pão diário. Ginevra alcançava a plenitude em um salão de baile; em outros lugares ela definhava, abatida.

Não imagine, leitor, que ela florescia e cintilava dessa forma simplesmente por causa de M. Paul, seu parceiro de dança; ou que ela prodigalizava seus melhores encantos naquela noite para o benefício apenas de seus acompanhantes, ou dos pais e avós que lotavam o carré e se enfileiravam ao redor do salão de baile; sob circunstâncias tão insípidas e limitadas, com motivos tão pouco atraentes e enfadonhos, Ginevra mal se teria dignado a dançar uma quadrilha, e o cansaço e a impaciência teriam nela tomado o lugar da animação e do bom humor; mas, ela conhecia um fermento em meio à massa festiva que a tudo iluminava; saboreava um condimento que lhe dava sabor; percebia razões que justificavam a demonstração de seus melhores atrativos.

Na verdade, no salão de baile não se encontrava nenhum espectador que não fosse ou casado ou pai (exceção feita a M. Paul) e este cavalheiro também era o único membro de seu sexo que tinha permissão de levar uma aluna para dançar; esse excepcional papel lhe era permitido em parte como um costume desde muito tempo estabelecido (pois ele era parente de Madame Beck e ela confiava muito nele), e em parte porque ele sempre fazia o que queria; e ainda em parte porque, apesar de voluntarioso, veemente e parcial, ele era a personificação da honra, um regimento das mais belas e mais inocentes moças lhe poderia ser confiado com toda a certeza de que sob a liderança dele elas não seriam de modo nenhum expostas a algum perigo. Muitas das meninas (isso deve ser observado em um aparte) não eram de modo nenhum inocentes, muito pelo contrário; mas elas não ousariam mostrar sua natural grosseria na presença de M. Paul assim como não ousariam apontar de propósito seus pontos fracos, rir na frente dele durante um veemente sermão, ou se manifestar além de um sussurro enquanto uma crise de irritação estivesse cobrindo suas feições

humanas com a máscara de um tigre inteligente. M. Paul, portanto, poderia dançar com quem quisesse; e ai da interferência que o atrapalhasse.

Outros ali haviam sido admitidos como espectadores, com (aparente) relutância, mediante rogos, por influência, com restrições, com o especial e difícil exercício da gentil boa natureza de Madame Beck, e a quem ela, durante toda a noite e sob sua supervisão pessoal, mantinha a uma boa distância no mais remoto, melancólico, frio e escuro lado do carré: um pequeno e abandonado grupo de "jeunes gens"; [56] todos pertencentes às melhores famílias, filhos crescidos de mães ali presentes, e cujas irmãs eram alunas da escola. Durante a noite inteira Madame se manteve ao lado desses "jeunes gens": atenciosa como uma mãe, mas severa como se fosse um dragão. Havia um tipo de cordão estendido à frente deles, e eles cansavam Madame com rogos para que ela lhes permitisse ultrapassá-lo, com o único intuito de se reanimarem com uma dança com aquela "belle blonde", [57] ou aquela "jolie brune", [58] ou "cette jeune fille magnifique aux cheveux noirs comme le jais." [59]

— Taisez-vous! — respondia Madame, heroica e inexoravelmente. — Vous ne passerez pas à moins que ce ne soit sur mon cadavre, et vous ne danserez qu'avec la nonnette du jardin [60] — (fazendo alusão à lenda). E, majestosa, ela ia de um lado para o outro à frente da desconsolada e impaciente fila, como um pequeno Bonaparte em seu vestido de seda cor de rato.

Madame tinha um pouco de conhecimento do mundo; Madame conhecia bem a natureza humana. Não creio que outra diretora em Villette tivesse ousado admitir um "jeune homme" [61] entre suas paredes; mas Madame sabia que, dando tal permissão, em uma ocasião como aquela, um golpe ousado poderia ser dado e uma grande conquista alcançada.

Em primeiro lugar, os pais eram transformados em cúmplices do fato, pois apenas por intermédio deles aquilo acontecia. Em segundo lugar: a admissão daquelas cascavéis, tão fascinantes e tão perigosas, servia para destacar Madame exatamente em seu ponto mais forte: o de uma surveillante [62] de primeira categoria. Em terceiro lugar, a presença deles

proporcionava um ingrediente dos mais picantes à diversão: as alunas sabiam disso, e viam isso, e a visão de tais pomos dourados reluzindo à distância as animava com um ímpeto que nenhuma outra circunstância poderia ter provocado. O deleite dos filhos contaminava os pais; vida e regozijo circulavam rapidamente por todo o salão de baile; os próprios "jeunes gens", embora contidos, estavam se divertindo: pois Madame jamais permitia que eles se entediassem; e assim a fête de Madame Beck garantia anualmente um sucesso que não era alcançado pela fête de qualquer outra diretora do país.

Eu observei que o Dr. John, a princípio, tinha permissão para andar livremente pelas classes: havia nele uma aparência viril e responsável que compensava sua juventude e reparava parcialmente sua beleza; mas, assim que o baile começou, Madame correu até ele.

— Venha, Lobo, venha — disse ela, rindo. — O senhor usa a pele de um cordeiro, mas deve abandonar o aprisco mesmo assim. Venha; eu tenho uma bela ménagerie [63] com vinte exemplares aqui no carré: permita-me colocá-lo no meio da minha coleção.

— Mas primeiro permita-me dançar uma vez com uma aluna da minha escolha.

— O senhor tem coragem de pedir tal coisa? Isso é loucura: é falta de piedade. Sortez, sortez, au plus vite. [64]

Ela o conduziu à sua frente, e rapidamente o havia retido atrás do cordão.

Cansada de dançar, assim eu suponho, Ginevra me procurou no meu esconderijo. Ela se deixou cair no banco ao meu lado, e (uma manifestação que eu poderia muito bem ter deixado de lado) passou os braços no meu pescoço.

— Lucy Snowe! Lucy Snowe! — exclamou ela, com uma voz um pouco soluçante e um pouco histérica.

— Mas o que é que está acontecendo? — perguntei, secamente.

— Que aparência eu tenho… que aparência eu tenho esta noite? — perguntou ela.

— A de sempre — respondi. — Absurdamente vaidosa.

— Criatura mordaz! Você nunca tem uma palavra gentil para me dizer; mas, apesar de você, e de todos os outros detratores invejosos, eu sei que sou bela; eu sinto isso, eu vejo isso… pois há um espelho imenso no vestiário, onde posso examinar minha aparência da cabeça aos pés. Você iria comigo agora, deixando que nós duas ficássemos na frente dele?

— Posso ir, Srta. Fanshawe: sua vontade deve ser feita enquanto a senhorita aguentar.

O vestiário ficava bem ali perto, e nós entramos nele. Entrelaçando o braço no meu, ela me levou até o espelho. Sem resistência, repreensão ou comentário, fiquei ali parada e permiti que o amor que ela sentia por si mesma tivesse seu banquete e seu triunfo, curiosa para ver quanto ele poderia engolir, se era possível que ele fosse alimentado até a saciedade, ou se algum murmúrio de consideração pelas demais criaturas poderia penetrar no coração dela, e moderar seu júbilo presunçoso.

De jeito nenhum. Ela me fez dar uma volta, e se voltou; examinou a ambas de todos os lados; sorriu, balançou os cachos, arrumou sua faixa, alisou seu vestido e, finalmente, soltando meu braço, e fazendo uma reverência com fingido respeito, ela disse:

— Eu não seria você nem para ganhar um reino.

A observação era naïve [65] demais para causar raiva; eu simplesmente disse:

— Muito bem.

— E o que *você* daria para ser como EU? — perguntou ela.

— Nem um tostão… por mais estranho que isso possa soar — respondi. — A senhorita não passa de uma pobre coitada.

— Você não pensa assim no fundo do coração.

— Não, pois no meu coração a senhorita não tem nem a sombra de um lugar: apenas ocasionalmente eu penso na sua pessoa.

— Bem, mas — disse ela, em um tom de reprimenda —, só preste atenção na diferença de nossas posições, e então veja como eu sou feliz, e como você é infeliz.

— Vá em frente; eu vou ouvir.

— Em primeiro lugar: eu sou filha de um cavalheiro de boa família, e, embora meu pai não seja rico, tenho expectativas por parte de um tio. E eu tenho só dezoito anos, a melhor idade possível. Fui educada no continente, e, embora não seja boa em ortografia, tenho qualidades em abundância. Eu *sou* bonita; *você* não pode negar isso; posso ter tantos admiradores quanto quiser. Esta noite mesmo estou partindo o coração de dois cavalheiros, e é exatamente o olhar de agonia que acabei de receber de um deles que me deixa assim tão animada. Eu gosto tanto de vê-los enrubescendo e empalidecendo, e franzindo a testa e lançando olhares ferinos um para o outro, e olhares lânguidos para mim. Essa sou *eu* — EU, tão feliz; mas e *você* , pobre alma!

— Eu suponho que você seja filha de um Zé Ninguém, já que você tomou conta de crianças pequenas quando chegou aqui em Villette: você não tem parentes; não pode dizer que é jovem aos vinte e três anos de idade; não tem qualidades atraentes, não tem beleza. Quanto a admiradores, você mal sabe o que eles são; você nem pode mencionar o assunto; fica em silêncio quando as outras professoras citam suas conquistas. Acho que você nunca esteve apaixonada, e nunca vai estar: você não conhece esse sentimento, e tanto melhor, pois embora possa ter seu coração partido, jamais partirá o coração de alguém. Não é verdade?

— Boa parte disso é tão verdadeira quanto as palavras da Bíblia e, além disso, perspicaz. Deve haver algo bom em você, Ginevra, para falar assim tão honestamente; aquela serpente, Zélie St. Pierre, não seria capaz de dizer o que você disse. Mesmo assim, Srta. Fanshawe, desafortunada como eu sou, segundo sua exposição, eu não daria um tostão para comprá-la, corpo e alma.

— Só porque não sou inteligente, e isso é tudo em que *você* pensa. Ninguém neste mundo, além de você, se importa com inteligência.

— Pelo contrário, eu acho que a senhorita *é* inteligente, a seu modo… muito esperta mesmo. Mas a senhorita estava falando a respeito de partir corações, essa edificante diversão em cujos méritos não entro; por favor, diga-me, sua vaidade leva a senhorita a pensar que condenou a quem esta noite?

Ela aproximou os lábios de meu ouvido e sussurrou:

— Isidore e Alfred de Hamal estão os dois aqui.

— Ah! Estão? Gostaria de vê-los.

— Mas como ela é gentil! Sua curiosidade finalmente foi suscitada. Siga-me, vou mostrá-los para você.

Orgulhosa, ela abriu caminho.

— Mas não dá para vê-los bem aqui das classes — disse ela, voltando-se. — Madame os mantém muito afastados. Vamos atravessar o jardim, entrar pelo corredor, e chegar perto deles por trás: vamos ser repreendidas se formos vistas, mas não importa.

Por uma vez, eu não me importei. Pelo jardim nós fomos — penetramos no corredor por uma entrada quieta e reservada e, aproximando-nos do carré, ainda permanecendo na sombra do corredor, vimos bem de perto o grupo de "jeunes gens".

Acredito que eu teria condição de reconhecer o conquistador de Hamal mesmo sem auxílio. Ele era um pequeno dandy de nariz reto e com traços muito corretos. Eu digo pequeno dandy, embora ele não estivesse abaixo da média em estatura; mas suas feições eram pequenas, bem como as mãos e os pés; e ele era belo e delicado, e tão arrumadinho quanto uma boneca: tão bem-vestido, com os cabelos tão bem encaracolados, tão bem calçado e enluvado e engravatado, ele era mesmo encantador. Mencionei isso. "Mas que bela criatura!", exclamei, e elogiei o bom gosto de Ginevra com entusiasmo; e lhe perguntei o que ela achava que de Hamal poderia ter feito com os preciosos e minúsculos fragmentos do coração que ela havia partido: se ele os mantinha em um frasco de perfume e os conservava em essência de rosas. Observei, também, com profundo arroubo de aprovação, que as mãos do coronel eram pouco maiores que as da própria Srta. Fanshawe, e sugeri que essa circunstância poderia ser conveniente, já que ele poderia usar as luvas dela caso fosse necessário. E quanto aos belos cachos dele, eu disse a Ginevra que os adorava: e em relação ao seu perfil grego e à bela cabeça clássica, confessei não ter palavras para fazer justiça a tais perfeições.

— E se ele estivesse apaixonado por você? — sugeriu a cruelmente exultante Ginevra.

— Oh, céus! Que felicidade! — respondi. — Mas não seja desumana, Srta. Fanshawe: colocar tais pensamentos na minha cabeça é como mostrar ao pobre escorraçado Caim um lampejo do Paraíso.

— Você gosta dele, então?

— Assim como gosto de doces, e de geleias, e de confeitos, e de plantas de estufa.

Ginevra admirou meu gosto, pois todas essas coisas ela adorava; foi então capaz de aceitar prontamente que eram minha preferência também.

— E agora, Isidore — prossegui. Confesso que me sentia ainda mais curiosa para vê-lo que ao seu rival; mas Ginevra estava absorta pensando no último.

— Alfred foi admitido aqui esta noite — disse ela — por meio da influência da sua tia, a Senhora Baronesa de Dorlodot; e agora, tendo-o visto, você não consegue entender por que eu estive tão animada toda a noite, e representei tão bem, e dancei com tanta vivacidade, e por que me sinto agora feliz como uma rainha? Dieu! Dieu! [66] Foi tão divertido olhar primeiro para ele, e depois para o outro, e deixar ambos enlouquecidos.

— Mas e o outro… onde ele está? Mostre-me Isidore.

— Não gosto da ideia.

— Por quê?

— Tenho vergonha dele.

— E por quais motivos?

— Porque… porque (em um sussurro) ele tem tamanhas… tamanhas suíças, ruivas, vermelhas… por isso!

— Então está explicado — acrescentei. — Não importa, mostre-me do mesmo jeito; prometo não desmaiar.

Ela olhou ao redor. Nesse exato instante, uma voz inglesa falou atrás de nós.

— As duas estão paradas em uma corrente de vento; as senhoritas devem sair deste corredor.

— Não há corrente nenhuma, Dr. John — respondi, voltando-me.

— Ela se resfria com tanta facilidade — prosseguiu ele, olhando Ginevra com extrema ternura. — Ela é delicada; é preciso tomar conta dela: pegue um xale para ela.

— Permita-me julgar por mim mesma — disse a Srta. Fanshawe, arrogante. — Não quero xale nenhum.

— Seu vestido é fino, a senhorita esteve dançando, está com o corpo aquecido.

— Sempre fazendo sermões — retrucou ela. — Sempre tomando conta e repreendendo.

A resposta que o Dr. John poderia ter dado não surgiu; ficou evidente em seu olhar que ele estava magoado; sombrio, entristecido e magoado, ele se voltou um pouco para o lado, mas teve paciência. Eu sabia onde havia uma porção de xales bem perto; corri e peguei um.

"Ela vai usar este, se eu tiver forças para persuadi-la", pensei, colocando-o sobre o vestido de musselina dela, cobrindo com cuidado seu pescoço e braços. — Ele é o Isidore? — perguntei, em um sussurro um tanto ríspido.

Ela fez beicinho, sorriu e acenou.

— *Ele* é o Isidore? — repeti, dando-lhe uma sacudidela; eu poderia muito bem ter-lhe dado uma dúzia.

— C'est lui-même [67] — disse ela. — Quão grosseiro ele é, comparado ao coronel-conde! E além disso… oh ciel!… [68] as suíças!

O Dr. John então passou por nós.

— O coronel-conde! — repeti. — O boneco… a marionete… o manequim… a pobre criatura inferior! Um mero lacaio em comparação com o Dr. John; seu criado de quarto, seu moço de recados! Será possível que um cavalheiro gentil e generoso, tão belo quanto uma visão, lhe ofereça sua mão honrada e seu coração galante, e prometa proteger sua pessoa banal e sua mente fútil através das tempestades e das labutas da vida… e você o rejeite… você o despreze, aflija, torture?! Você tem poder para fazer isso? Quem lhe deu esse poder? Onde ele se encontra? Ele se localiza todo em sua beleza… em sua tez rosada e branca, e em seu cabelo loiro? Isso aprisiona a alma dele aos seus pés, e faz a cabeça dele se

abaixar sob seu jugo? Isso garante a você o afeto dele, a ternura dele, os pensamentos dele, as esperanças dele, o interesse dele, o amor nobre e cordial dele… e você não quer nada disso? Você despreza tudo isso? Você está apenas dissimulando: você não está sendo sincera: você o ama; mas brinca com o coração dele para garantir que ele seja ainda mais seu?

— Bah! Como você fala! Não entendo metade do que você disse.

Eu a havia levado para o jardim enquanto isso. Então a coloquei sentada em um banco e lhe disse que não se mexesse até ter confessado qual deles pretendia, no fim, aceitar: o homem ou o macaco.

— Aquele que você chama de homem — disse ela — é burguês, tem cabelos avermelhados e atende pelo nome de John! Cela suffit: je n'en veux pas. [69] O Coronel de Hamal é um cavalheiro com excelentes conexões, modos perfeitos, uma bela aparência, com um rosto pálido e interessante e olhos e cabelos como os de um italiano. E ele também é a companhia mais agradável possível… um homem bastante do meu gosto; nada sensato e sério como o outro; mas um homem com quem posso conversar de igual para igual; que não me atormenta nem me aborrece nem me perturba com profundidades, e alturas e paixões e talentos para os quais não tenho gosto. É isso. E não me segure com tanta força.

Eu afrouxei o apertão, e ela se afastou às pressas. Não me dei ao trabalho de segui-la.

De certo modo, não consegui deixar de voltar uma vez mais na direção do corredor para dar mais uma olhada no Dr. John; mas o encontrei na escada do jardim, parado onde a luz de uma janela batia com toda a força. Sua figura de boas proporções não podia ser confundida com as demais, pois duvido que houvesse outro naquele grupo que se comparasse a ele. Ele segurava o chapéu; a cabeça descoberta, o rosto e a testa bem feita eram muito belos e viris. *Seus* traços não eram delicados nem finos como os de uma mulher, nem eram frios, frívolos e fracos; embora bem talhados, eles não eram tão refinados, tão mal empregados a ponto de perder em expressão ou em significado o que eles ganhavam em uma simetria inexpressiva. Muito sentimento se manifestava neles às vezes, e muitos mais permaneciam em silêncio nos seus olhos. Pelo menos, era o

que eu pensava a respeito dele; para mim, ele parecia tudo isso. Uma inexprimível sensação de espanto se apoderou de mim, enquanto eu olhava aquele homem, e pensava que *ele* poderia ser desprezado.

Não era minha intenção aproximar-me ou falar com ele no jardim, pois nosso relacionamento não permitia tal situação; apenas tencionava vê-lo em meio à multidão, e sem ser vista: Vendo-o assim sozinho, eu me retirei. Mas ele estava à minha procura, ou melhor, à procura de quem estivera comigo; portanto, desceu os degraus e me seguiu pela aleia.

— A senhorita conhece a Srta. Fanshawe? Várias vezes desejei perguntar-lhe se a conhecia — disse ele.

— Sim, eu a conheço.

— Intimamente?

— Quase tão intimamente quanto desejo.

— O que a senhorita fez com ela agora?

"Serei eu guardiã dela?", senti-me inclinada a perguntar, mas respondi apenas:

— Eu lhe dei uma boa sacudidela, e teria dado outra ainda melhor, mas ela escapou das minhas mãos e fugiu.

— A senhorita me faria o favor — perguntou ele — de tomar conta dela esta noite, para que ela não cometa nenhuma imprudência… por exemplo, não saia correndo para o ar da noite logo depois de dançar?

— Eu talvez possa observá-la um pouco, já que é esse seu desejo; mas ela gosta demais de agir a seu próprio modo para se submeter com prontidão a algum controle.

— Ela é tão jovem, tão completamente ingênua — disse ele.

— Para mim, ela é um enigma — respondi.

— É? — perguntou ele, muito interessado. — De que modo?

— Seria difícil dizer como; pelo menos, difícil dizer ao *senhor* .

— E por que a mim?

— Eu me pergunto por que ela não aprecia mais o fato de o senhor ser tão amigo dela.

— Mas ela nem sequer imagina quanto eu *seja* amigo dela. É exatamente esse o ponto que eu não posso ensinar para ela. Posso

perguntar se ela alguma vez falou de mim para a senhorita?

— Com o nome de "Isidore" ela falou várias vezes do senhor; mas, devo acrescentar que foi apenas nos últimos dez minutos que descobri que o senhor e "Isidore" são uma única pessoa. Foi apenas, Dr. John, nesse breve período que descobri que Ginevra Fanshawe é, nesta escola, a pessoa por quem o senhor tem-se interessado há tanto tempo: que ela é o ímã que atrai o senhor para a Rue Fossette, que por causa dela o senhor se arrisca neste jardim e procura caixas atiradas por rivais.

— A senhorita sabe de tudo?

— Eu sei tudo isso.

— Há mais de um ano, tenho tido a oportunidade de encontrá-la na sociedade. A Sra. Cholmondeley, amiga dela, é amiga minha; por isso, eu a vejo todos os domingos. Mas a senhorita observou que, sob o nome de "Isidore", ela falou a meu respeito várias vezes: posso… sem fazer que a senhorita traia a confiança dela… perguntar qual foi o tom, qual o sentimento das observações? De certa forma, sinto-me ansioso para saber, estando um pouco atormentado pela incerteza em relação a como ela me considera.

— Oh, ela muda tanto: ela vai de um lado para outro, como o vento.

— Mesmo assim, a senhorita pode ter uma ideia geral…?

"Posso", pensei, "mas não adiantaria nada comunicar essa ideia geral para o senhor. Além do mais, se eu dissesse que ela não o ama, sei que o senhor não acreditaria em mim".

— A senhorita ficou silenciosa — prosseguiu ele. — Suponho que não tenha boas notícias para me dar. Não importa. Se ela sente por mim uma positiva frieza e aversão, é sinal de que eu não a mereço.

— O senhor duvida de si mesmo? O senhor se considera inferior ao Coronel de Hamal?

— Eu amo a Srta. Fanshawe muito mais do que de Hamal ama qualquer criatura humana, e eu tomaria conta dela e a protegeria muito melhor que ele. Em relação a de Hamal, eu receio que ela esteja iludida; conheço o caráter dele, todos os seus antecedentes, todas as dificuldades dele. Ele não é digno da sua bela e jovem amiga.

— Minha “bela e jovem amiga” deveria saber disso, e saber ou sentir quem é digno dela — respondi. — Se a beleza dela, ou sua inteligência, não a ajudam nesse ponto, ela merece a dura lição da experiência.

— A senhorita não está sendo um pouco rígida?

— Sou excessivamente rígida — mais rígida do que desejo mostrar para o senhor. O senhor deveria ouvir as críticas com as quais favoreço minha “bela e jovem amiga”; porém, o senhor ficaria imensamente chocado com minha falta de gentil consideração para com a delicada natureza dela.

— Ela é tão adorável, ninguém consegue não ser amável com ela. A senhorita… toda mulher mais velha que ela deve sentir por uma fada tão simples, inocente e juvenil um tipo de ternura materna ou de irmã mais velha. Anjo gracioso! O seu coração não se volta para ela quando ela conta aos seus ouvidos suas confidências puras e infantis? Como a senhorita é privilegiada! — exclamou ele com um suspiro.

— Eu interrompo tais confidências de forma um tanto abrupta de vez em quando — respondi. — Mas, por favor, Dr. John, posso mudar de assunto por uns instantes? Que tipo divino é de Hamal! Que nariz ele tem… perfeito! Modele-se um em resina ou argila, não seria possível fazer um nariz melhor ou mais reto ou mais bem-talhado; e, além disso, aqueles lábios e queixo tão clássicos… e a postura dele… sublime!

— De Hamal é um pelintra, além de ser um grande herói sem coragem.

— O senhor, Dr. John, assim como todos os homens de estofo menos sofisticado que ele, deve sentir por ele um tipo de afeição admirativa, assim como Marte e os deuses mais grosseiros devem ter sentido em relação ao jovem e gracioso Apolo.

— Um macaquinho jogador sem princípios — disse o Dr. John, seco —, e a quem eu, com uma só mão, seria capaz de erguer pela faixa da cintura a qualquer hora, e jogar no canil, caso eu quisesse.

— O meigo serafim! — disse eu. — Que ideia cruel! O senhor não está sendo um pouco rígido, Dr. John?

E então fiz uma pausa. Pela segunda vez naquela noite, eu estava indo além dos meus limites, arriscando-me além do que considerava serem

meus hábitos naturais, falando de um modo não premeditado e impulsivo, que me surpreendeu estranhamente quando parei para refletir. Ao me levantar naquela manhã, tinha antecipado que antes de anoitecer eu teria representado o papel de um apaixonado em um vaudeville? E que uma hora mais tarde, discutiria abertamente com o Dr. John o caso da sua desafortunada corte, fazendo troça de suas ilusões? Eu não havia antecipado tais acontecimentos assim como não tinha esperado subir em um balão ou viajar até o cabo Horn.

Tendo caminhado pela aleia, o médico e eu agora estávamos voltando; o reflexo vindo da janela iluminou uma vez mais seu rosto; ele sorria, mas seus olhos estavam melancólicos. Como eu desejava que ele pudesse se sentir tranquilo! Como me afligi com o fato de ele ficar pensando em sua dor e sofrer por tal causa! Ele, com suas grandes qualidades, *ele* … amar em vão! Eu não sabia então que a melancolia do revés é a melhor fase para algumas mentes; tampouco refleti que algumas plantas, "embora não sejam perfumadas quando estão inteiras, soltam sua fragrância ao serem maceradas".

— Não fique pesaroso, não se aflija — disse-lhe eu. — Se há em Ginevra uma fagulha digna de seus afetos, ela irá… ela *terá* de sentir devoção por sua vez. Alegre-se, tenha esperanças, Dr. John. Quem poderia ter esperanças, se não o senhor?

Em resposta a tais palavras recebi aquilo que, se poderia supor, eu merecia: um olhar surpreso; também achei que havia nele um pouco de desaprovação. Nós nos separamos, e entrei na casa, com muito frio. Os relógios bateram e os sinos soaram a meia-noite; as pessoas estavam saindo rapidamente: a fête havia acabado; os candeeiros estavam apagando-se. Em mais uma hora, a residência e o pensionnat estavam escuros e silenciosos. Eu também estava na cama, mas sem dormir. Para mim, não era fácil adormecer depois de um dia com tanta excitação.

XV. AS LONGAS FÉRIAS

Depois da fête de Madame Beck, com suas três semanas precedentes de relaxamento, suas breves e efusivas doze horas de alegria e de dispersão, e seu dia subsequente de absoluto langor, sobreveio um período de reação: dois meses de verdadeira dedicação, de estudo aplicado e sério. Esses dois meses, sendo os últimos da "année scolaire", [1] eram na verdade os únicos verdadeiros meses de trabalho do ano. Para eles era postergada, neles era concentrada, tanto pelos professores, como pelas preceptoras e alunas, a principal tarefa de preparação para os exames que precediam a distribuição de prêmios. Candidatas à recompensa tinham então de trabalhar com seriedade; preceptores e professores tinham de pôr mãos à obra, insistir com as mais atrasadas e diligentemente auxiliar e treinar as mais promissoras.

Uma demonstração pomposa — uma exibição eficaz — tinha de ser preparada para a apreciação do público, e todos os meios eram justificados.

Eu mal notei como as demais professoras se puseram a trabalhar; tinha minhas próprias tarefas com que me preocupar; e *minha* missão não era a menos onerosa, pois era a de impregnar cerca de noventa cérebros com um bom verniz do que eles consideravam a mais complicada e difícil das ciências, a da língua inglesa; e a de exercitar noventa línguas no que era, para eles, uma pronúncia quase impossível: as ciciantes e sibilantes dentais das Ilhas.

O dia do exame chegou. Terrível dia! Preparadas para ele com cuidado ansioso, vestidas para ele com rapidez silenciosa, nada vaporoso ou esvoaçante, então, nada de tecidos finos ou de entremeios azuis; o que era grave, fechado e compacto, era a ordem do dia em termos de vestimenta.

Para mim, parecia que eu estava, nesse dia específico, particularmente amaldiçoada, o fardo e o julgamento principais recaindo somente sobre mim, dentre todas as professoras. Não se esperava que as demais fizessem as provas das matérias que elas ensinavam; o professor de literatura, M. Paul, assumia para si essa responsabilidade. Ele, esse autocrata escolar, reunia todas e variadas rédeas na concavidade de suas mãos; colérico, ele rejeitava qualquer colega; não admitia ser ajudado. A própria Madame, que evidentemente desejava aplicar as provas de geografia (sua disciplina favorita, e que ela ensinava muito bem), era forçada a sucumbir e se subordinar às ordens do seu despótico parente. Todo o corpo docente, masculino e feminino, era deixado de lado por M. Paul, e ele ficava sozinho no púlpito do examinador. Deixava-o irritado o fato de ter de abrir uma exceção para essa regra. Ele não sabia falar inglês: era obrigado a deixar essa área nas mãos da professora de inglês; o que ele fazia, mas não sem um lampejo de ciúme ingênuo.

Uma perpétua cruzada contra o "amour-propre" [2] de todos os seres humanos, exceção feita a ele mesmo, era o capricho desse homenzinho capaz, mas impetuoso e sôfrego. Ele tinha um grande apreço pela representação pública em sua própria pessoa, mas uma profunda repugnância pela mesma exibição em qualquer outro. Ele subjugava, controlava quando conseguia; e quando não conseguia, ficava encolerizado como uma tempestade contida.

Na noite anterior ao dia do exame, eu estava passeando pelo jardim, assim como estavam as demais professoras e as alunas internas. M. Emanuel se juntou a mim na "allée défendue"; [3] seu charuto nos lábios; seu paletôt (uma indumentária bastante característica sem uma forma específica) pendia escuro e ameaçador; a borla do seu bonnet grec lançava uma sombra severa sobre sua têmpora esquerda; suas suíças negras se curvavam como as de um gato enraivecido; seus olhos azuis tinham um brilho sombrio.

— Ainsi — começou ele, abrupto, parando à minha frente e me detendo —, vous allez trôner comme une reine demain… trôner à mes

côtés? Sans doute vous savourez d'avance les délices de l'autorité. Je crois voir en vous je ne sais quoi de rayonnante, petite ambitieuse! [4]

Bem, acontece que por acaso ele estava completamente enganado. Eu não valorizava, e não tinha condição de valorizar, a admiração ou a opinião favorável da audiência de amanhã da mesma maneira que ele. Caso a audiência englobasse tantos amigos pessoais e conhecidos para mim, assim como eram para ele, não sei como tudo teria se passado: eu falo do caso assim como ele se apresentava. Para mim, triunfos escolares não emitiam mais que um brilho frio. Eu já me perguntara, e estava perguntando-me então, por que para M. Paul eles pareciam luzir como se tivessem o calor e o fulgor de uma lareira. *Ele* se importava com eles, talvez demais; *eu* , provavelmente, de menos. Entretanto, eu tinha meus próprios desejos, tanto quanto ele. Eu gostava, por exemplo, de ver M. Emanuel com ciúmes; isso atiçava sua personalidade e despertava seu espírito; isso lançava todo tipo de luzes e sombras estranhas sobre seu rosto pálido e em seus olhos azuis (ele costumava dizer que seus cabelos negros e olhos azuis eram "une de ses beautés"). [5] Havia deleite em sua raiva; ela era ingênua, sincera, bastante insensata, mas jamais hipócrita. Eu não neguei a complacência que ele me atribuía; simplesmente perguntei quando ocorreria o exame de inglês, se seria no começo ou no fim do dia.

— Estou em dúvida — disse ele — entre logo cedo, antes que muitas pessoas tenham chegado, e quando sua natureza ambiciosa não será gratificada por uma grande plateia, ou bem no fim, quando todos estarão cansados, e apenas uma atenção fatigada e desgastada estará ao seu dispor.

— Que vous êtes dur, Monsieur! [6] — disse eu, fingindo tristeza.

— É preciso ser "dur" com a senhorita. A senhorita é uma dessas criaturas que devem ser *controladas* . Eu a conheço! Eu a conheço! Outras pessoas nesta casa veem a senhorita passando e pensam que uma sombra incolor passou. Quanto a mim, examinei sua face uma vez, e foi o suficiente.

— O senhor tem certeza de me entender?

Sem responder diretamente, ele prosseguiu:

— A senhorita não se sentiu gratificada quando fez sucesso naquele vaudeville? Eu a observei, e vi em sua fisionomia um ardor apaixonado pelo triunfo. Que fogo ardeu naquele olhar! Não uma mera luz, mas as chamas: je me tiens pour averti. [7]

— O sentimento que eu tive naquela ocasião, Monsieur (e, perdoe-me por dizer, o senhor exagera imensamente tanto sua característica quanto a quantidade), foi bastante abstrato. Eu não me importava com o vaudeville. Odiei o papel que o senhor me designou. Eu não tinha a menor simpatia para com a plateia abaixo do palco. Elas são boas pessoas, sem dúvida, mas, eu as conheço? Elas significam alguma coisa para mim? Eu me importo em ser colocada perante elas novamente amanhã? Será esse exame algo para mim além de uma tarefa, uma tarefa que eu desejaria que já tivesse acabado?

— Devo tirá-la de suas mãos?

— De todo o coração, se o senhor não teme o fracasso.

— Mas eu fracassaria. Eu conheço apenas três frases em inglês, e umas poucas palavras: par exemple, de sonn, de mone, de stares — est-ce bien dit? [8] Minha opinião é que seria melhor abandonar completamente a questão: não termos um exame de inglês, eh?

— Se Madame consentir, eu consinto.

— Sinceramente?

— Com muita sinceridade.

Ele fumou seu charuto em silêncio, e se voltou repentinamente.

— Donnez-moi la main [9] — disse ele, e o despeito e os ciúmes desapareceram de sua face, e uma generosa amabilidade brilhou nela.

— Ora, nós não seremos rivais, seremos amigos — prosseguiu ele. — O exame irá acontecer, e eu escolherei um bom momento; e, em vez de ficar contrariando e pondo obstáculos, como eu me sentia um tanto inclinado a fazer dez minutos atrás… pois eu tenho meus momentos de mau humor: sempre tive, desde a infância… eu ajudarei a senhorita com toda a sinceridade. Afinal, a senhorita é sozinha e estrangeira, e tem de abrir seu caminho e de ganhar seu pão; pode ser muito bom que a senhorita seja conhecida. Seremos amigos, está de acordo?

— De todo o coração, Monsieur. Estou feliz por ter um amigo. Gosto muito mais disso que de um triunfo.

— Pauvrette! [10] — disse ele, e se voltou e saiu da aleia.

Os exames correram sem problemas; M. Paul manteve sua promessa, e fez o melhor possível para deixar minha parte mais fácil. No dia seguinte, ocorreu a distribuição de prêmios; isso também passou; o ano letivo acabou; as alunas foram para casa, e então começaram as longas férias.

Aquelas férias! Poderei eu esquecê-las? Acho que não. Madame Beck partiu, no primeiro dia de férias, para se reunir com as filhas à beira-mar; as três professoras tinham parentes ou amigos com quem elas se refugiaram; todos os professores deixaram a cidade; alguns foram para Paris, outros para Boue-Marine; M. Paul partiu em uma peregrinação a Roma; a casa ficou bastante vazia, só ficamos eu, uma empregada e uma pobre de uma aluna deformada e imbecil, um tipo de cretina, cuja madrasta, que morava em uma província distante, não permitia que ela voltasse para casa.

Meu coração quase se partiu em meu peito; tristes desejos tocaram suas cordas. Quão longos eram os dias de setembro! Quão silenciosos e sem vida! Quão vastos e vazios os cômodos desolados davam a impressão de ser! Quão sombrio o jardim abandonado, então cinzento com o pó de um verão citadino que já se acabara. Olhando à frente no início dessas oito semanas, eu mal sabia como viveria até chegar ao fim delas. Meu estado de espírito estivera por muito tempo decaindo lentamente; agora que o apoio dado pelo trabalho havia sido retirado, ele desmoronou rápido. Até mesmo olhar adiante não era o mesmo que ter esperanças: o futuro silencioso não dizia palavras de conforto, não oferecia promessas, não dava estímulo para suportar o mal presente na confiança de um bem futuro. Uma dolorosa indiferença quanto à existência muitas vezes se abatia sobre mim; uma resignação desesperada de chegar no começo da vida ao fim de todas as coisas terrenas. Ai de mim! Quando tive um tempo livre para olhar para a vida assim como a vida deve ser olhada por alguém como eu, descobri que ela não era nada mais que um deserto sem esperanças: areias amareladas, sem campos verdejantes, sem palmeiras,

nenhum poço à vista. As esperanças que são caras à juventude, que lhe dão sustento e a conduzem, eu não as conhecia e não ousava conhecer. Se elas batiam às portas do meu coração de vez em quando, era necessário impor-lhes interiormente uma barreira. Quando elas se retiravam, assim rejeitadas, lágrimas bastante tristes às vezes fluíam: mas não dava para evitar; eu não ousava dar abrigo a tais hóspedes. Temia mortalmente o pecado e a fraqueza da presunção.

Leitor religioso, você me fará um longo sermão a respeito do que acabei de escrever, assim como você, moralista: e você, sábio austero: você, estoico, vai franzir o sobrecenho; você, cínico, vai escarnecer; você, epicurista, vai rir. Bem, vocês todos façam como bem lhes aprouver. Aceito o sermão, o sobrecenho franzido, o escárnio e a risada; talvez vocês todos estejam certos: e talvez, se estivessem nas circunstâncias em que eu me encontrava, vocês teriam estado, assim como eu, errados. O primeiro mês foi, na verdade, um mês longo, sombrio e pesado para mim.

A cretina não parecia infeliz. Eu fiz o melhor possível para alimentá-la bem e mantê-la aquecida, e ela só pedia comida e luz do sol, ou, na falta desta, aquecimento. Suas faculdades debilitadas aprovavam a inércia: seu cérebro, seus ouvidos e seu coração dormiam felizes; eles não tinham condição de despertar para o trabalho, então, a letargia era o Paraíso deles.

Três semanas dessas férias foram quentes, agradáveis e secas, mas a quarta e a quinta semanas foram tempestuosas e úmidas. Eu não sei por que essa mudança na atmosfera causou uma impressão tão cruel em mim, por que a tempestade violenta e a chuva forte me aniquilaram com uma paralisia mais mortal que a sentida por mim enquanto o ar permanecia sereno; mas foi assim, e meu sistema nervoso mal podia tolerar o que ele teve de enfrentar por tantos dias e noites naquela imensa casa vazia. Como eu costumava orar pedindo aos Céus consolo e apoio! Com que força medonha se apossava de mim a convicção de que o Destino era meu inimigo constante, para jamais ser apaziguado. Em meu coração, eu não culpei a misericórdia ou a justiça divinas por isso; concluí que seria uma parte em seu grande plano o fato de que alguns devessem sofrer

profundamente enquanto vivessem, e eu estremecia com a certeza de fazer parte desse grupo.

Representou certo alívio quando uma tia da cretina, uma senhora gentil, veio um dia e levou embora minha estranha e deformada companheira. A desafortunada criatura havia sido, por vezes, um fardo pesado; eu não podia levá-la além do jardim, e não podia deixá-la um só minuto sozinha: pois sua pobre mente, assim como seu corpo, eram corrompidos: sua inclinação era para o mal. Uma vaga inclinação para a maldade e uma malevolência sem propósito tornavam indispensável a vigilância constante. Como ela raramente falava, e ficava horas e horas sentada abatida e fazendo trejeitos e contorcendo as feições com caretas indescritíveis, ficar com ela parecia-se mais com ficar na prisão com algum animal estranho e não domesticado, que ter a companhia de um ser humano. E havia também cuidados pessoais que requeriam a fibra de uma enfermeira de hospital; minha determinação foi tão posta à prova que às vezes adoecia. Esses cuidados não deveriam ter recaído sobre mim; uma empregada, agora ausente, se encarregara deles até então, e na agitação da partida para as férias nenhuma substituta para preencher esse cargo havia sido providenciada. Essa obrigação e essa provação não foram, de modo algum, as menores que tive de enfrentar na vida. Mesmo assim, servis e desagradáveis como elas eram, meu tormento mental era muito mais dilacerante e desgastante. Cuidar da cretina me privava com frequência da capacidade e da vontade de fazer uma refeição, e me faziam sair enfraquecida para o ar fresco e para o poço ou a fonte no pátio; mas essa tarefa jamais oprimiu meu coração, ou fez meus olhos se encherem d'água, ou queimou minhas faces com lágrimas tão quentes quanto metal derretido.

Com a partida da cretina, eu tinha liberdade para sair. A princípio, não tinha coragem de me aventurar para muito longe da Rue Fossette, mas aos poucos me dirigi aos portões da cidade e os ultrapassei, e então saía caminhando sem rumo, bem longe, por chaussées, através dos campos, além dos cemitérios católico e protestante; além das fazendas, até cursos d'água e pequenos bosques, e nem sei aonde mais. Um estímulo me

impulsionava para a frente, uma febre me proibia de descansar; o desejo de uma companhia mantinha em minh'alma os anseios de uma fome mortal. Com frequência eu caminhava o dia inteiro, durante o meio-dia escaldante e a tarde árida, e o entardecer cinzento, e voltava para casa com o surgir da lua.

Enquanto caminhava solitária, eu às vezes imaginava a possível situação atual das demais pessoas, minhas conhecidas. Lá estava Madame Beck em uma agradável estação de águas com suas filhas, sua mãe e um grupo de amigos que haviam procurado o mesmo cenário para descansar. Zélie St. Pierre estava em Paris, com seus parentes; as outras professoras estavam em suas casas. E eis Ginevra Fanshawe, a quem alguns de seus amigos haviam levado em uma agradável viagem para o sul. Para mim, Ginevra parecia ser a mais feliz. Ela estava na rota de belos cenários; os sóis de setembro brilhavam para ela em campos férteis, nos quais a colheita e a vindima amadureciam sob seus doces raios. Aquelas luas douradas e de cristal se erguiam perante seus olhos sobre horizontes azuis ondulantes no contorno das montanhas.

Mas tudo isso nada representava. Eu também sentia aqueles sóis de outono e via aquelas luas de colheita, e quase desejava estar coberta pela terra e pela relva, profundamente afastada de sua influência; pois eu não conseguia viver à luz deles, nem fazer deles meus amigos nem dar-lhes afeição. Porém, Ginevra tinha um temperamento com o poder de lhe proporcionar forças e conforto constantes, de alegrar a luz do sol e mitigar a escuridão; os melhores dos gênios protetores da humanidade envolviam-na com suas asas, e abrigavam sua cabeça com suas formas reclinadas. Pelo Verdadeiro Amor Ginevra era seguida: jamais ela ficaria sozinha. Seria ela insensível à presença dele? Para mim, isso parecia impossível: eu não conseguia conceber tal falta de sensibilidade. Eu a imaginava secretamente grata; amando então com reservas, mas com o propósito de um dia demonstrar quanto amava: eu idealizava seu constante apaixonado semiconsciente da ternura tímida dela, e consolado por essa consciência: eu concebia um inexprimível sentimento de simpatia entre eles, uma delicada corrente de compreensão mútua, dando suporte a sua união por

meio de uma separação de uma centena de léguas; transportando, através de montanhas e vales, a comunicação por meio de orações e de desejos. Gradualmente, Ginevra passou a ser para mim um tipo de heroína. Um dia, ao me dar conta dessa crescente ilusão, eu disse: “Acredito mesmo que meus nervos estão ficando esgotados: minha mente sofreu tanto que um tipo de doença está apossando-se dela. O que devo fazer? Como manter-me bem?”.

Na verdade, não havia como manter-me bem naquelas circunstâncias. Finalmente, um dia e uma noite de depressão agonizante foram sucedidos pela doença física, eu fui forçada a me manter na cama. Mais ou menos nessa época, o verão escaldante se acabou e as tempestades equinociais começaram; durante nove dias escuros e úmidos, cujas Horas corriam turbulentas, surdas, desgrenhadas, confusas por causa da tempestade tonitruante, fiquei deitada com uma estranha febre dos nervos e do sangue. O sono não vinha. Eu costumava me levantar durante a noite, olhar ao redor procurando-o, suplicando-lhe sinceramente que retornasse. Apenas uma sacudida da janela e um grito do vento forte respondiam… O sono nunca vinha!

Estou errada. Ele veio uma vez, mas irado. Impaciente por causa da minha importunação, veio acompanhado de um sonho vingador. Segundo o relógio da igreja de São João Batista, aquele sonho mal durou quinze minutos; um rápido intervalo, mas suficiente para torturar todo o meu corpo com uma angústia desconhecida; para transmitir uma experiência inominável que tinha o matiz, a expressão, o terror, o próprio tom de uma visitação da eternidade. Entre a meia-noite e uma hora naquela noite um cálice foi levado com força aos meus lábios, negro, forte, estranho, que não fora tirado de um poço, mas fora enchido até as bordas, fervilhante, de um mar sem fundo e sem limites. O sofrimento fermentado em uma medida temporal ou calculável e preparado para lábios mortais não tinha o mesmo travo que aquele sofrimento tinha. Tendo bebido e despertado, acreditei que tudo havia passado: que o fim chegara e se afastara. Tremendo apavorada, à medida que a consciência retornava, pronta para suplicar a algum ser humano que me ajudasse, mas bem eu sabia que

nenhuma criatura humana estava perto o suficiente para ouvir os meus apelos enlouquecidos (Goton em seu sótão distante não podia escutar), fiquei de joelhos na cama. Algumas horas lancinantes se passaram: indescritivelmente fui dilacerada, atormentada e oprimida em pensamentos. Entre os terrores daquele sonho, acredito que o pior se encontrasse nisto. Parecia-me que os mortos bem-amados, que *me* haviam amado tanto em vida, me encontravam em outros lugares, alienados: amargurado estava meu espírito com um impronunciável sentimento de desespero em relação ao futuro. Não havia motivos que me levassem a tentar me recuperar ou desejar viver; e, no entanto, bastante insuportável era a impiedosa e arrogante voz com a qual a Morte me desafiava a combater seus desconhecidos terrores. Quando tentei rezar, só conseguia pronunciar estas palavras:

"Desde minha infância os Teus terrores eu suportei com mente perturbada".

E quão verdadeiro isso era.

Ao me trazer o chá na manhã seguinte, Goton insistiu que eu deveria chamar um médico. Não concordei: eu achava que nenhum médico seria capaz de me curar.

Em um entardecer (e eu não estava delirando: estava plenamente consciente) eu me levantei e me vesti, fraca e trêmula. Não era mais possível suportar a solidão e o silêncio do longo dormitório; as lívidas camas brancas estavam se transformando em espectros; a cabeceira de cada uma delas se transformou em uma efígie da morte, imensa e desbotada pelo sol. Sonhos mortos de um mundo mais antigo e de uma raça mais poderosa jaziam congelados em suas órbitas oculares grandes e vazias. Naquela noite, com mais força do que nunca, se consolidou em minh'alma a convicção de que o Destino era pétreo, e a Esperança, um falso ídolo: cega, exangue e com alma de granito. Senti, também, que a provação que Deus me designara estava chegando ao seu ponto máximo e deveria então ser revolvida pelas minhas próprias mãos, quentes, fracas e trêmulas como estavam. Ainda chovia, o vento soprava; porém com mais clemência, eu achava, do que havia chovido e ventado o dia inteiro. O

entardecer estava chegando, e considerei sua influência lamentável; da gelosia vi nuvens noturnas que vinham se arrastando baixas, como estandartes prostrados. Parecia-me que nessa hora havia afeição e sentimentos no alto do Céu por toda dor que era sentida aqui embaixo, na terra; o peso do meu pavoroso sonho foi aliviado; o pensamento intolerável de não mais ser amada, não mais ser reconhecida, cedeu em parte a uma esperança pelo seu contrário: eu tinha certeza de que essa esperança brilharia mais clara se eu deixasse aquele teto, que era opressivo como a laje de um túmulo, e fosse para fora da cidade, para uma determinada colina silenciosa, bem distante, no meio dos campos. Agasalhada com um manto (eu não poderia estar delirando, pois tinha bom-senso e compostura para usar roupas quentes), parti. Os sinos de uma igreja me atraíram enquanto eu passava; eles me pareciam chamar para o salut, e eu fui. Qualquer ritual solene, qualquer demonstração de uma devoção sincera, qualquer oportunidade para fazer um apelo a Deus eram tão bem-vindos para mim quanto o pão para uma pessoa desesperada de fome. Eu me ajoelhei com outras pessoas no piso de pedras. Era uma igreja antiga e solene, a escuridão que a envolvia não era dourada, mas arroxeada pela luz que penetrava através dos vitrais.

Poucos fiéis estavam reunidos e, acabado o salut, metade deles partiu. Logo percebi que os remanescentes haviam ficado para se confessar. Eu não me movi. Cuidadosamente, cada porta da igreja foi fechada; uma paz sagrada se instaurou, e uma sombra solene nos envolveu. Depois de certo tempo, sem fôlego e extenuada de tanto rezar, uma penitente se aproximou do confessionário. Eu fiquei observando. Ela sussurrou sua confissão; sua absolvição foi sussurrada por sua vez; ela retornou consolada. Outra foi, e mais outra. Uma senhora pálida, ajoelhada ao meu lado, disse com voz baixa e gentil:

— A senhorita pode ir agora, eu ainda não estou pronta.

Mecanicamente obediente, eu me levantei e fui. Eu sabia qual era a minha intenção; minha mente havia examinado esse intento com a rapidez de um raio. Dar esse passo não poderia me deixar mais desgraçada do que eu estava; poderia me acalmar.

O padre dentro do confessionário não moveu os olhos para me ver; ele apenas silenciosamente inclinou o ouvido na direção da minha boca. Poderia ser um bom homem, mas esse dever se havia tornado para ele um tipo de protocolo: ele passava por tudo com a impassibilidade do hábito. Hesitei; ignorava os rituais da confissão: em vez de iniciá-la, então, com o costumeiro prelúdio, eu disse:

— Mon père, je suis protestante. [11]

Ele se voltou na hora. Não era um padre nativo: desses, o tipo de fisionomia é, quase invariavelmente, submisso: percebi, por causa do perfil dele e de sua testa, que era francês; embora grisalho e idoso, achei que ele não era destituído de sentimentos ou de inteligência. Ele me perguntou, não com indelicadeza, por que eu, sendo protestante, havia ido falar com ele?

Eu disse que estava desesperada por um conselho ou uma manifestação de consolo. Eu tinha vivido completamente sozinha por algumas semanas; tinha estado doente; impunha-se à minha mente um fardo, cujo peso eu mal poderia suportar por muito mais tempo.

— O que aconteceu foi um pecado, um crime? — perguntou ele, um tanto assustado.

Eu o tranquilizei em relação a esse aspecto, e, tão bem quanto fui capaz, fiz para ele um simples esboço da minha experiência.

Ele parecia pensativo, surpreso, perplexo.

— A senhorita me apanhou desprevenido — disse ele. — Eu nunca ouvi um caso como o seu antes: normalmente, nós conhecemos nosso procedimento habitual, e estamos preparados; mas seu caso abre uma grande exceção no transcorrer comum da confissão. Eu mal tenho um conselho adequado para essas circunstâncias.

Naturalmente, eu não havia esperado que ele tivesse; mas o mero alívio de poder me comunicar com ouvidos humanos e sensíveis, embora consagrados, o simples fato de desabafar uma parte da dor há tanto reprimida, que vinha se acumulando fazia tanto tempo em um recipiente do qual ela não poderia ser uma vez mais propagada, me havia feito bem. Eu já estava confortada.

— Devo ir, padre? — perguntei-lhe, enquanto ele permanecia em silêncio.

— Minha filha — disse ele, com gentileza, e eu tenho certeza de que ele era um homem gentil: ele tinha olhos compassivos —, agora, é melhor a senhorita ir: mas eu lhe garanto que suas palavras me afetaram. A confissão, assim como outras coisas, pode se tornar formal e trivial com o costume. A senhorita veio e abriu seu coração, algo que poucas vezes acontece. Eu ficaria feliz por pensar que seu caso está encerrado, e levá-lo comigo até meu oratório. Se a senhorita pertencesse à nossa fé, eu saberia o que dizer: uma mente tão abalada só pode encontrar repouso no seio do recolhimento, e na prática pontual da devoção. O mundo, isso é muito bem sabido, não oferece satisfação para esse tipo de natureza. Homens santos têm ordenado a penitentes como a senhorita que tornem mais rápido seu caminho para o alto por meio da penitência, da abnegação e das boas obras fatigantes. Lágrimas lhes são oferecidas aqui como alimento e bebida: o pão do sofrimento e as águas do sofrimento. Sua recompensa vem depois. É minha convicção pessoal que essas impressões que a estão abalando são mensageiras de Deus para trazê-la de volta à verdadeira Igreja. A senhorita foi feita para nossa fé: acredite que somente nossa fé poderia curá-la e ajudá-la; o protestantismo é de modo geral muito árido, frio e prosaico para a senhorita. Quanto mais eu examino essa questão, mais claramente vejo que ela se afasta completamente do curso normal das coisas. De modo nenhum eu gostaria de perder a senhorita de vista. Vá, minha filha, por enquanto; mas venha falar comigo novamente.

Eu me levantei e lhe agradeci. Estava retirando-me quando ele me fez um gesto para voltar.

— A senhorita não deve voltar para esta igreja — disse ele. — Vejo que a senhorita está doente, e esta igreja é fria demais; a senhorita deve ir até minha casa: eu moro…. (e ele me deu seu endereço). Esteja lá amanhã de manhã, às dez horas.

Como resposta a essa convocação, eu apenas inclinei a cabeça; e, cobrindo-me com meu véu, e aconchegando-me no meu manto, afastei-me silenciosa.

Você supõe, leitor, que eu pensei em me arriscar novamente a ficar ao alcance daquele digno padre? Do mesmo modo como eu teria pensado em entrar em uma fornalha da Babilônia. Aquele padre tinha armas que poderiam me influenciar: ele era naturalmente gentil, com uma gentileza sentimental francesa, a cuja doçura eu sabia não ser totalmente insensível. Sem levar em consideração alguns tipos de influência, mal havia uma, que tivesse um ponto de contato com a realidade, à qual eu julgasse que minhas forças tinham condição de opor resistência. Tivesse eu ido falar com ele, ele teria me mostrado tudo que era terno, e reconfortante, e gentil, na honesta superstição papista. E então ele teria tentado acender, insuflar e atiçar em mim o gosto pelas boas obras. Eu não sei como tudo isso teria terminado. Nós todos nos consideramos fortes em alguns pontos; nós todos sabemos que somos fracos em outros; as probabilidades são de que, caso eu tivesse ido ao Numéro 3, Rue des Mages, [12] na hora e no dia designados, poderia muito bem agora, em vez de estar escrevendo esta narrativa herética, estar rezando o rosário na cela de certo convento carmelita no Boulevard de Crécy, em Villette. Havia algo de Fénélon naquele benigno padre idoso; e não importa o que a maior parte da sua congregação possa ser, e não importa o que eu pense da sua Igreja e do seu credo (e não aprecio nenhum dos dois), dele eu terei para sempre uma grata lembrança. Ele foi gentil quando precisei de gentileza; ele me fez o bem. Que os céus o abençoem!

O crepúsculo havia se transformado em noite, e os lampiões estavam acesos nas ruas quando saí daquela igreja sombria. Voltar era então algo ao meu alcance; o desejo insano de respirar aquele vento de outubro na pequena colina distante dos portões da cidade havia deixado de ser um impulso premente, e havia sido atenuado em um desejo com o qual a Razão poderia lidar: ela o suprimiu, e eu voltei, como pensava, para a Rue Fossette. Mas eu me embrenhara em uma parte da cidade com a qual não estava familiarizada; era a parte antiga, e repleta de ruas estreitas com casas pitorescas, antigas e decadentes. Eu estava fraca demais para ser muito sensata, e ainda estava por demais descuidada com meu bem-estar e segurança para ser cautelosa; fiquei confusa; fiquei emaranhada em um

labirinto de passagens desconhecidas. Estava perdida e não tinha coragem para pedir conselho a qualquer passante.

Se a tempestade se acalmara um pouco ao entardecer, ela agora recuperava o tempo perdido. Forte e horizontal rugia a corrente de vento do noroeste para o sudeste; ela trazia chuva forte, e às vezes uma saraivada de granizo; era fria e penetrava em mim até os ossos. Curvei a cabeça para enfrentá-la, mas ela me derrotou. Meu coração não fraquejou de modo algum nesse conflito; eu apenas desejava ter asas para poder subir além do temporal, estender e repousar minhas asas em sua força; seguir o seu curso; mover-me onde ele se movia. Enquanto desejava tudo isso, subitamente me senti ainda mais gelada, onde antes estava fria; e mais impotente, onde antes estava fraca. Tentei chegar até o pórtico de um grande edifício nas proximidades, mas a espessa fachada e o pináculo gigantesco ficaram negros e desapareceram da minha vista. Em vez de me deixar cair nos degraus conforme planejava, tive a impressão de ser arremessada de cabeça em um abismo. Perdi a consciência.

FIM DO VOLUME I

XVI. MOITO TEMPO ATRÁS

Para onde foi minha alma durante aquele desmaio eu não saberia dizer. O que quer que ela tenha visto, ou para onde quer que ela tenha viajado em seu transe naquela estranha noite ela manteve como seu segredo, jamais sussurrando uma palavra para a Memória, e desconcertando a imaginação por meio de um silêncio indissolúvel. Ela pode ter ascendido, e se ter deparado com seu lar eterno, esperando a permissão para descansar então, e imaginando que sua dolorosa união com a matéria finalmente se havia desfeito. Enquanto ela assim imaginava, um anjo pode ter-lhe avisado para evitar o limiar do céu, e, conduzindo-a chorosa para baixo, tê-la amarrado, uma vez mais, toda trêmula e relutante, àquele pobre corpo, frio e emaciado, de cuja companhia ela havia ficado mais que cansada.

Eu sei que ela reentrou em sua prisão em meio à dor, com relutância, com uma lamúria e um prolongado estremecimento. Foi difícil reconciliar os companheiros divorciados, Espírito e Substância: eles se cumprimentaram, não com um abraço, mas com um violento tipo de luta. O sentido da visão que retornava se apoderou de mim, rubro, como se nadasse em sangue; a audição interrompida retornou ruidosa, como o trovão, a consciência reviveu no temor: eu me sentei amedrontada, perguntando-me em que região, entre quais criaturas estranhas eu estava despertando. A princípio, não reconheci nada das coisas para as quais olhava: uma parede não era uma parede; uma lamparina não era uma lamparina. Eu poderia ter compreendido o que chamamos de fantasma, assim como compreendia o mais comum dos objetos: o que é outro modo de dizer que tudo em que meus olhos se detinham parecia espectral. Mas as faculdades logo se acomodaram cada qual em seu lugar; a máquina da vida retomou seu trabalho costumeiro e regular.

Mesmo assim, eu não sabia onde me encontrava; apenas com o passar do tempo vi que havia sido removida do local onde caíra: eu não estava deitada em nenhuma escada de pórtico; a noite e a tempestade haviam sido isoladas por paredes, janelas e teto. Para alguma casa eu havia sido carregada, mas qual casa?

Eu só conseguia pensar no pensionnat na Rue Fossette. Ainda semiadormecida, eu me esforcei para descobrir em qual quarto eles me haviam colocado; se no grande dormitório, ou em um dos pequenos. Eu estava perplexa, porque não conseguia conciliar as partes da mobília que eu via com o conhecimento que tinha de qualquer desses cômodos. Estavam ausentes as camas brancas desocupadas e a longa fila de grandes janelas. "Com certeza", pensei, "não foi para o quarto da própria Madame Beck que eles me carregaram!". Então meus olhos se depararam com uma poltrona coberta de damasco azul. Outras cadeiras, com estofamento semelhante, foram percebidas por mim aos poucos; e finalmente eu me compenetrei da ideia de uma agradável sala de estar, com um belo fogo em uma lareira imaculada, um carpete no qual arabescos de um tom de azul vivo davam vida a um fundo de tons fulvos; paredes claras nas quais uma delicada mas infinita guirlanda de miosótis azuis corria entrelaçada e aturdida em meio a um sem fim de folhas e gavinhas douradas. Um espelho dourado ocupava o espaço entre duas janelas com amplas cortinas de damasco azul. Nesse espelho eu me vi deitada, não em uma cama, mas em um sofá. Eu tinha uma aparência espectral; meus olhos maiores e mais fundos, meu cabelo, mais escuro que o natural, contrastando com minha face magra e pálida. Ficava claro, não apenas por causa da mobília, mas da localização das janelas, das portas e da lareira, que aquele era um cômodo desconhecido em uma casa desconhecida.

Quase tão óbvio era o fato de que meu cérebro ainda não estava acomodado; pois, enquanto eu olhava para a poltrona azul, ela parecia ficar cada vez mais familiar; bem como uma otomana, e não com menor intensidade a mesa de centro redonda, com uma toalha azul margeada com folhagens nas cores do outono; e, acima de tudo, dois pequenos escabelos com coberturas trabalhadas, e uma pequena cadeira com moldura de

ébano, com o assento e o encosto também forrados com conjuntos de flores brilhantes sobre fundo escuro.

Assombrada com tais coisas, explorei um pouco mais. É estranho dizer, velhos conhecidos estavam todos ao meu redor, e o "moito tempo atrás" sorria para mim de todos os cantos. Havia duas miniaturas ovais sobre a cornija, cujas pérolas sobre as altas e empoadas "cabeças" eu conhecia de cor; o veludo que circundava as gargantas brancas; o ondejar dos amplos lenços de musselina: o padrão dos babados de rendas nas mangas. Sobre a prateleira da lareira havia dois vasos de porcelana, algumas relíquias de um diminuto serviço de chá, tão liso quanto esmalte e fino como casca de ovo, e um ornamento central branco, um grupo clássico em alabastro, conservado sob uma redoma de vidro. Eu poderia falar sobre os detalhes de todas essas coisas, enumerado as falhas ou os lascados, como qualquer clairvoyante. [1] Acima de tudo, havia um par de biombos portáteis, com elaborados desenhos com acabamento semelhante a entalhes; meus olhos ficaram doloridos ao olhá-los de novo, recordando horas em que eles haviam seguido, traço após traço, e toque após toque, um tedioso, frágil e meticuloso lápis que uma menina em idade escolar segurava naqueles dedos agora tão cadavéricos.

Onde eu estava? Não apenas em qual lugar deste mundo, mas em que ano de Nosso Senhor? Pois todos esses objetos pertenciam a dias passados e a um país distante. Dez anos atrás eu lhes dissera adeus; desde meus quatorze anos eles e eu não nos havíamos encontrado. Perguntei, ofegante:

— Onde estou?

Uma forma até então despercebida se moveu, se levantou, se aproximou: uma forma que não se harmonizava com o ambiente, servindo apenas para complicar ainda mais o enigma. Ela não era mais que um tipo de bonne nativa, usando uma touca comum e o vestido estampado de uma bonne. Ela não falava nem francês nem inglês, e não consegui obter informações dela, não conseguindo compreender suas frases em dialeto. Mas ela banhou minhas têmporas com uma água fresca e perfumada, e depois ergueu a almofada na qual eu me recostava, fez sinais indicando que eu não deveria falar, e retomou seu posto na ponta do sofá.

Ela estava ocupada tricotando; seus olhos tendo se desviado de mim, pude olhá-la sem ser interrompida. Eu realmente fiquei me perguntando como ela havia ido parar ali, ou que relação ela poderia ter com as cenas ou os dias da minha juventude. E mais ainda eu ficava indagando que relação esses dias e cenas poderiam ter comigo, agora.

Fraca demais para examinar a fundo o mistério, tentei resolvê-lo dizendo que ele era um erro, um sonho, um delírio causado pela febre; contudo, sabia que não poderia haver erro, e que eu não estava adormecida, e acreditava estar lúcida. Eu gostaria que o cômodo não estivesse tão bem iluminado, que eu não tivesse visto com tanta clareza os quadrinhos, os ornamentos, os biombos, a cadeira trabalhada. Todos esses objetos, bem como a mobília estofada com damasco azul, eram, na verdade, exatamente os mesmos, nos mínimos detalhes, de que eu me lembrava tão bem, e com os quais tivera tanta intimidade, da sala de estar da casa da minha madrinha em Bretton. Parecia-me somente que o cômodo se havia alterado, sendo de diferentes proporções e dimensões.

Pensei em Bedreddin Hassan, transportado em seu sono do Cairo aos portões de Damasco. Teria um Gênio encurvado suas asas negras através da tempestade a cuja força eu havia sucumbido, e, carregando-me dos degraus da igreja, e "elevando-se bem alto no céu", assim como dizia a história oriental, me transportado sobre terras e mar, e me deixado silenciosamente ao lado de uma lareira da Velha Inglaterra? Mas, não; eu sabia que o fogo daquela lareira não mais queimava perante seus Lares; ele se extinguira muito tempo atrás, e os deuses domésticos haviam sido transportados para outros lugares.

A bonne se voltou novamente para me observar e, vendo meus olhos muito abertos, e, suponho, acreditando que a expressão deles estivesse perturbada e excitada, colocou seu tricô de lado. Eu a vi, por um momento, ocupada em uma mesinha; ela despejou água e pingou umas gotas de um frasco: com um copo na mão, ela se aproximou de mim. Que cordial de coloração escura poderia ela estar então me oferecendo? Que elixir dos Gênios ou poção dos Magos?

Era tarde demais para perguntar: eu havia bebido passivamente, e de uma só vez. Uma maré de pensamentos calmos veio acariciando gentilmente meu cérebro; cada vez mais calma se ergueu a maré, com ondulações tépidas mais suaves que o bálsamo. A dor causada pela fraqueza abandonou meus membros, meus músculos adormeceram. Perdi a capacidade de me mover; mas, perdendo ao mesmo tempo o desejo, isso não representou privação. A gentil bonne colocou um anteparo entre mim e a lamparina; eu a vi se erguendo para fazer isso, mas não me recordo de tê-la visto ocupando de novo seu lugar: no intervalo entre as duas ações, eu "peguei no sono".

* * * * *

Ao despertar, surpresa! Tudo havia se alterado de novo. A luz do dia pleno me rodeava; na verdade, não era a luz quente do verão, mas a melancolia acinzentada do outono muito úmido e tempestuoso. Eu tinha certeza então de estar no pensionnat: certeza por causa da chuva que batia nos postigos; certeza por causa dos "uivos" do vento entre as árvores, indicando um jardim lá fora; certeza por causa do frio, da brancura e da solidão entre os quais eu me encontrava deitada. Eu digo *brancura* porque o cortinado de tecido branco, puxado na frente de uma cama francesa, impedia minha visão.

Eu o ergui; olhei para fora. Meus olhos, preparados para se deparar com o quarto longo, largo e caiado de branco, piscaram assombrados, ao ver a área limitada de uma pequena saleta; uma saleta com paredes verde-mar; também, em vez de cinco janelas amplas e nuas, havia uma gelosia alta, sombreada por festões de musselina: em vez de doze pequenas mesas de madeira pintada, cada uma delas contendo uma bacia e uma jarra, havia uma mesinha trajada, como uma senhora pronta para ir ao baile, com um vestido branco sobre uma saia rosada; um espelho polido e grande a encimava e uma bela almofada de alfinetes adornada com rendas a enfeitava. Essa mesinha, junto com uma poltrona pequena e baixa de chintz verde e branco, uma mesa encimada por uma laje de mármore, e

provida de utensílios de louça em tons claros, mobiliavam com suficiência a saleta.

Leitor, eu me senti alarmada! Por quê?, você irá perguntar. O que havia naquele simples e até certo ponto bonito quartinho de dormir para assustar a pessoa mais tímida? Simplesmente isto: essas peças de mobília não podiam ser poltronas, espelhos e mesas reais e sólidos: elas teriam de ser os fantasmas de tais peças; ou, se isso fosse negado como uma hipótese demasiadamente insana (e, confusa como eu estava, *neguei* mesmo), só restava concluir que eu própria havia entrado em um estado de espírito anormal; resumindo, que estava muito doente e delirando: e, mesmo assim, a minha era a mais estranha invenção com a qual o delírio jamais atormentara uma vítima.

Eu conhecia, tinha obrigação de conhecer, o chintz verde daquela pequena poltrona; a própria poltrona pequena e confortável; a moldura entalhada, ornada de folhas e brilhante como ébano daquele espelho; o verde suave e leitoso das peças de porcelana sobre a mesa; a própria mesa também, com seu tampo de mármore verde, lascado em um dos cantos; tudo isso eu era forçada a reconhecer e a saudar, como eu, na noite anterior, forçosamente reconhecera e saudara o pau-rosa, os drapejados e a porcelana da sala de estar.

Bretton! Bretton! E dez anos passados brilharam refletidos naquele espelho. E por que Bretton e meus quatorze anos me assombravam dessa maneira? Por que, se eles retornavam, não voltavam completos? Por que pairava perante minha visão alterada a mera mobília, enquanto os cômodos e o local haviam ido embora? Quanto àquela almofada de alfinetes de cetim escarlate, enfeitada com contas de ouro e com renda, eu tinha o mesmo direito de conhecê-la assim como os biombos: eu mesma a havia feito. Levantando-me sobressaltada da cama, peguei a almofada nas mãos e a examinei. Lá estava a sigla “L.L.B.” feita com contas douradas e rodeada com uma guirlanda oval bordada em seda branca. Essas eram as iniciais do nome da minha madrinha, Louisa Lucy Bretton.

“Estarei eu na Inglaterra? Estarei eu em Bretton?”, murmurei; e apressadamente puxando a cortina que cobria a gelosia, olhei para fora

para tentar descobrir *onde* eu estava, quase preparada para me deparar com as belas, calmas e antigas construções da St. Ann Street, e para ver no fim as torres da igreja: ou, se assim não fosse, esperando a vista de uma cidade em algum lugar, uma rue em Villette, se não fosse uma rua em uma agradável e antiga cidade inglesa.

Eu olhei, pelo contrário, através de uma moldura de folhagem, amontoada ao redor da alta gelosia, e dela para um terreno coberto de grama, um gramado com árvores que se erguiam do terreno mais baixo adiante: altas árvores encontradas em florestas, de um tipo que eu não via fazia muito tempo. Elas estavam agora gemendo sob o temporal de outubro, e entre seus troncos eu divisei a linha de uma avenida, onde folhas amareladas jaziam em montes ou em rodamoinhos, ou rodopiavam solitárias no vento vindo do oeste. Qualquer que fosse a paisagem que se estendesse além deveria ser plana, e essas faias altas a obstruíam. O lugar parecia ser isolado, e para mim era bastante estranho: eu não o conhecia de modo algum.

Uma vez mais me deitei. Minha cama se encontrava em uma pequena alcova; ao voltar o rosto para a parede, o quarto, com seus desnorteantes acessórios, foi excluído. Excluído? Não! Pois, enquanto eu me posicionava dessa maneira com essa esperança, vejam só, no espaço verde entre as cortinas separadas e repuxadas pendia uma moldura ampla e dourada que rodeava um retrato. Ele era desenhado; bem desenhado, embora não passasse de um esboço em aquarela: uma cabeça, a cabeça de um menino, louçã, em tamanho natural, comunicativa e cheia de vida. Parecia ser um jovem de dezesseis anos, com pele clara, com um rubor sanguíneo nas faces; os cabelos longos, não escuros, e com um brilho ensolarado; olhos penetrantes, uma boca travessa e um sorriso alegre. No conjunto, um rosto dos mais agradáveis para se olhar, sobretudo para quem tivesse direito às afeições daquele jovem; pais, por exemplo, ou irmãs. Qualquer menininha romântica em idade escolar poderia tê-lo amado em sua moldura. Aqueles olhos tinham uma expressão como se, quando ficassem um pouco mais velhos, fossem dardejar uma resposta instantânea ao amor: eu não saberia dizer se eles mantinham guardado o brilho constante da fé. Pois qualquer

sensação que se deparasse com ele de forma fácil demais, seus lábios ameaçavam, com beleza, mas com segurança, capricho e uma estima ligeira.

Lutando para receber cada nova descoberta tão silenciosamente quanto eu fosse capaz, murmurei para mim mesma:

"Ah! Esse retrato costumava ficar pendurado na sala onde tomávamos o café da manhã, sobre a cornija: um pouco alto demais, como eu achava. Lembro muito bem agora como eu costumava subir em um tamborete com o propósito de tirá-lo do seu suporte, segurá-lo nas mãos, e inspecionar aqueles fermosos olhos profundos, cujo olhar sob seus cílios castanhos parecia uma risada traçada a lápis; e muito eu gostava de observar o colorido das faces e a expressão da boca". Eu mal acreditava que a imaginação pudesse melhorar a curva daquela boca, ou do queixo; até *minha* ignorância sabia que ambos eram belos, e refleti, perplexa, sobre esta dúvida: "Como é que aquilo que encantava a tantos poderia ao mesmo tempo causar tanta dor?". Certa vez, para fazer um teste, peguei a pequena Missy Home e, erguendo-a em meus braços, disse-lhe para olhar o quadro.

— Você gosta dele, Polly? — perguntei. Ela não me respondeu, mas ficou olhando por muito tempo, e finalmente uma nuvem passou trêmula por seus olhos sensíveis, enquanto ela dizia: "Ponha-me no chão". Então, eu a coloquei no chão, dizendo comigo mesma: "A menina sente isso também".

Em tudo isso eu fiquei então pensando, acrescentando: "Ele tinha seus defeitos, contudo, raras vezes se encontrou uma melhor índole; generosa, doce e impressionável". Minhas reflexões se encerraram com uma palavra pronunciada de modo audível: "Graham!".

— Graham! — ecoou uma voz repentina ao lado da cama. — A senhorita deseja Graham?

Eu olhei. A trama estava ficando mais complexa; o espanto chegando ao seu ponto máximo. Se era estranho ver aquela figura recordada com tanta precisão em um quadro pendurado na parede, ainda mais estranho era voltar-me e olhar a criatura viva igualmente tão bem lembrada ali do outro lado: uma mulher, uma dama, muito real e concreta, alta, bem-vestida,

usando os trajes de uma viúva, e uma touca das mais adequadas para as suas tranças matronais e maternais. O rosto dela também era belo; muito marcado, talvez, para ser agora belo, mas não para ter sensatez ou personalidade. Ela pouco havia mudado; um pouco mais severa, um pouco mais robusta; mas ela era minha madrinha: ainda era a nítida visão da Sra. Bretton.

Eu fiquei quieta; contudo, internamente estava muito agitada: meu pulso disparou, e o sangue fugiu da minhas faces, que ficaram frias.

— Madame, onde estou? — perguntei.

— Em um refúgio muito seguro; muito bem protegida no momento; fique com a mente tranquila até a senhorita se sentir um pouco melhor; a senhorita parece estar doente esta manhã.

— Eu estou tão completamente desnorteada, não sei se posso confiar em meus sentidos, ou se eles estão enganando-me em todos os detalhes; mas, a senhora fala inglês, não fala, Madame?

— Eu julguei que a senhorita deveria perceber isso: manter uma longa conversação em francês me faria ficar atrapalhada.

— A senhora não vem da Inglaterra?

— Cheguei de lá há pouco tempo. A senhorita está neste país há muito tempo? A senhorita parece conhecer meu filho.

— Se conheço, Madame? Talvez conheça. Seu filho… o quadro que está ali?

— Esse é um retrato dele quando jovem. Enquanto o olhava, a senhorita pronunciou o nome dele.

— Graham Bretton?

Ela assentiu com um gesto.

— Estou então falando com a Sra. Bretton, que antes vivia em Bretton, no condado de ****?

— Exatamente; e a senhorita, me disseram, é uma professora de inglês em uma escola estrangeira aqui: meu filho a reconheceu como tal.

— Como fui encontrada, Madame, e por quem?

— Meu filho lhe dirá logo em seguida — respondeu ela. — Mas, no momento, a senhorita está muito confusa e fraca para conversar; tente

tomar um pouco de café da manhã, e então durma.

Não obstante tudo por que eu havia passado, o cansaço físico, a perturbação do espírito, a exposição à intempérie, parecia que eu estava melhor: a febre, a verdadeira doença que havia oprimido meu corpo, estava cedendo; pois, se durante os últimos nove dias eu não havia ingerido comida sólida, e sofrera com uma sede contínua, nessa manhã, quando me foi oferecido o café da manhã, eu senti um desejo profundo de me alimentar: uma fraqueza interna que me levou a provar com sofreguidão o chá que essa senhora me ofereceu, e a comer a fatia de torrada que ela me permitiu ter como acompanhamento. Foi apenas um pedaço, mas foi suficiente, mantendo minhas forças até umas duas ou três horas mais tarde, quando a bonne trouxe-me uma pequena tigela de caldo e um biscoito.

Quando começou a anoitecer, e as incessantes rajadas de vento ainda sopravam violentas e frias, e a chuva continuava a cair, como se fosse um dilúvio, eu fiquei cansada, muito cansada da minha cama. O quarto, embora fosse bonito, era pequeno: senti que ele me confinava: eu ansiava por uma mudança. O frio e a escuridão crescentes me deprimiam também; eu desejava ver, sentir a luz do fogo. Além do mais, continuava a pensar no filho daquela senhora alta: quando eu iria vê-lo? Certamente não até que eu saísse do meu quarto.

Finalmente a bonne veio arrumar minha cama para a noite. Ela se preparou para me envolver em um cobertor e me colocar na pequena poltrona de chintz; mas, recusando essas atenções, comecei a me vestir. A tarefa havia acabado de ser concluída, e eu estava sentada para recuperar o fôlego, quando a Sra. Bretton reapareceu uma vez mais.

— Vestida! — exclamou ela, sorrindo aquele sorriso que eu conhecia tão bem; um sorriso agradável, embora não fosse doce. — A senhorita está bem melhor, então? Bem mais forte… hein?

Ela falou comigo de um modo tão parecido com o que costumava falar antes, que eu quase imaginei que ela estava começando a me reconhecer. Havia os mesmos modos protetores em sua voz e em seus modos que eu, quando menina, sempre havia sentido da parte dela, uma proteção à qual

eu me submetia e de que até mesmo gostava; ela não era baseada em aspectos convencionais de superioridade de dinheiro ou de posição (neste último ponto, nunca tinha havido nenhuma desigualdade; sua posição era a mesma que a minha); mas em razões naturais de uma superioridade física: era a proteção que as árvores dão às ervas. Eu fiz uma solicitação sem maiores cerimônias.

— Permita-me descer, Madame; estou com tanto frio e tão desanimada aqui.

— Não desejo nada melhor que isso, se a senhorita está forte o suficiente para aguentar a mudança — foi sua resposta. — Venha, então; eis um braço — e ela me ofereceu o seu: eu o segurei, e nós descemos um lance de escadas acarpetadas até um patamar onde uma porta alta, aberta, dava passagem para o cômodo azul-damasco. Quão agradável ele era com seu ar de perfeito conforto doméstico! Quão aconchegante com seu candeeiro ambarino e o fulgor escarlate do fogo! Para deixar a cena perfeita, o chá estava pronto sobre a mesa: um chá inglês, cujo serviço faiscante me lançou um rápido olhar de familiaridade; desde a sólida jarra de prata, de um modelo antigo, e o bule maciço do mesmo metal, às xícaras de porcelana, escuras com púrpura e dourados. Eu conhecia o próprio bolo de alcaravia de formato peculiar, assado em uma forma peculiar, que sempre tinha seu lugar à mesa do chá em Bretton. Graham gostava dele, e lá ele estava, como antes, colocado à frente do prato de Graham com a faca e o garfo de prata colocados ao lado dele. Portanto, Graham era esperado para o chá: Graham talvez estivesse então na casa; antes que muitos minutos se passassem, eu poderia vê-lo.

— Sente-se… sente-se — disse minha guia, quando meus passos falharam um pouco ao passar para perto da lareira. Ela me colocou sentada no sofá, mas logo eu fui para trás dele, dizendo que o fogo estava muito quente; à sua sombra eu encontrei outro assento que me agradou mais. A Sra. Bretton jamais tinha o hábito de se exasperar por causa de qualquer pessoa ou de qualquer coisa; sem reclamar, aceitou que eu agisse conforme desejasse. Ela preparou o chá e pegou o jornal. Eu gostava de olhar cada ação da minha madrinha; todos os seus movimentos eram tão

juvenis: ela deveria ter então mais de cinquenta anos; contudo, nem sua vitalidade nem seu espírito pareciam já ter sido tocados pela ferrugem da idade. Embora corpulenta, ela era vivaz, e, embora serena, às vezes era impetuosa; boa saúde e um excelente temperamento mantinham-na cheia de vida como em sua juventude.

Enquanto ela lia, percebi que prestava atenção, esperando a chegada do seu filho. Ela não era o tipo de mulher que confessaria que estava apreensiva, mas o tempo ainda não amainara, e se Graham estivesse fora de casa naquele vento áspero bramindo ainda insatisfeito, eu sabia muito bem que o coração da mãe dele estaria lá fora com ele.

— Dez minutos atrasado — disse ela, olhando seu relógio; então, um minuto depois, o erguer dos olhos da página, e uma ligeira inclinação da cabeça indicaram que ela ouvira algum som. Logo em seguida, sua testa se desanuviou; e então até mesmo meus ouvidos, menos acostumados, perceberam a batida de um portão que se fechava, passos no cascalho, e finalmente a aldrava da porta. Ele havia chegado. Sua mãe encheu o bule de chá, aproximou do fogo a cadeira azul estofada e almofadada, sua cadeira por direito, mas eu vi que havia alguém que poderia, com impunidade, se apropriar dela. E quando esse *alguém* subiu as escadas (o que ele logo fez, depois, eu suponho, de dar um pouco de atenção à indumentária que a noite bravia e úmida tornava necessária), e entrou a passos rápidos:

— É você, Graham? — perguntou sua mãe, ocultando um sorriso feliz e falando secamente.

— E quem mais poderia ser, mamãe? — perguntou o Impontual, apoderando-se com irreverência do trono abdicado.

— Você não merece chá frio, por estar atrasado?

— Eu não vou ter o que eu mereço, porque a chaleira está cantando alegremente.

— Vá para a mesa, menino preguiçoso: nenhuma cadeira deixa você feliz, a não ser a minha; se você tivesse um mínimo de senso de propriedade, sempre deixaria essa cadeira para a Velha Senhora.

— E eu o faria; mas, a querida Velha Senhora sempre a deixa para mim. Como está sua paciente, mamãe?

— Ela não poderia se adiantar e falar por si mesma? — disse a Sra. Bretton, se voltando para o meu canto; e, com esse convite, eu me adiantei. Gentil, Graham se levantou para me cumprimentar. Ele ficou parado, alto, ao pé da lareira, uma figura que justificava o indisfarçado orgulho da sua mãe.

— Então a senhorita desceu — disse ele. — Deve estar se sentindo melhor, então… muito melhor. Eu mal esperava que fôssemos nos encontrar deste modo, ou aqui. Fiquei alarmado a noite passada, e, se eu não tivesse sido forçado a ir rapidamente atender um paciente moribundo, certamente não a teria deixado; mas, minha mãe é algo parecido com uma médica, e Martha é uma excelente enfermeira. Vi que o caso era um desmaio, não necessariamente perigoso. O que o ocasionou, ainda tenho de saber, e todos os detalhes; enquanto isso, espero que a senhorita esteja realmente sentindo-se melhor.

— Muito melhor — respondi, calma. — Muito melhor, obrigada, Dr. John.

Pois, leitor, esse homem jovem e alto, esse filho querido, meu anfitrião, esse Graham Bretton *era* o Dr. John: ele, e mais ninguém, e eu verificara essa identidade com pouca surpresa. E, além do mais, quando ouvi os passos de Graham na escada, sabia que tipo de pessoa iria entrar, e para qual aparência eu deveria preparar os meus olhos. A descoberta não tinha acontecido naquele dia, seu despontar havia penetrado meus sentidos já fazia muito tempo. É claro que eu me lembrava muito bem do jovem Bretton; e, embora dez anos (dos dezesseis aos vinte e seis) pudessem ter alterado consideravelmente o menino enquanto o amadureciam, transformando-o em homem, contudo, eles não puderam ocasionar diferenças profundas suficientes para empanar minha visão, ou confundir minhas lembranças. O Dr. John Graham Bretton ainda conservava afinidade com o jovem de dezesseis anos: ele tinha seus olhos; conservava alguns de seus traços; a saber, toda a parte inferior da face, tão bem moldada; eu o identifiquei logo. Eu o havia reconhecido naquela ocasião,

mencionada vários capítulos atrás, quando minha atenção mal controlada havia atraído sobre mim a mortificação de uma reprimenda implícita. Uma observação subsequente confirmou, em todos os pontos, aquela conjectura anterior. Eu tracei nos gestos, no porte e nos costumes da sua vida madura toda a promessa contida no jovem. Ouvi em sua voz agora profunda a pronúncia dos dias passados. Certas expressões, características dele antigamente, ainda eram características dele; do mesmo modo eram tantos trejeitos dos olhos e dos lábios, tantos sorrisos, tantos raios súbitos partindo das íris, sob sua testa bem formada.

Dizer algo a respeito, *fazer menção* à minha descoberta não havia adequado aos meus modos de pensar, ou se assimilado ao meu sistema de sentir. Pelo contrário, eu havia preferido guardar o assunto para mim mesma. Gostava de ficar na presença dele encoberta com um véu através do qual ele não havia enxergado, enquanto ele permanecia à minha frente sob um raio de iluminação especial que brilhava favoravelmente sobre sua cabeça, tremulava a seus pés e não lançava luz além.

Eu sabia muito bem que para ele faria pouca diferença se eu me adiantasse e anunciasse: “Eu sou Lucy Snowe!”. Então, eu me mantive reclusa no meu posto de professora; e, como ele nunca perguntou meu nome, então eu nunca o disse. Ele me via sendo chamada “Srta.” e “Srta. Lucy”; nunca ouviu o sobrenome, “Snowe”. Quanto a um reconhecimento espontâneo (embora eu, talvez, tivesse mudado menos que ele) a ideia nunca passou pela cabeça dele, e por que iria eu sugeri-la?

Durante o chá, o Dr. John foi gentil, como era próprio da sua natureza ser; a refeição tendo terminado, e a bandeja levada, ele fez um arranjo aconchegante das almofadas em um canto do sofá, e me obrigou a sentar entre elas. Ele e sua mãe também se aproximaram do fogo, e nós mal havíamos ficado sentados uns dez minutos quando flagrei os olhos dela fixos em mim. Certamente as mulheres são mais rápidas em alguns aspectos que os homens.

— Bem — exclamou ela, em seguida. — Poucas vezes vi semelhança maior! Graham, você observou isso?

— Observei o quê? O que está perturbando a Velha Senhora agora? Como a senhora está olhando fixamente, mamãe! Seria possível pensar que a senhora teve um ataque de premonição.

— Diga-me, Graham, essa jovem não o faz se lembrar de alguém? — apontando para mim.

— Mamãe, a senhora a está deixando desconcertada. Eu já lhe disse tantas vezes que ser brusca é seu defeito; lembre-se, também, de que para a senhora ela é uma estranha, que não conhece seus costumes.

— Bem, quando ela olha para baixo; e então, quando ela se volta para o lado, com quem ela se parece, Graham?

— Sinceramente, mamãe, já que a senhora propõe o enigma, acho que a senhora deve resolvê-lo!

— E você a conhece já faz certo tempo, você disse, desde que começou a atender a escola na Rue Fossette; entretanto, você nunca mencionou para mim essa semelhança singular!

— Eu não poderia mencionar uma coisa em que jamais pensei, e que nem agora reconheço. O que a senhora *está querendo* dizer?

— Menino tolo! Olhe para ela.

Graham olhou mesmo: mas, não era possível suportar a situação; eu vi como ela iria terminar, então achei melhor antecipar.

— O Dr. John — disse eu — tem tido tanto o que fazer e em que pensar, desde que nós nos cumprimentamos em nossa última despedida na rua de Saint Ann que, embora eu rapidamente tenha descoberto o Sr. Graham Bretton há alguns meses, nunca me pareceu possível que ele fosse reconhecer Lucy Snowe.

— Lucy Snowe! Bem que eu pensei! Eu sabia! — exclamou a Sra. Bretton. E, na mesma hora, ela passou pela lareira e me beijou. Algumas senhoras poderiam, talvez, ter feito um grande alvoroço por causa de tal descoberta sem que estivessem particularmente felizes com ela; mas não era costume da minha madrinha fazer alvoroço, e ela preferia que todas as demonstrações de sentimento fossem discretas. Então, ela e eu passamos pela surpresa com algumas palavras e um único cumprimento; contudo, ouso dizer que ela estava feliz, e eu sei que eu estava. Enquanto nós

renovávamos uma velha amizade, Graham, sentado à nossa frente, silenciosamente se livrou do seu paroxismo de espanto.

— Mamãe diz que sou um menino tolo, e acho que sou — disse ele finalmente. — Pois, palavra de honra, mesmo tendo visto a senhorita tantas vezes, nem uma vez suspeitei do fato: contudo, agora percebo claramente. Lucy Snowe! Com certeza! Eu me lembro dela perfeitamente, e ei-la aqui sentada, sem a menor dúvida. Porém — acrescentou ele —, a senhorita certamente não me viu como um velho conhecido esse tempo todo, sem jamais mencionar o fato.

— Sim, eu o reconheci — foi minha resposta.

O Dr. John não fez comentários. Suponho que ele considerou meu silêncio uma excentricidade, mas foi indulgente ao se eximir de censurar. Ouso dizer, também, que ele teria julgado uma impertinência ter me interrogado detidamente, ter me pedido uma explicação ou uma razão para minha reserva; e, embora ele pudesse estar um pouquinho curioso, a importância do caso não era, de jeito nenhum, tão grande que fizesse a curiosidade levar a melhor sobre a discrição.

De minha parte, só me arrisquei a perguntar se ele se lembrava da circunstância que me levara a encará-lo fixamente pela primeira vez; pois o ligeiro aborrecimento que ele demonstrara naquela ocasião ainda pairava, dolorido, na minha mente.

— Acho que lembro! — disse ele. — Acho que até fiquei zangado com a senhorita.

— Talvez tenha me considerado um pouco ousada? — perguntei.

— De modo algum. Porém, tímida e reservada como sua atitude geralmente era, fiquei pensando que coisa tão impressionante na minha pessoa ou no meu rosto atraía tanto os seus olhos, que normalmente não se fixavam em mim.

— E agora consegue entender o que houve?

— Perfeitamente.

Nesse momento, a Sra. Bretton nos interrompeu com muitas, muitas perguntas a respeito de tempos idos; e para satisfazê-la tive de retornar a problemas passados, explicar as causas do aparente distanciamento,

mencionar conflitos em que eu lutara sozinha com a Vida, com a Morte, com o Pesar, com o Destino. O Dr. John ouvia, sem muito dizer. Ele e a mãe então me contaram as mudanças pelas quais haviam passado: mesmo para eles nem tudo correra tranquilamente, e a fortuna havia diminuído suas dádivas antes tão abundantes. Mas, uma mãe tão corajosa, com tal defensor na figura de seu filho, estava bem preparada para lutar em um belo combate com o mundo, e acabar vencendo. O próprio Dr. John era uma daquelas pessoas em cujo nascimento os planetas benéficos certamente sorriram. A adversidade poderia mostrar-lhe sua face mais taciturna: ele era o homem para derrotá-la com sorrisos. Forte e alegre, firme e cortês; não arrojado, porém valente; ele era o pretendente para cortejar a própria Sorte, e para ganhar de suas pupilas pétreas um olhar quase amoroso.

Na profissão que ele adotara, seu sucesso era então algo já decidido. Nos últimos três meses, ele se havia instalado naquela casa (um pequeno château, [2] eles me disseram, uns 2,5 quilômetros além da Porte de Crécy), essa localização no interior tendo sido escolhida por causa da saúde da sua mãe, a quem o ar da cidade não fazia bem agora. E para lá ele convidara a Sra. Bretton, e ela, ao partir da Inglaterra, trouxera certas peças de mobília da antiga mansão da rua de Saint Ann que ela considerara melhor não vender. Por isso meu espanto com os fantasmas das cadeiras, e dos espectros dos espelhos, do bule e das xícaras de chá.

Quando o relógio soou as onze horas, o Dr. John interrompeu sua mãe.

— A Srta. Snowe deve se recolher agora — disse ele. — Ela está começando a ficar pálida. Amanhã ousarei fazer-lhe algumas perguntas a respeito das causas que a levaram a perder a saúde. Ela está muito mudada, na verdade, desde o último mês de julho, quando a vi representar com bastante vigor o papel de um muito atraente cavalheiro. Quanto à catástrofe da noite passada, tenho certeza de que há uma história ligada a ela, mas nós não vamos mais lhe fazer perguntas esta noite. Boa-noite, Srta. Lucy.

E com grande gentileza ele me conduziu à porta, e, segurando uma vela, me iluminou enquanto eu subia o lance de escadas.

Depois de ter feito minhas orações, e quando havia trocado de roupa e deitado, senti que eu ainda tinha amigos. Amigos que não declaravam um apego veemente, não ofereciam o doce consolo de um relacionamento de igualdade e compatível; aos quais, portanto, apenas um pedido moderado de afeição deveria ser feito, apenas uma expectativa moderada formada; mas em relação a quem meu coração se enternecia de modo instintivo, e pelos quais ansiava com uma gratidão importuna, a que logo supliquei à Razão que pusesse fim.

"Não permita que eu pense neles com muita frequência, demais, com afeto excessivo", supliquei, "permita-me ficar contente com um moderado sorvo dessa fonte de água viva: não permita que eu corra sedenta e me atire com muito ímpeto às suas águas bem-vindas: não permita que eu veja nelas um sabor mais doce que aquele que as fontes terrenas conhecem. Oh! Queira Deus que eu possa me sentir devidamente apoiada por um relacionamento ocasional e amistoso, breve, não muito cativante e tranquilo: bem tranquilo!".

Ainda repetindo essa palavra, repousei no travesseiro; e, *ainda* a repetindo, encharquei aquele travesseiro com lágrimas.

XVII. LA TERRASSE

Esses combates com o temperamento e com a forte inclinação natural do coração podem parecer fúteis e infrutíferos, mas, no fim, eles são benéficos. Contudo, tendem, ainda que em pouca medida, a dar às ações e ao comportamento aquela inclinação que a Razão aprova, e à qual o Sentimento, talvez com muita frequência, se opõe: eles certamente fazem uma diferença no sentido geral de uma vida, e permitem que ela seja mais equilibrada, mais equânime, mais tranquila em sua superfície; e apenas em sua superfície o olhar rotineiro irá se deter. Quanto ao que está subjacente, deixe-o nas mãos de Deus. O ser humano, seu igual, fraco como você, e que não está pronto para julgar você, pode ser mantido afastado de lá: leve isso ao seu Criador: mostre-Lhe os segredos do espírito que Ele deu; pergunte-Lhe como você irá suportar as penas que Ele lhe designou; ajoelhe-se em Sua presença e reze com fé pela luz na escuridão, pela força na lamentável fraqueza, pela paciência na hora de extrema necessidade. Certamente, em algum momento, embora talvez não o *seu* momento, as águas à espera irão se agitar; de *alguma* forma, embora talvez não da forma com que você sonhou, que seu coração amou, e pela qual ele sangrou, o arauto da cura virá, o paralítico e o cego, e o mudo e o possuído serão conduzidos para o mergulho. Arauto, aproxima-te rapidamente! Milhares se encontram ao redor do tanque, chorando e se desesperando, para vê-lo, ao longo dos anos, estagnado. Longos são os "tempos" do Céu: as órbitas dos anjos mensageiros parecem amplas para a visão mortal; elas podem circundar as eras: o ciclo de uma partida e de um retorno pode conter inúmeras gerações; e o pó, se inflamando em uma vida breve e sofredora, e através da dor, retornando ao pó, pode, entrementes, se esvanecer da memória uma vez mais, e mais uma vez. Para quantos

milhões de mutilados e de lamentadores o primeiro e único anjo visitante é aquele a quem no Oriente chamam de Azrael!

Eu tentei levantar-me na manhã seguinte, mas enquanto estava me vestindo, e de tempos em tempos bebendo água fria da carafe [1] na minha mesa de cabeceira, com o desígnio de vencer aquela fraqueza trêmula que tornava o ato de me vestir tão difícil, entrou a Sra. Bretton.

— Mas isso é um absurdo! — foi seu pronunciamento matinal. — Assim não — acrescentou ela, lidando comigo na mesma hora com seus modos bruscos e enérgicos, daquele jeito que eu antes costumava apreciar ao vê-lo sendo aplicado ao seu filho, e dele recebendo vigorosa resistência. E em dois minutos ela me tornou prisioneira da cama francesa.

— E aqui você fica até a tarde — disse ela. — Antes de sair, meu menino deixou instruções determinando que assim deveria ser, e posso lhe garantir que meu filho manda e deve ser obedecido. Agora, você vai tomar seu café da manhã.

Em seguida, ela trouxe a refeição; trouxe-a com suas mãos ativas, não me deixando ao encargo de empregadas. Ela se sentou na cama enquanto eu comia. Bem, não é qualquer pessoa, mesmo entre nossos amigos mais respeitados e conhecidos mais estimados, que gostamos de ter perto de nós, que gostamos que nos observem, que cuidem de nós, que se aproximem de nós com a intimidade de uma enfermeira em relação ao paciente. Não é qualquer amigo cujos olhos representam a luz em um quarto de doente, cuja presença nele é um conforto: mas a Sra. Bretton representava tudo isso para mim; tudo isso ela já havia sido. Comida ou bebida jamais me pareceram tão boas como quando trazidas pelas suas mãos. Eu não me recordo de uma ocasião em que sua entrada em um cômodo não o tenha deixado mais alegre. Nossa natureza professa predileções e antipatias igualmente estranhas. Há pessoas de quem nos afastamos em segredo, as quais evitamos pessoalmente, embora a razão confesse que elas são boas pessoas: há outras com defeitos, etc. muito evidentes, ao lado de quem vivemos contentes, como se o ar ao redor delas nos fizesse bem. Os vivazes olhos negros e a tez morena da minha madrinha, suas mãos cálidas e diligentes, seus modos confiantes, seu porte

decidido eram todos benéficos para mim como a atmosfera de um clima saudável. Seu filho costumava chamá-la de “a velha senhora”; deixava-me agradavelmente espantada notar como a jovialidade e o poder dos vinte e cinco anos ainda exalavam dela e ao seu redor.

— Eu traria minha costura aqui — disse ela, enquanto pegava das minhas mãos a xícara vazia — e ficaria sentada com você o dia inteiro, se aquele autoritário John Graham não tivesse dado seu veto a tal procedimento. “Então, mamãe”, disse ele, ao sair, “veja bem, a senhora não deve cansar sua afilhada com tagarelice”, e ele pediu-me especialmente que ficasse em meus aposentos, e poupasse você da minha boa companhia. Ele disse, Lucy, que acha que você teve uma febre nervosa, a julgar por sua aparência… é isso mesmo?

Respondi que não sabia muito bem qual tinha sido minha doença, mas que eu tinha certamente sofrido muito, sobretudo mentalmente. Quanto a esse assunto, não julguei apropriado me estender mais, pois os detalhes daquilo por que eu havia passado pertenciam a uma parte da minha existência da qual eu nunca esperara que minha madrinha compartilhasse. A que região desconhecida teria tal confidência conduzido aquela natureza vigorosa e serena! A diferença entre mim e ela poderia ser imaginada com base naquela existente entre o imponente navio singrando mares tranquilos, com sua tripulação completa, um capitão alegre e destemido, arrojado e providente; e o bote salva-vidas, que na maior parte dos dias do ano jaz seco e solitário em um velho e escuro abrigo para barcos, apenas sendo lançado ao mar quando as ondas se avolumam na tempestade, quando as nuvens se encontram com as águas, quando o perigo e a morte dividem entre si o domínio das grandes profundidades. Não, o “Louisa Bretton” nunca havia deixado o porto em uma noite como essas, e em tal cenário: sua tripulação não era capaz de imaginar tal situação; então, o tripulante do bote salva-vidas parcialmente afogado permanece em silêncio e não fica contando histórias.

Ela me deixou, e eu fiquei deitada na cama, contente: era muita gentileza de Graham lembrar-se de mim antes de sair.

Meu dia foi solitário, mas a perspectiva da noite vindoura o encurtou e alegrou. Além do mais, eu me sentia fraca, e o descanso era bem-vindo; e depois que as horas da manhã haviam se passado (aquelas horas que sempre trazem, até para a pessoa forçosamente desocupada, uma sensação de serviço a ser feito, de tarefas esperando ser realizadas, de uma vaga impressão de ser obrigado a ter algo a fazer), quando esse período de alvoroço havia passado, e o silencioso cair da tarde abafou os passos das empregadas na escada e nos quartos, eu então mergulhei em um estado de espírito sonhador, de modo algum desagradável.

Meu quartinho calmo de certo modo parecia uma caverna no mar. Não havia cores nele, a não ser aquele branco e o verde pálido, sugerindo a espuma e as águas profundas; o beiral caiado tinha enfeites com ornamentos em forma de concha, e havia molduras brancas semelhantes a golfinhos nos cantos do teto. Até mesmo aquele toque de cor visível na almofada de alfinetes escarlate tinha uma afinidade com o coral; até mesmo aquele espelho escuro e brilhante poderia ter refletido a imagem de uma sereia. Quando eu fechava os olhos, ouvia o temporal, finalmente enfraquecendo, golpeando a frente da casa como as ondas batendo nas bases das rochas. Eu o ouvia indo e vindo, longe, muito longe, como a maré se afastando de uma praia do mundo superior: um mundo tão mais acima que a arremetida de suas maiores ondas e o ímpeto de suas vagas mais violentas poderiam soar neste mundo submarino somente como murmúrios ou uma canção de ninar.

Em meio a esses sonhos a noite chegou, e então Martha trouxe luz; com sua ajuda eu rapidamente me vesti, e, sentindo-me mais forte então que de manhã, eu me dirigi lá para baixo, rumo ao salão azul, sem ajuda.

O Dr. John, ao que parece, havia terminado suas visitas profissionais mais cedo que o habitual; seu corpo foi o primeiro objeto com que meus olhos se depararam quando entrei na sala; ele estava parado no vão da janela oposto à porta, lendo as letras miúdas de um jornal com a luz embaçada que o fim do dia ainda proporcionava. O fogo brilhava claro, mas o candeeiro permanecia sobre a mesa, sem ser aceso, e o chá ainda não havia sido trazido.

Quanto à Sra. Bretton, minha ativa madrinha (que, mais tarde eu descobri, havia ficado ao ar livre o dia inteiro), ela estava semirreclinada em sua poltrona bem almofadada, na verdade dando um cochilo. Seu filho, ao me ver, se adiantou. Percebi que ele caminhava com cuidado, para não acordar a mãe; ele também falou em voz baixa: sua voz agradável nunca tivera um toque grosseiro; modulada como estava sendo então, ela servia mais para embalar que para afastar o sono.

— Este é um château pequeno e silencioso — observou ele, depois de me convidar a sentar perto do postigo. — Não sei se a senhorita chegou a vê-lo em suas caminhadas: embora, na verdade, da chaussée ele não seja visível; pouco mais de um quilômetro depois da Porte de Crécy, se entra em um caminho que logo se transforma em uma avenida, e ela conduz, através dos campos e das sombras, à porta desta casa. Não é um local moderno, mas construído mais ou menos no antigo estilo de Basse-Ville. Ele é mais um manoir [2] que um château, as pessoas o chamam de "La Terrasse", porque sua frente se eleva a partir de um amplo caminho relvado, de onde uns degraus conduzem a uma encosta coberta de grama até a avenida. Olhe lá! A lua está surgindo: ela parece bonita entre os troncos das árvores.

E, na verdade, onde a lua não parece bonita? Qual é a cena, confinada ou ampla, que sua esfera não reverencia? Brilhante e rubra, ela ascendia sobre uma encosta não muito distante; enquanto observávamos sua ascensão luminosa, ela adquiriu um tom dourado, e em um curto intervalo de tempo, flutuou imaculada em um céu agora calmo. A luz do luar enterneceria ou entristeceria o Dr. Bretton? Será que ela o afetava com ideias de romance? Eu acho que sim. Ainda que não fosse do tipo suspiroso, ele suspirou ao vê-la: suspirou para si mesmo, discretamente. Não havia necessidade de ficar pensando na causa ou no rumo daquele suspiro; eu sabia que ele havia sido suscitado pela beleza; sabia que ele perseguia Ginevra. Sabendo disso, a ideia de que era um tipo de dever de minha parte dizer o nome em que ele pensava surgiu com força na minha mente. É claro que ele estava pronto para discutir o assunto: eu vi em sua fisionomia uma fervilhante profusão de comentários, perguntas e

interesse; a pressão de uma linguagem e de um sentimento, somente contidos, eu pensei, pela sensação de embaraço por não saber como iniciar. Poupá-lo desse embaraço era minha melhor, na verdade, minha única função. Eu precisava somente mencionar o nome do ídolo, e a doce litania do apaixonado fluiria. Eu havia acabado de descobrir uma frase adequada, "O senhor sabe que a Srta. Fanshawe partiu em uma viagem com os Cholmondeley?", e estava entreabrindo os lábios para pronunciá-la, quando ele destroçou meus planos introduzindo outro tema.

— A primeira coisa que fiz hoje de manhã — disse ele, conservando seus sentimentos para si mesmo, dando as costas à lua e sentando-se — foi ir à Rue Fossette, e dizer à cuisinière que a senhorita estava a salvo, e em boas mãos. A senhorita sabe que, na verdade, eu descobri que ela ainda não havia percebido sua ausência do estabelecimento? Ela achava que a senhorita estava tranquila no grande dormitório. Com que atenção a senhorita deve ter sido atendida!

— Oh! Tudo isso é bastante compreensível — respondi. — Goton não poderia fazer nada por mim além de trazer-me um pouco de tisane [3] e um pedaço de pão, e eu havia rejeitado ambos tantas vezes durante a última semana, que a boa mulher se cansou de suas viagens inúteis da cozinha da residência até o dormitório da escola, e somente ia uma vez por dia, ao meio-dia, para arrumar minha cama. Acredito, entretanto, que ela seja uma boa pessoa, e teria ficado feliz ao cozinhar para mim côtelettes de mouton, [4] se eu tivesse conseguido comê-las.

— Onde Madame Beck estava com a cabeça quando a deixou sozinha?

— Madame Beck não poderia prever que eu ficaria doente.

— Seu sistema nervoso suportou uma boa porção do sofrimento?

— Não sei muito bem o que é meu sistema nervoso, mas eu estava terrivelmente melancólica.

— O que me impede de ajudá-la com pílulas ou loções. Os remédios não dão alegria a ninguém. Minha profissão se detém no umbral da Melancolia: ela somente olha para dentro e vê uma câmara de tortura, mas não pode nem fazer nem dizer muita coisa. Uma companhia alegre seria

útil; a senhorita deve ficar sozinha o menos possível; a senhorita deveria fazer muita atividade física.

Aquiescência e uma pausa se seguiram a tais observações. Elas soavam corretas, eu pensei, e carregavam a sanção segura do hábito e o desgastado selo do uso.

— Srta. Snowe — tornou a falar o Dr. John; minha saúde, sistema nervoso incluído, tendo sido, para certo alívio de minha parte, discutidos e encerrados —, ser-me-ia permitido perguntar qual é sua religião? A senhorita é católica?

Eu o olhei, surpresa.

— Católica? Não! Por que sugerir tal ideia?

— O modo como a senhorita foi deixada em minhas mãos a noite passada me fez ficar em dúvida.

— Eu fui deixada em suas mãos? Mas, na verdade, eu tinha me esquecido. Ainda preciso saber como fui parar em suas mãos.

— Bem, em circunstâncias que me intrigaram. Eu havia passado o dia inteiro ontem atendendo um caso de especial interesse e características críticas, a doença sendo rara, e o tratamento, duvidoso: eu vi um caso parecido e ainda mais interessante em um hospital em Paris; mas isso não vai interessar-lhe. Finalmente, um alívio dos sintomas mais cruciais do paciente (dor intensa é um deles) me liberou, e eu vinha voltando para casa. Meu caminho mais curto passa pela Basse-Ville, e como a noite estava excessivamente escura, tempestuosa e úmida, eu segui por ele. Ao passar a cavalo por uma igreja pertencente a uma comunidade de Beguinos, eu vi, à luz de um candeeiro aceso sobre o pórtico ou grande arco da entrada, um padre erguendo alguma coisa nos braços. O candeeiro brilhava o suficiente para revelar com nitidez a fisionomia do padre, e eu o reconheci; ele era um homem que eu com frequência tenho encontrado ao pé da cama dos doentes, tanto dos ricos quanto dos pobres: e principalmente dos últimos. Ele é, acho eu, um bom homem, muito melhor que grande parte da sua classe neste país; para dizer a verdade, superior, em todos os aspectos, mais informado, bem como mais dedicado ao dever.

Nossos olhos se encontraram; ele me pediu que parasse: o que ele estava segurando era uma mulher, desmaiada ou moribunda. Eu apeei.

— Esta pessoa é uma cidadã do seu país — disse ele. — Salve-a, se ela não estiver morta.

— Quando olhei, minha concidadã se revelou ser a professora de inglês no pensionnat de Madame Beck. Ela estava totalmente inconsciente, absolutamente pálida, e quase gelada.

— O que significa tudo isso? — foi minha pergunta.

— Ele me fez um relato curioso; disse que a senhorita tinha estado com ele aquela noite no confessionário; que sua aparência exausta e sofredora, juntamente com certas coisas que a senhorita havia dito…

— Coisas que eu havia dito? Fico pensando o que poderia ser!

— Crimes medonhos, sem dúvida; mas ele não me disse quais eram: nesse ponto, a senhorita sabe, o segredo da confissão conteve a tagarelice dele, bem como minha curiosidade. Contudo, suas confidências não fizeram do bom padre um inimigo; parece que ele estava tão abalado, tão desolado pelo fato de a senhorita estar fora de casa sozinha em uma noite como aquela, que ele havia pensado ser um dever cristão vigiá-la quando a senhorita saiu da igreja, e então dar um jeito de não perdê-la de vista, até que a senhorita tivesse chegado à sua casa. Talvez o bom homem, de um modo não muito consciente, tenha misturado em seu procedimento um pouco da sutileza de sua classe: pode ter sido intenção dele saber a localização da sua casa; a senhorita informou isso na confissão?

— Não informei: pelo contrário, evitei cuidadosamente a sombra de qualquer indicação: e quanto à minha confissão, Dr. John, suponho que o senhor vá me julgar insana por ter dado tal passo, mas eu não consegui evitar: suponho que tudo isso tenha sido culpa do que o senhor chama de "meu sistema nervoso". Não consigo explicar, mas meus dias e noites haviam se tornado intoleráveis: uma cruel sensação de desamparo afligia minha mente: um sentimento que iria continuar seu curso, investir com fúria, ou me matar; assim como (e isso o senhor vai entender, Dr. John) a corrente que passa pelo coração, e que, se um aneurisma ou qualquer outra causa mórbida obstruir seu percurso natural, procura um escape anormal.

Eu desejava companhia, desejava amizade, desejava conselho. Eu não conseguia encontrar nada disso no closet ou no quarto, então saí e fui buscá-los na igreja e no confessionário. Quanto ao que eu disse, não foi uma confissão, nem uma narrativa. Eu não fiz nada errado: minha vida não tem sido agitada o suficiente para quaisquer atos sombrios, ou fantasiosos ou reais: tudo que eu desabafei foi um lamento triste e desesperado.

— A senhorita deveria viajar por uns seis meses: ora, sua natureza plácida está ficando muito excitável! Maldita seja Madame Beck! A viuvinha rechonchuda não tem coração, para condenar sua melhor professora a um confinamento solitário?

— Não foi culpa de Madame Beck — disse eu. — Não é culpa de nenhum ser humano, e eu não vou ouvir acusações feitas a ninguém.

— E quem então é o culpado, Lucy?

— Eu, Dr. John, eu; e uma grande abstração em cujos ombros largos eu gosto de colocar as montanhas de culpa que eles foram talhados para sustentar: mim e o Destino.

— É preciso 'cuidar melhor de "mim" no futuro' — disse o Dr. John; sorrindo, eu suponho, da minha péssima gramática.

— Mudança de ares e mudança de cenário; esses são meus remédios — prosseguiu o prático e jovem doutor. — Mas, voltando à vaca fria, Lucy. Até o momento, o Père [5] Silas, com todo o seu tato (dizem que ele é um jesuíta), não sabe nada além do que você quis que ele soubesse; pois, em vez de retornar para a Rue Fossette, sua caminhada febril… deve ter sido uma febre alta…

— Não, Dr. John: a febre começou aquela noite; então, não pense que eu estava delirando, pois eu sei que não estava.

— Bom! A senhorita estava tão composta quanto eu estou agora, sem dúvida. Sua caminhada havia tomado uma direção oposta à do pensionnat. Perto da Beguinaria, entre a tensão da chuva e do vento, e confusa por causa da escuridão, a senhorita havia desmaiado e caído. O padre foi socorrê-la, e o médico, como nós vimos, veio em seguida. Juntos, arrumamos um fiacre e a trouxemos para cá. O Père Silas, idoso como ele é, teria carregado a senhorita até o andar de cima, e a colocaria

pessoalmente naquele sofá. Ele certamente teria ficado até que a senhorita tivesse saído do estado de animação suspensa: e eu também teria, mas, naquela conjuntura, um mensageiro apressado veio da casa do paciente moribundo de onde eu havia acabado de sair (os ritos finais eram necessários: a última visita do médico e o último ritual do padre); a extrema-unção não poderia ser protelada. Père Silas e eu partimos juntos; minha mãe estava passando a noite fora; nós a deixamos nas mãos de Martha com as devidas instruções, que ela parece ter seguido com sucesso. E então, a senhorita é católica?

— Ainda não — respondi com um sorriso. — E não permita jamais que Père Silas saiba onde eu moro, ou ele tentará me converter; mas transmita-lhe meus maiores e mais sinceros agradecimentos quando o encontrar, e se algum dia eu ficar rica, enviarei dinheiro para suas obras de caridade. Veja, Dr. John, sua mãe está acordando; o senhor deveria pedir o chá.

O que ele fez; e, quando a Sra. Bretton se endireitou na poltrona, atônita e indignada consigo mesma pelo prazer ao qual ela se entregara, e totalmente preparada para negar que havia dormido, seu filho passou, alegremente, ao ataque.

— Vá para a caminha, mamãe! Durma de novo. A senhora parece o retrato da inocência em seu sono.

— Meu sono, John Graham! Você está falando de quê? Você sabe que eu *nunca* durmo durante o dia: foi o mais breve dos cochilos.

— Exatamente! O gentil lapso de um serafim, o sonho de uma fada. Mamãe, em tais circunstâncias, a senhora sempre me faz pensar em Titânia.

— Isso porque você mesmo se parece tanto com Bottom.

— Srta. Snowe… a senhorita já ouviu algo parecido com a espirituosidade de mamãe? Ela é uma mulher das mais espertas para seu tamanho e idade.

— Guarde seus elogios para si, senhor, e não negligencie seu próprio tamanho: que me parece estar aumentando bastante. Lucy, ele não tem o ar de um incipiente John Bull? Ele costumava ser magro como um espeto, e

agora eu creio estar vendo nele um tipo de inclinação para ser um pesado dragão; uma tendência de quem come carne. Graham, preste atenção. Se você engordar, eu o deserdo.

— Como se não fosse mais fácil a senhora deserdar sua própria personalidade! Sou indispensável para a felicidade da velha senhora, Lucy. Ela iria definhar em profunda melancolia se não tivesse meu um metro e oitenta de iniquidade para repreender. Isso a mantém animada; mantém o saudável fermento do seu entusiasmo.

Os dois estavam então um na frente do outro, um de cada lado da lareira; suas palavras não eram muito carinhosas, mas seus olhares compensavam as deficiências verbais. Afinal, o maior tesouro da vida da Sra. Bretton estava certamente contido no peito do seu filho; as mais caras pulsações dela vibravam no coração dele. Quanto a ele, naturalmente outro amor compartilhava seus sentimentos com o amor filial, e, sem dúvida, como a nova paixão havia nascido mais recentemente, então ele dedicava a ela, entre suas emoções, a parte do leão. Ginevra! Ginevra! Será que a Sra. Bretton já sabia aos pés de quem seu jovem ídolo fora prestar suas homenagens? Ela aprovaria a escolha? Eu não saberia dizer; mas poderia muito bem imaginar que, se ela conhecesse a conduta da Srta. Fanshawe em relação a Graham: suas alterações entre frieza e lisonja, e repulsa e sedução; se ela tivesse a menor condição de suspeitar da dor com que Ginevra o havia testado; se ela pudesse ter visto, como eu vira, o bom temperamento dele vencido e perturbado, alguém inferior preferido no lugar dele, um subordinado dele transformado em seu instrumento de humilhação, *então* a Sra. Bretton teria dito que Ginevra era uma imbecil, ou pervertida, ou ambos. Bem… eu também pensava assim.

Aquela segunda noite passou com tanta doçura quanto a primeira; *mais* docemente, na verdade: nós desfrutamos de uma troca de ideias mais amena; não foram mencionados problemas passados, o relacionamento estava mais firmemente estabelecido. Aquela noite, em vez de chorar até dormir, eu fui para a terra dos sonhos por um caminho margeado por pensamentos agradáveis.

XVIII. NÓS NOS DESENTENDEMOS

Durante os primeiros dias da minha permanência em La Terrasse, Graham nunca se sentou perto de mim, nem em suas frequentes caminhadas pelo cômodo se aproximou do local onde eu me sentava, ou pareceu preocupado, ou mais sério que o habitual, mas eu pensava na Srta. Fanshawe e esperava que seu nome saísse dos lábios dele. Eu mantinha os ouvidos e a mente em prontidão perene para o doce tema; minha paciência recebeu ordens de estar permanentemente preparada para a luta, e minha simpatia, de manter sua cornucópia repleta e pronta para transbordar. Finalmente, e depois de uma breve luta interior, que eu testemunhei e respeitei, ele um dia começou a falar animadamente sobre o assunto, que foi introduzido de modo delicado; por assim dizer, anonimamente.

— Eu soube que sua amiga está passando as férias viajando?

"Amiga, de fato!", pensei comigo mesma: mas de nada serviria contradizê-lo; a vontade dele deveria ser feita; eu deveria aceitar a doce acusação: que ela fosse amiga. Mesmo assim, como um experimento, não pude deixar de perguntar a quem ele se referia.

Ele se sentara à minha mesa de trabalho; então se apossou de um novelo de linha, que passou a desenrolar, distraidamente.

— Ginevra… a Srta. Fanshawe… está acompanhando os Cholmondeleys em uma viagem ao sul da França?

— Sim, está.

— A senhorita e ela trocam cartas?

— O senhor se surpreenderá ao saber que eu nem uma vez pensei em solicitar esse privilégio.

— A senhorita viu cartas escritas por ela?

— Sim; várias, para o tio dela.

— A elas não devem faltar humor e naïveté; [1] há tanto vigor, e tão poucos artifícios na alma dela.

— Ela escreve de modo bastante abrangente quando se dirige a M. de Bassompierre: a bom entendedor, meia palavra basta.

Na verdade, as cartas de Ginevra para seu parente rico eram normalmente documentos comerciais, pedidos evidentes de dinheiro.

— E a letra dela? Deve ser bonita, delicada, típica de uma mulher, devo supor?

Era, e assim eu o disse.

— Eu acredito piamente que tudo que ela faz é bem feito — disse o Dr. John; e como eu não parecia ter pressa para comentar essa sua observação, ele acrescentou — A senhorita, que a conhece, poderia citar um ponto em que ela apresente falhas?

— Ela faz várias coisas muito bem.

"Flertar, entre as demais", acrescentei, em pensamento.

— Quando a senhorita supõe que ela vá voltar para a cidade? — perguntou ele em seguida.

— Peço desculpas, Dr. John, devo me explicar. O senhor me honra em demasia ao me atribuir um grau de intimidade com a Srta. Fanshawe que eu não tenho a felicidade de desfrutar. Eu nunca fui confidente de seus planos e segredos. O senhor encontrará os amigos pessoais dela em um mundo diferente do meu: entre os Cholmondeleys, por exemplo.

Ele pensou mesmo que eu estava ferida com um tipo de ciúmes parecido com o dele!

— Perdoe-a — disse ele. — Julgue-a com brandura; o faiscar da moda a induz ao erro, mas ela logo perceberá que essas pessoas são vazias e voltará para junto da senhorita com um afeto ainda maior e uma confiança fortalecida. Eu conheço um pouco os Cholmondeley: pessoas superficiais, pretensiosas e egoístas; acredite nisso, no fundo, Ginevra estima muito mais a senhorita que um punhado de gente como eles.

— Muita gentileza sua — respondi, brevemente.

Uma negação dos sentimentos atribuídos a mim queimava em meus lábios, porém, eu extingui a chama. Eu me submeti a ser vista como a

humilhada, desprezada, e agora sofredora confidente da distinta Srta. Fanshawe: mas, leitor, foi difícil me submeter a isso.

— Veja, contudo — prosseguiu Graham —, enquanto eu conforto a *senhorita* , não posso encontrar o mesmo consolo para mim; não posso esperar que ela me faça justiça. De Hamal é desprezível; contudo, receio que ele agrade a ela: maldita ilusão!

Minha paciência realmente se esgotou, e sem dar aviso: de repente. Suponho que a doença e a fraqueza a tenham desgastado e deixado frágil.

— Dr. Bretton — eu interrompi —, não há ilusão igual à sua. Em todos os pontos, a não ser em um, o senhor é um homem franco, saudável, sensato, perspicaz: nesse ponto específico o senhor não é mais que um escravo. Eu sou da opinião de que, no tocante à Srta. Fanshawe, o senhor não merece respeito; e tampouco tem o meu.

Eu me levantei e saí do cômodo, muito excitada.

Esse pequeno incidente aconteceu de manhã; eu teria de encontrá-lo outra vez à noite, e então vi que havia cometido um erro. Ele não era feito do barro comum, nem modelado a partir de material corriqueiro; se por um lado os traços mais gerais da sua natureza haviam sido moldados com amplitude e vigor, os detalhes abrangiam um lavor de uma delicadeza quase feminina: finos, muito mais finos do que se poderia esperar encontrar; do que seria possível acreditar que fossem inerentes a ele, mesmo depois de anos de amizade. Na verdade, até que um contato bastante forte com seus nervos tivesse traído, com seus efeitos, sua sensibilidade exacerbada, essa elaborada constituição iria com certeza ser ignorada; e muito mais especialmente porque a capacidade de empatia não era proeminente nele: sentir e apreender rapidamente os sentimentos dos outros são habilidades distintas; umas poucas constituições possuem ambas; outras, nenhuma. O Dr. John tinha aquela em um grau máximo de perfeição; e como eu havia admitido que ele não era beneficiado com a outra com a mesma intensidade, o leitor gentilmente irá se abster de passar a um extremo e declarar que ele era *destituído de empatia* , insensível: pelo contrário, ele era um homem gentil e generoso. Se alguém disesse do que precisava, a mão dele estaria aberta. Se alguém pusesse sua

dor em palavras, ele não faria ouvidos de mercador. Se alguém esperasse uma percepção refinada, uma intuição milagrosa, ficaria decepcionado. Naquela noite, quando o Dr. John entrou no cômodo e foi iluminado pela luz do candeeiro, eu compreendi muito bem, e de uma vez só, todo o mecanismo dele.

Em relação a quem o havia chamado de "escravo", e, em todos os aspectos, o excluíra de seu respeito, ele deveria ter então sentimentos peculiares. O epíteto poderia ter sido bem aplicado, e o banimento, justo; ele não negava que pudessem ser: sua mente até mesmo examinava com sinceridade essa possibilidade desmoralizante. Ele procurou nessa acusação a causa do pouco sucesso que havia assumido um irritante controle de sua paz de espírito: Em meio às aflições de um solilóquio cheio de autocensura, seu comportamento parecia sério, talvez distante, tanto comigo quanto com sua mãe. Entretanto, não havia rancor, nem maldade nem mesquinharia em suas feições, belas com a mais pura das belezas masculinas, até mesmo em sua tristeza. Quando aproximei a cadeira dele da mesa, o que me apressei a fazer, passando à frente da empregada, e quando lhe ofereci o chá, o que fiz com uma cautela trêmula, ele disse, "Obrigado, Lucy", com o tom mais agradável de sua voz que meus ouvidos jamais haviam acolhido.

De minha parte, havia somente um plano a ser seguido; eu tinha de expiar minha repreensível veemência, ou não conseguiria dormir aquela noite. Isso não seria possível; eu não conseguiria suportar: nem fingi ter condições de batalhar nessas circunstâncias. A solidão da escola, o silêncio conventual ou a estagnação, qualquer coisa parecia preferível a ter de viver brigada com o Dr. John. Quanto a Ginevra, ela poderia assumir as asas revestidas de prata de uma pomba, ou de qualquer outra ave doméstica que voasse, e ascender diretamente ao mais alto dos postos, entre as estrelas mais altas, onde o mais alto voo da imaginação do seu admirador desejasse fixar a constelação de seus encantos: que nunca mais me coubesse contestar o arranjo. Por muito tempo tentei olhar nos olhos dele. Várias vezes aquele olhar se deparou com o meu; mas, nada tendo a dizer, ele se desviava, e eu estava perplexa. Depois do chá, ele se sentou,

entristecido e silencioso, lendo um livro. Eu gostaria de ter tido coragem de ir e me sentar ao lado dele, mas me parecia que, se eu me arriscasse a dar esse passo, ele iria infalivelmente demonstrar hostilidade e indignação. Eu sentia vontade de falar em voz alta, e não ousava sussurrar. Sua mãe saiu do cômodo; então, movida por um insuportável pesar, eu simplesmente murmurei as palavras "Dr. Bretton".

Ele ergueu os olhos do livro; seus olhos não estavam frios ou maldosos, sua boca não era cínica; ele estava pronto a ouvir o que eu poderia ter a dizer, e desejava fazê-lo: seu espírito era de uma vindima demasiado suculenta e generosa para se azedar em um instante.

— Dr. Bretton, perdoe minhas palavras impulsivas; perdoe-as, *mesmo* .

Ele sorriu no momento em que eu falei.

— Talvez eu as merecesse, Lucy. Se a senhorita não me respeita, tenho certeza de que é pelo fato de eu não ser digno de respeito. Receio que eu seja um tolo desajeitado: de algum modo devo ter um comportamento estranho, pois, onde quero agradar, parece que não agrado.

— Disso o senhor não pode ter certeza; e, mesmo que fosse esse o caso, seria culpa de sua personalidade ou da percepção de outrem? Mas agora, permita-me desdizer o que eu disse em um momento de raiva. Em um ponto, e em todos os pontos, eu o respeito. Se o senhor pensa muito pouco de si e demais dos outros, o que seria isso senão uma virtude?

— Eu poderia ter uma ideia muito alta de Ginevra?

— *Eu* acho que o senhor pode; *o senhor* acredita que não. Vamos concordar em divergir. E que eu seja perdoada; é isso que estou pedindo.

— A senhorita acha que eu guardaria rancor por causa de uma palavra exaltada?

— Eu vejo que não e que não é capaz disso; mas, apenas diga "Lucy, eu a perdoo!". Diga isso, para me aliviar de um peso no coração.

— Esqueça o peso no seu coração, assim como eu esquecerei o meu; pois você me magoou só um pouquinho, Lucy. Agora que a dor passou, eu mais que perdoo: eu me sinto grato, como a alguém que me deseja o bem.

— Eu *desejo* sinceramente o seu bem: o senhor tem razão.

E assim nossa briga terminou.

Leitor, se no decorrer desta narrativa você perceber que minha opinião a respeito do Dr. John sofre uma mudança, perdoe essa aparente inconsistência. Eu apresento o sentimento assim como o sentia na época; descrevo a percepção da personalidade assim como ela me aparecia quando descoberta.

Ele demonstrou a excelência da sua natureza sendo mais gentil comigo depois do desentendimento que antes. Não, esse mesmo incidente que, segundo meu ponto de vista, deveria até certo ponto afastar nós dois, alterou, na verdade, um pouco nosso relacionamento; mas não no sentido que eu antecipava com tanta apreensão. Algo invisível, mas frio, muito ligeiro, muito transparente, mas muito gélido: um tipo de parede de gelo havia até então, durante toda a nossa vida, empanado o meio através do qual nós nos relacionávamos. Aquelas poucas palavras exaltadas, embora exaltadas apenas por causa da raiva, tocaram aquela frágil camada de gelo do comedimento; mais ou menos nessa época, ela deu sinais de desaparecer. Eu acho que a partir daquele dia, e enquanto permanecemos amigos, ele nunca, ao conversar, adotou uma atitude cerimoniosa comigo. Ele parecia saber que, se falasse a respeito de si mesmo, e a respeito do tema pelo qual ele mais se interessava, minhas expectativas sempre seriam atendidas, meu desejo, sempre satisfeito. E como consequência, naturalmente, eu continuei a ouvir muito a respeito de “Ginevra”.

“Ginevra!” Ele a considerava tão bela, tão boa; falava com tanto carinho de seus encantos, de sua doçura, de sua inocência, que, apesar do meu prosaico conhecimento da realidade, um tipo de brilho refletido começou a se associar à imagem dela, até mesmo para mim. Ainda assim, leitor, eu me sinto livre para confessar que ele muitas vezes falava coisas sem sentido; mas eu me esforçava para jamais deixar de ser paciente com ele. Eu tinha tido a minha lição: havia aprendido quão dura para mim era a dor de irritá-lo, magoá-lo ou desapontá-lo. De um modo estranho e novo, fiquei mais egoísta, e bastante incapaz de negar a mim mesma o prazer de satisfazer os caprichos dele, e de ceder à sua vontade. Ele ainda me parecia extremamente absurdo quando obstinadamente duvidava, e perdia a fé em seu poder de acabar conquistando os favores da Srta. Fanshawe. Em minha

mente se enraizou, com maior tenacidade que nunca, a ideia de que ela estava apenas se fazendo de coquette para espicaçá-lo, e que, no fundo, ela desejava cada palavra e cada olhar dele. Às vezes ele me perturbava, apesar da minha decisão de tolerar e de ouvir; em meio ao indescritível agridoce prazer de tolerar e de ouvir, ele atingia com tanta força o cerne de toda a firmeza de que eu era dona, que ela se incendiava de vez em quando. Casualmente, afirmei um dia, com o intuito de acalmar a impaciência dele, que tinha certeza de que a Srta. Fanshawe *tinha de* finalmente acabar aceitando-o.

"Certeza! Era fácil falar, mas eu teria quaisquer fundamentos para tal afirmação?"

— Os melhores fundamentos.

— Então, Lucy, *diga-me* quais são!

— Você os conhece tão bem quanto eu; e, conhecendo-os, Dr. John, me surpreende o fato de que não tenha a mais sincera confiança na fidelidade dela. Duvidar, em tais circunstâncias, é quase o mesmo que insultar.

— Agora você está começando a falar rápido e a ofegar; mas, fale um pouco mais rápido e ofegue um pouco mais, até ter dado uma explicação, uma explicação completa; eu preciso tê-la.

— E a terá, Dr. John. Em alguns casos, você é um homem pródigo e generoso: é um adorador com as oferendas sempre de prontidão; caso Père Silas convertesse *você* , você lhe daria abundância de esmolas para os pobres dele, iria suprir o altar dele com velas, e daria o melhor de si para embelezar o altar de seu santo favorito: Ginevra, Dr. John…

— Silêncio! — disse ele. — Não continue.

— Em silêncio eu *não* vou ficar, e *continuarei* : Ginevra tem recebido presentes de suas mãos mais vezes do que sou capaz de contar. Você procurou as flores mais caras para lhe dar; tem quebrado a cabeça pensando nos presentes mais delicados; do tipo que, qualquer um seria levado a pensar, somente uma mulher poderia imaginar; e, além do mais, a Srta. Fanshawe possui um conjunto de joias para cuja compra a sua generosidade deve ter beirado a extravagância, Dr. John.

A modéstia que Ginevra jamais havia demonstrado a esse respeito agora incendiou o rosto do seu apaixonado.

— Tolice! — disse ele, destrutivamente cortando uma meada de seda com minha tesoura. — Eu os dei para meu próprio deleite: achei que ela me fazia um favor aceitando-os.

— Ela fez mais que um favor, Dr. John: ela afiançou sua própria honra que ela lhe daria algo em retribuição; e, se ela não pode pagá-lo com afeição, deveria dar um equivalente comercial, sob a forma de uns rouleaux [2] de moedas de ouro.

— Mas você não a entende; ela é desinteressada demais para se importar com meus presentes, e muito ingênua para apreciar o valor deles.

Dei risada: eu havia ouvido Ginevra julgando o preço de cada joia; e eu bem sabia que problemas de dinheiro, planos referentes a dinheiro, o valor do dinheiro e esforços para obter suprimento dele haviam, mesmo ela sendo tão jovem, oferecido o estímulo mais frequente, e o preferido, para os pensamentos dela por muitos anos.

Ele continuou:

— Você deveria tê-la visto a cada vez que eu depositei em seu regaço alguma ninharia; tão fria, tão reservada: nenhuma avidez para pegar os presentes, nem ao menos prazer em contemplá-los. Somente por causa de uma delicada relutância em me magoar, ela aceitava que o bouquet ficasse ao lado dela, e talvez consentisse em levá-lo. Ou, se eu acabasse de colocar um bracelete em seu braço marmóreo, por mais belo que fosse o adorno sem grande valor (e eu sempre, com muito cuidado, escolhia o que me parecia belo, e que, naturalmente, não era destituído de valor), seu brilho nunca deslumbrou os faiscantes olhos dela: ela mal lançava um olhar para meu presente.

— E então, naturalmente, não lhe dando o devido valor, ela o tirava do braço e o devolvia?

— Não, ela tem uma natureza muito boa para demonstrar tal repulsa. Ela consentiria em parecer esquecer o que eu tinha feito, e ficar com o presente com uma calma típica de uma dama e um esquecimento fácil. Sob tais circunstâncias, como pode um homem depreender da aceitação de

seus presentes um sintoma favorável? De minha parte, fosse eu oferecer-lhe tudo que possuo, e ela aceitasse, tamanha é sua incapacidade de ser abalada por considerações sórdidas, que eu não me arriscaria a acreditar que o fato me colocasse sob uma luz um pouco mais favorável.

— Dr. John — comecei a dizer —, o amor é cego. — Mas, nesse momento, um sutil raio azul dardejou, oblíquo, dos olhos do Dr. John: ele me fez lembrar dos dias passados, me fez lembrar do seu quadro: quase me fez pensar que pelo menos parte da sua declarada convicção quanto à naïveté da Srta. Fanshawe fosse simulada; ele me levou, duvidosa, a conjecturar que talvez, apesar da paixão dele pela beleza dela, sua estimativa das fraquezas dela poderia, possivelmente, ser menos errônea e mais nítida do que a linguagem dele permitia perceber. Afinal, poderia ser apenas um olhar casual, ou no máximo o sinal de uma simples impressão momentânea. Fortuito ou intencional, real ou imaginário, ele encerrou a conversa.

XIX. A CLEÓPATRA

Minha permanência em La Terrasse foi prolongada por uma quinzena além do fim das férias. A gentil interferência da Sra. Bretton obtivera para mim essa trégua. Seu filho, tendo um dia declarado que "Lucy ainda não estava forte o suficiente para voltar para aquele antro que era o pensionnat", ela na mesma hora foi até a Rue Fossette, teve uma conversa com a diretora e conseguiu a clemência, sob a alegação de que o repouso prolongado e a mudança eram necessários para meu perfeito restabelecimento. Nesse momento, entretanto, se seguiu uma gentileza sem a qual eu passaria muito bem, a saber, uma educada visita de Madame Beck.

Essa senhora, um belo dia, realmente foi em um fiacre até o château. Eu suponho que ela tivesse resolvido lá com seus botões ver em que tipo de local o Dr. John morava. Aparentemente, a localidade agradável e o belo interior foram além de suas expectativas; ela elogiou tudo que viu; declarou que o salão azul era "une pièce magnifique", [1] me parabenizou efusivamente pela aquisição de amigos "tellement dignes, aimables, et respectables", [2] também fez um elogio à minha pessoa e, com a chegada do Dr. John, correu para perto dele com a maior das animações, ao mesmo tempo falando com uma linguagem tão célere, faiscante de congratulações e asseverações a respeito do "château" dele, e de "madame sa mère, la digne châtelaine": [3] também elogiou a aparência dele, que, na verdade, era muito vivaz e, naquele momento, embelezada com um toque adicional do sorriso gentil, mas divertido, com que ele sempre ouvia o francês fluente e rebuscado de Madame. Resumindo, Madame se apresentou em seu melhor aspecto naquele dia, e chegou e partiu com uma profusão de cumprimentos, prazer e afabilidade. Em parte propositadamente, e em

parte para fazer-lhe algumas perguntas a respeito de assuntos escolares, fui com ela até a carruagem, e dei uma olhada depois de Madame estar sentada e a porta, fechada. Naquele breve período, que mudança havia sido efetuada! Um instante atrás, toda cheia de cintilações e de gracejos, ela agora se sentava mais séria que um juiz e mais austera que um sábio. Estranha mulherzinha!

Eu voltei e importunei o Dr. John por causa da devoção que Madame tinha por ele. Como ele riu! Que divertimento brilhou nos seus olhos enquanto ele recordava algumas de suas frases mais sofisticadas, e repetiu-as, imitando o jeito volúvel de ela falar! Ele tinha um profundo senso de humor, e era a melhor companhia do mundo quando conseguia esquecer a Srta. Fanshawe.

* * * * *

Dizem que ficar "sentado sob a luz do sol, calma e doce" é excelente para as pessoas adoentadas; isso lhes dá força vital. Quando a pequena Georgette Beck estava convalescendo de sua doença, eu costumava pegá-la nos braços e caminhar com ela no jardim por horas, sob certo muro coberto de uvas que o sol setentrional estava amadurecendo: aquele sol acariciava seu corpo delicado de modo tão eficaz quanto amadurecia e fazia crescer os cachos de frutas.

Há índoles humanas meigas, radiantes e joviais, sob cuja influência é tão bom para o pobre de espírito viver, como é para o fraco de corpo se expor ao calor do meio-dia. Entre essas naturezas privilegiadas se encontravam com certeza tanto o Dr. Bretton quanto sua mãe. Eles gostavam de transmitir felicidade, assim como alguns gostam de causar tristeza: eles o faziam de modo instintivo, sem alvoroço, e aparentemente sem muita consciência; os meios de dar prazer surgiam espontâneos em suas mentes. Todos os dias, enquanto estive com eles, algum pequeno plano era proposto e resultava em uma diversão benéfica. Bastante ocupadas como eram as horas do Dr. John, ele ainda dava um jeito de nos acompanhar em cada rápido passeio. Eu mal consigo dizer como ele

conseguia organizar seus compromissos; eram muitos; contudo, sistemático, ele os classificava em uma ordem que lhe permitia um período diário de liberdade. Eu o via com frequência cheio de trabalho; contudo, poucas vezes extenuado, e nunca irritado, confuso ou oprimido. Tudo que ele fazia era realizado com a facilidade e a graça de uma força plena, com a alegria abundante de intensas e ininterruptas energias. Sob sua liderança, fiquei conhecendo, naquela quinzena feliz, mais partes de Villette e de seus arredores e de seus habitantes, do que havia visto em todos os oito meses da minha prévia permanência lá. Ele me levou a lugares interessantes da cidade, de cujos nomes eu antes nem sequer tinha ouvido falar; com boa vontade e animação ofereceu muitas informações valiosas. Ele nunca pareceu pensar que conversar comigo fosse um problema, e, tenho certeza, para mim nunca foi difícil escutá-lo. Não era do feitio dele abordar temas com frieza e de modo vago; ele raramente generalizava, jamais era banal. Parecia gostar de detalhes delicados quase tanto quanto eu própria os apreciava: parecia ser um observador de particularidades, e não de modo superficial. Essas características davam à sua fala a qualidade do interesse; e o fato de ele falar tendo como referência seus conhecimentos e não pegando emprestado ou roubando de livros (aqui um fato árido, e lá uma frase trivial, e acolá uma opinião desgastada) garantia um frescor tão bem recebido por ser tão raro. Perante meus olhos, também, o temperamento dele parecia inaugurar uma nova fase de comportamento, dirigir-se a um novo dia: despertar em uma aurora nova e mais nobre.

Sua mãe tinha uma boa quantidade de benevolência, mas a dele era melhor e maior. Descobri, ao acompanhá-lo à Basse-Ville (o bairro pobre e populoso da cidade) que suas visitas lá eram tanto as do médico quanto as do filantropo. Entendi na hora que com alegria, constância e uma resoluta inconsciência de qualquer mérito que distinguisse seus feitos, ele estava realizando, entre uma população bastante miserável, uma infinidade de boas ações. As classes mais baixas o estimavam bastante; seus pobres, pacientes em hospitais, o recebiam com um tipo de entusiasmo.

Mas é melhor parar: eu não devo, de narradora confiável, me degenerar em uma elogiadora parcial. Bem, muito bem eu sei que o Dr. John não era perfeito, assim como eu não sou perfeita. A falibilidade humana o impregnava por completo: não se passava uma hora, e raramente transcorria um momento do tempo que eu passava com ele em que, por ações ou palavras, ou olhares, ele não traísse algo que não era próprio de um deus. Um deus não poderia ter a cruel vaidade do Dr. John, nem sua casual leviandade. Nenhum imortal poderia ter se parecido com ele em seu ocasional e temporário esquecimento de tudo que não fosse o presente, em sua transitória paixão por esse presente, demonstrada não de modo grosseiro, dedicando-a à complacência material, mas de modo egoísta, extraindo do presente qualquer coisa que ele pudesse proporcionar como alimento para seu amor-próprio masculino: sua alegria era alimentar esse sentimento voraz, sem pensar no preço das provisões, ou se preocupar com o custo de mantê-lo lustroso e muito mimado.

Pede-se ao leitor que observe uma aparente contradição nos dois retratos que foram apresentados de Graham Bretton, o público e o privado, o retrato social e o doméstico. No primeiro, o público, ele se mostra esquecido de si mesmo; tão modesto na demonstração de suas energias, tão ardoroso em seu exercício. No segundo, o retrato ao pé da lareira, há uma consciência manifesta do que ele possui e de quem ele é; o prazer na homenagem, certa temeridade em excitá-la, certa vaidade em recebê-la. Ambos os retratos são corretos.

Era praticamente impossível obsequiar o Dr. John calmamente e com discrição. Quando se pensava que o fabrico de alguma ninharia voltada para seu uso havia sido realizado sem ser percebido, e que, assim como outros homens, ele iria usá-la quando ela fosse colocada pronta para seu uso, sem jamais perguntar sua origem, ele surpreendia a todos com uma ou outra observação feita com um sorriso, provando que seus olhos haviam estado voltados para o trabalho do começo ao fim: que ele se havia dado conta do projeto, acompanhado seu progresso e notado sua finalização. Deixava-o feliz receber esse tipo de cuidados, e ele permitia que seu prazer brilhasse em seus olhos e brincasse em seus lábios.

Tudo isso seria muito bom, se ele não tivesse acrescentado a tal evidência gentil e comedida certa obstinação em quitar o que ele chamava de dívidas. Quando sua mãe fazia algo para ele, ele a recompensava despejando sobre ela sua luminosa energia vital, até mesmo com uma afluência ainda maior que sua tendência alegre, provocativa, arrelienta e amorosa. Se fosse descoberto que Lucy Snowe havia tomado parte em tal trabalho, ele planejaria, como recompensa, alguma diversão agradável.

Com frequência eu me sentia surpresa com seu perfeito conhecimento de Villette; um conhecimento que não se limitava apenas a suas ruas amplas, mas que se expandia para todas as suas galerias, salas, e saletas: de cada porta que encerrava um objeto digno de ser visto, de cada museu, de cada hall, consagrado à arte ou à ciência, ele parecia possuir o "Abre-te Sésamo!". Eu nunca tive inclinação para a ciência, mas um instinto ignorante, cego e amoroso me inclinava para as artes. Eu gostava de visitar as galerias dedicadas à pintura, e apreciava demais ser deixada lá sozinha. Acompanhada por uma pessoa, uma infeliz predisposição me impedia de ver muita coisa ou de sentir alguma coisa. Na companhia de estranhos, em que era necessário manter um fluxo de conversa sobre os tópicos à nossa frente, meia hora iria me aniquilar, com uma pressão combinada de cansaço físico e total incapacidade mental. Eu ainda não me deparei com uma criança bem educada, muito menos com o adulto instruído, que não conseguisse me envergonhar com a contínua inteligência de seu comportamento sob o ordálio de uma visita a galerias, locais ou prédios históricos, ou quaisquer pontos dignos de interesse público, em que houvesse conversas e sociabilidade. O Dr. Bretton era um cicerone do tipo que mais me agradava; ele me levava logo cedo, antes que as galerias ficassem lotadas, deixava-me lá por duas ou três horas, e vinha me buscar quando seus próprios compromissos tivessem terminado. Enquanto isso, eu estava feliz; feliz nem sempre com a admiração, mas com o exame, com os questionamentos e com a formação de conclusões. No início dessas visitas, havia alguns equívocos e um subsequente combate entre o Desejo e o Poder. A primeira aptidão exigia a aprovação daquilo que era considerado ortodoxo admirar; a outra expressava com um lamento sua

completa incapacidade de pagar os tributos; ela então escarnecia de si mesma, era induzida, incitada a refinar seus gostos e a aguçar o seu sabor. Quanto mais ela era repreendida, contudo, mais se recusava a louvar. Descobrindo gradualmente que uma maravilhosa sensação de fatiga resultava desses esforços conscientes, comecei a me perguntar se eu não poderia abrir mão desse grande esforço, e acabei concluindo que poderia, e então mergulhei profundamente em uma luxúria de calma perante noventa e nove dos cem quadros exibidos.

Parecia-me que um quadro original e bom fosse assim tão raro quanto um livro original e bom; tampouco eu, no fim, tremo para dizer a mim mesma, parada na frente de certas chef-d'oeuvres [4] que trazem assinaturas famosas: "Elas não se parecem nem um pouco com a natureza. A luz diurna da natureza jamais teve essa cor: ela nunca foi deixada tão turva, nem pelas tempestades, nem pelas nuvens, como foi pintada nesse quadro, sob um céu de índigo: e esse índigo não é o éter; e essas ervas escuras afixadas sobre o quadro não são árvores". Diversas mulheres gordas e complacentes muito bem retratadas não eram para mim de modo algum as deusas que elas pareciam se considerar. Grandes quantidades de pequenos quadros flamengos muitíssimo bem acabados, e também de esboços, excelentes para catálogos de moda, retratando vestimentas variadas feitas com os mais belos materiais, davam mostras de um esforço louvável aplicado de modo fantasioso. E, contudo, havia fragmentos de verdade aqui e acolá que satisfaziam a consciência, e lampejos de luz que alegravam a vista. Em um, o poder da natureza irrompia em uma tempestade de neve nas montanhas; e, em outro, a glória dela em um ensolarado dia setentrional. Uma expressão em certo retrato demonstrava ser uma clara percepção da personalidade; um rosto naquele quadro histórico, por causa da sua vívida semelhança filial, fazia o espectador, cheio de surpresa, recordar que o talento o fizera nascer. Tais exceções eu amava: elas passaram a ser caras como amigos.

Um dia, no começo de uma manhã tranquila, descobri estar praticamente sozinha em certa galeria, na qual um quadro específico de proporções magníficas, exibido sob a luz mais propícia, com um cordão de

isolamento estendido à sua frente, e um banco almofadado devidamente colocado perante ele para o conforto dos connoisseurs [5] adoradores, que, tendo contemplado o quadro à exaustão, se sentiriam felizes em finalizar a tarefa sentados: esse quadro, na minha opinião, parecia se considerar o rei da coleção.

Ele representava uma mulher, consideravelmente maior, eu pensei, que o tamanho natural. Calculei que essa senhora, colocada em uma escala de magnitude adequada para o acolhimento de um corpo daquele tamanho, infalivelmente iria pesar entre oitenta e oito e cem quilos. Ela era, na verdade, muito bem alimentada: muita carne do açougueiro (para não mencionar pão, vegetais e líquidos) deve ter ela consumido para alcançar aquela amplitude e altura, aquela abundância de músculos, aquela afluência de carne. Ela se recostava, semi-inclinada, em um sofá: por que, seria difícil dizer; a forte luz do dia fulgurava ao redor dela; ela parecia gozar muita saúde, forte o suficiente para cumprir a tarefa de duas cozinheiras normais; não poderia alegar uma coluna fraca; deveria estar em pé, ou, pelo menos, sentada ereta. Não tinha desculpas para se entregar à ociosidade durante a tarde em um sofá. Deveria, igualmente, ter usado uma roupa adequada; um vestido que a cobrisse com propriedade, o que não era o caso: daquela abundância de material (uns vinte e cinco metros eu diria, de drapejamentos de tecidos) ela conseguira fazer uma indumentária ineficaz. E, além disso, para o lastimável desmazelo que a rodeava, não poderia haver desculpas. Potes e tachos (talvez eu devesse dizer vasos e cálices) estavam jogados aqui e ali em primeiro plano; uma completa imundície de flores estava misturada no meio deles, e uma absurda e desorganizada massa de tecidos para cortinas cobria o sofá e obstruía o chão. Ao consultar o catálogo, descobri que essa notável produção tinha o nome de “Cleópatra”.

Bem, eu estava sentada me espantando com o quadro (como o banco estava lá, pensei que poderia muito bem tirar vantagem da sua acomodação), e pensando que se alguns dos detalhes, as rosas, os cálices de ouro, as joias, etc., haviam sido pintados com delicadeza, no conjunto ele era um imenso engodo; o salão, quase vazio quando entrei, começou a

ficar cheio. Mal me dando conta dessa circunstância (já que, na verdade, eu não me importava nem um pouco com isso), continuei sentada; mais para descansar que com a intenção de estudar tal rainha cigana de pele morena, de quem, na verdade, logo me cansei, e me dediquei, para meu descanso, à contemplação de alguns belos quadrinhos de natureza morta: flores do campo, frutos selvagens, recantos de bosques cobertos de musgo, ovos que pareciam pérolas vistas através da água do mar de um tom verde claro; todos estavam pendurados modestamente sob aquela tela grosseira e absurda.

De repente, um ligeiro toque se fez sentir no meu ombro. Sobressaltada, voltei-me, e me deparei com uma face abaixada para se aproximar da minha; uma face carrancuda, quase chocada ela estava.

— Que faites-vous ici? [6] — disse uma voz.

— Mais, Monsieur, je m'amuse. [7]

— Vous vous amusez! et à quoi, s'il vous plaît? Mais d'abord, faites-moi le plaisir de vous lever; prenez mon bras, et allons de l'autre côté. [8]

Eu fiz exatamente o que me havia sido pedido. Não era provável que M. Paul Emanuel (era ele), tendo retornado de Roma, e agora um homem viajado, fosse mais tolerante em relação à insubordinação agora do que antes que mais essa honraria laureasse suas têmporas.

— Permita-me conduzi-la até seu grupo — disse ele, enquanto cruzávamos o salão.

— Eu não tenho grupo.

— A senhorita está sozinha?

— Mas sim, Monsieur.

— A senhorita veio até aqui desacompanhada?

— Não, Monsieur. O Dr. Bretton me trouxe aqui.

— O Dr. Bretton e Madame, a mãe dele, naturalmente?

— Não, somente o Dr. Bretton.

— E ele lhe disse para ver *esse* quadro?

— De maneira nenhuma; eu o encontrei por conta própria.

O cabelo de M. Paul estava cortado muito curto, ou então eu acho que ele teria ficado em pé em sua cabeça. Começando então a perceber a

intenção dele, senti certo prazer em me manter calma e fazê-lo ficar excitado.

— Surpreendente audácia insular! — exclamou o Professor. — Singulières femmes que ces Anglaises! [9]

— Qual é o problema, Monsieur?

— Problema? Como a senhorita, uma jovem, ousa sentar-se friamente, com a serenidade de um garçon, [10] e olhar para *esse* quadro?

— É um quadro muito feio, mas não consigo de jeito nenhum perceber por que eu não deveria vê-lo.

— Bon! Bon! [11] Não falemos mais sobre isso. Mas, a senhorita não deveria estar aqui sozinha.

— Se, entretanto, eu não tenho companhia, um *grupo* , como o senhor diz… E então, qual é a diferença se estou sozinha ou acompanhada? Ninguém se intromete comigo.

— Taisez-vous, et asseyez-vous là… là! [12] — colocando de modo enfático uma cadeira em um canto particularmente enfadonho, na frente de uma série de "cadres" [13] especialmente lúgubres.

— Mais, Monsieur? [14]

— Mais, Mademoiselle, asseyez-vous, et ne bougez pas… entendez-vous? jusqu'à ce qu'on vienne vous chercher, ou que je vous donne la permission. [15]

— Quel triste coin! — eu exclamei — et quels laids tableaux! [16]

E "laids", na verdade, eles eram; sendo um conjunto de quatro, chamados, no catálogo, "La vie d'une femme". [17] Eles eram pintados em um estilo particularmente notável; monótonos, sem vida, pálidos e formais. O primeiro representava uma "Jeune Fille", saindo da porta de uma igreja, um missal nas mãos, vestido excessivamente decoroso, os olhos baixos, a boca contraída; a representação de uma pequena hipócrita muito maldosa e precoce. O segundo, uma "Mariée", [18] com um longo véu branco, ajoelhada em um prie-dieu [19] em seu quarto, de mãos postas, um dedo tocando o outro, e mostrando o branco dos olhos de um modo particularmente exasperante. O terceiro, uma "Jeune Mère", [20] inclinando-

se desconsolada sobre um bebê amarelado e inchado com um rosto que parecia uma lua cheia doentia. O quarto, uma "Veuve", [21] era uma mulher de luto, segurando pela mão uma menininha vestida de luto, e as duas diligentemente inspecionando um elegante monumento francês, erigido em um canto de algum Père Lachaise. Todos esses quatro "Anges" [22] eram circunspectos e cinzentos como ladrões, e frios e insípidos como fantasmas. Que mulheres com as quais conviver! Umas nulidades insinceras, mal-humoradas, exangues e acéfalas! A seu modo, tão ruins quanto a indolente cigana gigantesca, a Cleópatra, era ao modo dela.

Era impossível manter a atenção por muito tempo limitada a essas obras-primas, e então, aos poucos, eu me voltei e inspecionei a galeria.

Uma perfeita multidão de espectadores estava, nesse momento, amontoada ao redor da Atração de cuja vizinhança eu fora banida; quase metade dessa multidão era composta por mulheres, mas, M. Paul posteriormente me informou, elas eram "des dames", [23] e era muito adequado para elas contemplar aquilo sobre o que nenhuma "demoiselle" [24] deveria lançar um olhar. Eu lhe garanti com toda a clareza que não poderia concordar com essa doutrina e não via sentido nela; como consequência disso, com seu habitual absolutismo, ele apenas solicitou que eu ficasse em silêncio, e também, de um só fôlego, denunciou minha mistura de imprudência e de ignorância. Um homenzinho mais despótico que M. Paul jamais ocupou uma cadeira de professor. Eu percebi, por falar nisso, que ele próprio olhava o quadro com muita tranquilidade, e por muito tempo: contudo, não deixou de dar uma olhada, de tempos em tempos, para o meu lado, para ter a certeza, suponho, de que eu estava obedecendo às ordens, e não ultrapassando limites. Logo em seguida, ele se aproximou de mim novamente.

Eu não tinha estado doente?, ele quis saber: ele ficara sabendo que sim.

"Sim, mas agora eu estava muito bem."

"Onde eu havia passado as férias?"

"A maior parte delas na Rue Fossette; em parte com Madame Bretton."

"Ele ficara sabendo que eu havia sido deixada sozinha na Rue Fossette; era verdade?"

“Não completamente sozinha: Marie Broc” (a cretina) “estava comigo.”

Ele estremeceu; expressões variadas e contraditórias passaram rapidamente pela sua face. M. Paul conhecia muito bem Marie Broc; ele nunca dava uma aula na terceira turma (que continha as alunas menos avançadas), sem que ela causasse nele um profundo conflito entre impressões antagônicas. A aparência dela, seus modos repulsivos e seu temperamento quase sempre incontrolável irritavam o gênio dele e inspiravam nele profunda antipatia, um sentimento que ele estava muito inclinado a conceber quando seus gostos eram ofendidos ou seu desejo, frustrado. Por outro lado, a infelicidade dela constituía um forte apelo à sua paciência e compaixão, e não estava na natureza dele negar tal apelo; daí resultavam batalhas quase diárias entre a impaciência e o desgosto de um lado, e piedade e sentimento de justiça do outro; e nas quais, para honra dele, seja dito, raras eram as vezes em que os primeiros sentimentos prevaleciam: quando prevaleciam, entretanto, M. Paul mostrava um lado de seu temperamento que tinha seus terrores. Sua cólera era forte, suas aversões e afeições, igualmente vívidas; a força que ele fazia para manter ambas sob controle de modo nenhum diminuía a sensação que um observador tinha de sua veemência. Com tais tendências, pode-se muito bem supor que ele com frequência suscitasse em mentes comuns temor e desgosto; contudo, era um erro temê-lo: nada o fazia ficar tão perto do frenesi quanto o temor de um espírito apreensivo e desconfiado; nada o apaziguava tanto como a confiança amenizada pela gentileza. Evidenciar esses sentimentos, contudo, requeria um completo entendimento da natureza dele; e a natureza dele era de um tipo raramente entendido.

— Como foi seu relacionamento com Marie Broc? — perguntou ele depois de alguns minutos de silêncio.

— Monsieur, eu fiz o melhor possível; mas foi terrível ficar sozinha com ela!

— A senhorita tem, então, um coração fraco! A senhorita não tem coragem nem, talvez, caridade. As suas não são as qualidades que podem fazer uma Irmã de Caridade.

[Ele era um homenzinho religioso, ao seu modo: a ideia de desprendimento e abnegação da religião católica exigia as homenagens da sua alma.]

— Na verdade, não sei: eu tomei conta dela da melhor maneira possível; mas, quando a tia dela veio buscá-la, foi um grande alívio.

— Ah! A senhorita é uma egoísta. Há mulheres que cuidaram de hospitais cheios de infelizes como ela. A senhorita não seria capaz disso?

— Monsieur seria capaz de fazer isso?

— Mulheres que são dignas desse nome devem ultrapassar, e muito, nosso sexo, rude, falível e autoindulgente, quanto ao poder de realizar tais tarefas.

— Eu lhe dava banho, eu a mantinha limpa, eu a alimentava, eu tentava distraí-la; mas ela fazia caretas para mim em vez de falar.

— A senhorita acha que realizou uma grande ação?

— Não; mas tão grande quanto eu *fui capaz* de realizar.

— Então, seus poderes são limitados, pois ao cuidar de uma idiota a senhorita ficou doente.

— Não por causa disso, Monsieur; eu tive uma febre nervosa: minha mente adoeceu.

— Vraiment! Vous valez peu de chose. [25] A senhorita não foi moldada em uma matriz heroica; sua coragem não lhe será auxílio para ampará-la na solidão; ela simplesmente lhe dá a temeridade de olhar com sang-froid [26] para quadros da Cleópatra.

Teria sido fácil demonstrar raiva com o tom de voz provocativo e hostil do homenzinho. Contudo, eu nunca havia ficado brava com ele e não tinha disposição naquele momento para ficar.

— Cleópatra! — repeti, tranquila. — Monsieur também ficou olhando para Cleópatra; o que pensa a respeito dela?

— Cela ne vaut rien — respondeu ele. — Une femme superbe… une taille d'impératrice, des formes de Junon, mais une personne dont je ne voudrais ni pour femme, ni pour fille, ni pour sœur. Aussi vous ne jeterez plus un seul coup d'oeil de son côté. [27]

— Mas eu olhei para ela muitas vezes enquanto Monsieur estava falando: posso vê-la muito bem deste canto.

— Vire-se para a parede e estude seus quatro quadros da vida de uma mulher.

— Perdoe-me, M. Paul; eles são hediondos demais: mas, se o senhor os admira, permita que eu abandone este assento e deixe o senhor contemplando-os.

— Mademoiselle — disse ele, contorcendo o rosto em um meio-sorriso, ou o que ele pretendia que fosse um sorriso, embora não fosse mais que uma manifestação sombria e apressada. — Vocês, filhas do protestantismo, me espantam. Vocês, mulheres inglesas desprotegidas, caminham tranquilamente em meio a lâminas incandescentes e não são queimadas. Eu acho que, se algumas de vocês fossem jogadas na mais quente das fornalhas de Nabucodonosor, sairiam dela intocadas pelo cheiro do fogo.

— Monsieur faria a gentileza de se mover um pouquinho para o lado?

— Como? Agora a senhorita está olhando para o quê? A senhorita não está reconhecendo um conhecido no meio daquele grupo de jeunes gens, está?

— Acho que sim… Sim, vejo lá uma pessoa a quem conheço.

Na verdade, eu havia tido um vislumbre de uma cabeça bela demais para pertencer a qualquer outra pessoa que não fosse o formidável Coronel de Hamal. Que cabecinha tão bem acabada e bem lustrada ela era! Que figura, tão arrumada e garbosa! Que mãos e pés femininos! Com quanta elegância ele segurava um monóculo em um dos olhos! Com que admiração ele olhava para a Cleópatra! E então, com quanta graça ele ria baixinho e sussurrava com um amigo que estava ao seu lado! Oh, o homem sensato! Oh, o refinado cavalheiro de gosto e tato superiores! Eu o observei por uns dez minutos, e percebi que ele estava demasiadamente encantado por aquela escura e corpulenta Vênus do Nilo. Tão interessada estava eu em seu porte, tão absorta em descobrir sua personalidade por meio de seus olhares e ações, que temporariamente esqueci M. Paul; entrementes, um grupo se interpôs entre mim e esse cavalheiro; ou,

possivelmente, seus escrúpulos podem ter recebido outro choque, e ainda pior, com a minha atual distração, fazendo com que ele voluntariamente se retirasse; de qualquer modo, quando tornei a olhar ao redor, ele havia ido embora.

Meus olhos, continuando com a busca, não encontraram a ele, mas sim a outra e dissimilar pessoa, muito bem percebida em meio à multidão, pois tanto a altura quanto o porte davam, cada um, a sua particularidade. Por ali veio o Dr. John, nas feições, na constituição e no aspecto tão diferente do moreno, áspero e cáustico professorzinho quanto o pomo das Hespérides pode ser diferente do abrunho no arbusto selvagem; quanto o muito corajoso mas dócil cavalo árabe é diferente do rude e teimoso pônei de Shetland. Ele estava me procurando, mas ainda não havia explorado o canto onde o mestre-escola me havia colocado. Eu fiquei quieta; por mais um minuto ainda iria observar.

Ele se aproximou de de Hamal; fez uma pausa perto dele; achei que ele sentia prazer em olhar por sobre a cabeça do conde; o Dr. Bretton também mirou a Cleópatra. Eu duvidei que o quadro fosse do gosto dele: ele não deu um sorriso afetado como o pequenino conde; sua boca tinha uma expressão de fastio, seus olhos estavam frios; sem se manifestar, ele se afastou, abrindo espaço para que outros se aproximassem. Eu vi então que ele estava esperando e, levantando-me, juntei-me a ele.

Nós demos uma volta pela galeria; era agradável fazer isso com Graham. Eu sempre gostava demais de ouvir o que ele tinha a dizer sobre quadros ou livros, porque, sem fingir ser um connoisseur, ele sempre dizia o que pensava, e esse pensamento com certeza era original: com frequência ele era também exato e substancioso. Também era agradável falar-lhe sobre coisas que ele não conhecia: ele ouvia com tanta cortesia, tão pronto para aprender, sem ser movido por escrúpulos de que inclinar a cabeça clara e bela para ouvir a explicação um tanto obscura e hesitante de uma mulher fosse colocar em perigo sua dignidade masculina. E quando ele, em troca, dava alguma informação, era com uma lúcida sagacidade que deixava todas as suas palavras claramente gravadas na memória;

nenhuma explicação dada por ele, nenhum fato narrado por ele eu jamais esqueci.

Quando saímos da galeria, perguntei-lhe o que ele achava da Cleópatra (depois de fazê-lo rir contando-lhe como o Professor Emanuel me havia mandado dar uma meia-volta, e levando-o para ver a doce série de quadros recomendados ao meu escrutínio).

— Pff! — disse ele. — Minha mãe é uma mulher mais bonita. Eu ouvi alguns almofadinhas franceses, acolá, chamando-a de "le type du voluptueux"; [28] se for assim, só posso dizer que "le voluptueux" não é do meu gosto. Compare aquela mulata com Ginevra!

XX. O CONCERTO

Certa manhã, a Sra. Bretton, entrando com presteza no meu quarto, quis que eu abrisse minhas gavetas e lhe mostrasse meus vestidos; o que eu fiz, sem dizer palavra.

— Assim já basta — disse ela, depois de tê-los examinado. — Você precisa de um vestido novo.

Ela saiu. Em seguida, voltou com uma costureira. Fez com que fossem tiradas minhas medidas.

— Eu tenciono — disse ela — seguir meu próprio gosto, e fazer as coisas como eu quero, quanto a esse probleminha.

Dois dias depois, apareceu em casa… um vestido cor-de-rosa!

— Isso não é para mim — disse eu, apressada, sentindo que seria quase igualmente fácil eu me vestir com a indumentária de uma nobre chinesa.

— Nós vamos ver se ele é ou não para você — replicou minha madrinha, acrescentando com sua decisão à qual não se podia resistir — Guarde bem minhas palavras. Você irá usá-lo esta noite.

Achei que não; pensei que nenhuma força humana me ajudaria a me fazer entrar nele. Um vestido cor-de-rosa! Eu não o conhecia. Ele não me conhecia. Eu não o havia provado.

Minha madrinha prosseguiu, decretando que eu deveria ir com ela e Graham a um concerto naquela mesma noite: esse concerto, ela explicou, era um grande acontecimento que teria lugar na ampla salle, ou hall, da mais importante sociedade musical. As melhores alunas do Conservatório deveriam apresentar-se: ele seria seguido por uma loteria “au bénéfice des pauvres”; [1] e, como ponto máximo, o rei, a rainha e o príncipe de Labassecour deveriam estar presentes. Graham, ao mandar os ingressos,

havia prescrito atenção à indumentária como uma deferência devida à realeza: ele também recomendou estarmos prontas pontualmente às sete horas da noite.

Perto das seis horas, fui conduzida para o andar de cima. Sem o menor uso de força, eu me vi sendo levada e influenciada pelo desejo de outrem, sem ser consultada, sem ser persuadida, silenciosamente dominada. Resumindo, o vestido cor-de-rosa foi colocado, atenuado por alguns enfeites de renda negra. Decretaram que eu estava en grande tenue, [2] e solicitaram-me que olhasse ao espelho. Eu o fiz com um pouco de temor e de tremor; com mais temor e tremor, eu me voltei. Soaram as sete horas; o Dr. Bretton chegou; minha madrinha e eu descemos. *Ela* estava vestida de veludo marrom; enquanto eu caminhava à sua sombra, como invejei aqueles drapejados de majestade séria e escura dela! Graham estava parado na porta da sala de estar.

"Eu *realmente* espero que ele não vá pensar que andei me vestindo para chamar a atenção", era minha ansiosa aspiração.

— Olhe, Lucy, aqui estão umas flores — disse ele, entregando-me um bouquet. Ele não prestou maior atenção ao meu vestido do que foi indicado por um sorriso gentil e um aceno satisfeito, o que acalmou meu sentimento de vergonha e o medo da zombaria. Quanto ao resto, o vestido havia sido feito com extrema simplicidade, despido de babados e ornamentos; eram apenas o tecido leve e a cor viva que me assustavam, e já que Graham não via nisso nada de absurdo, logo meus próprios olhos consentiram em se reconciliar com a roupa.

Suponho que as pessoas que vão todas as noites a locais de divertimento público dificilmente podem entrar na inaudita sensação de gala com a qual uma ópera ou concerto são desfrutados por aqueles para quem isso é uma raridade: eu não tenho certeza de ter esperado sentir grande prazer com o concerto, tendo apenas uma vaga ideia da sua natureza, mas apreciei demais o trajeto até lá. O aconchego da carruagem fechada em uma noite fria, porém agradável; o prazer de sair com companheiros tão alegres e amáveis; a visão das estrelas cintilando incertas através das árvores enquanto íamos pela avenida; e então o

impacto maior do céu noturno quando nos dirigimos para a chaussée aberta; a passagem pelos portões da cidade, as luzes que lá brilhavam, os guardas postados, o simulacro de inspeção ao qual fomos submetidos, e que nos divertiu tanto; todos esses pequenos detalhes tiveram para mim, com sua novidade, um charme peculiarmente emocionante. Quanto disso tudo jazia na atmosfera de amizade difundida ao meu redor, eu não sei: tanto o Dr. John quanto sua mãe estavam no melhor dos humores, contendendo animados um com o outro durante todo o percurso, e tão abertamente gentis comigo como se eu fosse da família deles.

Nosso caminho passava por algumas das melhores ruas de Villette, ruas profusamente iluminadas, e muito mais animadas então que ao meio-dia. Quão brilhantes as lojas pareciam ser! Quão feliz, animada e abundante fluía a correnteza de vida ao longo da ampla calçada! Enquanto eu olhava, a lembrança da Rue Fossette passou por mim: do jardim murado e da escola, e das escuras e amplas "classes" onde, nesse exato momento, eu tinha o costume de caminhar tão solitária, olhando para as estrelas através das janelas altas e sem cortinas, e ouvindo a distante voz da leitora no refeitório, monotonamente se exercitando na "lecture pieuse". [3] Desse modo deveria eu em breve outra vez ouvir e caminhar a esmo; e essa sombra do futuro se insinuou com uma sobriedade oportuna através do presente radiante.

Nós havíamos então entrado em uma corrente de carruagens que iam todas em uma direção, e logo a frente de um grande prédio iluminado resplandeceu perante nós. Como eu já disse, eu não tinha mais que uma ideia imperfeita do que iria ver dentro desse prédio; pois ainda não me tocara a sorte de entrar em um local de entretenimento público.

Nós apeamos sob um pórtico, onde havia intensa agitação e uma grande multidão, mas eu não me lembro com clareza de outros detalhes, até perceber que estava subindo uma majestosa escadaria, larga e fácil de subir, acarpetada com um espesso e macio tecido escarlate, e que levava a grandes portas solenemente fechadas, cujos painéis também tinham estofamentos cor escarlate.

Mal percebi que magia foi usada para que essas portas se abrissem; o Dr. John cuidou desses pontos; e elas se abriram, entretanto, e dentro se descortinou um hall, grande, amplo e alto, cujas extensas paredes circulares e o teto abobadado pareciam ser, para mim, todos de ouro velho (pois com elaborada arte ele estava assim pintado), atenuado por cornijas, estrias e guirlandas, ou brilhantes como o ouro, ou brancas como a neve, como alabastro, ou branco e dourado misturados em guirlandas de folhas douradas e lírios imaculados: onde quer que drapejados estivessem pendurados, onde quer que os tapetes estivessem estendidos, a única cor empregada era um tom profundo de escarlate. Pendendo do domo, ardia uma massa que me deslumbrou, uma massa, eu pensei, de cristal de rocha, com facetas cintilantes, com uma cascata de gotas, flamejante com estrelas, e maravilhosamente colorida com borrifos de pedras preciosas dissolvidas, ou fragmentos trêmulos de arco-íris. Era apenas o candelabro, leitor, mas, para mim, parecia ser o trabalho de gênios orientais: eu quase dei uma olhada para ver se uma grande, morena e nebulosa mão (a do Gênio da Lâmpada) não estava pairando na atmosfera lustrosa e perfumada da cúpula, guardando seu maravilhoso tesouro.

Nós prosseguimos, eu não sabia para onde, mas em algum canto subitamente nos deparamos com outro grupo, vindo do lado oposto. Eu ainda agora vejo aquele grupo, como ele surgiu à minha frente por uns instantes. Uma bela mulher de meia-idade com veludo escuro; um cavalheiro que poderia ser o filho dela, o rosto mais belo, a melhor tez que eu jamais vira, eu pensei; uma terceira pessoa com um vestido cor-de-rosa e um manto de renda negra.

Observei todos eles (a terceira pessoa tanto quanto as outras duas) e, por uma fração de segundo acreditei que eles fossem todos estranhos, assim tendo uma impressão imparcial da aparência deles. Mas a impressão mal foi sentida e não se fixou, antes que a consciência de eu ter olhado para um grande espelho, que ocupava um compartimento entre dois pilares, a dissipasse: o grupo era nosso próprio grupo. Então, pela primeira, e talvez única vez na minha vida, desfrutei do “dom” de me ver assim como os outros me veem. Não há necessidade de ficar falando no

assunto. Ele ocasionou um sobressalto de discórdia, uma pontada de tristeza; não foi nada lisonjeiro; entretanto, afinal de contas, eu deveria me sentir grata: poderia ter sido pior.

Finalmente, nós nos sentamos em lugares que tinham uma bela vista geral daquele hall amplo e deslumbrante, mas acolhedor e alegre. Ele já estava lotado, e lotado com um esplêndido grupo de pessoas. Eu não sei se as mulheres eram muito bonitas, mas seus vestidos eram perfeitos; e as estrangeiras, mesmo as que são pouco graciosas na intimidade doméstica, parecem possuir o talento de parecer graciosas em público: por mais bruscos e turbulentos que sejam os movimentos quotidianos e domésticos ligados a penhoares e papelotes, há um deslocamento suave, uma inclinação, uma postura da cabeça e dos braços, uma expressão da boca e dos olhos, mantidos bem reservados para as ocasiões de gala, sempre apresentados com a grande toilette, e devidamente adornados com a "parure".

Algumas belas formas havia aqui e acolá, modelos de um estilo peculiar de beleza; um estilo, eu acho, que nunca é visto na Inglaterra; um estilo sólido, firme e escultural. Essas formas não têm ângulos: uma cariátide de mármore é quase tão flexível; uma deusa de Fídias não é mais perfeita em seu modo tranquilo e majestoso. Elas têm rostos assim como os que os pintores flamengos dão para suas madonas: traços clássicos dos Países Baixos, regulares, mas cheios; retos, mas impassíveis; e quanto à profundidade da sua calma inexpressiva, de paz sem paixões, somente um campo coberto de neve nos polos poderia oferecer um paralelo. Mulheres desse tipo não necessitam de ornamentos, e elas raramente os usam; os cabelos macios, bem trançados, oferecem um contraste suficiente para a face e a testa macias; o vestido não pode ser simples demais; o braço arredondado e o pescoço perfeito não precisam nem de braceletes nem de colares.

Certa vez eu tive a honra e o prazer de travar um bom conhecimento com uma dessas beldades: a força inerte do profundo e arraigado amor que ela nutria por si mesma era maravilhosa; ela só poderia ser sobrepujada por sua orgulhosa impotência de se preocupar com qualquer outra criatura

viva. Suas veias frescas não transportavam sangue; uma linfa plácida preenchia e quase obstruía suas artérias.

Uma Juno como eu descrevi sentava-se bem à nossa frente — um tipo de referência para todos os olhares, e bastante consciente de sê-lo, mas imune à magnética influência do olhar fixo ou relanceado: fria, arredondada, loira e bela como a coluna branca, encimada de ouro, que se erguia ao seu lado.

Observando que a atenção do Dr. John estava muito voltada para ela, eu lhe supliquei em voz baixa, "pelo amor de Deus, que protegesse bem seu coração. Você não tem de se apaixonar por *essa* dama", eu disse, "porque, já o deixo de sobreaviso, você poderia morrer aos pés dela, e ela não o amaria em retorno".

— Muito bem — disse ele —, e como você sabe que o espetáculo de sua grandiosa insensibilidade não pode ser, para mim, o mais forte estímulo para prestar homenagem? A pontada do desespero é, acredito, um maravilhoso excitante para minhas emoções: porém (dando de ombros), você nada entende dessas coisas; vou me dirigir à minha mãe. Mamãe, eu estou correndo perigo.

— Como se isso me interessasse! — disse a Sra. Bretton.

— Ai de mim! Quão cruel é meu destino! — respondeu seu filho. — Homem algum jamais teve uma mãe mais insensível que a minha: ela nunca parece pensar que tal calamidade possa aparecer na vida dela sob a forma de uma nora.

— Se eu não penso, não é por falta de ter essa mesma calamidade pendendo acima da minha cabeça: você tem me ameaçado com ela pelos últimos dez anos. "Mamãe, vou me casar logo!" foi a exclamação antes mesmo de você deixar as calças curtas.

— Mas, mãe, um dia destes isso vai acontecer. De repente, quando a senhora julgar que está mais segura, vou partir como Jacó ou Esaú, ou qualquer outro patriarca, e arrumar uma esposa para mim: talvez uma dessas que são filhas da região.

— Será responsabilidade sua, John Graham! E só isso.

— Essa minha mãe quer que eu seja um velho solteirão. Que velha senhora ciumenta ela é! Mas, olhe para aquela esplêndida criatura com vestido de cetim azul-claro, e cabelos castanho-claros, com “reflets satinés” [4] como o da robe [5] dela. A senhora não se sentiria orgulhosa, mamãe, se eu trouxesse essa deusa para casa um dia, e a apresentasse como a Sra. Bretton Júnior?

— Você não vai trazer nenhuma deusa para La Terrasse: aquele château pequeno não vai abrigar duas patroas; sobretudo se a segunda for da altura, do tamanho e da circunferência daquela impressionante boneca de madeira e cera, e peles e cetim.

— Mamãe, ela ocuparia sua cadeira azul de modo tão admirável!

— Ocupar minha cadeira? Eu desafio a usurpadora estrangeira! Uma triste cadeira seria para ela: mas, fique quieto, John Graham! Feche sua boca, e use seus olhos.

Durante o desentendimento acima citado, o hall, que eu julgara lotado na hora da entrada, continuava a receber grupo após grupo, até que o semicírculo perante o palco apresentou uma densa massa de cabeças, elevando-se do chão até o teto. O palco também, ou melhor, a ampla plataforma temporária, maior que qualquer palco, deserta meia hora antes, estava agora transbordando de vida; ao redor de dois pianos de cauda, colocados perto do centro, um grupo branco de meninas, as alunas do Conservatoire, [6] havia entrado silenciosamente. Eu as havia percebido se reunindo enquanto Graham e sua mãe estavam ocupados discutindo a belle de cetim azul, e havia observado com interesse o modo como elas se arrumavam e se organizavam. Dois cavalheiros, os quais eu vi que eram pessoas conhecidas, controlavam essa tropa virginal. Um deles, um homem com aparência artística, de barba e com longos cabelos, era um conhecido pianista, e também o principal professor de música de Villette; ele comparecia duas vezes por semana no pensionnat de Madame Beck, para dar aulas para as poucas alunas cujos pais eram ricos o suficiente para permitir que suas filhas tivessem o privilégio de sua instrução; o nome dele era M. Josef Emanuel, e ele era meio-irmão de M. Paul: e esta enérgica personagem era agora visível na figura do segundo cavalheiro.

M. Paul me divertia; eu sorri comigo mesma enquanto o olhava; ele parecia estar tão completamente em seu elemento: parado, conspícuo na presença de uma ampla e grande plateia, arranjando, contendo, deixando muito impressionadas umas cem jovens. Ele era, também, tão perfeitamente cuidadoso, tão energético, tão concentrado, e, acima de tudo, tão absoluto: e, contudo, o que ele estava fazendo ali? O que tinha ele que ver com música ou com o Conservatoire, ele, que mal conseguia distinguir uma nota musical da outra? Eu sabia que era o amor que ele sentia pela exibição e a autoridade que o havia levado até lá, um amor não ofensivo apenas por ser tão ingênuo. Logo ficou claro que seu irmão, M. Josef, estava tanto sob o controle dele quanto as próprias meninas. Jamais houve homenzinho tão combativo quanto aquele M. Paul! Antes que muito tempo se passasse, alguns conhecidos cantores e músicos apareceram na plataforma: enquanto essas estrelas ascendiam, o professor parecido com um cometa se acomodou. Insuportáveis para ele eram todas as notoriedades e celebridades: ele fugia de onde não podia ser quem mais brilhasse.

E agora tudo estava preparado: apenas um compartimento no hall esperava para ser ocupado: um compartimento forrado de escarlate, assim como a grande escadaria e as portas, mobiliado com bancos estofados e almofadados, colocados de cada lado de duas cadeiras régias estofadas de vermelho, instaladas solenemente sob um dossel.

Um sinal foi dado, as portas se abriram, a plateia se levantou, a orquestra começou a tocar, e, sob a explosão de um coral de boas-vindas, entram o rei, a rainha e a corte de Labassecour.

Até então, eu jamais colocara os olhos em um rei ou uma rainha vivos; é possível, consequentemente, conjecturar quanto agucei meus poderes visuais para apreciar esses espécimes da realeza europeia. Para qualquer um que se depare com a majestade pela primeira vez, sempre será sentida uma vaga surpresa, que se aproxima da decepção, que ela não apareça sentada, en permanence, [7] em um trono, encimada com uma coroa, e provida, quanto às mãos, com um cetro. Tentando ver um rei e uma rainha,

e vendo apenas um soldado de meia-idade e uma mulher bastante jovem, eu me senti um pouco enganada, um pouco satisfeita.

Bem eu me lembro daquele rei: um homem de seus cinquenta anos, um pouco encurvado, um pouco grisalho: não havia um rosto naquela multidão que se assemelhasse ao dele. Eu nunca havia lido, nem jamais soubera nada relacionado à sua natureza ou aos seus costumes; e, a princípio, os fortes hieróglifos gravados como se fossem por um estilete de aço na sua testa, ao redor dos olhos e ao lado da boca, aturdiam e confundiam os instintos. Logo depois, entretanto, se eu não *sabia* , pelo menos *sentia* o significado daqueles sinais que não haviam sido escritos por mãos. Lá se sentava um sofredor silencioso, um homem nervoso e melancólico. Aqueles olhos haviam observado as visitações de determinado fantasma, haviam por muito tempo esperado as idas e vindas daquela mais estranha das aparições, Hipocondria. Talvez ele a visse então naquele palco, oposta a ele, em meio àquela multidão faiscante. A Hipocondria tem esse costume, de se erguer em meio a milhares, sombria como a Ruína, pálida como a Enfermidade, e quase tão poderosa quanto a Morte. Sua companheira e vítima pensa que está feliz em um momento; "Nada disso", diz ela, "estou vindo". E ela congela o sangue no coração da pessoa, e empana a luz de seus olhos.

Algumas pessoas podem dizer que era a coroa estrangeira pressionando as têmporas do rei que as curvava naquelas peculiares e dolorosas pregas; algumas podem citar os efeitos do sofrimento prematuro. Pode haver um pouco de ambos; mas esses elementos eram amargurados pelo mais negro inimigo da humanidade, a melancolia constitucional. A rainha, sua esposa, tinha consciência disso: parecia-me que o reflexo do pesar do seu marido jazia, como uma sombra subjugadora, no seu próprio rosto benigno. Uma mulher meiga, pensativa, graciosa, aquela princesa parecia ser; não bela, de modo nenhum parecida com as mulheres de encanto sólido e sentimentos marmóreos descritas uma ou duas páginas atrás. Seu corpo era de um tipo mais esguio; seus traços, embora bastante distintos, eram demasiadamente indicadores de dinastias reinantes e linhagens reais para transmitir um prazer sem

ressalvas. A expressão que revestia aquele perfil era agradável na atual circunstância; mas era impossível não relacioná-la a efígies recordadas, nas quais traços semelhantes apareciam, em certas circunstâncias ignóbeis; fracos ou sensuais, ou ardilosos, conforme fosse o caso. Os olhos da rainha, contudo, eram dela; e piedade, bondade e uma doce simpatia os abençoavam com a mais divina das luzes. Seus movimentos não eram os de uma soberana, mas de uma dama, gentil, amável, elegante. Seu filhinho, o príncipe de Labassecour e jovem Duc de Dindonneau, a acompanhava: ele se recostava nos joelhos da mãe e, de tempos em tempos, durante aquela noite, eu a vi observando o monarca a seu lado, consciente de sua abstração melancólica, e desejosa de fazê-lo esquecê-la atraindo a atenção dele para o filho. Com frequência ela inclinava a cabeça para ouvir as observações feitas pelo menino, e então as repetia sorridente para seu pai. O taciturno rei se sobressaltava, ouvia, sorria, mas, invariavelmente, se abstraía assim que seu anjo bom deixava de falar. Tão triste e significativo era aquele espetáculo! E não menos porque, tanto para a aristocracia quanto para a honesta bourgeoisie [8] de Labassecour, sua peculiaridade parecia ser completamente invisível: eu não consegui descobrir que uma alma ali presente estivesse afetada ou emocionada.

Com o rei e a rainha havia entrado sua corte, composta de dois ou três embaixadores estrangeiros; e com eles veio a elite dos estrangeiros residentes em Villette. Eles se apossaram dos bancos escarlates; as damas se sentaram; a maioria dos homens permaneceu em pé: sua fileira negra, guarnecendo a parte posterior, estabelecia um escuro contraste para o esplendor exposto à frente. E nem era esse esplendor destituído de variações de luz e de sombra e de tonalidade: a parte do meio era composta por matronas em veludos e cetins, em plumas e pedras preciosas; os bancos na parte da frente, do lado direito da rainha, pareciam dedicados exclusivamente às jovens moças, a flor (ou talvez eu devesse dizer a flor em botão) da aristocracia de Villette. Ali não havia joias, nem chapéus, nem acúmulo de veludos ou seda brilhante: pureza, simplicidade e uma graça intangível reinavam naquele grupo virginal. Jovens cabeças com penteados simples, e belas formas (eu ia escrever formas *de* sílfide,

mas, isso não teria sido verdade: diversas dessas “jeunes filles”, que não teriam mais de dezesseis ou dezessete anos, ostentavam contornos tão robustos e sólidos como os de uma robusta inglesa de vinte e cinco anos), belas formas vestidas de branco, ou rosa pálido, ou azul discreto sugeriam ideias de céu e de anjos. Eu conhecia uns dois, pelo menos, desses espécimes humanos “rose et blanc”. [9] Ali estavam duas antigas alunas de Madame Beck, Mesdemoiselles Mathilde e Angélique: alunas que, durante seu último ano de escola, deveriam ter ficado na primeira classe, mas cujos cérebros nunca as colocaram além da segunda turma. Em inglês, elas tinham ficado sob minha tutela, e foi um trabalho duro fazê-las traduzir de modo racional uma página de *O vigário de Wakefield* . Também durante três meses eu tivera uma delas como minha vis-à-vis à mesa, e a quantidade de pão caseiro, manteiga, e frutas em conserva que ela costumava consumir no “second déjeuner” [10] era realmente uma das maravilhas do mundo atual, a ser excedida somente pelo fato de ela guardar bocados que não conseguia comer. Atenção: eis uma verdade, e uma verdade salutar, também.

Eu conhecia outro desses serafins: a mais bela, ou, de qualquer modo, a que tinha uma aparência menos acanhada e hipócrita do grupo: ela estava sentada ao lado da filha de um lorde inglês, também uma moça honesta, embora tivesse um olhar altivo; ambas haviam entrado no cortejo da embaixada inglesa. Ela (*i.e.* minha conhecida) tinha um corpo esbelto e flexível, nem um pouco parecido com as formas das donzelas estrangeiras: seu cabelo, também, não estava preso, como uma concha ou uma touca de cetim; ele *se parecia* com cabelo, e caía sobre os ombros, longo, cacheado e natural. Ela conversava com volubilidade, e parecia estar cheia de um tipo de satisfação frívola com sua própria pessoa e sua posição. Não olhei para o Dr. Bretton; mas sabia que ele também tinha visto Ginevra Fanshawe: ele havia ficado muito quieto, respondia com muita brevidade às observações da sua mãe, com muita frequência reprimia um suspiro. Por que deveria ele suspirar? Ele havia confessado ter gosto pela perseguição do amor em meio às dificuldades; eis uma total gratificação para esse gosto. Sua amada resplandecia sobre ele de uma esfera mais

elevada: ele não poderia se aproximar dela; não tinha certeza de que conseguiria merecer um olhar dela. Fiquei olhando para ver se ela o favoreceria tanto. Nossos assentos não estavam longe dos bancos escarlates; deveríamos inevitavelmente ser vistos de lá, por olhos tão vivos e borboleteantes como os da Srta. Fanshawe, e rapidamente o binóculo dela estava sobre nós: pelo menos, sobre o Dr. e a Sra. Bretton. Eu me mantive mais na sombra e fora do campo de visão, não desejando ser imediatamente reconhecida; ela olhou com muita firmeza para o Dr. John, e então ergueu o binóculo para examinar a mãe dele; um ou dois minutos depois, ela sussurrou alguma coisa para sua companheira, rindo; com o começo do espetáculo, sua atenção errante foi atraída para a plataforma.

Não me deterei no concerto; o leitor não faria questão de ter minhas impressões a esse respeito: e, na verdade, não valeria a pena registrá-las, por serem as impressões de uma ignorância crassa. As jovens do Conservatoire, estando muito assustadas, fizeram uma trêmula exibição nos dois grandes imponentes pianos. M. Josef Emanuel ficou ao lado delas enquanto elas tocavam; porém, ele não tinha o tato ou a influência de seu parente, que, em circunstâncias semelhantes, teria com toda a certeza *obrigado* suas alunas a se comportar com heroísmo e autodomínio. M. Paul teria colocado as histéricas debutantes entre a cruz e a caldeirinha: o terror da plateia e o terror dele próprio, e as teria inspirado com a coragem nascida do desespero, fazendo que o último terror fosse incomparavelmente o maior: M. Josef não era capaz de fazer isso.

Depois das pianistas de musselina branca, veio uma bela senhora carrancuda e adulta, usando cetim branco. Ela cantou. Seu canto me atraiu como os truques de um mágico: fiquei pensando como ela fazia aquilo, como ela fazia sua voz ascender e descer, e dava aquelas cabriolas maravilhosas; porém, uma simples melodia escocesa, tocada por um rude músico de rua, com frequência me emocionou mais profundamente.

Depois subiu ao palco um cavalheiro, que, inclinando bastante o corpo na direção do rei e da rainha, e frequentemente aproximando a mão enluvada de branco da altura do coração, fez um amargo desabafo contra

uma tal de “fausse Isabelle”. [11] Eu achei que ele parecia solicitar especialmente a simpatia da rainha; mas, a não ser que eu esteja redondamente enganada, sua majestade prestou atenção mais com a calma da cortesia que com a sinceridade do interesse. O estado de espírito desse cavalheiro era triste demais, e eu fiquei feliz quando ele encerrou sua exibição musical desse estado.

Alguns corais vibrantes soaram para mim como a melhor parte do entretenimento da noite. Estavam presentes representantes de todas as melhores sociedades corais das províncias; nativos Labassecouriens genuínos e atarracados. Essas sumidades cantaram sem usar meias palavras; seus calorosos esforços tiveram pelo menos esse bom resultado: o ouvido tirava deles uma satisfatória sensação de poder.

Durante toda a apresentação (tímidos duetos instrumentais, arrogantes solos vocais, corais sonoros e com toques metálicos) minha atenção dedicou somente um olho e um ouvido para o palco; os outros estando permanentemente conservados a serviço do Dr. Bretton: eu não conseguia esquecê-lo, nem deixar de me perguntar como ele estaria se sentindo, se estava se divertindo, ou o contrário. Finalmente, ele se manifestou:

— E o que você está achando disso tudo, Lucy? Você está muito quieta — disse ele, com sua característica voz alegre.

— Eu estou quieta — respondi — porque estou muito, *muito* interessada: não apenas pela música, mas por tudo ao meu redor.

Ele então passou a fazer mais algumas observações, com tanta equanimidade e compostura que comecei a pensar que ele não havia visto mesmo o que eu havia visto, e sussurrei:

— A Srta. Fanshawe está aqui: você a viu?

— Oh, sim! E observei que você a viu também.

— Acha que ela veio com a Sra. Cholmondeley?

— A Sra. Cholmondeley está ali com um grande grupo. Sim, Ginevra estava no séquito *dela* ; e a Sra. Cholmondeley estava no séquito de Lady ***, que estava no séquito da rainha. Se esta não fosse uma das compactas cortes europeias de menor importância, cujas próprias formalidades são pouco mais imponentes que a familiaridade, e cuja grandeza solene não é

nada mais que simplicidade doméstica em trajes dominicais, tudo isso seria muito bom.

— Eu acho que Ginevra o viu.

— Eu também acho. Fiquei olhando-a diversas vezes desde que você parou de olhá-la; e tive a honra de testemunhar um pequeno espetáculo que você foi poupada de ver.

Eu não perguntei qual fora; esperei por uma informação voluntária, que foi dada logo em seguida.

— A Srta. Fanshawe — disse ele — tem uma companheira; uma dama da nobreza. Casualmente, eu conheço Lady Sara de vista; sua nobre mãe me chamou à sua casa profissionalmente. Ela é uma jovem orgulhosa, mas nem um pouco insolente; e eu duvido que Ginevra tenha conquistado terreno em sua estima transformando seus vizinhos em vítimas de caçoadas.

— Quais vizinhos?

— Simplesmente eu mesmo e minha mãe. Quanto a mim, isso é tudo muito natural: nada, suponho, pode ser um alvo mais fácil que o jovem médico burguês; mas, minha mãe! Eu nunca a vi sendo ridicularizada antes. Você sabe, os lábios franzidos e o binóculo sarcasticamente voltado na direção dela causaram-me a mais curiosa das sensações.

— Não se preocupe com isso, Dr. John: não vale a pena. Se Ginevra estivesse em um estado de espírito leviano, como ela está de modo evidente esta noite, não teria escrúpulos em rir dessa meiga e pensativa rainha, ou do melancólico rei. Ela não age movida pela maldade, mas por uma completa e imprudente tolice. Para uma menina de escola com a cabecinha oca, nada é sagrado.

— Mas você se esquece: eu não estava acostumado a pensar na Srta. Fanshawe como uma menina de escola com a cabecinha oca. Não era ela minha divindade… o anjo da minha vida?

— Hm! Esse foi seu erro.

— Para dizer a pura verdade, sem quaisquer falsas palavras zangadas ou um suposto romance, houve na verdade um momento, seis meses atrás, em que eu a julgava divina. Você se lembra da nossa conversa a respeito

dos presentes? Eu não fui muito franco com você ao discutir o assunto: a veemência com que você o abordou me divertiu. Como um modo de ter o total privilégio do seu conhecimento, permiti que você pensasse que eu estava mais enganado do que realmente estava. Foi o teste com os presentes que, pela primeira vez, provou que Ginevra era mortal. Mesmo assim, sua beleza ainda exercia seu fascínio: três dias… três horas atrás, eu ainda estava muito escravizado por ela. Quando ela passou por mim esta noite, triunfante em sua beleza, minhas emoções prestaram-lhe homenagem; se não fosse por um infeliz escárnio, eu ainda deveria ser o mais humilde de seus servos. Ela poderia ter escarnecido de *mim* , e, mesmo ferindo, ela não teria feito que eu me afastasse: por minha causa, ela não conseguiria fazer em dez anos o que, em um momento, fez por causa da minha mãe.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos. Jamais eu havia visto tanto fogo, e tão pouca luz do sol, nos olhos azuis do Dr. John como nesse momento.

— Lucy — ele voltou a falar —, olhe bem para minha mãe e diga, sem medo ou lisonja, que aparência ela tem para você agora.

— A aparência que ela sempre teve: de uma dama inglesa da classe média; bem-vestida, embora com sobriedade, normalmente livre de fingimentos, com uma constituição tranquila e alegre.

— E assim ela parece ser para mim, abençoada seja! As pessoas felizes podem rir *com* mamãe, mas apenas os fracos irão rir *dela* . Ela não será ridicularizada, com meu consentimento, pelo menos, e não sem meu… meu desprezo… minha antipatia… meu…

Ele se interrompeu: e já era hora, pois ele estava ficando excitado, mais do que parecia justificado pela ocasião. Eu não sabia então que ele havia testemunhado uma dupla causa para sentir-se insatisfeito com a Srta. Fanshawe. O brilho da sua tez, o dilatar das narinas e a ousada curvatura que o desdém imprimia ao seu bem talhado lábio inferior mostravam-no de um modo novo e surpreendente. Contudo, o ímpeto raro de quem tem uma constituição meiga e serena não é um espetáculo agradável; tampouco

eu gostei do tipo de excitação vingativa que percorreu seu corpo jovem e forte.

— Estou assustando você, Lucy? — perguntou ele.

— Não saberia dizer por que você está tão bravo.

— Pela seguinte razão — murmurou ele em meu ouvido. — Ginevra não é nem um anjo puro nem uma mulher de mente pura.

— Tolice! É exagero seu: ela não é assim tão maldosa.

— É demasiado para mim. *Eu* consigo ver onde *você* está cega. Bem, vamos deixar o assunto de lado. Permita-me que eu me divirta importunando mamãe: aposto que ela está ficando cansada. Mamãe, por gentileza, se anime.

— John, eu certamente irei animar você, se você não se comportar melhor. Você e Lucy querem fazer o favor de ficar em silêncio, para que eu possa ouvir o canto?

Eles estavam então trovejando em um coral, sob cuja proteção toda a conversa anterior havia acontecido.

— *A senhora* ouvindo o canto, mamãe! Bem, irei apostar minhas abotoaduras, que são genuínas, contra esse seu broche de vidro…

— Meu broche de vidro, Graham? Menino profano! Você sabe que é uma pedra valiosa.

— Oh! Essa é uma de suas superstições: a senhora foi enganada no negócio.

— Eu sou enganada em menos coisas do que você pensa. Como é que você foi conhecer duas jovens da corte, John? Eu vi que duas delas prestaram bastante atenção em você durante a última meia hora.

— Eu gostaria que a senhora não as observasse.

— E por que não? Porque uma delas direciona seu binóculo satiricamente na minha direção? Ela é uma jovem bela e tola: mas você tem medo de que as risadinhas dela possam desconcertar a velha senhora?

— A sensata e admirável velha senhora! Mãe, a senhora é melhor para mim que dez esposas.

— Não me faça essas declarações, John, ou eu irei desmaiar, e você terá de me carregar para fora; e se esse fardo recaísse sobre você, você

inverteria sua última declaração e exclamaria: “Mãe, dez esposas dificilmente seriam piores para mim do que a senhora é!”.

* * * * *

Terminado o concerto, a loteria “au bénéfice des pauvres” veio em seguida: o intervalo entre eles foi de descanso geral, e das mais agradáveis desordem e comoção que se possa imaginar. O grupo branco foi tirado da plataforma; uma atarefada multidão de cavalheiros lotou-a, organizando tudo para o sorteio; e entre eles, o mais ocupado de todos, reapareceu aquela certa forma tão bem conhecida, não alta, mas ativa, com a energia e os movimentos de três homens altos. Como M. Paul trabalhava! Como ele dava ordens, e, ao mesmo tempo, metia suas próprias mãos à obra! Meia dúzia de assistentes estava ao seu comando para retirar os pianos, etc.; não importava, ele tinha de juntar suas forças às deles. A superfluidade da prontidão dele era um pouco embaraçosa, um pouco hilária: comigo mesma, eu tanto desaprovava a maior parte desse alvoroço, quanto escarnecia dele. Contudo, em meio ao preconceito e ao aborrecimento, eu não conseguia deixar, enquanto observava, de perceber certa naïveté não de todo desagradável em tudo que ele fazia e dizia; tampouco conseguia ficar indiferente a certas características vigorosas da sua fisionomia, tornadas conspícuas então pelo contraste com uma multidão de rostos mais controlados: a profunda e decidida perspicácia dos seus olhos, o poder da sua testa pálida e ampla, a mobilidade da sua boca tão flexível. Ele não tinha a calma da força, mas seus movimentos e seu ímpeto ele claramente possuía.

Enquanto isso, todo o hall estava em grande rebuliço; a maior parte das pessoas se levantou e ficou em pé, para variar; algumas saíram, todas conversavam e riam. O compartimento escarlate apresentou uma cena particularmente animada. A longa nuvem de cavalheiros, fragmentando-se, misturou-se à linha colorida das damas; dois ou três homens com aparência de oficiais do exército se aproximaram do Rei e conversaram com ele. A Rainha, levantando-se da sua cadeira, deslizou perante a fila de

jovens moças, que ficaram todas em pé enquanto ela passava; e para cada uma delas eu a vi conceder alguma demonstração de gentileza: uma palavra, um olhar ou um sorriso amável. Para as duas belas moças inglesas, Lady Sara e Ginevra Fanshawe, ela dirigiu diversas frases; quando ela as deixou, ambas, sobretudo a última, pareciam reluzir de contentamento. Em seguida, diversas damas se aproximaram, e um pequeno círculo de cavalheiros se formou ao redor delas; entre eles, o mais próximo de Ginevra, estava o Conde de Hamal.

— Esta sala está insuportavelmente quente — disse o Dr. Bretton, levantando-se com súbita impaciência. — Lucy… mãe… querem vir comigo para tomar um pouco de ar fresco?

— Vá com ele, Lucy — disse a Sra. Bretton. — Eu prefiro ficar sentada.

Eu também preferiria ter ficado sentada, mas o desejo de Graham deveria ter preferência em relação ao meu; eu o acompanhei.

O ar da noite nos pareceu cortante; ou, pelo menos, assim eu achei: Graham não pareceu senti-lo; mas ele estava completamente parado, e o céu semeado de estrelas se estendia sem nuvens. Eu estava envolta em um manto de peles. Nós demos algumas voltas pela calçada; ao passarmos sob um poste, o olhar de Graham se deparou com o meu.

— Você parece estar pensativa, Lucy: é por minha causa?

— Eu só estava com medo de você estar entristecido.

— De maneira alguma: então, fique alegre, assim como eu estou. Quando eu morrer, Lucy, tenho a certeza de que não vai ser por problemas do coração. Eu posso ser atingido, posso parecer desanimado por certo tempo, mas nenhuma dor ou doença relacionada a sentimentos se apoderou de todo o meu organismo. Você tem-me visto sempre de bom humor em casa?

— Geralmente.

— Eu fico feliz por ela ter caçoado da minha mãe. Eu não trocaria a velha senhora por uma dúzia de beldades. Aquele escárnio me fez todo o bem do mundo. Obrigado, Srta. Fanshawe! — e ele tirou o chapéu de seus cabelos revoltos, e fez uma reverência jocosa.

— Sim — disse ele. — Sou grato a ela. Ela me fez sentir que nove em dez partes do meu coração sempre estiveram em plenas condições de saúde, e a décima sangrou por causa de uma mera picada: uma picada de um bisturi, que vai se curar em um piscar de olhos.

— Você está irritado agora, afogueado e indignado; amanhã vai sentir e pensar de modo diferente.

— *Eu* afogueado e indignado! Você não me conhece. Pelo contrário, o fogo se foi: estou tão frio quanto a noite… que, por falar nisso, pode estar fria demais para você. Vamos entrar.

— Dr. John, essa é uma mudança repentina.

— Não é: ou, se for, há boas razões para ela acontecer… duas boas razões: eu contei uma delas para você. Mas, vamos entrar.

Não foi fácil voltarmos aos nossos lugares; a loteria havia começado, e reinava uma confusão excitada; uma multidão bloqueava o tipo de corredor pelo qual tínhamos de passar: foi necessário fazer uma pausa. Casualmente olhando ao meu redor (na verdade, eu quase imaginei ter ouvido meu nome pronunciado) vi bem perto o onipresente e inevitável M. Paul. Ele estava me olhando sério e com atenção; para mim, ou melhor, para meu vestido cor-de-rosa, a respeito do qual um comentário sardônico brilhava em seus olhos. Bem, era então costume dele se dedicar às restrições quanto à vestimenta, tanto das professoras quanto das alunas, na escola de Madame Beck, um costume que esta, pelo menos, considerava uma impertinência ofensiva: até então, eu não havia sofrido por causa disso (minha escura indumentária quotidiana não sendo concebida para chamar a atenção). Eu não estava com a menor disposição para permitir nenhuma nova intrusão naquela noite: em vez de aceitar seus gracejos, eu iria ignorar a presença dele, e, devidamente, voltei com resolução o rosto para a manga do casaco do Dr. John, encontrando nessa manga negra uma perspectiva mais promissora de prazer e de conforto, mais cordial e mais amigável que a oferecida pelas pouco amáveis feições do professorzinho moreno. O Dr. John pareceu inconscientemente sancionar a preferência olhando para baixo e dizendo com sua voz gentil:

— Oh, fique bem perto de mim, Lucy; esses cidadãos amontoados não respeitam as pessoas.

Entretanto, eu não consegui me ater à minha resolução. Cedendo a alguma influência hipnótica ou algo parecido (uma influência não bem recebida, desagradável, mas eficiente) eu uma vez mais olhei ao meu redor para ver se M. Paul havia ido embora. Não, lá estava ele no mesmo local, ainda olhando, porém, com um olhar diferente; ele havia entrado em meus pensamentos, e lido neles meu desejo de evitá-lo. O olhar fixo, caçoísta, mas não mal-humorado, havia se transformado em um cenho franzido, e quando eu o cumprimentei, tendo em vista uma reconciliação, recebi apenas o mais rígido e mais austero dos acenos em retribuição.

— Quem foi que você deixou zangado, Lucy? — sussurrou o Dr. Bretton, sorrindo. — Quem é esse seu amigo de aparência selvagem?

— Um dos professores na escola de Madame Beck: um homenzinho muito mal-humorado.

— Ele parece profundamente mal-humorado agora: o que você lhe fez? O que está acontecendo? Ah, Lucy, Lucy! Diga-me o que isso tudo significa.

— Não é nenhum mistério, posso garantir. M. Emanuel é muito exigente, e como eu olhei para a manga do seu casaco, em vez de cumprimentá-lo e fazer-lhe uma reverência, ele acha que eu faltei-lhe com o respeito.

— O pequeno… — começou o Dr. John: eu não sei o que mais ele teria acrescentado, pois naquele momento eu quase fui jogada entre os pés da multidão. M. Paul havia, com muita rudeza, passado por nós, e estava abrindo caminho a cotoveladas com tamanho desdém pelas conveniências e pela segurança de todos ao seu redor, que uma pressão bastante inconfortável foi a consequência.

— Acredito que ele seja o que ele próprio definiria como “méchant” [12] — disse o Dr. Bretton. Eu também achava.

Lentamente, e com dificuldade, abrimos caminho pela passagem, e finalmente retornamos a nossos assentos. O sorteio da loteria durou quase uma hora; foi uma cena animada e divertida; e como todos nós tínhamos

bilhetes, participávamos da alternância entre a esperança e o temor que cada volta da roda suscitava. Duas menininhas, de cinco e seis anos de idade, sortearam os números, e os prêmios eram devidamente anunciados da plataforma. Esses prêmios eram numerosos, embora de pequeno valor. E aconteceu que o Dr. John e eu, cada qual ganhou um: o meu era uma cigarreira; o dele, um chapéu para senhora: um turbante de um tipo muito delicado, azul e cor de prata, com plumas de um lado, como uma nuvem branca. Ele estava excessivamente ansioso para fazer uma troca, mas não conseguiu me fazer ouvir a voz da razão, e até hoje conservo minha cigarreira: ela serve, quando a olho, para me fazer lembrar os velhos tempos e uma noite feliz.

Por sua vez, o Dr. John segurou seu turbante entre o indicador e o polegar, com o braço estendido, e olhava para ele com uma mistura de reverência e de embaraço que incitava e muito à risada. Tendo acabado de contemplá-lo, estava prestes a colocar o tecido delicado com toda frieza no chão, entre seus pés; ele parecia não ter a menor ideia do tratamento que o turbante merecia ou do modo de guardá-lo: se sua mãe não tivesse vindo salvá-lo, acho que Graham teria acabado por esmagá-lo sob o braço, como um chapéu; ela o devolveu à caixa de papelão da qual ele havia surgido.

Graham permaneceu bastante alegre a noite toda, sua alegria parecia natural, e não forçada. Seu comportamento e sua aparência não são facilmente descritos; havia algo neles que era peculiar, e, a seu modo, original. Eu via neles um controle pouco comum dos sentimentos, e uma reserva de profunda e saudável força que, sem qualquer esforço exaustivo, exercia pressão sobre o Dissabor e extraía seu ferrão. Seus modos, então, me faziam pensar nas qualidades que eu havia percebido nele quando estava ocupado profissionalmente entre os pobres, os culpados e os sofredores de Basse-Ville: ele parecia ao mesmo tempo determinado, paciente e amistoso. Quem poderia não gostar dele? *Ele* não transparecia nenhuma fraqueza que perturbasse os nossos sentimentos com a possibilidade de lidar com elas; *dele* não se originava uma irritabilidade que dissipasse a calma e extinguisse a felicidade; *seus* lábios não

proferiam palavras cáusticas que ferissem até os ossos; *seus* olhos não atiravam dardos rabugentos que penetrassem frios e enferrujados e carregados de veneno através do nosso coração: ao lado dele eram encontrados o descanso e o refúgio; ao redor dele, a acolhedora luz do sol.

E, contudo, ele não havia nem perdoado nem esquecido a Srta. Fanshawe. Uma vez enraivecido, duvido que o Dr. Bretton fosse do tipo que logo é apaziguado; uma vez afastado, suponho que jamais fosse possível reconquistá-lo. Ele olhou para ela mais de uma vez; não de modo furtivo ou com humildade, mas com um movimento de observação ousado e franco. De Hamal era então um acessório ao lado dela; a Sra. Cholmondeley sentava-se por perto, e eles e ela estavam profundamente envolvidos na conversa, na alegria e na excitação, com os quais os assentos escarlates estavam tão animados quanto quaisquer lugares plebeus do hall. Durante uma conversa aparentemente animada, Ginevra uma ou duas vezes ergueu a mão e o braço, tendo neste brilhado um lindo bracelete. Eu vi que o brilho da joia cintilou nos olhos do Dr. John, acendendo neles uma centelha desdenhosa e cheia de ira; ele riu:

— Acho — disse ele — que vou depositar meu turbante no meu costumeiro altar de oferendas; lá, de qualquer modo, ele com certeza será apreciado: nenhuma grisette tem uma maior capacidade de aceitação. Estranho! Pois, afinal de contas, sei que ela é uma moça de família.

— Mas não sabe como ela foi educada, Dr. John — disse eu. — Durante toda a sua vida jogada de uma escola estrangeira para outra, ela pode simplesmente apresentar como argumento a ignorância para mitigar a maior parte de seus defeitos. E além do mais, pelo que ela diz, acredito que o pai e a mãe dela tenham sido criados mais ou menos do modo como ela foi criada.

— Eu sempre ouvi dizer que ela não tinha dinheiro, e certa época eu sentia prazer em pensar nisso — disse ele.

— Ela me diz — respondi — que a família dela é pobre; ela sempre fala com muita franqueza desses assuntos: ela não é flagrada na mentira, ao contrário dessas estrangeiras que mentem com tanta frequência. Os pais dela têm uma grande família: eles estão em uma posição e têm tais

conexões que, na opinião deles, requerem a ostentação; a combinação da necessidade premente e da constitutiva falta de reflexão ocasionou uma temerosa falta de escrúpulos quanto ao modo de eles conseguirem os meios para manter uma boa aparência. Essa é a situação, e a única situação que ela testemunhou desde a infância até agora.

— Acredito nisso… e achei que conseguiria talhá-la em algo melhor: mas, Lucy, para dizer bem a verdade, eu experimentei uma sensação nova esta noite, ao observar Ginevra e de Hamal. Eu a senti antes de perceber a impertinência dirigida à minha mãe. Vi um olhar trocado entre eles assim que entraram, e essa troca de olhares lançou uma luz das mais indesejadas em minha mente.

— O que isso quer dizer? Já faz tempo que chegou a seu conhecimento o namorico que eles estão mantendo?

— Ah, namorico! Esse seria um inocente estratagema de uma mocinha para atrair o verdadeiro apaixonado; mas aquilo a que me refiro não é namorico: era um olhar que indicava um entendimento mútuo e secreto; não era nem próprio de uma mocinha nem inocente. Nenhuma mulher, mesmo que fosse tão bela quanto Afrodite, que lançasse ou recebesse um olhar desses, jamais seria cogitada por mim para o casamento: eu preferiria me casar com uma paysanne [13] de saias curtas e touca alta e ter a certeza de sua honestidade.

Não pude deixar de sorrir. Eu tinha certeza de que ele estava então exagerando: Ginevra, eu tinha certeza, era bastante honesta, com toda sua frivolidade. Eu disse isso a ele. Graham balançou a cabeça, e disse que não seria o homem que colocasse nas mãos dela a sua honra.

— A única coisa — disse eu — que seria possível confiar totalmente a ela. Ginevra poderia sem o menor escrúpulo destruir os bolsos e a propriedade do seu marido; imprudentemente atiçar sua paciência e seu temperamento: não acredito que ela fosse macular, ou permitir que outros maculassem, a honra dele.

— Você está transformando-se em defensora dela — disse ele. — Quer que eu retorne à minha antiga escravidão?

— Não: estou feliz por vê-lo libertado, e espero que assim permaneça por muito tempo. Mas peço que seja, ao mesmo tempo, justo.

— E sou; assim como Radamanto, Lucy. A partir do momento em que fico completamente distanciado, não consigo deixar de ser severo. Mas, veja! O rei e a rainha estão levantando-se. Gosto dessa rainha: ela tem um rosto meigo. Mamãe, também, está excessivamente cansada; nós nunca levaremos a velha senhora de volta para casa se ficarmos mais tempo.

— Eu, cansada, John? — exclamou a Sra. Bretton, parecendo, pelo menos, tão animada e desperta quanto seu filho. — Eu ainda conseguiria ficar acordada por mais tempo que você: que nós dois fiquemos aqui até de manhã, e veremos quem parece estar mais exausto ao raiar do sol.

— Eu não gostaria de passar pela experiência; pois, para dizer a verdade, mamãe, a senhora é a mais perene das sempre-vivas e a mais viçosa das matronas. Então, em nome dos nervos delicados e da frágil constituição de seu filho é que eu faço a solicitação para nosso rápido retorno.

— Jovem indolente! Você gostaria de estar na cama, sem dúvida; e suponho que sua vontade deva ser feita. E eis Lucy, também, com jeito de estar bem cansada. Que vergonha, Lucy! Na sua idade, uma semana de entretenimentos noturnos não me teria deixado nem um pouquinho mais pálida. Venham, vocês dois; e vocês podem rir da velha senhora quanto quiserem, mas, quanto a mim, vou me encarregar da caixa de papel e do turbante.

O que ela fez, devidamente. Eu me ofereci para ajudá-la, mas ela recusou minha oferta com um desprezo gentil: minha madrinha disse que eu tinha muito que fazer cuidando de mim mesma. Sem a menor cerimônia naquela hora, em meio à alegre “confusão ainda mais confusa” que se sucedeu à partida do rei e da rainha, a Sra. Bretton nos precedeu, e rapidamente abriu caminho para nós entre a multidão. Graham a seguiu, declarando que a sua mãe era a mais exuberante grisette encarregada de uma caixa de papel que ele tivera a sorte de ver; ele também queria que eu observasse a afeição dela pelo turbante azul-celeste, e anunciou sua convicção de que ela desejava usá-lo um dia.

A noite estava então bastante fria e escura, mas em pouco tempo encontramos a carruagem. Logo estávamos dentro dela, tão agasalhados e confortáveis como se estivéssemos ao pé de uma lareira; e o percurso para casa foi, acho, ainda mais agradável que a ida para o concerto. Agradável ele foi, ainda que o cocheiro, tendo passado no estabelecimento de um "marchand de vin" [14] parte do tempo que nós passamos no concerto, nos tenha levado ao longo de uma chaussée escura e solitária bem mais adiante da entrada que conduzia para La Terrasse; nós, que estávamos ocupados conversando e rindo, não percebemos o erro, até que, finalmente, a Sra. Bretton afirmou que, embora sempre tivesse considerado o château um local afastado, não sabia que se localizava no fim do mundo, como lhe parecia ser então o caso, pois ela acreditava que tivéssemos viajado por uma hora e meia, e não havíamos ainda entrado na avenida.

Então Graham olhou para fora, e percebendo apenas campos indistintamente espalhados, com pouco familiares fileiras de árvores podadas e limoeiros alinhados ao longo de suas invisíveis valas, começou a conjecturar qual seria a situação, e, pedindo para parar e apeando, ele subiu no assento do cocheiro e assumiu as rédeas. Graças a ele, chegamos a salvo em casa, cerca de uma hora e meia depois do horário previsto.

Martha não havia se esquecido de nós; um fogo alegre estava aceso, e uma bela ceia posta na sala de jantar: nós nos alegramos com ambos. A aurora de um dia de inverno na verdade já surgia antes de entrarmos em nossos quartos. Tirei meu vestido cor-de-rosa e o xale de renda com sentimentos mais alegres do que havia sentido ao vesti-los. Talvez nem todos que tivessem brilhado com belas indumentárias naquele concerto pudessem dizer o mesmo; pois nem todos haviam sido recompensados com amizade, com seu conforto tranquilo e modesta esperança.

XXI. REAÇÃO

Mais três dias, e então eu deveria retornar ao pensionnat. Praticamente contei os momentos desses dias no relógio; com alegria teria retardado o passar deles; mas eles passaram suavemente enquanto eu os observava: eles já quase haviam terminado enquanto eu ainda temia sua partida.

— Lucy não vai nos deixar hoje — disse a Sra. Bretton, encantadora, na hora do café da manhã. — Ela sabe que nós podemos conseguir uma segunda folga.

— Eu não a pediria, mesmo que pudesse consegui-la com uma só palavra — disse eu. — Anseio por acabar com as despedidas e voltar a me instalar na Rue Fossette. Devo ir esta manhã: devo ir imediatamente; minha bagagem está arrumada e amarrada.

Entretanto, parecia que minha partida dependia de Graham; ele havia dito que me acompanharia, e por acaso tinha tido compromissos o dia inteiro e só voltou para casa ao entardecer. E então se seguiu uma pequena disputa verbal. A Sra. Bretton e o filho me pressionaram para ficar mais uma noite. Eu poderia ter chorado, de tão irritada, e com tanta vontade que estava de ir embora. Estava com tanta vontade de deixá-los quanto o criminoso no patíbulo sente vontade de que a guilhotina desça: ou seja, eu desejava que o tormento tivesse acabado. Quanto eu desejava, eles não teriam condição de dizer. Nesses aspectos, eles desconheciam meu estado de espírito.

Estava escuro quando o Dr. John me ajudou a descer da carruagem na porta de Madame Beck. O candeeiro acima dela estava aceso; chovia, um chuvisco de novembro, como havia chovido o dia inteiro: a luz do lampião brilhava no pavimento molhado. Em uma noite exatamente como essa, havia menos de um ano, eu parara pela primeira vez naquele mesmo

umbral, a cena também era semelhante. Lembrei-me das formas exatas das pedras do calçamento, que eu havia observado com olhos distraídos, enquanto, com o coração batendo apressado, esperava que a porta perante a qual eu me encontrava se abrisse, uma pessoa solitária e suplicante. Naquela noite, também, eu havia rapidamente encontrado quem estava agora ao meu lado. Eu tinha chegado a mencionar esse encontro para ele, ou o explicara? Não tinha, nem jamais sentira a vontade de fazê-lo: era um pensamento agradável, conservado para uso futuro em minha própria mente, e era melhor mantê-lo lá.

Graham tocou o sino. A porta foi aberta no mesmo instante, pois aquela era a hora da noite em que as semi-internas iam embora; consequentemente, Rosine estava alerta.

— Não entre — disse eu para Graham; mas ele entrou num instante no vestíbulo bem iluminado. Eu não queria que ele visse "que se me tinham arrasado os olhos de lágrimas", pois a natureza dele era gentil demais para testemunhar sem necessidade tais sinais de tristeza. Ele sempre desejava curar, aliviar; naquele momento, mesmo sendo médico, nem a cura nem o alívio, talvez, estivessem ao seu alcance.

— Mantenha a coragem, Lucy. Pense em minha mãe e em mim como verdadeiros amigos. Nós não vamos esquecê-la.

— Tampouco eu os esquecerei, Dr. John.

Minha bagagem foi então trazida. Nós havíamos trocado um aperto de mãos; ele havia se voltado para ir embora, mas não estava satisfeito: ele não havia dito ou feito o suficiente para contentar seus impulsos generosos.

— Lucy — disse ele entrando atrás de mim —, você vai sentir-se muito sozinha aqui?

— A princípio, sim.

— Bem, minha mãe logo virá fazer-lhe uma visita; e, enquanto isso, eu vou dizer-lhe o que vou fazer. Vou escrever… qualquer tolice alegre que me vier à cabeça… posso?

"Coração bom e galante", pensei comigo mesma; mas, abanei a cabeça, sorrindo, e disse:

— Nem pense nisso: não se imponha tal tarefa. *Você* escrever para *mim* ! Você não vai ter tempo.

— Oh! Eu vou encontrar tempo, ou criá-lo. Até logo!

Ele foi embora. A pesada porta se fechou com um estrondo: a guilhotina havia caído, o tormento fora experimentado.

Não me dando tempo para pensar ou sentir, engolindo lágrimas como se elas fossem vinho, passei pela sala de estar de Madame para fazer a necessária visita de cerimônia e de respeito. Ela me recebeu com uma cordialidade desempenhada com perfeição; chegou mesmo a ser calorosa, embora breve, em suas boas-vindas. Em dez minutos, eu havia sido dispensada. Da salle-à-manger passei para o refeitório, onde as alunas e professoras estavam então reunidas para o estudo noturno: uma vez mais, tive as minhas boas-vindas, e elas não foram, acho, muito superficiais. Essa parte tendo se acabado, eu estava livre para voltar ao dormitório.

"E Graham vai mesmo escrever?", me perguntei, enquanto me sentava, cansada, nos pés da cama.

A Razão, aproximando-se de mim de modo sub-reptício através do lusco-fusco daquele cômodo longo e escuro, sussurrou calmamente: "Ele poderá escrever uma vez. Tão gentil é a natureza dele, que ela pode estimulá-lo por uma vez a fazer o esforço. Mas, esse esforço *não pode* ser contínuo, ele não *deverá* ser repetido. Grande seria a insensatez que se baseasse em tal promessa, insana a credulidade que fosse confundir a transitória poça d'água contendo em sua concavidade um sorvo com a fonte perene que fornece o suprimento para as estações."

Abaixei a cabeça: fiquei sentada pensando por mais uma hora. A Razão ainda me sussurrava, colocando em meu ombro uma mão descarnada e tocando meus ouvidos com os lábios azulados e gélidos da velhice.

"Se", murmurou ela, "se ele *escrever* , e então? Você antecipa prazer em responder? Ah, tola! Eu estou avisando! Que sua resposta seja breve. Não espere deleite do coração… nenhuma indulgência do intelecto: não permita a expansão para os sentimentos, não dê momentos de liberdade para nenhuma faculdade: não tome a sério uma correspondência amigável: não dê abrigo a um relacionamento cordial…".

“Mas eu conversei com Graham e você não censurou”, supliquei.

“Não”, disse ela, “eu não precisava fazer isso. A conversa, para você, é uma boa disciplina. Você conversa de modo imperfeito. Enquanto você fala, não pode esquecer sua inferioridade, nem pode haver nenhum encorajamento para a ilusão: pesar, privação, penúria permeiam sua fala…”.

“Mas”, interrompi de novo, “no momento em que a presença física é fraca e a fala é desprezível, certamente não pode haver erro em fazer da linguagem escrita o meio de uma melhor expressão que a que os lábios hesitantes podem alcançar?”.

A Razão apenas respondeu: “Você acalenta essa ideia a seu risco e perigo, ou permite que sua influência dê ânimo para qualquer coisa que você escreva!”.

“Mas, se eu sinto, não poderei *jamais* expressar?”

“*Jamais!* ”, declarou a Razão.

Eu gemi sob o amargor da austeridade dela. Jamais… jamais… oh, palavra implacável! Essa bruxa, essa Razão, não me permitiria erguer o olhar, ou sorrir ou ter esperanças: ela não descansaria enquanto eu não estivesse totalmente aniquilada, encurralada, domesticada e despedaçada. Segundo ela, eu havia nascido apenas para trabalhar por um pedaço de pão, esperar o sofrimento da morte, e constantemente, por toda a vida, me desesperar. A Razão poderia estar certa; contudo, não é de causar espanto que nós, às vezes, nos alegremos ao desafiá-la, ao fugir de sob seu látego e ao dar largas à Imaginação, a doce e luminosa inimiga *dela* , *nossa* doce Ajuda, nossa divina Esperança. Nós devemos e temos de transpor barreiras de tempos em tempos, apesar da terrível vingança que nos aguarda no nosso retorno. A Razão é vingativa como o demônio: para mim, ela sempre foi envenenada como uma madrasta. Se eu a tenho obedecido é principalmente com a obediência causada pelo medo, não pelo amor. Há muito tempo eu deveria ter morrido por causa de seus maus-tratos: suas restrições, sua frieza, seu terreno estéril, seu leito gelado, seus golpes selvagens e incessantes, se não fosse por aquele Poder mais gentil que guarda minha obediência secreta e afiançada. Com frequência tem a Razão

me despertado à noite, no meio do inverno, na neve fria, lançando para meu sustento os ossos carcomidos a que os cães haviam renunciado: com rigidez ela tem jurado que suas provisões nada mais têm para me oferecer, com dureza negado meu direito de almejar coisas melhores… Então, erguendo o olhar, vi um rosto entre as estrelas que percorriam o firmamento, das quais a mais próxima do centro e a mais luminosa lançava um raio cheio de simpatia e de cuidados. Um espírito, mais gentil e melhor que a Razão Humana, desceu em um voo silencioso à desolação, trazendo ao seu redor uma esfera de ar emprestado do verão eterno; trazendo o perfume de flores que não podem fenecer, a fragrância de árvores cujo fruto é a vida; trazendo brisas puras de um mundo cujos dias não necessitam de luz que os ilumine. Esse anjo bom tem saciado minha fome com alimento, doce e raro, colhido entre anjos ceifadores, que recolhem sua colheita orvalhada na primeira e mais fresca hora de um dia divino; ternamente ele tem suavizado os receios insuportáveis que desfazem em lágrimas a própria vida; gentilmente concedido repouso ao cansaço mortal; generosamente propiciado esperança e estímulo ao desespero paralisado. Divina, compassiva e prestimosa influência! Se eu cair de joelhos perante outro que não seja Deus, será aos teus pés brancos e alados, belos nas montanhas ou nas planícies. Templos têm sido erigidos ao Sol, altares dedicados à Lua. Oh, glória maior! Para ti, nem as mãos constroem nem os lábios consagram: mas os corações, ao longo das eras, são fiéis à tua adoração. Uma moradia tu tens, ampla demais para conter paredes, alta demais para conter um domo, um templo cujo piso é o espaço, ritos cujos mistérios transpiram na presença, no fulgor, na harmonia dos mundos!

Soberana absoluta! Tu tiveste, como resistência, teu grande exército de mártires; como conquista, teu grupo escolhido de valorosos. Divindade não questionada, a tua essência frustra a ruína!

Essa filha dos Céus lembrou-se de mim esta noite; ela me viu chorar, e veio trazendo conforto: “Dorme”, disse ela. “Dorme bem… eu vou embelezar teus sonhos!”

Ela manteve a palavra, e velou por mim durante a noite de descanso; mas, ao amanhecer, a Razão assumiu seu posto. Despertei com um tipo de sobressalto; a chuva batia com força contra os vidros da janela, e o vento soltava um grito irascível de tempos em tempos; a lamparina noturna estava se extinguindo no suporte circular negro no meio do dormitório: o dia já havia nascido. Como eu me compadeço daqueles a quem o sofrimento mental atordoa em vez de despertar! Nessa manhã, a angústia do despertar me arrancou da cama como uma mão que tivesse o aperto de um gigante. Quão rapidamente eu me vesti no frio do alvorecer úmido! Quão avidamente bebi da água gelada em minha garrafa! Esse sempre era meu cordial, ao qual, assim como outras pessoas que tomam um remédio, eu recorria avidamente quando estava perturbada pelo chagrin. [1]

Logo depois o sino soou sua réveillée [2] para todos na escola. Já estando vestida, desci sozinha para o refeitório, onde o aquecedor estava aceso e o ar, morno; em todos os outros cantos da casa ele estava frio, com a severidade cortante de um inverno continental: embora não fosse senão o começo de novembro, o vento do norte havia prematuramente trazido uma temperatura glacial sobre a Europa: eu lembro que os aquecedores negros pouco me agradaram quando aqui cheguei; mas então comecei a associá-los a uma sensação de conforto, e gostava deles, assim como na Inglaterra nós apreciamos uma lareira.

Sentando-me à frente desse consolador negro, eu na mesma hora mergulhei em uma acirrada discussão comigo mesma sobre a vida e suas chances, sobre o destino e seus decretos. Minha mente, mais calma e forte naquela hora que na noite passada, estabeleceu para si mesma algumas leis impreteríveis, proibindo, sob pena de morte, todo débil retrospecto da felicidade passada; impondo uma caminhada paciente através da desolação do presente; ordenando a confiança na fé, a observação das colunas de nuvem e de fogo que sujeitam enquanto guiam, e assombram enquanto iluminam; silenciando o impulso de fátua idolatria; impedindo a ardente expectativa de uma distante terra prometida, cujos rios, talvez, nunca devam ser alcançados, a não ser nos sonhos de morte, e cujas doces

pastagens não podem ser vistas a não ser do desolado e sepulcral cume de um Nebô.

Aos poucos, um sentimento composto de força misturada com dor se enleou com um aperto férreo em meu coração; susteve, ou pelo menos conteve, seu pulsar, e me deixou pronta para o dia de trabalho. Ergui a cabeça.

Como eu disse antes, estava sentada perto do aquecedor, colocado na parede sob o refeitório e o carré, assim sendo suficiente para aquecer os dois cômodos. Rasgando aquela mesma parede, e perto do aquecedor, havia uma janela, que também se abria para o carré; quando eu ergui o olhar, a borla de um boné, uma testa e dois olhos ocupavam o espaço de uma das vidraças daquela janela; o olhar fixo daqueles olhos se chocou com meu próprio olhar: eles estavam me observando. Até aquele momento, eu não me dera conta de que as lágrimas molhavam as minhas faces, mas as senti então.

Estranha era aquela casa, onde nenhum canto estava protegido da intrusão; onde nenhuma lágrima poderia ser derramada, nenhuma reflexão poderia ser feita, sem que um espião estivesse por perto para observar e para fazer conjecturas. E esse espião novo, masculino e externo, o que o havia trazido até a escola naquela hora pouco habitual? Que possível direito tinha ele de se intrometer comigo dessa maneira? Nenhum outro professor teria ousado cruzar o carré antes que o sino soasse indicando o início das aulas. M. Emanuel não tinha a menor consideração pelo horário, tampouco aos direitos. Havia algum livro usado como referência, na biblioteca da primeira turma, que ele precisava consultar, e ele havia vindo buscá-lo; a caminho, passou pelo refeitório. Era muito típico dele ter olhos à sua frente, atrás de si e a seu lado: ele me havia visto pela janelinha; e então abriu a porta do refeitório, e lá se postou.

— Mademoiselle, vous êtes triste. [3]

— Monsieur, j'en ai bien le droit. [4]

— Vous êtes malade de coeur et d'humeur [5] — prosseguiu ele. — A senhorita está ao mesmo tempo melancólica e rebelde. Vejo em suas faces duas lágrimas que eu sei que são escaldantes como duas faíscas, e tão

salgadas quanto dois cristais marinhos. Enquanto estou falando, a senhorita me olha de modo estranho. Posso dizer-lhe de que me lembrei enquanto estava observando a senhorita?

— Monsieur, logo devo ser chamada para as orações; meu tempo para conversar é muito limitado e curto agora… me desculpe…

— Eu desculpo tudo — interrompeu ele. — Meu estado de espírito é tão manso que nem a repulsa nem, talvez, o insulto poderiam perturbá-lo. A senhorita me fez lembrar, então, de uma jovem criatura selvagem, recém-capturada e não domesticada, olhando com uma mistura de energia e de temor a primeira entrada do intruso.

Indesculpável modo de falar! Insolente e rude se dirigido a uma aluna; inadmissível se dirigido a uma professora. Ele pretendia ocasionar uma resposta exaltada; eu já o havia visto irritar as pessoas exaltadas até elas explodirem. Em mim, a maldade dele não encontraria satisfação; fiquei sentada em silêncio.

— A senhorita parece — disse ele — alguém que iria se aferrar a um gole de um doce veneno, e recusar algo amargo e saudável com repulsa.

— Na verdade, eu nunca gostei de coisas amargas; tampouco creio que sejam saudáveis. E quanto ao que é doce, seja ele veneno ou alimento, o senhor não pode, no mínimo, negar sua característica deliciosa… a doçura. É melhor, talvez, morrer uma morte rápida e agradável do que se arrastar por muito tempo em uma vida destituída de encantos.

— Contudo — disse ele —, a senhorita teria de tomar sua dose de amargura devidamente, e diariamente, se eu tivesse o poder de administrá-la; e, quanto ao tão amado veneno, eu iria, talvez, quebrar o copo que o contivesse.

Eu rapidamente virei o rosto para o outro lado, em parte porque a presença dele me desagradava profundamente, e em parte porque desejava esquivar-me das perguntas; com medo de que, em meu atual estado de espírito, o esforço para responder pudesse derrotar o autocontrole.

— Ora — disse ele, com mais doçura — diga-me a verdade… a senhorita sofre por ter se separado dos amigos… não é isso?

A doçura cativante não era mais aceitável que a curiosidade inquisitorial. Fiquei em silêncio. Ele entrou no refeitório, sentou-se no banco a uns dois metros de mim, e insistiu por muito tempo, e, para ele, com paciência, na tentativa de me fazer conversar; tentativas forçosamente ineficazes, porque eu *não conseguia* falar. Finalmente supliquei para ser deixada em paz. Ao fazer o pedido, minha voz falhou, minha cabeça caiu em meus braços sobre a mesa. Chorei amargamente, embora em silêncio. Ele ficou sentado mais um tempo. Eu não ergui o olhar nem falei, até que a porta se fechando e os passos dele se afastando me dissessem que ele havia ido. Essas lágrimas foram um alívio.

Eu tive tempo para lavar os olhos antes do café da manhã e, suponho, compareci à refeição tão serena quanto qualquer outra pessoa: entretanto, não com um aspecto tão jubiloso quanto o da jovem que se sentou no banco oposto ao meu, fixou em mim um par de olhos um tanto pequenos que brilhavam alegremente, e com sinceridade estendeu através da mesa uma mãozinha branca para ser apertada. As viagens, alegrias e namoricos da Srta. Fanshawe lhe caíam muitíssimo bem; ela havia ficado bastante rechonchuda, suas faces estavam tão redondas quanto maçãs. Eu a havia visto pela última vez em um elegante vestido de noite. Não sei se ela parecia menos encantadora então em seu vestido escolar, um tipo de negligente peignoir [6] de um tecido azul-escuro, com um desbotado e triste axadrezado de preto. Eu até acho que aquele envoltório destituído de cor dava a seus encantos um triunfo, salientando, por meio do contraste, a brancura da sua pele, o frescor da sua tez e a beleza dourada da suas tranças.

— Estou contente com sua volta, Timon — disse ela. Timon era um entre a dúzia de apelidos que ela me dava. — Você nem sabe com quanta frequência senti sua falta neste lugar horrível.

— Ah, sentiu? Então, é claro, se você queria minha companhia, tem algo para que eu faça: cerzir meias, talvez.

Eu nunca dava a Ginevra um segundo ou um tiquinho de crédito por seu desinteresse.

— Tão intratável e rabugenta como sempre! — disse ela. — Eu esperava isso mesmo: não seria você se você não fechasse a cara para alguém. Mas agora chega, avozinha, espero que você ainda goste tanto de café, e tão pouco de pistolets, [7] como sempre: está com disposição para fazer uma troca?

— Faça do jeito que você quiser.

Esse jeito consistia em um costume que ela tinha de me fazer ser útil. Ela não gostava da xícara de café matinal, por essa bebida feita na escola não ser forte ou doce o suficiente para agradar ao seu paladar; e tinha um excelente apetite, assim como qualquer outra menina de escola, para comer os pistolets, ou pãezinhos matinais, que eram fresquinhos e muito bons, e dos quais certa quantidade era servida para cada pessoa. Essa quantidade sendo maior que a de que eu precisava, eu dava metade para Ginevra, nunca mudando minha preferência, embora muitas outras costumassem desejar o que me sobrava; e ela, em troca, às vezes me dava uma parte do seu café. Nessa manhã eu estava feliz por ter a bebida; fome eu não sentia nem um pouco, e estava morta de sede. Não sei por que eu decidi dar meu pão para Ginevra e não para qualquer outra; nem o motivo, se duas pessoas tivessem de compartilhar o uso de uma única xícara, como às vezes acontecia (por exemplo, quando nós fazíamos um longo passeio pelo campo, e parávamos para um lanche em uma fazenda) de eu sempre dar um jeito para que ela fosse minha companheira, e até que gostava de vê-la ficar com a parte do leão, quer fosse de cerveja clara, ou de vinho doce, ou do leite recém-tirado: mas assim era, contudo, e ela sabia disso; e, portanto, mesmo que nós brigássemos diariamente, nunca ficávamos longe uma da outra.

Depois do café da manhã, eu tinha o costume de me retirar para a primeira classe, e ficar sentada, lendo ou pensando (com maior frequência o último) lá, sozinha, até que o sino das nove horas escancarasse todas as portas, admitisse a investida conjunta das alunas externas e demi-pensionnaires, [8] e desse o sinal para a entrada naquela azáfama e atividade para as quais, até as cinco horas da tarde, não havia descanso.

Eu havia acabado de me sentar naquela manhã, quando bateram à porta.

— Pardon, Mademoiselle [9] — disse uma pensionnaire, entrando discretamente; e, tendo tirado da sua mesa algum livro ou papel de que precisava, ela se retirou na ponta dos pés, murmurando, ao passar por mim: Que mademoiselle est appliquée! [10]

Appliquée, de fato! Os instrumentos para a aplicação estavam dispostos à minha frente, mas eu nada fazia, e nada havia feito, e não tencionava fazer nada. É assim que o mundo nos dá crédito por méritos que não temos. A própria Madame Beck me considerava uma costumeira bas-bleu, [11] e com frequência, e solenemente, costumava me aconselhar a não estudar demais, ou então "o sangue iria todo subir para minha cabeça". Na verdade, todos na Rue Fossette tinham a crença de que a "Senhorrita Lucie" era instruída; com a notável exceção de M. Emanuel, que, por meios típicos dele, e bastante insondáveis para mim, havia obtido uma ideia vaga, e não incorreta, das minhas reais qualificações, e costumava aproveitar oportunidades discretas de soltar em meus ouvidos uma risadinha sardônica por causa da insuficiência dessas qualificações. Quanto a mim, nunca me preocupei por causa dessa carência. Eu gostava muito de me perder em meus próprios pensamentos; sentia grande prazer em ler alguns livros, mas não muitos, preferindo sempre aqueles em cujo estilo ou emoções a natureza individual do escritor estivesse claramente inscrita; inevitavelmente perdendo o interesse por livros sem personalidade, por mais inventivos e meritórios, percebendo muito bem que, no que dizia respeito à minha mente, Deus havia limitado sua capacidade e sua ação; grata, eu espero, pelo dom concedido, mas sem ambições de ter talentos maiores, tampouco buscando ansiosa e incansavelmente uma cultura superior.

A educada aluna mal havia saído quando, sem a menor cerimônia, sem uma batida, irrompeu uma segunda intrusa. Fosse eu cega, teria sabido quem ela era. Uma reserva inerente nos meus modos havia, por essa época, dado informações, com um efeito saudável e, para mim, cômodo, sobre os hábitos das pessoas que moravam comigo; raramente eu tinha então de

tolerar um tratamento rude ou importuno. Logo que eu cheguei, volta e meia uma alemã brusca me dava tapinhas nos ombros, e me pedia que fosse disputar uma corrida; ou uma turbulenta Labassecourienne me agarrava pelo braço e me arrastava na direção da área de recreação: propostas urgentes para brincar no "Pas de Géant", [12] ou para participar de uma animada brincadeira de esconde-esconde chamada "Un, deux, trois", [13] haviam anteriormente tido uma ocorrência constante; porém, todas essas pequenas atenções haviam cessado fazia algum tempo, cessado, também, sem que eu tivesse julgado necessário ter o trabalho de interrompê-las bruscamente. Eu agora não precisava temer ou tolerar uma demonstração de familiaridade, a não ser as vindas de uma pessoa; e como essas eram inglesas, eu tinha condição de tolerá-las. Ginevra Fanshawe não sentia o menor acanhamento em, de vez em quando, me agarrar enquanto eu estava cruzando o carré, fazendo-me rodopiar em uma valsa obrigatória, e entusiasticamente apreciar a confusão mental e física acarretada por sua atitude. E foi Ginevra Fanshawe que então irrompeu em "meus momentos de instrução". Ela trazia um grande livro de música sob o braço.

— Vá praticar — disse eu para ela, na hora. — Suma-se daqui, vá para o pequeno salon!

— Não até eu ter conversado com você, chère amie. [14] Eu sei onde você passou suas férias, e como você começou a fazer sacrifícios para as graças, e a se divertir como qualquer outra belle. Eu a vi no concerto a outra noite, vestida, na verdade, como qualquer outra pessoa. Quem é sua tailleuse? [15]

— Tagarelice: mas que bela maneira de começar! Minha tailleuse!… que coisa absurda! Ora, pode ir embora daqui, Ginevra. Eu realmente não desejo sua companhia.

— Mas eu desejo tanto a sua, ange farouche, [16] o que significa esse pouco de relutância da sua parte? Dieu merci!, [17] nós sabemos como lidar com nossa prendada compatriote… [18] a instruída "ourse Britannique". [19] Então, Ourson, [20] você conhece Isidore?

— Eu conheço John Bretton.

— Oh, quieta! (colocando os dedos nos ouvidos) Você fere os meus tímpanos com seus rudes anglicismos. Mas, como está nosso caro John? Fale-me a respeito dele. O pobre homem deve estar em um triste estado. O que ele disse sobre meu comportamento daquela noite? Eu não fui cruel?

— Você acha que prestei atenção em você?

— Foi uma noite maravilhosa! Oh, aquele divino de Hamal! E então, ver o outro emburrado e morrendo a distância; e a velha senhora… minha futura sogra! Mas, receio que eu e Lady Sara tenhamos sido um pouco rudes ao fazer troça dela.

— Lady Sara não chegou a fazer troça dela; e, quanto ao que *você* fez, não fique nem um pouco preocupada: a Sra. Bretton vai sobreviver ao *seu* escárnio.

— Talvez sobreviva: velhas senhoras são resistentes; mas, aquele pobre filho dela! Mas, me conte o que ele falou: eu vi que ele estava profundamente magoado.

— Ele disse que você dava a impressão de já ser, no fundo do seu coração, Madame de Hamal.

— Ele disse? — exclamou ela, deleitada. — Ele percebeu isso? Mas que coisa encantadora! Eu achei que ele ficaria louco de ciúmes!

— Ginevra, você realmente não se importa com o Dr. Bretton? Você quer que ele se esqueça de você?

— Oh! Você sabe que ele não *é capaz* disso: mas, ele não ficou enlouquecido?

— Enlouquecido mesmo — afirmei —, tão furioso quanto o Orlando.

— Bem, e *como foi* que você o levou para casa?

— E *como foi* , mesmo! Você não tem dó da pobre mãe dele e de mim? Imagine nós duas segurando-o com força na carruagem, e ele desvairado entre nós duas, pronto para deixar nós duas delirantes. Até o cocheiro errou o caminho, de algum modo, e nós nos perdemos.

— Não me diga! Você está caçoando de mim. Olhe lá, Lucy Snowe…

— Eu garanto que é verdade… e é verdade, também, que o Dr. Bretton *não* queria ficar na carruagem: ele se soltou de nós, e foi *mesmo* andando.

— E depois?

— Depois… quando ele *chegou* em casa… a cena é indescritível.

— Oh, mas descreva-a… você sabe que é tão divertido!

— Divertido em *sua* opinião, Srta. Fanshawe. Mas (com uma austera gravidade) a senhorita conhece o provérbio: "Com o que este se cura, vai aquele para a sepultura".

— Continue; Timon é um amorzinho.

— Conscientemente, não posso; a não ser que a senhorita me garanta que tem um pouco de coração.

— Eu tenho… em tão grande quantidade, você nem imagina!

— Bom! Nesse caso, vai ter condição de imaginar o Dr. Graham Bretton recusando sua ceia, em primeiro lugar… a galinha e a língua preparadas para a refeição leve dele, deixadas na mesa, intocadas. E então… mas, não adianta eu ficar estendendo-me nos detalhes angustiantes. Basta dizer que nunca, nem nos momentos e nos conflitos mais tempestuosos da infância dele, a mãe dele teve tantas dificuldades para deixá-lo aconchegado em sua cama como ela teve aquela noite.

— Ele não queria ficar deitado?

— Ele não queria ficar deitado: é isso. Os lençóis poderiam ser ajeitados sobre o corpo dele, mas, o problema era mantê-los ajeitados.

— E o que ele disse?

— Dizer! Não dá para imaginar o Dr. Bretton chamando exaltado sua divina Ginevra; amaldiçoando aquele demônio, de Hamal… falando desvairado sobre cachos dourados, olhos azuis, braços brancos e braceletes faiscantes!

— Não, ele fez isso? Ele viu o bracelete?

— Se ele viu o bracelete? Sim, tão claramente quanto eu o vi: e, talvez, pela primeira vez, ele também tenha visto o estigma que a pressão do bracelete deixou marcado em seu braço, Ginevra — disse eu me levantando e mudando o tom de voz. — Vamos, vamos parar com isso. Vá estudar.

E abri a porta.

— Mas você não me contou tudo.

— É melhor você não esperar até que eu lhe conte tudo *mesmo* . Essa transmissão de maiores informações não poderia causar-lhe prazer. Ande!

— Criatura rabujenta! — disse ela; mas ela obedeceu: e, para ser sincera, a primeira classe era meu território, e lá ela não tinha condição de resistir legalmente a uma intimação de partida dada por mim.

Contudo, para dizer a verdade, eu jamais me sentira menos desgostosa com ela do que me senti então. Era prazeroso pensar no contraste entre a realidade e minha descrição, lembrar-me do Dr. John desfrutando o trajeto para casa, tomando sua ceia com gosto e indo descansar com uma compostura cristã. Foi só quando o vi realmente infeliz que me senti realmente irritada com a bela e frágil causa dos sofrimentos dele.

* * * * *

Uma quinzena se passou; eu estava tornando a me habituar com o jugo da escola, e passando da dor impetuosa da mudança para o marasmo do hábito. Certa tarde, ao atravessar o carré, a caminho da primeira classe, onde esperavam que eu assistisse a uma aula sobre “estilo e literatura”, vi, parada perto de uma das janelas altas e largas, Rosine, a moça da portaria. Sua atitude, como de costume, era bastante nonchalante. [21] Ela sempre “estava muito tranquila”; uma de suas mãos enfiada no bolso do avental, a outra, nesse instante, segurava uma carta, cujo endereço Mademoiselle calmamente inspecionava, e cujo lacre ela estudava com deliberação.

Uma carta! A forma de uma carta parecida com essa havia atormentado profundamente meu cérebro nos últimos sete dias. Eu havia sonhado com uma carta a noite anterior. Um forte magnetismo me atraiu para aquela carta então; contudo, se eu teria ousado solicitar a Rosine para poder lançar um olhar que fosse ao envelope branco, com a mancha de cera vermelha no meio, eu não sei. Não; acho que eu me teria esgueirado silenciosa, com medo de um revés da Decepção: meu coração pulsava como se eu já ouvisse os passos pesados da sua aproximação. Erro causado pelos nervos! Eram os passos rápidos do Professor de Literatura passando pelo corredor. Fui rapidamente à frente dele. Ah, se eu pudesse estar

tranquilamente sentada à minha mesa antes da chegada dele, com a classe sob meus cuidados já toda em disciplinada prontidão, ele teria, talvez, deixado de prestar atenção em mim; porém, se eu fosse flagrada demorando-me no carré, com certeza seria escolhida para levar uma áspera repreensão. Tive tempo para me sentar, para garantir o silêncio perfeito, para pegar minha costura e para começá-la em meio ao mais profundo e bem treinado silêncio, antes que M. Emanuel entrasse com seu veemente estouro do ferrolho e do vidro, e sua mesura profunda e redundante, indicadora de cólera.

Como sempre, ele se aproximou de nós como um trovão; mas, em vez de irromper como um relâmpago desde a porta até o estrado, seus passos se detiveram na metade do caminho, ao lado da minha mesa. Voltando o rosto na minha direção e na direção da janela, dando as costas para as alunas e para a sala, ele me lançou um olhar — um olhar que poderia ter-me dado o direito de ficar em pé e perguntar o que ele desejava, um olhar de desconfiança carrancuda.

— Voilà! pour vous [22] — disse ele, tirando a mão do colete, e colocando na minha mesa uma carta; exatamente a carta que eu vira nas mãos de Rosine, a carta cuja superfície de um branco luminoso e cujo ciclópico olho de um vermelho vivo se haviam fixado com tanta clareza e perfeição nas retinas de uma visão interior. Eu sabia que era, eu sentia que aquela era a carta das minhas esperanças, da concretização do meu desejo, da libertação das minhas dúvidas, do resgate do meu terror. Essa carta, com seus injustificáveis hábitos intrometidos, M. Paul pegara com a moça da portaria, e então a entregava em pessoa.

Eu poderia ter ficado com raiva, mas não tinha um segundo para gastar com essa sensação. Sim: eu segurava nas mãos não um bilhetinho, mas um envelope, que deveria conter, pelo menos, uma folha: ele não parecia ser frágil, mas firme, substancioso, satisfatório. E lá estava o destinatário, “Srta. Lucy Snowe”, em uma letra clara, bem proporcionada e decidida; e lá estava o lacre, redondo, cheio, habilmente colocado por dedos que não eram trêmulos, marcado com as bem talhadas iniciais, “J. G. B”. Tive uma sensação de felicidade, uma emoção alegre que atingiu cálida o meu

coração, e correu cheia de vida por todas as minhas veias. Pelo menos uma vez uma esperança se realizara. Eu mantinha nas mãos um pedaço de uma felicidade real e sólida: não um sonho nem uma imagem mental, não um desses acasos indefinidos que a imaginação cria, e com os quais a humanidade morre de fome, mas não pode sobreviver; não uma porção daquele maná que eu louvei tristemente pouco tempo antes, e que, na verdade, a princípio se dissolve nos lábios com uma doçura indizível e excepcional, mas que, no fim, nossa alma odeia com todas as forças, ansiando alucinadamente por um alimento natural e crescido na terra, rezando loucamente para que os Espíritos Celestes reivindiquem seu próprio orvalho espiritual e sua essência — um alimento divino, mas, para os seres humanos, fatal. Não era nem o doce orvalho nem pequenas sementes de coriandro, nem um frágil bolo de mel nem o mel selvagem, tampouco, com o que eu me havia deparado; era a parte que tocava ao caçador, selvagem e apetitosa, alimento nutritivo e salutar, apascentado pelas florestas ou criado nos desertos, fresco, saudável, e que dava sustento à vida. Isso era o que o velho patriarca moribundo pedira a seu filho Esaú, prometendo em recompensa a bênção de seu último suspiro. Era uma dádiva enviada por Deus; e interiormente agradeci ao Deus que ma havia concedido. Exteriormente, apenas agradeci ao homem, exclamando:

— Obrigada, obrigada, Monsieur!

Monsieur franziu os lábios, lançou-me um olhar perverso e se dirigiu ao seu estrado. M. Paul não era de modo algum um homenzinho bom, embora tivesse alguns bons aspectos.

Eu li minha carta ali, naquele momento? Consumi a iguaria na hora, e apressadamente, como se a flecha de Esaú voasse todos os dias?

Eu era previdente. O envelope com o endereço, o lacre, com suas três letras nítidas, eram recompensa e abundância para o presente. Saí silenciosamente da sala e peguei a chave do grande dormitório, que era mantido fechado durante o dia. Fui até meu bureau; com um pouco de pressa, e trêmula, por medo que Madame pudesse subir silenciosamente as escadas e me espiar, abri uma gaveta, destranquei uma caixa e peguei um

estojo e, tendo regalado meus olhos com mais um olhar e aproximado o lacre dos lábios com um misto de temor e de vergonha e de deleite, envolvi o tesouro ainda não saboreado, ainda puro e inviolado, em papel prateado, guardei-o no estojo, fechei a caixa e a gaveta, fechei e tornei a trancar o dormitório e voltei para a sala, sentindo como se contos de fada fossem verdadeiros, e presentes dados pelas fadas não fossem sonhos. Estranha e doce insanidade! E essa carta, a fonte da minha felicidade, eu ainda não havia lido: ainda não sabia quantas eram as suas linhas.

Quando tornei a entrar na sala de aula, lá estava M. Paul absolutamente furioso! Uma aluna não havia falado de modo audível ou nítido o suficiente para agradar aos ouvidos e ao gosto dele, e agora ela e outras estavam chorando, e ele estava vociferando lá do seu estrado, quase lívido. Algo curioso de se mencionar: quando eu apareci, ele se voltou contra mim.

"Por acaso eu era a professora daquelas meninas? Eu alegava ensinar-lhes uma conduta adequada para senhoritas?… e eu consentia e, ele não duvidava, encorajava que elas destruíssem sua língua nativa na boca, e a despedaçassem e triturassem entre os dentes, como se elas tivessem alguma causa vil para se envergonhar das palavras que diziam? Era isso a modéstia? Ele não seria enganado. Esse era um pseudossentimento abjeto, a progênie ou o ancestral do mal. Em vez de se submeter a essa apatia e a esses trejeitos, a essa afetação e a essas caretas, a esse espedaçar de uma nobre língua, a essa afetação geral e à doentia teimosia das alunas da primeira turma, ele iria deixá-las de lado como um bando de insuportáveis petites maîtresses, [23] e se limitar a ensinar o ABC para os bebês da terceira turma."

Que resposta eu poderia dar para tudo isso? Realmente, nenhuma; e esperava que ele me permitisse ficar em silêncio. A tempestade recomeçou.

"Todas as respostas para as perguntas dele eram assim negadas? Parecia, *naquele* lugar, aquele arrogante boudoir [24] de primeira turma, com suas pretensiosas estantes de livros, suas mesas forradas de baeta verde, seus desprezíveis vasos de flores, sua escória de quadros e mapas

emoldurados, e sua surveillante [25] estrangeira, ora, por favor!… parecia estar na moda *ali* pensar que o Professor de Literatura não era digno de resposta! Essas eram ideias novas, importadas, ele não duvidava nem um pouco, diretamente de 'la Grande Bretagne': [26] elas tinham um toque de insolência e de arrogância insular."

Período de bonança número dois: as meninas, das quais nenhuma jamais fora vista derramando uma lágrima por causa das repreensões de qualquer outro professor, estavam então se desfazendo como estátuas de neve perante o imoderado calor de M. Emanuel: eu, ainda não muito abalada, estava sentada, e me arriscando a retomar minha costura.

Alguma coisa, ou no meu contínuo silêncio ou no movimento da minha mão, costurando, fez com que M. Emanuel fosse levado além dos limites da paciência; ele chegou mesmo a pular do seu estrado. O aquecedor ficava perto da minha mesa, ele o atacou; a portinha de ferro foi quase arrancada das dobradiças, o fogo aumentou de intensidade.

— Est-ce que vous avez l'intention de m'insulter? [27] — perguntou-me ele, com uma voz baixa e cheia de fúria, como era o modo dele, com o pretexto de arrumar o fogo.

Era hora de acalmá-lo um pouco, se possível.

— Mais, Monsieur — respondi —, eu não o insultaria de modo algum. Eu lembro muito bem que uma vez o senhor disse que deveríamos ser amigos.

Eu não queria que minha voz tremesse, porém, ela tremeu: mais, eu creio, por causa da agitação do recente deleite, que por qualquer comoção do medo de agora. Mesmo assim, certamente havia algo na raiva de M. Paul, um tipo de arroubo de emoção, que levava especialmente a suscitar as lágrimas. Eu não estava triste, nem com tanto medo; contudo, chorei.

— Allons, allons! [28] — disse ele na hora, olhando ao redor e vendo o dilúvio universal. — Com certeza, eu sou um monstro e um facínora. Tenho apenas um lenço — acrescentou — mas, tivesse eu vinte, eu os ofereceria para todas. Sua professora será sua representante. Ei-lo, Srta. Lucy.

E ele tirou do bolso um limpo lenço de seda e me ofereceu. Bem, uma pessoa que não conhecesse M. Paul, que não estivesse acostumada com ele e com seus impulsos, naturalmente teria tomado a atitude errada quanto a esse oferecimento, recusando-se a aceitar o lenço, etcetera. Mas senti com muita clareza que isso jamais seria possível: a mais ligeira hesitação teria sido fatal para o incipiente tratado de paz. Levantei-me e peguei o lenço na metade do caminho, recebi-o com decoro, sequei com ele as lágrimas e, retomando meu posto, e mantendo a bandeira da paz na mão e no regaço, tomei um cuidado especial para, durante o resto da aula, não tocar nem na agulha nem no dedal, nem na tesoura ou na musselina. Muitos olhares ciumentos M. Paul lançava a esses utensílios; ele os odiava com ódio mortal, considerando a costura uma fonte de distração da atenção que era devida a ele próprio. Uma aula muito eloquente ele deu, e muito gentil e amigável ele permaneceu até o fim. Assim que terminou, as nuvens se dispersaram e o sol brilhou; lágrimas foram substituídas por sorrisos.

Ao sair da sala, ele parou uma vez mais à minha mesa.

— E sua carta? — disse ele, dessa vez não com um tom irado.

— Eu ainda não a li, Monsieur.

— Ah! Ela é boa demais para ser lida na hora; a senhorita a está guardando, assim como eu, quando era criança, costumava guardar um pêssego que estava bem maduro?

O palpite estava tão próximo da verdade que eu não consegui evitar que um rubor, subindo rapidamente às minhas faces, revelasse o fato.

— A senhorita está se prometendo um momento agradável — disse ele — com a leitura da carta; a senhorita vai abri-la quando estiver sozinha… n'est-ce pas? [29] Ah! Um sorriso como resposta. Muito bem, muito bem! Não se pode ser muito severo; "la jeunesse n'a qu'un temps". [30]

— Monsieur, Monsieur! — exclamei, ou melhor, sussurrei na direção dele, quando ele se voltou para sair. — Não tenha uma opinião errada a meu respeito. Essa é apenas uma carta de uma pessoa amiga. Sem lê-la, posso garantir isso.

— Je conçois, je conçois: on sait ce que c'est qu'un ami. Bonjour, Mademoiselle! [31]

— Mas, Monsieur, aqui está seu lenço.

— Fique com ele, fique com ele até a carta ser lida, então, traga-o para mim; eu poderei ler o teor do billet em seus olhos.

Quando ele foi embora, as alunas já tendo saído da sala e se dirigido ao berceau, e de lá para o jardim e o pátio para sua habitual recreação antes do jantar das cinco horas, fiquei por uns momentos pensando, e distraidamente enrolando o lenço no braço. Por algum motivo, sentindo-me alegre, acredito, por causa do brilho dourado da infância; animada por uma pouco habitual renovação de sua despreocupação, tendo ficado feliz com a liberdade do fim da aula e, acima de tudo, confortada em meu íntimo pela alegre consciência daquele tesouro no estojo na caixa na gaveta do andar de cima, comecei a brincar com o lenço como se ele fosse uma bola, jogando-o para o alto e pegando-o quando caía. A brincadeira foi interrompida por outra mão que não era a minha, uma mão que surgiu da manga de um paletôt e se estendeu na direção do meu ombro; ela pegou o brinquedo improvisado e o afastou com as seguintes palavras taciturnas:

— Je vois bien que vous vous moquez de moi et de mes effets. [32]

Realmente, aquele homenzinho era terrível: um mero espírito de excentricidade e de ubiquidade: ninguém jamais conhecia seus caprichos ou sabia onde ele se encontrava.

XXII. A CARTA

Quando a casa estava completamente silenciosa, quando o jantar havia terminado e a barulhenta hora de recreação acabara, quando a escuridão desceu, e o tranquilo candeeiro para os estudos foi aceso no refeitório; quando as alunas externas haviam ido para casa, a porta barulhenta e o sino clamoroso haviam silenciado para a noite; quando Madame estava acomodada com segurança na salle-à-manger na companhia de sua mãe e de algumas pessoas amigas, eu então fui silenciosamente para a cozinha, solicitei uma bougie por meia hora para uma ocasião particular. Meu pedido teve uma boa acolhida na pessoa da minha amiga Goton, que respondeu: "Mais certainement, chou-chou, vous en aurez deux, si vous voulez"; [1] e, com a vela nas mãos, subi silenciosamente para o dormitório.

Grande foi meu chagrin ao descobrir naquele cômodo uma aluna que havia ido para a cama por estar indisposta; e a decepção foi maior quando reconheci, em meio às bordas de musselina da touca de dormir, a "figure chiffonnée" [2] de Mistress Ginevra Fanshawe; inerte naquele instante, é verdade, mas que com certeza acordaria e me oprimiria com tagarelice quando a interrupção fosse menos aceitável: na verdade, enquanto eu a olhava, um ligeiro tremor nas pálpebras me alertou que a atual aparência de repouso poderia não ser mais que um estratagema, assumido para encobrir a astuta vigilância dos movimentos de "Timon"; ela não era uma pessoa confiável. E eu desejava tanto ficar sozinha, só para ler minha preciosa carta em paz.

Bem, eu teria de ir para as salas de aula. Tendo buscado e encontrado meu tesouro no estojo, desci. A má sorte me perseguia. As classes estavam sendo varridas e limpas à luz de velas, segundo o costume semanal: bancos estavam empilhados sobre as mesas, o ar estava turvo por causa do

pó; grãos de café úmidos (usados pelas empregadas de Labassecour no lugar de folhas de chá) escureciam o chão; tudo estava em uma desesperadora confusão. Desconcertada, porém não derrotada, eu me retirei, tão decidida quanto jamais pudesse estar a encontrar um posto solitário em *algum lugar* .

Pegando uma chave que eu sabia onde era guardada, subi três lances de escada, cheguei a um patamar escuro, estreito e silencioso, abri uma porta carcomida pelos insetos e penetrei no sótão vasto, escuro e frio. Aqui, ninguém iria me seguir, ninguém iria me interromper, nem a própria Madame. Fechei a porta do sótão; coloquei a vela em uma cômoda velha e embolorada, coloquei um xale, pois o ar estava frio como o gelo, e peguei a carta; tremendo com uma doce impaciência, quebrei o lacre.

"Será ela longa… será curta?", pensei, passando a mão pelos olhos para dissipar a obscuridade prateada de um suave chuvisco.

Era longa.

"Será fria?… será amistosa?"

Era amistosa.

Para minhas expectativas refreadas, acorrentadas e disciplinadas, ela parecia muito amistosa: para meus pensamentos ansiosos e famintos parecia, talvez, mais amistosa do que era.

Tão poucas esperanças eu alimentara, tanto eu temera; havia uma sensação de completude deleitosa no saborear dessa realização, do tipo que, talvez, muitos seres humanos passem pela vida sem sequer conhecer. A pobre professora inglesa no sótão gelado, lendo, à luz fraca de uma vela que gotejava no ar invernal, uma carta simplesmente amável, nada mais; embora essa amabilidade parecesse então para mim uma dádiva de Deus. Eu estava mais feliz que muitas rainhas em palácios.

É claro, uma felicidade cuja origem é tão superficial não poderia ser senão breve; contudo, enquanto ela durou foi genuína e requintada: uma bolha, mas uma doce bolha, de verdadeiro néctar. O Dr. John finalmente tinha escrito; ele me escrevera com prazer; havia escrito com um temperamento benigno, se detendo com uma satisfação luminosa em cenas passadas sob seus olhos e os meus, em lugares que havíamos visitado

juntos, nas conversas que havíamos tido, resumindo, em todas as ínfimas questões das últimas felizes semanas de bonança. Porém, o âmago reconfortante do deleite era uma convicção que a linguagem alegre e cordial generosamente transmitia, de que ela havia sido manifestada não apenas para *me* alegrar, mas para gratificação *dele* . Uma gratificação que ele poderia nunca mais desejar, nunca mais buscar, uma hipótese que de todos os pontos de vista se aproximava da certeza; mas *isso* se relacionava ao futuro. O momento atual não tinha dor, nem máculas nem deficiências; pleno, puro, perfeito, ele me abençoou profundamente. Um serafim passageiro parecia ter parado ao meu lado, se inclinado na altura do meu coração e repousado no pulsar dele uma asa calmante, apaziguante, cicatrizante e reverenda. Dr. John, você me magoou posteriormente: que todo o mal seja perdoado, perdoado de todo o coração, em nome daquele único e caro bem relembrado!

Existem coisas malignas, não humanas, que invejam a felicidade humana? Existem influências malignas assombrando o ar, envenenando-o para os homens? O que estava nas minhas proximidades?

Algo naquele vasto e solitário sótão parecia estranho. Com a mais absoluta certeza eu ouvira, assim como parecia, uns passos furtivos naquele piso: um tipo de deslizar saindo da direção do recesso obscuro assombrado pelos casacos malfeitores. Eu me voltei: minha vela era fraca; o cômodo era longo, mas, tão certo quanto eu estar viva, eu vi no meio daquele local fantasmagórico uma figura toda branca e negra; a saia reta e estreita e negra; a cabeça enfaixada, envolta por um véu e branca.

Diga o que quiser, leitor: diga-me que eu estava nervosa ou enlouquecida; afirme que eu estava perturbada pela excitação da carta; declare que eu sonhei; isto eu juro: eu vi lá, naquele cômodo, uma imagem parecida com a de uma FREIRA .

Eu gritei; meu estômago revirou. Tivesse a figura se aproximado de mim, eu poderia ter perdido os sentidos. Ela se afastou: eu corri para a porta. Como desci toda a escadaria, não sei. Instintivamente, evitei o refeitório, e me dirigi para a sala de estar de Madame: entrei com um ímpeto. Eu disse:

— Há algo no grenier; [3] eu estava lá: eu vi alguma coisa. Vão e olhem por vocês mesmos, todos vocês!

Eu disse "Todos vocês", pois, para mim, a sala parecia estar cheia de pessoas, embora, na verdade, não houvesse mais de quatro ali presentes: Madame Beck; sua mãe, Madame Kint, que não estava bem de saúde, e estava então passando uns tempos com ela; o irmão dela, M. Victor Kint, e outro cavalheiro, que, quando entrei na sala, estava conversando com a velha dama, de costas para a porta.

Meu pavor mortal e minha falta de forças devem ter me deixado extremamente pálida. Eu me sentia gelada e trêmula. Todos se levantaram, consternados; eles me rodearam. Eu insisti que fossem ao grenier; ver os cavalheiros me fez bem e me deu coragem: era como se houvesse um tipo de ajuda e de esperança, com homens de prontidão. Eu me voltei para a porta, fazendo um gesto para que me seguissem. Eles queriam me impedir, mas eu disse que tinham de ir por ali: tinham de ver o que eu havia visto, algo estranho, parado no meio do sótão. E, então, lembrei-me da minha carta, deixada na cômoda junto com a vela. A preciosa carta! A carne mortal ou o espírito tinham de ser postos à prova por causa dela. Subi as escadas correndo, indo ainda mais rápido por saber que estava sendo seguida: eles foram forçados a ir atrás.

Vejam só! Quando cheguei à porta do sótão, lá dentro estava escuro como breu: a vela se apagara. Felizmente, alguém (acho que Madame, com seu habitual e calmo bom-senso) havia trazido um candeeiro lá da sala; rapidamente, portanto, assim que eles subiram, um raio atravessou a escuridão opaca. Lá estava a bougie [4] apagada na cômoda; mas, onde estava a carta? Eu *a* procurava, então, e não a freira.

— Minha carta! Minha carta! — lamentei, ofegante, quase perdendo o controle. Tateei o chão, retorcendo as mãos, enlouquecida. Destino cruel, cruel! Ter meu bocado de conforto arrancado de mim por meios sobrenaturais, antes que eu desfrutasse por completo de suas qualidades!

Não sei o que os demais estavam fazendo; eu não tinha condição de olhá-los: eles me fizeram perguntas que eu não respondi; revistaram todos os cantos; ficaram falando deste e daquele desarranjo dos casacos, uma

fenda ou quebrado na claraboia — não sei o que mais. “Algo ou alguém esteve aqui” foi declarado com sensatez.

— Oh! Eles levaram minha carta! — exclamou a monomaníaca rastejante e tateante.

— Qual carta, Lucy? Minha cara menina, qual carta? — perguntou uma voz conhecida em meus ouvidos. Poderia eu acreditar naqueles ouvidos? Não: e ergui o olhar. Poderia confiar nos meus olhos? Teria reconhecido o tom de voz? Eu fitava então o rosto do autor daquela mesma carta? Era o cavalheiro ao meu lado naquele sótão escuro John Graham… o próprio Dr. Bretton?

Sim: era. Ele havia sido chamado naquela exata noite para dar um remédio para o acesso de doença da velha Madame Kint; era ele o segundo cavalheiro presente na salle-à-manger quando eu entrei.

— Era essa a *minha* carta, Lucy?

— A própria: a sua… a carta que você me escreveu. Eu tinha vindo aqui para lê-la com tranquilidade. Não consegui achar outro lugar onde fosse possível tê-la só para mim. Eu a havia poupado o dia inteiro… não a abri até noite: a mal dei uma olhada nela: *não vou suportar* perdê-la. Oh, minha carta!

— Shhh! Não chore e não se desespere tanto. A carta vale a pena? Shhh! Saia deste lugar frio; eles vão chamar a polícia agora para fazer uma investigação melhor: nós não temos de ficar aqui… venha, vamos descer.

Uma mão cálida, pegando meus dedos frios, me conduziu até um cômodo onde havia um fogo aceso. O Dr. John e eu nos sentamos ao lado do aquecedor. Ele falou comigo e me acalmou com uma indizível bondade, prometendo-me vinte cartas em troca daquela que havia sido perdida. Se há palavras e erros que são como facas, cujas profundas lacerações nunca se curam, ferimentos e insultos cortantes feitos por bordas serrilhadas e que vertem veneno, então, também há consolo de um tom gentil demais para que os ouvidos não retenham com carinho e para sempre o seu eco: uma gentileza carinhosa, estimada, que permanece por toda a vida, relembrada com uma ternura que não fenece e atende aos chamados com um brilho que não se enfraquece, através daquelas nuvens negras que

prenunciam a própria Morte. Já me disseram depois dessa ocasião que o Dr. Bretton não era tão perfeito quanto eu o considerava: que sua verdadeira natureza não possuía a profundidade, a altura, a abrangência e a resistência que possuía em minhas convicções. Eu não sei: para mim, ele era tão bom quanto um poço é para o andarilho sedento, quanto o sol é para o friorento pássaro engaiolado. Eu o recordo como um ser heroico. Heroico nesse momento eu vou considerar que ele era.

Ele me perguntou, sorrindo, por que eu me importava tanto com a carta dele. Pensei, mas não falei, que a valorizava como o sangue que corria em minhas veias. Somente respondi que tinha muito poucas cartas com as quais me importar.

— Tenho certeza de que você não a leu — disse ele —, ou então não lhe daria tanto valor!

— Eu a li, mas apenas uma vez. Quero lê-la novamente. Sinto tanto ela ter se perdido! — E não pude deixar de chorar uma vez mais.

— Lucy, Lucy, minha pobre irmãzinha de alma (se é que há tal relacionamento), aqui… *aqui* está sua carta. Será que ela vale essas lágrimas, e tal fé exagerada com tanta doçura?

Manobra curiosa e característica! Seus olhos sagazes haviam visto a carta no chão onde eu a havia procurado; suas mãos, igualmente rápidas, a pegaram. Ele a havia ocultado no bolso do colete. Se minha perturbação tivesse trabalhado com um pouquinho menos de tensão e realidade, eu me pergunto se ele teria admitido a existência da carta ou a teria restituído. Lágrimas um grau mais frias que as que eu havia derramado somente teriam divertido o Dr. John.

O prazer ao recuperá-la me fez esquecer a devida repreensão pelo tormento caçoísta; grande era minha felicidade; ela não poderia ser disfarçada: contudo, acho que ela se expressou mais na fisionomia que na linguagem. Eu pouco disse.

— Está contente agora? — perguntou o Dr. John.

Respondi que estava satisfeita e feliz.

— Muito bem — continuou ele —, e como você se sente fisicamente? Está ficando mais calma? Não muito: você ainda está tremendo como

varas verdes.

Eu tinha a impressão, entretanto, de estar suficientemente calma: pelo menos não me sentia mais apavorada. Respondi com toda a calma.

— Então, você tem condição de me dizer o que viu? Seu relato foi bastante vago, sabe? Você estava tão branca quanto a cal das paredes; mas só falou de "alguma coisa", sem definir *o quê* . Era um homem? Era um animal? O que era?

— Eu nunca vou dizer com exatidão o que vi — respondi —, a não ser que alguém mais também veja, e então terei um testemunho corroborativo; ou, caso contrário, serei desacreditada e acusada de estar sonhando.

— Diga-me — o Dr. Bretton. — Vou ouvi-la na minha condição profissional: estou olhando para você agora com uma perspectiva profissional, e vejo, talvez, tudo que você ocultaria: em seus olhos, que estão curiosamente atentos e inquietos: em suas faces, que o sangue abandonou; em suas mãos, que você não consegue controlar. Vamos, Lucy, fale comigo, me conte.

— Você iria rir de mim…?

— Se você não me disser, não terá mais cartas.

— Você está dando risada agora.

— Eu vou pegar de volta essa epístola sem par: sendo de minha autoria, creio ter o direito de recuperá-la.

Eu senti a zombaria em suas palavras: isso me fez ficar séria e calada; mas dobrei a carta e a escondi dos olhos dele.

— Você pode escondê-la, mas tenho condição de me apossar dela a qualquer momento que desejar. Você não conhece meu talento com truques de mão; eu poderia ganhar a vida como prestidigitador, se quisesse. Mamãe às vezes diz, também, que sou dono de uma harmoniosa capacidade de língua e de olhos; mas, você nunca viu isso em mim… viu, Lucy?

— De fato… de fato… quando você não era mais que um menino, eu costumava ver ambos: muito mais naquela época que agora… pois agora você é forte, e a força abre mão da sutileza. Mas, mesmo assim… Dr.

John, você tem o que eles chamam neste país de “un air fin”, [5] que ninguém deixa de ver. Madame Beck percebeu isso, e…

— E gostou do que viu — disse ele, rindo —, porque ela própria também tem. Mas, Lucy, dê-me essa carta… você realmente não se importa com ela.

Não dei resposta a essas palavras provocativas. Quando Graham estava assim tão bem-humorado, não era recomendável acompanhá-lo sem reservas. E nesse mesmo instante havia um novo tipo de sorriso brincando em seus lábios, muito doce, mas que, de certo modo, me magoou; havia também um novo tipo de luz brilhando em seus olhos: não hostil, mas tampouco reconfortante. Eu me levantei para sair; desejei-lhe boa noite com um pouco de tristeza.

A sensibilidade dele — aquela capacidade peculiar, abrangente, perspicaz — sentiu em um instante a queixa silenciosa, a repreensão mal formulada em pensamentos. Ele perguntou em voz baixa se eu estava ofendida. Balancei a cabeça, indicando uma negação.

— Permita-me, então, falar um pouco com você, a sério, antes de você sair daqui. Você está muito nervosa. Tenho certeza, pelo que sua expressão e modos, ainda que muito bem controlados, deixam aparente, de que enquanto você estava sozinha esta noite naquele sótão sombrio e decadente e sepulcral, aquele calabouço sob as telhas, com cheiro de umidade e de bolor, infestado de tísica e de catarro: um local onde você jamais poderia ter pensado em entrar, você viu, ou *julgou* ter visto, uma figura peculiarmente concebida para excitar a imaginação. Eu sei que você não *é* , nem jamais foi, vítima de terrores materiais, medo de ladrões, etc. Eu não tenho tanta certeza de que uma aparição, que tivesse uma característica espectral, não abalaria sua mente. Fique calma agora. Isso tudo é uma questão de nervos, eu entendo: mas, especifique o que você viu.

— Você não contará para ninguém?

— Ninguém… com toda a certeza. Você pode confiar em mim tão implicitamente como confiou no Père Silas. Na verdade, o médico talvez

seja o confessor mais garantido entre os dois, embora ele não tenha cabelos grisalhos.

— Você não vai dar risada?

— Talvez eu dê, para seu bem: mas não será por escárnio. Lucy, eu sinto amizade por você, embora sua natureza tímida custe a confiar nos outros.

E ele então parecia ser um amigo: aquele sorriso e aquele olhar indescritíveis desapareceram; as impressionantes curvaturas dos lábios, das narinas, das sobrancelhas estavam rebaixadas; sua atitude era marcada pela tranquilidade; a atenção deixava seu aspecto sério. Minha confiança tendo sido conquistada, eu lhe disse exatamente o que havia visto: anteriormente, eu lhe havia contado a lenda a respeito da casa, passando o tempo com essa narrativa uma hora de certa tarde amena de outubro, quando ele e eu passávamos pelo Bois l'Etang.

Ele se sentou e ficou pensando, e, enquanto pensava, ouvimos os demais descendo as escadas.

— Eles irão nos interromper? — disse ele, olhando rapidamente para a porta com uma expressão de aborrecimento.

— Eles não virão para cá — respondi; pois nós estávamos no pequeno salon onde Madame jamais ficava à noite, e onde, por mera casualidade, o fogo ainda estava aceso no aquecedor. Eles passaram pela porta e foram para a salle-à-manger.

— E agora — continuou ele — eles irão falar sobre ladrões, arrombadores e assim por diante: deixe que eles falem… não diga nada e fique firme em sua decisão de não descrever a freira para ninguém. Ela pode aparecer para você novamente; não se sobressalte.

— Você acha então — disse eu, com um horror secreto — que ela saiu do meu cérebro, e agora está lá, e pode se esgueirar novamente em uma hora desconhecida ou em um dia inesperado em que eu não esteja à procura dela?

— Eu acho que esse é um caso de alucinação: receio que seja consequência e resultado de um longo conflito mental.

— Oh, Doutor John… eu estremeço só com o pensamento de estar sujeita a tal alucinação! Ela pareceu tão real. Não há cura? Não há prevenção?

— Felicidade é a cura… uma mente alegre, a prevenção: cultive ambas.

Nenhuma zombaria neste mundo jamais soa tão vazia a meus ouvidos como essa de me mandarem *cultivar* a felicidade. O que tal conselho significa? A felicidade não é uma batata, para ser plantada em um terreno e cuidada com adubo. A felicidade é uma glória brilhando sobre nós lá do alto, vinda do Céu. Ela é um orvalho divino que a alma, em algumas de suas manhãs de verão, sente pingando sobre si das flores do amaranto e dos frutos dourados do Paraíso.

— Cultivar a felicidade? — disse eu secamente para o médico. — *Você* cultiva a felicidade? Como consegue?

— Eu sou uma criatura alegre por natureza: e por isso a má sorte nunca seguiu os meus passos. A adversidade deu para mim e para minha mãe uma carranca e um encontrão passageiros, mas nós a desafiamos, ou melhor, rimos dela, e ela se foi.

— Não há cultivo nenhum nisso tudo.

— Eu não me entrego à melancolia.

— Sim: eu o vi dominado por esse sentimento.

— Por causa de Ginevra Fanshawe… hm?

— Às vezes ela não o deixava infeliz?

— Bah! Bobagem! Tolice! Você vê que agora eu estou bem melhor.

Se olhos risonhos, com uma luz viva, e uma face iluminada com uma radiante e saudável energia pudessem atestar que ele estava melhor, melhor ele certamente estava.

— Você não parece estar muito perturbado, ou em condições assim tão ruins — admiti.

— E por que, Lucy, você não pode ter a aparência que tenho, e se sentir como eu me sinto, alegre, corajosa e pronta para desafiar todas as freiras e namoradeiras da cristandade? Eu pagaria em ouro, na hora, só para ver você mandá-la embora cheia de desdém. Tente fazer isso.

— Se eu pudesse trazer a Srta. Fanshawe à sua presença agora mesmo?

— Garanto, Lucy, ela não me comoveria: ou, ela poderia me comover com apenas uma única coisa… amor verdadeiro, sim, e cheio de paixão. Eu não daria meu perdão por um preço menor que esse.

— É mesmo! Um sorriso dela teria sido uma fortuna para você há muito pouco tempo.

— Transformado, Lucy: transformado. Lembre-se, uma vez você me disse que eu era um escravo! Mas, agora, sou um homem livre!

Ele se levantou: no porte da cabeça, no modo como se comportava, na sua expressão e nos olhos luminosos se revelava uma liberdade que era mais que tranquilidade; um estado de espírito que era o desdém por sua antiga servidão.

— A Srta. Fanshawe — prosseguiu ele — me conduziu por uma fase de sentimentos que se acabou: passei para uma nova condição, e agora estou muito mais disposto a exigir amor por amor, paixão por paixão, e uma boa quantidade deles, também.

— Ah, Doutor! Doutor! Você disse que fazia parte da sua natureza correr atrás do Amor em situações difíceis… ser fascinado por uma insensibilidade orgulhosa!

Ele sorriu e respondeu:

— Minha natureza varia: o estado de espírito de um momento às vezes é a caçoada do seguinte. Bem, Lucy (colocando as luvas), a Freira aparecerá de novo esta noite? O que você acha?

— Não creio que ela apareça.

— Transmita-lhe meus cumprimentos, se ela vier — os cumprimentos do Dr. John — e peça-lhe para ter a bondade de esperar uma visita dele. Lucy, ela era uma freira bonita? Tinha um belo rosto? Você ainda não me falou a respeito, e *esse* é um ponto realmente importante.

— Ela usava um tecido branco sobre o rosto — respondi —, mas os olhos eram luminosos.

— Malditas sejam as suas artimanhas de duende! — exclamou ele, irreverente. — Mas, pelo menos, ela tinha belos olhos: luminosos e ternos.

— Frios e fixos — foi a resposta.

— Não, não, nós não vamos mais tolerá-la: ela não irá assombrar você, Lucy. Trate-a com desdém, se ela aparecer de novo. Você acha que ela vai suportar *isso* ?

Eu achava que isso era muito gentil, e muito cordial para um fantasma suportar: e o sorriso que acolheu essas palavras e acompanhou o "boa-noite" dele também era.

* * * * *

E tinha aparecido algo lá no sótão? O que eles descobriram? Com a mais minuciosa das inspeções, acredito que as descobertas deles resultaram em muito pouco. A princípio, eles falaram a respeito de os casacos estarem fora de ordem; mas, Madame Beck me disse posteriormente que ela achava que eles estavam pendurados mais ou menos como sempre; quanto ao vidro quebrado na claraboia, ela afirmou que a abertura raramente ficava sem um ou mais painéis quebrados ou rachados; e, além do mais, uma forte chuva de granizo havia caído poucos dias antes. Madame me interrogou detidamente a respeito do que eu havia visto, mas eu somente descrevi uma figura obscura vestida de negro: tomei cuidado para não dizer "freira", com a certeza de que essa palavra iria, na mesma hora, sugerir para ela uma ideia de fantasia e de irrealidade. Ela me pediu para nada dizer a esse respeito a qualquer empregada ou aluna, e me elogiou muito pela discrição de ter ido até sua salle-à-manger particular, em vez de ter levado essa história de terror ao refeitório da escola. E assim o assunto foi esquecido. E eu fiquei triste e secretamente a pensar com meus botões se aquela coisa estranha pertencia a este mundo ou a um reino do além-túmulo; ou se ela era na verdade apenas fruto da doença, e eu a presa dessa doença.

XXIII. VASHTI

A ficar pensando tristemente, eu disse? Não: uma nova influência começou a agir em minha vida, e a tristeza, por determinado período, foi mantida à distância. Pense em um pequeno vale, profundamente mergulhado no recôndito de uma floresta; ele se encontra em meio à obscuridade e à névoa: sua turfa é fria e pegajosa, sua vegetação, sem cor e úmida. Uma tempestade ou um machado abre um grande espaço vazio entre os carvalhos; a brisa passa a soprar; o sol olha para baixo; o vale triste e frio passa a ser uma profunda taça de fulgor; o auge do verão derrama sua glória azul e sua luz dourada lá daquele lindo céu, que até então o vale faminto jamais vira.

O meu passou a ser um novo credo: a crença na felicidade.

Três semanas haviam se passado depois da aventura do sótão, e eu tinha no estojo, caixa e gaveta no andar de cima, entesouradas com aquela primeira carta, quatro companheiras dela, escritas pela mesma mão firme, seladas com o mesmo lacre nítido, repletas do mesmo conforto vital. Um conforto vital elas pareciam ser então para mim: eu as li em anos posteriores; elas eram cartas bastante gentis, cartas agradáveis, por serem compostas por alguém muito estimado; nas duas últimas havia três ou quatro linhas finais, meio alegres, meio ternas, "por *sentimento* tocadas, porém não conquistadas". O tempo, caro leitor, atenuou-as a um cordial desse tipo mais ameno; mas, quando eu provei pela primeira vez seu elixir, recém-saído da fonte tão honrada, ele parecia o sumo de uma colheita divina: uma poção que Hebe poderia servir, e os próprios deuses aprovariam.

O leitor, lembrando-se do que foi dito algumas páginas atrás, se importa em saber como eu respondi a essas cartas: se foi sob o árido e

doloroso controle da Razão, ou de acordo com o pleno e liberal impulso do Sentimento?

Para dizer a verdade, eu cheguei a um acordo; servi a dois senhores: eu me prosternei na casa de Rimon, e elevei o coração em outro altar. Escrevi para essas cartas duas respostas: uma para meu alívio particular, e outra para a leitura de Graham.

Para começar: o Sentimento e eu colocamos a Razão da porta para fora e fechamos a porta com ferrolho e cadeado; então nós nos sentamos, estendemos nossa folha de papel, mergulhamos no tinteiro uma pena ávida e, com júbilo profundo, abrimos nosso coração sincero. Quando acabamos, quando duas folhas haviam sido cobertas com a linguagem de uma afeição fortemente enraizada, uma gratidão arraigada e ativa, (de uma vez por todas, neste aparte, eu nego, com o mais profundo desdém, qualquer suspeita covarde do que são chamados de "sentimentos mais intensos": as mulheres não acolhem esses "sentimentos mais intensos" quando, desde o início, durante toda a progressão de uma convivência, elas nunca foram ao menos uma vez desviadas da convicção de que fazê-lo seria cometer um disparate supremo: ninguém jamais se dedica com entusiasmo ao Amor a não ser que tenha visto a ascensão da estrela da Esperança sobre as perturbadas águas do Amor, ou com ela sonhado), quando, então, eu tinha dado voz a uma afeição intimamente entranhada e profundamente honrosa, uma afeição que desejava atrair para si e acrescentar à sua própria sorte tudo quanto havia de doloroso no destino de seu objeto; que teria, caso tivesse podido, absorvido e afastado todas as tempestades e raios de uma existência contemplada com a paixão da solicitude, então, exatamente nesse momento, as portas do meu coração iriam estremecer, ferrolho e cadeado cederiam, a Razão iria se arrojar vigorosa e vingativa, agarrar as folhas cobertas pela escrita, ler, escarnecer, apagar, fazer em pedaços, reescrever, dobrar, lacrar, endereçar, e enviar uma missiva lacônica e curta de uma página. Ela fez bem.

Eu não vivia só de cartas: eu era visitada, era cuidada; uma vez por semana era levada até La Terrasse; sempre era tratada como uma pessoa importante. O Dr. Bretton não deixava de me dizer *por que* ele era tão

gentil: “Para manter a freira afastada”, ele dizia, “ele estava determinado a lutar com ela por sua presa. Nutria por ela”, declarava ele, “uma profunda antipatia, principalmente por causa daquele tecido branco que cobria o rosto e daqueles olhos frios e cinzentos: no momento em que ouvira esses detalhes odiosos”, afirmava ele, “uma absoluta repugnância o havia instigado a se opor a ela; ele estava determinado a testar quem era o mais esperto, ele ou ela, e ele só queria que ela fosse uma vez mais me fazer uma visita quando ele estivesse presente”: mas, *isso* ela nunca fez. Resumindo: ele me olhava de modo científico, como se eu fosse uma paciente, e na mesma hora exercitava suas habilidades profissionais, e gratificava sua natural benevolência por meio de um tratamento cordial e atencioso.

Certo anoitecer, o primeiro de dezembro, eu estava passando sozinha pelo carré; eram seis horas, as portas das classes estavam fechadas, mas, lá dentro, as alunas, exuberantes na liberdade da recreação noturna, estavam fazendo uma imitação de um caos em miniatura. O carré estava bastante escuro, a não ser por uma luz vermelha brilhando sob o aquecedor e ao redor dele; as amplas portas de vidro e as grandes janelas estavam cobertas de gelo; um tremeluzir cristalino da luz das estrelas, aqui e acolá fazendo cintilar aquele esbranquiçado véu invernal e interrompendo com um brilho difuso a palidez do seu tecido, mostrava que era uma noite clara, embora sem lua. O fato de eu ousar permanecer assim sozinha na escuridão mostrava que meus nervos estavam recuperando um tom saudável: eu pensava na freira, mas raramente a temia, embora a escada estivesse atrás de mim, conduzindo, através da noite escura e cegante, de um andar a outro, ao grenier assombrado. Contudo, confesso que meu coração teve um sobressalto e meu pulso disparou, quando subitamente ouvi uma respiração e um farfalhar, e, voltando-me, vi na sombra profunda da escadaria uma sombra ainda mais profunda, uma forma que se movia e descia. Ela parou por alguns instantes à porta de uma sala de aula, e então passou silenciosamente por mim. Concomitantemente, se fez ouvir o retinir do distante sino da porta. Sons corriqueiros ocasionam

sentimentos corriqueiros: essa forma era muito rechonchuda e atarracada para ser minha descarnada freira: era apenas Madame Beck a trabalho.

— Mademoiselle Lucy! — exclamou Rosine, surgindo apressada, candeeiro em uma das mãos, lá do corredor. — On est là pour vous au salon. [1]

Madame me viu, eu vi Madame; Rosine nos viu: não houve um reconhecimento mútuo. Fui diretamente para o salon. Lá encontrei quem eu confesso que esperava encontrar — o Dr. Bretton; mas ele estava usando roupas para uma ocasião especial.

— A carruagem está na porta — disse ele. — Minha mãe mandou-a para levar você ao teatro; ela ia, mas uma visita a impediu; ela disse na mesma hora: "Leve Lucy em meu lugar". Você vai?

— Agora? Não estou vestida — exclamei, olhando com tristeza para meu vestido de merino escuro.

— Você tem meia hora para se vestir. Eu deveria tê-la avisado, mas somente me decidi a ir às cinco horas, quando soube que haveria um verdadeiro regalo na presença de uma grande atriz.

E ele mencionou um nome que me deixou entusiasmada; um nome que, naqueles dias, podia entusiasmar a Europa. Ele já se foi, agora: seus ecos outrora inquietos se silenciaram, aquela que o trazia se foi há tantos anos para seu descanso: a noite e o esquecimento há muito tempo se cerraram sobre ela; porém, *naquela época* , seu brilho (um brilho como o de Sirius) alcançava o ponto máximo de seu fulgor e fervor.

— Eu vou; estarei pronta em dez minutos — prometi. E saí correndo, sem ser detida nem ao menos uma vez, leitor, pela ideia que talvez neste momento o detenha: a saber, que ir a qualquer lugar com Graham e sem a Sra. Bretton poderia ser algo repreensível. Eu não seria capaz de pensar em tal coisa (em tais escrúpulos) e muito menos de tê-los dito a Graham, sem incorrer no risco de suscitar um tirânico desprezo por mim mesma; de atiçar um fogo interior de vergonha tão inextinguível e tão arrasador, que eu acho que ele logo teria acabado com a própria vida em minhas veias. Além do mais, seria mais fácil minha madrinha, conhecendo seu filho, e me conhecendo, ter pensado em servir de chaperon para uma irmã que

saísse com um irmão, a ter de ficar ansiosamente tomando conta de nossas idas e vindas.

Essa não era uma ocasião para uma indumentária mais chamativa; meu crepe cinza-arroxeado seria adequado, e eu o procurei no grande armário de carvalho no dormitório, onde estavam pendurados nada menos de quarenta vestidos. Porém, tinha havido alterações e reformas, e certa mão inovadora havia feito uma mudança exatamente nesse guarda-roupa lotado, e levado diversas roupas para o grenier, meu vestido entre os demais. Eu deveria ir buscá-lo. Peguei a chave, e subi destemida, quase sem pensar. Abri a porta e entrei. O leitor pode acreditar ou não, mas, quando entrei assim tão de repente, o sótão não estava completamente às escuras, como deveria ter estado: de um ponto brilhava uma luz solene, como uma estrela, porém maior. Ela brilhava com tanta clareza, que revelava a profunda alcova com uma parte da desbotada cortina avermelhada puxada à sua frente. No mesmo instante, silenciosamente, perante meus olhos, ela desapareceu; assim como desapareceram a cortina e a alcova: todo aquele canto do sótão ficou tão escuro quanto a noite. Eu não me arrisquei a procurar; não tinha nem tempo nem vontade; pegando rapidamente meu vestido, que, felizmente, estava pendurado na parede próxima à porta, saí correndo, tornei a fechar a porta com uma pressa trêmula, e desci rapidamente para o dormitório.

Porém, eu tremia demais para me vestir: seria impossível pentear os cabelos ou fechar colchetes e me abotoar com tais dedos, então chamei Rosine e subornei-a para que me ajudasse. Rosine apreciava um suborno, por isso fez o melhor possível, alisou e trançou meus cabelos tão bem quanto um coiffeur teria feito, colocou uma gola de renda com precisão matemática, atou de modo correto a fita ao meu pescoço; resumindo, desempenhou sua tarefa como a Phillis de mãos hábeis que ela sabia ser quando queria. Tendo me dado meu lenço e minhas luvas, ela pegou a vela e me iluminou escada abaixo. E depois disso tudo, eu havia esquecido o xale; ela correu lá para cima para pegá-lo; e eu fiquei com o Dr. John no vestíbulo, esperando.

— O que é isso, Lucy? — disse ele, examinando-me atentamente. — Eis o velho nervosismo. Hah! A freira, de novo?

Porém, neguei categoricamente a acusação: eu me sentia contrariada por ser suspeita de ter uma segunda ilusão. Ele estava cético.

— Ela apareceu, tão certo quanto eu estar vivo — disse ele. — A forma dela passando por seus olhos deixa neles um brilho particular e uma expressão que não podem ser confundidos.

— Ela *não* apareceu — persisti: pois, na verdade, eu poderia negar a aparição dela com sinceridade.

— Os velhos sintomas se manifestam — afirmou ele. — Uma palidez particular, e o que os escoceses chamam de um olhar "crespo".

Ele estava tão obstinado, que julguei melhor dizer-lhe o que eu realmente *havia* visto. Naturalmente, para ele esse não era mais que outro efeito da mesma causa: era uma ilusão de ótica, uma doença nervosa, e daí por diante. Não acreditei nem um pouquinho nele; mas não ousei contradizê-lo: os médicos são muito presunçosos, muito irredutíveis em sua visão árida e materialista.

Rosine trouxe o xale, e eu fui colocada na carruagem.

* * * * *

O teatro estava lotado, abarrotado até o teto: a realeza e a nobreza estavam lá; hotéis e palácios haviam despejado seus habitantes naquelas fileiras repletas e tão silenciosas. Eu me senti profundamente privilegiada por ter um assento diante daquele palco; ansiava por ver uma criatura a respeito de cujos poderes eu ouvira relatos que me fizeram sentir singulares antecipações. Fiquei imaginando se ela justificaria seu renome: com estranha curiosidade, com sentimentos severos e austeros e, no entanto, de interesse absorto, eu esperei. Ela era um estudo de uma natureza com que meus olhos ainda não haviam se deparado: um grande e novo planeta ela era: mas, de que formato? Esperei sua ascensão.

Ela ascendeu às nove horas daquela noite de dezembro: eu a vi surgir acima do horizonte. Ela ainda poderia brilhar com uma grandeza pálida e

uma força contínua; mas aquela estrela já se aproximava do seu julgamento final. Vista de perto, era o caos: oca, parcialmente consumida: uma órbita que já perecera ou estava perecendo, metade lava, metade brilho.

Eu havia ouvido essa mulher ser chamada de "comum", e esperava uma dureza e uma rudeza pétreas; uma figura grande, ossuda e pálida. O que vi foi a sombra de uma Vashti da realeza: uma rainha, bela como fora um dia, agora empalidecida, como o crepúsculo, e aniquilada como a cera sob as chamas.

Por certo tempo (muito tempo) pensei que ela era apenas uma mulher, embora fosse uma mulher única. Que se movia cheia de força e de graça perante aquela multidão. Logo em seguida, percebi meu erro. Vejam! Descobri nela algo que não era nem feminino nem masculino: em cada um de seus olhos se encontrava um demônio. Essas forças do mal a conduziram ao longo da tragédia; sustentaram seu vigor frágil (pois ela não era nada além de uma criatura frágil); e à medida que a ação se intensificava e a excitação ficava mais profunda, quão selvagemente elas a agitaram com suas paixões abissais! Elas escreveram INFERNO em sua testa reta e altiva. Ajustaram sua voz ao tom do tormento. Contorceram sua face régia em uma máscara demoníaca. Ódio e Morte e Loucura encarnados ela era naquele momento.

Foi uma visão maravilhosa: uma revelação poderosa.

Foi um espetáculo baixo, horrível, imoral.

Guerreiros com o corpo atravessado por espadas e morrendo em meio a seu sangue sobre a areia da arena, ou touros despedaçando cavalos com seus chifres ofereceriam uma visão mais amena para o público, um condimento mais suave para o paladar das pessoas, que Vashti destroçada por sete demônios: demônios que atormentavam e despedaçavam o receptáculo por eles assombrado, mas ainda assim se recusavam a ser exorcizados.

O sofrimento havia atingido aquela imperatriz dos palcos; e ela ficou perante sua plateia sem nem ceder a ele, nem suportá-lo nem, de modo limitado, se ressentir com ele: ficou aprisionada no combate, rígida em

sua resistência. Ficou, não vestida, mas envolta em drapejados pálidos e antigos, longos e regulares como uma escultura. Um pano de fundo, um ambiente e um piso de um tom profundo de escarlate destacavam-na, branca como o alabastro, como a prata: ou, melhor dizendo, como a Morte.

Onde estava o artista que criara Cleópatra? Deixem-no vir e sentar-se e estudar essa visão diferente. Deixem-no procurar aqui a corpulência poderosa, os músculos, o sangue abundante e a carne bem alimentada que ele adorava: deixem que todos os materialistas se aproximem e observem.

Eu disse que ela não se *ressentia* do seu pesar. Não, a debilidade dessa palavra transformaria essa afirmação em uma mentira. Para ela, o que magoa é imediatamente incorporado: ela o considera como algo que pode ser atacado, destroçado, feito em pedaços. Ela mal parece ter substância, e se atraca em um conflito com abstrações. Perante a calamidade, é uma tigresa; dilacera suas aflições, estraçalhando-as em uma repugnância convulsa. A dor, para ela, não resulta no bem: as lágrimas não irrigam uma colheita de sabedoria: para a doença e para a própria morte ela olha com os olhos de um rebelde. Malévola talvez ela seja, mas também é forte; e sua força conquistou a Beleza, superou a Graça e manteve ambas ao seu lado, prisioneiras incomparavelmente belas, e tão dóceis quanto belas. Até mesmo no ponto máximo do frenesi da energia, cada movimento de mênade é sustentado de forma régia, imperial e imponente. Seus cabelos, caindo soltos na diversão ou na guerra, ainda são os cabelos de um anjo, e gloriosos sob um halo. Decaída, insurgente, banida, ela se lembra do céu onde se rebelou. A luz do céu, seguindo o exílio dela, atravessa os seus limites, e revela seu afastamento sem esperanças.

Coloquem agora a Cleópatra, ou qualquer outro peso morto, na frente dela, como um obstáculo, e vejam como ela atravessa a massa carnuda como a cimitarra de Saladino cortou com um só golpe a almofada. Deixem que Paul Peter Rubens ressuscite dos mortos, deixem que ele se erga de sua mortalha e traga a essa presença todo o exército de suas mulheres gordas; a dádiva do poder mágico ou a virtude profética desse fino cajado de Moisés poderia, com um único movimento, liberar e tornar a unir o mar

separado por um encanto, submergindo a poderosa tropa com a precipitação das muralhas marinhas derrubadas.

Vashti não era boa, me disseram; e eu disse que ela não parecia ser boa: embora fosse um espírito, ela era um espírito surgido de Tôfet. Bem, se tanta força não sagrada pode se originar das profundezas, não pode um eflúvio igual de essência sagrada descer um dia lá do alto?

O que o Dr. Graham pensava dessa criatura?

Durante longos períodos eu me esqueci de observar como ele se comportava, ou perguntar qual era a opinião dele. O grande magnetismo do gênio afastou meu coração da sua órbita costumeira; o girassol se afastou do sul voltando-se para uma luz feroz, que não era solar; uma luz impetuosa, rubra e semelhante a um cometa, escaldante para os nervos e para as sensações. Eu tinha visto uma atuação antes, mas jamais algo parecido com aquilo: jamais algo que aturdisse a Esperança e silenciasse o Desejo; que ultrapassasse o Impulso e empalidecesse a Concepção; que, em vez de simplesmente incomodar a imaginação com a ideia do que *poderia* ser feito, ao mesmo tempo deixando os nervos em febre porque aquilo *não* era feito, revelou o poder como um rio invernal profundo e transbordante, trovejando em cataratas, e transportando a alma, como uma folha, no escarpado e acerado despenhadeiro de sua descida.

A Srta. Fanshawe, com seu habitual julgamento ponderado, decretou que o Dr. Bretton era um homem sério e sem paixões, muito grave e muito impressionável. Eu jamais o vi sob tal luz: não poderia atribuir a ele tais faltas. Sua atitude natural não era a meditativa nem seu temperamento natural era o sentimental; *impressionável* ele era como a água corrente, mas, quase como a água, *não impressionável* : a brisa e o sol o emocionavam; o metal não conseguiria cortá-lo nem o fogo marcá-lo.

O Dr. John *era capaz* de pensar, e de pensar muito bem, mas ele era mais um homem de ação que de pensamentos; *era capaz* de sentir, e de sentir intensamente, a seu modo, mas seu coração não tinha pendor para o entusiasmo: para as influências luminosas, ternas e doces seus olhos e seus lábios davam uma acolhida luminosa, terna e doce, bela de se ver como tons de rosa e prata, pérola e púrpura, impregnando as nuvens de verão; ele

não tinha simpatia pelo que era característico da tempestade, o que era selvagem e intenso, perigoso, repentino e flamejante, e não mantinha contato com isso. Quando fiz uma pausa e voltei a ter vontade de dar uma olhada nele, descobri, em um misto de deleite e esclarecimento, que ele estava olhando aquela sinistra e soberana Vashti não com espanto, não com adoração, nem mesmo com horror, mas simplesmente com uma intensa curiosidade. A agonia dela não o mortificava; seus gemidos selvagens (piores que gritos penetrantes) não o comoviam tanto; a fúria dela o revoltou um pouco, mas não a ponto de ele se horrorizar. Jovem e frio bretão! Os pálidos penhascos da sua própria Inglaterra não miravam os mares do Canal com maior calma do que ele fitava a oracular inspiração daquela noite.

Olhando para o rosto dele, eu tinha muita vontade de conhecer suas opiniões exatas, e finalmente fiz uma pergunta com o intuito de suscitá-las. Ao som da minha voz ele despertou como se fosse de um sonho; pois estivera pensando, e pensando profundamente, em suas próprias ideias, a seu próprio modo. "O que ele havia achado de Vashti?", eu queria saber.

"Hm-m-m", foi a primeira resposta, mal articulada, mas expressiva; e então um sorriso tão estranho pairou sobre seus lábios, um sorriso tão crítico, quase tão insensível! Eu suponho que, para naturezas desse tipo, suas simpatias *fossem* insensíveis. Com poucas frases lacônicas ele me deu sua opinião a respeito da atriz, e expressou seus sentimentos em relação a ela: ele a julgava como mulher, não como artista: era um julgamento marcante.

Aquela noite já estava marcada no livro da minha vida, não com uma cruz branca, mas com uma de um vermelho profundo. Porém, eu ainda não chegara até o fim dela; e outras recordações estavam destinadas a ser impressas em letras de tinta indelével.

Perto da meia-noite, quando a tragédia sombria ficou ainda mais tenebrosa com a cena de morte, e todos continham a respiração, e até mesmo Graham mordia o lábio inferior e franzia a testa, e se sentava imóvel e impressionado —, quando o teatro inteiro estava em silêncio, quando todos os olhares se focavam em um só ponto, quando todos os

ouvidos prestavam atenção em somente um local, nada sendo visto além da forma branca afundada em um sofá, tremendo, em conflito com seu último e mais odiado inimigo, que visivelmente a havia derrotado; nada era escutado além do seu agonizar e do seu ofegar, que sugeriam a rebelião, soando desafiadores; quando, ao que parecia, uma vontade desmesurada, abalando um frágil corpo mortal, levava-o a batalhar contra a destruição e a morte, se debatia para ter cada centímetro do terreno, negociava cada gota de sangue, resistia até o último instante contra a violação de todas as faculdades, *iria* ver, *iria* ouvir, *iria* respirar, *iria* viver, até, dentro, quase *além* do momento em que a morte diz para todos os sentidos e para todo o corpo humano: "Até aqui, e não vás mais além!"…

Exatamente nesse momento uma comoção, repleta de presságios, se agitou por trás das cortinas: passos correndo, vozes se manifestando. "O que foi isso?", se perguntou toda a plateia. Uma chama e o cheiro de fumaça responderam.

"Fogo!", se ouviu por toda a galeria. "Fogo!", foi repetido, ecoado, gritado: e então, e mais rápido do que uma pena possa colocar em palavras, sobreveio o pânico, precipitado, esmagador; um caos cego, egoísta, cruel.

E o Dr. John? Leitor, eu ainda o vejo, com seu olhar de coragem digna e calma cordial.

— Lucy vai ficar sentada, imóvel, eu sei — disse ele, olhando para mim com a mesma bondade serena, a mesma tranquilidade de firmeza que eu havia visto nele estando sentada ao seu lado, em meio à paz segura da casa da sua mãe. Sim, sendo assim instada, eu creio que teria ficado sentada imóvel sob uma rocha escarpada que se mexesse: mas, na verdade, ficar imóvel naquelas circunstâncias era meu instinto; e, ao preço da minha própria vida, não me teria movido para causar problemas ao Dr. John, frustrar seus desejos, ou exigir a atenção dele. Nós estávamos nos assentos na parte da frente do teatro; e, por alguns minutos, houve a mais forte e impiedosa pressão ao nosso redor.

— Quão apavoradas estão as mulheres! — disse ele. — Mas, se os homens não estivessem quase na mesma situação, a ordem poderia ser mantida. Esta é uma triste cena: eu vejo cinquenta brutamontes egoístas neste momento, e em cada um deles, caso eu estivesse perto, iria dar um soco com toda a consciência. Vejo mulheres mais valentes que alguns homens. Lá está uma… Bom Deus!

Enquanto Graham falava, uma mocinha, que estivera muito quieta e firme se apoiando em um cavalheiro à nossa frente, foi subitamente arrancada dos braços do seu protetor por um intruso grande e grosseiro e atirada sob os pés da multidão. Seu desaparecimento não durou mais de dois segundos. Graham se precipitou para a frente; ele e o cavalheiro, um homem forte, embora grisalho, uniram suas forças para rechaçar a multidão; a cabeça e o longo cabelo da mocinha pendiam sobre os ombros dele: ela parecia estar inconsciente.

— Deixe-a a meus cuidados; eu sou médico — disse o Dr. John.

— Se o senhor não está na companhia de uma senhora, pode ser — foi a resposta. — Segure-a, e eu vou abrir caminho; precisamos levá-la para o ar livre.

— Estou na companhia de uma senhora — respondeu Graham —, mas ela não será nem um empecilho nem um estorvo.

Ele me chamou com o olhar: estávamos separados. Decidida, entretanto, a me unir a ele, entrei na barreira humana, quase rastejando quando não podia atravessar ou passar por cima.

— Segure-se em mim, e não solte — disse ele, e eu obedeci.

Nosso desbravador mostrou ser forte e hábil; perfurou a massa densa como uma cunha; com paciência e esforço ele finalmente abriu caminho através da rocha de carne e sangue, tão sólida, quente e sufocante, e nos conduziu para a noite fresca e fria.

— O senhor é inglês! — disse ele, voltando-se rapidamente para o Dr. Bretton, quando chegamos à rua.

— Inglês. E estou falando com um concidadão? — foi a resposta.

— Exato. Por favor, faça a gentileza de ficar aqui dois minutos, enquanto acho minha carruagem.

— Papai, não estou ferida — disse uma voz infantil. — Eu estou com papai?

— A senhorita está com um amigo, e seu pai está bem perto.

— Diga-lhe que não estou ferida, a não ser no ombro. Ah, meu ombro! Pisaram nele.

— Um deslocamento, talvez! — murmurou o Dr. John. — Esperemos que não haja ferimentos piores. Lucy, ajude-me um pouco.

E eu auxiliei enquanto ele arrumava o xale e via uma posição para dar conforto ao seu fardo sofredor. Ela reprimiu um gemido, e ficou nos braços dele, quieta e paciente.

— Ela é tão leve — disse Graham — como uma criança! — e ele sussurrou no meu ouvido — Ela é uma criança, Lucy? Você notou a idade dela?

— Não sou uma criança; sou uma pessoa de dezessete anos — respondeu a paciente, com modéstia e dignidade. E, logo em seguida — Diga para papai vir; eu estou ficando ansiosa.

A carruagem se aproximou; o pai dela tirou o peso dos braços de Graham; mas, ao passar de um para o outro, ela sentiu dor e gemeu de novo.

— Minha querida! — disse o pai, carinhosamente; então, voltando-se para Graham. — O senhor disse que é médico?

— Eu sou o Dr. Bretton, de La Terrasse.

— Ótimo. O senhor pode entrar na minha carruagem?

— Minha carruagem está aqui: vou procurá-la, e acompanharei o senhor.

— Faça o favor, então, de nos acompanhar. — E ele deu seu endereço — Hôtel Crécy, na Rue Crécy.

Nós o seguimos; a carruagem ia rapidamente; eu e Graham estávamos em silêncio. Essa parecia uma aventura.

Tendo perdido um pouco de tempo à procura da nossa carruagem, chegamos ao hotel talvez uns dez minutos depois dos estranhos. Aquele era um hotel na acepção estrangeira: um conjunto de habitações, não uma estalagem; um edifício vasto e elevado, com um grande arco sobre a porta

da frente e que conduzia através de um corredor fechado e abobadado a uma área toda construída ao seu redor.

Apeamos, passamos por uma bela e ampla escadaria pública, e paramos no Numéro 2 no segundo andar; o primeiro andar era ocupado pela moradia de não sei qual "prince russe", [2] conforme Graham me informou. Ao tocar o sino na segunda porta grande, fomos recebidos em um conjunto de belos cômodos. Anunciados por um empregado de libré, entramos em uma sala de estar cuja lareira brilhava com um fogo inglês, e cujas paredes se iluminavam com espelhos estrangeiros. Perto da lareira estava um pequeno grupo: uma forma esbelta afundada em uma grande poltrona, uma ou duas mulheres atarefadas ao redor dela, o cavalheiro de cinza-chumbo observando ansiosamente.

— Onde está Harriet? Eu gostaria que Harriet viesse aqui comigo — disse a voz infantil, fracamente.

— Onde está a Sra. Hurst? — perguntou o cavalheiro, impaciente, e um tanto austero, ao empregado que nos recebera.

— Sinto dizer que ela saiu da cidade, senhor; a senhorita deu-lhe permissão para se ausentar até amanhã.

— Sim… eu dei… eu dei… Ela foi ver a irmã; eu disse que ela poderia ir: agora me lembro. — interpôs a jovem. — Mas eu sinto tanto, pois Manon e Luison não conseguem entender uma palavra do que digo, e elas estão me machucando sem a intenção de fazê-lo.

O Dr. John e o cavalheiro então trocaram cumprimentos; e enquanto eles passaram alguns minutos deliberando, eu me aproximei da poltrona e, vendo o que a menina exausta e enfraquecida queria que fosse feito, eu o fiz para ela.

Eu ainda estava ocupada com o procedimento, quando Graham se aproximou; ele não era menos hábil na cirurgia que na clínica médica e, ao fazer o exame, descobriu que nenhuma opinião além da sua seria necessária para o tratamento daquele caso. Ordenou que ela fosse levada para o quarto, e me disse em voz baixa:

— Vá com as mulheres, Lucy; elas parecem ser pouco inteligentes: você pode, ao menos, supervisionar as ações delas, e assim evitar que a

jovem sinta dor. Ela deve ser tocada com muita delicadeza.

O quarto era um cômodo cheio de sombras, com drapejados de um tom azul-claro, vaporoso, com cortinas e véus de musselina; a cama me pareceu como a neve tocada pelo vento e a névoa: imaculada, macia e vaporosa. Fazendo com que as mulheres se afastassem, tirei as roupas da patroa delas, sem o auxílio bem intencionado, mas desajeitado, delas. Eu ainda não estava suficientemente calma para observar com uma atenção particular cada detalhe da indumentária que removia, mas tive uma impressão geral de refinamento, delicadeza e de perfeitos cuidados pessoais; que, em um período de reflexões posteriores, sugeriu a meus pensamentos um singular contraste com as lembranças conservadas das observações que eu havia feito da Srta. Ginevra Fanshawe.

A menina era uma criatura pequena e delicada, mas com proporções perfeitas. Enquanto eu arrumava seu cabelo abundante e fino, tão brilhante e macio, e cuidado com tanto requinte, tive sob meus olhos uma face jovem, pálida, cansada, mas de traços refinados. A testa era macia e clara; as sobrancelhas eram nítidas, mas suaves, e se transformavam em um mero traço nas têmporas; os olhos eram uma rica dádiva da natureza: belos e grandes, profundos, e pareciam ter predomínio sobre os traços faciais mais finos; provavelmente capazes de ser muito significativos em outras horas e em outras circunstâncias que não fossem as atuais, mas agora lânguidos e sofredores. A pele dela era perfeitamente clara, o pescoço e as mãos com veias finas, como as pétalas de uma flor; uma fina camada do gelo devido ao orgulho polia esse exterior delicado, e os lábios dela tinham certa expressão de desdém — não duvido que fosse inerente e inconsciente, mas se eu a tivesse visto pela primeira vez com os acompanhamentos da saúde e da posição social, me teria parecido injustificada, e demonstraria que a jovem senhorita tinha uma visão bastante errônea da vida e de sua própria posição.

O comportamento dela enquanto estava aos cuidados do doutor a princípio ocasionou um sorriso; ele não era pueril (pelo contrário, no conjunto era paciente e firme), no entanto, uma ou duas vezes ela se dirigiu a ele de modo abrupto e ríspido, dizendo que ele a machucava, e

deveria dar um jeito de lhe causar menos dor; vi os grandes olhos dela, também, se fixarem no rosto dele como os solenes olhos de uma bela e inquisitiva criança. Não sei se Graham sentiu esse escrutínio: se sentiu, teve o cuidado de não impedi-lo ou de aniquilá-lo por meio de qualquer olhar de retaliação. Acredito que ele tenha realizado sua tarefa com extremo cuidado e gentileza, poupando a jovem de toda a dor que pudesse evitar; e ela reconheceu isso, quando ele havia terminado, com as palavras: "Obrigada, Doutor, e boa-noite", ditas com muita gratidão; enquanto as pronunciava, contudo, ela o fez com uma repetição do olhar sério e direto, que eu achei peculiar em sua gravidade e concentração.

Os ferimentos, ao que parece, não eram sérios: uma garantia que o pai da jovem recebeu com um sorriso que quase me transformou em uma de suas amigas; um sorriso tão feliz e tão grato. Ele então manifestou sua dívida para com Graham com tanto ardor quanto era condizente a um inglês se dirigindo a outro que lhe prestara um serviço, mas que ainda era um estranho; também lhe solicitou que fizesse uma visita no dia seguinte.

— Papai — disse uma voz lá da cama rodeada de cortinas —, agradeça à senhora, também; ela está aqui?

Eu abri a cortina com um sorriso e olhei para ela, que estava então deitada com relativa tranquilidade; ela parecia bonita, embora pálida; sua face era modelada com delicadeza, e, se à primeira vista parecia orgulhosa, acredito que a convivência poderia demonstrar que era meiga.

— Agradeço à senhora com muita sinceridade — disse o pai dela. — Acredito que ela tenha sido muito gentil com minha menina. Acho que nós mal ousaremos dizer à Sra. Hurst quem foi a substituta dela e desempenhou as suas tarefas; ela se sentirá ao mesmo tempo envergonhada e enciumada.

E assim, com um espírito de grande cordialidade, foram feitas as despedidas; e uma refeição ligeira tendo sido oferecida com amabilidade, mas recusada por nós, por ser tarde, retiramo-nos do Hôtel Crécy.

Em nosso caminho de volta, tornamos a passar pelo teatro. Tudo era silêncio e escuridão: a multidão ululante e precipitada havia desaparecido — as luzes bem como o incêndio incipiente, extintos e esquecidos. Os

jornais da manhã seguinte explicaram que não havia sido nada além de um pouco de tecido solto no qual uma fagulha havia caído, e que havia chamejado e sido apagada em poucos instantes.

XXIV. M. DE BASSOMPIERRE

As pessoas que vivem em recolhimento, e cujas vidas se encontram em meio à reclusão de escolas ou de outras habitações cercadas por muros e protegidas, podem acabar sendo, inesperadamente e por muito tempo, afastadas das recordações de seus amigos, habitantes de um mundo mais livre. Inexplicavelmente, talvez, e bem próximo de certo período de um relacionamento incomumente frequente (alguns punhados de ínfimas circunstâncias bastante excitantes, cujas consequências naturais pareceriam ser algo que intensificasse, e não interrompesse, as comunicações) ocorre uma pausa sem grande movimentação, um silêncio sem palavras, um longo intervalo de esquecimento. Ininterrupto esse intervalo sempre é; tão completo quanto inexplicável. A carta e a mensagem, outrora frequentes, são interrompidas; as visitas, antes periódicas, deixam de acontecer; o livro, o papel ou outro símbolo indicador de uma recordação não aparecem mais.

Sempre haveria excelentes razões para tais lapsos, se o eremita as conhecesse. Embora ele esteja estagnado em sua cela, suas conexões no mundo exterior estão girando no próprio turbilhão da vida. Esse intervalo vazio que passa para ele tão lentamente que até mesmo o relógio parece estar parado, e as horas não aladas penosamente trilhadas como se fossem passos cansados propensos a descansar nos marcos miliários, esse mesmo intervalo talvez fervilhe com acontecimentos, e resfolegue, apressado, para os amigos do eremita.

O eremita, se for sensato, irá reprimir seus próprios pensamentos, e trancafiar suas emoções durante essas semanas de inverno interior. Ele saberá que o Destino determinou que ele imitasse, naquela ocasião, a marmota, e ele irá se submeter: enroscar-se em si mesmo, esgueirar-se em

um nicho na parede da vida, e se submeter decentemente à neve que é soprada e logo o empareda, preservando-o no gelo durante aquela estação.

Que ele diga: "Está muito certo: tem de ser assim, já que é assim". E, talvez, um dia seu sepulcro de neve se abra, a doçura da primavera retorne, o sol e o vento do sul cheguem até ele; as cercas vivas em botão, e o canto dos pássaros, e o marulhar das correntezas em liberdade o chamem para uma gentil ressurreição. *Talvez* possa ser esse o caso, talvez não: a cobertura de gelo pode alcançar seu coração e nunca mais derreter; quando a primavera chegar, um corvo ou uma gralha podem extrair da parede somente seus ossos de marmota. Bem, mesmo nesse caso, tudo vai ficar bem: deve-se supor que ele soubesse desde o início que era mortal, e deveria um dia seguir o caminho de todas as coisas terrestres, "tanto faz agora ou mais tarde".

Depois daquela noite agitada no teatro, sobrevieram para mim sete semanas tão nuas quanto sete folhas de papel em branco: nenhuma palavra foi escrita em nenhuma delas; nem uma visita, nem uma lembrança.

Mais ou menos na metade desse período comecei a achar que algo havia acontecido com meus amigos em La Terrasse. Esse momento é sempre um ponto nebuloso para o solitário: seus nervos doem com a tensão da prolongada expectativa; as dúvidas até então repelidas se reúnem e, fortes em seu acúmulo, recaem sobre o solitário com uma força que tem sabor de vingança. A noite, também, passa a ser um período cruel; e o sono e sua natureza não conseguem se conciliar: sobressaltos e conflitos estranhos atormentam seu leito: o sinistro conjunto de sonhos ruins, com o horror da calamidade, e o doentio temor de uma completa deserção à sua frente se juntam à liga contra ele. Pobre desgraçado! Ele dá o melhor de si para suportar, mas é um pobre, pálido e emaciado infeliz, apesar desses esforços.

Mais ou menos na última dessas longas sete semanas admiti o que, durante as outras seis, eu havia excluído cheia de apreensão: a convicção de que aqueles períodos de esquecimento eram inevitáveis; o resultado das circunstâncias, o decreto do destino, uma parte do fardo da minha vida e, acima de tudo, algo a respeito de cuja origem nenhuma pergunta jamais

poderia ser feita, e para cuja sequência dolorosa nenhum murmúrio jamais poderia ser emitido. Naturalmente, eu não me culpei por sofrer: agradeço a Deus por ter um sentido mais verdadeiro de justiça que cair em qualquer estúpida extravagância de autoacusação; e, quanto a culpar os outros pelo silêncio, em meu raciocínio eu sabia muito bem que eles eram destituídos de culpa, e em meu coração os reconhecia como tal: mas foi um caminho áspero e penoso a ser trilhado, e eu ansiava por dias melhores.

Tentei diferentes recursos para manter e preencher a existência: comecei um elaborado trabalho de renda; estudei alemão com afinco; dediquei-me a uma leitura regular dos mais áridos e grossos livros na biblioteca; em todos os meus esforços eu era tão ortodoxa quanto tinha condições de ser. Havia um erro em algum lugar? Provavelmente. Eu apenas sei que o resultado foi como se eu tivesse mordido uma lima de ferro para satisfazer a fome, ou bebido salmoura para matar a sede.

Minha hora de tormento era a hora depois das aulas. Infelizmente, eu sabia disso muito bem, e tentava tão inutilmente quanto assiduamente me enganar a respeito, temendo a tortura da expectativa e o doentio colapso da decepção que diariamente precediam e se seguiam àquele tão conhecido toque de sino.

Suponho que animais mantidos em jaulas e tão mal alimentados que estão sempre a ponto de morrer de fome esperam seu alimento assim como eu esperava uma carta. Oh!… para dizer a verdade, e para deixar de lado esse tom de uma falsa calma que, suportada por tanto tempo, esgota a capacidade de resistência da natureza, enfrentei durante aquelas sete semanas temores e penas amargos, estranhas provações íntimas, infelizes deserções de esperança, intoleráveis disseminações de desespero. Este último chegou tão perto de mim certas vezes que seu hálito perpassava através de mim. Eu costumava senti-lo como um ar ou suspiro funesto, penetrando profundamente e fazendo uma parada no meu coração, ou seguindo adiante apenas sob uma indizível opressão. A carta, a tão amada carta, não vinha; e ela era toda a doçura que eu podia aguardar na vida.

Nos momentos de necessidade mais desesperada eu recorria, uma vez depois da outra, ao pequeno pacote no estojo: as cinco cartas. Quão

esplêndido dava a impressão de ter sido aquele mês, cujos céus haviam testemunhado a ascensão daquelas cinco estrelas! Era sempre à noite que eu as visitava, e, não ousando pedir todas as noites uma vela na cozinha, comprei uma vela de cera e fósforos para acendê-la, e na hora de estudos eu me esgueirava até o dormitório e me banqueteava com meu pedacinho do pão do Barmecida. Ele não me alimentava: eu definhava com ele, e fiquei tão magra quanto uma sombra; a situação me fazia desesperar, mas eu não estava doente.

Estando a ler lá no dormitório um tanto tarde, e sentindo que a capacidade de ler estava me abandonando (pois as cartas, devido a uma incessante leitura, estavam perdendo todo o viço e significado: meu ouro estava se desfazendo em folhas perante meus olhos, e eu sofria por causa da desilusão) repentinamente uns passos rápidos e saltitantes subiram as escadas. Eu conhecia os passos de Ginevra Fanshawe: ela havia jantado na cidade aquela tarde; agora estava de volta e viria recolocar seu xale, etc., no guarda-roupa.

Sim: ela entrou, vestida de seda clara, com o xale caindo dos ombros, e seus cachos parcialmente desfeitos por causa da umidade da noite, pendendo descuidados e pesados no pescoço. Eu mal tive tempo para tornar a guardar meus tesouros e trancá-los e ela estava ao meu lado; seu humor não parecia ser dos melhores.

— Foi uma noite estúpida: eles são gente estúpida — começou ela.

— Quem? A Sra. Cholmondeley? Eu pensei que, em sua opinião, a casa dela sempre fosse encantadora.

— Eu não estive na casa da Sra. Cholmondeley.

— É mesmo?! Arrumou novas amizades?

— Meu tio de Bassompierre chegou.

— Seu tio de Bassompierre! Não está feliz? Pensei que ele fosse muito estimado.

— Pois pensou errado: o homem é odioso, eu o detesto.

— Por ele ser um estrangeiro? Ou por qualquer outra razão de igual monta?

— Ele não é estrangeiro. O homem é suficientemente inglês, Deus bem o sabe; e tinha um sobrenome inglês até três ou quatro anos atrás; mas sua mãe era estrangeira, uma de Bassompierre, e alguns membros da família dela morreram e deixaram propriedades para ele, um título e esse nome: ele é uma pessoa bastante importante agora.

— Você o odeia por isso?

— Você não sabe o que mamãe fala a respeito dele? Ele não é meu tio mesmo, mas foi casado com a irmã de mamãe. Mamãe o detesta; ela diz que ele matou a tia Ginevra por causa de falta de gentileza: ele parece um urso. Mas que noite pavorosa! — prosseguiu ela. — Não irei mais ao grande hotel dele. Imagine só, eu, entrando sozinha em um cômodo, e um homenzarrão de cinquenta anos de idade se aproximando e, depois de alguns minutos de conversa, ele me deu mesmo as costas, e então de repente saiu de lá. Mas que modos estranhos! Ouso dizer que sua consciência o castigou, pois todos dizem lá em casa que eu sou o retrato da tia Ginevra. Mamãe diz sempre que a semelhança é bastante absurda.

— Você era a única visita?

— A única visita? Sim; estava lá também a Missy, minha prima: criaturinha mimada e estragada.

— M. de Bassompierre tem uma filha?

— Tem, tem: não fique perturbando com perguntas. Oh, meu Deus! Estou tão cansada.

Ela bocejou. Jogando-se sem cerimônia na minha cama, acrescentou:

— Parece que Mademoiselle quase foi pisoteada e virou geleia em um alvoroço no teatro há algumas semanas.

— Ah! De fato. E eles vivem em um grande hotel na Rue Crécy?

— Justement. [1] Como *você* sabe?

— Eu estive lá.

— Oh, esteve? Mas que coisa! Você vai para todos os lados ultimamente. Suponho que Mamãe Bretton tenha levado você. Ela e o Esculápio têm a entrée [2] dos aposentos dos Bassompierre: parece que "meu filho John" atendeu Missy quando ela sofreu o acidente. Acidente? Bah! Tudo afetação! Não acredito que ela tenha sido esmagada mais do

que ela merece (e muito) ser, por causa da pose dela. E agora uma grande intimidade se estabeleceu: ouvi algo a respeito de “moito tempo atrás” e algo parecido. Oh, quão estúpidos todos eles eram!

— *Todos* ! Você disse que era a única visita.

— Disse? Você vê, dá para se esquecer de especificar uma mulher velha e seu filhinho.

— O Dr. e a Sra. Bretton estavam na casa de M. de Bassompierre esta noite?

— Ai, ai! Em tamanho real; e Missy fez as vezes de anfitriã. Mas que bonequinha convencida ela é!

Amarga e apática, a Srta. Fanshawe estava começando a revelar as causas da sua condição de grande fadiga. Tinha havido um limite na adulação, um afastamento ou uma total ausência de homenagens e de atenções que a faceirice não havia conseguido propiciar, a vaidade havia sido mortificada. Ela estava lá deitada, espumando de raiva.

— A Srta. de Bassompierre se encontra bem, agora? — perguntei.

— Tão bem quanto eu ou você, sem dúvida; mas ela é uma coisinha afetada, e ficou dando partes de doente para atrair a atenção médica. E ver a velha viúva fazendo-a se reclinar em um sofá, e “meu filho John” proibindo a excitação, etcetera… hmpf! A cena era revoltante.

— Não teria sido assim caso o objeto da atenção tivesse sido trocado: se você tivesse assumido o posto da Srta. de Bassompierre.

— Ah, é mesmo. Eu odeio “meu filho John”.

— “Meu filho John!”… a quem você se refere por esse nome? A mãe do Dr. Bretton jamais o chama dessa maneira.

— Pois então deveria. Um John urso e com cara de palhaço é o que ele é.

— Você falseia a verdade ao falar assim; e como toda minha paciência já foi esgotada, exijo peremptoriamente que você se erga da cama e saia do quarto.

— Criaturinha irritável! Seu rosto está da cor do coquelicot. [3] Fico pensando o que faz você ser assim tão impetuosa à l’endroit du gros Jean. [4] “John Anderson, meu Joe, John!” Oh, que nome mais distinto!

Tremendo de raiva, a qual teria sido a maior insensatez eu manifestar (pois não havia como lutar contra aquela incorpórea pluma, aquela mariposa de asas farinhentas), apaguei minha vela, tranquei meu bureau e deixei Ginevra, já que ela não me deixaria. Pessoa sem a menor importância como ela era, havia ficado insuportavelmente ácida.

O dia seguinte era uma quinta-feira, e um feriado parcial. O café da manhã havia acabado; eu havia me retirado para a primeira classe. A hora temida, a hora do intervalo, estava se aproximando, e eu estava sentada à sua espera, assim como alguém que vê uma aparição pode esperar por um espectro. Uma carta era ainda menos provável que antes; mesmo assim, por mais que eu lutasse, não conseguia esquecer que ela era possível. À medida que os momentos passavam, uma inquietude e um temor que quase iam além do normal me assaltaram. Era um dia em que o vento do inverno soprava do oeste, e fazia algum tempo que eu havia entabulado aquela melancólica camaradagem com os ventos e suas mudanças, tão pouco conhecida, tão incompreensível para os saudáveis. O norte e o leste exerciam uma influência tremenda, fazendo com que todas as dores ficassem mais agudas, todos os pesares, ainda mais tristes. O vento do sul tinha o poder de acalmar, o do oeste, às vezes, de alegrar: a não ser, claro, que eles trouxessem em suas asas o fardo das nuvens de tempestade, sob cujo peso e calor toda energia morria.

Amargo e escuro como era esse dia de janeiro, eu me recordo de ter saído da sala, e de ter ido rapidamente e sem touca ao fundo do grande jardim, e então de ficar me demorando entre os arbustos sem folhas, na desesperada esperança de que o toque do carteiro soasse enquanto eu não pudesse ouvi-lo e, desse modo, pudesse ser poupada da excitação que algum nervo ou nervos específicos, quase estraçalhados pelos dentes implacáveis de uma ideia fixa, estavam ficando totalmente incapazes de tolerar. Fiquei por lá tanto tempo quanto ousei sem correr o risco de chamar a atenção por causa da minha ausência. Cobri a cabeça com o avental, e cerrei os ouvidos no terror do retinir torturante, que certamente seria seguido por um silêncio tão profundo, por um vácuo tão estéril para mim. Finalmente, ousei retornar à primeira classe, onde, já que ainda não

eram nove horas, nenhuma aluna havia sido admitida. A primeira coisa que vi foi um objeto branco sobre minha mesa, um objeto branco e achatado. O correio havia, na verdade, chegado, sem ser ouvido por mim. Rosine havia visitado minha cela e, como um anjo, deixara atrás de si uma luminosa recordação da sua presença. Aquela coisa brilhante na minha mesa era mesmo uma carta, uma carta de verdade; percebi isso a uns três metros de distância, e, como eu não tinha mais que um correspondente na face da Terra, dele ela deveria vir. Ele ainda se lembrava de mim. Quão profundamente um pulsar de gratidão enviou uma nova vida através do meu coração.

Aproximando-me, curvando-me e olhando para a carta, na esperança trêmula, mas quase certeira, de ver uma letra conhecida, meu destino foi descobrir, pelo contrário, uma assinatura que, naquele instante, acreditava desconhecida: um mero rabisco feminino, em vez de uma letra firme e masculina. Então pensei que os fados eram *muito* severos para comigo, e disse, em voz alta: "É muita crueldade".

Mas venci essa dor também. A vida continua sendo a vida, quaisquer que sejam seus golpes: nossos olhos e ouvidos e o uso deles continuam conosco, embora a perspectiva daquilo que nos agrada seja completamente afastada, e o som daquilo que nos consola esteja totalmente silenciado.

Abri o billet: nesse momento, eu havia percebido que sua letra era perfeitamente familiar. Nele estava registrado "La Terrasse", e seu teor era o seguinte:

> "CARA LUCY , Passou-me pela cabeça perguntar o que você tem feito nestes últimos dois meses. Não que eu suspeite que você tivesse a menor dificuldade para fazer um relato de suas atividades. Eu me arrisco a dizer que você tem estado tão ocupada e feliz quanto nós aqui em La Terrasse. Quanto a Graham, seus contatos profissionais aumentam diariamente: ele é tão requisitado, tão procurado, que eu digo que ele vai ficar muito convencido. Como muito boa mãe, como eu sou, faço o melhor possível para mantê-lo humilde: nenhuma lisonja ele recebe de minha parte, como você sabe. E, contudo, Lucy, ele é uma boa pessoa: o coração da sua mãe salta de alegria ao vê-lo. Depois de correr de um lado para o outro o dia inteiro, e de enfrentar o ordálio de cinquenta diferentes tipos de temperamento, e de lutar contra centenas de caprichos, e às vezes de testemunhar um sofrimento cruel (talvez, ocasionalmente, como eu digo para ele, infligindo-os) à noite ele ainda volta para perto de mim com um estado de espírito

tão gentil, tão agradável, que realmente eu pareço estar vivendo em um tipo de antípoda moral, e nessas noites de janeiro meu dia começa quando o das outras pessoas está terminando.

Mesmo assim, ele precisa que alguém cuide dele, e o corrija e o reprima, e eu lhe presto esse bom serviço; mas o menino é tão flexível que não há como contrariá-lo completamente. Quando penso que finalmente o fiz ficar de mau humor, ele se volta para mim com brincadeiras como retaliação: mas, você o conhece e a todas as iniquidades dele, e eu não passo de uma velha tonta por fazer dele o tema desta carta.

Quanto a mim, estou recebendo a visita do meu antigo agente de Bretton, e tenho estado mergulhada até as orelhas em assuntos de negócios. Eu desejo muito recuperar para Graham ao menos uma parte do que seu pai lhe deixou. Ele faz troça da minha ansiedade a esse respeito, dizendo-me para olhar e ver como ele pode se sustentar e a mim também, e perguntando o que a velha senhora possa desejar e que ela não tenha; fazendo menções a turbantes azul-claros; acusando-me de ter a ambição de usar diamantes, manter empregados com libré, possuir um hotel e ser a figura principal no meio do clã inglês em Villette.

Falando a respeito de turbante azul-claro, eu gostaria que você estivesse conosco certa noite. Ele havia chegado muito cansado, e, depois de eu lhe dar o chá, ele se jogou na minha cadeira com sua costumeira presunção. Para meu grande deleite, ele caiu no sono. (Você sabe como ele me atormenta a respeito de eu ser sonolenta; eu, que nunca, de jeito nenhum, fecho os olhos durante o dia.) Enquanto ele dormia, eu achei que ele estava muito fermoso, Lucy: tola que sou eu por sentir tanto orgulho dele; mas, quem consegue evitar? Mostre-me um que se iguale a ele. Onde quer que eu olhe, não vejo ninguém como ele em Villette. Bem, meti na cabeça que ia fazer uma brincadeira com ele: então, peguei o turbante azul-claro e, manuseando-o com uma precaução desajeitada, consegui enfeitar a cabeça de Graham com esse adorno magnífico. Garanto a você que não lhe caiu mal; ele ficou com um aspecto bastante oriental, a não ser pelo fato de ser tão claro. Ninguém, entretanto, pode acusá-lo de ter cabelos vermelhos *agora* : eles são da legítima cor castanho-avermelhada; um castanho-avermelhado escuro e brilhante; e, quando eu coloquei meu amplo cashmere no corpo dele, lá estava um jovem bei, dei ou paxá improvisado, tão belo quanto você desejasse ver.

Foi uma boa diversão; mas apenas parcialmente desfrutada, já que eu estava sozinha: você deveria estar aqui.

No devido tempo meu senhor despertou: o espelho sobre a lareira logo o informou da sua difícil condição: como você pode imaginar, agora eu vivo sob a ameaça e o temor da vingança.

Mas, para mencionar o ponto principal desta carta. Eu sei que quinta-feira é um feriado parcial na Rue Fossette: então, esteja pronta às cinco horas da tarde, e eu mandarei a carruagem pegar você nesse horário, e trazê-la para La Terrasse. Não deixe de vir: você poderá encontrar alguns velhos conhecidos. Até logo, minha sábia, querida e séria afilhadinha. Sinceramente sua,

LOUISA BRETTON ”

Ora, uma carta igual a essa deixa a pessoa tranquila! Eu poderia ainda estar me sentindo um pouco triste depois de lê-la, mas estava mais calma; não exatamente feliz, talvez, mas aliviada. Meus amigos, pelo menos, estavam bem e felizes: nenhum acidente acontecera com Graham; nenhuma doença havia atacado sua mãe (calamidades que haviam por tanto tempo feito parte dos meus sonhos e pensamentos). Os sentimentos deles em relação a mim também eram… o que eles haviam sido. Contudo, como era estranho observar as sete semanas vividas pela Sra. Bretton e contrastá-las com as que eu vivera! Também, quanta sensatez demonstram as pessoas que se encontram em uma situação excepcional mantendo a boca fechada e não declarando intempestivamente como tal situação as deixa deprimidas! O mundo consegue entender muito bem o processo de perecer por falta de comida: talvez poucas pessoas consigam investigar ou acompanhar até o fim o processo de ir enlouquecendo por causa do confinamento solitário. Elas veem o prisioneiro há tanto tempo confinado ser desenterrado, um maníaco ou um idiota! Como a razão o abandonou! Como seus nervos, antes exaltados, aguentaram uma indizível agonia, e então mergulharam na apatia, é um tema intricado demais para ser examinado, abstrato demais para a compreensão da mente comum. Falem disso! Vocês poderiam igualmente ficar parados em um mercado europeu e apresentar sombrios vaticínios naquela língua e naquele temperamento com que Nabucodonosor, o hipocondríaco imperial, conversou com seus atônitos caldeus. E que por muito, muito tempo possam as mentes para as quais tais temas não são mistério (pessoas que entendem seu sentido sem dificuldade) ser em pouca quantidade, e difíceis de encontrar. Que por muito tempo possa ser pensado de modo geral que somente as privações físicas merecem compaixão, e que tudo o mais é imaginação. Quando o mundo era mais jovem e mais vigoroso que agora, aflições morais eram um mistério ainda mais profundo: talvez em toda a terra de Israel tenha havido um único Saul; certamente não mais que um Davi para acalmá-lo ou compreendê-lo.

* * * * *

O frio penetrante e parado da manhã foi sucedido, no fim do dia, por um vento áspero soprando das vastidões russas: a zona fria lançou seu suspiro sobre a zona temperada, e a congelou rapidamente. Um firmamento pesado, sombrio e cheio de neve velejou lá do norte, e se instalou sobre a Europa cheia de expectativa. No início da tarde, começou a nevar. Eu temi que nenhuma carruagem viesse; a tempestade branca rugia densa e selvagem. Mas minha madrinha era de confiança! Tendo feito um convite, ela receberia seu convidado. Perto das seis horas eu fui transportada da carruagem até os degraus da porta da frente do château, já cobertos de neve, e colocada na porta de La Terrasse.

Indo apressada pelo vestíbulo, e subindo para a sala de estar, lá encontrei a Sra. Bretton, um dia de verão em pessoa. Tivesse eu estado duas vezes mais gelada do que estava, seu beijo gentil e o cordial cumprimento me teriam aquecido. Acostumada havia tanto tempo com salas com quadros-negros, bancos escuros, mesas e aquecedores, o salão azul me pareceu belíssimo. Somente em seu fogo, semelhante ao do Natal, havia um esplendor claro e avermelhado que me deixou bastante deslumbrada.

Tendo minha madrinha segurado minha mão por certo tempo, e conversado comigo, e me repreendido por ter ficado mais magra do que estava na última vez em que ela me vira, ela declarou ter descoberto que o vento da nevasca havia despenteado meus cabelos, e me mandou para cima, para arrumá-los e tirar o xale.

Voltando ao meu quartinho verde-mar, lá encontrei também um fogo crepitante, e as velas também estavam acesas: uma longa vela de cera estava de cada lado do grande espelho; mas, entre as velas, e à frente do espelho, apareceu uma forma que se arrumava: uma coisa aérea, feérica, pequena, esbelta, branca — um espírito do inverno.

Eu garanto, por um momento pensei em Graham e em suas ilusões espectrais. Com olhos cheios de desconfiança observei os detalhes dessa nova visão. Ela se vestia de branco, ligeiramente salpicado com pingos de cor escarlate; a faixa na cintura era vermelha; havia algo em seus cabelos que era folhado, e que, no entanto, brilhava: um pequeno diadema com um

lustro de sempre-vivas. Espectral ou não, ali, na verdade, nada havia de assustador, e eu me adiantei.

Voltando-se rapidamente, grandes olhos, sob longos cílios, faiscaram sobre mim, a intrusa: os cílios eram tão escuros quanto longos, e eles suavizavam com seu desenho as órbitas que protegiam.

— Ah, a senhorita veio! — disse ela com uma voz doce e baixa, e sorriu lentamente, e me olhou fixamente.

Eu a reconheci então. Tendo visto uma só vez aquele tipo de rosto, com aquele conjunto de traços finos e delicados, eu não poderia não reconhecê-la.

— Srta. de Bassompierre — eu disse.

— Não — foi a resposta. — Não Srta. de Bassompierre para a *senhorita* ! — Eu não perguntei quem ela poderia ser, mas esperei informações espontâneas.

— A senhorita está mudada, mas ainda é a mesma pessoa — disse ela, se aproximando. — Eu me lembro bem da senhorita, da sua fisionomia, da cor do cabelo, do formato da sua face…

Eu me aproximara do fogo, e ela ficou parada no lado oposto, me olhando; e, enquanto ela olhava, em seu rosto pensamentos e sentimentos foram se expressando cada vez mais, até que, finalmente, seus olhos límpidos se encheram de lágrimas.

— Voltar tanto ao passado quase me faz chorar — disse ela. — Mas, quanto a estar triste, ou ser sentimental, acho que não: pelo contrário, estou muito satisfeita e feliz.

Interessada, porém totalmente perplexa, eu não sabia o que dizer. Finalmente balbuciei:

— Acho que nunca vi a senhorita até aquela noite há algumas semanas, quando a senhorita se machucou…

Ela sorriu.

— A senhorita esqueceu então que eu me sentei em seus joelhos, fui carregada em seus braços, e até mesmo dividimos seu travesseiro? A senhorita não se lembra mais da noite em que fui chorando, como a menina malcriada que eu era, ao pé da sua cama, e a senhorita me

acolheu? A senhorita não tem recordações do conforto e da proteção com os quais a senhorita apaziguou um profundo pesar? Volte para Bretton. Lembre-se do Sr. Home.

Finalmente eu entendi tudo.

— E a senhorita é a pequena Polly?

— Eu sou Paulina Mary Home de Bassompierre.

Como o tempo produz alterações! A pequena Polly trazia em seus traços pálidos e pequenos, em suas proporções de fada, em sua expressão cambiante, certa promessa de interesse e de graça; mas Paulina Mary havia ficado bela; não com a beleza que atrai o olhar como uma rosa, arredondada, corada e plena; não com os atributos rechonchudos, rosados e claros da sua loira prima Ginevra; mas seus dezessete anos lhe haviam trazido um encanto refinado e suave que não se encontrava na tez, embora a dela fosse límpida e bela; nem nas formas, embora seus traços fossem delicados, e seus membros perfeitamente torneados; mas, eu acho, o encanto dela se encontrava mais em um brilho contido que vinha da alma para fora. Esse não era um vaso opaco, de um material caríssimo, mas uma lamparina recatadamente luminosa, protegendo da extinção, e ainda assim não escondendo da adoração, uma chama vital e vestal. Ao falar de seus atrativos, eu não exageraria a linguagem; mas na verdade eles me pareceram muito reais e sedutores. Embora tudo estivesse em uma pequena escala, era o perfume que dava distinção a essa violeta branca, e a fazia ser superior à mais rechonchuda camélia, à mais viçosa dália que jamais floresceu.

— Ah! E a senhorita se lembra dos velhos tempos em Bretton?

— Muito bem — disse ela —, talvez melhor que a senhorita. Eu me lembro dele com uma precisão minuciosa: não apenas o tempo, mas os dias daquele tempo, e as horas daqueles dias.

— A senhorita deve ter se esquecido de algumas coisas.

— De muito pouco, suponho.

— A senhorita era então uma criaturinha de sentimentos mutáveis: desde aquela época, a senhorita deve ter superado as impressões com as

quais a alegria e o pesar, a afeição e a dor moldavam sua mente dez anos atrás.

— A senhorita acha que eu me esqueci de quem eu gostava, e em que grau eu gostava deles quando era criança?

— A intensidade deve ter desaparecido; o ponto, a intensidade… a marca profunda deve ter sido suavizada e apagada.

— Eu tenho uma boa lembrança daqueles dias.

Ela dava a impressão de ter. Seus olhos eram os olhos de alguém que consegue se lembrar, de alguém cuja infância não se desvanece como um sonho nem cuja juventude desaparece como um raio de sol. Ela não iria considerar a vida, em partes, de maneira vaga e incoerente, deixando que uma temporada se perdesse quando ela entrasse em outra: ela iria reter e acrescentar; com frequência rememorar desde o começo, e então ter maior harmonia e consistência à medida que ia ficando mais velha. Mesmo assim, eu não conseguia aceitar a convicção de que *todas* as imagens que se acumulavam então na minha mente eram vívidas e visíveis para ela. Suas amizades afeiçoadas, suas brincadeiras e brigas com um companheiro de jogos muito amado, a paciente e verdadeira devoção do seu coração infantil, seus temores, sua delicada reserva, suas pequenas aflições, a última e pungente dor da separação… Eu rememorei esses fatos e balancei a cabeça, incrédula. Ela insistiu:

— A criança de sete anos vive na mocinha de dezessete — disse ela.

— A senhorita era excessivamente apegada à Sra. Bretton — observei, tencionando testá-la. Ela me corrigiu na hora.

— Não *excessivamente* apegada — disse ela. — Eu gostava dela: eu a respeitava como devo respeitá-la agora: ela me parece ter mudado muito pouco.

— Ela não mudou muito — assenti.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Olhando ao redor do quarto, ela disse:

— Há muitas coisas aqui que costumavam estar em Bretton! Eu me lembro daquela almofada de alfinetes e daquele espelho.

Evidentemente, ela não estava enganada na sua estimativa de suas próprias lembranças; pelo menos, não até o momento.

— A senhorita acha, então, que teria reconhecido a Sra. Bretton? — eu prossegui.

— Eu me lembrava perfeitamente dela; seus traços, sua pele morena e o cabelo negro, sua estatura, o modo de caminhar, sua voz.

— Naturalmente, o Dr. Bretton — continuei — estaria fora de questão: e, na verdade, como testemunhei sua primeira entrevista com ele, tenho certeza de que ele parecia para a senhorita um estranho.

— Naquela primeira noite eu estava confusa — respondeu ela.

— Como ele e seu pai se reconheceram?

— Eles trocaram cartões de visita. Os nomes Graham Bretton e Home de Bassompierre suscitaram perguntas e explicações. Isso aconteceu no segundo dia; mas, antes disso, eu estava começando a entender alguma coisa.

— Como… entender alguma coisa?

— Ora — disse ela —, como é estranho que a maior parte das pessoas pareça custar tanto a sentir a verdade… não ver, mas *sentir* ! Depois de o Dr. Bretton ter me visitado algumas vezes, e se sentado perto de mim e falado comigo; depois de eu ter observado o olhar dele, a expressão da sua boca, a forma do queixo, o porte da cabeça dele, e tudo que nós *realmente* observamos nas pessoas que se aproximam de nós… como poderia eu deixar de ser levada pela associação a pensar em Graham Bretton? Graham era mais esbelto que ele, e não havia crescido tanto, e tinha uma face mais macia, e cabelos mais longos e mais claros, e falava… não com tanta profundidade… mais como uma mocinha; mas, mesmo assim, *ele* é Graham, assim como *eu* sou a pequena Polly, ou a senhorita é Lucy Snowe.

Eu também pensava assim, mas fiquei espantada ao ver que meus pensamentos eram os dela: é tão raro encontrarmos alguém igual a nós em determinados aspectos que parece um milagre quando isso acontece.

— Certa época, a senhorita e Graham eram companheiros de brincadeiras.

— E a senhorita se lembra disso? — perguntou ela, por sua vez.

— Sem dúvida ele também vai se lembrar disso — respondi.

— Eu não lhe perguntei: poucas coisas me surpreenderiam tanto quanto descobrir que ele se lembra. Suponho que ele ainda tenha o temperamento alegre e despreocupado.

— Ele era assim antes? A senhorita achava isso? É assim que se lembra dele?

— Eu quase não me lembro dele de outra maneira. Às vezes, ele era estudioso; às vezes, era alegre: mas, quer estivesse ocupado com seus livros ou disposto a brincar, era principalmente nos livros ou na brincadeira que ele pensava; não prestando muita atenção àqueles com quem ele lia ou se divertia.

— Contudo, em relação à senhorita, ele era parcial.

— Parcial em relação a mim? Oh, não! Ele tinha outros companheiros de brincadeiras… seus colegas de escola; eu não importava muito para ele, a não ser aos domingos: sim, ele era gentil aos domingos. Eu me lembro de caminhar junto com ele de mãos dadas até St. Mary, e de ele marcar os trechos no meu livro de orações; e quão bom e tranquilo ele estava nas noites de domingo! Tão meigo para um menino assim orgulhoso e cheio de vida; tão paciente com todos os meus erros na hora da leitura; e era tão maravilhosamente confiável, pois ele nunca passava essas noites fora de casa: eu tinha um medo constante de que ele fosse aceitar algum convite e nos esquecer; mas ele nunca o fez, nem jamais pareceu desejar fazê-lo. Naturalmente, não é mais possível que as coisas sejam assim. Suponho que domingo seja agora o dia de o Dr. Bretton jantar fora…

— Meninas, desçam! — chamou nesse momento a Sra. Bretton lá de baixo. Paulina teria ficado um pouco mais, porém eu estava com vontade de descer: nós fomos lá para baixo.

XXV. A PEQUENA CONDESSA

Alegre como minha madrinha naturalmente era, e tão boa anfitriã como ela fez questão de ser, por nossa causa, mesmo assim não houve uma verdadeira diversão naquela noite em La Terrasse, até que, através do uivo selvagem dos ventos da noite de inverno, ouvimos os sons indicadores de chegada. Com que frequência, enquanto as mulheres e moças sentam-se aquecidas ao pé de lareiras acolhedoras, seu coração e sua imaginação estão condenados a se divorciar do conforto que as rodeia, forçados a perambular por aleias escuras à noite, a enfrentar a inclemência do tempo, a lutar contra as lufadas da tempestade, a esperar em escadas e portões solitários nas tempestades mais violentas, observando e ouvindo para ver e escutar o pai, o filho, o marido chegando à casa.

Pai e filho finalmente chegaram ao château: pois o Conde de Bassompierre naquela noite acompanhou o Dr. Bretton. Eu não sei quem de nós três ouviu em primeiro lugar os cavalos; a severidade do tempo justificou que fôssemos correndo até o saguão para encontrar e cumprimentar os dois cavaleiros quando eles entraram; mas eles nos avisaram para manter distância: ambos estavam brancos; duas montanhas de neve; e, na verdade, a Sra. Bretton, ao ver o estado deles, ordenou que eles fossem imediatamente para a cozinha, proibindo-os, ou eles iriam se arrepender, de colocar os pés em sua escadaria atapetada até que se tivessem desfeito da máscara de Papai Noel que estavam então usando. Até a cozinha, entretanto, nós não conseguimos deixar de segui-los: era uma ampla e antiga cozinha holandesa, pitoresca e agradável. A pequena condessa branca dançou em círculos ao redor do seu igualmente branco pai, batendo palmas e exclamando:

— Papai, papai, o senhor parece um imenso urso polar.

O urso se sacudiu, e o pequeno duende fugiu para bem longe do chuvisco gelado. E ela voltou, entretanto, rindo e pronta para ajudar a remover o disfarce ártico. O conde, finalmente surgindo do seu pesado sobretudo, ameaçou soterrá-la com ele como se fosse uma avalanche.

— Venha, então — disse ela, curvando-se para receber a nevasca, e quando o casaco foi estendido de modo brejeiro sobre a sua cabeça, ela saltou para fora do seu alcance como se fosse uma pequena corça.

Os movimentos dela tinham a maciez elástica e a graça aveludada dos de um gatinho; sua risada era mais cristalina que o soar da prata e do cristal; enquanto ela pegava as mãos frias do pai e as esfregava, e ficava na ponta dos pés para alcançar os lábios dele e ganhar um beijo, parecia brilhar ao redor dela uma aura de adorável deleite. O sério e respeitável seignor [1] olhou para ela como os homens *olham* para aquilo que é a menina de seus olhos.

— Sra. Bretton — disse ele —, o que eu devo fazer com esta minha filha ou filhinha? Ela não cresce nem em juízo nem em estatura. A senhora não acha que ela é praticamente a criança que era há dez anos?

— Ela não pode ser mais criança que este grande menino meu — disse a Sra. Bretton, que estava brigando com o filho a respeito de uma troca de roupas que ela julgava necessária, e à qual ele resistia. Ele ficou parado, recostado ao armário holandês, rindo e mantendo-a afastada com o braço.

— Ora, mamãe — disse ele. — Como modo de chegar a um acordo, e para garantir para nós um calor interno tanto quanto externo, vamos beber um ponche de Natal, e fazer um brinde à Velha Inglaterra, ao pé da lareira.

Então, enquanto o conde ficava perto do fogo, e Paulina Mary ainda dançava de um lado para o outro, feliz na liberdade da ampla cozinha, a Sra. Bretton pessoalmente instruiu Martha a condimentar e a aquecer a poncheira e, despejando a bebida em um jarro de Bretton, o ponche foi servido a todos, quente e espumante, com auxílio de uma pequena taça de prata, que eu reconheci como a taça batismal de Graham.

— Um brinde a moito tempo atrás — disse o conde, segurando a taça inclinada bem alto. Então, olhando para a Sra. Bretton:

Nosoutros vogamos no río
do amencer ao solpor
nosos barcos foron arrastrados polo mar
moito tempo atrás
ti com tua cunca de cervexa
a minha xa moito chea
brindamos a boa amizade
de moito tempo atrás

— Scots! Scots! — exclamou Paulina. — Papai está falando scots; e escocês ele é, em parte. Nós somos Home e de Bassompierre, caledônios e gauleses.

— E você está dançando um reel escocês, sua fada das Terras Altas? — perguntou seu pai. — Sra. Bretton, em breve teremos um círculo de grama crescendo no meio da sua cozinha. Eu não vou me responsabilizar se ela tiver certos poderes: ela é uma criaturinha mortal muito estranha.

— Diga para Lucy dançar comigo, papai: ela é Lucy Snowe.

O Sr. Home (ainda havia nele muito do simples Sr. Home, tanto quanto do orgulhoso Conde de Bassompierre) estendeu-me a mão, dizendo com gentileza "que se lembrava muito bem de mim; e, mesmo que sua memória tivesse sido menos confiável, meu nome comparecia com tanta frequência nos lábios da sua filha, e ele havia ouvido tantas e longas histórias a meu respeito, que eu parecia ser uma velha amiga".

Todos então haviam provado o ponche a não ser Paulina, cujo pas de fée, ou de fantaisie, [2] ninguém havia pensado em interromper para oferecer uma bebida tão profana; mas ela não seria deixada de lado, nem impedida de gozar seus privilégios mortais.

— Quero experimentar — disse ela para Graham, quando ele estava colocando o jarro na prateleira do armário fora do alcance dela.

A Sra. Bretton e o Sr. Home estavam então entretidos, conversando. A dança da fada não passara despercebida ao Dr. John; ele a havia observado, e gostara dela. Sem mencionar a doçura e a beleza dos movimentos, eminentemente agradáveis aos seus olhos amantes da graciosidade, aquela liberdade na casa da sua mãe o encantou, pois ela *o* deixou à vontade: uma vez mais, Paulina parecia ser uma criança para ele; de novo, quase sua

companheira de brinquedos. Eu fiquei pensando como ele se dirigiria a ela; eu ainda não o havia visto falando com ela; suas primeiras palavras provaram que os velhos dias da "pequena Polly" haviam sido trazidos à sua mente pela despreocupação infantil daquela noite.

— Sua senhoria deseja beber do jarro?

— Acredito ter dito isso. Acredito que deixei bem claro.

— Não posso consentir em uma atitude desse tipo, de maneira alguma. Sinto muito, mas não é possível.

— Por quê? Já estou totalmente recuperada agora: isso não pode quebrar minha clavícula outra vez, ou deslocar meu ombro. É vinho?

— Não; nem orvalho.

— Não quero orvalho; não gosto de orvalho: mas, o que é isso?

— Cerveja… cerveja forte… "old October"; fabricada, talvez, quando eu nasci.

— Deve ser interessante: é boa?

— Excessivamente boa.

E ele pegou o jarro, serviu para si mesmo uma segunda dose do poderoso elixir, expressou em seus olhos travessos o contentamento profundo causado pela bebida, e solenemente recolocou o jarro na prateleira.

— Eu gostaria de tomar um pouquinho — disse Paulina, olhando para o alto. — Eu nunca bebi "old October": é doce?

— Perigosamente doce — respondeu Graham.

Ela continuou a olhar para cima com a expressão exata de uma criança que deseja uma guloseima proibida. Finalmente, o Doutor cedeu, pegou o jarro e se concedeu o prazer de deixá-la provar a bebida que ele segurava; seus olhos, sempre expressivos ao revelar sentimentos prazerosos, reconheceram, luminosos e sorridentes, que essa *era* uma gratificação; e ele a prolongou regulando de tal modo a posição do jarro que apenas umas gotas de cada vez podiam alcançar os lábios rosados e ávidos que o cortejavam.

— Mais um pouquinho… mais um pouquinho — disse ela, tocando, petulante, a mão dele com o indicador, de modo a fazê-lo inclinar o jarro

com mais generosidade e abundância. — Tem cheiro de especiarias e de açúcar, mas não consigo sentir o gosto; seu pulso está tão rígido, e você é tão miserável.

Ele fez a vontade dela, sussurrando, contudo, muito sério:

— Não conte para minha mãe ou Lucy; elas não aprovariam.

— Nem eu — disse ela, adotando outro tom de voz e outros modos assim que havia devidamente provado a bebida, como se a cerveja tivesse agido sobre ela como um tipo de poção de desencantamento, desfazendo o feitiço de um mago. — Eu acho que ela é qualquer coisa menos doce; é amarga e forte, e me faz perder o fôlego. Sua "old October" só era desejável enquanto proibida. Obrigada, não quero mais.

E, com uma ligeira curvatura, despreocupada, mas tão graciosa quanto sua dança, ela se afastou suavemente dele e se aproximou do pai.

Acredito que ela tivesse falado a verdade: a criança de sete anos se encontrava na mocinha de dezessete.

Graham olhou-a um pouco desconcertado, um pouco perplexo; seus olhos se detiveram bastante sobre ela durante o resto da noite, mas ela pareceu não percebê-lo.

Quando subimos para a sala de estar para tomar o chá, ela deu o braço ao pai: o lugar natural para ela parecia ser ao lado dele; seus olhos e ouvidos eram dedicados a ele. Ele e a Sra. Bretton foram os que mais conversaram em nosso pequeno grupo, e Paulina era a melhor plateia deles, prestando muita atenção em tudo que era dito, instigando a repetição desta ou daquela característica ou aventura.

— E onde o senhor estava nessa época, papai? E o que o senhor disse então? E conte para a Sra. Bretton o que aconteceu nessa ocasião. — E assim ela o fez falar sem cerimônia.

Ela não se entregou novamente a nenhuma grande manifestação de alegria; a centelha infantil não se manifestou mais naquela noite: ela estava doce, pensativa e dócil. Era bonito vê-la desejando boa noite; seus modos em relação a Graham tinham um toque de dignidade: em seu ligeiro sorriso e silenciosa reverência se manifestava a condessa, e Graham não podia deixar de ter um ar sério e de corresponder à

reverência. Eu vi que ele mal sabia como conciliar em seus pensamentos a fada dançarina e a delicada dama.

No dia seguinte, quando estávamos todos reunidos ao redor da mesa do café da manhã, tremendo e tendo acabado de fazer as frias abluções matinais, a Sra. Bretton decretou que ninguém, que não fosse obrigado pela mais pura necessidade, deveria sair da sua casa aquele dia.

Na verdade, a saída parecia praticamente impossível; a neve soprada pelo vento escurecia os vidros mais baixos do postigo, e, ao olhar para fora, dava para ver o céu e o ar tormentosos e escuros, vento e neve em profundo conflito. A neve não estava caindo então, mas a que já havia caído estava sendo arrancada da terra, rodopiando por causa de breves rajadas de vento sibilante, e moldada em centenas de formas fantásticas.

A condessa apoiou a Sra. Bretton.

— Papai não irá sair — disse ela, colocando uma cadeira para si mesma ao lado da poltrona do pai. — Eu vou tomar conta dele. O senhor não vai até a cidade, vai, papai?

— Sim e não — foi a resposta. — Se você e a Sra. Bretton forem *muito* boas para comigo, Polly… gentis, você sabe, e atenciosas; se você me mimar de um modo muito agradável, e me tratar como alguém importante, possivelmente eu seja levado a esperar uma hora depois do café da manhã e ver se esse vento cortante como faca se acalma. Mas, você vê, você não me serviu o café da manhã; você não me ofereceu nada: você me deixa passar fome.

— Rápido!, por favor, Sra. Bretton, despeje o café — rogou Paulina — enquanto eu cuido do Conde de Bassompierre em outros aspectos: desde que ele se transformou em conde, tem precisado de *tanta* atenção!

Ela separou e recheou um pãozinho.

— Veja, papai, seus “pistolets” estão abastecidos — disse ela. — E aqui está um pouco de geleia, exatamente o tipo de geleia que nós costumávamos comer em Bretton, e que o senhor dizia que era tão boa como se tivesse sido conservada na Escócia…

— E que sua senhoria, quando pequena, costumava pedir para meu filho… lembra-se disso? — interpôs a Sra. Bretton. — Já se esqueceu de

como a senhorita se aproximava de mim e tocava minha manga com um sussurro: “Por favor, senhora, algo bom para Graham… um pouco de geleia, ou de mel, ou de compota”.

— Não, mamãe — interrompeu o Dr. John, rindo, mas enrubescendo. — Com certeza não era assim: eu não poderia ter me importado com tais coisas.

— E ele gostava ou não, Paulina?

— Gostava — afirmou Paulina.

— Não fique vermelho por causa disso, John — disse o Sr. Home, encorajador. — Eu ainda gosto delas, e sempre gostei. E Polly demonstrou seu bom-senso providenciando algo para o conforto material de um amigo: fui eu quem a colocou no caminho para ter tais boas maneiras… e tampouco a deixo esquecê-las. Polly, dê-me um pedacinho daquela carne.

— Aqui está, papai: mas, lembre-se, o senhor está sendo atendido com essa constância com a condição de ser persuadido, e de se conciliar com La Terrasse durante o dia todo.

— Sra. Bretton — disse o conde —, eu quero me livrar da minha filha… mandá-la para uma escola. A senhora conhece alguma escola boa?

— Temos o lugar onde Lucy está… a escola de Madame Beck.

— A Srta. Snowe está em uma escola?

— Sou professora — respondi, e fiquei muito feliz com a oportunidade de dizê-lo. Por algum tempo, eu estava me sentindo como se estivesse colocada em uma posição falsa. A Sra. Bretton e o filho conheciam minhas circunstâncias, mas o conde e a filha, não. Eles poderiam decidir alterar um pouquinho seus modos até então cordiais em relação a mim, quando tivessem ciência da minha posição na sociedade. Falei prontamente: mas uma grande quantidade de pensamentos que eu não havia antecipado nem invocado surgiu obscura por causa das palavras, fazendo-me suspirar involuntariamente. O Sr. Home não ergueu os olhos do seu prato por uns dois minutos nem falou; talvez ele não tivesse entendido as palavras, talvez pensasse que, a uma confissão dessa natureza, a polidez impediria comentários: os escoceses são proverbialmente orgulhosos, e por mais modesto que o Sr. Home fosse nos olhares, simples nos costumes e nos

gostos, eu havia o tempo todo pensado na possibilidade de ele não ser destituído de sua quota da característica nacional. Seria o dele um pseudo-orgulho? Seria uma verdadeira dignidade? Deixo a questão sem ser respondida em seu sentido mais amplo. No que ela me dizia respeito, eu só posso afirmar: então, e sempre, ele se mostrou um cavalheiro de verdade.

Por natureza, ele era uma pessoa sensível e um pensador; sobre suas emoções e reflexões se espalhava um toque de melancolia; mais que um toque: em sua perturbação e tristeza, ele se transformava em uma nuvem. O conde não sabia muita coisa a respeito de Lucy Snowe; o que sabia, ele não compreendia muito bem: na verdade, suas concepções errôneas do meu caráter com frequência me faziam sorrir, mas ele viu que a minha posição social se encontrava em grande parte no lado mais escuro das montanhas: ele me dava crédito por eu me esforçar para manter meu caminho reto com honestidade; me teria ajudado se pudesse: não tendo oportunidade de ajudar, mesmo assim me estimava. Quando ele me olhava, seu olhar era gentil; quando falava, sua voz era benevolente.

— A sua — disse ele — é uma vocação árdua. Eu lhe desejo saúde e força para cumpri-la com sucesso.

Sua bela filhinha não recebeu a informação com tanta compostura: fixou em mim um par de olhos arregalados de espanto quase com consternação.

— A senhorita é professora? — exclamou ela. Então, tendo refletido um pouco sobre a ideia difícil de aceitar. — Bem, eu nunca soube o que a senhorita era, nem jamais pensei em perguntar: para mim, a senhorita era sempre Lucy Snowe.

— E o que eu sou agora? — não pude deixar de perguntar.

— A senhorita mesma, é claro. Mas, a senhorita realmente dá aulas aqui em Villette?

— Sim, realmente dou aulas.

— E gosta disso?

— Nem sempre.

— E por que continua a lecionar?

Seu pai a olhou e, eu receei, estava prestes a impedi-la; mas ele disse apenas:

— Continue, Polly, continue com esse catecismo… mostre que você é a pequena pedante que é. Se a Srta. Snowe estivesse enrubescendo e parecendo confusa, eu pediria a você que fechasse a boca; e você e eu iríamos fazer esta nossa refeição em relativa desgraça; mas ela apenas sorri, então, pressione-a, multiplique o interrogatório. Bem, Srta. Snowe, por que continua a lecionar?

— Principalmente, eu receio, por causa do dinheiro que recebo.

— Então não é por questão de pura filantropia? Polly e eu estávamos tendendo a essa hipótese como o modo mais clemente de dar conta da sua excentricidade.

— Não… não, senhor. Muito mais por causa do abrigo que, desse modo, tenho condições de manter sobre a minha cabeça; e pelo conforto mental que isso me dá de pensar que, enquanto posso trabalhar para meu sustento, sou poupada da dor de ser um fardo para outrem.

— Papai, diga o que o senhor quiser, eu tenho dó da Lucy.

— Pegue esse dó, Srta. de Bassompierre; pegue-o com as duas mãos, como você faria com um imaturo gansinho que estivesse se debatendo n'água fora dos limites e sem autorização; coloque-o no ninho aconchegante do coração de onde ele surgiu, e receba nos ouvidos este sussurro. Se minha Polly um dia chegasse a conhecer por experiência própria a incerta natureza dos bens materiais terrestres, eu gostaria que ela agisse como Lucy age: trabalhar para seu sustento, para que não seja um peso nem para seus amigos nem para os parentes.

— Sim, papai — disse ela, pensativa e afável. — Mas, pobre Lucy! Eu pensei que ela fosse uma dama rica e tivesse amigos ricos.

— Você pensa como uma tolinha. *Eu* nunca pensei isso. Quando tive ocasião de considerar os modos e a aparência de Lucy, o que não aconteceu com frequência, vi que ela era uma pessoa que teria de cuidar, e não ser cuidada; agir, e não ser servida: e esse destino a tem, suponho, auxiliado a passar por uma experiência pela qual, se ela viver tempo suficiente para receber seus benefícios completos, ainda poderá abençoar a Providência.

Mas essa escola… — continuou ele, mudando seu tom de sério para alegre — Madame Beck receberia minha Polly, qual é sua opinião, Srta. Lucy?

Eu disse que seria preciso somente conversar com Madame, e logo se saberia a resposta: ela gostava de alunas inglesas.

— Se o senhor — acrescentei — levar a Srta. de Bassompierre em sua carruagem esta tarde mesmo, acho que posso garantir que Rosine, a moça da portaria, não tardará em atender ao seu chamado; e Madame, tenho certeza, irá calçar seu melhor par de luvas para ir ao salão e recebê-lo.

— Nesse caso — respondeu o Sr. Home —, não vejo nenhuma necessidade de postergar. A Sra. Hurst pode mandar o que ela chama de "as coisas" da sua patroazinha em seguida; Polly pode se dedicar à sua cartilha antes do anoitecer; e eu espero, Srta. Lucy, que a senhorita não vá se negar a dar uma olhada ocasional nela, e me informar, de tempos em tempos, como ela está passando. Espero que você aprove esse acordo, Condessa de Bassompierre.

A condessa gaguejou e hesitou.

— Eu achava… — disse ela — eu achava que já havia terminado os estudos…

— Isso só prova quanto podemos estar errados em nossas ideias: eu tenho uma opinião bastante diferente, assim como a maior parte dos que foram testemunhas do seu profundo conhecimento da vida nesta manhã. Ah, minha menininha, tu tens muito que aprender, e papai deveria ter te ensinado mais do que ensinou! Vamos, não há nada mais a fazer além de tentar Madame Beck; e o tempo parece estar melhorando, e eu já terminei o café da manhã…

— Mas, papai!

— Sim?

— Eu vejo um empecilho.

— Eu não vejo nenhum.

— Ele é enorme, papai, e jamais poderá ser superado; ele é tão grande quanto o senhor usando seu sobretudo, e com os flocos de neve por cima.

— E, assim como os flocos de neve, capaz de derreter?

— Não! Ele é feito de… de carne muito sólida: é só a sua própria pessoa. Srta. Lucy, alerte Madame Beck a não dar ouvidos a quaisquer propostas a respeito de me aceitar, porque, no fim, ela terá de aceitar papai também; já que ele gosta muito de zombarias, eu só vou contar histórias a respeito dele. Sra. Bretton, e os demais, escutem: cerca de cinco anos atrás, quando eu tinha doze anos de idade, papai meteu na cabeça que ele estava me mimando, que eu estava crescendo despreparada para enfrentar o mundo, e nem sei o que mais; e nada lhe servia ou satisfazia, eu tinha de ir para a escola. Chorei, e assim por diante, mas o M. de Bassompierre provou que tinha coração duro, muito firme e impiedoso, e para a escola eu fui. Qual foi o resultado? Do modo mais admirável, papai também foi para a escola: quase todos os dias ele passava lá para me ver. Madame Aigredoux resmungou, mas isso não surtiu o menor efeito; e assim, finalmente, papai e eu fomos, de certo modo, expulsos. Lucy pode contar essa historinha para Madame Beck: nada mais justo fazer com que ela saiba o que tem de esperar.

A Sra. Bretton perguntou para o Sr. Home qual seria a resposta dele para essa declaração. Como ele não se defendeu, o julgamento foi contrário a ele, e Paulina triunfou.

Mas ela tinha outros estados de espírito além do astuto e do naïve. Depois do café da manhã, quando os dois mais velhos se retiraram (suponho que para discutir algumas questões de negócios da Sra. Bretton) e a condessa, o Dr. Bretton e eu ficamos sozinhos por um curto período, tudo que era infantil a abandonou; conosco, que estávamos mais perto dela em idade, ela passou na hora a ser a pequena dama: seu rosto pareceu se alterar: aquela expressão nas faces e a candura do olhar, que, quando ela falava com o pai, faziam com que a face dela ficasse com covinhas e arredondada, cederam lugar a um aspecto mais pensativo, e os traços ficaram mais distintos e menos mobile. [3]

Sem dúvida, Graham percebeu a alteração tão bem quanto eu. Ele ficou parado perto da janela por alguns minutos, olhando para a neve; em seguida se aproximou da lareira e entrou na conversa, mas não com sua habitual desenvoltura: tópicos adequados não pareciam chegar aos seus

lábios; ele os escolhia com dificuldade, hesitação e, consequentemente, de modo infeliz: falou vagamente a respeito de Villette, seus habitantes, os pontos e os edifícios que chamavam a atenção. A Srta. de Bassompierre lhe respondia de maneira bastante adulta; com inteligência, com um modo que não era, na verdade, totalmente destituído de individualidade: uma entonação, um olhar, um gesto, aqui e ali, mais animados e ágeis que controlados e solenes, ainda faziam pensar na pequena Polly; mas, mesmo assim, havia um verniz tão fino e uniforme, uma graça tão calma e cortês, adornando e dando apoio a essas características, que um homem menos sensível que Graham não teria se aventurado a agarrá-las como pontos de vantagem que levassem a uma intimidade mais franca.

Contudo, enquanto o Dr. Bretton continuava controlado e, para seu estado habitual, calmo, ele ainda estava observando. Nenhum desses impulsos sem importância e pausas naturais passou despercebido por ele. Ele não deixou de ver um movimento característico, uma hesitação na linguagem ou um ceceio na pronúncia. Às vezes, ao falar rapidamente, Paulina ainda ceceava; mas enrubescia sempre que qualquer lapso ocorria, e, de maneira meticulosa e consciente, quase tão divertida quanto o ligeiro erro, repetia a palavra de modo mais preciso.

Sempre que ela fazia isso, o Dr. Bretton sorria. Aos poucos, enquanto eles conversavam, o constrangimento de cada lado diminuiu: caso a conversa pudesse ter sido prolongada, acredito que logo ela teria passado a ser cordial: para os lábios e o rosto de Paulina já retornava o sorriso envolvente e que fazia surgir as covinhas; ela ceceou uma vez, e se esqueceu de se corrigir. E o Dr. John, eu não sei como *ele* se alterou, mas a alteração ocorreu. Ele não ficou mais alegre; nem zombaria, nem frivolidade lampejaram por sua fisionomia, mas sua postura pareceu se tornar mais prazerosa para ele mesmo, e ele expressou seu maior conforto em palavras, em uma linguagem mais pronta, com entonação mais suave. Dez anos antes, essa dupla sempre tinha encontrado tanta coisa para dizer um para o outro; a década passada não havia limitado a experiência ou empobrecido a inteligência de nenhum dos dois: além disso, há certas naturezas cuja influência mútua é tamanha que, quanto mais elas dizem,

mais têm a dizer. E delas, por associação, nasce a adesão, e da adesão, o amálgama.

Entretanto, Graham precisava ir embora: a dele era uma profissão cujas reivindicações não podem ser ignoradas nem adiadas. Ele saiu do cômodo; mas, antes de sair de casa, houve um retorno. Tenho certeza de que ele voltou, não pelo papel, ou pelos cartões em sua mesa, que eram o pretexto para sua volta, mas para se garantir, com mais um olhar, que o aspecto de Paulina era realmente igual ao que a memória estava levando: que ele não estivera olhando-a por meio de uma luz parcial e artificial, e cometendo um terno erro. Não! Ele descobriu que a impressão era verdadeira; ou melhor, na verdade, ele ganhou em vez de perder com seu retorno: levou ao sair um olhar de despedida, tímido, mas muito doce, tão belo e inocente quanto o que qualquer pequeno cervo poderia lançar lá do seu esconderijo entre as frondes, ou qualquer cordeirinho, do seu leito nos campos.

Ficando sozinhas, Paulina e eu nos mantivemos em silêncio por certo tempo: nós duas pegamos um trabalho manual e nos dedicamos a uma tarefa silenciosa e diligente. A caixa de costura branca dos velhos dias havia sido então substituída por uma incrustada com um belo mosaico, contendo instrumentos de ouro; os dedos pequenos e trêmulos que mal conseguiam guiar a agulha, embora ainda fossem pequenos, eram agora ágeis e hábeis: mas havia o mesmo franzir de sobrancelhas, os mesmos pequenos maneirismos graciosos, os mesmos movimentos rápidos; agora para recolocar no lugar um cacho de cabelos; logo depois para tirar da saia de seda algum imaginário átomo de pó, certo fiapo de tecido pendurado ali.

Naquela manhã, eu estava inclinada ao silêncio: a fúria austera do dia de inverno exercia sobre mim uma influência aterrorizante e que me fazia ficar calada. Aquele ímpeto de janeiro, tão branco e tão exangue, ainda não se exaurira: a tempestade se manifestara em altos brados até ficar rouca, mas não parecia perto de se acabar. Se Ginevra Fanshawe tivesse sido minha companheira naquela sala de estar, ela não toleraria que eu ficasse pensando e ouvindo sem ser perturbada. A figura que acabara de nos

deixar seria seu tema; e como ela teria falado incessantemente sobre um só assunto! Como teria ido em frente e me atormentado com perguntas e conjecturas, me perturbado e oprimido com comentários e confidências que eu não desejava ouvir, e ansiava por evitar.

Paulina Mary lançou uma ou duas vezes na minha direção um olhar tranquilo, mas penetrante, com seus olhos escuros e profundos; os lábios se entreabriram, como se sob o impulso de algo que ela fosse dizer: mas percebeu minha inclinação ao silêncio, e delicadamente a respeitou.

"Isso não vai durar muito", pensei comigo mesma, pois não estava acostumada a encontrar nas mulheres ou nas moças nenhum poder de autocontrole, nenhuma força de abnegação. Tanto quanto eu as conhecia, a chance de tagarelar a respeito de seus segredos em geral triviais, de seus sentimentos frequentemente muito insípidos e insignificantes era um prazer que não poderia ser facilmente deixado de lado.

A pequena condessa prometia ser uma exceção: ela costurou até se cansar de costurar, e então pegou um livro.

E como assim quis o acaso, ela o havia buscado na parte da estante que pertencia ao Dr. Bretton; e o livro acabou sendo um antigo livro de Bretton, certo volume ilustrado de história natural. Com frequência eu a vira parada ao lado de Graham, que tinha o volume sobre os joelhos e estudava; e, quando a lição se acabava, pedindo, como um regalo, que ele lhe contasse tudo a respeito das imagens. Eu a observei atentamente: ali estava um verdadeiro teste para aquela memória de que ela se vangloriara: seriam suas lembranças fiéis?

Fiéis? Não se poderia duvidar disso. Enquanto ela virava as páginas, pelo seu rosto passava vislumbre após vislumbre de expressões, a menos inteligente das quais era uma profunda saudação ao Passado. E então ela voltou para a página de rosto, e olhou o nome inscrito com uma caligrafia escolar. Olhou por muito tempo; tampouco ficou satisfeita com um simples olhar: gentilmente passou as pontas dos dedos sobre as letras, acompanhando a ação com um sorriso inconsciente, mas terno, que converteu o toque em uma carícia. Paulina amava o Passado; porém, a

peculiaridade dessa pequena cena era o fato de ela não *dizer* nada: ela era capaz de sentir sem derramar seus sentimentos em um fluxo de palavras.

Ela então ficou ocupada com a estante por quase uma hora, tirando um volume depois do outro, e renovando sua amizade com cada um. Tendo feito isso, sentou-se em um banquinho, apoiou a face na mão, e pensou, e ainda ficou em silêncio.

O som da porta da frente se abrindo lá embaixo, uma rajada de vento frio, e a voz do seu pai falando com a Sra. Bretton no hall finalmente a fizeram se sobressaltar. Ela se levantou de um salto, e estava lá embaixo em um segundo.

— Papai! Papai! O senhor vai sair?

— Minha queridinha, preciso ir à cidade.

— Mas está tão… *tão* frio, papai.

E então eu ouvi M. de Bassompierre mostrando-lhe como ele estava bem protegido contra o tempo; e como iria com a carruagem, e ficaria abrigado com todo o conforto; e, resumindo, provando que ela não precisava temer pelo bem-estar dele.

— Mas o senhor promete que vai voltar esta noite antes de ficar muito escuro… o senhor e o Dr. Breton, ambos, com a carruagem? O tempo não está bom para cavalgar.

— Bem, se eu encontrar o doutor, eu lhe digo que uma dama impôs-lhe suas exigências para que ele cuide da sua preciosa saúde e volte cedo para casa, sob minha vigilância.

— Sim, o senhor deve dizer uma dama; e ele vai pensar que é a mãe dele, e obedecer. E, papai, veja bem, volte cedo, pois eu *vou* prestar atenção e ficar escutando.

A porta se fechou, e a carruagem partiu sem ruído através da neve; e a condessa retornou, pensativa e ansiosa.

E ela escutou *mesmo* , e observou, quando a noite chegou; mas foi do modo mais tranquilo: caminhando pela sala de estar com passos praticamente inaudíveis. De vez em quando ela interrompia sua marcha aveludada, inclinava o rosto e consultava os sons noturnos: eu deveria dizer que era o silêncio noturno; pois então, finalmente, o vento havia

parado. O céu, liberado da sua avalanche, estava despido e pálido: através dos ramos nus das árvores na avenida podíamos vê-lo muito bem, e observar também o esplendor polar da lua de Ano-Novo: uma órbita branca como um mundo de gelo. E nem era tarde quando também vimos o retorno da carruagem.

Paulina não tinha uma dança de acolhida para essa noite. Foi de modo quase sério que ela se apossou imediatamente do pai, quando ele entrou; na hora o transformou em sua propriedade única, conduziu-o a um assento de escolha dela e, enquanto prodigalizava com doçura ao redor dele palavras gentis de congratulações por ele ter sido tão bom, e voltado para casa tão cedo, daria para pensar que era totalmente por força das suas mãozinhas que ele havia sido colocado em sua cadeira, instalado e arrumado; pois o homem forte parecia sentir prazer em se entregar completamente a esse domínio que só tinha a força do amor.

Graham não apareceu senão uns minutos depois do conde. Paulina se voltou parcialmente quando os passos dele foram ouvidos: eles trocaram umas poucas palavras; seus dedos se encontraram por um momento, mas obviamente com um ligeiro contato. Paulina permaneceu ao lado do pai; Graham se jogou em uma cadeira do outro lado do cômodo.

Foi bom a Sra. Bretton e o Sr. Home terem muito para dizer um para o outro (um estoque quase inexaurível de conversa sobre antigas recordações); caso contrário, eu acredito que nosso grupo tivesse permanecido em silêncio aquela noite.

Depois do chá, a agulha ágil e o belo dedal de ouro de Paulina foram ativamente usados à luz do candeeiro, mas sua boca ficou em silêncio, e os olhos pareciam relutar em erguer com frequência as pálpebras, tão macias e com cílios tão espessos. Graham também deveria estar cansado por causa do dia de trabalho: ele ouviu atenciosamente os dois mais velhos e mais experientes, falou muito pouco e seguiu com os olhos o clarão dourado do dedal de Paulina, como se ele fosse uma mariposa brilhante voando, ou a cabeça dourada de uma pequena serpente amarela pronta para dar o bote.

XXVI. UM ENTERRO

A partir desse dia, na minha vida não faltou diversão; eu saía bastante, com o pleno consentimento de Madame Beck, que aprovava perfeitamente o nível das minhas amizades. A respeitável diretora jamais me tratara, desde o princípio, senão com respeito; e quando ela descobriu que eu estava sujeita a receber frequentes convites de um château e de um grande hotel, o respeito passou a ser honraria.

Não que ela fosse exagerada a esse respeito: Madame, em todas as coisas mundanas, não era nem um pouco fraca; havia moderação e bom-senso em sua mais calorosa busca de interesse próprio; calma e reflexão em sua sofreguidão em ganhar; sem, então, se expor ao meu desprezo como alguém que fosse interesseira e aduladora, ela observou com discrição que estava feliz por pessoas ligadas ao seu estabelecimento frequentarem tais amigos que só poderiam ilustrar e engrandecer, e não aqueles que poderiam deteriorar e deprimir. Ela nunca me elogiou, ou aos meus amigos; somente uma vez, quando estava sentada ao sol no jardim, com uma xícara de café ao seu lado e a Gazette nas mãos, dando a impressão de estar muito confortável, e eu cheguei para pedir licença para me ausentar aquela noite, ela se manifestou com toda a graça:

— Oui, oui, ma bonne amie: je vous donne la permission de coeur et de gré. Votre travail dans ma maison a toujours été admirable, rempli de zèle et de discrétion: vous avez bien le droit de vous amuser. Sortez donc tant que vous voudrez. Quant à votre choix de connaissances, j'en suis contente; c'est sage, digne, laudable. [1]

Ela fechou a boca e voltou a ler a Gazette.

O leitor não vai encarar com muita seriedade a ínfima circunstância de, mais ou menos na mesma época, o pacote triplamente fechado com as

cinco cartas ter desaparecido temporariamente do meu bureau. Naturalmente, minha primeira sensação foi a de profunda consternação ao fazer a descoberta; mas, em instantes meu coração se fortaleceu com a graça.

"Paciência!", murmurei para mim mesma. "Não vamos dizer nada, mas esperar tranquilamente; elas vão retornar."

E realmente retornaram: elas apenas haviam feito uma breve visita ao quarto de Madame; tendo sido aprovadas em seu exame, voltaram devida e efetivamente: eu as descobri em perfeito estado no dia seguinte.

Fico pensando o que ela achou da minha correspondência. Que estimativa ela fez da capacidade epistolar do Dr. John Bretton? Sob que luz os pensamentos frequentemente muito vigorosos, as opiniões geralmente sensatas e, às vezes, originais, apresentados, sem pretensão, em um estilo fluente e animado, apareceram para ela? O que ela achou daquela veia cordial, meio humorística, que para mim causou tanto prazer? O que ela pensou das poucas palavras gentis espalhadas aqui e acolá, não em profusão, como os diamantes estavam dispersos no vale de Sindbad, mas com parcimônia, como aquelas gemas se encontram em terras não lendárias? Oh, Madame Beck! Que ideia a senhora fez dessas coisas?

Acredito que, aos olhos de Madame Beck, as cinco cartas tenham tido uma recepção relativamente boa. Certo dia, depois de tê-las *emprestado* de mim (ao falar de uma mulherzinha tão discreta, é preciso usar termos discretos), eu a flagrei me examinando com um olhar persistente e contemplativo, um tantinho intrigado, mas de jeito nenhum maldoso. Foi durante aquele breve intervalo entre as lições, quando as alunas se dirigiam ao pátio para quinze minutos de recreação; ela e eu ficamos sozinhas na primeira classe: quando olhei nos olhos dela, seus pensamentos abriram caminho, parcialmente, entre seus lábios:

— Il y a — disse ela — quelque chose de bien remarquable dans le caractère Anglais. [2]

— Como, Madame?

Ela deu uma risadinha, repetindo a palavra "como" em inglês:

— Je ne saurais vous dire “como”, mais, enfin, les Anglais ont des idées à eux, en amitié, en amour, en tout. Mais au moins il n’est pas besoin de les surveiller [3] — acrescentou ela, levantando-se e indo embora a trotar, como o pequeno pônei atarracado que ela era.

“Então eu espero”, murmurei comigo mesma, “que a senhora gentilmente deixe minhas cartas em paz no futuro”.

Ai de mim! Algo se precipitou em meus olhos, obscurecendo completamente a visão, afastando da vista a sala de aula, o jardim, o luminoso sol hibernal, enquanto eu lembrava que nunca mais chegariam até mim cartas iguais às que ela tinha lido. Eu havia visto o fim delas. Aquele rio generoso em cujas margens eu caminhara, de cujas ondulações algumas poucas gotas revigorantes haviam pingado em meus lábios, estava se voltando para outro curso: ele estava abandonando minha casinhola e meu campo desamparado e ressequido como a areia, e derramando sua abundância de águas muito além. A mudança era correta, certa, natural; nenhuma palavra poderia ser dita: mas eu amava meu Reno, meu Nilo; eu havia quase venerado meu Ganges, e sofria pelo fato de que a grande maré devesse deslizar indiferente, fosse desaparecer como uma miragem. Embora fosse estoica, eu não era bem uma estoica; lágrimas correram rápidas por minhas mãos e na minha mesa: chorei lágrimas ardentes, opressivas e breves.

Porém, eu logo disse para mim mesma: “A Esperança que eu estou lamentando sofreu e me fez sofrer muito: ela não morreu até que fosse chegada sua hora: em seguida a uma agonia tão prolongada, a morte deveria ser bem recebida”.

E bem recebida eu tentei fazer com que ela fosse. Na verdade, a dor prolongada fizera da paciência um hábito. No fim, fechei os olhos da minha morta, cobri sua face e arrumei seus membros com grande calma.

Entretanto, as cartas deveriam ser postas de lado, fora do alcance dos olhos: pessoas que passaram por aflições sempre juntam e guardam ciumentamente as recordações: não dá para suportar ser apunhalado no coração a cada momento por um profundo rememorar da dor.

Uma tarde ociosa de feriado (a quinta-feira) dirigindo-me ao meu tesouro com intenção de refletir sobre seu destino final, percebi, e desta vez com um forte sentimento de desprazer, que ele havia sido vasculhado uma vez mais: o pacote estava lá, claro, mas a fita que o amarrava havia sido desatada e reatada; e por meio de outros sintomas eu soube que minha gaveta havia sido visitada.

Isso já era um pouco demais. Madame Beck era a alma da discrição, além de ter uma cabeça tão firme e um discernimento tão bom quanto jamais equiparam uma cabeça humana; que ela conhecesse o conteúdo da minha caixa não era agradável, mas dava para ser suportado. Mesmo sendo a pequena inquisidora jesuíta que era, ela tinha condição de ver as coisas em sua verdadeira luz, e entendê-las em um sentido não corrompido; mas a ideia de que ela tivesse ousado comunicar informações obtidas dessa maneira a outras pessoas; que ela, tendo alguma companhia, tivesse, talvez, se divertido com aqueles documentos que aos meus olhos eram mais que sagrados, me chocou profundamente. Contudo, que fosse esse o caso eu agora tinha razões para temer; até supus quem fosse seu confidente. Seu parente, M. Paul Emanuel, havia passado a tarde do dia anterior com ela: ela costumava consultá-lo, e discutir com ele questões que não discutia com ninguém mais. Nessa mesma manhã, na sala de aula, esse cavalheiro havia me favorecido com um olhar que ele parecia ter emprestado de Vashti, a atriz; naquele momento eu não havia compreendido aquele brilho azulado, ainda que sinistro, em seus olhos irados; mas entendi seu significado então. *Ele* , eu acreditava, não tinha condições de encarar o que me dizia respeito com um ponto de vista equilibrado, tampouco de me julgar com tolerância e com honestidade: eu sempre o havia considerado severo e suspeitoso: a ideia de que essas cartas, meras cartas amigáveis como eram, tivessem caído uma vez, e pudessem tornar a cair, nas mãos dele, abalou-me até o fundo da alma.

O que eu deveria fazer para impedir isso? Em qual canto dessa estranha casa seria possível ter segurança ou sigilo? Onde poderia uma chave ser a garantia, ou um cadeado ser uma barreira?

No grenier? Não, eu não gostava do grenier. Além do mais, a maior parte das caixas e gavetas lá estava mofando, e não podia ser trancada. Os ratos, também, abriam seu caminho com os dentes através da madeira deteriorada; e camundongos faziam seus ninhos em meio ao lixo do seu conteúdo: minhas amadas cartas (ainda muito amadas, embora o nome I-Kabod estivesse escrito em seus envelopes) poderiam ser consumidas pelas pragas; certamente a escrita logo iria ficar deturpada pela umidade. Não, o grenier não serviria; mas, onde, então?

Enquanto refletia a respeito desse problema, estava sentada no recesso da janela do dormitório. Era uma bela e fria tarde; o sol hibernal, já se pondo, brilhava pálido sobre o topo dos arbustos do jardim na "allée défendue". [4] Uma grande e velha pereira, a árvore da freira, se erguia, o esqueleto alto de uma dríade, cinzento, sem vegetação e nu. Um pensamento me assaltou; um daqueles estranhos pensamentos fantásticos que às vezes assaltam pessoas solitárias. Coloquei a touca, casaco e manto e peles, e fui para a cidade.

Dirigindo meus passos na direção do velho bairro histórico da cidade, cujos arredores enregelados e cheios de sombras eu sempre procurava instintivamente quando me sentia melancólica, caminhei de uma rua para outra até que, tendo atravessado uma "place" ou praça quase deserta, percebi que estava na frente de um tipo de loja de penhores; uma loja antiga, cheia de coisas antigas.

O que eu queria era uma caixa de metal que pudesse ser soldada, ou uma jarra ou garrafa de vidro grosso que pudesse ser lacrada ou hermeticamente fechada. Entre montes de artigos heterogêneos, encontrei essa última, e a comprei.

Fiz então um pequeno rolo com minhas cartas, envolvi-o em tecido impermeável, amarrei-o com barbante e, tendo-o colocado na garrafa, pedi ao velho vendedor judeu que a lacrasse e a deixasse hermeticamente fechada. Enquanto seguia minhas instruções, ele me olhava desconfiado de vez em quando, por sob seus cílios brancos como a neve. Acredito que ele pensasse que havia alguma coisa errada acontecendo. Durante o processo eu tive uma sensação de melancolia: não prazer, mas uma satisfação triste

e solitária. O impulso sob o qual eu agira e o estado de espírito que me controlava eram parecidos com o impulso que me levara a procurar o confessionário. Com passos rápidos voltei ao pensionnat quando acabara de escurecer, e a tempo para o jantar.

Às sete horas, a lua se ergueu no céu. Às sete e meia, quando professores e alunas estavam estudando, e Madame Beck estava com sua mãe e as filhas na salle-à-manger, quando as alunas semi-internas já haviam todas ido para casa, e Rosine deixara o vestíbulo, e tudo estava em silêncio, eu me embrulhei no meu xale e, pegando o vidro lacrado, saí silenciosamente para o berceau pela porta da sala da primeira classe, e de lá fui para a "allée défendue".

Matusalém, a pereira, se encontrava na parte mais distante da aleia, perto do meu banco: ela se erguia sombria e cinzenta, acima dos arbustos mais baixos ao seu redor. Mas, Matusalém, embora fosse muito velha, ainda tinha a madeira muito boa; havia apenas um buraco, ou, melhor dizendo, uma cavidade bastante profunda, perto das suas raízes. Eu sabia da existência de tal cavidade, parcialmente escondida pela hera e pelas trepadeiras que cresciam abundantes ao redor; e lá pensei em esconder meu tesouro. Porém, eu não estava apenas escondendo um tesouro: também tencionava enterrar uma aflição. Essa aflição, pela qual eu estivera chorando recentemente, enquanto a envolvia em sua mortalha, deveria ser enterrada.

Bem, retirei a hera e descobri a cavidade; ela era grande o suficiente para acolher o vidro, e eu o coloquei nela. No depósito de ferramentas no fundo do jardim estavam guardados restos de material de construção, deixados por pedreiros que haviam sido empregados não fazia muito tempo para reparar uma parte do prédio. Lá eu peguei um pedaço de ardósia e um pouco de argamassa, coloquei a ardósia na cavidade, tapei-a com cimento, cobri a cavidade com a terra escura e, finalmente, recoloquei a hera. Tendo feito isso, descansei, apoiada no tronco da árvore; permanecendo ali um tempo, como qualquer outra pessoa enlutada ao lado de um túmulo recém-coberto.

O ar noturno estava muito parado, mas opaco com uma névoa peculiar, que transformava a luz da lua em uma neblina luminosa. Nesse ar, ou nessa névoa, havia certa característica, elétrica, talvez, que exercia estranha influência sobre mim. Eu me senti então como me sentira um ano atrás na Inglaterra, em uma noite em que a aurora boreal ondulava pelos céus, percorrendo-os, quando, permanecendo até mais tarde que o habitual nos campos solitários, eu havia feito uma pausa para olhar aquele ajuntamento de um exército com estandartes, aquele palpitar de lanças aglomeradas, aquela rápida ascensão de mensageiros por sob a estrela polar até a escura e alta parte central da arcada celeste. Eu não me senti feliz, muito pelo contrário, mas fortalecida com uma força renovada.

Se a vida era uma guerra, parecia ser meu destino combatê-la sozinha. Fiquei pensando então em como abandonar meus alojamentos de inverno, abandonar um acampamento onde o alimento e o abrigo eram escassos. Talvez, para realizar essa mudança, outra batalha encarniçada devesse ser combatida contra o destino; se assim fosse, eu estava disposta a lutar: pobre demais para perder, Deus talvez me destinasse à vitória. Mas, qual caminho se abria? Que plano estava ao meu dispor?

Eu ainda me detinha nessa questão quando a lua, até então opaca, pareceu brilhar sobre algo mais luminoso: um raio luziu ainda mais branco à minha frente, e uma sombra ficou distinta e acentuada. Olhei mais minuciosamente, para descobrir a causa desse contraste bem definido aparecendo um tanto repentinamente na aleia obscura: mais branca e mais negra ela ficou perante meus olhos: adquiriu forma com uma transformação instantânea. Eu estava parada a uns três metros de uma mulher alta, vestida de negro e com véu branco como a neve.

Cinco minutos se passaram. Não fugi nem gritei. Ela ainda estava lá. Eu falei:

— Quem é você? E por que aparece para mim?

Ela ficou em silêncio. Não tinha rosto, não tinha feições: abaixo da testa, tudo estava coberto com um tecido branco; mas ela tinha olhos, e eles me inspecionaram.

Eu me senti, se não corajosa, ao menos um pouquinho desesperada, e o desespero tantas vezes é suficiente para tomar o lugar da coragem e fazer a parte dela. Avancei um passo. Estendi a mão, pois tencionava tocá-la. Ela pareceu retroceder. Eu me aproximei: seu afastar, sempre silencioso, ficou mais rápido. Uma massa de arbustos, sempre-vivas cheias de folhagem, loureiros e teixos aglomerados se interpôs entre mim e o que eu estava seguindo. Tendo superado o obstáculo, olhei e não vi nada. Esperei. Eu disse:

— Se tens alguma mensagem para os seres humanos, volta e a entrega.

Nada respondeu nem reapareceu.

Dessa vez não havia um Dr. John a quem recorrer: não havia ninguém a quem eu ousasse sussurrar as palavras "Eu vi a freira de novo".

* * * * *

Paulina Mary desejava minha presença frequente na Rue Crécy. Nos velhos dias de Bretton, embora ela nunca tivesse afirmado que gostava de mim, minha companhia logo passara a ser para ela um tipo de necessidade inconsciente. Eu costumava observar que, se me retirasse para o meu quarto, ela viria rapidamente trotando atrás de mim e, abrindo a porta e dando uma olhada para dentro, diria, com sua inflexão um pouco peremptória: "Desça. Por que a senhorita fica sentada aqui, sozinha? A senhorita tem de descer para a sala".

Com o mesmo estado de espírito, ela insistia comigo agora:

— Saia da Rue Fossette — dizia ela — e venha morar conosco. Papai pagaria para a senhorita muito mais que o que Madame Beck lhe dá.

O Sr. Home pessoalmente me ofereceu um salário excelente (três vezes o que eu recebia então) se eu aceitasse o posto de dama de companhia para a filha. Eu recusei. Acho que teria de recusar mesmo que fosse mais pobre do que era, e com uma quantia de recursos ainda mais insuficiente, uma estreiteza ainda maior de perspectivas futuras. Eu não tinha essa vocação. Era capaz de ensinar; podia dar aulas; mas, ser uma governanta em casa de família ou uma dama de companhia não era natural para mim. Em vez de

ocupar o posto de governanta em qualquer grande mansão, eu teria deliberadamente escolhido o posto de camareira, comprado um par de luvas resistentes, varrido quartos e escadarias e limpado aquecedores e armários, em paz e independente. Em vez de ser uma dama de companhia, teria feito camisas e passado fome.

Eu não era a sombra de uma senhora sofisticada; não da Srta. de Bassompierre. Para mim, era normal ficar bastante entristecida com muita frequência; eu era uma criatura de hábitos tranquilos: mas a sombra e a depressão têm de ser voluntárias, tais como as que me mantinham dócil à minha mesa, em meio às minhas já tão bem acostumadas alunas na primeira turma; ou sozinha, na minha própria cama, no dormitório de Madame Beck, ou na aleia e no banco que eram conhecidos como meus, no jardim dela: minhas qualificações não podiam ser mutáveis, tampouco adaptáveis; elas não poderiam ser transformadas no metal que sustenta qualquer pedra preciosa, o acessório de qualquer beleza, o apêndice de nenhuma grande figura da cristandade. Madame Beck e eu, sem assimilações, entendíamos muito bem uma à outra. Eu não era companhia *dela* , nem governanta de suas filhas; ela me deixava livre: não me prendia a nada; nem a ela própria, nem mesmo aos seus interesses: certa vez, quando ela havia ficado afastada por uma quinzena, devido a uma doença de um parente próximo, e, ao retornar, cheia de ansiedade e de preocupações relacionadas ao seu estabelecimento, temendo que durante sua ausência algo de errado tivesse acontecido, e descobrindo que as coisas tinham corrido praticamente da maneira habitual, e que não havia evidências de um descuido qualquer, ela deu a cada uma das professoras um presente, em reconhecimento pela sua firmeza. À meia-noite ela apareceu ao pé da minha cama, e me disse que não tinha presente para mim: “Eu devo fazer com que a fidelidade seja vantajosa para a St. Pierre”, disse ela, “e se eu tentar fazer com que ela seja vantajosa para a senhorita, vai haver desentendimento entre nós, talvez uma separação. Uma coisa, entretanto, eu *posso* fazer para alegrá-la: deixá-la em paz com sua liberdade: c’est ce que je ferai”. [5] Ela manteve sua palavra. Cada pequena algema que chegara a colocar em mim, removeu com um gesto

silencioso a partir dessa ocasião. Assim sendo, eu sentia prazer em respeitar voluntariamente suas regras: a gratificação por dedicar o dobro das horas, pelo esforço extra com as alunas, ela colocava em minhas mãos.

Quanto a Mary de Bassompierre, eu a visitava com prazer, embora não quisesse viver com ela. Minhas visitas logo me ensinaram que não era provável que até mesmo minha companhia ocasional e voluntária fosse indispensável para ela por muito tempo. M. de Bassompierre, por sua vez, parecia ser insensível a essa hipótese, cego em relação a essa possibilidade; tão inconsciente quanto qualquer criança em relação aos sinais, às probabilidades, aos imprecisos inícios daquilo que, quando chegasse a uma conclusão, ele talvez não aprovasse.

Eu costumava conjecturar se ele iria ou não aprovar cordialmente. Difícil dizer. Ele era muito interessado em assuntos científicos; sagaz, dedicado e um tanto antagônico no que dizia respeito às suas ocupações favoritas, mas destituído de suspeitas e confiante em relação aos fatos comuns da vida. Julgando pelo que eu conseguia ver, ele parecia considerar sua "filhinha" como nada mais que uma criança, e provavelmente ainda não admitira a ideia de que outros pudessem olhá-la de modo diverso: ele falava a respeito do que deveria ser feito quando "Polly" fosse uma mulher, quando ela tivesse crescido; e "Polly", parada ao lado da poltrona dele, às vezes sorria e segurava a venerável cabeça dele com suas mãozinhas, e beijava seus cabelos de um grisalho escuro; e outras vezes fazia biquinho e balançava os cachos: porém, nunca disse: "Papai, eu *já* cresci".

Paulina apresentava temperamentos diferentes para diferentes pessoas. Com o pai ela realmente ainda era uma criança, ou como uma criança, afetuosa, alegre e brincalhona. Comigo era séria, e tão feminina quanto os pensamentos e o sentimento fossem capazes de deixá-la. Com a Sra. Bretton era dócil e confiante, mas não expansiva. Com Graham era tímida; nessa época, muito tímida; às vezes tentava ser fria; certa ocasião ela tentou se esquivar dele. Os passos dele faziam-na ter um sobressalto; a entrada dele a silenciava; quando ele falava, as respostas dela não eram

fluentes; quando ele saía, ela ficava contrariada e embaraçada. Até mesmo o pai percebeu esse comportamento.

— Minha pequena Polly — disse ele uma vez —, você leva uma vida muito solitária; se você ficar uma mulher com esses modos tímidos, mal poderá viver em sociedade. Você realmente tratou o Dr. Bretton como se ele fosse um estranho: mas o que é isso? Você não se lembra de que, quando era pequenininha, ele costumava ser seu favorito?

— *Costumava* , papai — respondeu ela, com seu tom de voz ligeiramente seco, e, no entanto, gentil e simples.

— E você não gosta dele agora? O que ele fez?

— Nada. S… si… sim, eu gosto dele, um pouco; mas, nós nos transformamos em estranhos um para o outro.

— Então acabe com isso, Polly; acabe com o mofo e com a estranheza. Converse bastante quando ele estiver aqui, e não tenha medo dele!

— *Ele* não fala muito. O senhor acha que ele tem medo de mim, papai?

— Oh, com certeza; que homem não teria medo de uma mocinha tão silenciosa?

— Então, diga-lhe qualquer dia para não se importar com meu silêncio. Diga que esse é meu jeito, e que eu não tenho intenções pouco amigáveis.

— Seu jeito, sua pequena tagarela? Longe de ser seu jeito, é apenas capricho seu!

— Bem, eu vou melhorar, papai.

E muito graciosos foram os modos com os quais, no dia seguinte, ela tentou manter a palavra. Eu a vi fazendo força para conversar afavelmente com o Dr. John sobre assuntos gerais. A atenção fez com que surgisse no rosto do seu hóspede um brilho de prazer; ele foi cauteloso ao falar com ela, e respondeu-lhe com a mais gentil das vozes, como se houvesse um tipo de frágil felicidade pairando no ar que ele temesse perturbar inspirando com força demais. Certamente, no avanço tímido, porém sincero, rumo à amizade, não se podia negar que havia um encanto dos mais refinados e belos.

Quando o doutor foi embora, ela se aproximou da poltrona do pai.

— Eu mantive minha palavra, papai? Eu me comportei melhor?

— Minha Polly se comportou como uma rainha. Eu vou ter muito orgulho dela se esse comportamento continuar. Dentro de pouco tempo, nós vamos vê-la recebendo meus convidados com modos calmos e imponentes. A Srta. Lucy e eu teremos de tomar cuidado e dar uma polida em nossos melhores modos e encantos, ou então seremos jogados na sombra. Mesmo assim, Polly, ainda há um pouquinho de tremor, uma ligeira tendência a gaguejar uma vez ou outra, e até mesmo um ceceio, como você costumava fazer quando tinha seis anos.

— Não, papai — interrompeu ela, indignada. — Isso não pode ser verdade.

— Faço um apelo à Srta. Lucy. Ao responder à pergunta do Dr. Bretton quanto a ela já ter visto o palácio do Príncipe de Bois l'Etang, a Polly não disse "shim", que ela já havia estado lá "diversas vezes"?

— Papai, o senhor é caçoísta, o senhor é méchant! Eu consigo pronunciar todas as letras do alfabeto com tanta clareza quanto o senhor. Mas, diga-me, o senhor faz muita questão de que eu seja educada com o Dr. Bretton, o senhor gosta dele?

— Certamente: gosto dele por ser uma antiga amizade: e ele também é um filho muito bom para a mãe, além de ter um bom coração e ser hábil em sua profissão; sim, o callant é boa pessoa.

— Callant! Ah, escocês! Papai, o senhor tem o sotaque de Edimburgo ou de Aberdeen?

— Ambos, minha boneca, ambos: e, sem dúvida, o de Glasgow para contrapeso. É por isso que eu falo francês tão bem: uma boa prronúncia do Scots é sempre bem-sucedida pro francês.

— Pro francês! Escocês de novo: papai é incorrigível. O senhor também precisa de umas lições.

— Bem, Polly, você precisa persuadir a Srta. Snowe a se encarregar tanto de mim quanto de você; para deixar você segura e feminina, e a mim, refinado e clássico.

O ponto de vista com o qual M. de Bassompierre evidentemente considerava a "Srta. Snowe" costumava me causar muita satisfação

íntima. Que atributos contraditórios de caráter nós às vezes descobrimos que nos são atribuídos, segundo os olhos com que somos observados! Madame Beck me considerava instruída e culta; a Srta. Fanshawe, cáustica, irônica e cínica; o Sr. Home, uma professora exemplar, a essência da calma e da discrição: um tanto convencional, talvez, muito rígida, limitada e escrupulosa, mas, ainda assim, a personificação e o modelo de uma governanta correta; ao passo que outra pessoa, o Professor Paul Emanuel, por exemplo, jamais perdia uma oportunidade de anunciar sua opinião de que minha natureza era bastante impetuosa e arrojada; aventureira, indócil e audaciosa. Eu sorria para todos eles. Se alguém me conhecia, esse alguém era a pequena Paulina Mary.

Como eu não seria a dama de companhia nominal e paga, e como tivesse começado a julgar o relacionamento com ela bastante cordial e harmonioso, Paulina me persuadiu a juntar-me a ela em algumas lições, como um modo regular e estabelecido de manter uma conversação: ela propôs a língua alemã, que, assim como eu, ela considerava de difícil domínio. Nós concordamos que teríamos nossas aulas na Rue Crécy com a mesma professora; esse arranjo nos colocou juntas por algumas horas todas as semanas. M. de Bassompierre pareceu bastante satisfeito: merecia sua aprovação o fato de Madame Minerva Seriedade associar uma parte do seu lazer com o da sua bela e estimada filha.

Meu outro juiz autoeleito, o professor na Rue Fossette, descobrindo por certos meios escusos de espionagem que eu não estava mais tão sedentária quanto até então, mas que saía com regularidade em determinadas horas de certos dias, assumiu para si a responsabilidade de me colocar sob vigilância. As pessoas diziam que M. Emanuel havia sido criado por jesuítas. Eu teria acreditado nesse relato com maior presteza caso suas manobras tivessem sido disfarçadas com mais cuidado. Do jeito que estava a situação, duvidei. Jamais houve um conspirador menos disfarçado, um intrigante mais franco e descuidado. Ele analisava suas próprias maquinações: urdia planos elaborados, e imediatamente se entregava a surtos explicativos das qualidades deles. Eu não sei se me senti mais divertida ou provocada com o fato de ele se aproximar certa

manhã e dizer em voz baixa que “tinha os olhos postos sobre mim: *ele* , pelo menos, iria se encarregar do dever de um amigo, e não me deixar totalmente entregue a meus próprios planos”. Meus procedimentos pareciam então bastante instáveis: ele não sabia que ideia fazer deles: achava que sua prima Beck tinha grande parcela de culpa ao tolerar esse tipo de inconsistência por parte de uma professora com ligações com seu estabelecimento. O que uma pessoa dedicada a uma vocação séria, a da educação, tinha que ver com condes e condessas, hotéis e châteaux? Para ele, eu parecia completamente “en l’air”. [6] Palavra de honra, ele acreditava que eu saía em seis de cada sete dias!

Eu disse: “Monsieur exagerou. Eu certamente havia desfrutado o privilégio de uma pequena mudança recentemente, mas não antes que ela se tornasse necessária; e o privilégio não era, de maneira alguma, exercido em excesso”.

“Necessária? Como ela era necessária? Eu estava muito bem, era o que ele achava? Uma mudança necessária! Ele me recomendaria dar uma olhada nas ‘religieuses’ [7] católicas, e estudar a vida *delas* . *Elas* não precisavam de mudanças.”

Não posso julgar qual foi a expressão que passou pelo meu rosto quando ele falou isso, mas foi uma expressão que o provocou: ele me acusou de ser ousada, mundana e epicurista; de ter a ambição da grandeza, e de ser febrilmente sedenta das pompas e das vaidades da vida. Parecia que eu não tinha “dévouement”, [8] nada de “récueillement” [9] em minha personalidade; nada do espírito de graça, fé, sacrifício ou auto-humilhação. Sentindo a inutilidade de responder a tais acusações, eu silenciosamente continuei a correção de uma pilha de exercícios de inglês.

“Ele não conseguia ver em mim nada de cristão: assim como muitos outros protestantes, eu me deleitava no orgulho e no caráter voluntarioso do paganismo.”

Eu lhe dei ligeiramente as costas, abrigando-me ainda mais sob a proteção do silêncio.

Um som vago foi resmungado entre os dentes dele; com certeza não poderia ser um “juron”: [10] ele era religioso demais para fazer isso; mas

tenho certeza de ter ouvido a palavra sacré. [11] É muito triste dizer, mas a mesma palavra foi repetida, com a inequívoca adição de mille [12] qualquer coisa, quando eu passei por ele cerca de duas horas mais tarde pelo corredor, preparada para sair e ter minha aula de alemão na Rue Crécy. Em certos aspectos, jamais houve homenzinho melhor que M. Paul: nunca, em outros, um despotazinho mais petulante.

* * * * *

Nossa professora de alemão, Fräulein [13] Anna Braun, era uma mulher digna e calorosa de uns quarenta e cinco anos; ela deveria, talvez, ter vivido nos dias da Rainha Elizabeth, já que habitualmente consumia, para o primeiro e o segundo desjejum, cerveja e carne: além do mais, sua natureza alemã direta e franca parecia sofrer uma sensação de cruel inibição por causa do que ela chamava de nossa reserva inglesa, embora nós pensássemos que fôssemos bastante cordiais com ela: porém, nós não lhe dávamos tapinhas nos ombros, e, se consentíssemos em dar um beijo no rosto dela, isso era feito em silêncio, e sem nenhum som explosivo. Essas omissões a oprimiam e deprimiam consideravelmente; mesmo assim, de modo geral, nós nos dávamos muito bem. Acostumada a dar aulas para meninas estrangeiras, que dificilmente irão estudar e pensar por conta própria, que sequer pensam em lutar contra uma dificuldade, e superá-la por meio da reflexão ou da dedicação, nosso progresso, que, na verdade, era bastante vagaroso, parecia impressioná-la. Aos olhos dela, nós éramos um par de prodígios glaciais: frias, orgulhosas e sobrenaturais.

A jovem condessa *era* um tanto orgulhosa, um pouco meticulosa. E talvez, com sua delicadeza e beleza naturais, ela tivesse direito a tais sentimentos; porém, acho que era um erro imenso atribuí-los a mim. Eu nunca me furtava aos cumprimentos matinais, que Paulina evitava quando tinha oportunidade; tampouco era certo modo de desdém silencioso uma arma conhecida em meu arsenal de defesa, enquanto Paulina sempre o manteve limpo, cuidado e afiado, e qualquer brincadeira alemã mais rude fazia surgir na mesma hora o seu brilho de aço.

A honesta Anna Braun, até certo ponto, sentia essa diferença; e, se por um lado ela em parte temia, em parte adorava Paulina, como um tipo de frágil ninfa (uma Undine) ela procurava refúgio comigo, por ser eu completamente mortal, e de temperamento mais tratável.

Um livro que nós gostávamos muito de ler e de traduzir era o das *Baladas* de Schiller; Paulina logo aprendeu a lê-las de modo encantador; a Fräulein a ouvia com um grande sorriso de prazer, e dizia que a voz dela soava como música. Paulina as traduzia, também, com uma linguagem espontânea, e com um grau de fervor da mesma natureza e poético: suas faces se enrubesciam, seus lábios sorriam, trêmulos, seus belos olhos se iluminavam ou ensombreciam enquanto ela prosseguia. Ela aprendeu as mais bonitas de cor, e as declamava com frequência quando estávamos apenas nós duas. Uma que ela apreciava muito era "Des Mädchens Klage": [14] quer dizer, ela gostava muito de declamá-la, achava que havia uma triste melodia no som; o sentido ela costumava criticar. Ela murmurou, enquanto nos sentávamos perto do fogo, certa noite:

> Du Heilige, rufe dein Kind zurück,
> Ich habe genossen das irdische Glück,
> Ich habe gelebt und geliebet! [15]

— "Eu vivi, e amei!" — disse ela. — Será esse o ponto mais alto da felicidade terrena, o destino da vida… amar? Eu não acredito que seja. Pode ser o extremo da infelicidade mortal, pode ser uma completa perda de tempo, e uma inútil tortura dos sentimentos. Se Schiller tivesse dito *ser* amado, ele poderia ter chegado mais perto da verdade. Não é outra coisa, Lucy, ser amado?

— Suponho que deva ser: mas, por que ficar pensando no assunto? O que é o amor para você? O que você sabe a respeito dele?

Ela ficou vermelha, um pouco por irritação, um pouco por vergonha.

— Ora, Lucy — disse ela —, eu não vou aceitar isso de você. Pode ser muito bom para papai me ver como um bebê: até prefiro que ele me veja

desse modo; mas, *você* sabe e deve aprender a reconhecer que estou me aproximando dos meus dezenove anos.

— Não faria diferença se fossem seus vinte e nove; nós não vamos antecipar sentimentos discutindo-os e conversando sobre eles; nós não vamos falar a respeito do amor.

— De fato, de fato! — disse ela, toda apressada e excitada. — Você pode querer me repreender e me conter, tanto quanto queira; mas, eu *tenho* falado a respeito do assunto, e ouvido também; e bastante e recentemente, e de modo desagradável e injurioso; e de certo modo que você não aprovaria.

E a criaturinha contrariada, triunfante, bela e malcriada deu risada. Eu não conseguia entender o que ela queria dizer com isso, e não iria perguntar: eu estava desorientada. Vendo, entretanto, a maior inocência em suas feições (combinada com certa efêmera perversidade e petulância) eu finalmente disse:

— E quem fala de modo desagradável e injurioso com você sobre tais assuntos? Quem tem maior intimidade com você e que ousaria fazer isso?

— Lucy — retrucou ela, com maior doçura —, é uma pessoa que às vezes me deixa infeliz; e eu gostaria que ela se afastasse… eu não a quero.

— Mas quem é ela, Paulina? Você está me deixando muito intrigada.

— É… é minha prima Ginevra. Cada vez que ela tem permissão para visitar a Sra. Cholmondeley ela vem aqui, e sempre que ela me encontra sozinha começa a falar sobre seus admiradores. Amor, ora essa! Você precisaria ouvir tudo que ela tem a dizer a respeito do amor.

— Oh, eu já ouvi — respondi, com frieza. — E, de modo geral, talvez seja bom que você também tenha ouvido; não é algo a ser lamentado, está tudo bem. Contudo, com certeza, as ideias de Ginevra não podem influenciar as suas. Você está acima tanto da mentalidade quanto do coração dela.

— Ela me influencia, e muito. Ela tem a capacidade de perturbar minha felicidade e de desestabilizar minhas opiniões. Ela me magoa por meio dos sentimentos e das pessoas que me são mais caras.

— O que ela diz, Paulina? Dê-me uma ideia. Pode haver uma contrapartida para os danos causados.

— As pessoas a quem eu mais estimo, e por mais tempo, são denegridas por ela. Ela não poupa a Sra. Bretton… ela não poupa… Graham.

— Ouso dizer que não: e como ela mistura os dois com os sentimentos e o… *amor* dela? Ela os mistura, suponho?

— Lucy, ela é insolente; e, acredito, falsa. Você conhece o Dr. Bretton. Nós duas o conhecemos. Ele pode ser despreocupado e orgulhoso; mas, foi ele alguma vez mesquinho ou servil? Uma vez depois da outra ela me faz um retrato dele ajoelhado aos pés dela, perseguindo-a como a sombra dela. Ela… repelindo-o com insultos, e ele implorando por ela com paixão. Lucy, isso é verdade? Alguma parte disso é verdade?

— Pode ser verdade que ele, certa época, a tenha considerado bela: ela se refere a ele ainda como seu pretendente?

— Ela diz que poderia se casar com ele a qualquer hora: ele só espera o consentimento dela.

— São essas histórias que causaram aquela reserva em seus modos em relação a Graham observada por seu pai.

— Certamente elas me fizeram duvidar do caráter dele. Conforme Ginevra fala, elas não aparentam ser uma verdade pura: acredito que ela exagere — talvez invente — mas eu quero saber até que ponto.

— Suponha que nós colocássemos a Srta. Fanshawe à prova. Dê-lhe uma oportunidade de mostrar o poder de que ela se vangloria.

— Eu poderia fazer isso amanhã. Papai convidou alguns cavalheiros para o jantar, todos savants. [16] Graham, que papai está começando a descobrir que é um savant também — hábil, dizem eles, em mais de um campo da ciência — está entre os convidados. Bem, eu me sentiria infeliz por me sentar à mesa sem companhia, entre tais pessoas. Eu não conseguiria conversar com Messieurs [17] A*** e Z***, os acadêmicos parisienses: todo meu crédito recente relacionado aos meus modos seria colocado em risco. Você e a Sra. Bretton têm de vir, por minha causa; é só eu falar, e Ginevra se juntará a vocês.

— Sim; então eu serei a portadora do convite, e ela terá a chance de justificar sua alegação à veracidade.

XXVII. O HÔTEL CRÉCY

O dia seguinte acabou sendo mais animado e movimentado do que nós (ou pelo menos eu) havíamos antecipado. Parece que era o aniversário de um dos jovens príncipes de Labassecour; o mais velho, acredito, o Duc [1] de Dindonneau, e um feriado geral foi decretado em sua honra nas escolas e, especialmente, no principal "Athénée", ou colégio. Os jovens dessa instituição também haviam preparado um discurso e iriam apresentá-lo; e para esse propósito eles se reuniriam no edifício público onde os exames anuais eram realizados e os prêmios distribuídos. Depois da cerimônia de apresentação, deveria seguir-se um pronunciamento, ou "discours", [2] feito por um dos professores.

A presença de diversos dos amigos de M. de Bassompierre (os savants), que tinham maior ou menor conexão com o Athénée, era esperada nessa ocasião; junto com a veneranda municipalidade de Villette, M. le Chevalier [3] Staas, o burgomestre, e os pais e parentes dos Athenianos de modo geral. M. de Bassompierre foi convidado por seus amigos a acompanhá-los; sua bela filha, naturalmente, faria parte do grupo, e ela escreveu um bilhetinho para Ginevra e para mim, pedindo-nos que fôssemos mais cedo para que nos juntássemos a ela.

Enquanto a Srta. Fanshawe e eu estávamos nos vestindo no dormitório da Rue Fossette, ela (Srta. F.) repentinamente começou a rir.

— O que foi agora? — perguntei, pois ela havia interrompido a operação de arrumar sua indumentária, e estava me olhando.

— Parece tão estranho — respondeu ela, com sua habitual semi-honesta e semi-insolente falta de reserva — que você e eu estejamos agora na mesma situação, fazendo visitas na mesma classe social e tendo os mesmos amigos.

— Sim, é — disse eu. — Eu não tinha muito respeito pelas amizades que você costumava frequentar há pouco tempo: a Sra. Cholmondeley & Cia. nunca serviriam para o meu gosto.

— E quem *é* você, Srta. Snowe? — perguntou ela, com um tom de tamanha curiosidade indisfarçada e sem sofisticação que foi a minha vez de rir. — Você costumava dizer que era uma babá-governanta, quando chegou aqui; e realmente era encarregada de cuidar das crianças nesta casa: eu vi você com a pequena Georgette nos braços, como uma bonne; poucas governantas teriam condescendido a chegar a esse ponto. E agora Madame Beck trata você com mais cortesia do que ela trata a Parisienne, St. Pierre; e aquela criançola arrogante, minha prima, transforma você em amiga do peito!

— Impressionante! — concordei, muito divertida com a confusão dela. — Quem sou eu, na verdade? Talvez um personage [4] disfarçado. Que pena eu não ter uma aparência adequada!

— Fico pensando se você não se sente mais lisonjeada com tudo isso — prosseguiu ela. — Você encara tudo com uma estranha compostura. Se você realmente é o joão-ninguém que eu achava que era, deve ser bem corajosa.

— O joão-ninguém que você achava que eu era! — repeti, e meu rosto ficou um pouco enrubescido, mas eu não iria ficar zangada; que valor tinha o uso grosseiro dos termos ninguém e alguém por uma garota de escola? Limitei-me, portanto, a observar que eu havia simplesmente sido tratada com cortesia, e perguntei "o que ela via na cortesia para deixar quem a recebesse profundamente confusa?"

— Não dá para deixar de pensar em algumas coisas — persistiu ela.

— Ficar pensando em fantasias que você mesma inventa. Você finalmente está pronta?

— Sim; deixe-me segurar seu braço.

— Eu preferiria não fazer isso: vamos andar lado a lado.

Quando ela segurava meu braço, sempre soltava sobre mim todo o seu peso; e, como eu não era um cavalheiro, nem admirador dela, não gostava disso.

— Ora, de novo! — exclamou ela. — Eu pensei, ao oferecer para segurar seu braço, em implicar aprovação do seu vestido e da sua aparência geral: eu considerei isso um elogio.

— Considerou? Você tencionava, resumindo, expressar que não está envergonhada por ser vista na rua comigo? Que se a Sra. Cholmondeley por acaso estivesse fazendo mimos em seu cachorrinho ao pé de qualquer janela, ou o Coronel de Hamal estivesse palitando os dentes em uma varanda, e nos vislumbrasse, você não ficaria vermelha por causa da sua companhia?

— Sim — disse ela, com aquela franqueza que era sua maior qualidade, que dava uma simplicidade honesta às suas mentiras quando ela as dizia, o que era, resumindo, o sal, o único ingrediente que preservava uma personalidade que, se não fosse por isso, não era feita para ser preservada.

Eu deleguei o trabalho de comentar esse "sim" a minha fisionomia; ou melhor, meu lábio inferior voluntariamente se antecipou à minha língua; sem dúvida alguma, reverência e solenidade não eram os sentimentos que se expressavam no olhar que lancei a ela.

— Criatura desdenhosa e zombeteira! — prosseguiu ela, enquanto atravessávamos uma grande praça, e entrávamos no silencioso e agradável parque, nosso caminho mais curto para a Rue Crécy. — Ninguém neste mundo jamais foi tão tirano para mim como você é!

— Você faz com que isso aconteça: deixe-me em paz, tenha o bom-senso de ficar quieta: eu vou deixar você em paz.

— Como se alguém *pudesse* deixar você em paz, quando você é tão peculiar e tão misteriosa!

— O mistério e a peculiaridade sendo inteiramente uma concepção do seu próprio cérebro — vermes — nada mais, nada menos, tenha consideração e mantenha-os fora da minha vista.

— Mas você *é* alguém? — persistiu ela, enfiando a mão, contra minha vontade, sob meu braço; e esse braço foi pressionado com uma proximidade pouco hospitaleira contra meu flanco, como um meio de manter a intrusa afastada.

— Sim — disse eu. — Sou uma personagem em ascensão: antes dama de companhia de uma senhora idosa, depois uma babá-governanta, e agora uma professora de escola.

— Diga… *Diga-me* quem você é. Eu não vou repetir — insistiu ela, apegando-se com uma tenacidade absurda à judiciosa ideia de um incógnito de que ela se apropriara; e apertou o braço, do qual conseguira então posse completa, e me coagiu e implorou até eu ser obrigada a parar no parque para dar risada. Durante nossa caminhada, ela ficou falando nas mais fantásticas hipóteses sobre esse tema; provando, com sua credulidade, ou incredulidade, obstinada, sua incapacidade de compreender como qualquer pessoa que não fosse apoiada pelo nascimento ou pela riqueza, sem ter o patrocínio de certa consciência de nome ou de amizades, conseguiria manter uma atitude de razoável integridade. Quanto a mim, já era suficiente para minha paz mental que eu fosse conhecida onde importava que conhecida eu fosse; o restante não me fazia tanta diferença: pedigree, posição social e um recôndito ganho intelectual ocupavam mais ou menos o mesmo espaço e lugar em meus interesses e pensamentos; eles eram meus inquilinos de terceira categoria, aos quais poderiam ser designados somente a pequena saleta e o quartinho dos fundos: mesmo se as salas de jantar e de visitas permanecessem vazias, eu nunca confessei o fato para eles, considerando acomodações mais restritas mais adequadas às suas circunstâncias. O mundo, logo aprendi, tinha uma estimativa diferente: e eu não duvido, o mundo tem bastante razão nesse seu ponto de vista; contudo, também acho que não estou tão errada no meu.

Há pessoas para as quais uma posição mais baixa degrada moralmente, para as quais a perda de amizades se transforma em perda de autorrespeito: não estarão elas justificadas em dar maior valor a essa posição e associação que é a salvaguarda delas contra o aviltamento? Se um ser humano sente que passaria a ser desprezível aos seus próprios olhos caso fosse sabido por todos que seus ancestrais eram simples e não nobres, pobres e não ricos, trabalhadores e não capitalistas, seria correto culpá-lo com severidade por manter esses fatos desastrosos escondidos,

por se sobressaltar, tremendo, vacilando perante o acaso que o ameaça expor? Quanto mais vivemos, mais a experiência aumenta, menos inclinados estamos a julgar a conduta do nosso próximo, a questionar a sabedoria do mundo; onde quer que seja encontrado um acúmulo de pequenas defesas, quer estejam circundando a virtude do puritano ou a respeitabilidade do homem mundano, lá, com certeza, ele é necessário.

Chegamos ao Hôtel Crécy; Paulina estava pronta, a Sra. Bretton estava com ela; e, na sua companhia e na de M. de Bassompierre, logo fomos conduzidas ao local do encontro, e colocadas em bons assentos, a uma distância conveniente da Tribune. [5] Os jovens do Athénée foram conduzidos perante nós, a municipalidade e seu bourgmestre [6] sentavam-se nos lugares de honra, os jovens príncipes, com seus tutores, ocupavam uma posição de destaque, e o prédio estava lotado com a aristocracia e os principais habitantes da cidade.

Em relação à identidade do professor que deveria fazer o "discours", eu ainda não havia dado importância nem feito questionamentos. Eu tinha uma vaga expectativa de que um savant iria se levantar e fazer um discurso formal, em parte dogmatismo para os Athenianos, em parte lisonjas aos príncipes.

A Tribune ainda estava vazia quando nós entramos, mas dez minutos depois estava repleta; repentinamente, em um instante, uma cabeça, peito e braços se ergueram acima da mesa cor escarlate. Essa cabeça eu conhecia: sua cor, seu formato, seu porte, sua expressão eram familiares tanto para mim quanto para a Srta. Fanshawe; os cabelos negros cortados curtos, a amplidão e a palidez da testa, o tom azul e o fervor do olhar eram detalhes tão naturais na memória, e tão entranhados a tantas associações excêntricas quase a ponto de, com sua aparição súbita, dar vontade de dar risada. Na verdade, confesso, de minha parte, eu ri até ficar acalorada; mas então abaixei a cabeça, e fiz do meu lenço e de um véu puxado os únicos confidentes da minha hilaridade.

Acho que eu me senti feliz por ver M. Paul; acho que foi mais agradável que qualquer outra coisa observá-lo acomodar-se lá, veemente e franco, sombrio e imparcial, irascível e destemido, assim como era quando

reinava em seu estrade na sala de aula. Sua presença era uma grande surpresa: nem uma vez eu havia pensado em encontrá-lo ali, embora soubesse que ele ocupava a cátedra de Belles Lettres [7] no college. [8] Com *ele* naquela Tribuna, eu tinha certeza de que nem o formalismo nem a lisonja seriam nossa ruína; mas, para o que nos foi concedido, para o que foi despejado subitamente, rapidamente, continuamente, sobre nossa cabeça — confesso que eu não estava preparada.

Ele se dirigiu aos príncipes, aos nobres, aos magistrados e aos cidadãos, com a mesma naturalidade, com quase a mesma seriedade penetrante e colérica com a qual tinha o costume de passar sermão nas três turmas da Rue Fossette. Aos estudantes ele se dirigiu não como meninos em idade escolar, mas como futuros cidadãos e patriotas em formação. Os tempos que desde então assolaram a Europa ainda não haviam sido previstos, e o espírito de M. Emanuel parecia algo novo para mim. Quem iria pensar que o solo plano e rico de Labassecour poderia produzir convicções políticas e sentimentos nacionais tais como eram então manifestados com força? Quanto ao teor das opiniões de M. Paul eu não preciso dar aqui nenhuma indicação especial; contudo, permitam-me dizer que achei que o homenzinho era igualmente sincero e correto naquilo que dizia: com todo o seu fervor, ele era rígido e sensato; pisoteava teorias utópicas; rejeitava sonhos delirantes com escárnio; mas, quando se defrontava com a tirania, ah, então se acendia uma luz em seus olhos que era digna de ver; e, quando ele falava de injustiça, sua voz não emitia um som incerto, mas me fazia mais pensar no clarim da banda, soando ao entardecer lá do parque.

Não acho que sua plateia, de modo geral, tivesse condição de compartilhar a chama dele em sua pureza; mas alguns dos jovens estudantes se inflamaram enquanto ele lhes dizia, com eloquência, quais deveriam ser o caminho e o empenho deles em relação ao futuro do seu país e da Europa. Eles lhe deram um longo e caloroso aplauso quando ele concluiu; com toda a sua ferocidade, ele era o professor favorito deles.

Quando nosso grupo saiu do hall, ele estava parado à entrada; ele me viu, me reconheceu, e ergueu o chapéu; ofereceu sua mão ao passar e

murmurou as palavras “Qu’en dites vous?”, [9] uma pergunta tão característica, e que me fez lembrar, até mesmo nesse momento de triunfo, daquele desassossego inquisitivo, da ausência daquilo que eu considerava um autocontrole desejável, que estavam entre seus defeitos. Ele não deveria ter se preocupado então em perguntar o que eu achei, ou o que qualquer pessoa achou, mas ele se *importava* , e ele era muito natural para ocultar, impulsivo demais para reprimir seu desejo. Bem! Se eu censurava o excesso de ansiedade dele, apreciava sua naïveté. Eu o teria elogiado: tinha elogios de sobra no coração; mas, ai de mim!, não tinha palavras nos lábios. Quem *tem* palavras no momento certo? Gaguejei algumas expressões insípidas; mas fiquei realmente feliz quando outras pessoas, aproximando-se com felicitações em profusão, encobriram minha deficiência com sua redundância.

Um cavalheiro o apresentou a M. de Bassompierre; e o conde, que havia igualmente ficado muito satisfeito, convidou-o a se juntar a seus amigos (em sua maior parte, amigos também de M. Emanuel), e a jantar com eles no Hôtel Crécy. Ele não aceitou o jantar, pois era um homem sempre um pouco tímido ao se deparar com as propostas dos ricos: havia uma força de independência vigorosa na constituição de seus músculos; não indiscreta, mas bastante agradável de descobrir quando a pessoa progredia no conhecimento do seu caráter; ele prometeu, entretanto, passar lá com seu amigo, Monsieur A***, o acadêmico francês, durante a noite.

Naquele dia, durante o jantar, Ginevra e Paulina estavam, cada uma a seu modo, muito bonitas; a primeira talvez fosse mais favorecida pelas atrações materiais, mas a outra brilhava principalmente por causa de atrativos mais sutis que espirituais: pelo brilho e expressividade dos olhos, pela graça do semblante, por uma sedutora variedade de expressões. O vestido de Ginevra, de um tom profundo de vermelho, destacava muito bem seus cachos claros, e se harmonizava com sua tez rosada. A indumentária de Paulina, simples no estilo, embora imaculadamente feita, mas de textura leve e branca, dava alegria aos olhos por causa da vida delicada da sua pele, pela doce animação da sua fisionomia, pela profundidade doce dos seus olhos, pelos tons castanhos e pela abundância

dos seus cabelos, mais escuros que os da sua prima saxônica, assim como também eram suas sobrancelhas, seus cílios, suas íris e as pupilas grandes e móveis. A Natureza, tendo traçado todos esses detalhes ligeiramente, e com um toque descuidado, no caso da Srta. Fanshawe, no caso da Srta. de Bassompierre os havia cinzelado em um acabamento superior e delicado.

Paulina estava impressionada pelos savants, mas não a ponto do mutismo: ela conversou com modéstia, timidamente; não sem esforço, mas com uma doçura tão verdadeira, com um bom-senso tão refinado e penetrante, que seu pai mais de uma vez interrompeu suas próprias palavras para ouvir, e fixou nela um olhar de orgulhoso deleite. Tinha sido um francês educado, Monsieur Z***, um homem muito instruído, muito cortês, que a fizera tomar parte na conversa. Eu fiquei encantada com o francês dela, era impecável: a estrutura correta, as expressões idiomáticas adequadas, a pronúncia pura; Ginevra, que havia vivido metade da vida no Continente, não era capaz de chegar perto disso; não que as palavras jamais faltassem à Srta. Fanshawe, mas a verdadeira precisão e pureza ela nem possuía nem viria a adquirir em qualquer espaço de tempo. Nesse ponto, também, M. de Bassompierre ficou satisfeito, pois, em questões de linguagem, ele era muito crítico.

Havia outro ouvinte e observador, um que, detido por alguma exigência da sua profissão, havia chegado mais tarde para o jantar. As duas moças foram silenciosamente examinadas pelo Dr. Bretton, no momento em que ele assumiu seu lugar à mesa; e essa observação discreta foi renovada mais de uma vez. Sua chegada animou a Srta. Fanshawe, que até então demonstrara estar apática: ela então passou a ficar sorridente e complacente, conversou, embora o que ela dissesse raramente fosse relevante; ou melhor, era de uma relevância um tanto humilhantemente abaixo do padrão daquela ocasião. Sua tagarelice frívola e desconexa poderia ter deixado Graham satisfeito outrora. Talvez ainda lhe agradasse: talvez fosse somente a imaginação que sugeria que, enquanto os olhos dele estavam repletos e seus ouvidos, alimentados, seu gosto, seu profundo entusiasmo e sua inteligência viva não eram igualmente consultados e deleitados. É certo que, por mais inquieta e rigorosa que parecesse ser a

exigência sobre a atenção dele, ele ofertava gentilmente tudo quanto era solicitado: seus modos não transpareceram nem ressentimento nem frieza: Ginevra sentava-se ao seu lado, e a ela, durante o jantar, ele limitou quase com exclusividade sua atenção. Ela parecia estar satisfeita, e se dirigiu à sala de estar com muito bom humor.

Contudo, mal havíamos chegado àquele local de refúgio, e ela uma vez mais ficou apática e desinteressada: atirando-se em um sofá, qualificou tanto o "discours" e o jantar como coisas estúpidas, e perguntou à prima como ela conseguia ouvir tamanho grupo de "gros-bonnets" [10] prosaicos como o que o pai dela reunia ao seu redor. No momento em que ouvimos a movimentação dos cavalheiros, as reclamações de Ginevra se interromperam: ela se levantou, foi rapidamente para o piano, e começou a tocar com ímpeto. O Dr. Bretton, um dos primeiros a entrar, se colocou ao lado dela. Eu pensei que ele não iria manter aquele posto por muito tempo: havia um local perto da lareira para o qual eu esperava que ele fosse atraído: esse posto ele apenas examinou com os olhos; enquanto *ele* olhava, outros se aproximaram. A graça e o espírito de Paulina encantaram os pensativos franceses: a elegância da sua beleza; a doce gentileza de seus modos, seu tato imaturo, mas verdadeiro e natural, agradaram ao gosto nacional deles; eles se juntaram ao redor dela, realmente não com o intuito de falar sobre ciência, o que a teria deixado muda, mas para mencionar diversos assuntos em literatura, artes, vida contemporânea, e logo ficou aparente que ela havia tanto lido sobre eles quanto refletido a seu respeito. Eu fiquei ouvindo. Tenho certeza de que, embora Graham permanecesse afastado, ele também ouvia: sua audição, assim como sua visão, era muito boa, ágil, discriminadora. Eu sabia que ele acompanhava a conversa; senti que o modo como ela era mantida o satisfazia profundamente; deixava-o contente quase a ponto de sentir dor.

Em Paulina havia mais força, tanto de sentimentos quanto de personalidade, do que a maior parte das pessoas pensava, do que o próprio Graham imaginava, do que ela jamais mostraria àquelas pessoas que não desejassem ver. Para ser honesta, leitor, não existe uma beleza excelente, não há uma graça consumada nem um refinamento confiável, sem uma

força igualmente excelente, completa e confiável. Você poderia procurar tanto frutos bons e floração em uma árvore sem raízes e sem seiva, quanto um encanto que seja duradouro em uma natureza fraca e sem firmeza. Por um curto período, a radiante aparência de beleza pode florescer ao redor da fraqueza; mas ela não é capaz de suportar as intempéries: logo se desvanece, mesmo sob a mais serena luz do sol. Graham se teria espantado caso algum espírito insinuante tivesse sussurrado a respeito das forças e da energia que sustentavam aquela natureza delicada; mas eu, que a havia conhecido quando criança, sabia, ou imaginava, com quais raízes boas e fortes os encantos dela se fixavam no firme solo da realidade.

Enquanto o Dr. Bretton ouvia, e esperava uma abertura no círculo mágico, seu olhar, percorrendo inquieto o cômodo de tempos em tempos, pousou, por acaso, em mim, que estava sentada em um canto silencioso não muito longe da minha madrinha e de M. de Bassompierre, que, como sempre, estavam absortos naquilo que o Sr. Home chamava de "uma cavaqueira a dois": o que o conde teria interpretado como um tête-à-tête. Graham sorriu em sinal de reconhecimento, atravessou o cômodo, perguntou-me como eu estava, disse-me que eu parecia estar pálida. Eu também tinha o meu sorriso dirigido para meu pensamento: agora fazia cerca de três meses desde que o Dr. John havia conversado comigo, um intervalo do qual ele nem sequer tinha consciência. Ele se sentou e ficou em silêncio. O desejo dele era mais de observar que de conversar. Ginevra e Paulina estavam agora na frente dele: ele poderia olhar à vontade: observou as duas formas, estudou as duas faces.

Diversos novos convidados, damas bem como cavalheiros, haviam entrado no cômodo desde o jantar, vindo para a conversa noturna; e entre os cavalheiros, posso observar de passagem, eu já havia notado por meio de olhares rápidos uma silhueta severa, sombria e professoral, pairando afastada em um salão interno, vista apenas rapidamente. M. Emanuel conhecia muitos dos cavalheiros presentes, mas acho que não conhecia a maior parte das senhoras, com exceção da minha pessoa; ao olhar na direção da lareira, ele não conseguiria deixar de me ver, e naturalmente fez um movimento para se aproximar; vendo, entretanto, também o Dr.

Bretton, mudou de ideia e retrocedeu. Se isso tivesse sido tudo, não haveria motivo para brigas; porém, não satisfeito em retroceder, franziu as sobrancelhas, esticou o lábio, e ficou com uma aparência tão feia que desviei o olhar do desagradável espetáculo. Assim como seu austero irmão, M. Joseph Emanuel também havia chegado, e nesse exato momento estava substituindo Ginevra ao piano. E que toque de mestre sucedeu o dedilhar de menina de escola dela! Com que tons gratos e majestosos o instrumento reconheceu as mãos do verdadeiro artista!

— Lucy — começou o Dr. Bretton, interrompendo o silêncio e sorrindo, enquanto Ginevra deslizava silenciosa à sua frente, lançando um olhar enquanto passava —, a Srta. Fanshawe é certamente uma bela moça.

É claro que eu concordei.

— Há — prosseguiu ele — neste cômodo outra que seja tão adorável?

— Acredito que não haja outra tão bela.

— Concordo com você, Lucy: você e eu frequentemente concordamos nas opiniões, nos gostos, eu acho; ou, pelo menos, no julgamento.

— Concordamos? — disse eu, um tanto duvidosa.

— Acredito que se você tivesse sido um menino, Lucy, em vez de uma moça… o afilhado da minha mãe, em vez de sua afilhada, nós teríamos sido bons amigos: nossas opiniões se teriam fundido uma na outra.

Ele havia assumido um ar de gracejo: uma luz um pouco gentil, um pouco irônica, brilhou oblíqua em seus olhos. Ah, Graham! Dediquei mais de um momento de solidão às reflexões e às estimativas da sua apreciação de Lucy Snowe: seriam elas sempre gentis ou justas? Tivesse Lucy sido intrinsecamente a mesma, mas possuído as vantagens adicionais da riqueza e da posição social, teriam seus modos em relação a ela, o valor que você lhe atribuía, sido o que eles realmente eram? E, contudo, com essas perguntas eu não iria seriamente implicar uma culpa. Não; você poderia me entristecer e me perturbar às vezes; mas meu temperamento era do tipo que rapidamente se deprimia e facilmente se perturbava, ele se abatia se uma nuvem passasse à frente do sol. Talvez, perante os olhos de uma rígida equanimidade eu devesse ser mais culpada que você.

Tentando, então, subjugar a dor irracional que fazia meu coração vibrar, por me ser dado a entender que, enquanto Graham poderia dedicar a outras o interesse mais sério e ardoroso, e mais viril, ele não tinha nada além de uma zombaria ligeira para Lucy, a amiga de moito tempo atrás, eu perguntei, calma:

— E em quais pontos nós estamos assim tão de acordo?

— Nós dois temos a faculdade da observação. Você, talvez, não acredite que eu a tenha; contudo, a tenho.

— Mas você estava falando de gostos: nós podemos ver os mesmos objetos, contudo, avaliá-los de forma diferente?

— Vamos colocar isso à prova. Naturalmente, você não pode deixar de prestar homenagem aos méritos da Srta. Fanshawe: então, o que você pensa dos demais presentes? Minha mãe, por exemplo; ou os leões acolá, Messieurs A*** e Z***; ou, digamos, a pálida daminha, Srta. de Bassompierre?

— Você sabe o que eu penso da sua mãe. Não parei para pensar nos Messieurs A*** e Z***.

— E a outra?

— Acho que ela é, como você diz, uma pálida daminha… pálida, certamente, agora, quando está exausta por causa do excesso de excitação.

— Você não se lembra dela quando criança?

— Às vezes fico pensando se você se lembra.

— Eu havia me esquecido dela; mas é digno de nota que circunstâncias, pessoas, até mesmo palavras e olhares, que fugiram da sua memória, sob certas condições, certos aspectos das suas lembranças, ou das de outrem, possam reviver.

— Isso é bastante possível.

— Contudo — prosseguiu ele —, a recordação é imperfeita; precisa de confirmação, ela compartilha tanto das características indistintas de um sonho, ou das voláteis de uma fantasia, que a declaração de uma testemunha torna-se necessária para a confirmação. Você não era hóspede em Bretton, há dez anos, quando o Sr. Home levou sua filhinha, a quem nós então chamávamos de “pequena Polly”, para ficar com mamãe?

— Eu estava lá na noite em que ela chegou, e também na manhã em que ela partiu.

— Uma criança bastante estranha, não era? Fico pensando em como eu a tratei. Eu gostava de crianças naquela época? Havia algo gracioso ou gentil em mim, um grande e despreocupado estudante como eu era? Mas você não se lembra de mim, é claro.

— Você viu seu próprio retrato em La Terrasse. É como você era em pessoa. Quanto aos modos, você era praticamente o mesmo no passado quanto é hoje.

— Mas, Lucy, como assim? Tal pronunciamento realmente aguça minha curiosidade. O que sou eu hoje? O que eu era há dez anos?

— Gentil com qualquer coisa que lhe agradasse… grosseiro ou cruel com nada.

— Aí você está errada; eu acho que fui quase um bruto com *você* , por exemplo.

— Um bruto! Não, Graham: eu jamais teria suportado a brutalidade com paciência.

— Entretanto, *disto* eu me lembro *mesmo* : a quieta Lucy Snowe não provou nem um pouco da minha gentileza.

— Igualmente pouco da sua crueldade.

— Ora, fosse eu o próprio Nero, não poderia ter atormentado uma criatura inofensiva como uma sombra.

Eu sorri; mas também abafei um gemido. Oh!… Eu só queria que ele me deixasse em paz… deixasse de mencionar minha pessoa. Esses epítetos, esses atributos, eu os afastava de mim. O seu "quieta Lucy Snowe", seu "sombra inofensiva", eu os devolvi; não com desprezo, mas com cansaço profundo: deles eram a frieza e o peso do chumbo; que ele não me esmagasse com tal peso. Felizmente, ele logo passou para outro tema.

— E como nos relacionávamos, a "pequena Polly" e eu? A não ser que minhas lembranças me traiam, nós não éramos inimigos…

— Você fala de modo muito vago. Você acha que as recordações da pequena Polly não são mais definidas?

— Oh!, não vamos falar da "pequena Polly" *agora* . Por favor, diga Srta. de Bassompierre; e, naturalmente, um personage tão imponente não se recorda de nada lá de Bretton. Olhe aqueles grandes olhos dela, Lucy; eles são capazes de ler uma só palavra na página das recordações? São eles os mesmos que eu costumava direcionar a uma cartilha? Ela não sabe que eu a ensinei, em parte, a ler.

— Na Bíblia, nas noites de domingo?

— Ela tem um perfil calmo, delicado e bastante fino agora: antes, que fisionomiazinha inquieta e ansiosa era a dela! Mas que coisa é a preferência de uma criança… que bolha de sabão! Dá para você acreditar nisso? Essa jovem dama gostava de mim!

— Eu acho que, até certo ponto, ela estimava você — disse eu, moderadamente.

— Então você não se lembra? *Eu* me havia esquecido, mas lembro *agora* . Ela gostava de mim mais do que tudo que havia em Bretton.

— Você pensava assim.

— Eu me lembro bem disso. Eu gostaria de poder dizer-lhe tudo de que me lembro; ou melhor, eu gostaria que alguém, você, por exemplo, se postasse atrás dela e lhe sussurrasse tudo isso nos ouvidos; e eu teria o prazer, aqui, enquanto estou sentado, de observar a expressão dela ao ouvir a informação. Você poderia fazer isso, o que você acha, Lucy, e deixar-me eternamente grato?

— Se eu seria capaz de fazer você se sentir eternamente grato? — disse eu. — Não, *eu não conseguiria* . — E senti meus dedos se movendo e minhas mãos se entrelaçarem: senti, também, uma coragem interior, exaltada e resistente. Nesse aspecto, eu não estava disposta a satisfazer o Dr. John; de jeito nenhum. Com uma força que era então bem recebida, percebi como ele tinha uma compreensão errônea da minha personalidade e da minha natureza. Ele sempre queria me delegar um papel que não era meu. A natureza e eu nos opúnhamos a ele. Ele nem sequer imaginava o que eu sentia: ele não entendia o meu olhar, ou o meu rosto, ou os meus gestos; embora, eu não duvidava, todos eles se manifestassem. Inclinando-se em minha direção, sedutor, ele disse, com suavidade:

— *Deixe-me* contente, Lucy.

E eu o teria contentado, ou, pelo menos, tê-lo-ia esclarecido e lhe teria ensinado muito bem a nunca mais esperar de mim o papel de soubrette [11] serviçal em um drama amoroso quando, logo depois do seu murmúrio terno e ansioso, quase concomitante com o suplicante e gentil "*Deixe-me* contente, Lucy", um silvo agudo feriu meu ouvido do outro lado.

— Petite chatte, doucerette, coquette! — sibilou a inesperada jiboia. — Vous avez l'air bien triste, soumis, rêveur, mais vous ne l'êtes pas: c'est moi qui vous le dis: Sauvage! la flamme à l'âme, l'éclair aux yeux! [12]

— Oui; j'ai la flamme à l'âme, et je dois l'avoir! [13] — retruquei, voltando-me com uma raiva justificável: mas o Professor Emanuel havia sibilado seu insulto e desaparecido.

O pior da situação foi que o Dr. Bretton, cujos ouvidos, como eu já disse, eram ágeis e bons, entendeu todas as palavras dessa invectiva; ele colocou o lenço no rosto e riu até o corpo balançar.

— Muito bem, Lucy! — exclamou ele. — É fantástico! petite chatte, petite coquette! Oh, eu tenho de contar para minha mãe! É verdade, Lucy, ou só meia verdade? Acredito que seja: você está tão vermelha como a cor do vestido da Srta. Fanshawe. E, realmente, palavra de honra, agora que o estou observando, esse é o mesmo homenzinho que foi tão sauvage [14] com você no concerto: o mesmo, e no fundo da sua alma ele neste momento está furioso porque me vê dando risada. Oh, eu tenho de perturbá-lo.

E Graham, cedendo à sua inclinação para a malvadeza, riu, caçoou e sussurrou até eu não conseguir mais suportar, e meus olhos se encheram de lágrimas.

Repentinamente, ele ficou sério: um espaço vago apareceu perto da Srta. de Bassompierre; o círculo que a rodeava parecia prestes a se desfazer. Esse movimento foi imediatamente percebido pelos olhos de Graham, sempre vigilante, mesmo quando estava rindo; ele se levantou, armou-se de coragem, atravessou o cômodo e colocou a vantagem a seu favor. Em sua vida inteira, o Dr. John foi um homem de sorte, um homem bem-sucedido. E por quê? Porque ele tinha talento para ver suas

oportunidades, coragem para instigar uma ação oportuna, nervos para finalizar um trabalho perfeito. E nenhuma paixão tirânica o fazia retroceder; entusiasmos e fraquezas não atrapalhavam o seu caminho. Como ele tinha boa aparência nesse exato momento! Quando Paulina ergueu os olhos à aproximação dele, o olhar dela se confundiu na hora com um olhar semelhante, animado, contudo modesto; a cor dele, enquanto ele falava com ela, se tornou um pouco um rubor, um pouco um brilho. Ele ficou à frente dela valente e acanhado: controlado e discreto, contudo, decidido em seu propósito e devotado em seu ardor. Percebi tudo isso com um só olhar. Não prolonguei minha observação; eu não teria tempo, caso tivesse a inclinação: estava ficando tarde; Ginevra e eu já deveríamos estar na Rue Fossette. Levantei-me, e me despedi da minha madrinha e de M. de Bassompierre.

Eu não sabia se o Professor Emanuel havia percebido minha relutante aceitação da caçoada do Dr. Bretton, ou se ele percebeu que eu estava aflita e que, de modo geral, a noite não havia sido um fluir de exultante diversão para a volátil e sibarita Mademoiselle Lucie; porém, quando eu estava saindo do cômodo, ele se adiantou e perguntou se eu tinha alguém que me acompanhasse à Rue Fossette. O professor *naquela hora* falou educadamente, e até mesmo com deferência, e ele dava a impressão de estar desculpando-se e arrependido; mas eu não tinha condição de reconhecer a educação dele imediatamente, tampouco poderia retribuir a contrição dele com um esquecimento cru e prematuro. Até então, eu jamais me sentira seriamente disposta a me ressentir das brusqueries, [15] ou a demonstrar frieza quando confrontada com a irascibilidade dele. O que ele dissera aquela noite, entretanto, eu considerava injustificável; minha profunda desaprovação em relação ao procedimento dele deveria ser acentuada, mesmo que discretamente. Eu simplesmente disse:

— Está tudo providenciado.

O que era verdade, já que Ginevra e eu seríamos levadas para casa na carruagem; e eu passei por ele com a ligeira reverência com que ele costumava ser cumprimentado na sala de aula pelas alunas que passassem pelo seu estrade.

Tendo buscado meu xale, voltei para o vestíbulo. M. Emanuel estava parado lá, como se estivesse esperando. Ele comentou que era uma bela noite.

— É? — disse eu, com o tom e os modos cuja circunspecção e frieza absolutas eu não poderia senão aplaudir. Tão raramente eu tinha condição de pôr em prática minha própria determinação de ser reservada e distante quando havia sido maltratada ou magoada, que me senti quase orgulhosa desse esforço bem-sucedido. Esse "É?" soava exatamente como as outras pessoas diziam. Eu ouvira centenas dessas frasezinhas afetadas, curtas e secas, partindo dos franzidos lábios cor de coral de uma vintena de senhoritas e mesdemoiselles seguras de si e independentes. Que M. Paul não suportaria qualquer experiência prolongada desse tipo de diálogo eu sabia; mas ele certamente merecia uma amostra da brevidade e da rispidez. Acho que ele pensava da mesma forma, pois engoliu o remédio em silêncio. Olhou meu xale e não aprovou a leveza dele. Eu lhe respondi com firmeza que era tão quente quanto eu desejava. Retrocedendo e me mantendo de lado, eu me apoiei no corrimão da escada, ajeitei o xale no corpo e fixei os olhos em uma melancólica pintura religiosa que ensombrecia a parede.

Ginevra custou a vir: a indolência dela era tediosa. M. Paul ainda estava lá; meus ouvidos esperavam dos lábios dele palavras ríspidas. Ele se aproximou. "E mais um silvo!", pensei; não fosse uma atitude muito desrespeitosa, eu teria tapado os ouvidos com os dedos, apavorada com a possibilidade do som alto. Nada acontece conforme esperamos: espere ouvir um arrulho ou um murmúrio, e é então que você vai ouvir um grito de um animal acuado ou sofrendo. Aguarde um grito penetrante, uma ameaça raivosa, e receberá um cumprimento amigável, um sussurro baixo e amável. M. Paul disse, gentilmente:

— Amigos não brigam por causa de palavras. Diga-me, fui eu ou ce grand fat d'Anglais [16] (ele se referia ao Dr. Bretton dessa maneira profana) que fez com que seus olhos ficassem tão úmidos, e suas faces tão quentes como elas ainda estão agora?

— Eu não tenho consciência de que o senhor, M. Paul, ou qualquer outra pessoa, tenha provocado uma emoção como essa a que o senhor se refere — foi minha resposta; e, ao dá-la, eu uma vez mais superei meu habitual modo de ser, e fui capaz de uma falsidade correta e gelada.

— Mas o que foi que eu disse? — insistiu ele. — Diga-me, eu estava bravo: eu já esqueci minhas palavras; quais foram elas?

— Do tipo que é melhor que sejam esquecidas! — disse eu, ainda calma e fria.

— Então foram *minhas* palavras que a magoaram? Considere-as não ditas: permita que eu me retrate; perdoe-me.

— Eu não estou brava, Monsieur.

— Então está pior que brava — magoada. Perdoe-me, Srta. Lucy.

— M. Emanuel, eu *realmente* o perdoo.

— Deixe-me escutar a senhorita dizer com um tom de voz natural, e não com essa entonação estranha, "Mon ami, je vous pardonne". [17]

Ele me fez sorrir. Quem conseguiria não sorrir com a ansiedade dele, sua simplicidade, sua sinceridade?

— Bon! — exclamou ele. — Voilà que le jour va poindre! Dites donc, mon ami. [18]

— Monsieur Paul, je vous pardonne. [19]

— Não quero nenhum monsieur: diga a outra palavra, ou não acreditarei que a senhorita seja sincera: mais um esforço — mon ami, ou então, em inglês, meu amigo!

Bem, "meu amigo" tinha um som e um significado muito diferentes de "mon ami", não transmitia o mesmo sentido de afeição familiar e íntima; "mon ami" eu *não* conseguiria dizer para M. Paul; "meu amigo" eu conseguia, e disse sem dificuldades. Essa diferença não existia para ele, entretanto, e ele ficou bastante satisfeito com a frase em inglês. Ele sorriu. Você deveria tê-lo visto sorrindo, leitor; e teria percebido a diferença entre a fisionomia dele naquele momento e uma hora antes. Não posso afirmar que eu já tivesse testemunhado antes um sorriso de prazer, ou de contentamento, ou de gentileza, nos lábios ou nos olhos de M. Paul. O irônico, o sarcástico, o desdenhoso, o impetuosamente exultante, eu o

havia visto expressar centenas de vezes com aquilo que ele chamava de sorriso, mas quaisquer sinais iluminados de sentimentos mais meigos ou mais calorosos me pareceram completamente inéditos em seu rosto. Eles o transformaram de uma máscara em uma face: as linhas profundas abandonaram seu rosto; a própria tez parecia mais clara e mais jovem; aquele moreno pálido e setentrional, que indicava seu sangue espanhol, foi substituído por uma coloração mais clara. Eu não acredito que jamais tenha visto em qualquer outro rosto uma metamorfose igual devida a uma causa semelhante. Ele então me conduziu à carruagem: no mesmo instante, M. de Bassompierre surgiu com a sobrinha.

E com um belo estado de espírito estava Mistress Fanshawe; ela havia considerado a noite um grande fracasso: irritada a ponto de ficar temperamental, ela deu vazão à mais incontrolável amargura assim que nós nos sentamos e a porta da carruagem se fechou. As invectivas dela contra o Dr. Bretton continham algo de venenoso. Tendo percebido que era incapaz de encantá-lo ou de feri-lo, o ódio era sua única saída; e esse ódio ela expressou em termos tão descomedidos e em uma escala tão monstruosa que, depois de ouvir por certo tempo com fingido estoicismo, meu indignado senso de justiça finalmente, e de modo repentino, se incendiou. Uma explosão se seguiu: pois também eu sabia ser impetuosa, sobretudo com minha atual companheira, bela, mas faltosa, que jamais deixava de atiçar o que havia de pior na minha natureza. Foi muito bom as rodas da carruagem terem feito um barulho impressionante sobre o pedregoso calçamento de Choseville, pois eu posso garantir para o leitor que não havia nem um silêncio mortal nem uma conversa tranquila dentro do veículo. Em parte séria, em parte aparentando sê-lo, eu assumi a tarefa de acalmar Ginevra. Ela havia saído furiosa da Rue Crécy; era preciso controlá-la antes de chegarmos à Rue Fossette: e para alcançar esse propósito era indispensável mostrar-lhe seu real valor e o que ela merecia; e isso deveria ser feito com uma linguagem cuja fidelidade e simplicidade pudessem ser comparadas aos cumprimentos feitos por um John Knox a uma Mary Stuart. Esse foi o castigo adequado para Ginevra; caiu-lhe bem. Tenho certeza de que ela foi dormir aquela noite mais esclarecida e mais

acomodada em relação às suas ideias e temperamento, e dormiu muito mais tranquila, por ter levado uns bons cascudos morais.

Fim do volume II

XXVIII. A CORRENTE DO RELÓGIO

M. Paul Emanuel era extremamente sensível ao aborrecimento causado por uma interrupção, devida a quaisquer causas, durante suas aulas: passar por sua classe em tais circunstâncias era considerado pelas professoras e pelas alunas da escola, individualmente e em conjunto, algo extremamente arriscado.

A própria Madame Beck, se forçada a dar esse passo, iria "passar voando", segurando as saias, e cuidadosamente ladeando o temível estrade, como um navio que teme os recifes. Quanto a Rosine, a moça da portaria (sobre quem, a cada meia hora, recaía a temível função de ir pegar alunas bem do centro de uma ou outra das turmas para que elas tivessem suas aulas de música no oratório, no salon grande ou no pequeno, na salle-à-manger ou em qualquer outro lugar onde se encontrasse o piano), ela, em sua segunda ou terceira tentativa, frequentemente ficava quase sem palavras por causa do excesso de consternação: um sentimento inspirado pelos olhares indizíveis dirigidos a ela através de um par de óculos lampejantes.

Certa manhã eu estava sentada no carré, atarefada com um bordado que uma das alunas havia começado mas estava demorando para terminar, e enquanto meus dedos trabalhavam, meus ouvidos se regalavam ao escutar os *crescendos* e as cadências de uma voz arengando na sala vizinha, em tons que se avolumavam momentaneamente mais inquietos, mais ameaçadoramente variados. Havia uma parede divisória sólida e boa entre mim e a tempestade incipiente, bem como um modo fácil de fuga através da porta envidraçada para o pátio, caso a tempestade se dirigisse para o carré; então, receio que eu mais me divertisse que sentisse medo desses sintomas que se intensificavam. A pobre Rosine não estava a salvo:

quatro vezes naquela bendita manhã ela havia trilhado aquele caminho arriscado; e agora, pela quinta vez, era sua perigosa tarefa arrebatar, por assim dizer, o tição ao incêndio: uma aluna de sob as fuças de M. Paul.

— Mon Dieu! Mon Dieu! — exclamou ela. — Que vais-je devenir? Monsieur va me tuer, je suis sûre; car il est d'une colère! [1]

Fortalecida pela coragem nascida do desespero, ela abriu a porta.

— Mademoiselle La Malle au piano! [2] — foi a exclamação dela.

Antes que ela pudesse bater em retirada com segurança, ou fechar a porta, a voz se manifestou:

— Dès ce moment la classe est défendue! La première qui ouvrira cette porte, ou passera par cette division, sera pendue… fut-ce Madame Beck elle-même! [3]

Dez minutos não se haviam passado desde a promulgação desse decreto, quando as pantoufles [4] francesas de Rosine foram ouvidas uma vez mais se arrastando ao longo do corredor.

— Mademoiselle — disse ela — eu não iria àquela sala agora nem para ganhar uma moeda de cinco francos: as lunetas de Monsieur são terríveis mesmo; e está aqui um commissionaire [5] que veio com uma mensagem do Athénée. Eu disse para Madame Beck que eu não ouso entregá-la, e ela disse que eu devo encarregar a senhorita da tarefa.

— Eu? Não, isso é um absurdo! Não faz parte dos meus serviços. Vamos, vamos, Rosine! Carregue sua própria cruz. Seja valente… ataque uma vez mais!

— Eu, Mademoiselle? Impossível! Cinco vezes eu passei por ele hoje. Madame precisava mesmo era contratar um gendarme [6] para fazer esse serviço. Ouf! Je n'en puis plus! [7]

— Bah! Você não é mais que uma covarde. Qual é a mensagem?

— Do tipo exato com que Monsieur menos gosta de ser incomodado: um chamado urgente para ir direto ao Athénée, pois está lá um visitante oficial… inspetor… eu nem sei o quê… que acabou de chegar, e Monsieur *tem de* se encontrar com ele: a senhorita sabe como ele odeia um *ter de* .

Sim, eu sabia muito bem disso. O impaciente homenzinho detestava esporas ou limites: ele seguramente se revoltaria contra qualquer coisa que fosse urgente ou compulsória. Entretanto, aceitei a responsabilidade; não, certamente, sem temor, mas o temor se misturou com outros sentimentos, entre eles a curiosidade. Abri a porta, entrei, fechei a porta às minhas costas com tanta rapidez e discrição quanto uma mão insegura permitisse; pois ser vagarosa ou alvoroçada, fazer chacoalhar um ferrolho, ou deixar uma porta entreaberta eram agravantes de um crime que, com frequência, eram mais desastrosos em seu resultado que o crime principal. E lá fiquei eu então, e lá ele estava sentado; seu estado de espírito era visivelmente ruim, quase no pior ponto possível; estivera dando uma aula de aritmética (pois ele dava aulas sobre todo e qualquer assunto que passasse pela sua cabeça) e a aritmética, sendo um tema árido, invariavelmente não lhe caía bem: não havia uma aluna que não tremesse quando ele falava de números. Ele estava sentado, recurvado sobre a mesa: erguer o olhar ao ouvir alguém entrando, na ocorrência de uma direta violação da sua vontade e da sua ordem, era um esforço que ele, no momento, não tinha condição de se obrigar a fazer. E foi muito bom: assim eu ganhei tempo para caminhar através da longa sala; e se adequava muito bem às minhas predisposições particulares me confrontar com explosão de raiva como a dele de perto, a ter de suportar sua ameaça a distância.

Fiz uma pausa bem na frente do estrade dele; é claro que eu não era digna de atenção imediata: ele continuou com sua aula. O desdém não surtiria efeito: ele tinha de ouvir minha mensagem, e tinha de dar uma resposta.

Não sendo alta o suficiente para erguer a cabeça acima da mesa dele, erguida sobre o estrade, e desse modo sendo eclipsada em minha presente posição, eu me arrisquei a dar uma olhada ao redor, com o intuito, a princípio, de somente ter uma visão melhor do rosto dele, o qual me havia dado a impressão, quando entrei, de ter uma grande e pitoresca semelhança com a de um tigre negro e pálido. Duas vezes eu desfrutei dessa visão lateral com impunidade, avançando e recuando sem ser vista; na terceira vez, mal meus olhos haviam surgido além da escuridão da

mesa, foram flagrados e petrificados através de suas pupilas, petrificados pelas “lunettes”. [8] Rosine tinha razão; esses instrumentos continham em si um terror absoluto e imutável, além da ira mobile dos próprios olhos sem brilho de quem os usava.

Eu então descobri a vantagem da proximidade: aquelas “lunettes” míopes eram inúteis para a inspeção de um criminoso sob o nariz de Monsieur; assim sendo, ele as tirou, e ele e eu ficamos mais em pé de igualdade.

Fico feliz por realmente não estar com muito medo dele; por, na verdade, bem perto dele, não sentir terror algum; pois, enquanto ele exigiu corda e cadafalso para executar a sentença recentemente decretada, fui capaz de propiciar-lhe um punhado de fios para bordado com uma cortesia tão amável que não poderia senão acalmar pelo menos uma parte do excesso de irritação dele. Naturalmente, não dei mostras de tal cortesia perante os olhos do público: simplesmente ofereci os fios no canto da mesa, e os atei, já em forma de laço, ao espaldar da cadeira do Professor.

— Que me voulez-vous? [9] — disse ele em um grunhido cuja musicalidade estava completamente restrita ao peito e à garganta, pois ele mantinha os dentes cerrados; e parecia estar fazendo a si mesmo uma promessa íntima de que nada sobre a face da Terra arrancaria dele um sorriso.

Minha resposta começou com firmeza:

— Monsieur — disse eu —, je veux l’impossible, des choses inouïes [10] — e, julgando melhor não ficar protelando, mas administrar a “douche” [11] de modo decidido, com voz baixa, mas rápida, transmiti a mensagem do Athénée, exagerando, rebuscada, sua urgência.

É claro que ele não iria ouvir nem uma palavra a esse respeito. “Ele não iria; ele não iria abandonar sua aula, que todos os policiais de Villette viessem atrás dele. Ele não iria afastar-se um centímetro do seu caminho nem a pedido conjunto do rei, do gabinete e das câmaras.”

Entretanto, eu sabia que ele *tinha de* ir; que, por mais que ele falasse, tanto seu dever quanto seus interesses ditavam uma obediência imediata e

literal à convocação: portanto, fiquei parada, esperando em silêncio, como se ele não tivesse falado. Ele me perguntou o que mais eu desejava.

— Apenas a resposta de Monsieur para dar para o commissionaire.

Ele fez um impaciente gesto de negação.

Eu me arrisquei a estender a mão na direção do bonnet-grec que jazia em circunspecto repouso no peitoril da janela. Ele seguiu esse movimento ousado com o olhar, sem dúvida com um misto de piedade e de espanto por causa da sua imprudência.

"Ah!" — murmurou ele. — "Se as coisas chegavam a esse ponto… se a Srta. Lucy mexia no bonnet-grec dele… ela poderia muito bem colocá-lo, virar garçon para a ocasião, e com toda benevolência ir ao Athénée em seu lugar."

Com grande respeito, coloquei o bonnet sobre a mesa, onde a borla parecia fazer-me um pavoroso aceno.

— Eu vou escrever um bilhete pedindo desculpas; isso vai ser suficiente! — disse ele, ainda inclinado a fugir do compromisso.

Sabendo muito bem que isso *não* seria suficiente, eu gentilmente empurrei o bonnet na direção das mãos dele. Com esse impulso, o bonnet deslizou sobre a elevação polida da mesa envernizada e despida, levou à sua frente as "lunettes" com sua leve armação de aço, e, algo que dá medo de dizer, elas caíram sobre o estrado. Dezenas de vezes até então eu as havia visto caindo sem sofrer danos: *desta* vez, assim como decretou o desafortunado destino de Lucy Snowe, elas caíram de tal modo que cada uma das lentes polidas se transformou em uma estrela fragmentada e amorfa.

E então, realmente, o terror se apossou de mim; terror e remorso. Eu sabia quanto valiam essas "lunettes": a vista de M. Paul era peculiar, não era facilmente adaptável, e aqueles óculos eram adequados para ele. Eu o ouvira dizer que as "lunetttes" eram seu tesouro: quando eu as peguei, quebradas e inúteis, minhas mãos tremiam. Fiquei apavorada até o fundo da alma ao ver o dano que havia causado, mas acredito que eu estava ainda mais sentida que apavorada. Por alguns segundos não ousei olhar para o rosto do desolado Professor; ele foi o primeiro a falar.

— Là! — disse ele. — Me voilà veuf de mes lunettes! [12] Acho que Mademoiselle Lucy irá agora confessar que a corda e o cadafalso são amplamente merecidos; ela treme antecipando seu julgamento. Ah, traidora! Traidora! A senhorita está decidida a ter-me praticamente cego e indefeso em suas mãos!

Ergui o olhar: o rosto dele, ao invés de estar irado, ameaçador e carrancudo, estava tomado por aquele sorriso, e brilhava com o fulgor que eu havia visto iluminando-o aquela noite no Hôtel Crécy. Ele não estava irado, nem mesmo magoado. Mostrou-se cheio de clemência para com o verdadeiro dano; sob uma verdadeira provocação, paciente como um santo. Esse fato, que parecia tão desagradável, que, segundo meu julgamento, havia arruinado de vez minha chance de persuadi-lo com êxito, demonstrou ser meu maior aliado. Difícil de lidar enquanto eu não lhe havia causado mal, ele ficou gentilmente cordato assim que permaneci à sua frente como uma criminosa consciente e contrita.

Ainda me repreendendo gentilmente como “une forte femme… une Anglaise terrible… une petite casse-tout”, [13] ele declarou que não ousava senão obedecer a alguém que lhe havia dado tamanha prova de sua temível coragem; era como o “grand Empereur [14] destruindo um vaso para inspirar o terror”. Então, finalmente, coroando-se com seu bonnet-grec, e pegando suas “lunettes” destroçadas da minha mão com um aperto de gentil perdão e encorajamento, ele fez uma reverência e se dirigiu para o Athénée com um estado de espírito dos melhores.

* * * * *

Depois de toda essa amabilidade, o leitor vai sentir pena de mim ao saber que eu estava brigando uma vez mais com M. Paul antes do anoitecer; contudo, foi isso que aconteceu, e não pude evitar.

Era um hábito ocasional dele, e um hábito muito louvável e aceitável também, chegar à noite, sempre à l’improviste, [15] sem ser anunciado, irromper na silenciosa hora de estudos, estabelecer um repentino despotismo sobre nós e nossas tarefas, fazer com que livros fossem postos

de lado, cestas de trabalho fossem trazidas, e, retirando um único volume grosso, ou um punhado de panfletos, substitutos da entontecedora “lecture pieuse” resmungada por uma aluna sonolenta, alguma tragédia tornada imponente por uma leitura imponente, ardente pela ação impetuosa; algum drama do qual eu, de minha parte, raramente estudava o mérito intrínseco; pois M. Emanuel fazia desse texto um receptáculo para a expansão dos sentimentos, e o preenchia com sua verve e ímpeto nativos como a uma taça com uma beberagem vital. Ou então ele iria fazer brilhar através da nossa escuridão conventual o reflexo de um mundo mais brilhante, mostrar-nos um vislumbre da literatura contemporânea da época, ler para nós trechos de alguma história encantadora, ou o último feuilleton [16] espirituoso que havia suscitado risadas nos salões de Paris; sempre tendo o cuidado de extirpar, com a mais severa das mãos, quer fosse da tragédia, do melodrama, da história ou do ensaio, quaisquer trechos, frases ou palavras que pudessem ser considerados inadequados para uma plateia de “jeunes filles”. Eu percebi, mais de uma vez, que onde a retirada sem substituição pudesse deixar um espaço destituído de sentido, ou introduzido um ponto fraco, ele era capaz de improvisar parágrafos inteiros, e o fazia; parágrafos não menos vigorosos que irrepreensíveis; o diálogo, a descrição, que ele enxertava era frequentemente melhor que aquilo que ele retirava.

Bem, na noite em questão, nós estávamos sentadas silenciosas como freiras em um “retiro”, as alunas estudando, as professoras trabalhando. Eu me lembro do meu trabalho: era um pequeno capricho meu, e me interessava bastante; ele tinha um propósito; eu não o fazia simplesmente para passar o tempo; tencionava que ele, quando pronto, fosse um presente, e, estando próxima a ocasião para dar o presente, era necessário me apressar, e meus dedos estavam ocupados.

Ouvimos o toque agudo do sino, que nós todas conhecíamos; depois os rápidos passos familiares para todos os ouvidos. As palavras “Voilà Monsieur!” [17] mal haviam passado simultaneamente por todos os lábios, quando a porta de duas folhas se escancarou (como sempre se escancarava para a admissão dele — uma palavra tão fraca como “abrir” não é

eficiente para descrever seus movimentos) e ele ficou parado em meio a nós.

Havia duas mesas de estudo, ambas longas e ladeadas por bancos; no centro de cada uma delas havia um candeeiro; sob esse candeeiro, de cada lado da mesa, sentava-se uma professora; as alunas eram colocadas do lado direito e do esquerdo; as mais velhas e mais estudiosas mais perto dos candeeiros ou trópicos; as preguiçosas e as pequenas perto dos polos norte e sul. Monsieur tinha o hábito de educadamente oferecer uma cadeira para uma das professoras, geralmente Zélie St. Pierre, a mais antiga das professoras, e então ele ocupava o lugar deixado vago por ela; assim ele se beneficiava da totalidade do brilho de Câncer ou Capricórnio, do qual, por causa de sua miopia, ele precisava.

Como sempre, Zélie se levantou com alacridade, com um amplo sorriso que punha à mostra suas fileiras de dentes superiores e inferiores, aquele sorriso estranho que vai de uma orelha a outra, e é marcado somente por uma ligeira curva fina, que não consegue se espalhar pela fisionomia nem põe covinhas nas faces nem ilumina os olhos. Suponho que Monsieur não a tenha visto, ou ele estava com o capricho de que não iria vê-la, pois ele era tão caprichoso quanto dizem que as mulheres são; e então suas "lunettes" (ele havia conseguido outro par) lhe serviam como uma desculpa para todos os tipos de pequenos lapsos e deficiências. Qualquer que fosse a razão, ele passou por Zélie, foi até o outro lado da mesa e, antes que eu pudesse me levantar para abrir caminho, murmurou "Ne bougez pas", [18] e se colocou entre mim e a Srta. Fanshawe, que sempre se sentava ao meu lado e ficava com o cotovelo pressionado contra o meu corpo, por mais que eu sempre lhe dissesse: "Ginevra, eu gostaria que você estivesse em Jericó".

Era fácil dizer "Ne bougez pas"; porém, como eu poderia deixar de me mover? Eu tinha de abrir espaço para ele, e precisava pedir que as alunas se afastassem para que *eu* pudesse me afastar. Era muito fácil para Ginevra estar grudada em mim, "ficando quentinha", como dizia ela, nas noites de inverno, e me perturbando profundamente com seus movimentos repetidos e suas cotoveladas, forçando-me a, na verdade, às vezes colocar um

ardiloso alfinete na cintura como um modo de me proteger do cotovelo dela; mas eu suponho que M. Emanuel não devesse ser submetido ao mesmo tipo de tratamento, então coloquei de lado meu material de trabalho, para deixar lugar para o livro dele, e me afastei para abrir espaço para a pessoa dele; sem, entretanto, deixar de abrir mais de um metro de intervalo, exatamente o que qualquer homem sensato teria considerado como um espaço conveniente e respeitoso para se acomodar. Mas, M. Emanuel nunca *era* sensato; pederneira e pólvora que ele era!, ele se inflamou na mesma hora.

— Vous ne voulez pas de moi pour voisin — grunhiu ele. — Vous vous donnez des airs de caste; vous me traitez en paria — disse ele, carrancudo. — Soit! je vais arranger la chose! [19] — E começou a se movimentar.

— Levez vous toutes, Mesdemoiselles! [20] — exclamou ele.

As meninas se levantaram. Ele fez com que elas fossem para a outra mesa. Então me colocou em uma extremidade do longo banco e, tendo devida e cuidadosamente trazido minha cesta de trabalho, seda, tesoura, todos os meus apetrechos, colocou-se bem na outra ponta.

Desse arranjo, extremamente absurdo como era, nem uma só alma naquele cômodo ousou dar risada; malfadada para a risonha teria sido a risadinha. Quanto a mim, aceitei-o com total placidez. Lá fiquei eu sentada, isolada e banida dos relacionamentos humanos; eu me sentei e me preocupei com meu trabalho, e estava quieta, e de jeito nenhum infeliz.

— Est-ce assez de distance? [21] — perguntou ele.

— Monsieur en est l'arbitre [22] — respondi.

— Vous savez bien que non. C'est vous qui avez créé ce vide immense: moi je n'y ai pas mis la main. [23]

E com essa afirmação ele iniciou a leitura.

Para infelicidade dele, ele havia escolhido uma tradução francesa do que ele chamava de "un drame de Williams Shackspire; le faux dieu", [24] ele acrescentou, "de ces sots païens, les Anglais". [25] Quão diferentemente ele teria caracterizado o autor caso seu humor não estivesse irritado, eu mal preciso dizer.

Naturalmente, a tradução sendo francesa, era muito ineficaz; eu tampouco fiz qualquer esforço específico para disfarçar o desprezo que alguns de seus erros incorrigíveis tinham o poder de excitar. Não que me conviesse ou me parecesse apropriado dizer alguma coisa: mas, é possível que a pessoa possa ocasionalmente *aparentar* a opinião que ela é proibida de colocar em palavras. As lunettes de Monsieur estando em estado de alerta, ele captava cada olhar disperso; acredito que ele não tenha perdido um só: a consequência foi que os olhos dele logo se desfizeram de sua proteção, de modo que o fulgor deles poderia acender o fogo, e ele foi ficando cada vez mais inflamado no polo norte, onde voluntariamente se exilara, do que, considerando a temperatura geral do ambiente, teria sido mais razoável esperar que alguém ficasse exposto aos raios verticais do próprio Câncer.

Terminada a leitura, era difícil dizer se ele iria embora sem expressar sua raiva, ou se lhe daria vazão. A supressão não fazia muito parte de seus hábitos; mas, mesmo assim, o que lhe havia exatamente sido feito para justificar uma repreensão ostensiva? Eu não havia dito uma palavra, e não poderia ser justamente considerada passível de uma repreensão ou castigo por ter permitido uma ação um tantinho mais livre que o comum para os músculos ao redor dos meus olhos e da minha boca.

A ceia, consistindo de pão e leite diluído com água morna, foi trazida. Em uma respeitosa consideração para com a presença do Professor, os pãezinhos e copos ficaram no lugar em que estavam ao invés de começarem a ser imediatamente distribuídos.

— Façam sua ceia, senhoras — disse ele, parecendo estar ocupado em fazer algumas observações às margens de seu "Williams Shackspire". Elas obedeceram. Eu também aceitei um pãozinho e um copo, mas, estando então mais interessada no meu trabalho, mantive meu posto de castigo e trabalhei enquanto mastigava o pão e bebericava o leite, tudo isso com grande sang-froid; [26] com certa tranquilidade de compostura que realmente não fazia muito parte dos meus hábitos, e que era agradavelmente nova para meus sentimentos. Era como se a presença de uma natureza tão desassossegada, irritável e espinhosa como a de M. Paul

absorvesse todas as influências febris e inquietantes como um ímã, e não me deixasse nada que não fosse plácido e harmonioso.

Ele se levantou. “Ele vai embora sem dizer nenhuma palavra?” Sim; ele se voltou para a porta.

Não, ele retornou sobre seus passos; mas somente, talvez, para pegar seu estojo de lápis, que havia sido deixado sobre a mesa.

Ele o pegou, colocou o lápis e o tirou, quebrou a ponta dele contra a madeira, tornou a apontar e a guardar o lápis e… se dirigiu rapidamente a mim.

As professoras e as alunas, reunidas ao redor da outra mesa, estavam conversando com bastante liberdade: elas sempre conversavam durante as refeições; e, devido ao hábito constante de falar rápido e alto em tais ocasiões, elas não baixaram muito a voz.

M. Paul se aproximou e parou atrás de mim. Perguntou-me em que eu estava trabalhando; e eu disse que estava fazendo uma corrente de relógio.

— Para quem? — ele me perguntou.

— Para um cavalheiro. Para um de meus amigos — respondi.

M. Paul se inclinou e começou (como dizem os romancistas e, como era literalmente verdade no caso dele) a “sibilar” em meus ouvidos algumas palavras mordazes.

Ele disse que, de todas as mulheres que ele conhecia, eu era a única que tinha o poder de se fazer a mais completamente desagradável: eu era aquela com quem era menos possível conviver em termos amigáveis. Eu tinha um “caractère intraitable”, [27] e era incrivelmente perversa. Como eu conseguia fazer isso, ou o que me possuía, ele, por sua vez, não sabia; mas não importavam as intenções pacíficas e amáveis com as quais uma pessoa se aproximasse de mim… crac! Eu transformava a concórdia em discórdia, a boa vontade em inimizade. Ele, M. Paul, ele desejava tudo de bom para mim; que ele soubesse, ele jamais me havia feito mal; ele poderia, pelo menos, supunha, reclamar o direito de ser reconhecido como uma amizade neutra, livre de sentimentos hostis; contudo, como eu procedia em relação a ele! Com que vivacidade sarcástica, que ímpeto direcionado à rebelião, que “fougue” [28] de injustiça!

Nesse momento eu não consegui deixar de arregalar um pouco os olhos, e mesmo de introduzir uma ligeira observação:

— Vivacidade? Ímpeto? Fougue? Eu não sabia…

"Chut! à l'instant! Então! Lá estava eu, vive comme la poudre! [29] Ele sentia… ele sentia tanto: por minha causa, ele lamentava essa desafortunada característica. Esse 'emportement', [30] esse 'chaleur', [31] generoso, talvez, mas excessivo, ainda iria, ele temia, causar-me algum dano. Era uma pena: eu não era, ele acreditava piamente, totalmente destituída de boas qualidades: e se eu apenas ouvisse a voz da razão, e fosse mais acomodada, mais séria, menos 'en l'air', [32] menos 'coquette', menos cativada pelas falsas aparências, menos inclinada a dar um valor excessivo à excellence [33] superficial, a me importar tanto com as atenções de pessoas notáveis principalmente por serem altas, "des couleurs de poupée", [34] "un nez plus ou moins bien fait", [35] e uma grande quantidade de presunção, eu ainda poderia demonstrar ser uma pessoa útil, talvez exemplar. Mas, do jeito que era…" E nesse momento a voz do homenzinho ficou por uns instantes sufocada.

Eu teria olhado para ele, ou estendido a mão, ou dito uma palavra conciliatória; mas estava com medo de que, se me mexesse, eu iria rir ou chorar, tão estranha, em tudo isso, era a mistura do tocante com o absurdo.

Achei que ele havia praticamente acabado: mas não; ele se sentou, de modo que pudesse continuar mais à vontade.

"Enquanto ele, M. Paul, mencionava esses tópicos dolorosos, iria afrontar minha raiva pelo meu próprio bem, e iria se arriscar a mencionar uma mudança que havia percebido em minha vestimenta. Ele se sentia livre para confessar que quando me vira pela primeira vez, ou melhor, quando tinha o costume de ter um rápido vislumbre de mim de tempos em tempos, eu o deixava satisfeito nesse aspecto: a gravidade, a austera simplicidade, óbvia nesse ponto específico, era tal a ponto de inspirar as maiores esperanças pelo meu próprio bem. Que fatal influência havia me levado recentemente a introduzir flores sob as bordas da minha touca, a usar 'des cols brodés', [36] e até mesmo a aparecer, em certa ocasião, com

um *vestido escarlate* , ele poderia mesmo conjecturar, mas, no momento, não iria manifestar abertamente."

Uma vez mais eu interrompi; e dessa vez não sem um toque ao mesmo tempo indignado e horrorizado.

— Escarlate, Monsieur Paul? Não era escarlate! Era cor-de-rosa, e rosa claro; e deixado mais sério com renda negra.

"Cor-de-rosa ou escarlate; amarelo ou púrpura; verde-ervilha ou azul-celeste, tudo era uma coisa só: todas essas eram cores berrantes, frívolas; e quanto à renda de que eu falava, *essa* não era mais que um 'colifichet de plus'" [37] — e ele suspirou por causa da minha degeneração. "Ele não conseguia, sentia dizer, ser tão específico nesse tema quanto gostaria de ser: não conhecendo o nome exato dessas 'babioles', [38] ele poderia incorrer em pequenos erros de nomenclatura que não deixariam de expô-lo ao meu sarcasmo, e a excitar meu temperamento infelizmente imprevisto e impetuoso. Ele iria simplesmente dizer, em termos gerais, e nesses termos gerais ele sabia estar certo, que minha indumentária havia, em tempos recentes, assumido 'des façons mondaines', [39] e vê-las o deixava mortificado."

Quais "façons mondaines" ele descobrira no meu atual merino de inverno e na simples gola branca, confesso que me senti perplexa ao tentar adivinhar; e, quando lhe perguntei, ele disse que tudo aquilo era produzido dando muita atenção ao efeito que iria causar; e, além do mais, "eu não tinha um laço de fita no pescoço?".

— E se o senhor condena um laço de fita para uma senhora, Monsieur, o senhor necessariamente não aprovaria uma coisa como esta para um cavalheiro? — disse eu, erguendo a minha correntinha brilhante de seda e ouro. A única resposta dele foi um gemido, suponho que por causa da minha leviandade.

Depois de ficar sentado alguns minutos em silêncio e observar o progresso da corrente, na qual eu então trabalhava com mais afinco que nunca, ele perguntou "Se o que ele acabara de dizer teria o efeito de me fazer detestá-lo totalmente?".

Eu mal me lembro da resposta que dei, ou como ela foi dada; não acho que tenha dito alguma coisa, mas sei que nós conseguimos desejar boa noite um para o outro em termos cordiais: e, mesmo depois de M. Paul ter chegado à porta, ele retornou apenas para explicar "que não deveria ser pensado que ele falasse condenando totalmente o vestido escarlate" ("Cor-de-rosa! Cor-de-rosa!", eu interrompi); "que ele não tinha intenção de negar ao vestido o mérito de ter uma *aparência* muito boa (a verdade era que o gosto de M. Emanuel quanto a cores tendia decididamente para o brilhante), "ele apenas desejava me aconselhar, sempre que eu o usasse, a fazê-lo no mesmo espírito como se o tecido fosse "bure" [40] e sua cor "gris de poussière". [41]

— E as flores sob a minha touca, Monsieur? — perguntei. — Elas são muito pequenas…?

— Mantenha-as pequenas, então — disse ele. — Não permita que elas atinjam a floração máxima.

— E o laço, Monsieur… o laço de fita?

— Va pour le ruban! [42] — foi a resposta favorável.

E assim nós entramos em acordo.

* * * * *

"Muito bem, Lucy Snowe!", exclamei para mim mesma, "você levou uma bela reprimenda, causou a si própria um 'rude savon', [43] e tudo por causa do seu imoral apreço pelas vaidades mundanas! Quem jamais pensaria nisso? Você se considerava uma melancólica criatura sóbria! A Srta. Fanshawe acha que você é um segundo Diógenes. M. de Bassompierre, no outro dia, educadamente desviou o rumo da conversa quando ela se voltou para os dotes insanos da atriz Vashti, porque, como ele disse gentilmente, 'a Srta. Snowe parecia estar embaraçada'. O Dr. John Bretton pensa em você somente como a 'quieta Lucy', 'uma criatura inofensiva como uma sombra', disse ele; e você o ouviu dizer: 'as desvantagens da Lucy se originam na excessiva seriedade nos gostos e nos modos, falta de cor na personalidade e nas roupas'. Tais são suas próprias

impressões e as de seus amigos; e veja só! Eis que surge um homenzinho que difere diametralmente de todas elas, abertamente acusando você de ser muito leviana e alegre, muito volátil e versátil, muito florida e colorida. Esse homenzinho rígido… esse censor impiedoso… reúne todos os seus insignificantes e dispersos pecados da vaidade, seu infeliz chiffon [44] da cor da rosa, seus pequenos babados, seu pedacinho de fita, seu tolo pedacinho de renda, e pede a você que responda por tudo e por todos os itens individualmente. Você está tão acostumada a ser vista como uma sombra na luz solar da Vida: é algo novo ver alguém, com petulância, erguendo a mão para proteger os olhos porque você os incomoda com um raio importuno".

XXIX. A FÊTE DE MONSIEUR

No dia seguinte eu me levantei uma hora antes do amanhecer e terminei minha corrente, ajoelhada no chão do dormitório ao lado do suporte central, para desfrutar da luz morrediça que a lamparina noturna oferecia em seu último turno.

Todo o meu material (meu estoque completo de contas e fios de seda) se esgotou antes de a corrente ter o comprimento e a opulência que eu desejava; eu a havia feito duas vezes maior, pois sabia, pela lei dos contrários, que, para se adequar ao gosto específico cuja satisfação era o objetivo, uma boa aparência era indispensável. Para terminar o ornamento, um pequeno fecho de ouro era necessário; felizmente eu o tinha no meu único colar; devidamente o tirei e recoloquei; então fiz um rolo compacto com a corrente completa e a coloquei em uma caixinha que havia comprado por causa do seu brilho, feita com certas conchas tropicais de um tom chamado de "nacarat", [1] e a enfeitei com um pequeno diadema de pedras azuis faiscantes. Dentro da tampa da caixa, cuidadosamente gravei certas iniciais com a ponta da tesoura.

* * * * *

O leitor talvez se lembre da descrição da fête de Madame Beck; tampouco terá esquecido que em cada aniversário era arrecadado dinheiro para um belo presente oferecido pela escola. A celebração desse dia era uma distinção feita a ninguém mais além de Madame e, de forma modificada, a seu parente e conselheiro, M. Emanuel. No caso dele, era uma honra espontaneamente concedida, não planejada e maquinada de antemão, e oferecida como prova adicional, entre tantas outras, da estima que, apesar das parcialidades, dos preconceitos e da irritabilidade dele,

suas alunas sentiam pelo professor de literatura. Nenhum item de valor era oferecido para ele: ele deixava muito bem entendido que não aceitaria nem prata nem jóias. Contudo, gostava de um singelo tributo; o custo e o valor em dinheiro não o emocionavam: um anel de brilhante ou uma caixa de rapé de ouro, apresentados com pompa, lhe agradariam menos que uma flor ou um desenho oferecidos de modo simples e com sentimentos sinceros. Tal era sua natureza. Ele era um homem não prudente em sua geração, contudo tinha condições de alegar uma simpatia filial com "o astro nascente vindo do alto".

A fête de M. Paul caiu no primeiro dia de março, uma quinta-feira. Esse foi um belo dia ensolarado, na manhã do qual se seguiu o costume de assistir à missa. Além disso, o dia era também caracterizado pelo meio-feriado que permitia o privilégio de sair para fazer compras ou uma visita na parte da tarde: o conjunto dessas circunstâncias favoreceu uma vivacidade e leveza gerais na indumentária. Golas claras estavam na moda; o vestido escolar de lã comum e sem graça foi trocado por algo mais leve e mais claro. Mademoiselle Zélie St. Pierre, nessa quinta-feira específica, até mesmo usou uma "robe de soie", [2] visto na frugal Labassecour como um item de arriscado esplendor e luxo; ainda por cima, observaram que ela havia chamado um "coiffeur" para pentear seus cabelos naquela manhã; havia alunas perspicazes o suficiente para perceber que ela havia borrifado o lenço e as mãos com um perfume novo e que estava na moda. Pobre Zélie! Era bem seu costume declarar nessa época que estava exausta de uma vida de reclusão e de trabalho, que ansiava por ter meios e oportunidade para descansar, ter alguém que trabalhasse para ela, um marido que pagasse suas contas (ela estava lamentavelmente atolada em dívidas), suprir seu guarda-roupas, e deixá-la livre, como ela dizia, para "goûter un peu les plaisirs". [3] Por muito tempo havia sido sussurrado que ela tinha os olhos fixos em M. Emanuel. Os olhos de Monsieur Emanuel certamente estavam com frequência fixos nela. Ele se sentava e a observava com afinco por minutos a fio. Eu o havia visto dedicando a ela um olhar que durara um quarto de hora, enquanto a classe estava silenciosamente escrevendo, e ele se sentava

desocupado em seu trono no estrade. Sempre consciente da atenção de basilisco, Zélie se retorcia sob ela, em parte lisonjeada, em parte perplexa, e Monsieur acompanhava as sensações dela, às vezes aparentando ser assustadoramente perspicaz; pois, em alguns casos, ele tinha a terrível e infalível acuidade do instinto, e transpassava em seu esconderijo o último pensamento à espreita no coração, e discernia sob disfarces floridos os recantos despidos e estéreis do espírito; sim, e suas tendências pervertidas, e suas falsas curvas ocultas, tudo quanto os homens e as mulheres não gostariam que fosse sabido: a espinha torta, o membro deformado com que eles haviam nascido; e, muito pior, a mácula ou o desfiguramento que eles talvez tivessem ocasionado neles próprios. Não havia calamidade tão execrável de que M. Emanuel não pudesse ter piedade e perdoar, se ela fosse honestamente confessada; mas se seus olhos inquisitivos se encontravam com uma negativa desonesta, quando suas investigações impiedosas descobriam uma dissimulação enganadora, oh, ele então poderia ser cruel, e eu achava maldade! ele iria, exultante, arrancar a proteção que ocultava os pobres e relutantes desgraçados, conduzi-los cheio de ímpeto até os pináculos da montanha da exposição, e de lá exibi-los todos nus, todos falsos, pobres mentiras vivas, a prole daquela pavorosa Verdade que não pode ser encarada em seu estado natural. Ele achava que fazia justiça; de minha parte, não sei se o homem tem o direito de fazer esse tipo de justiça a outros homens: mais de uma vez nessas visitações, eu me senti forçada a derramar lágrimas por suas vítimas, e não poupei ira e ásperas reprimendas a ele. Ele o merecia, mas era difícil demovê-lo de sua firme convicção de que a tarefa era justa e necessária.

Tendo terminado o café da manhã, assistida a missa, o sino da escola soou e as salas se encheram: uma cena muito bonita se apresentou na classe. As alunas e as professoras sentaram-se muito bem-vestidas e organizadas, e cheias de expectativa, cada uma trazendo nas mãos o buquê de congratulações: as mais belas flores primaveris todas frescas, enchendo o ar com sua fragrância: somente eu não tinha um buquê. Gosto de ver as flores crescendo, mas, quando elas são colhidas, deixam de agradar. Eu as vejo como coisas desenraizadas e perecíveis; sua semelhança com a vida

me entristece. Eu nunca ofereço flores àqueles a quem amo; nunca desejei recebê-las de mãos que me são caras. Mademoiselle St. Pierre notou minhas mãos vazias; ela não conseguia acreditar que eu tivesse sido tão negligente; os olhos dela me esquadrinharam com avidez: com certeza eu deveria ter uma simbólica flor solitária em algum canto: um pequeno buquê de violetas, algo com que ganhar elogios para mim mesma por causa do meu gosto, louvores por minha engenhosidade. A pouco imaginativa "Anglaise" demonstrou ser melhor que os temores da Parisienne: ela se sentou literalmente desprovida, tão despida de flores ou folhas quanto uma árvore no inverno. Tendo-se garantido disso, Zélie sorriu, muito satisfeita.

— A senhorita agiu muito bem conservando seu dinheiro, Srta. Lucie — disse ela. — Tola fui eu que desperdicei dois francos em um buquê de flores de estufa!

E ela mostrou com orgulho seu esplêndido ramo de flores.

Mas, silêncio! Passos: *os* passos. Eles se aproximavam rápidos, como sempre, mas com uma rapidez, nós nos sentimos inclinadas a nos lisonjear, inspiradas por outros sentimentos que a mera excitação dos nervos e veemência do desígnio. Achávamos que o "ecoar dos passos" (para falar de modo romântico) do nosso Professor trazia em si uma promessa amigável naquela manhã; e assim era.

Ele entrou com um estado de espírito que fez dele algo tão bom quanto um novo raio de sol para a primeira turma já bem iluminada. A luz matutina, brincando entre nossas plantas e sorrindo em nossas paredes, adquiriu e acrescentou brilho vindo da saudação muito benigna de M. Paul. Como um verdadeiro francês (embora eu não saiba por que devesse dizer assim, pois ele não era de ascendência nem francesa nem labassecourienne), ele se vestira para a "situation" [4] e a ocasião. Os contornos do seu corpo não estavam ensombrecidos pelo ondejar vago, sinistro e suspeito do seu paletôt escuro; pelo contrário, sua figura (assim como ela era, não estou me vangloriando) estava bem destacada por um casaco civilizado e um colete de seda muito bonitos de ver. O provocante e pagão bonnet-grec havia desaparecido: com a cabeça nua, ele se

aproximou de nós segurando um cristão chapéu nas mãos enluvadas. O homenzinho tinha uma boa aparência, muito boa; havia uma limpidez amistosa em seus olhos azuis, e um fulgor de bons sentimentos em sua tez morena, que ocupavam muito bem o lugar da beleza: ninguém se dava ao trabalho de observar que o nariz dele, embora estivesse longe de ser pequeno, não tinha um formato característico, o queixo fino, a fronte marcada e retangular, e sua boca não era um botão de rosa: a pessoa o aceitava como ele era, e sentia que sua presença era o oposto de deprimente ou insignificante.

Ele se dirigiu à sua mesa; colocou nela o chapéu e as luvas. “Bonjour, mes amies”, [5] disse ele, em um tom de voz que, de certa forma, fazia para algumas dentre nós uma reparação por muitos comentários ríspidos e resmungos grosseiros: não era um tom de voz alegre, camarada, menos ainda uma entonação melíflua e sacerdotal, mas uma voz que ele tinha e que era dele mesmo: uma voz usada quando seu coração enviava as palavras para seus lábios. Esse mesmo coração às vezes se manifestava; embora fosse irritadiço, ele não era um órgão petrificado: em seu âmago havia algo de uma ternura que ia além da ternura de um homem; algo que o fazia tender para as crianças pequenas, que o fazia se apegar às meninas e mulheres com as quais, por mais que ele se rebelasse, não podia negar sua afinidade, assim como não podia negar que, de modo geral, ele agia de maneira melhor em relação a elas que ao seu próprio sexo.

— Nós todas desejamos a Monsieur um bom dia, e apresentamos nossas felicitações no dia de sua fête — disse Zélie, constituindo-se porta-voz do grupo; e, avançando sem mais movimentos afetados que os indispensáveis para conseguir caminhar, colocou suas caras flores à frente dele. Ele fez uma mesura sobre o buquê.

A longa fila de oferendas se seguiu: todas as alunas, passando à frente dele com os passos suaves que os estrangeiros treinam, deixaram seus tributos à medida que iam passando. Cada menina apresentou com tanta habilidade seu presente individual que, quando o ultimo buquê foi colocado sobre a mesa, ele constituía o ponto máximo de uma pirâmide florescente, uma pirâmide que florescia e se expandia e se elevava com

tamanha exuberância a ponto de, no fim, eclipsar o herói que estava por trás dela. Acabada a cerimônia, todas voltaram a seus assentos, e nós nos sentamos em silêncio mortal, na expectativa de um discurso.

Suponho que uns cinco minutos possam ter se passado, e o silêncio permaneceu sem ser interrompido; dez, e não se ouvia um som.

Muitas das pessoas presentes começaram, sem dúvida, a se perguntar o que Monsieur estaria esperando; e não era para menos. Inaudível e invisível, imóvel e sem palavras, ele manteve seu posto por trás da pilha de flores.

Finalmente se fez ouvir uma voz, bastante profunda, como se ela falasse do fundo de uma cavidade:

— Est-ce là tout? [6]

Mademoiselle Zélie olhou ao redor.

— Todas entregaram seus buquês? — perguntou ela para as alunas.

Sim, todas elas haviam apresentado suas flores, da mais velha à mais nova, da mais alta à menorzinha. A professora mais velha deu essa informação.

— Est-ce là tout? — foi repetido em um tom que, se antes era profundo, havia então ficado alguns tons mais baixo.

— Monsieur — disse Mademoiselle St. Pierre, levantando-se, e dessa vez falando com seu verdadeiro sorriso doce —, tenho a honra de dizer ao senhor que, com uma única exceção, todas as pessoas desta sala ofereceram seu buquê. Com a Senhorrita Lucie, Monsieur há de gentilmente ser tolerante; sendo estrangeira, ela provavelmente não conhece nossos costumes, ou não avaliou o significado deles. A Senhorrita Lucie considerou a cerimônia frívola demais para merecer a honra de sua participação.

“Fantástico!”, murmurei, entredentes: “você sabe se expressar, Zélie, quando começa a falar”.

A resposta concedida a Mademoiselle St. Pierre lá do estrado foi dada com o gesticular de uma mão por trás da pirâmide. Essa ação manual parecia desaprovar as palavras, impor o silêncio.

Logo em seguida, um corpo seguiu a mão. Monsieur emergiu do seu eclipse; e, apresentando-se na frente do seu estrade, e olhando direta e fixamente para um grande "mappemonde" [7] que cobria a parede oposta, perguntou uma terceira vez, e agora realmente com um tom trágico:

— Est-ce là tout?

Eu ainda poderia ter remediado a situação, adiantando-me e colocando discretamente em suas mãos a caixinha avermelhada com conchas que, naquela hora, eu segurava firmemente nas mãos. Era o que eu tinha plena intenção de fazer; porém, em primeiro lugar, o lado cômico do comportamento de Monsieur me havia tentado a deixar para mais tarde, e depois, a interferência afetada de Mademoiselle St. Pierre provocou a rebeldia. O leitor, não tendo até então nenhuma causa para atribuir ao caráter da Srta. Lucy Snowe a mais ligeira pretensão à perfeição, não ficará nem um pouco surpreso ao saber que ela considerava muita maldade ter de se defender de quaisquer acusações que a Parisienne pudesse querer insinuar; e, além do mais, M. Paul estava tão trágico, e encarou minha deserção com tanta seriedade, que merecia ser contrariado. Mantive, então, tanto minha caixa nas mãos quanto minha fisionomia impassível, e fiquei ali sentada, quieta como uma pedra.

— Muito bem! — finalmente saiu dos lábios de M. Paul; e, tendo dito essas palavras, a sombra de um grande paroxismo, a onda de ira, de desdém, da determinação, passou por sua fronte, encrespou seus lábios e marcou suas faces. Reprimindo quaisquer comentários adicionais, ele deu início ao seu habitual "discours".

Não consigo me lembrar de jeito nenhum como foi esse "discours"; não o ouvi: o processo de repressão, o abandono abrupto da mortificação ou da contrariedade dele me haviam causado uma sensação que em parte contrabalançou o efeito grotesco do reiterado "Est-ce là tout?".

Perto do fim do discurso, aconteceu uma agradável distração; minha atenção foi uma vez mais atraída de modo divertido.

Devido a algum movimento insignificante e acidental (acho que deixei meu dedal cair no chão e, ao me inclinar para recuperá-lo, bati o alto da cabeça contra a ponta dura da minha mesa); esse incidente (exasperante

para mim, com toda a razão, se não for para qualquer pessoa) naturalmente ocasionou um ligeiro alvoroço; M. Paul ficou irritado e, abandonando sua forçada equanimidade, e atirando aos quatro ventos aquela dignidade e autocontrole com os quais ele nunca se preocupava muito em se sobrecarregar, deu vazão à linguagem que mais tinha condição de deixá-lo à vontade.

Eu não sei como, no decorrer do seu "discours", ele havia dado um jeito de atravessar o Canal e desembarcar em solo inglês; mas lá o encontrei quando comecei a prestar atenção.

Lançando um olhar rápido e cínico pela sala, um olhar fulminante, ou que tinha a intenção de fulminar, quando passou por mim, ele se abateu com fúria sobre "les Anglaises".

Nunca eu ouvira as mulheres inglesas tratadas como M. Paul as tratou naquela manhã: ele não poupou nada; nem a mentalidade, a moral, a aparência física ou os modos delas. Eu me lembro, sobretudo, de ele criticar a alta estatura delas, seu pescoço longo, seus braços finos, sua indumentária descuidada, sua educação pedante, seu ceticismo ímpio (!), seu insuportável orgulho, sua virtude pretensiosa: e enquanto enumerava esses traços ele rangia os dentes de modo maligno, e dava a impressão de que, tivesse ele ousado, teria dito coisas inusitadas. Oh! Ele foi rancoroso, mordaz e grosseiro; e, como consequência natural, detestavelmente repulsivo.

"Homenzinho maldoso e venenoso!", pensei, "e eu me vou perturbar com o temor de desagradar ao senhor, ou magoar seus sentimentos? Não, de jeito nenhum; o senhor será tão indiferente para mim como o mais pobre dos buquês em sua pirâmide".

Lamento dizer que não consegui me ater a essa decisão. Por certo tempo, os insultos à Inglaterra e aos ingleses me encontraram e me deixaram impassível: eu os suportei por uns quinze minutos com suficiente estoicismo; mas aquela serpente sibilante estava determinada a ferir, e ele finalmente disse tais coisas, dirigidas não somente às nossas mulheres, mas aos nossos nomes mais ilustres e melhores homens; conspurcando o brasão da Britannia, e arrastando a bandeira do Reino

Unido na lama, que eu me senti ferida. Com deleite perverso ele introduziu as mais apimentadas falsidades históricas continentais em circulação. Nada mais ofensivo poderia ser imaginado. Zélie, e a classe inteira, se transformaram em um sorriso de deleite vingativo; pois é interessante perceber como esses palhaços de Labassecour secretamente odeiam a Inglaterra. Finalmente, dei um violento soco na minha mesa, abri a boca e soltei a seguinte exclamação:

— Vive l'Angleterre, l'Histoire et les Héros! A bas la France, la Fiction et les Faquins! [8]

A classe ficou totalmente desconcertada. Suponho que elas me consideraram louca. O Professor fez surgir seu lenço e sorriu diabolicamente em suas dobras. Pequeno monstro de maldade! Ele achou então que havia saído vitorioso, já que me havia feito ficar com raiva. Em um segundo ele ficou bem-humorado. Com grande brandura, retomou o tema das flores; falou de modo poético e simbólico da doçura, do perfume e da pureza delas, etcetera; fez comparações afrancesadas entre as "jeunes filles" e as doces flores à sua frente; fez a Mademoiselle St. Pierre um cumprimento muito vigoroso pela superioridade do buquê dela; e finalizou anunciando que na primeira manhã realmente bela, amena e balsâmica da primavera ele tencionava levar toda a classe para tomar um café da manhã no interior. "Tais membros desta classe, ao menos", acrescentou ele, enfático, "que ele pudesse considerar como pertencentes ao grupo de seus amigos".

— Donc je n'y serai pas [9] — declarei, involuntariamente.

— Soit! [10] — foi a resposta dele; e, pegando suas flores nos braços, saiu rapidamente da sala, enquanto eu, guardando minha costura, tesoura, dedal e a caixinha negligenciada na minha mesa, fui rapidamente para o andar de cima. Não sei se *ele* se sentia exaltado e irritado, mas tenho liberdade para confessar que *eu* me sentia.

Contudo, com uma raiva estranha e evanescente, eu não havia ficado sentada uma hora na beirada da minha cama, visualizando e tornando a visualizar o olhar, os modos e as palavras dele, e já estava sorrindo de toda a cena. Uma pequena pontada de remorso eu senti por não ter sido ofertada

a caixa. Eu havia tencionado deixá-lo contente. O destino não quis que fosse assim.

Durante a tarde, lembrando que as mesas na sala não eram, de modo algum, receptáculos invioláveis, e pensando que seria muito bom manter a caixa segura, por causa das iniciais na tampa, P. C. D. E., para Paul Carl (ou Carlos) David Emanuel (esse era o nome completo dele; esses estrangeiros sempre têm de ter uma fileira de nomes de batismo), desci para a sala de aula.

Nela dominava um descanso de feriado. Todas as alunas externas haviam ido para casa, as internas haviam saído para passear, as professoras, com exceção da surveillante da semana, estavam na cidade, fazendo visitas ou compras; a série de salas de aula estava vazia; bem como a grande salle, com seu imenso e solene globo pendurado no meio, seus dois candelabros com tantos braços, e seu piano de cauda fechado, silencioso, desfrutando de seu descanso sabático do meio da semana. Estranhei encontrar a porta da primeira classe escancarada; essa sala normalmente era mantida fechada quando estava vazia, e sendo então inacessível a qualquer pessoa a não ser Madame Beck e eu mesma, que tinha uma duplicata da chave. Estranhei ainda mais, ao me aproximar, ao ouvir um vago sinal de vida: passos, uma cadeira sendo arrastada e um som parecido com o de uma mesa sendo aberta.

"É só Madame Beck fazendo sua tarefa de inspeção", foi a conclusão que se seguiu a um momento de reflexão. A porta parcialmente aberta me permitiria ter certeza quanto a esse ponto. Olhei. Surpresa! Não a indumentária fiscalizadora de Madame Beck (o xale e a touca limpa) mas o casaco e a cabeça com cabelos curtos e escuros de um homem. Essa pessoa ocupava minha cadeira; sua mão morena mantinha minha mesa aberta, seu nariz não podia ser visto por estar entre meus papéis. As costas dele estavam voltadas para mim, mas não dava para haver um momento de dúvida quanto à sua identidade. A vestimenta de cerimônia já havia sido deixada de lado: o estimado paletôt manchado de tinta havia sido recolocado; o perverso bonnet-grec jazia no chão, como se tivesse caído da mão culposamente atarefada.

Eu sabia então, e sabia já fazia muito tempo, que a mão de M. Emanuel tinha grande intimidade com minha mesa; que ela erguia e abaixava a tampa, vistoriava e organizava seu conteúdo, com quase tanta familiaridade quanto a minha própria. O fato não era duvidoso, tampouco ele desejava que assim o fosse: deixava sinais palpáveis e inconfundíveis de cada visita; até então, entretanto, eu jamais o flagrara no ato: por mais que eu observasse, não conseguia detectar as horas e os movimentos da vinda dele. Eu detectava as atividades desse espírito doméstico nos exercícios deixados à noite cheios de erros, e encontrados na manhã seguinte cuidadosamente corrigidos: eu era beneficiada pela caprichosa boa vontade dele com empréstimos muito bem recebidos e revigorantes. Entre um desbotado dicionário e uma gramática desgastada surgia de modo mágico uma obra nova e interessante, ou um clássico, saboroso e doce por causa da sua idade madura. Da minha cesta de trabalho espreitava risonho um romance, debaixo dela espreitavam o panfleto e a revista dos quais a leitura da noite anterior havia sido tirada. Era impossível ter dúvida quanto à fonte da qual fluíam tais tesouros: se não houvesse outra indicação, uma característica incriminatória e traidora comum a todos eles resolvia a questão: *todos eles tinham cheiro de charuto* . Isso era muito chocante, é claro: a princípio, pensei assim, e costumava abrir a janela com certo alvoroço, para arejar minha mesa, e com um dedo e um polegar melindrosos segurava as brochuras pecaminosas na direção da brisa purificadora. Repentinamente, fui curada de tal formalidade. Monsieur me flagrou em sua realização um dia, compreendeu a inferência, na mesma hora libertou minha mão de seu fardo e, no momento seguinte, o teria jogado no aquecedor aceso. Casualmente era um livro cuja leitura eu desejava fazer; então, uma vez na vida demonstrei ser tão decidida e mais rápida que ele; recuperei o objeto roubado e, tendo resgatado esse volume, nunca pus outro em risco. Com tudo isso, eu ainda não tivera a oportunidade de flagrar em suas visitas o fantasma extravagante, amistoso e amante de charutos.

Mas, então, finalmente eu o flagrara: lá estava ele, o espírito doméstico em pessoa; e lá, revoluteando de seus lábios, estava a pálida

fumaça azulada do seu querido indiano: ele estava fumando na minha mesa: isso poderia muito bem traí-lo. Provocada por isso e, contudo, satisfeita por tê-lo surpreendido, ou seja, satisfeita com aquela sensação indefinida da dona de casa que finalmente descobre seu estranho aliado sobrenatural ocupado na cozinha batendo a manteiga fora de hora, eu me adiantei com passos leves, fiquei por trás dele, inclinei-me com cuidado sobre os seus ombros.

Meu coração bateu forte ao ver que, depois da hostilidade daquela manhã, depois da minha aparente negligência, depois da mágoa pela qual ele passara e da perturbação que seu temperamento tivera, ele, com toda a disposição para esquecer e perdoar, me havia trazido dois belos livros, cujos títulos e autoria eram garantia de despertar o interesse. Naquele momento, enquanto ele se sentava encurvado sobre a mesa, estava mexendo em seu conteúdo; mas com uma mão gentil e cuidadosa; desarrumando, é verdade, mas não causando estrago. Meu coração bateu com força: enquanto eu me curvava sobre ele, enquanto ele permanecia ali inconsciente, fazendo-me tanto bem quanto era capaz de fazer, e, ouso dizer, não tendo sentimentos inamistosos em relação à minha pessoa, a raiva que eu sentira de manhã se dissipou: eu não desestimava o Professor Emanuel.

Acho que ele me ouviu respirando. Ele se voltou repentinamente: seu temperamento era nervoso; contudo, ele jamais se sobressaltava, e raramente mudava de cor: havia algo de intrépido nele.

— Achei que a senhorita havia ido à cidade junto com as demais professoras — disse ele, retomando com austeridade seu autocontrole, que havia falhado. — É bom que não tenha ido. Acha que eu me importo por ter sido flagrado? Não eu. Visito com frequência sua mesa.

— Monsieur, eu sei disso.

— A senhorita encontra uma brochura ou livro de vez em quando; mas não os lê, porque eles passaram por isto? — tocou seu charuto.

— Eles passaram, e não ficaram melhores por causa desse processo; mas eu os leio.

— Sem prazer?

— Não posso contradizer Monsieur.

— A senhorita gostou deles, ou de qualquer um deles? Eles são aceitáveis?

— Monsieur me viu lendo-os centenas de vezes, e sabe que eu não tenho tantas diversões assim, a ponto de não dar o devido valor ao que me proporciona.

— Eu tenho boas intenções; e, se a senhorita vê que tenho boas intenções, e tem um pouco de diversão por causa de meus esforços, por que não podemos ser amigos?

— Um fatalista diria: porque não podemos.

— Esta manhã — prosseguiu ele — eu acordei de bom humor, e vim para a aula feliz; a senhorita estragou meu dia.

— Não, Monsieur, apenas uma ou duas horas dele, e isso não foi intencional.

— Não foi intencional! Não. Era dia da minha festa; todas me desejaram felicidades, a não ser a senhorita. As crianças pequenas da terceira turma, cada uma delas me deu um buquezinho de violetas, cada uma delas balbuciou seus parabéns: a senhorita… nada. Nem um botão, uma folha, um sussurro… nem um olhar. Isso não foi intencional?

— Eu não quis lhe causar dissabor.

— Então a senhorita realmente não conhecia nossos costumes? Não estava preparada? A senhorita teria, com boa vontade, despendido alguns cêntimos para comprar uma flor e me dar prazer, caso tivesse sabido que isso era esperado? Diga isso, e tudo será esquecido, e a dor será apaziguada.

— Eu *sabia* que era esperado: eu estava preparada; contudo, eu não despendi cêntimos para comprar flores.

— Muito bem… a senhorita faz bem em ser honesta. Eu teria quase detestado a senhorita caso tivesse lisonjeado e mentido. É melhor declarar de uma vez: “Paul Carl Emanuel — je te déteste, mon garçon!”, [11] a sorrir com intenções, dar impressão de uma afeição, e ser falsa e fria em seu coração. Falsa e fria eu não acredito que a senhorita seja; mas a senhorita cometeu um grande erro na vida, isso eu acho; acredito que seu

julgamento seja distorcido… que a senhorita seja indiferente quando deveria ser grata; e talvez devotada e fascinada quando deveria ser tão fria quanto seu sobrenome. Não suponha que eu deseje que a senhorita sinta paixão por mim, Mademoiselle; Dieu vous en garde! [12] Por que a senhorita se sobressalta? Porque eu disse paixão? Bem, eu digo de novo. Existe tal palavra, e existe tal coisa… embora não dentro destas paredes, graças a Deus! A senhorita não é uma criança com quem não se possa falar daquilo que existe; mas eu apenas disse a palavra. A coisa, eu lhe garanto, é estranha a toda minha vida e aos meus pontos de vista. Ela morreu no passado; no presente, ela jaz enterrada. Seu túmulo foi cavado profundamente, bem coberto, e tem muitos anos de existência: no futuro haverá uma ressurreição, assim como eu acredito para o consolo de minh'alma; mas, então, tudo terá se transformado, forma e sentimento: o mortal terá revestido a imortalidade — e se erguerá, não para a terra, mas para o céu. Tudo o que eu *lhe* digo, Srta. Lucy Snowe, é: que a senhorita deveria tratar o Professor Paul Emanuel de modo decente.

Eu não poderia contradizer tal sentimento, e não o fiz.

— Diga-me — prosseguiu ele —, quando é *seu* dia de fête, e eu não irei relutar em gastar alguns cêntimos para uma pequena lembrança.

— O senhor será como eu, Monsieur: isto custa mais que uns poucos cêntimos, e eu não lamento o que ele custou.

E, tirando da mesa aberta a caixinha, coloquei-a nas mãos dele.

— Ela se encontrava pronta em meu regaço esta manhã — prossegui. — E se Monsieur tivesse sido um pouco mais paciente, e Mademoiselle St. Pierre menos bisbilhoteira… talvez eu devesse dizer também, se *eu* tivesse ficado mais calma e sido mais sensata… eu a teria dado então.

Ele olhou a caixa: eu vi que sua coloração e o pequeno círculo azul agradavam aos olhos dele. Eu lhe disse para abri-la.

— Minhas iniciais! — disse ele, indicando as letras na tampa. — Quem disse para a senhorita que eu me chamo Carl David?

— Um passarinho, Monsieur.

— Ele voa de mim para a senhorita? Se assim for, é possível atar uma mensagem sob as asas dele quando for necessário.

Ele retirou a corrente; uma ninharia, na verdade, se pensarmos no valor, mas lustrosa por causa da seda e luzindo com as contas. Ele gostou dela também, e a admirou ingenuamente, como uma criança.

— É para mim?

— Sim, para o senhor.

— Era nela que a senhorita estava trabalhando a noite passada?

— Ela mesma.

— A senhorita a terminou esta manhã?

— Sim.

— E a começou com a intenção de que ela fosse minha?

— Sem dúvida.

— E oferecida no meu dia de fête?

— Sim.

— Esse propósito permaneceu enquanto a senhorita a tecia?

Uma vez mais, eu assenti.

— Então, não é necessário que eu retire uma parte, dizendo "esta parte não é minha": ela foi feita com a ideia de que seria para o adorno de outra pessoa?

— De modo algum. Não é nem necessário, tampouco seria justo.

— Este objeto é *todo* meu?

— Esse objeto é seu, integralmente.

Na mesma hora, Monsieur abriu seu paletôt, arrumou a corrente esplendidamente no peito, mostrando dela o máximo e escondendo o mínimo que foi capaz: pois ele não tinha ideia de esconder o que admirava e considerava decorativo. Quanto à caixa, ele decretou que ela era uma esplêndida bonbonnière [13] (ele gostava de doces, por falar nisso), e como ele sempre gostava de compartilhar com os outros o que lhe agradava, distribuía suas "dragées" [14] com tanta prodigalidade quanto emprestava seus livros. Entre os generosos presentes deixados pelo espírito doméstico na minha mesa, eu me esqueci de enumerar muitos pacotes de chocolate. Nesse aspecto, seus gostos eram meridionais, e o que nós consideramos infantis. O simples almoço dele consistia, com frequência, em um

“brioche”, que, tantas vezes, era compartilhado com alguma criança da terceira turma.

— A présent c’est un fait accompli [15] — disse ele, tornando a arrumar seu paletôt; e nós não trocamos mais palavras sobre o assunto. Depois de vistoriar os dois volumes que ele havia trazido, e de cortar algumas páginas com seu canivete para aparar penas (ele geralmente tirava partes dos livros antes de emprestá-los, sobretudo se fossem romances, e às vezes eu me sentia um tanto provocada com a severidade da censura dele, pois os cortes interrompiam a narrativa), ele se levantou, gentilmente tocou seu bonnet-grec, e me saudou com um polido “bom-dia”.

“Somos amigos agora”, eu pensei, “até a nossa próxima briga”.

Nós *poderíamos* ter brigado novamente naquela mesma noite, mas, algo que é tão bom relatar, não conseguimos, ao menos uma vez, aproveitar ao máximo nossa oportunidade.

Contrariando todas as expectativas, M. Paul chegou na hora de estudo. Tendo estado tanto tempo ali pela manhã, não esperávamos sua presença à noite. Mal nos havíamos sentado para as lições noturnas, entretanto, ele apareceu. Confesso que estava feliz por vê-lo; e, quando ele se dirigiu para o mesmo assento a cujo respeito um desentendimento tão grande havia acontecido previamente, tomei grande cuidado para não abrir muito espaço para ele; ele observou com um olhar apreensivo e oblíquo para ver se eu me encolhia; mas não o fiz, embora o banco estivesse um pouco lotado. Eu estava perdendo aquele impulso inicial de me afastar de M. Paul. Acostumando-me com o paletôt e com o bonnet-grec, a vizinhança de tal indumentária não parecia mais desconfortável ou muito imponente. Eu não ficava então sentada contida, “asphyxiée” [16] (como ele costumava dizer) ao lado dele; eu me movia quando desejava me mover, tossia quando necessário, até mesmo bocejava quando estava cansada; resumindo, fazia o que eu queria, confiando cegamente na indulgência dele. Tampouco minha temeridade, pelo menos naquela noite, recebeu a punição que talvez merecesse; ele estava tanto indulgente quanto bem-humorado; nenhum olhar severo foi lançado de seus olhos, nenhuma palavra ríspida saiu de seus lábios. Até bem perto do fim da noite, ele na

verdade não se dirigiu a mim de jeito nenhum; contudo, eu senti, de algum modo, que ele estava cheio de sentimentos de amizade. Os silêncios são de diferentes tipos, e indicam significados diferentes; não há palavras que pudessem inspirar uma alegria maior que a proporcionada pela presença sem palavras de M. Paul. Quando a bandeja veio, e o alvoroço da ceia começou, ele disse apenas, ao se retirar, que me desejava uma boa noite e doces sonhos, e uma boa noite e doces sonhos eu tive.

XXX. M. PAUL

Contudo, o leitor é aconselhado a não se precipitar em suas gentis conclusões, nem a supor com uma caridade muito apressada que, a partir daquele dia, M. Paul passou a ser outra pessoa, de fácil convivência, e não mais capaz de espalhar o perigo e o desconforto ao seu redor.

Não; ele era naturalmente um homenzinho de modos irracionais. Quando estava muito nervoso, o que acontecia com frequência, se tornava extremamente irritadiço; e, além disso, nas veias dele corria a sombria tintura de beladona, a essência do ciúme. Eu não quero dizer apenas o doce ciúme do coração, mas aquele sentimento mais austero e restrito cujo centro se encontra no cérebro.

Eu costumava pensar, ao ficar sentada olhando M. Paul, enquanto ele estava franzindo as sobrancelhas, ou espichando os lábios sobre algum exercício feito por mim, que não continha tantos erros quanto ele desejava (pois ele gostava que eu cometesse erros: um punhado de erros era para ele tão doce quanto uma porção de nozes), que ele tinha alguns pontos de semelhança com Napoleão Bonaparte. Eu ainda penso assim.

Em uma vergonhosa desconsideração para com a magnanimidade, ele se parecia com o grande Imperador. M. Paul teria discutido com vinte mulheres instruídas; teria, sem enrubescer, levado a cabo um sistema de picuinhas e de recriminações mesquinhas com toda uma cidade repleta de coteries, [1] sem jamais se perturbar a respeito de perda ou falta de dignidade. Ele teria exilado cinquenta Madames de Staël, caso elas o tivessem perturbado, ofendido, ultrapassado ou se oposto a ele.

Eu me lembro muito bem de um episódio intenso dele com certa Madame Panache, uma senhora temporariamente empregada por Madame Beck para dar aulas de história. Ela era inteligente; quer dizer, tinha bom

conhecimento; e, além disso, possuía à perfeição a capacidade de extrair o máximo daquilo que sabia; tinha um comando ilimitado sobre as palavras e a confiança. Sua aparência pessoal estava longe de ser destituída de vantagens; acredito que muitas pessoas teriam dito que ela era "uma bela mulher"; e, entretanto, havia pontos em seus robustos e amplos atrativos, bem como em sua presença ativa e franca, com os quais, ao que parecia, os gostos finos e caprichosos de M. Paul não conseguiam se entender. O som da voz dela, ecoando pelo carré, o colocava em um estranho estado; os passos longos e independentes dela, que eram quase passadas, ao longo do corredor, com frequência faziam com que ele agarrasse seus papéis e saísse correndo na mesma hora.

Com intenções malignas ele conseguiu, certo dia, entrar na aula dessa professora; tão rápido quanto o relâmpago ele apreendeu o método de ensino dela; esse plano era diferente de um plano preferido que ele próprio concebera. Com pouca cerimônia, e ainda menos cortesia, apontou o que considerava serem os erros dela. Se ele esperava submissão e atenção, eu não sabia; ele foi recebido com uma forte oposição, seguida por uma reprimenda indisfarçável pela interferência certamente injustificada.

Em vez de se retirar com dignidade, como ainda poderia ter feito, ele atirou a luva. Madame Panache, belicosa como uma Pentesileia, aceitou o desafio em um segundo. Ela estralou os dedos na cara do abelhudo; investiu sobre ele com uma tempestade de palavras. M. Emanuel era eloquente; porém, Madame Panache era volúvel. Um sistema de antagonismo feroz se seguiu. Em vez de se divertir em segredo à custa de sua bela inimiga, com todo o amour-propre [2] ferido e a loquaz arrogância dela, M. Paul a detestava com uma seriedade intensa; a honrava com sua fúria sincera; a perseguia vingativo e implacável, recusando-se a descansar tranquilo em sua cama, a gozar o devido benefício de suas refeições, ou até mesmo a se deliciar serenamente com seu charuto, até ela ter sido devidamente arrancada do estabelecimento. O Professor saiu vitorioso, mas não posso dizer que os louros da vitória coroassem graciosamente suas têmporas. Certa vez, ousei dizer-lhe isso. Para minha grande surpresa, ele concedeu que eu poderia ter razão: declarou que, quando colocado em

contato com homens ou mulheres de características grosseiras e autocomplacentes, dos quais Madame Panache era um espécime, ele não tinha controle sobre seus próprios sentimentos; uma aversão indizível e ativa o impelia a uma guerra de extermínio.

Três meses depois, ao saber que sua inimiga derrotada estava em uma situação difícil e provavelmente enfrentava grandes apuros pela falta de um emprego, ele esqueceu seu ódio e, ativo igualmente para o bem quanto para o mal, revolveu céu e terra até encontrar um posto para ela. Quando ela veio para acertar velhas diferenças, e agradecer-lhe por sua recente bondade, a antiga voz (um pouquinho alta) e os velhos modos (um pouquinho ousados) agiram de tal forma sobre ele que em dez minutos ele se levantou e, com uma mesura de despedida, saiu da sala em um acesso de irritação nervosa.

Para prosseguir com um paralelo um tanto audacioso, em amor ao poder, em uma ânsia pela supremacia, M. Emanuel era como Bonaparte. Ele era um homem a quem não se podia ser sempre submisso. Às vezes, era necessário resistir; era correto ficar firme, olhar nos olhos dele e dizer-lhe que suas exigências iam além da razão, que o absolutismo dele beirava a tirania.

O despontar, os primeiros progressos de um talento peculiar aparecendo ao seu alcance, e sob seu domínio, o deixavam curiosamente excitado, até mesmo o perturbavam. Ele observava essa luta pela sobrevivência com o cenho franzido; afastava sua mão; talvez dissesse: "Apareça se você tem forças", mas não ajudaria o nascimento.

Quando o tormento e o perigo do conflito inicial haviam se acabado, quando o sopro de vida era avivado, quando ele via os pulmões se expandindo e contraindo, quando sentia o coração pulsar e descobria a vida nos olhos, ele ainda não se oferecia para dar abrigo.

"Prove que você é genuíno antes que eu o aprecie", era a ordem dele; e quão difícil ele tornava esse teste! Que espinhos e sarças, que pedras ele semeava na trilha dos pés não habituados a uma áspera caminhada! Ele observava impávido (ordálio por ele imposto deveria ser enfrentado), com destemor. Seguia pegadas que, à medida que se aproximavam da meta, às

vezes estavam marcadas com sangue; e as seguia com circunspecção, mantendo a mais severa vigilância sobre o peregrino oprimido pela dor. E quando ele finalmente permitia um descanso, antes que o sono fechasse as pálpebras, escancarava essas mesmas pálpebras, com dedos impiedosos, e lançava um olhar penetrante através da pupila e da íris até o cérebro, o coração, desejando saber se a Vaidade, ou o Orgulho, ou a Falsidade, em quaisquer de suas formas mais sutis, eram perceptíveis nos mais recônditos recessos da existência. Se, finalmente, ele permitisse que o neófito repousasse, não era por mais de um momento; ele o despertava repentinamente, para fazer novos testes: ele o mandava em tarefas irritantes quando o neófito estava cambaleando por causa da exaustão; ele testava o estado de espírito, os sentidos e a saúde; e apenas quando todos os mais rígidos testes haviam sido feitos e suportados, quando a mais corrosiva água-forte havia sido usada sem conseguir macular o metal, M. Paul admitia que aquilo era genuíno, e, ainda em meio a um silêncio profundo, selava-o com sua profunda marca de aprovação.

Eu falo com conhecimento desse mal.

Até a data em que o último capítulo se encerra, M. Paul não havia sido meu professor, ele não havia me dado aulas; porém, mais ou menos nessa época, casualmente, ouvindo-me um dia confessar meu desconhecimento em alguma área da educação (acredito que fosse aritmética), que teria envergonhado um aluno de uma escola de caridade, como ele afirmou com toda a propriedade, ele me pegou pela mão, me submeteu em primeiro lugar a uma prova, considerou-me, nem é preciso dizer, deficiente ao extremo, deu-me alguns livros e me designou algumas tarefas.

A princípio ele fez isso com prazer, na verdade, com um júbilo manifesto, condescendendo em dizer que acreditava que eu era “bonne et pas trop faible” [3] (ou seja, com boa disposição, e não totalmente destituída de talento), porém, devido (supunha ele) a circunstâncias adversas, “ainda em um estado de desenvolvimento mental lamentavelmente imperfeito”.

O início de todos os esforços foi, na verdade, de minha parte, marcado por uma estupidez sobrenatural. Eu nunca fui capaz, nem mesmo ao adquirir familiaridade com uma coisa comum, de afirmar que tinha um

nível médio de perspicácia, ou de provar isso. Um trecho deprimente e difícil introduziu cada nova página que eu virei na vida.

Enquanto durou esse período, M. Paul foi muito gentil, muito bom, muito indulgente; viu a profunda dor infligida, e sentiu a grande humilhação imposta por meu próprio sentimento de incapacidade; e as palavras mal podem fazer-lhe justiça quanto à sua ternura e vontade de ajudar. Os olhos dele ficavam úmidos quando lágrimas de vergonha e de esforço obscureciam os meus; atarefado como ele estava com o trabalho, roubava a metade das suas horas de descanso para dedicá-las a mim.

Mas, estranha aflição! Quando a aurora nebulosa e tempestuosa finalmente começou a ceder espaço ao dia; quando minhas faculdades começaram a lutar sozinhas e independentes, e meu momento de energia e de satisfação chegou; quando eu voluntariamente dobrei, tripliquei, quadrupliquei as tarefas que ele me determinava, para deixá-lo contente, conforme eu pensava, a gentileza dele se transformou em severidade; a luz em seus olhos passou de um brilho a uma faísca; ele se irritou, ele se opôs, ele me conteve inexoravelmente; quanto mais eu fazia, quanto mais eu trabalhava com afinco, menos ele parecia contente. Sarcasmos, cuja severidade me impressionava e me deixava atônita, afligiam meus ouvidos; e então fluíram as mais amargas insinuações dirigidas ao "orgulho do intelecto". Eu fui vagamente ameaçada com nem sei qual penalidade se chegasse a transpor os limites adequados para o meu sexo, e alimentasse um apetite ilícito por um conhecimento que não era feminino. Ai de mim! Eu não tinha tal apetite. O que me agradava, eu sentia prazer em contentar, a qualquer custo; porém, o nobre desejo pelo conhecimento abstrato, a sede divina da descoberta, tais sentimentos eram familiares para mim somente através dos mais breves lampejos.

Contudo, quando M. Paul me desdenhava, eu desejava possuí-los com maior força; a injustiça dele acendeu em mim desejos ambiciosos, ela representou um forte estímulo, deu asas à aspiração.

No começo, antes que para mim os motivos ficassem claros, aquele escárnio incompreendido dele fez meu coração doer; mas, dentro de pouco tempo, ele apenas incitou o sangue em minhas veias, e transmitiu uma

quantidade maior de energia ao meu ser. Quaisquer que fossem meus poderes, femininos ou o contrário, Deus os tinha dado, e eu estava decidida a não sentir vergonha de nenhuma capacidade concedida por Ele.

O combate foi muito duro por certo tempo. Eu parecia ter perdido a afeição de M. Paul; ele me tratava de modo estranho. Em seus momentos de maior injustiça, insinuava que eu o havia enganado quando parecera ser o que ele chamava de "faible", ou seja, incompetente; ele disse que eu havia aparentado uma falsa incapacidade. Além disso, ele repentinamente se voltava e me acusava das mais descabidas imitações e impossíveis plágios, afirmando que eu havia extraído a essência de livros que eu jamais ouvira mencionados, e em cuja leitura eu teria infalivelmente caído adormecida em um sono tão profundo quanto o de Êutico.

Certa vez, tendo ele feito tal acusação, revidei, voltei-me contra ele. Pegando um punhado de livros da minha mesa, enchi meu avental e os joguei em um monte aos pés dele, no seu estrade.

— Leve-os, M. Paul — disse eu —, e não me dê mais aulas. Eu nunca pedi para ser uma pessoa culta, e o senhor me faz sentir profundamente que o aprendizado não é uma alegria.

E, retornando à minha mesa, descansei a cabeça em meus braços, e não falei com ele por dois dias. Ele me magoava e me desapontava. A afeição dele havia sido muito doce e apreciada, um prazer novo e incomparável: agora, que ela parecia ter sido tirada, eu não me importava mais com as aulas dele.

Contudo, os livros não foram levados; foram todos recolocados com mão cuidadosa em seus lugares, e ele continuou vindo como sempre para me dar aula. De algum modo, ele cessou as hostilidades, talvez com muita prontidão: eu deveria ter me mantido afastada por mais tempo, mas, quando ele deu a impressão de ser gentil e bom, e estendeu a mão com amizade, a memória se recusou a reproduzir com força os momentos opressivos. E, além do mais, a reconciliação é sempre doce!

Certa manhã, chegou uma mensagem de minha madrinha, convidando-me para participar de certa importante palestra a ser feita no mesmo edifício público anteriormente descrito. O Dr. John havia me trazido a

mensagem pessoalmente, e a entregou verbalmente para Rosine, que não havia sentido escrúpulos em seguir os passos de M. Emanuel, que estava então indo para a primeira turma e, na presença dele, ficar "carrément" [4] na frente da minha mesa, a mão no bolso do avental, e entregar a mensagem, atrevida e em voz alta, concluindo com as palavras:

— Qu'il est vraiment beau, Mademoiselle, ce jeune docteur! Quels yeux… quel regard! Tenez! J'en ai le coeur tout ému! [5]

Quando ela foi embora, meu professor quis saber por que eu tolerava que "cette fille effrontée, cette créature sans pudeur" [6] se dirigisse a mim com tais palavras.

Eu não tinha uma resposta conciliadora para dar. Os termos eram exatamente os que Rosine, uma moça em cuja cabeça os órgãos da reverência e da discrição não eram amplamente desenvolvidos, tinha o costume de usar. Além do mais, o que ela dissera a respeito do jovem médico era bem verdade. Graham *era* bonito; ele tinha belos olhos e um olhar arrebatador. Uma observação nesse sentido realmente foi pronunciada por meus lábios.

— Elle ne dit que la vérité [7] — respondi.

— Ah, vous trouvez? [8]

— Mais, sans doute. [9]

A lição a que nós tivemos de nos submeter aquele dia foi tal que nos deixou muito felizes quando terminou. No fim dela, as alunas liberadas saíram rapidamente, um tanto trêmulas, um tanto exultantes. Eu também ia saindo. Uma ordem para ficar me deteve. Murmurei que precisava desesperadamente de um pouco de ar fresco; o aquecedor estava queimando, a sala estava superaquecida. Uma voz inexorável simplesmente recomendou silêncio, e a salamandra, para quem nenhuma sala jamais parecia estar quente demais, sentada entre minha mesa e o aquecedor (uma situação em que M. Paul deveria ter se sentido assado, mas não se sentiu) passou a me confrontar com… uma citação em grego!

Na alma de M. Emanuel persistia uma suspeita crônica de que eu conhecia tanto grego quanto latim. Assim como dizem que os macacos possuem o dom da fala, desde que eles a desejassem usar, e consta que

eles escondem essa capacidade por temor de ela ser usada contra eles, do mesmo modo me era atribuído um conhecimento que eu supostamente escondia de modo criminoso e astucioso. Os privilégios de uma "educação clássica", assim se insinuava, tinham sido meus; entre as flores de Himeto eu me havia deleitado; um estoque dourado, acumulado na memória, agora silenciosamente dava apoio aos meus esforços, e alimentava em segredo a minha inteligência.

Centenas de ardis M. Paul empregou para surpreender meu segredo, para me fazer revelá-lo com lisonjas, ameaças e surpresas. Às vezes ele colocava livros em grego e em latim em meu caminho, e então me observava, assim como os carcereiros de Joana d'Arc a tentavam com os equipamentos dos soldados, e ficava à espera do resultado. Outras vezes ele citava nem sei quais escritores e trechos, e, enquanto produzia os doces e ressoantes versos (as entonações clássicas saíam como música dos lábios dele, pois ele tinha uma boa voz, notável pelo ritmo e pela modulação, e sem igual em expressão), fixava em mim olhos vigilantes, penetrantes e, com frequência, maldosos. Era evidente que ele, às vezes, esperava grandes manifestações; elas jamais aconteceram, entretanto; sem compreender, é claro que eu não poderia ficar nem encantada nem aborrecida.

Confuso, quase com raiva, ele continuou a se agarrar à sua ideia fixa; minha sensibilidade foi categorizada como marmórea; meu rosto, uma máscara. Parecia que ele não conseguia ser levado a aceitar a singela verdade, e a me aceitar pelo que eu era: homens, e mulheres também, têm de ter algum tipo de ilusão; se ela não estiver pronta ao alcance deles, eles irão criar o exagero por conta própria.

Em certas ocasiões, eu quis *mesmo* que as suspeitas dele tivessem tido maior fundamento. Havia vezes em que eu teria dado minha mão direita para possuir os tesouros que ele me atribuía. Ele merecia uma punição condigna por seus caprichos irritadiços. Eu poderia ter me realizado ao deixar perfeitamente clara para ele a concretização de suas piores apreensões. Eu teria exultado em irromper perante M. Paul com uma grande demonstração de conhecimentos, com ela confrontar e confundir

suas “lunettes”. Oh! Por que ninguém se dedicou a fazer de mim uma pessoa inteligente quando eu era nova o suficiente para aprender, para que pudesse, por meio de uma majestosa, súbita e desumana revelação, um triunfo frio, cruel e avassalador, ter para sempre arrasado o espírito caçoísta de Paul Carl David Emanuel!

Ai de mim! Tal proeza não estava ao meu alcance. Nessa ocasião, como sempre, as citações dele foram ineficazes: ele logo mudou de tática.

“Mulheres intelectuais” foi o próximo tema dele: nesse assunto ele se sentia à vontade. Uma “mulher intelectual”, ao que parecia, era um tipo de “lusus naturæ”, [10] um infeliz acidente, algo para o qual não havia nem lugar nem serventia na criação; ela não era desejada nem como esposa nem como trabalhadora. A beleza passava à sua frente na primeira das funções. Ele acreditava no fundo da sua alma que a amável, plácida e passiva mediocridade feminina era o único travesseiro no qual o pensamento e o bom-senso viris poderiam encontrar repouso para suas têmporas doloridas; e, quanto ao trabalho, a mente masculina sozinha era capaz de trabalhar para alcançar qualquer bom resultado prático… hein?

Esse “hein?” era uma interrogação que tinha por objetivo me fazer entrar em contradição ou apresentar uma objeção. Contudo, eu disse somente:

— Cela ne me regarde pas: je ne m’en soucie pas [11] — e, em seguida, acrescentei. — Posso ir, Monsieur? Eles já tocaram o sino para o second déjeuner (*i.e.* almoço).

— E o que tem isso? A senhorita não está com fome.

— Mas é claro que estou — respondi. — Não comi nada desde o café da manhã, às sete horas, e não comerei nada até o jantar, às cinco horas, se perder esse toque de sino.

“Bem, ele estava na mesma situação difícil, mas eu poderia compartilhá-la com ele.”

E ele partiu em dois o “brioche” destinado ao seu próprio lanche, e me deu a metade. Sinceramente, o latido dele era pior que sua mordida; mas o ataque realmente impressionante ainda estava por vir. Enquanto eu comia

o pão dele, não consegui deixar de expressar meu desejo secreto de que eu soubesse mesmo tudo aquilo que ele me acusava de saber.

— Então eu achava mesmo que era uma ignorante? — perguntou ele, em um tom de voz gentil.

Se eu tivesse respondido gentilmente com uma afirmativa incontestável, acredito que ele tivesse estendido a mão, e nós teríamos ficado amigos na mesma hora, mas eu respondi:

— Não é bem assim. Eu sou ignorante, Monsieur, do conhecimento que o senhor me atribui; porém, *às vezes* , não *sempre* , eu sinto que tenho um conhecimento próprio.

"O que eu queria dizer com isso?", perguntou ele, abrupto.

Incapaz de responder a essa pergunta na mesma hora, eu a evitei mudando de assunto. Ele havia então acabado a metade do brioche dele; tendo a certeza de que com um bocado tão insignificante ele não poderia ter satisfeito seu apetite, como, na verdade, não satisfizera o meu, e sentindo o aroma de maçãs assadas que vinha lá de longe, do refeitório, eu me aventurei a perguntar se ele também não sentia aquele odor agradável. Ele confessou que sim. Eu disse que se ele me deixasse sair pela porta do jardim, e permitisse que eu desse uma corrida através do pátio, eu pegaria um prato cheio para ele; e acrescentei que, em minha opinião, elas estariam muito boas, já que Goton tinha um método muito bom para assar, ou melhor, fazer compotas de frutas, acrescentando um pouco de especiarias, açúcar e um copo ou dois de vin blanc: eu poderia ir?

— Petite gourmande! [12] — disse ele, sorrindo. — Eu não esqueci como a senhorita ficou contente com o pâté à la crème [13] que uma vez eu lhe dei, e a senhorita sabe muito bem que, agora, pegar as maçãs para mim é o mesmo que pegá-las para a senhorita. Vá, então, mas volte rápido.

E finalmente ele me permitiu sair em liberdade condicional. Meu plano era ir e voltar rapidamente e em boa-fé, colocar o prato na porta, e então desaparecer na mesma hora, deixando todas as consequências para um futuro acordo.

Aquele sentido intoleravelmente aguçado dele parece ter antecipado meus planos: ele me encontrou na soleira da porta, apressou-se a me fazer

entrar na sala, e em um instante me recolocou no meu antigo posto. Pegando o prato de frutas das minhas mãos, ele dividiu a porção que deveria ser só dele, e me mandou comer minha parte. Eu obedeci com não muito boa vontade; e, contrariado, eu suponho, por causa da minha relutância, ele iniciou um ataque disfarçado e perigoso. Tudo quanto ele dissera até então, eu poderia considerar como meros som e fúria, destituídos de significado: mas isso não se aplicava ao presente ataque.

O ataque consistia em uma proposição irracional com a qual ele já havia me atormentado antes: a saber, que no próximo dia de exames públicos eu deveria me comprometer (estrangeira, como era) a assumir meu posto no primeiro grupo das melhores alunas, e improvisar com elas uma composição em francês, a respeito de qualquer tema que qualquer espectador pudesse sugerir, sem o auxílio de gramática ou de dicionário.

Eu sabia qual seria o resultado de tal experiência. Eu, a quem a natureza havia negado a capacidade de improvisar; que em público era por natureza uma nulidade; cujo momento de atividade mental, mesmo quando sozinha, não se encontrava sob o sol meridiano; que precisava do silêncio fresco da manhã, ou da paz reclusa da noite, para conquistar do Impulso Criativo uma evidência da sua presença, uma prova da sua força; eu, para quem esse Impulso era o mais intratável, o mais caprichoso, o mais enlouquecedor dos senhores (sempre com a exceção daquele que estava à minha frente); uma divindade que às vezes, sob determinadas circunstâncias aparentemente propícias, não se manifestava quando interrogado, não ouvia quando era solicitado, e não iria, quando procurado, se fazer encontrar, mas que permaneceria, todo frio, todo rígido, todo pétreo, um sombrio Baal com lábios entalhados e órbitas inexpressivas, e o peito como a lápide de uma tumba; e, uma vez mais, repentinamente, em alguma ocasião, um som, um murmúrio trêmulo do vento, o rápido passar de uma invisível corrente elétrica, o demônio irracional despertaria quando não fosse solicitado, se manifestaria estranhamente vivo, se precipitaria de seu pedestal como um perturbado Dagon, exigindo de seu adorador um sacrifício, qualquer que fosse a hora; de sua vítima um pouco de sangue, ou um alento, não importando a circunstância ou a cena,

despertando seu sacerdote, traiçoeiramente prometendo um vaticínio, talvez preenchendo seu templo com um estranho sussurrar dos oráculos, mas com a certeza de transmitir parte do significado a ventos aziagos, e se recusando a dar ao desesperado ouvinte até mesmo uma mísera sobra; fazendo concessões com relutância, como se cada palavra tivesse sido uma gota do imortal icor correndo em suas próprias veias sombrias. E esse tirano eu teria de forçar à servidão, e fazer com que ele improvisasse um tema, em um estrado escolar, entre uma Mathilde e uma Coralie, sob os olhos de uma Madame Beck, para o prazer e a inspiração de um bourgeois de Labassecour!

A respeito desse assunto, M. Paul e eu discutimos mais de uma vez, numa luta renhida, com confusos sons de pedidos e de rejeição, de exigências e de repulsa.

Nesse dia específico, eu fui severamente repreendida. "A obstinação de todas as mulheres", ao que parecia, estava concentrada em mim; eu tinha um "orgueil de diable". [14] Eu tinha medo de fracassar, essa era a verdade! O que importava se eu fracassasse ou não? Quem era eu que não poderia fracassar, assim como as pessoas melhores que eu? Far-me-ia bem fracassar. Ele queria me ver em uma situação difícil (eu sabia que ele queria), e parou por um instante para tomar fôlego.

"Eu me manifestaria então, e seria cordata?"

"Eu jamais seria cordata quanto a esse assunto. A própria lei não poderia me obrigar. Eu pagaria uma multa, ou iria para a prisão, a ter de escrever em uma exibição e sob ordens, empoleirada em uma plataforma."

"Motivos mais ternos poderiam me influenciar? Eu cederia em nome da amizade?"

"Nem um pouquinho, nem um milímetro. Nenhuma forma de amizade sob o sol tinha o direito de impor tal transigência. Nenhuma amizade verdadeira iria me perturbar a esse ponto."

Ele então supunha (com um escárnio — M. Paul era capaz de escarnecer de modo soberbo, curvando os lábios, dilatando as narinas, contraindo as pálpebras), ele então supunha que havia uma única forma de apelo à qual eu daria ouvidos, e essa forma ele não tinha condição de usar.

— Com certos argumentos, vindos de certas pessoas, je vous vois d'ici [15] — disse ele — ansiosamente se submetendo ao sacrifício, impetuosamente se preparando para fazer o esforço.

— E fazendo de mim mesma um palhaço, um alerta e um exemplo, perante cento e cinquenta dos "papas" e "mamans" [16] de Villette.

E nesse momento, perdendo a paciência, eu me manifestei com uma exclamação de que queria ser liberada — sair para o ar fresco —, eu estava quase com febre.

"Chut!", disse o inexorável. "Esse não era mais que um mero pretexto para fugir; *ele* não estava com calor, com o aquecedor perto das costas; como poderia eu sofrer, completamente resguardada pela pessoa dele?"

"Eu não compreendia a constituição dele. Eu nada sabia da história natural das salamandras. Quanto a mim, eu era uma impassível habitante das ilhas, e ficar sentada em um forno não combinava comigo; que eu, pelo menos, pudesse ir até o poço e pegar um copo d'água — as maçãs doces me haviam deixado com sede"

"Se isso era tudo, ele faria essa tarefa."

Ele foi buscar a água. Naturalmente, com a porta somente aferrolhada atrás de mim, eu não perdi a oportunidade. Quando ele voltou, sua presa parcialmente oprimida havia escapado.

XXXI. A DRÍADE

A primavera estava avançando, e o tempo repentinamente ficara quente. Essa mudança de temperatura me ocasionou, assim como provavelmente em tantas outras pessoas, um temporário declínio das forças. Nessa época, o mais leve esforço me deixava morta de cansaço; noites insones implicavam dias lânguidos.

Certa tarde de domingo, tendo caminhado cerca de dois quilômetros e meio até a igreja protestante, voltei fatigada e exausta; e, procurando refúgio no meu isolado santuário, a primeira classe, senti-me feliz por sentar e fazer da minha mesa um travesseiro para os braços e a cabeça.

Por algum tempo eu ouvi o sussurro das abelhas zumbindo no berceau, e observei, através da porta de vidro e da folhagem primaveril tenra e ligeiramente dispersa, Madame Beck e um alegre grupo de amigos, os quais ela havia recebido naquele dia para jantar depois da missa matutina, caminhando pela aleia central sob os ramos cobertos de flores naquela estação, e trazendo um colorido tão puro e cálido quanto o da neve nas montanhas ao pôr do sol.

Meu principal ponto de interesse em relação a esse grupo de convidados se concentrava, eu me lembro, em uma figura, a de uma bela menina, que eu havia visto anteriormente como visitante de Madame Beck, e a cujo respeito me haviam dito vagamente que era uma “filleule”, ou afilhada, de M. Emanuel, e que entre a mãe dela, ou tia, ou alguma outra parenta, e o Professor, tinha havido antigamente uma amizade especial. M. Paul não fazia parte desse grupo naquele dia, mas eu havia visto essa menina com ele antes desse dia, e, tanto quanto uma observação distante me permitisse julgar, ela parecia apreciar a companhia dele com a naturalidade sincera de uma pupila com um guardião indulgente. Eu a

havia visto correndo na direção dele, colocar o braço no dele, e se apoiar nele. Certa vez, quando ela fez isso, uma curiosa sensação se apoderara de mim; uma desagradável sensação antecipatória, pertencente à família dos pressentimentos, eu suponho; mas me recusei a analisá-la ou a ficar pensando nela. E enquanto observava essa menina, cujo nome era Mademoiselle Sauveur, seguindo o brilho do seu luminoso vestido de seda (ela sempre estava muito bem-vestida, pois diziam que era rica) através das flores e das folhas brilhantes de um suave tom de esmeralda, meus olhos ficaram turvos; eles se cerraram; minha lassidão, o calor do dia, o zumbido das abelhas, tudo isso me embalou, e finalmente adormeci.

Duas horas se passaram sem eu perceber. Antes que eu acordasse, o sol se encontrava fora do alcance da minha vista atrás das casas altas, o jardim e a sala estavam na penumbra, as abelhas haviam partido, e as flores estavam se fechando: o grupo de convidados também havia desaparecido; todas as aleias estavam vazias.

Ao acordar, eu me senti muito bem e não enregelada, como deveria ter me sentido depois de ficar sentada, parada, por pelo menos duas horas; minha face e meus braços não estavam adormecidos devido à pressão contra a mesa dura. Não era de se espantar. Em vez da madeira nua sobre a qual eu os pousara, descobri um xale grosso, cuidadosamente dobrado, servindo de suporte, e outro xale (ambos apanhados no corredor, onde tais peças ficavam penduradas) cuidadosamente colocado ao redor do meu corpo.

Quem fizera isso? Quem era minha amiga? Qual das professoras? Qual das alunas? Nenhuma, com exceção da St. Pierre, era minha inimiga; mas qual delas tinha o engenho, a ideia, o hábito de favorecer com tanta ternura? Qual delas tinha os passos tão silenciosos, as mãos tão gentis, para que eu não a tivesse escutado ou sentido, se ela se aproximasse de mim ou me tocasse durante um sono diurno?

Quanto a Ginevra Fanshawe, a bela e jovem criatura não era de modo algum gentil, e certamente me empurraria da cadeira se tivesse interferido. Finalmente, eu disse: “Isso é do feitio de Madame Beck; ela entrou, me viu adormecida, e achou que eu poderia me resfriar. Ela me considera uma

máquina útil, que atende aos propósitos para os quais foi empregada; então não iria querer que eu ficasse doente sem a menor necessidade. E agora", pensei comigo mesma, "vou dar uma volta; o anoitecer está ameno e não muito frio".

Então abri a porta de vidro e saí para o berceau.

Fui para minha própria aleia: caso estivesse escuro, ou mesmo escurecendo, eu mal me aventuraria a ir lá, pois ainda não havia esquecido a curiosa ilusão de visão (se é que era uma ilusão) que eu tivera naquele lugar alguns meses antes. Mas, um raio do sol poente ainda dava brilho ao domo cinzento de S. João Batista; nem todos os pássaros do jardim haviam desaparecido em seus ninhos entre as moitas de arbustos e a espessa trepadeira da parede. Caminhei para lá e para cá, pensando quase as mesmas coisas sobre as quais refletira naquela noite em que enterrara minha garrafa de vidro: como eu poderia progredir na vida, dar mais um passo adiante para ter uma posição independente; pois essa linha de reflexão, embora não tivesse sido seguida nos últimos tempos, nunca me abandonara por completo; e sempre que certos olhos se desviavam de mim, e certa fisionomia se ensombrecia com falta de gentileza e injustiça, eu me encaminhava nessa linha de especulações na mesma hora; de modo que, aos poucos, eu havia esboçado uma parte de um plano.

"O custo de vida é baixo", eu disse para mim mesma, "nesta econômica cidade de Villette, onde as pessoas são mais sensatas do que eu suponho que sejam na querida e velha Inglaterra, infinitamente menos preocupadas com a aparência, e menos inclinadas à exibição; onde ninguém se sente nem um pouco envergonhado por ser tão simples e frugal quanto julga conveniente. O aluguel de uma casa, em uma situação escolhida com prudência, não tem de ser alto. Quando eu tiver poupado mil francos, vou alugar uma sala grande, e duas ou três menores, mobiliar a primeira com alguns bancos e mesas, um tableau negro, um estrade para mim mesma; sobre ele, uma cadeira e uma mesa, com uma esponja e um pouco de giz branco; começo pegando alunas externas, e assim abro meu caminho na direção de algo melhor. O início de Madame Beck, como eu já a ouvi dizer tantas vezes, não se encontrava em um ponto mais alto, e onde

se encontra ela agora? Todas essas salas e este jardim são dela, comprados com dinheiro dela; ela tem dinheiro guardado já garantido para a velhice, e um estabelecimento florescente sob sua direção, que irá proporcionar uma carreira para suas filhas.

"Coragem, Lucy Snowe! Com abnegação e economia agora, e um esforço continuado em seguida, você tem condições de alcançar um objetivo na vida. Não se arrisque a lamentar que tal objetivo é por demais egoísta, muito limitado e sem interesse; fique contente em trabalhar pela independência até você ter provado, conquistando esse prêmio, seu direito de olhar mais para o alto. Mas, depois disso, não há nada mais na vida para mim, nenhum verdadeiro lar, nada que me seja mais caro que eu própria, e que por sua preciosidade ímpar extraia de mim mesma coisas melhores do que eu me importo em cultivar somente para mim? Nada, a cujos pés eu possa, de boa vontade, depor o pesado fardo do egoísmo humano, e gloriosamente assumir a mais nobre tarefa de labutar e viver pelos outros? Eu suponho, Lucy Snowe, que a órbita de sua vida não deva ser tão completa: para você, a fase crescente deve ser o bastante. Muito bem. Eu vejo uma grande quantidade de seres humanos em circunstâncias que não são melhores. Vejo que muitos grandes homens, e muito mais mulheres, passam por todo o período de sua vida em condições de negação e de privação. Não encontro motivo pelo qual eu deva ser um dos poucos favorecidos. Eu acredito em certa mistura de esperança e de luz do sol suavizando os fardos mais pesados. Acredito que esta vida não é tudo; nem o começo nem o fim. Acredito enquanto tremo; confio enquanto choro."

Então esse assunto está encerrado. É bom encarar, sem temor, os balancetes de nossa vida de vez em quando, e fazer um acerto de contas de modo honesto. E é um desventurado trapaceiro aquele que mente para si mesmo enquanto avalia os itens, e coloca na coluna intitulada felicidade aquilo que é miséria. Chamem a angústia de angústia, e o desespero de desespero; escrevam ambos em letras fortes com uma pena resoluta; vocês irão pagar de modo melhor suas dívidas para com o Destino. Falsifiquem: insiram "privilégio" onde deveriam ter escrito "dor"; e vejam se seu poderoso credor permitirá que a fraude seja aprovada, ou aceitará a moeda

com a qual vocês o trapaceariam. Ofereçam ao mais forte (ainda que seja o mais sombrio dos anjos das hostes de Deus) água, quando ele solicitou sangue — ele a aceitará? Nem todo um mar pálido em troca de uma gota vermelha. Eu fiz outro acordo.

Fazendo uma pausa na frente de Matusalém, a gigante e matriarca do jardim, e recostando minha testa contra seu tronco enrugado, meu pé se apoiou na pedra que lacrava o pequeno sepulcro em suas raízes; e eu me lembrei do episódio sentimental lá enterrado; lembrei-me do Dr. John; minha afeição profunda por ele; minha fé em seu valor; meu deleite em sua graça. O que havia acontecido com aquela curiosa amizade unilateral que era em parte mármore e em parte vida, só de um lado verdade, e do outro talvez uma zombaria?

Estaria esse sentimento morto? Eu não sabia, mas ele estava enterrado. Às vezes eu achava que a tumba estava inquieta, e tinha sonhos estranhos com a terra remexida, e cabelos, ainda dourados e vivos, escapando por entre as fendas do caixão.

Eu havia sido precipitada? Eu costumava me perguntar, e essa pergunta aparecia com uma pungência cruel após alguma conversa rápida e casual com o Dr. John. Ele ainda tinha o olhar tão gentil, as mãos tão cálidas; sua voz ainda conservava um modo tão agradável de dizer meu nome; eu nunca gostei tanto de "Lucy" como quando ele o pronunciava. Porém, aprendi com o tempo que essa benevolência, essa cordialidade, essa música não me pertenciam de forma alguma: isso era parte dele; era a doçura do seu gênio; era o bálsamo do seu temperamento gentil; ele o distribuía, assim como a fruta madura recompensa com doçura a abelha gatuna; ele os espalhava ao seu redor, como as plantas doces emanam seu perfume. O pêssego ama a abelha ou o pássaro que ele alimenta? A eglantina está apaixonada pelo ar?

"Boa-noite, Dr. John; você é bom, você é belo; mas você não é meu. Boa-noite, e Deus o abençoe!"

E assim eu encerrei minhas reflexões. O "Boa-noite" foi pronunciado por meus lábios; eu ouvi as palavras sendo ditas, e então ouvi um eco, muito próximo.

— Boa-noite, Mademoiselle; ou melhor, boa-tarde; o sol mal se pôs; espero que a senhorita tenha dormido bem.

Tive um sobressalto, mas fiquei perturbada só por uns instantes; eu conhecia a voz e quem estava falando.

— Dormi, Monsieur! Quando? Onde?

— A senhorita pode muito bem perguntar quando… e onde. Parece que a senhorita troca o dia pela noite, e escolhe uma mesa como travesseiro; um alojamento um tanto duro…

— Alguém o deixou macio para mim enquanto eu dormia, Monsieur. Aquele ser invisível, que me traz presentes e que assombra minha mesa, se lembrou de mim. Não importa como eu adormeci; acordei com travesseiro e coberta.

— Os xales mantiveram a senhorita aquecida?

— Muito aquecida. O senhor espera agradecimentos por eles?

— Não. A senhorita parecia pálida ao dormir: está com saudades de casa?

— Para ter saudades de casa, é preciso ter uma casa, que eu não tenho.

— Então a senhorita precisa ainda mais de um amigo cuidadoso. Eu mal conheço alguém, Srta. Lucy, que precise de um amigo com mais urgência que a senhorita; seus próprios defeitos exigem-no incontestavelmente. A senhorita precisa muito de fiscalização, controle e coibição.

Essa ideia de "coibição" não saía nunca da cabeça de M. Paul; no meu caso, a mais habitual forma de subjugação não teria conseguido fazer com que ele a abandonasse. Não importa, o que isso queria dizer? Eu o ouvi, e não me dei ao trabalho de ser submissa demais; o trabalho dele se teria acabado caso eu não lhe deixasse nada para ser "coibido".

— A senhorita precisa de vigilância, e vigilância redobrada — prosseguiu ele —, e é bom para a senhorita que eu perceba isso, e faça o melhor possível para cumprir as duas tarefas. Eu observo a senhorita e as demais muito de perto, com muita constância, com maior proximidade e frequência do que a senhorita, ou elas, imaginam. Está vendo aquela janela com uma luz?

Ele apontou para uma gelosia em uma das alas de dormitórios da escola.

— Aquele — disse ele — é um quarto que eu aluguei, oficialmente, para ser um estúdio; virtualmente, para ser um posto de observação. Lá eu me sento e leio por horas a fio: é meu jeito de ser… meu gosto. Meu livro é este jardim; seu conteúdo é a natureza humana; a natureza humana feminina. Eu conheço vocês todas de cor. Ah! Eu as conheço muito bem… St. Pierre, a parisienne… cette maîtresse-femme, [1] minha própria prima Beck."

— Isso não está certo, Monsieur.

— Comment? [2] Não está certo? Segundo a crença de quem? Algum dogma de Calvino ou de Lutero condena isso? E o que isso significa para mim? Não sou protestante. Meu pai, que era rico (pois, embora eu tenha conhecido a pobreza, e certa vez tenha passado fome por um ano em um sótão em Roma, passado uma fome desgraçada, muitas vezes uma única refeição por dia, e às vezes nem isso… e, contudo, eu nasci rico), meu pai, que era rico, era um bom católico, e ele me deu um padre jesuíta como tutor. Eu conservo as lições dele; e a quais descobertas, grand Dieu!, [3] elas não têm me conduzido!

— Descobertas feitas às escondidas, para mim, parecem ser descobertas desonrosas.

— Puritaine! [4] Não duvido disso. Entretanto, veja como meu sistema jesuíta funciona. Mademoiselle conhece a St. Pierre?

— Parcialmente.

Ele deu risada.

— A senhorita diz muito bem — "*parcialmente* ", ao passo que eu a conheço *profundamente* ; eis a diferença. Na minha frente, ela fingiu ser amável; me ofereceu patte de velours; [5] acariciou, lisonjeou, me elogiou. Bem, eu sou passível de ser lisonjeado por uma mulher… passível, contra minha razão. Embora nunca tenha sido bonita, ela era, quando eu a conheci, jovem, ou sabia como parecer jovem. Como todas as suas conterrâneas, conhecia a arte de se vestir, possuía certa autoconfiança

social despreocupada e tranquila, que me poupou a dor de me sentir embaraçado…

— Monsieur, isso não teria sido necessário. Eu nunca o vi embaraçado em minha vida.

— Mademoiselle, a senhorita me conhece muito pouco; eu posso ficar tão embaraçado quanto uma petite pensionnaire; [6] há em minha natureza uma reserva de modéstia e de timidez…

— Monsieur, eu nunca vi isso.

— Mademoiselle, ela está aqui. A senhorita deveria tê-la visto.

— Monsieur, eu já o observei em público: em plataformas, em tribunas, à frente de cabeças coroadas e de títulos… e o senhor estava tão à vontade como fica na terceira turma.

— Mademoiselle, título ou cabeças coroadas não excitam minha modéstia; e aparecer em público é em grande parte meu elemento. Eu gosto muito disso, e nisso me sinto muito à vontade… mas… mas, resumindo, eis o sentimento posto em ação, neste preciso momento; entretanto, eu desprezo ser derrotado por ele. Se, Mademoiselle, eu fosse um homem casadouro (o que eu não sou, e a senhorita pode se poupar o trabalho de qualquer zombaria em que possa estar pensando por causa dessa ideia), e julgasse necessário perguntar a uma senhora se ela olharia para mim sob a luz de um futuro marido, então seria provado que sou, como digo, modesto.

Eu acreditava bastante nele então; e, acreditando, eu o honrava com uma sinceridade de afeição que fez meu coração doer.

— Quanto à St. Pierre — prosseguiu ele, se recobrando, pois sua voz se havia alterado um pouco —, certa vez ela tencionou ser Madame Emanuel; e eu não sei até onde eu teria sido levado, se não fosse por aquela pequena gelosia lá no alto com a luz. Ah, gelosia mágica! Que milagres de descobertas tu realizaste! Sim — prosseguiu ele —, eu presenciei os rancores, as vaidades, as frivolidades dela… não somente aqui, mas em outros lugares: testemunhei o que me protege contra todas as artimanhas dela: estou a salvo da pobre Zélie.

— E minhas alunas — continuou ele em seguida — essas blondes jeunes filles… [7] tão meigas e modestas… Eu já vi as mais recatadas brincando como meninos; as mais tímidas arrancando uvas das paredes, sacudindo as pereiras para pegar frutas. Quando a professora de inglês chegou, eu a vi, notei sua preferência inicial por esta aleia, percebi o gosto dela pela reclusão, observei-a bem, muito antes de ela e eu começarmos a conversar; a senhorita se lembra de uma vez eu ter me aproximado silenciosamente e oferecido um pequeno ramo de violetas brancas, quando ainda não nos conhecíamos bem?

— Eu me lembro disso. Sequei as violetas, guardei-as, e ainda as tenho.

— Fiquei satisfeito quando a senhorita as aceitou tranquilamente, e na hora, sem melindre, esse sentimento que eu temo suscitar, e que, quando é revelado nos olhos ou nos gestos, eu detesto com todas as forças. Retomando. Não somente *eu* a observei; mas, tantas vezes, sobretudo ao anoitecer, outro anjo da guarda estava silenciosamente pairando por perto: uma noite depois da outra, minha prima Beck desceu silenciosamente aqueles degraus, e seguiu seus movimentos com passos leves quando a senhorita não a via.

— Mas, Monsieur, da distância dessa janela o senhor não poderia ver o que se passava neste jardim à noite.

— Com a luz da lua, seria possível ver com um binóculo (eu uso um binóculo), mas o próprio jardim está aberto para mim. No depósito de ferramentas, no fundo, há uma porta que leva a um pátio, que se comunica com o colégio; eu tenho a chave dessa porta, e assim venho e vou de acordo com minha vontade. Esta tarde eu vim por ela, e encontrei a senhorita adormecida na sala; novamente esta tarde eu havia me servido do mesmo modo de entrar.

Eu não pude deixar de dizer:

— Se o senhor fosse um homem maldoso e mal intencionado, quão terrível tudo isso seria!

Parecia impossível atrair a atenção dele com esse ponto de vista a respeito do assunto: ele acendeu seu charuto e, enquanto soltava suas

baforadas, recostado a uma árvore, e me olhando do jeito frio e divertido que ele tinha quando estava com o humor tranquilo, achei adequado continuar a lhe fazer um sermão: tantas vezes ele havia me repreendido horas a fio; eu não via por que eu não poderia dizer o que pensava pelo menos uma vez. Então, eu lhe falei de minhas impressões relativas ao seu sistema jesuíta.

— O conhecimento que ele lhe traz custa muito caro para o senhor, Monsieur; essas idas e vindas sub-reptícias degradam sua dignidade.

— Minha dignidade! — exclamou ele, rindo. — Quando a senhorita chegou a me ver preocupado com minha dignidade? É a senhorita que é "digne", [8] Srta. Lucy. Quantas vezes, em sua presença insular, eu senti prazer em destruir o que a senhorita gosta de chamar de minha dignidade; estraçalhando-a, atirando-a aos quatro ventos, naquelas manifestações insanas que a senhorita testemunha com tanta hauteur, [9] e que eu sei que a senhorita considera muito parecidas com os desvarios de um ator londrino de terceira categoria.

— Monsieur, eu lhe digo que cada olhar que o senhor lança daquela gelosia é um crime contra a melhor parte da sua própria natureza. Estudar o coração humano dessa maneira é se banquetear em segredo, e de modo sacrílego, com as maçãs de Eva. Eu gostaria que o senhor fosse um protestante.

Indiferente a esse desejo, ele continuou a fumar. Depois de um período de silêncio sorridente, e ao mesmo tempo pensativo, ele disse, de repente:

— Eu vi outras coisas.

— Que outras coisas?

Afastando o charuto dos lábios, ele jogou o resto entre os arbustos, onde, por uns instantes, ele ficou brilhando na escuridão.

— Olhe só para ele. Esse brilho não se parece com olhos que observam a senhorita e a mim?

Ele deu uma volta na aleia; retornando logo em seguida, continuou:

— Eu tenho visto, Srta. Lucy, coisas que para mim são incompreensíveis, que me fizeram ficar acordado toda a noite, procurando uma solução, e não a encontrei ainda.

O tom de voz era peculiar; minhas veias se agitaram, ele me viu estremecer.

— Está com medo? E será das minhas palavras, ou daquele zeloso olho rubro que está acabando de se consumir?

— Estou com frio; a noite está ficando escura, e está tarde, e o ar mudou; é hora de entrar.

— Não passa muito das oito horas, mas a senhorita entrará logo. Responda apenas a esta pergunta.

Entretanto, ele fez uma pausa antes de fazer a pergunta. O jardim estava realmente ficando escuro; a noite havia chegado com as nuvens, e gotas de chuva começaram a tamborilar por entre as árvores. Eu esperava que ele percebesse isso, mas, naquele instante, ele parecia absorto demais para sentir a mudança.

— Mademoiselle, vocês protestantes acreditam no sobrenatural?

— Há uma divergência de teoria e de crença nesse aspecto entre os protestantes, assim como em outras seitas — respondi. — Por que, Monsieur, o senhor faz essa pergunta?

— Por que a senhorita estremece e fala com voz tão fraca? É supersticiosa?

— Tenho a constituição nervosa. Não gosto de discutir tais assuntos. Eu gosto ainda menos porque…

— A senhorita acredita?

— Não: mas aconteceu-me de ter impressões…

— Desde que a senhorita veio para cá?

— Sim; poucos meses atrás.

— Aqui? Nesta casa?

— Sim.

— Bon! Fico feliz com isso. Eu sabia, de algum modo, antes que a senhorita me dissesse. Eu tinha consciência do relacionamento entre mim e a senhorita. A senhorita é paciente, e eu sou colérico; a senhorita é quieta e pálida, e eu sou moreno e impetuoso; a senhorita é uma rígida protestante, e eu sou um tipo de jesuíta laico: mas, nós somos parecidos; há afinidade entre nós. A senhorita vê isso, Mademoiselle, quando olha no

espelho? A senhorita percebe que sua testa tem o mesmo formato da minha, que seus olhos são como os meus? A senhorita ouve que sua voz tem um pouco da entonação da minha? A senhorita sabia que tem muitos dos meus jeitos de olhar? Eu percebo tudo isso, e acredito que a senhorita tenha nascido sob a mesma estrela que eu. Sim, a senhorita nasceu sob a mesma estrela! Trema! Pois, quando isso acontece com os mortais, as tramas de seus destinos são difíceis de desemaranhar; agrupamentos e atrações acontecem; rupturas súbitas causam estragos na teia. Mas, essas "impressões", como a senhorita diz, com cautela inglesa. Eu também tenho tido minhas "impressões".

— Conte-as para mim, Monsieur.

— Eu não poderia desejar nada mais, e tencionar nada menos. A senhorita conhece a lenda desta casa e jardim?

— Conheço, sim. Dizem que há centenas de anos uma freira foi enterrada viva aqui, aos pés desta mesma árvore, sob o chão que agora nos sustenta.

— E que antigamente o fantasma de uma freira costumava andar para lá e para cá, aparecer e desaparecer.

— Monsieur, e se ele ainda anda para lá e para cá por aqui?

— Alguma coisa anda para lá e para cá: há uma forma que frequenta esta casa à noite, diferente de quaisquer formas que se manifestam durante o dia. Eu indiscutivelmente já vi algo, mais de uma vez; e, para mim, seu hábito conventual foi uma estranha visão, expressando mais do que ele pode dizer para qualquer outra criatura viva. Uma freira!

— Monsieur, eu também a vi.

— Eu previa isso. Quer essa freira seja de carne e sangue, ou algo que permanece quando o sangue se resseca e a carne se dissolve, provavelmente ela se relaciona tanto com a senhorita quanto comigo. Bem, eu tenciono descobrir o que ela é; isso tem me desconcertado até aqui, mas tenciono ir atrás desse mistério. Eu tenciono…

Em vez de dizer o que ele tencionava, repentinamente ele ergueu a cabeça; eu fiz o mesmo movimento no mesmo instante, nós dois olhamos para um ponto, a árvore alta que sombreava o grande berceau e descansava

alguns de seus galhos no teto da primeira classe. Tinha havido um som estranho e inexplicável vindo daqueles lados, como se os galhos daquela árvore tivessem oscilado por conta própria, e o peso de sua folhagem tivesse se agitado e chocado contra o tronco maciço. Sim; uma brisa mal se movia, e a pesada árvore estremecia, enquanto os frágeis arbustos se mantinham imóveis. Por alguns minutos, aconteceu entre as árvores e o mato e a folhagem um dilacerar e um arfar. Escuro como estava, me parecia que algo mais sólido que as sombras da noite ou as sombras dos galhos enegrecia os troncos. Finalmente, a convulsão cessou. Que nascimento sucedera a esse parto? Qual Dríade nascera desse agonizar? Nós observamos atentamente. Um sino tocou subitamente na casa: o sino chamando para as orações. Na mesma hora, em nossa aleia surgiu, vinda do berceau, uma aparição, toda branca e negra. Com um tipo de movimento raivoso, perto, muito perto de nossos rostos, passou rapidamente a própria FREIRA ! Jamais eu a vira com tanta clareza. Ela parecia ser alta e ter gestos decididos. Enquanto ela passava, o vento ficou mais forte, soluçando; a chuva caiu torrencial e fria, a noite parecia temê-la.

XXXII. A PRIMEIRA CARTA

É hora de perguntar onde se encontrava Paulina Mary. Em que ponto estava meu relacionamento com o suntuoso Hôtel Crécy? Esse relacionamento havia, por certo tempo, sido suspenso pela ausência: M. e a Srta. de Bassompierre tinham estado viajando, dividindo algumas semanas entre as províncias e a capital da França. O acaso me informou do retorno deles logo após ele ter ocorrido.

Eu estava caminhando em uma tarde amena por um boulevard tranquilo, andando devagar, desfrutando do benigno sol de abril, e de alguns pensamentos não desagradáveis, quando vi à minha frente um grupo de pessoas a cavalo, parando como se elas tivessem acabado de se encontrar, e trocando cumprimentos no meio da rua ampla, bem pavimentada e marginada de tílias; de um lado um cavalheiro de meia-idade e uma jovem, do outro — um homem jovem e belo. Muito graciosa era a expressão da jovem, sofisticada era a sua indumentária, delicado e majestoso era todo o seu aspecto. Enquanto eu olhava, senti que os conhecia e, aproximando-me um pouco mais, reconheci todos eles: o Conde Home de Bassompierre, sua filha e o Dr. Graham Bretton.

Quão animado estava o rosto de Graham! Que felicidade tão verdadeira, tão cálida, e, no entanto, tão decorosa ele expressava! Tal era o estado das coisas, tal era a combinação de circunstâncias para, ao mesmo tempo, atrair e aprisionar, reprimir e excitar o Dr. John. A pérola que ele admirava era por si só de grande valor e da maior das purezas, mas ele não era um homem que, ao apreciar a pedra preciosa, pudesse se esquecer de seu engaste. Tivesse ele visto Paulina com a mesma juventude, beleza e graça, mas a pé, sozinha, desacompanhada, e com uma indumentária simples, uma empregada, uma demi-grisette, [1] ele a teria julgado uma

criaturinha linda, e teria apreciado com os olhos os movimentos e a expressão dela; mas, era necessário algo além disso para conquistá-lo assim como ele havia sido conquistado, para trazê-lo a salvo sob controle assim como, sem perdas, e mesmo com ganhos para sua honra viril, era possível perceber que ele então estava; havia no Dr. John tudo do homem mundano; satisfazê-lo não era suficiente, a sociedade deveria aprovar, o mundo teria de admirar o que ele fazia, ou ele classificaria suas atitudes como falsas e fúteis. Ele exigia tudo aquilo que estava ali visível em sua conquistadora: a marca de uma educação refinada, a certeza de uma proteção cuidadosa e confiável, os acessórios que a Moda decreta, a Riqueza adquire e o Gosto ajusta; essas condições o espírito dele estipulara, até ele ceder: elas estavam ali satisfeitas até o ponto máximo; e agora, orgulhoso, apaixonado e, contudo, temeroso, ele homenageava Paulina como sua soberana. Quanto a ela, o sorriso do sentimento, e não o da consciência do poder, repousava suavemente em seus olhos.

Eles se separaram. Ele passou rapidamente por mim, mal sentindo o chão que roçava, e não vendo nada de lado nenhum. Tinha excelente aparência; impetuosidade e resolução estavam avivadas nele com toda a força.

— Papai, lá está Lucy! — exclamou uma voz musical e conhecida. — Lucy, querida Lucy… *venha* aqui!

Apressei-me na direção dela. Ela empurrou seu véu para trás, e inclinou-se na sela para me dar um beijo.

— Eu iria visitá-la amanhã — disse ela —, mas, então, amanhã você virá me visitar.

Ela indicou o horário, e eu garanti que iria.

A noite do dia seguinte presenciou nosso encontro, ela e eu fechadas no quarto dela. Eu não a havia visto desde aquela ocasião em que seus dotes foram comparados com os de Ginevra Fanshawe e haviam demonstrado sua superioridade com clareza; ela tinha muito a me contar sobre suas viagens nesse período. Uma falante muito entusiasmada e rápida ela estava em tal tête-à-tête, uma narradora muito vivaz; contudo, com sua pronúncia natural e sua voz tão clara e doce, nunca parecia falar

rápido demais ou dizer coisas em excesso. Minha própria atenção, eu acho, não teria diminuído tão cedo, mas, em seguida, Paulina parecia desejar certa mudança de assunto; ela se apressou a concluir sua narrativa em pouco tempo. Contudo, a razão pela qual ela acabara com um resumo tão conciso não ficou imediatamente óbvia; um silêncio se seguiu; um silêncio desassossegado, não desprovido de indícios de distração. Então, voltando-se para mim com uma voz tímida, e com certo tom de apelo:

— Lucy…

— Bem, estou ao seu lado.

— Minha prima Ginevra ainda está na escola de Madame Beck?

— Sua prima ainda está lá; você deve estar com vontade de vê-la.

— Não… não muito.

— Você gostaria de convidá-la para passar outra noite com você?

— Não… Suponho que ela ainda fale em se casar.

— Não com alguém com quem você se importe.

— Mas, naturalmente, ela ainda pensa no Dr. Bretton? Ela não pode ter mudado de ideia a esse respeito, porque parecia estar tão certa há dois meses.

— Ora, você sabe que isso não importa. Você viu em quais termos eles estavam.

— Houve um pequeno mal-entendido naquela noite, com certeza; ela parece estar triste?

— Não. Mudando de assunto: você tem ouvido falar de Graham, ou teve notícias dele, durante sua ausência?

— Papai recebeu cartas dele uma ou duas vezes, a respeito de negócios, creio. Ele assumiu o controle de certo negócio que requeria atenção enquanto nós estivéssemos fora. O Dr. Bretton parece respeitar papai, e ter prazer em favorecê-lo.

— Sim: vocês o encontraram ontem, no boulevard; você teria condição de dizer, julgando pelo aspecto dele, que seus amigos não precisam ter a menor ansiedade em relação à saúde dele?

— Papai parece ser da mesma opinião que você. Eu não pude deixar de sorrir. Ele não é particularmente observador, você sabe, porque com

frequência está pensando em outras coisas além das que acontecem na frente dele; mas ele disse, quando o Dr. Bretton se afastou: “Realmente, faz bem para um homem ver o espírito e a energia desse menino”. Ele chamou o Dr. Bretton de menino; eu acho que ele quase o vê dessa maneira, assim como pensa que eu sou uma menininha; ele não estava falando comigo, mas fez essa observação para ele próprio. Lucy…

Novamente surgiu o tom de apelo e na mesma hora ela se levantou da cadeira e sentou-se no banquinho aos meus pés.

Eu gostava dela. Não é uma declaração que eu tenha feito muitas vezes em relação às pessoas que conheço, durante esta narrativa: o leitor terá de tolerá-la esta vez. Um relacionamento íntimo e uma observação detalhada mostravam em Paulina apenas aquilo que era delicado, inteligente e sincero: portanto, minha estima por ela era profunda. Uma admiração mais superficial poderia ter sido mais aparente; a minha, entretanto, era silenciosa.

— O que você quer perguntar para Lucy? — disse eu. — Seja corajosa, e fale!

Mas, não havia coragem em seus olhos; quando se encontraram com os meus, eles se abaixaram; e não havia frieza no seu rosto, nem um rubor superficial passageiro, mas uma crescente excitação íntima intensificou sua cor e sua temperatura.

— Lucy, eu quero *mesmo* saber o que você pensa a respeito do Dr. Bretton. Dê-me, *dê-me* sua verdadeira opinião a respeito do caráter e do temperamento dele.

— O caráter dele é tido em alta conta, e merecidamente alta.

— E o temperamento dele? Fale-me sobre o temperamento dele — insistiu ela. — Você o conhece bem.

— Eu o conheço bastante bem.

— Você conhece o lado doméstico dele. Você o viu com a mãe; fale dele como filho.

— Ele é um filho que tem bom coração; é o conforto e a esperança da mãe, o orgulho e o prazer dela.

Ela segurava minha mão entre as dela, e a cada palavra favorável fazia-lhe uma pequena carícia.

— E em quais outros aspectos ele é bom, Lucy?

— O Dr. Bretton é benevolente… tendo uma inclinação muito humanitária em relação às pessoas, o Dr. Bretton seria benigno para com o mais ínfimo dos selvagens, ou para com o pior dos criminosos.

— Eu ouvi alguns cavalheiros, alguns dos amigos do papai, que estavam falando a respeito dele, dizerem a mesma coisa. Eles dizem que muitos dos pacientes pobres do hospital, que tremem perante alguns médicos impiedosos e egoístas, o acolhem bem.

— Eles têm razão; eu testemunhei isso. Certa vez ele me levou a um hospital; eu vi como ele foi recebido; os amigos do seu pai têm razão.

A mais doce gratidão iluminou seus olhos enquanto ela os erguia por uns instantes. Ela ainda tinha mais coisas a dizer, mas parecia hesitar a respeito do momento e do lugar. A escuridão estava começando a imperar; o fogo na sala já brilhava com a vermelhidão do crepúsculo; mas eu achava que ela gostaria que a sala estivesse mais escura, que a hora fosse mais tardia.

— Quão quietas e isoladas nós nos sentimos aqui! — observei, para reassegurá-la.

— Nós nos sentimos? Sim; é um fim de tarde calmo, e eu não serei chamada para o chá; papai vai jantar fora.

Ainda segurando minha mão, ela brincou inconscientemente com os dedos, colocou neles os seus anéis, e depois os envolveu com uma mecha de seus lindos cabelos; deu uns tapinhas na face quente com a palma da mão e, finalmente, tendo deixado ainda mais clara a voz que era naturalmente límpida como a de uma cotovia, ela disse:

— Você deve achar muito estranho que eu fale tanto a respeito do Dr. Bretton, faça tantas perguntas, tenha tanto interesse, mas…

— Não é nem um pouco estranho; é perfeitamente natural, você gosta dele.

— E se eu gostasse — respondeu ela, com uma ligeira prontidão —, seria essa uma razão para que eu falasse? Suponho que você me considere

fraca, como minha prima Ginevra.

— Se eu achasse você só um pouquinho parecida com Madame Ginevra, eu não estaria sentada aqui esperando o que você tem a dizer. Eu me levantaria, andaria tranquila pelo cômodo, e anteciparia tudo que você tivesse a dizer com um belo sermão. Prossiga.

— Eu pretendo prosseguir — retrucou ela —, o que mais você acha que eu pretendo fazer?

E ela estava com a aparência e falava como a pequena Polly de Bretton, petulante e sensível.

— Se — disse ela, enfática —, se eu gostasse do Dr. John a ponto de estar pronta a morrer de tanto gostar dele, só isso não me autorizaria a ser nada além de silenciosa… tão silenciosa quanto um túmulo… tão silenciosa quanto você, Lucy Snowe… você sabe disso… e você sabe que você iria me desprezar se eu não conseguisse me controlar, e ficasse me lamuriando por causa de alguma frágil afeição que fosse só uma coisa da minha parte.

— É verdade que eu sinto pouco respeito por mulheres ou moças que falam demais ou se vangloriam de seus triunfos, ou se lamentam das mortificações de seus sentimentos. Porém, quanto a você, Paulina, fale, pois eu sinceramente desejo ouvi-la. Diga-me tudo que poderá causar-lhe prazer ou alívio em dizer: não peço mais nada.

— Você se importa comigo, Lucy?

— Sim, me importo, Paulina.

— E eu amo você. Eu sentia um estranho contentamento em ficar com você até mesmo quando eu era uma menina pequena, enfadonha e desobediente; e nessa época me parecia uma delícia prodigalizar minha má-criação e meus caprichos em você. Agora você é gentil comigo, e eu gosto de conversar com você e confio em você. Então ouça, Lucy.

E ela se acomodou, apoiando-se no meu braço, apoiando-se com delicadeza, não com o peso cansativo e egoísta da honesta Mistress Fanshawe.

— Poucos minutos atrás você me perguntou se nós não tínhamos tido notícias de Graham durante nossa ausência, e eu falei que papai recebeu

duas cartas relativas a negócios; isso é verdade, mas não falei tudo.

— Você omitiu alguma coisa?

— Usei de evasivas e de frases equívocas, você sabe. Entretanto, vou dizer a verdade agora; está escurecendo, dá para falar com tranquilidade. Inúmeras vezes, papai permite que eu abra o pacote de correspondência e lhe dê o conteúdo. Certa manhã, há umas três semanas, você não sabe como eu me surpreendi ao encontrar, entre umas doze cartas para M. de Bassompierre, um bilhete endereçado à Srta. de Bassompierre. Eu o vi na hora, entre todo o resto da correspondência; a caligrafia não era estranha, ela me chamou a atenção na hora. Eu estava quase dizendo: "Papai, eis outra carta do Dr. Bretton", mas o "Srta." me deixou muda. Na verdade, eu jamais tinha recebido uma carta de um cavalheiro antes. Eu deveria tê-la mostrado para o papai, e permitir que ele a abrisse e a lesse em primeiro lugar? Eu não consegui fazer isso, de jeito nenhum, Lucy. Eu conheço tão bem as ideias do papai a meu respeito: ele se esquece da minha idade; acha que eu sou uma menininha em idade escolar; não tem consciência de que outras pessoas veem que eu cresci tanto quanto poderia crescer; então, com uma estranha mescla de sentimentos, alguns deles de autocensura e outros tão palpitantes e fortes que não consigo descrevê-los, entreguei ao papai suas doze cartas, o seu rebanho, e conservei a minha, meu cordeirinho. Ela ficou no meu regaço durante o café da manhã, olhando-me com um sentido inexplicável, fazendo com que eu me sentisse um ser com dupla existência: uma criança para aquele papai tão querido, mas nem um pouco criança para mim mesma. Depois do café da manhã, levei minha carta para o andar de cima e, tendo me garantido fechando a porta com a chave, comecei a analisar a parte exterior do meu tesouro: passaram-se alguns minutos antes que eu pudesse chegar ao endereço e analisar o lacre; não é possível se apoderar de uma fortaleza como essa com um ataque súbito; é preciso montar acampamento perante ela, como dizem os guerreiros. A letra de Graham é como ele mesmo, Lucy, bem como o seu lacre, tudo limpo, firme e equilibrado, nada de cera descuidadamente espalhada; um pingo cheio, sólido e firme, uma marca nítida; nada de arestas perfurando com força o nervo ótico, mas um manuscrito claro,

maduro e agradável, que deixa você calma enquanto lê. É como o rosto dele, assim como os traços da sua fisionomia: você conhece a letra dele?

— Já a vi; prossiga.

— O lacre era bonito demais para ser quebrado, então cortei ao redor dele com minha tesoura. Quando finalmente estava a ponto de ler a carta, uma vez mais eu me contive, de modo voluntário; era cedo demais para beber aquele cordial… o cintilar na taça era tão belo… eu iria ficar olhando mais um pouquinho. Então me lembrei na hora de que não tinha feito minhas orações naquela manhã. Tendo ouvido papai descer para o café da manhã um pouquinho mais cedo que o costumeiro, eu tinha tido receio de fazê-lo ficar esperando, e me apressei a me juntar a ele assim que me vesti, pensando que não faria mal deixar as orações para um pouquinho mais tarde. Algumas pessoas poderiam dizer que eu teria de ter servido a Deus em primeiro lugar, e depois ao homem; porém, não acredito que o céu fosse sentir ciúmes de qualquer coisa que eu pudesse fazer para o papai. Acredito que eu seja supersticiosa. Uma voz parecia então me dizer que outro sentimento além do filial estava em jogo, insistindo para que eu rezasse antes de ousar ler aquilo que eu desejava tanto ler, negar a mim mesma mais um momento, e me lembrar em primeiro lugar de um grande dever. Eu tenho tido esses impulsos desde que consigo me lembrar. Coloquei a carta de lado e fiz minhas orações, acrescentando, no final, um forte apelo para que, qualquer coisa que acontecesse, eu não pudesse ser tentada ou levada a causar ao papai qualquer dissabor, e não fosse jamais capaz, por me importar com outros, de negligenciá-lo. A simples ideia de tal possibilidade fez meu coração doer tanto que me fez chorar. Mas, mesmo assim, Lucy, senti que, na hora certa, papai teria de conhecer a verdade, ser controlado, induzido a ouvir a voz da razão.

Eu li a carta. Lucy, dizem que a vida é só decepção. *Eu* não fiquei decepcionada. Antes de ler, e enquanto lia, meu coração ia além do pulsar: ele batia com força, cada palpitação parecia o resfolegar de um animal sedento, agachado em um poço e bebendo; e o poço provou ser pleno, gloriosamente claro; ele se encheu, abundante, por vontade própria; eu vi o

sol através de seu jorrar, e nem um grão de poeira, Lucy, nem musgo, nem inseto nem um átomo no dourado cordial três vezes depurado.

Dizem — prosseguiu ela — que a vida é repleta de dor para alguns. Eu li biografias nas quais o andarilho parecia caminhar de um sofrimento para outro; em que a Esperança corria à frente dele rapidamente, nunca se aproximando demais, ou permanecendo o tempo suficiente para dar à mão dele uma chance de conseguir segurá-la com um aperto firme. Eu li a respeito daqueles que semearam em meio às lágrimas, e cuja colheita, longe de ser ceifada na alegria, pereceu por causa de uma praga prematura, ou foi arrancada por uma tempestade súbita; e, infelizmente!, alguns deles se depararam com o inverno com as despensas vazias, e morreram na miséria total no período mais sombrio e frio do ano.

— E foi por culpa delas, Paulina, que essas pessoas de quem você fala tenham morrido desse modo?

— Nem sempre foi culpa delas. Algumas delas eram pessoas boas e esforçadas. Eu não sou esforçada, nem boa de um modo ativo; contudo, Deus me fez crescer à luz do sol, com a rega necessária, e a proteção segura, amparada, abrigada, ensinada por meu querido pai; e agora… agora… aparece outra pessoa. Graham me ama.

Nós fizemos uma pausa de alguns minutos nesse clímax.

— Seu pai sabe? — perguntei em voz baixa.

— Graham falou com o maior respeito sobre o papai, mas deu a entender que ainda não ousava abordar esse assunto; em primeiro lugar ele tem de provar seu valor: acrescentou que precisaria ter certa ideia a meu respeito, e de meus sentimentos, antes de se arriscar a dar mais um passo na questão.

— E como você respondeu?

— Dei uma resposta concisa, mas não o repeli. Entretanto, quase tremi com medo de dar uma resposta muito cordial: o gosto de Graham é tão melindroso! Eu escrevi três vezes, deixando as frases mais recatadas e reprimindo-as a cada reescrita; finalmente, tendo-a preparado até ela me parecer ter mais a aparência de um pedaço de gelo temperado com um tão

ligeiro sabor de frutas ou de açúcar, eu me arrisquei a selá-la e despachá-la.

— Excelente, Paulina! Seus instintos são bons; você compreende o Dr. Bretton.

— Mas como eu vou fazer com o papai? Nesse ponto ainda estou perturbada.

— Não faça nada. Espere. Só não mantenha mais correspondência até seu pai saber de tudo e dar sua aprovação.

— E ele um dia a dará?

— O tempo vai dizer. Espere.

— O Dr. Bretton escreveu outra carta, profundamente grato pela minha resposta calma e concisa; mas eu antecipei seu conselho, Lucy, dizendo que, se meus sentimentos continuavam os mesmos, eu não poderia, sem o conhecimento do meu pai, escrever de novo.

— Você agiu como deveria ter feito; assim vai parecer para o Dr. Bretton. Isso vai aumentar o orgulho que ele sente por você, o amor dele por você, se um dos dois for possível de aumentar. Paulina, essa sua gentil camada de geada, rodeando tanta chama pura e fina, é um privilégio sem preço da natureza.

— Você percebe que eu entendo o temperamento de Graham — disse ela. — Eu sinto que nenhum tipo de delicadeza é refinado demais para tratá-lo.

— Está perfeitamente provado que você o compreende; mas, além disso, qualquer que fosse o caráter do Dr. Bretton, fosse ele alguém que esperasse ser mais ardentemente correspondido, você ainda teria agido de modo triunfante, honesto e terno com seu pai.

— Lucy, espero que eu possa agir sempre dessa maneira. Oh, vai ser doloroso despertar o papai do seu sonho, e dizer-lhe que não sou mais uma menininha!

— Não se apresse em fazê-lo, Paulina. Deixe essa revelação a encargo do Tempo e do seu gentil Destino. Eu também já percebi a gentileza dos cuidados dele para com você: não duvide que ele irá organizar as circunstâncias de modo benigno, e indicar com precisão a hora. Sim: eu

tenho refletido a respeito da sua vida assim como você mesma refletiu; fiz comparações como essas a que você aludiu. Nós não conhecemos o futuro, mas o passado tem sido propício. Eu temia por você quando era criança, nenhum ser vivo jamais foi mais suscetível em sua natureza na infância: sob rispidez ou negligência, nem seu ser externo nem o interno teriam amadurecido para que fossem o que são agora. Muita dor, muito temor, muita luta teriam perturbado os traços do seu rosto, rompido a regularidade deles, teriam atormentado seus nervos causando a febre de uma irritabilidade costumeira: você teria perdido em saúde e alegria, em graça e doçura. A Providência tem protegido e cultivado você, não somente para seu bem, mas acredito que para o bem de Graham. A estrela dele, também, foi afortunada; para desenvolver completamente o melhor da natureza dele, uma companheira como você era necessária: e cá está você, pronta. Vocês devem se unir. Eu soube isso no primeiro dia em que vi vocês juntos em La Terrasse. Em tudo que diz respeito a você e Graham me parece haver promessa, paz e harmonia. Não acho que a juventude luminosa de vocês dois vá demonstrar ser o prenúncio de uma época tempestuosa. Acho que se considera bom que vocês dois devam viver em paz e ser felizes; não como anjos, mas como são felizes poucos entre os mortais. Algumas vidas *são* abençoadas dessa maneira; é a vontade de Deus, é o traço comprovador e a evidência duradoura do Éden. Outras vidas desde o início percorrem outro caminho. Outros viajantes se deparam com tempo instável e tempestuoso, bravio e variável; enfrentam ventos adversos e são retardados e ultrapassados pela noite de inverno que começa tão cedo. Nada disso pode acontecer sem a sanção de Deus; e eu sei que, entre as obras ilimitadas Dele, em algum lugar está guardado o segredo dessa justiça final do destino: eu sei que os tesouros Dele contêm a prova e a promessa de Sua misericórdia.

XXXIII. M. PAUL MANTÉM SUA PROMESSA

No primeiro dia de maio, nós todas, ou seja, as vinte alunas internas e as quatro professoras, recebemos um aviso para acordar às cinco horas da manhã, estar vestidas e prontas às seis, nos colocar sob o comando de M. le Professeur Emanuel, que deveria nos guiar em nossa caminhada para fora de Villette, pois foi nesse dia que ele se propôs a cumprir sua promessa de nos levar para tomar café da manhã no campo. Na verdade, como o leitor talvez possa se lembrar, eu não tinha tido a honra de ser convidada quando essa excursão foi programada pela primeira vez; muito pelo contrário. Mas quando aludi a esse fato, e desejando saber o que aconteceria, minha orelha recebeu um puxão, e eu não me arrisquei a provocar a repetição dele suscitando novas dificuldades.

— Je vous conseille de vous faire prier [1] — disse M. Emanuel ameaçando, majestoso, a outra orelha. Um cumprimento napoleônico, contudo, era suficiente, então decidi que faria parte do grupo.

A manhã nasceu calma como o verão, com pássaros cantando no jardim, e uma ligeira névoa que prometia calor. Todas nós dissemos que o dia seria quente, e sentimos prazer em deixar de lado roupas quentes e usar vestimenta de acordo com a estação ensolarada. O limpo vestido estampado e a leve touca de palha, cada qual feito e arrematado como somente as costureiras francesas sabem fazer e arrematar, de modo a unir o absolutamente despretensioso com o perfeitamente adequado, era a regra da indumentária. Ninguém ostentava seda desbotada; ninguém usava uma roupa de segunda mão.

Às seis horas o sino soou alegre, e nós passamos em grupo pela escadaria e pelo carré, ao longo do corredor, e entramos no vestíbulo. Lá

estava nosso Professor, usando, não o seu paletôt de aspecto selvagem e o severo bonnet-grec, mas um casaco acinturado que aparentava ser novo e um jovial chapéu de palha. Ele desejou a nós todas o mais cordial bom dia, e quase todas nós tínhamos para ele um sorriso de agradecimento. Fomos organizadas e logo partimos.

As ruas ainda estavam silenciosas, e os boulevards estavam frescos e tranquilos como os campos. Acredito que estávamos muito felizes enquanto caminhávamos. Nosso chefe possuía o segredo de dar certo ímpeto à felicidade quando queria; assim como, em um estado de espírito contrário, conseguia dar excitação ao temor.

Ele não nos conduziu nem nos seguiu, mas caminhou ao lado da fila, dirigindo uma palavra a cada uma, falando bastante com suas favoritas, e não negligenciando completamente nem mesmo aquelas de quem não gostava. Eu desejava, por um motivo bem pessoal, manter-me ligeiramente afastada da atenção dele, e tendo como par Ginevra Fanshawe, suportando no meu braço a cara pressão do membro não desprovido de substância daquele anjo (ela continuava em excelente forma, e posso garantir para o leitor que não era coisa de pouca monta suportar o peso da beleza dela; muitas vezes, durante aquele dia quente, desejei ardentemente que existisse uma menor quantidade daquele encantador produto). Entretanto, tendo-a por companhia, como eu disse, tentei fazer com que ela fosse útil colocando-a sempre entre minha pessoa e M. Paul, trocando de lugar, conforme eu o ouvia vindo pelo lado direito ou esquerdo. Meu motivo pessoal para tal manobra poderia ser ligado à circunstância de eu estar usando um novo vestido estampado, que era cor-de-rosa; um fato que, sob nossa presente escolta, me fez sentir algo parecido com o que senti quando, usando um xale com uma borda vermelha, precisei atravessar um campo onde pastava um touro.

Por algum tempo, o sistema de troca, junto com certas mudanças no arranjo de um xale de seda negra, atendeu aos meus propósitos; porém, dentro de pouco tempo, M. Paul descobriu que, quer ele viesse deste lado ou daquele, a Srta. Fanshawe sempre era sua vizinha. O decorrer do relacionamento entre Ginevra e ele nunca havia sido tão tranquilo que seu

temperamento não passasse por certo processo de irritação sempre que ele ouvia o sotaque inglês dela: nada em seus temperamentos combinava; eles se chocavam se entrassem em contato; ele a considerava fútil e afetada; ela o julgava grosseiro, intrometido e repelente.

Finalmente, quando ele havia trocado de lugar talvez pela sexta vez, tornando a descobrir o mesmo desagradável resultado em seu experimento, esticou a cabeça para a frente, fixou seus olhos nos meus e perguntou, impaciente:

— Qu'est-ce que c'est? Vous me jouez des tours? [2]

As palavras mal haviam saído da sua boca, entretanto, e ele, com sua habitual perspicácia, compreendeu o motivo desse procedimento: em vão agitei a longa franja e estiquei a ponta mais larga do meu xale.

— A-h-h! c'est la robe rose! [3] — irrompeu de seus lábios, e isso soava para mim muito como o repentino e irado mugido de algum senhor dos campos.

— É só algodão — aleguei, apressada —, e mais barato, e mais fácil de lavar que qualquer outra cor.

— Et Mademoiselle Lucie est coquette comme dix parisiennes — respondeu ele. — A-t-on jamais vu une Anglaise pareille? Regardez plutôt son chapeau, et ses gants, et ses brodequins! [4]

Tais peças de indumentária eram exatamente iguais às usadas pelas minhas companheiras; certamente nem um pouquinho mais sofisticadas, talvez mais simples que a maioria. Mas Monsieur havia então caído em seu tema favorito, e comecei a me impacientar com o esperado sermão. Este aconteceu, contudo, tão ameno quanto a ameaça de tempestade às vezes surge em um dia de verão. Recebi somente uma admoestação sob a forma de um único sorriso zombeteiro dos olhos dele, e então ele disse — Courage!… à vrai dire je ne suis pas fâché, peut-être même suis-je content qu'on s'est fait si belle pour ma petite fête. [5]

— Mais ma robe n'est pas belle, Monsieur… elle n'est que propre. [6]

— J'aime la propreté [7] — disse ele. Resumindo, ele não ficaria descontente; o sol do bom humor deveria triunfar nessa manhã auspiciosa; ele consumia nuvens passageiras assim que elas o manchavam.

E nós estávamos então fora da cidade, entre o que eles chamavam de “les bois et les petits sentiers”. [8] Esses bosques e caminhos estreitos um mês mais tarde não ofereceriam mais que um poeirento e duvidoso recanto: naquele momento, contudo, no seu verdor de maio e na calma da manhã, eles tinham uma aparência muito agradável.

Chegamos a um determinado poço, rodeado, segundo o gosto de Labassecour, por um bem arrumado círculo de limoeiros: ali foi feita uma pausa; na ondulação verdejante que rodeava esse poço, recebemos ordem de nos sentar, Monsieur assumindo seu posto em meio a nós, e aceitando que nos juntássemos em um grupo ao seu redor. As que gostavam dele mais que o temiam se aproximaram, e elas eram, na maior parte, pequenas; as que o temiam mais do que gostavam dele se mantiveram um tanto afastadas; aquelas para quem muita afeição havia dado, até mesmo para o que restava de medo, um agradável sabor, mantiveram a maior distância.

Ele começou a nos contar uma história. E muito bem ele narrava: com aquela entonação que as crianças amam, e os homens cultos imitam; uma entonação simples em sua força e forte em sua simplicidade. Havia belos toques na pequena história; doces vislumbres de sentimento e matizes de descrição que, enquanto eu ouvia, penetraram na mente, e desde esse dia jamais feneceram. Ele retratou uma cena de crepúsculo e eu ainda a conservo na memória; um retrato como jamais vi saído da paleta de um artista.

Eu já disse que não tinha capacidade de improvisação; e talvez exatamente essa deficiência me fizesse ficar ainda mais maravilhada com aqueles que a possuíam à perfeição. M. Emanuel não era homem para escrever livros; porém, eu o ouvi distribuir, com uma prodigalidade descuidada e inconsciente, tamanha riqueza mental como os livros raramente oferecem; na verdade, a mente dele era minha biblioteca, e, sempre que ela era aberta para mim, eu mergulhava na felicidade. Intelectualmente imperfeita como eu era, podia ler muito pouco; havia poucos volumes impressos e encadernados que não me cansassem, cuja leitura não me fatigasse e ofuscasse; mas os volumes de pensamento de M.

Paul eram colírio para os olhos do espírito; com o conteúdo deles, a visão interior ficava mais límpida e forte. Eu costumava pensar que deleite seria para quem o amasse, mais do que ele amava a si mesmo, recolher e preservar aqueles punhados de pó de ouro, tão negligentemente atirados às negligentes asas do céu.

Tendo terminado sua história, ele se aproximou do outeiro onde eu e Ginevra nos sentávamos afastadas. Com seu habitual modo de querer saber uma opinião (ele não tinha reticências para esperar até que ela fosse voluntariamente oferecida), perguntou:

— A senhorita estava interessada?

De acordo com minha habitual maneira discreta, respondi simplesmente:

— Sim.

— Estava bom?

— Muito bom.

— Contudo, eu não conseguiria escrever aquilo — disse ele.

— Por que não, Monsieur?

— Eu odeio o trabalho mecânico; odeio ficar recurvado e ficar sentado, parado. Eu poderia ditar, contudo, com prazer, a um amanuense que me agradasse. Mademoiselle Lucy escreveria para mim, se eu lhe solicitasse?

— Monsieur seria rápido demais; iria insistir comigo, e ficaria zangado se minha pena não mantivesse o ritmo com os seus lábios.

— Tente algum dia; vamos ver em que tipo de monstro eu posso me transformar nessas circunstâncias. Mas, agora, não é o caso de ditar; tenciono fazer com que senhorita seja útil em outro serviço. Está vendo aquela casa de fazenda lá adiante?

— Rodeada de árvores? Sim.

— Devemos tomar o café da manhã lá; e, enquanto a boa fermière [9] prepara o café au lait [10] em um caldeirão, a senhorita e mais cinco moças, as quais eu irei selecionar, irão passar manteiga em meia centena de pãezinhos.

Tendo colocado sua tropa em posição uma vez mais, ele nos conduziu diretamente para a fazenda, que, vendo nossas forças, se rendeu sem capitulação.

Facas e pratos limpos, e manteiga fresca tendo sido providenciados, meia dúzia de nós, escolhidas por nosso Professor, começamos a trabalhar sob suas ordens, preparando para o café da manhã uma grande cesta de pãezinhos, com os quais o padeiro havia recebido ordens de suprir a fazenda, antecipando nossa vinda. Café e chocolate já estavam quentes; creme e ovos frescos foram acrescentados ao regalo, e M. Emanuel, sempre generoso, além disso, teria feito um grande pedido de "jambon" [11] e de "confitures", [12] se algumas de nós, que talvez valorizássemos demais nossa influência, não insistissem que isso teria sido um grande desperdício de alimentos. Ele nos repreendeu por causa da nossa preocupação, chamando-nos de "des ménagères avares"; [13] mas nós o deixamos falar, e controlamos a economia da refeição ao nosso modo.

Com que fisionomia agradável ele ficou parado, olhando, junto à lareira da cozinha da fazenda! Ele era um homem que se sentia feliz vendo outros felizes; gostava de ter movimento, animação, abundância e diversão ao seu redor. Nós lhe perguntamos onde ele se sentaria. Ele disse que nós sabíamos muito bem que ele era nosso escravo, e nós, suas tiranas, e que ele não ousava sequer escolher uma cadeira sem nossa permissão; então nós escolhemos para ele a grande cadeira do fazendeiro na cabeceira da mesa, e o fizemos sentar-se nela.

Nós podíamos gostar muito dele, apesar de todos os seus ímpetos e tempestades, quando às vezes ele sabia ser tão benigno e dócil como estava então. Na verdade, nos piores momentos, eram apenas seus nervos que eram irritadiços, não seu temperamento que fosse radicalmente ruim; acalme-o, compreenda-o e o conforte, e ele será um cordeirinho; não faria mal a uma mosca. Somente em relação aos muito estúpidos, perversos ou destituídos de simpatia, ele era um pouquinho perigoso.

Sempre zeloso da sua religião, ele pediu que a mais nova menina do grupo fizesse uma pequena oração antes de começarmos a comer, e fez o sinal da cruz com tanta devoção quanto uma mulher. Eu nunca o havia

visto rezar antes, ou fazer esse sinal piedoso; ele o fez de modo tão singelo, com uma fé tão parecida com a de uma criança, que não pude deixar de sorrir com prazer enquanto observava; seus olhos encontraram meu sorriso; ele simplesmente estendeu a mão, dizendo:

— Donnez-moi la main! [14] Eu vejo que nós adoramos o mesmo Deus, no mesmo espírito; embora por meio de ritos diferentes.

Em sua maior parte, os professores amigos de M. Emanuel eram livres-pensadores emancipados, infiéis, ateus; e muitos deles homens cuja vida não suportaria um escrutínio; ele era mais como um cavaleiro à antiga, religioso a seu modo, e de fama imaculada. A infância inocente e a juventude bela estavam a salvo ao seu lado. Ele tinha paixões vivas, sentimentos intensos, mas sua honra pura e sua piedade sincera eram o feitiço que mantinha os leões adormecidos.

Aquele café da manhã foi uma refeição alegre, e a alegria não era apenas uma simples algazarra sem sentido: M. Paul a originava, conduzia, controlava e intensificava; seu temperamento sociável e animado se manifestava sem restrições e límpido; rodeado apenas por mulheres e por crianças, não havia nada para irritá-lo e contrariá-lo; ele fazia as coisas a seu modo, e era um modo agradável.

Terminada a refeição, o grupo ficou livre para correr e brincar nos campos; poucas ficaram para ajudar a esposa do fazendeiro a cuidar da sua louça. M. Paul chamou-me desse grupo para que eu saísse e me sentasse perto dele sob uma árvore (de onde ele podia ver a tropa se divertindo em uma ampla pastagem) e lesse para ele enquanto ele fumava seu charuto. Ele se sentou em um banco rústico, e eu, em uma raiz da árvore. Enquanto eu lia (um clássico, um Corneille; eu não gostava dele, mas M. Paul gostava, encontrando nele belezas que eu jamais poderia ser levada a perceber), ele ouvia com uma calma cheia de doçura ainda mais impressionante devido à impetuosidade do seu temperamento habitual; a mais profunda felicidade enchia seus olhos azuis e alisava sua ampla testa. Eu também estava feliz: feliz com o dia luminoso, mais feliz por causa da presença dele, e felicíssima com a gentileza dele.

Ele perguntou, em seguida, se eu não preferiria correr ao encontro de minhas companheiras ao invés de ficar sentada ali. Eu disse que não; eu me sentia contente por estar onde ele estava. Ele me perguntou, se eu fosse irmã dele, se sempre me sentiria contente por ficar com um irmão como ele. Eu disse que acreditava que sim; e me sentia assim. Uma vez mais ele perguntou, se ele tivesse de ir embora de Villette, e ir para muito longe, se eu ficaria triste; e abandonei Corneille, e não dei resposta.

— Petite sœur [15] — disse ele —, por quanto tempo a senhorita se lembraria de mim se fôssemos separados?

— Isso, Monsieur, eu jamais poderei dizer, porque não sei quanto tempo vai se passar antes que eu deixe de me lembrar de todas as coisas terrenas.

— Se eu tivesse de ir além-mar por dois… três… cinco anos, a senhorita me receberia bem quando eu voltasse?

— Monsieur, como eu viveria nesse período?

— Pourtant j'ai été pour vous bien dur, bien exigeant. [16]

Cobri o rosto com o livro, pois ele estava banhado em lágrimas. Eu lhe perguntei por que ele falava dessa maneira; e ele disse que não falaria mais, e me alegrou novamente com o mais gentil encorajamento. Mesmo assim, a gentileza com que ele me tratou durante o resto do dia de algum modo tocou meu coração. Ela era terna demais. Era triste. Eu teria preferido que ele fosse abrupto, caprichoso e irado como era seu costume.

Quando o quente meio-dia chegou (pois o dia demonstrou ser como havíamos antecipado, brilhante como junho) nosso pastor retirou seu rebanho do pasto, e começou a nos guiar lentamente para casa. Mas tínhamos cinco quilômetros inteiros para caminhar, tão longe de Villette era a fazenda onde havíamos tomado o café da manhã; as crianças, sobretudo, estavam cansadas de brincar; os ânimos da maioria se desencorajaram com a perspectiva dessa caminhada no meio do dia ao longo de chaussées pedregosas, cheias de sol e poeirentas. Essa situação havia sido prevista e solucionada. Pouco além dos limites da fazenda, encontramos dois veículos espaçosos que tinham vindo nos buscar (tais meios de transporte são alugados de propósito para acomodar grupos

escolares); com uma boa supervisão, foi encontrado lugar para todos, e em mais uma hora M. Paul entregou sem problemas sua carga na Rue Fossette. Tinha sido um dia agradável; ele teria sido perfeito, se não fosse pelo sopro de melancolia que havia ensombrecido sua luz por alguns momentos.

Essa nódoa foi renovada naquela mesma tarde.

Enquanto o sol se punha, eu vi M. Emanuel surgir da porta da frente, acompanhado por Madame Beck. Eles caminharam pela aleia central por quase uma hora, conversando com gravidade: ele, com aparência séria e mesmo assim, desassossegada; ela, com um ar surpreso, repreensivo e dissuasivo.

Fiquei pensando no que estaria sendo discutido; e quando Madame Beck tornou a entrar na casa ao escurecer, deixando seu parente Paul ainda se demorando no jardim, eu disse para mim mesma: "Ele me chamou de 'petite sœur' esta manhã. Se ele realmente fosse meu irmão, como eu gostaria de ir ao encontro dele agora, e perguntar o que é que está perturbando seus pensamentos. Veja como ele se recosta naquela árvore, com os braços cruzados e a cabeça baixa. Ele precisa de consolo, eu sei: Madame não consola, ela apenas admoesta. E se agora…?".

Passando da contemplação à ação, M. Paul veio a passos largos, ereto e rápido pelo jardim. As portas do carré ainda estavam abertas: achei que ele provavelmente iria regar as laranjeiras, segundo seu costume ocasional; ao chegar ao pátio, entretanto, ele deu uma volta abrupta e se encaminhou para o berceau e a porta da sala da primeira classe. Lá, na primeira classe, eu estava, de lá eu o estivera observando; mas lá eu não conseguia encontrar coragem para esperar sua aproximação. Ele havia se voltado de modo tão repentino, caminhava tão rápido, tinha uma aparência tão estranha; a covarde dentro de mim ficou pálida, se encolheu e, sem esperar para escutar a voz da razão, e ouvindo os arbustos farfalharem e o cascalho sendo triturado pelos passos dele, ela foi embora nas asas do pânico.

E tampouco parei até ter encontrado refúgio no oratório, então vazio. Lá, com o coração pulsante e uma apreensão incompreensível e indefinível, eu o ouvi passar por todas as salas de aula, batendo as portas

impaciente, enquanto caminhava; eu o ouvi invadir o refeitório, que a "lecture pieuse" estava então mantendo sob um venerável controle; eu o ouvi pronunciar as seguintes palavras:

— Où est Mademoiselle Lucie? [17]

E, bem na hora em que, juntando minha coragem, eu estava me preparando para descer e fazer o que, afinal, eu mais desejava fazer no mundo, a saber, encontrá-lo, a voz metálica da St. Pierre replicou, volúvel e falsa: "Elle est au lit". [18] E ele passou, pisando duro por causa da contrariedade, para o corredor. Lá Madame Beck o encontrou, capturou, repreendeu, conduziu à porta da rua, e finalmente o mandou embora.

Quando a porta da rua se fechou, um espanto súbito com meu perverso procedimento me atingiu como um raio. Eu senti desde o início que era eu que ele queria; ele estava me procurando, e eu também não o desejara? O que, então, me afastara? O que havia me arrebatado para além do alcance dele? Ele tinha algo a dizer: ele ia me dizer alguma coisa; meus ouvidos ansiavam por escutar, e eu havia tornado a confidência impossível. Desejando ouvir e consolar enquanto eu julgava que a audição e o consolo estavam além do alcance da esperança, tão logo a oportunidade surgiu, de modo repentino e absoluto, eu a evitei, como teria fugido do poço da mortalidade.

Bem, minha insana inconsistência teve sua recompensa. Em vez do conforto, da satisfação que eu poderia ter obtido, se eu apenas conseguisse controlar o pânico que me sufocava e ficasse firme por dois minutos, lá estavam o vazio mortal, as dúvidas sombrias e o lúgubre suspense.

Levei minha recompensa para minha cama, e passei a noite pensando nela.

XXXIV. MALÉVOLA

Madame Beck me chamou na quinta-feira à tarde, e me perguntou se eu tinha alguma ocupação que me impedisse de ir à cidade e fazer umas pequenas compras para ela nas lojas.

Estando livre, e colocando-me à disposição dela, em seguida fui provida com uma lista de lãs, sedas, fios para bordar, etcetera, necessários para o trabalho das alunas; e tendo me equipado de modo adequado ao aspecto ameaçador de um dia nebuloso e abafadiço, estava puxando o ferrolho da porta da rua, para sair, quando a voz de Madame uma vez mais me convocou na salle-à-manger.

— Pardon, [1] Senhorrita Lucie! — disse ela, com a aparente pressa de um pensamento imprevisto. — Eu acabei de me lembrar de mais um serviço para a senhorita, se sua boa natureza não se considerar sobrecarregada.

Naturalmente eu "me confundi" afirmando o contrário; e Madame, correndo para o pequeno salon, trouxe de lá uma bela cesta, repleta das melhores frutas da estufa, rosadas, perfeitas e tentadoras, repousando em meio às folhas de um verde escuro, semelhantes à cera, e estrelas de um amarelo claro, de não sei qual planta exótica.

— Cá está — disse ela. — Não é pesado, e não vai macular sua boa aparência, como se fosse um detalhe doméstico, típico de uma empregada. Faça-me a gentileza de deixar esta cestinha na casa de Madame Walravens, com meus votos de felicidades por sua fête. Ela mora na parte velha da cidade, Numéro 3, Rue des Mages. Receio que a caminhada vá lhe parecer bastante longa, mas a senhorita tem a tarde inteira ao seu dispor, e não se apresse; se a senhorita não tiver voltado na hora do jantar, vou dar ordens para que um prato seja guardado para a senhorita; ou

Goton, que a estima demais, vai ter prazer em preparar rapidamente alguma coisinha, para seu proveito particular. A senhorita não será esquecida, ma bonne [2] Senhorrita. E oh, por favor! (chamando-me de volta uma vez mais) — insista em ver Madame Walravens pessoalmente, e entregar a cesta em suas mãos, para que não haja nenhum erro, pois ela é uma pessoa bastante meticulosa. Adieu! Au revoir! [3]

E finalmente eu parti. Levei certo tempo para fazer as compras nas lojas, pois escolher e combinar sedas e lãs sempre é um serviço tedioso, mas finalmente acabei minha lista. Os padrões para os chinelos, as cordas da campainha e as sacolas foram selecionados — os fechos e as borlas para as bolsas escolhidos, resumindo, todo o "tripotage" [4] foi afastado de meus pensamentos; eu nada tinha a fazer além das frutas e dos votos de felicidades.

Eu gostava da perspectiva de uma longa caminhada no coração da velha e austera Basse-Ville; e meu prazer não diminuía pelo fato de o céu do anoitecer, sobre a cidade, estar se firmando em uma massa de metal negro-azulado, aquecido nas bordas, e lentamente se inflamando em um tom de vermelho-escuro.

Eu temo os ventos fortes, porque a tempestade exige aquele emprego de força e uso da ação que eu sempre realizo com esforço; mas a carrancuda tempestade, a espessa queda de neve ou a sombria arremetida da chuva pedem somente resignação, o silencioso abandono da indumentária e da pessoa que serão encharcados. Em troca, limpam a grande capital à nossa frente; elas nos abrem um caminho silencioso ao longo de ruas largas e grandiosas, petrificando uma cidade viva como se fosse por meio de um encanto oriental; transforma uma Villette em uma Tadmor. Deixemos, então, que as chuvas caiam, e venham as torrentes: eu só precisava em primeiro lugar me livrar da cesta de frutas.

Um sino desconhecido de uma torre desconhecida (a voz de S. João Batista estava longe demais para ser ouvida) batia um quarto para as seis horas quando cheguei à rua e à casa cujo endereço Madame Beck me havia dado. Não era uma rua de modo algum; ela mais parecia ser parte de uma praça; era silenciosa, e o mato crescia entre as grandes pedras cinzentas, as

casas eram vastas e pareciam muito velhas; por trás delas se erguiam formas de árvores, indicando jardins nos fundos. A antiguidade pairava sobre a região, os negócios haviam sido banidos dela. Homens ricos haviam outrora sido senhores desse bairro, e certa vez o grandeur [5] havia mantido sua residência ali. Aquela igreja, cujas torres escuras e semiarruinadas vigiavam a praça, era o venerável e outrora opulento templo dos Magos. Porém, a riqueza e a magnificência haviam muito tempo antes estirado suas asas douradas e fugido de lá, deixando esses seus antigos ninhos, talvez para que abrigassem a Penúria por certo tempo, ou talvez para que permanecessem frios e vazios, se arruinando, sem moradores, com o passar dos invernos.

Enquanto eu atravessava essa "place" [6] deserta, cujo pavimento estava então ficando escuro com pingos quase tão largos quanto uma moeda de cinco francos, eu não vi, em toda sua extensão, sintoma ou evidência de vida, a não ser o que era fornecido pela figura de um padre velho e fraco, que passou, curvado e apoiado em uma bengala; a personificação da velhice e da decadência.

Ele havia saído exatamente da casa à qual eu me dirigia; e, quando parei à frente da porta recém-fechada às suas costas e toquei o sino, ele se voltou para me olhar. E ele não afastou de mim o olhar; talvez me considerasse, com minha cesta de frutas estivais, e minha falta de dignidade conferida pela idade, uma figura incongruente em tal cenário. Bem sei, caso uma bonne jovem e com rosto corado abrisse a porta para me deixar entrar, que eu deveria ter pensado que tal criatura se harmonizava pouco com seu ambiente; porém, quando me deparei com uma mulher muito velha, usando uma roupa camponesa muito antiga, uma touca igualmente medonha e cara, com longas bordas de renda nativa, um saiote e um casaco de tecido grosso, e tamancos que mais pareciam pequenos barcos que sapatos, tudo parecia estar certo, e era confortador.

A expressão do seu rosto não era assim tão reconfortante quanto o talhe de suas roupas; raras vezes vi algo mais mal-humorado; ela mal respondeu ao meu pedido para ver Madame Walravens; acredito que teria arrancado a cesta de frutas das minhas mãos, se o velho padre não tivesse,

andando com dificuldade, impedido, e ele próprio dado atenção à mensagem da qual eu estava encarregada.

A aparente surdez dele tornou um pouco difícil fazer com que ele compreendesse que eu teria de ver Madame Walravens, e entregar as frutas nas mãos dela. Entretanto, ele acabou compreendendo o fato de que essas eram as ordens que eu recebera, e que o dever implicava o cumprimento literal delas. Dirigindo-se à velha bonne, não em francês, mas na língua nativa de Labassecour, ele a persuadiu, finalmente, a me deixar cruzar o umbral pouco hospitaleiro e, acompanhando-me ele mesmo escada acima, me introduziu em um tipo de *salon* , e lá fui deixada.

O cômodo era grande e tinha um belo teto antigo e janelas de vidros pintados que se pareciam com as de uma igreja; mas ele era desolado, e, sob a ameaça de uma tempestade iminente, parecia estranhamente ameaçador. Em seu interior se abria um cômodo menor; lá, entretanto, as cortinas do único postigo estavam fechadas; através da escuridão profunda poucos detalhes da mobília eram aparentes. Eu me diverti quebrando a cabeça para identificá-los; e, particularmente, fui atraída pelo contorno de um quadro na parede.

Em seguida, o quadro pareceu retroceder: para meu espanto, ele estremeceu, ele se inclinou, ele se reduziu a nada; seu desaparecimento deixou uma abertura em arco, que conduzia a um corredor em arco, com uma mística escada em caracol; tanto o corredor quanto a escada eram de pedra fria, sem tapetes e sem pintura. Um tap, tap, como o de uma bengala, descia por essa escada de torre de menagem; em seguida uma sombra se abateu sobre os degraus, e, finalmente, percebi uma forma física.

Contudo, seria uma forma física verdadeira aquela aparição que se aproximava de mim? essa obstrução que escurecia parcialmente o arco?

Ela chegou mais perto, e a vi com nitidez. E comecei a compreender onde eu estava. Bem que essa velha praça poderia ser chamada de bairro dos Magos, bem poderiam as três torres, que a vigiavam, ter como padrinhos três sábios místicos de uma arte morta e sombria. Uma nuvem de encantamento prevalecia aqui; um feitiço havia aberto para mim a terra

dos elfos; aquele cômodo que se parecia com uma cela, aquele quadro que desaparecera, o arco e o corredor, e a escada de pedra, todos faziam parte de um conto de fadas. Ainda mais nítida que esses detalhes do cenário era a figura principal: Cunegundes, a feiticeira! Malévola, a bruxa malvada. Como era ela?

Ela poderia ter um metro de altura, mas não tinha forma; suas mãos descarnadas se apoiavam uma na outra, e pressionavam o castão de ouro de uma bengala de marfim semelhante a uma vara de condão. Seu rosto era largo, colocado não acima dos seus ombros, mas à frente do peito; ela parecia não ter pescoço; eu diria que em seus traços havia uma centena de anos, e talvez mais em seus olhos: seus olhos malignos, pouco amistosos, com sobrancelhas espessas e cinzentas acima deles, e pálpebras lívidas ao redor. Com quanta severidade eles me encararam, com um tipo de desprazer enfadado!

Essa criatura usava um vestido de brocado, tingido de azul vivo, com um tom intenso, como o da genciana, e coberto com uma folhagem de cetim de um tamanho grande; sobre o vestido, um xale caro, ricamente bordado, e tão grande para ela, que sua franja multicor se arrastava pelo chão. Mas seus pontos principais eram suas joias: ela usava brincos longos e claros, brilhando com um lustro que não poderia ser emprestado ou falso; trazia anéis nas mãos esqueléticas, com grossos aros de ouro, e pedras nas cores púrpura, verde e vermelho-sangue. Corcunda, anã e decadente, ela estava enfeitada como uma rainha bárbara.

— Que me voulez-vous? [7] — disse ela com voz rouca, uma voz mais de um velho que de uma velha; e, realmente, uma barba prateada se eriçava no queixo.

Eu entreguei a cesta e a mensagem.

— É só isso? — perguntou ela.

— É isso — respondi.

— Sério, foi uma boa tentativa — respondeu ela. — Volte para Madame Beck, e diga a ela que eu posso comprar frutas quando as quiser, et quant à ses félicitations, je m'en moque! [8] — completou a cortês dama, voltando-me as costas.

No momento em que ela se virou, o estrépito de um trovão se fez ouvir, e o clarão de um relâmpago fulgurou sobre o salon e o boudoir. Esse conto mágico parecia se desenrolar com o devido acompanhamento dos elementos. O caminhante, iludido a entrar no castelo encantado, ouviu avolumando-se, lá fora, a tempestade despertada por um feitiço.

E, nisso tudo, o que eu deveria pensar de Madame Beck? Ela tinha estranhos amigos; depositava mensagens e presentes em um templo sem igual, e funesta parecia ser a atitude da criatura tosca por ela adorada. E lá se foi a taciturna Sidônia, titubeante e trêmula como a encarnação da paralisia, batendo sua bengala de marfim no parquete e resmungando de modo venenoso enquanto desaparecia.

A chuva caiu forte, a abóbada celeste ficou mais baixa; as nuvens, avermelhadas há pouco tempo, tinham agora, através de todo seu negror, ficado mortalmente pálidas, como se estivessem apavoradas. Não obstante minha recente vanglória de não ter medo de chuva, mal me sentia com vontade de sair sob aquela tromba-d'água. E as reverberações dos relâmpagos estavam muito violentas, os trovões explodiam muito perto; essa tempestade se havia formado bem acima de Villette; parecia ter irrompido no ponto máximo; caía inclinada; os raios bifurcados e oblíquos perfuravam torrentes verticais; ziguezagues rubros entrecruzavam uma precipitação pálida como o metal branco: e tudo surgia de um céu extremamente negro em sua abundância intumescida.

Saindo do inóspito salon de Madame Walravens, eu me dirigi à fria escadaria; no patamar havia um banco; lá eu me sentei. Alguém veio com passos leves ao longo da galeria bem acima de mim; era o velho padre.

— Mademoiselle não vai mesmo ficar sentada aqui — disse ele. — Nosso benfeitor ficaria insatisfeito se soubesse que um estranho havia sido tratado dessa forma em sua casa.

E ele me solicitou com tanta sinceridade que voltasse ao salão que, sem ser descortês, só me restava concordar. O cômodo menor tinha uma mobília melhor e era mais habitável que o grande; para lá ele me conduziu. Puxando parcialmente a cortina, revelou o que mais dava a impressão de ser um oratório que um boudoir, um quartinho muito solene,

que parecia ser mais um lugar dedicado às relíquias e às recordações que destinado ao uso e conforto atuais.

O bom padre se sentou, como se fosse me fazer companhia; porém, em vez de conversar, ele pegou um livro, fixou os olhos em uma página e empregou seus lábios em sussurros; algo que soava como uma oração ou uma litania. Uma luz dourada e elétrica vinda do céu iluminou sua cabeça careca; seu corpo permanecia na sombra profunda e arroxeada; ele se sentava imóvel como uma escultura; parecia ter me esquecido em favor de suas orações; apenas erguia os olhos quando um trovão mais feroz ou um estrondo mais forte e mais próximo indicavam o perigo que se aproximava; mesmo então, não era com temor, mas com aparente assombro, que ele erguia os olhos. Eu também estava assombrada; contudo, não estando sob a pressão de um terror servil, meus pensamentos e observações eram livres.

Para dizer a verdade, eu estava começando a achar que o velho padre se parecia com aquele Père Silas, perante o qual eu me ajoelhara na igreja da Beguinaria. A ideia era vaga, pois eu havia visto meu confessor somente na penumbra e de perfil; mesmo assim, sentia-me capaz de identificar uma semelhança: achei que também reconhecia a voz. Enquanto eu o observava, ele traiu, por meio de um olhar, que sentia meu escrutínio; eu me voltei para observar o cômodo; também ele tinha seu interesse semimístico.

Ao lado de uma cruz de marfim velho curiosamente esculpida, amarelada por causa do tempo, e inclinada sobre um prie-dieu [9] vermelho escuro, devidamente provido de um rico missal e um rosário de ébano, estava pendurado o quadro cujos contornos indistintos haviam atraído meus olhos antes, o quadro que se movia, se misturava com a parede e deixava que fantasmas entrassem. Não podendo ver com nitidez, eu havia pensado que era uma Madona; revelado por uma luz mais clara, ele mostrou ser o retrato de uma moça com um hábito de freira. O rosto, embora não fosse belo, era agradável; pálido, jovem e entristecido com o abatimento causado pela dor ou uma saúde fraca. Repito que ele não era belo; não era nem ao menos intelectual; sua própria amabilidade era a

amabilidade de uma constituição fraca, de paixões inativas, de hábitos submissos: contudo, olhei por muito tempo para o quadro, e não tinha escolha senão olhar.

O velho padre, que a princípio havia parecido ser tão surdo e fraco, devia ainda ter mantido suas faculdades em tolerável estado de conservação; absorto em seu livro como aparentava estar, sem uma única vez erguer a cabeça ou, tanto quanto eu pudesse ver, voltar os olhos, ele percebeu o ponto para o qual minha atenção havia sido atraída, e, com uma voz lenta e nítida, fez, a respeito do quadro, as seguintes observações:

— Ela foi muito amada.

— Ela se entregou a Deus.

— Ela morreu jovem.

— Ela ainda é lembrada, ainda é pranteada.

— Por essa senhora idosa, Madame Walravens? — perguntei, supondo ter descoberto na dor incurável do luto uma chave para o desesperado mau humor dessa senhora.

O padre balançou a cabeça com um meio sorriso.

— Não, não — disse ele. — A afeição de uma grande dama pelos filhos de seus filhos pode ser grande, e o pesar pela sua perda, profundo; mas é somente o noivo prometido, a quem o Destino, a Fé e a Morte negaram três vezes a felicidade da união, que pranteia o que ele perdeu da forma como Justine Marie é pranteada.

Eu achei que o padre queria muito ser interrogado e, portanto, perguntei quem havia perdido e quem ainda pranteava “Justine Marie”. Recebi, como resposta, uma pequena narrativa romântica, contada de modo não destituído de interesse, com o acompanhamento da tempestade que então amainava. Estou inclinada a dizer que ela poderia ter sido tornada mais verdadeiramente impressionante se tivesse tido um toque menos francês, menos sentimental ao estilo de Rousseau, e uma mais saudável falta de atenção quanto ao efeito. Porém, o digno padre era obviamente um francês de nascimento e educação (eu estava cada vez mais certa de sua semelhança com meu confessor) e ele era um digno filho de Roma; quando erguia o olhar, ele me olhava com o canto dos olhos,

com uma sutileza maior e mais viva do que se esperaria que sobrevivesse ao desgaste de setenta anos. Contudo, acredito que ele fosse um bom homem.

O herói da sua história era um antigo pupilo seu, a quem ele agora chamava de seu benfeitor, e que, ao que parece, havia amado essa pálida Justine Marie, filha de pais ricos, em uma época em que suas próprias perspectivas terrenas eram tais a ponto de justificar que ele aspirasse a uma mão com um belo dote. O pai do pupilo, antes um rico banqueiro, havia falido, morrido, e deixado para trás apenas dívidas e pobreza. O filho foi então proibido de pensar em Marie; especialmente aquela grande dama com cara de bruxa velha que eu havia visto, Madame Walravens, se opusera ao casamento com toda a violência de um temperamento que a deformidade às vezes deixa demoníaco. A dócil Marie não tinha nem a perfídia para ser falsa nem a força para ser fiel ao seu amado; ela desistiu do seu primeiro pretendente, mas, recusando-se a aceitar um segundo com os bolsos mais cheios, retirou-se para um convento, e lá morreu em seu noviciado.

Uma angústia duradoura, ao que parece, havia se apossado do fiel coração que a havia adorado, e a veracidade desse amor e pesar havia sido testemunhada de uma forma que emocionaram até mesmo a mim, enquanto eu escutava.

Alguns anos depois da morte de Justine Marie, a ruína se abateu sobre sua casa também: seu pai, oficialmente um joalheiro, mas que também fazia grandes negócios na Bolsa, tinha sido envolvido em certas transações financeiras que haviam implicado escândalo e multas devastadoras. Ele morreu de pesar por sua perda, e vergonha pela infâmia. Sua velha mãe corcunda e sua esposa aflita foram deixadas sem nenhum tostão, e poderiam ter morrido também por causa da penúria; mas, o pretendente da sua filha perdida, certa vez desprezado, porém, com um coração dos mais fiéis, ao saber da situação das duas senhoras, veio socorrê-las com uma devoção singular. Ele revidou o orgulho insolente delas com a vingança da mais pura caridade, abrigando-as, cuidando delas, protegendo-as, de um modo que nenhum filho poderia ter feito com maior ternura ou eficiência.

A mãe (no geral, uma boa mulher) morreu abençoando-o; a estranha, ímpia, fria e misantropa avó ainda vivia, completamente sustentada por esse homem que sacrificava a si mesmo. A ela, que havia sido a maldição da vida dele, arruinando suas esperanças, e recompensando-o, em troca de amor e felicidade doméstica, com um pesar duradouro e uma solidão melancólica, ele tratava com o respeito que um bom filho poderia demonstrar a uma mãe gentil. Ele a havia trazido para esta casa, "e", continuou o padre, enquanto lágrimas genuínas subiram aos seus olhos, "aqui, também, ele me abriga a mim, seu velho tutor, e Agnes, uma idosa e frágil empregada da família de seu pai. Para nosso sustento, e outras obras de caridade, eu sei que ele dedica três quartos da sua renda, conservando apenas um quarto para comprar para si mesmo o pão e pagar suas modestas acomodações. Com esse arranjo, ele tornou o casamento impossível para ele: entregou-se a Deus e à sua noiva angelical, como se ele fosse um padre, como eu".

O padre havia secado suas lágrimas antes de murmurar essas últimas palavras, e, ao pronunciá-las, por uns instantes ele me olhou nos olhos. Eu surpreendi esse olhar, apesar de sua característica furtiva; o brilho momentâneo lampejou um significado que me impressionou.

Esses romanistas são criaturas estranhas. Qualquer um entre eles, a quem você não conhece mais do que ao último inca do Peru ou o primeiro imperador da China, conhece você e todos os seus problemas, e tem suas razões para dizer tal e tal coisa para você, quando você simplesmente achou que a conversa surgiu de improviso, devido a um impulso instantâneo: o plano dele para trazê-lo à baila, de modo que você apareça em tal dia, em tal lugar, em tais e tais circunstâncias, quando todo o plano parece para sua rude compreensão algo decretado pelo acaso, ou a consequência de uma necessidade. A mensagem e o presente de Madame Beck, repentinamente lembrados, minha ingênua ida à Place des Mages, o velho padre acidentalmente descendo as escadas e atravessando a praça, a interferência dele a meu favor com a bonne, que me teria mandado embora, o fato de ele reaparecer na escadaria, de eu ser trazida a esse cômodo, o retrato, a narrativa feita com tanta afabilidade… todos esses

pequenos incidentes, tomados como eles se passaram, cada um deles parecia ser independente de seu sucessor; um punhado de contas esparsas: mas, entretecidos por aquele olhar astuto rapidamente lançado por olhos jesuítas, eles pendiam em uma longa corrente, como aquele rosário no prie-dieu. Onde se encontrava o elo, o pequeno fecho desse colar monástico? Eu sentia ou via a união, mas ainda não conseguia encontrar o local, ou detectar como eles se conectavam.

Talvez o momento de reflexão em que eu, nesse momento, havia caído parecesse um tanto suspeito em sua abstração; gentilmente, o padre interrompeu:

— Mademoiselle — disse ele —, espero que a senhorita não tenha de ir muito longe por essas ruas inundadas?

— Mais de dois quilômetros e meio.

— E a senhorita mora…?

— Na Rue Fossette.

— Mas não é — disse ele animado — não é no pensionnat de Madame Beck?

— O próprio.

— Donc — disse ele agora batendo palmas — donc, vous devez connaître mon noble élève, mon Paul? [10]

— Monsieur Paul Emanuel, Professor de Literatura?

— Ele e mais ninguém.

Um rápido silêncio se seguiu. O ponto de união parecia subitamente ter se tornado palpável; eu senti que ele cedia à pressão.

— Era de M. Paul que o senhor estava falando? — perguntei em seguida. — Era ele seu pupilo, e o benfeitor de Madame Walravens?

— Sim, e de Agnes, a velha empregada: e, além do mais — acrescentou com certa ênfase — ele era e *é* o amado, fiel, constante e eterno, daquela santa que está no céu, Justine Marie.

— E quem, padre, é o *senhor* ? — continuei; e, embora eu enfatizasse a pergunta, sua formulação era praticamente supérflua; antes disso eu estava bastante preparada para a resposta que foi dada.

— Eu, filha, sou Père Silas, esse indigno filho da Sagrada Igreja a quem a senhorita um dia honrou com uma nobre e tocante confidência, mostrando-me o ponto mais profundo de um coração e o recôndito de uma mente da qual, falando com toda sinceridade, eu ambicionei ser o mentor, em nome da única fé verdadeira. E nem por um dia a perdi de vista, nem por uma hora deixei de ter pela senhorita um profundo interesse. Submetida à disciplina de Roma, moldada por seu treinamento superior, inoculada com suas doutrinas salutares, inspirada pelo zelo que só ela oferece, eu percebo qual poderia ser então a sua classe espiritual, seu valor prático; e eu invejo à Heresia a presa que ela tem.

Para mim, isso soou como uma situação muito especial: eu também me via, em parte, nessa condição; submetida à disciplina, moldada, treinada, inoculada, e assim por diante. "Nem tanto", pensei, mas contive a desaprovação, e fiquei sentada em silêncio.

— Suponho que M. Paul não viva aqui? — voltei a falar, continuando com um tema que eu considerava mais a propósito que quaisquer insanos sonhos apóstatas.

— Não; ele vem aqui apenas de vez em quando para adorar sua santa amada, para se confessar comigo e para prestar seus respeitos àquela que ele chama de sua mãe. Sua habitação não passa de dois quartos: ele não tem empregado e, contudo, não permite que Madame Walravens se desfaça daquelas esplêndidas jóias com que a senhorita a viu adornada, e das quais ela sente um orgulho pueril, como os ornamentos da sua juventude e as últimas relíquias da riqueza do seu filho, o joalheiro.

— Quantas vezes — murmurei comigo mesma — esse homem, esse M. Emanuel, me pareceu carecer de magnanimidade em ninharias; contudo, quão grande ele é em relação às grandes coisas!

Confesso que eu não incluía entre as provas da sua grandeza nem o ato da confissão nem a adoração da santa.

— Quanto tempo faz que essa senhora morreu? — perguntei, olhando para Justine Marie.

— Vinte anos. Ela era um pouco mais velha que M. Emanuel; ele era então muito jovem, pois não passa muito dos quarenta anos.

— Ele ainda chora por ela?

— O coração dele sempre chorará por ela: a essência da natureza de Emanuel é: constância.

Isso foi dito com uma ênfase acentuada.

E então o sol surgiu pálido e aguado; a chuva ainda caía, mas não havia mais tempestade: aquele firmamento quente se havia fendido e despejara seus relâmpagos. Uma permanência mais longa mal me deixaria a luz do dia para meu retorno; então eu me levantei, agradeci ao padre por sua hospitalidade e sua história; ele me respondeu com um benigno "pax vobiscum", [11] que eu recebi com cortesia, porque ele me pareceu dito com verdadeira benevolência; mas apreciei menos a frase mística que o acompanhou.

— Filha, você *será* o que você *tem de* ser!

Um vaticínio que me fez encolher os ombros assim que passei pela porta. Poucos de nós sabem o que vamos ser com certeza, mas, com tudo que havia acontecido, eu tinha boas esperanças de viver e de morrer como uma sóbria protestante: havia uma falta de sinceridade dentro, e um floreio ao redor da "Sagrada Igreja" que me tentava apenas moderadamente. Segui meu caminho refletindo sobre várias coisas. O que quer que o romanismo possa ser, há bons romanistas: esse homem, Emanuel, parecia ser dos melhores; tocado pela superstição, influenciado por questões sacerdotais; entretanto, maravilhoso por causa da sua fé profunda, sua devoção piedosa, pelo sacrifício de sua própria pessoa, pela caridade ilimitada. Restava ver como Roma, por intermédio de seus agentes, lidava com tais qualidades; se ela as apreciava pelo que elas eram e por amor a Deus, ou as colocava para render juros e saqueava os lucros.

Quando cheguei ao pensionato, o sol se punha. Goton gentilmente havia separado para mim um prato de jantar, de que eu realmente precisava. Ela me chamou na salinha para fazer a refeição, e lá Madame Beck logo apareceu, trazendo-me um copo de vinho.

— Bem — começou ela, dando uma risadinha —, e que tipo de recepção Madame Walravens lhe ofereceu? Elle est drôle, n'est-ce pas? [12]

Contei o que havia acontecido, entregando verbatim [13] a cortês mensagem de que havia sido encarregada.

— Oh la singulière petite bossue! — disse ela, rindo. — Et figurez-vous qu'elle me déteste, parce qu'elle me croit amoureuse de mon cousin Paul; ce petit dévot qui n'ose pas bouger, à moins que son confesseur ne lui donne la permission! Au reste — prosseguiu ela — se ele desejasse tanto se casar, soit moi, soit une autre, ele não poderia; ele já tem uma grande família em suas mãos: Mère Walravens, Père Silas, Dame Agnes, e um bando de pobres anônimos. Nunca houve homem igual a ele para colocar em seus próprios ombros fardos maiores do que ele pode carregar, assumindo de modo voluntário responsabilidades inúteis. Além do mais, ele nutre uma ideia romântica a respeito de certa pálida Justine Marie, personnage assez niaise à ce que je pense — observou ela de modo irreverente — que tem sido um anjo no céu, ou em qualquer outro lugar, todos esses anos, e com quem ele pretende se encontrar, livre de todas as amarras terrenas, pure comme un lis, à ce qu'il dit. Oh, a senhorita iria dar risada se conhecesse metade dos caprichos e excentricidades de M. Emanuel! Mas, eu não a estou deixando fazer sua refeição, ma bonne Senhorrita, da qual a senhorita deve estar precisando; coma seu jantar, beba seu vinho, oubliez les anges, les bossues, et surtout, les Professeurs — et bon soir! [14]

XXXV. FRATERNIDADE

"Oubliez les Professeurs." [1] Assim disse Madame Beck. Ela era uma mulher sábia, mas não deveria ter pronunciado tais palavras. Fazê-lo foi um erro. Aquela noite, ela deveria ter me deixado calma, não excitada; indiferente, não interessada; isolada na minha própria apreciação e na dos demais, não conectada, nem mesmo em pensamentos, com essa segunda pessoa a quem eu deveria esquecer.

Esquecê-lo? Ah! Eles conceberam um plano inteligente para me fazer esquecê-lo, os espertalhões! Eles me mostraram quão bom ele era; eles fizeram do meu caro homenzinho um pequeno herói imaculado. E então ficaram tagarelando sobre o jeito dele de amar. Que condição tinha eu, antes desse dia, de ter certeza se ele era ou não capaz de amar?

Eu sabia que ele era ciumento, suspeitoso; tinha visto nele certa ternura, inconstância, uma doçura que surgia como ar cálido e uma compaixão que passava como o orvalho da madrugada, secando no calor da sua irritabilidade: *isso* era tudo que eu havia visto. E eles, Père Silas e Modeste Maria Beck (que esses dois agissem de comum acordo eu não duvido) escancararam o ponto mais profundo do coração dele, mostraram-me um grande amor, a progênie da juventude dessa natureza meridional, nascido tão forte e perfeito, que ele rira da própria Morte, escarnecera da sua ignóbil violação da matéria, se apegara ao espírito imortal, e na vitória e na fé havia velado junto a um túmulo por vinte anos.

Isso havia sido feito, não de modo inconsequente: essa não era uma simples e superficial indulgência dos sentimentos; ele havia provado sua fidelidade consagrando suas melhores energias a um propósito altruísta, provando-a por meio de ilimitados sacrifícios pessoais: pois aqueles que

haviam sido caros para ela ele valorizava; ele tinha deixado de lado a vingança e assumido uma cruz.

Bem, quanto a Justine Marie, eu sabia o que ela era tão bem como se a tivesse visto. Eu sabia que ela era boa; havia meninas como ela na escola de Madame Beck: impassíveis, pálidas, lentas, inertes, mas de boa índole, neutras para fazer o mal, banais para fazer o bem.

Se ela tinha asas de anjo, eu sabia de quem era a imaginação poética que as atribuíra a ela. Se a testa dela brilhava luminosa com o reflexo de uma auréola, eu sabia de quem eram os olhos cujas íris exaltadas haviam gerado aquele círculo de chama sagrada.

Teria eu, então, de ser atemorizada por Justine Marie? Iria o retrato de uma freira pálida e morta erguer uma barreira eterna? E quanto às obras de caridade que absorviam os bens terrenos dele? E quanto ao coração dele, consagrado à virgindade?

Madame Beck… Père Silas… vocês não deveriam ter proposto tais perguntas. Elas eram ao mesmo tempo o mais profundo dos enigmas, o mais forte dos impedimentos e o estímulo mais intenso que eu jamais sentira. Por toda uma semana eu adormeci, sonhei e acordei pensando nessas duas perguntas. No mundo inteiro não havia uma resposta para elas, a não ser onde um homenzinho moreno se encontrava, se sentava, caminhava, fazia sermões, sob a proteção de um infeliz bonnet-grec, e dentro dos limites de um lamentável paletôt, muito manchado de tinta, e nem um pouco menos melancólico.

Depois daquela visita à Rue des Mages, eu desejava *mesmo* vê-lo de novo. Eu me sentia como se, sabendo o que sabia então, a fisionomia dele fosse oferecer uma página mais lúcida, mais interessante do que jamais fizera; senti o desejo de encontrar nela a marca daquela primitiva devoção, os sinais daquela honra em parte cavaleiresca, em parte santa, que a narrativa do padre atribuía à natureza dele. Ele havia se transformado no meu herói cristão: e sob esse emblema eu desejava vê-lo.

E a oportunidade não se fez rogar; minhas novas impressões passaram por seu teste no dia seguinte. Sim: eu tive uma entrevista com meu “herói

cristão", uma entrevista não muito heroica, ou sentimental, ou bíblica, mas cheia de vivacidade a seu próprio modo.

Cerca de três horas da tarde a paz da primeira turma, seguramente estabelecida, ao que parecia, sob o sereno comando de Madame Beck que, em propria persona [2] estava dando uma de suas aulas organizadas e úteis, essa paz, estou dizendo, sofreu uma repentina quebra pela entrada súbita e selvagem de um paletôt.

Naquele momento, ninguém estava mais quieta que eu. Livre de responsabilidades devido à presença de Madame Beck, tranquilizada por sua entonação regular, satisfeita e esclarecida com sua clara exposição do tema (pois ela ensinava muito bem), eu me sentava encurvada à minha mesa, desenhando, quer dizer, copiando uma sofisticada gravura, tediosamente elaborando minha cópia para que ficasse com o acabamento do original, pois essa era minha ideia prática de arte; e, é estranho dizer isso, eu sentia imenso prazer nessa tarefa, e seria mesmo capaz de produzir meticulosas reproduções chinesas de gravuras em metal ou meia-tinta, coisas tão valiosas quanto tantos trabalhos de bordado, mas eu tinha uma boa opinião a seu respeito naqueles dias.

O que estava acontecendo? Meu desenho, meus lápis, minha preciosa cópia, reunidos em um amontoado amarrotado, desapareceram da frente dos meus olhos; eu mesma parecia ser sacudida ou arrastada da minha cadeira, assim como uma solitária e ressecada noz-moscada pode ser arrancada de uma caixa de especiarias por uma cozinheira excitada. Aquela cadeira e minha mesa, agarradas pelo paletôt selvagem, cada uma sob uma das mangas, foram carregadas para longe; em um segundo, eu segui a mobília; em dois minutos, ela e eu havíamos sido colocadas no centro da grand salle (um amplo cômodo adjacente, poucas vezes usado a não ser para aulas de dança e de canto coral), colocadas com uma ênfase que parecia proibir a mais remota esperança de nós jamais termos a permissão de nos mover de lá outra vez.

Tendo recobrado parcialmente minhas perturbadas faculdades, descobri que estava na presença de dois homens, cavalheiros, suponho que eu devesse dizer: um moreno, o outro, claro; um tinha um ar rígido, quase

militar, e usava um surtout [3] agaloado; o outro tendo, nas roupas e no porte, mais do aspecto descuidado de um estudante ou de um artista: ambos florescendo em plena magnificência de bigodes, suíças e condecorações. M. Emanuel ficou um pouco afastado deles; a fisionomia dele e seus olhos expressavam uma cólera profunda; ele estendeu a mão com o gesto que fazia nas tribunas.

— Mademoiselle — disse ele —, sua tarefa é provar para estes cavalheiros que eu não sou mentiroso. A senhorita irá responder, da melhor maneira possível, às perguntas que eles fizerem. A senhorita também vai escrever a respeito de um tema que eles selecionarem. Aos olhos deles, ao que parece, eu estou na posição de um impostor sem princípios. Eu escrevo ensaios e, com deliberada contrafação, atribuo a eles os nomes de minhas alunas, e me vanglorio deles como se fosse trabalho delas. A senhorita irá mostrar que essa acusação é falsa.

Grand ciel! [4] Eis que a exposição pública, por tanto tempo evitada, se abatia sobre mim como um relâmpago. Essas duas pessoas finas, agaloadas, embigodadas e desdenhosas não eram nada mais que professores janotas do colégio, Messieurs Boissec e Rochemorte, uma dupla de presunçosos, pedantes, céticos e trocistas de sangue frio. Parece que M. Paul estivera imprudentemente exibindo algo que eu havia escrito, algo que ele jamais elogiara ou sequer mencionara em minha presença, e que eu julgava ter sido esquecido. O ensaio não era de modo algum notável; ele apenas *parecia* notável, comparado com a produção média de meninas de escolas estrangeiras; em uma escola inglesa ele mal teria sido notado. Messieurs Boissec e Rochemorte haviam considerado conveniente questionar sua autenticidade, e insinuar uma trapaça; eu teria então de testemunhar a verdade, e ser colocada sob a tortura do exame deles.

Uma cena memorável se seguiu.

Eles começaram com os clássicos. Um vazio completo. Passaram para a história da França. Eu mal sabia distinguir Meroveu de Faramundo. Eles me testaram em diversas “ologias”, e ainda obtiveram apenas um aceno de cabeça, e um imutável “Je n’en sais rien”. [5]

Depois de uma pausa expressiva, eles partiram para questões de conhecimentos gerais, abordando um ou dois assuntos que eu conhecia bastante bem, e sobre os quais eu refletira com frequência. M. Emanuel, que até então permanecera olhando, sombrio como o solstício de inverno, se iluminou um pouco; ele considerou que eu iria pelo menos mostrar que não era uma tola.

Ele descobriu que estava errado. Embora as respostas para as perguntas fluíssem com rapidez, minha mente ficando repleta como um poço que se enche, as ideias estavam lá, mas não as palavras. Eu não *conseguia* , ou não *podia,* falar; não tenho certeza qual dos dois: em parte, acredito, meus nervos haviam ficado esgotados, e em parte meu humor não estava dos melhores.

Ouvi um dos meus examinadores (o do surtout agaloado) sussurrar para seu co-professor:

— Est-elle donc idiote? [6]

"Sim", pensei, "idiota ela é, e sempre será, para pessoas como vocês".

Mas eu sofria; sofria cruelmente; vi o suor se formar na testa de M. Paul, e seus olhos manifestaram uma repreensão impetuosa e, no entanto, tristonha. Ele não acreditaria na minha total falta de inteligência; ele achava que eu *poderia ser* instigada se eu *quisesse* .

Finalmente, para acalmá-lo, e aos professores e a mim mesma, balbuciei:

— Cavalheiros, é melhor que os senhores me deixem ir; os senhores não conseguirão nada de bom de minha parte; como os senhores dizem, eu sou uma idiota.

Eu gostaria de ter podido falar com calma e dignidade, ou desejaria que meu bom-senso tivesse sido suficiente para me fazer ficar de boca fechada; aquela língua traidora tropeçou, hesitou. Ao ver os juízes lançando sobre M. Emanuel um severo olhar de triunfo, e ouvindo o sofrido tremor da minha voz, explodi em um jorro de lágrimas sufocantes. A emoção era muito mais raiva que pesar; fosse eu um homem forte, poderia ter desafiado a dupla naquele exato local; mas *era* emoção, e eu preferiria ter sido açoitada a revelá-la.

Os incompetentes! Não puderam eles ver na hora a mão inábil de um iniciante naquela composição que eles chamavam de falsificação? O tema era clássico. Quando M. Paul ditara o tema sobre o qual o ensaio deveria ser feito, eu o ouvira pela primeira vez; a questão era nova para mim, e eu não tinha material para abordá-la. Mas eu pegava livros, lia os fatos, construía laboriosamente um esqueleto a partir dos ossos secos da realidade, e então os cobria, e tentava insuflar-lhes vida, e neste último objetivo eu sentia prazer. Para mim, fora período difícil e cheio de ansiedade até que meus fatos fossem descobertos, selecionados e adequadamente unidos; tampouco seria eu capaz de abandonar a pesquisa e o esforço até que estivesse satisfeita com a correção da anatomia; a força da minha repugnância interna à ideia de defeito ou falsidade às vezes me permitira evitar erros escandalosos; mas o conhecimento não estava lá minha cabeça, pronto e maduro; ele não havia sido semeado na primavera, cultivado no verão, colhido no outono e guardado ao longo do inverno; qualquer coisa que eu desejasse, deveria ir e colher na hora, ir enchendo de ervas selvagens o meu regaço e jogá-las, frescas e aos pedaços, na panela. Messieurs Boissec e Rochemorte não viam isso. Eles confundiram meu trabalho com o trabalho de um estudioso maduro.

Eles ainda não me deixaram partir: eu deveria me sentar e escrever perante eles. Enquanto eu molhava a pena na tinta com mão trêmula e inspecionava o papel em branco com olhos parcialmente obscurecidos e cheios de lágrimas, um dos meus juízes começou afetadamente a se desculpar pela dor que ele causara.

— Nous agissons dans l'intérêt de la vérité. Nous ne voulons pas vous blesser [7] — disse ele.

O desprezo me deu forças. Respondi apenas:

— Diga qual é o tema, Monsieur.

Rochemorte escolheu o seguinte tema: "Justiça Humana".

Justiça Humana! E o que eu iria fazer com isso? Vazio completo, uma abstração fria, que não me sugeria uma ideia inspiradora; e lá estava M. Emanuel, triste como Saul, e sério como Joabe, e lá triunfavam seus acusadores.

Para eles eu olhei. Eu estava juntando minha coragem para dizer-lhes que não iria escrever nem dizer nem mais uma palavra para satisfazê-los, que o tema deles não era adequado, e tampouco a presença deles era inspiradora, e que, não obstante, quem quer que jogasse uma sombra de dúvida sobre a honra de M. Emanuel ultrajava aquela verdade da qual os dois haviam se apresentado como… os defensores: eu *tencionava* dizer tudo isso, estou dizendo, quando de repente uma luz brilhou na minha memória.

Aqueles dois rostos que olhavam através de uma floresta de longos cabelos, bigodes e suíças, essas duas fisionomias frias, no entanto, ousadas, desconfiadas, contudo, presunçosas, eram as mesmas fisionomias, exatamente as mesmas que, projetadas sob a forte luz por trás dos pilares de um pórtico, haviam me deixado quase morta de medo na noite da minha triste chegada a Villette. Eles, eu me sentia moralmente certa, eram os mesmos heróis que haviam levado uma estrangeira sem amigos a perder seu controle e suas forças, perseguindo-a até ela ficar sem fôlego através de um bairro da cidade.

"Piedosos mentores!", pensei eu. "Puros guias para a juventude! Se a 'Justiça Humana' fosse o que ela deveria ser, vocês dois mal conseguiriam manter sua presente situação ou desfrutar de seu atual crédito."

Tendo tido uma ideia, comecei a trabalhar. A "Justiça Humana" passou rapidamente à minha frente sob um novo aspecto, uma matrona qualquer, com as mãos na cintura. Eu a vi em sua casa, o antro da confusão: empregados se dirigiam a ela para receber ordens ou pedir ajuda que ela não dava; mendigos ficavam parados à sua porta esperando e morrendo de fome sem que fossem percebidos; um bando de crianças, doentias e briguentas, se arrastava ao redor de seus pés, e gritava em seus ouvidos pedindo atenção, simpatia, cura e correção. A honesta mulher não se importava com nada disso. Ela tinha seu próprio assento aquecido ao pé da lareira, ela encontrava seu próprio consolo em um pequeno cachimbo preto e em uma garrafa do tranquilizante xarope da Sra. Sweeny; ela fumava e bebericava, e desfrutava de seu paraíso; e toda vez que um grito das almas sofredoras ao seu redor atingia seus ouvidos com muita força,

minha alegre dama agarrava o atiçador ou o espanador de limpar a lareira: se o agressor fosse fraco, injustiçado e doentio, ela o punha de lado na hora: se ele fosse forte, cheio de vida e violento, ela somente o ameaçava, então enfiava a mão em seus bolsos fundos, e jogava um liberal punhado de doces.

Tal foi o esboço da "Justiça Humana" feito às pressas no papel, e colocado a serviço de Messrs. Boissec e Rochemorte. M. Emanuel o leu sobre meus ombros. Sem esperar comentários, fiz uma reverência para o trio e me retirei.

Terminadas as aulas daquele dia, M. Paul e eu nos encontramos de novo. Naturalmente, a princípio o encontro não foi ameno; havia uma questão a pôr em pratos limpos com ele; aquele exame forçado não poderia ser digerido imediatamente. No fim de um diálogo enfezado eu fui chamada de "une petite moqueuse et sans-coeur", [8] e Monsieur partiu temporariamente.

Não desejando que ele fosse embora de verdade, apenas querendo que ele sentisse que um arrebatamento igual ao que ele manifestara naquele dia não poderia ser tolerado com total impunidade, não fiquei aborrecida ao vê-lo, logo em seguida, trabalhando no jardim do berceau. Ele se aproximou da porta de vidro, eu também. Nós falamos sobre algumas flores que cresciam ali. Logo depois, Monsieur colocou de lado sua pá; em seguida, reiniciou a conversa, passou para outros temas e finalmente tocou num ponto de interesse.

Consciente de que seu procedimento daquele dia estava especialmente sujeito a uma acusação de extravagância, M. Paul em parte pediu desculpas; ele em parte lamentava, também, a inconstância do seu temperamento em todas as ocasiões; contudo, deu a entender que certa concessão deveria ter sido feita em nome dele.

— Porém — falou — mal posso esperar isso de suas mãos, Srta. Lucy; a senhorita não conhece a mim, nem minha posição nem minha história.

A história dele. Eu aproveitei a menção no mesmo instante; segui em frente com a ideia.

— Não, Monsieur — repliquei. — É claro, como diz o senhor, que eu não conheço nem sua história, nem sua posição, nem seus sacrifícios nem qualquer um de seus pesares, ou tribulações, ou afeições ou fidelidades. Oh, não! Não sei nada a seu respeito; para mim, o senhor é um completo estranho.

— Hein? — murmurou ele, erguendo as sobrancelhas, surpreso.

— O senhor sabe, Monsieur, eu só o vejo na sala de aula, severo, dogmático, célere, imperioso. Eu só ouço falar do senhor na cidade como uma pessoa ativa e voluntariosa, pronto para iniciar algo, rápido para tomar a liderança, mas que custa a ser persuadido e é difícil de convencer. Um homem como o senhor, sem laços de família, não pode ter afeições; sem dependentes, não tem deveres. Todos nós, com quem o senhor entra em contato, somos máquinas, que o senhor empurra para cá e para lá, sem levar em consideração nossos sentimentos. O senhor procura sua diversão em público, à luz do candeeiro noturno: esta escola e aquele colégio ali adiante são suas fábricas, onde o senhor manufatura os artigos conhecidos como alunos. Eu nem ao menos sei onde o senhor mora; é natural assumir que o senhor não tenha um lar e não precise de um.

— Estou sendo julgado — disse ele. — Sua opinião a meu respeito é exatamente a que eu pensei que fosse. Para a senhorita, não sou nem um homem nem um cristão. A senhorita me vê despido de afeições e de religião, sem ter laços de amizade ou de família, sem ter como guia os princípios ou a fé. É assim mesmo, Mademoiselle; tal é nossa recompensa na vida.

— O senhor é um filósofo, Monsieur, um filósofo cínico (e eu olhei para o paletôt dele, cuja manga opaca ele na mesma hora esfregou com a mão), e despreza as fraquezas humanas, e está acima de suas ostentações, independente de seus confortos.

— Et vous, Mademoiselle? vous êtes proprette et douillette, et affreusement insensible, par-dessus le marché. [9]

— Mas, resumindo, Monsieur, agora que estou pensando nisso, o senhor *tem de* morar em algum lugar. Diga-me onde; e quantos empregados o senhor mantém sob suas ordens?

Com uma temível projeção do lábio inferior, indicadora de um ímpeto de desdém dos mais decididos, ele explodiu:

— Je vis dans un trou! [10] Eu vivo em um antro, Senhorita… uma caverna, onde a senhorita jamais colocaria seu delicado nariz. Certa vez, por causa da ignóbil vergonha de dizer toda a verdade, eu falei a respeito do meu "estúdio" naquele colégio: saiba agora que esse "estúdio" é minha habitação completa; meu quarto se encontra lá, e minha sala de visitas. Quanto aos "empregados que mantenho sob minhas ordens" — disse ele imitando minha voz —, eles são em número de dez, les voilà. [11]

E ele, austero, estendeu com amargura, bem perto dos meus olhos, seus dez dedos.

— Eu engraxo minhas botas — prosseguiu ele, exaltado. — Eu escovo meu paletôt.

— Não, Monsieur, isso é muito banal; o senhor nunca faz isso — foi meu aparte.

— Je fais mon lit et mon ménage; [12] eu janto em um restaurante; minha ceia toma conta de si mesma; eu vivo dias laboriosos e sem amor; noites longas e solitárias; eu sou feroz, e barbudo e parecido com um monge; e nada que vive neste mundo agora me ama, a não ser alguns poucos corações velhos desgastados como o meu, e umas poucas criaturas empobrecidas e sofredoras, pobres de bolso e de espírito, as quais os reinos deste mundo não reconhecem, mas para as quais uma última vontade e um testamento que não serão contestados legaram o reino dos céus.

— Ah, Monsieur, mas eu sei!

— O que a senhorita sabe? Muitas coisas, acredito piamente; contudo, não me conhece, Lucy!

— Eu sei que o senhor tem uma agradável casa antiga em uma agradável praça de Basse-Ville… por que o senhor não vai morar lá?

— Hein? — resmungou ele de novo.

— Eu gostei muito dela, Monsieur, com os degraus que levam à porta, as pedras cinzentas na frente, as árvores balançando atrás… árvores de verdade, não arbustos… árvores escuras, altas, e muito antigas. E o

boudoir-oratoire… [13] o senhor deveria fazer desse quarto seu estúdio; ele é tão silencioso e solene!

Ele me olhou atentamente; deu um meio sorriso, ficou ligeiramente enrubescido.

— Onde a senhorita ficou sabendo disso tudo? Quem lhe contou? — perguntou ele.

— Ninguém me contou. Eu sonhei com isso, Monsieur, o que o senhor acha?

— E eu consigo entrar em suas visões? Eu consigo adivinhar os pensamentos conscientes de uma mulher…? que dirá suas fantasias de sonho!

— Se eu sonhei com isso, em meu sonho eu vi seres humanos, assim como a casa. Eu vi um padre, idoso, encurvado e grisalho, e uma empregada… idosa, também, e pitoresca; e uma senhora, esplêndida, porém estranha; a cabeça dela mal alcançava meu cotovelo… a magnificência dela poderia pagar o resgate de um duque. Ela usava um vestido de uma cor viva como lápis-lazúli… um xale que custa uns mil francos; ela estava enfeitada com ornamentos tão brilhantes, como eu nunca vi nada com brilho igual; mas o corpo dela parecia ter sido partido em dois e dobrado ao meio; ela também parecia ter vivido mais que os anos que a humanidade costuma alcançar, e ter alcançado aqueles que parecem consistir apenas em aflição e em miséria. Ela ficou taciturna… quase malévola; contudo, *alguém* , ao que parece, cuidou dela em sua doença; alguém perdoou as transgressões dela, esperando ter suas transgressões perdoadas. Elas vivem juntas, essas três pessoas, a patroa, o capelão e a empregada, todos velhos, todos fracos, todos abrigados sob uma única asa acolhedora.

Ele cobriu com a mão a parte superior do rosto, mas não ocultou a boca, na qual vi pairar uma expressão de que eu gostava.

— Vejo que a senhorita descobriu meus segredos — disse ele. — Mas, como isso aconteceu?

E então eu lhe disse como acontecera: a missão da qual eu fora encarregada, a tempestade que me detivera, a rispidez da senhora, a

gentileza do padre.

— Enquanto ficava sentada esperando que a chuva passasse, Père Silas me entreteve com uma história — eu disse.

— Uma história! Qual história? Père Silas não é um romancista.

— Posso contar para Monsieur a história?

— Sim: comece do início. Deixe-me ouvir um pouco do francês da Srta. Lucy, o melhor ou o pior dela; não me importa muito qual: tenhamos uma boa poignée [14] de barbarismos, e uma abundante dose do sotaque insular.

— Monsieur não será gratificado com uma narrativa de proporções ambiciosas, e o espetáculo do narrador se intrometendo no meio dela. Mas vou dizer o seu título: o "Pupilo do Padre".

— Bah! — disse ele, a onda escura uma vez mais colorindo sua face morena. — O bom e velho padre não poderia ter escolhido um tema pior; é o ponto fraco dele. Mas, o que aconteceu com o "Pupilo do Padre"?

— Oh! Muitas coisas.

— A senhorita poderia muito bem especificar *quais* coisas. Eu quero saber.

— Houve a juventude do pupilo, a idade adulta do pupilo — a avareza dele, sua ingratidão, a inflexibilidade dele, sua inconstância. Um pupilo tão ruim, Monsieur! Tão ingrato, frio, pouco cavalheiresco, inclemente!

— Et puis? [15] — disse ele, pegando um charuto.

— Et puis — prossegui —, ele passou por calamidades das quais ninguém tem dó… suportou-as com um espírito que ninguém admira… suportou injustiças pelas quais ninguém sente simpatia; finalmente recorreu à vingança não cristã de ajuntar brasas ardentes sobre a cabeça do seu adversário.

— A senhorita não me contou tudo — disse ele.

— Quase tudo, creio: eu indiquei os títulos dos capítulos de Père Silas.

— A senhorita se esqueceu de um: o que menciona a falta de afeição do pupilo e seu coração duro, frio e parecido com o de um monge.

— É verdade; eu me lembro agora. Père Silas *realmente* disse que a vocação dele era quase como a de um padre; que a vida dele era

considerada consagrada.

— Por quais laços ou deveres?

— Pelos laços do passado e das obras caridosas do presente.

— A senhorita conhece, então, o caso completo?

— Eu contei para Monsieur tudo que me foi dito.

Alguns minutos de meditação se passaram.

— Agora, Mademoiselle Lucy, olhe para mim, e com aquela verdade que eu acredito que a senhorita jamais violou conscientemente, responda-me uma pergunta. Erga os olhos, fixe-os nos meus; não hesite; não tema confiar em mim: eu sou um homem em quem se pode confiar.

Eu ergui os olhos.

— Conhecendo-me a fundo, então, e todos os meus antecedentes, todas as minhas responsabilidades, tendo conhecido há tanto tempo os meus erros, a senhorita e eu ainda podemos ser amigos?

— Se Monsieur deseja ter-me como amiga, eu ficarei feliz em tê-lo como amigo.

— Mas estou querendo dizer um amigo mesmo, íntimo e verdadeiro, nós dois ligados em tudo, menos no sangue. A Srta. Lucy será a irmã de um homem muito pobre, agrilhoado, sobrecarregado e onerado?

Eu não consegui responder com palavras; contudo, suponho que eu *tenha* respondido; ele pegou minha mão, que encontrou conforto no abrigo das mãos dele. A amizade *dele* não era um benefício duvidoso e inconstante, uma esperança fria e distante, um sentimento tão frágil que mal suportaria o peso de um dedo: na mesma hora senti (ou *julguei* ter sentido) que seu apoio era como o de uma rocha.

— Quando falo de amizade, eu quero dizer uma *verdadeira* amizade — repetiu ele, enfático; e eu mal conseguia acreditar que palavras tão fervorosas tivessem abençoado meus ouvidos; mal conseguia crer na realidade daquele olhar gentil e ansioso que ele me dirigiu. Se ele *realmente* desejava minha confiança e meu apreço, e *realmente* fosse me dar os dele, ora, me parecia que a vida não poderia me oferecer nada mais, ou nada melhor. Nesse caso, eu havia ficado forte e rica: em um momento

deixaram-me substancialmente feliz. Para garantir o fato, para estabelecê-lo e selá-lo, perguntei:

— Monsieur está falando sério? Acha mesmo que precisa de mim, e que pode sentir interesse por mim como uma irmã?

— Certamente, certamente — disse ele. — Um homem solitário como eu, que não tem irmã, só pode ficar muito feliz por encontrar no coração de uma mulher o puro afeto de uma irmã.

— E eu posso ousar ter confiança no apreço de Monsieur? Posso ousar falar com ele quando assim me sentir inclinada?

— Minha irmãzinha deve fazer suas próprias experiências — disse ele. — Eu não vou fazer promessas. Ela tem de atormentar e testar seu irmão indócil até tê-lo ajustado àquilo que ela deseja. Afinal, ele não é um material inflexível em certas mãos.

Enquanto ele falava, o tom de sua voz e a luz em seus olhos afetuosos deram-me tamanho prazer como, certamente, eu jamais havia sentido. Não invejei nenhuma menina por ter um apaixonado, nenhuma noiva por ter noivo, nenhuma mulher por ter marido; eu estava contente com esse meu amigo voluntário, que se oferecia. Se ele demonstrasse ser de confiança, e *parecia* ser de confiança, o que, além da sua amizade, eu poderia ambicionar? Mas, e se tudo se desfizesse como um sonho, como havia acontecido anteriormente…?

— Qu'est-ce donc? [16] O que foi? — disse ele, enquanto esse pensamento pesava no meu coração, sua sombra na minha fisionomia. Eu lhe disse; e depois de um momento de pausa, e de um sorriso pensativo, ele me mostrou como um temor semelhante (de que eu pudesse me cansar dele, um homem com temperamento tão difícil e inconstante) havia assombrado sua mente por mais de um dia, ou de um mês.

Ao ouvir isso, uma coragem silenciosa me alegrou. Eu me arrisquei a dizer uma palavra reconfortante. Essa palavra não foi somente tolerada; sua repetição foi solicitada. Eu me senti muito feliz, estranhamente feliz, ao fazê-lo ficar confiante, contente, tranquilo. Na véspera, eu não poderia ter acreditado que a Terra contivesse, ou que a vida oferecesse, momentos como os poucos que eu estava vivendo então. Inúmeras vezes tinha sido

meu destino observar o pesar antecipado se aproximando, sombrio; mas ver uma felicidade inesperada assumir forma, encontrar um lugar e ficar cada vez mais real à medida que os segundos passavam rapidamente, era de fato uma experiência nova.

— Lucy — disse M. Paul, falando em voz baixa e ainda segurando minha mão. — Você viu um quadro no boudoir da velha casa?

— Vi; um quadro pintado em uma tela.

— O retrato de uma freira?

— Sim.

— Você ouviu a história dela?

— Sim.

— Você se lembra daquilo que nós vimos aquela noite no berceau?

— Jamais me esquecerei daquilo.

— Você não uniu as duas ideias; isso seria loucura?

— Eu pensei na aparição ao ver o retrato — disse eu, e era a pura verdade.

— Você não supôs, nem jamais irá supor — prosseguiu ele — que uma santa no céu se perturbe com rivalidades terrenas? Protestantes raramente são supersticiosos; essas fantasias mórbidas não vão assediar *você* ?

— Eu não sei o que pensar a respeito disso, mas acredito que uma solução perfeitamente natural para esse aparente mistério um dia será encontrada.

— Sem dúvida, sem dúvida. Além do mais, nenhuma mulher em boa saúde, e ainda menos um espírito puro e feliz, iria atrapalhar uma amizade como a nossa, n'est-il pas vrai? [17]

Antes que eu pudesse responder, Fifine Beck apareceu de repente, corada e abrupta, dizendo que precisavam de mim. Sua mãe estava indo à cidade para visitar certa família inglesa que havia solicitado informações sobre a escola: meus serviços de intérprete eram necessários. A interrupção não foi inoportuna: a cada dia sempre basta o seu mal; para aquele momento, seu bem era suficiente. Contudo, eu gostaria de ter perguntado a M. Paul se as "mórbidas fantasias" contra as quais ele me alertara atuavam em sua própria mente.

XXXVI. O POMO DA DISCÓRDIA

Além da mãe de Fifine Beck, outro poder tinha algo a dizer para M. Paul e para mim antes que aquele pacto de amizade pudesse ser ratificado. Nós estávamos sob a vigilância de olhos insones: Roma observava, ciumenta, seu filho através daquela grade mística perante a qual uma vez eu me ajoelhara, e à qual M. Emanuel era atraído um mês depois do outro: o painel corrediço do confessionário.

"Por que você estava tão feliz por ser amiga de M. Paul?", pergunta o leitor. "Ele não havia sido seu amigo por muito tempo? Ele não havia dado provas e mais provas de certa parcialidade em seus sentimentos?"

Sim, havia; mesmo assim, eu gostava de ouvi-lo dizer, com tanto fervor, que era meu amigo íntimo e verdadeiro; gostava de suas dúvidas modestas, de sua terna deferência, aquela confiança que ansiava descansar, e ficava grata quando lhe ensinaram como. Ele havia me chamado de "irmã". Muito bom. Sim; ele poderia me chamar do que quisesse, desde que confiasse em mim. Eu estava disposta a ser irmã dele, com a condição de que ele não me convidasse para cumprir essa função para alguma futura esposa dele; e tacitamente consagrado como ele estava ao celibato, parecia haver pouco risco de esse dilema ocorrer.

Durante grande parte da noite seguinte, fiquei pensando na entrevista daquela tarde. Eu desejava demais que a manhã nascesse, e então fiquei esperando o sino tocar; e, depois de me levantar e me vestir, achei que as orações e o café da manhã passavam lentamente, e todas as horas se arrastavam vagarosas, até finalmente chegar aquela que me levou para a aula de literatura. Meu desejo era ter uma compreensão maior dessa aliança fraternal: notar até que ponto ele se comportaria como irmão quando nós nos encontrássemos de novo; provar quanto havia de uma irmã

em meus próprios sentimentos; descobrir se eu conseguiria convocar a coragem de uma irmã, e ele, a sinceridade de um irmão.

Ele chegou. A vida é feita de tal modo que os fatos não podem, não vão corresponder às expectativas. Aquele dia inteiro ele não se aproximou de mim. A aula foi dada com maior silêncio que o habitual, mais tranquila, e também com maior seriedade. Ele foi paternal com as alunas, mas não foi fraterno comigo. Antes de ele sair da classe, eu esperava um sorriso, se não fosse uma palavra; não recebi nenhum: a mim me coube um aceno, apressado e tímido.

Essa distância, argumentei comigo mesma, é acidental, é involuntária; paciência, ela irá desaparecer. Não desapareceu; ela prosseguiu por dias; ela aumentou. Eu reprimi minha surpresa, e engoli quaisquer outros sentimentos que começaram a surgir.

Não foi por acaso que perguntei, quando ele me ofereceu amizade, "Ouso confiar no senhor?". E não foi por acaso que ele, sem dúvida conhecendo a si mesmo, recusou todas as garantias. É verdade, ele havia proposto que eu fizesse minhas próprias experiências: atormentá-lo e testá-lo. Vã determinação! Privilégio nominal e indisponível! Algumas mulheres poderiam desfrutar dele! Nada em meu poder ou instinto me colocava entre esse corajoso grupo. Deixada sozinha, eu era passiva; repelida, eu me afastava; esquecida, meus lábios não diriam uma palavra nem meus olhos lançariam uma advertência. Parecia que tinha havido um erro em algum ponto de minhas conjecturas, e eu esperei que o tempo o revelasse.

Mas chegou o dia em que, como de costume, ele deveria dar-me uma aula. Uma noite por semana ele havia, já fazia bastante tempo, generosamente consagrado a mim, dedicando-a à análise do que havia sido feito em vários estudos durante a semana anterior, e ao preparo do trabalho para a semana vindoura. Nessas ocasiões, minha sala de aula era em qualquer lugar, onde quer que as alunas e as demais professoras pudessem estar, ou perto delas, com bastante frequência na grande segunda turma, onde era fácil escolher um canto silencioso quando as

alunas externas que lotavam a sala estavam ausentes e as poucas internas se agrupavam perto do estrade da surveillante.

Na noite costumeira, ouvindo a hora costumeira soar, peguei meus livros e papéis, minha pena e a tinta, e fui para a grande divisão.

Não havia ninguém na classe, e tudo se encontrava em uma sombra fresca e profunda; mas através das portas duplas abertas era possível ver o carré, repleto de alunas e de luz; sobre o hall e as pessoas brilhava o sol que se movia para o oeste. Ele brilhava tão vermelho e vivo que os tons das paredes e as cores variadas dos vestidos pareciam todos embebidos em um cálido fulgor. As meninas estavam sentadas, trabalhando ou estudando; em meio ao seu grupo estava M. Emanuel, falando bem-humorado com uma professora. Seu paletôt escuro e seu cabelo negro estavam tingidos com mais de um reflexo purpúreo; seu rosto espanhol, quando ele o voltou momentaneamente, respondeu ao animado beijo do sol com um sorriso animado. Assumi meu lugar em uma mesa.

As laranjeiras e diversas plantas, carregadas de flores e cheias de vida, também se expunham à magnanimidade risonha do sol; elas haviam desfrutado dele o dia inteiro, e agora pediam água. M. Emanuel gostava de jardinagem; gostava de cuidar das plantas e de zelar por elas. Eu costumava pensar que trabalhar entre os arbustos com uma pá ou com um regador acalmava seus nervos; era uma distração à qual ele recorria com frequência; e agora ele olhava para as laranjeiras, os gerânios, os cactos tão belos, e os revigorava com o frescor de que a secura deles precisava. Enquanto isso, seus lábios davam apoio ao seu precioso charuto, aquela (para ele) necessidade básica e principal luxo da vida; a fumaça em circunvoluções azuis se encaracolava delicadamente entre as flores, sob a luz do entardecer. Ele não falou mais com as alunas nem com as professoras, mas dirigiu mais de uma palavra carinhosa a uma pequena spanieless (se é possível criar essa palavra), que oficialmente pertencia à casa, mas que virtualmente considerava M. Emanuel como seu dono, sendo mais apegada a ele que a qualquer outro habitante. Uma cachorrinha delicada, sedosa, amorosa e adorável ela era, trotando ao lado dele, olhando o rosto dele com olhos expressivos e afeiçoados; e sempre que ele

deixava cair seu bonnet-grec ou seu lenço, o que ele ocasionalmente fazia por brincadeira, sentava-se ao lado dele com o ar de um leão em miniatura guardando a bandeira de um reino.

Havia muitas plantas, e como o jardineiro amador pegava toda a água do poço no pátio, com suas próprias mãos ativas, o trabalho dele se estendeu por certo tempo. O grande relógio da escola tiquetaqueava. Outra hora soou. O carré e o grupo de jovens perderam a ilusão do sol poente. O dia estava acabando. Minha aula, eu percebi, essa noite deveria ser muito curta; mas as laranjeiras, os cactos e as camélias já haviam sido todos cuidados. Seria minha vez?

Ai de mim! No jardim havia mais plantas precisando de cuidados: roseiras favoritas, certas flores preferidas; os latidos felizes e os ganidos da pequena Sylvie seguiram o paletôt desaparecendo ao longo das aleias. Eu guardei alguns dos meus livros; não precisaria deles todos; fiquei sentada, pensando; e esperei, involuntariamente desaprovando a invasão insidiosa do crepúsculo.

Sylvie, pulando alegremente, foi vista uma vez mais, anunciando o paletôt que retornava; o regador foi colocado ao lado do poço; ele havia desempenhado sua tarefa; quão feliz eu estava! Monsieur lavou as mãos em uma pequena bacia de pedra. Não havia muito tempo mais para uma aula agora; antes que muito tempo se passasse, o sino das orações soaria; mas mesmo assim nós deveríamos nos encontrar, ele iria falar, uma chance seria dada para ler em seus olhos o mistério daquela timidez. Tendo terminado de se lavar, ele ficou parado, lentamente arrumando os punhos da camisa, olhando para o crescente de uma lua jovem, engastada, pálida, no céu cor de opala, e brilhando ligeiramente no pórtico de S. João Batista. Sylvie ficou observando o estado de espírito contemplativo; a imobilidade dele a irritou; ela ganiu e pulou para interrompê-lo. Ele olhou para baixo.

— Petite exigeante [1] — disse ele — você não pode ser esquecida um só minuto, ao que parece.

Ele se abaixou, pegou-a nos braços, saiu passeando pelo pátio, a cerca de um metro da fileira de janelas perto de uma das quais eu me sentava:

passeou com vagar, acariciando a spaniel nos braços, dizendo-lhe nomes doces com uma voz doce. Nos degraus da porta da frente ele se voltou; uma vez mais olhou para a lua, para a catedral cinzenta, sobre os pináculos e os telhados das casas mais distantes que desapareciam em um mar azulado de névoa noturna; saboreou o doce hálito do entardecer, e observou a floração do jardim; de repente olhou ao redor; seu olhar penetrante perscrutou a fachada branca das salas de aula, varreu a longa linha das croisées. [2] Acho que ele fez uma mesura; se a fez, eu não tive tempo para retribuir a cortesia. Em um instante ele havia desaparecido; o umbral iluminado pela lua jazia pálido e sem sombras perante a porta da frente fechada.

Recolhendo tudo que estava espalhado sobre a mesa à minha frente, levei a pilha não usada para seu lugar na terceira classe. O sino das orações soou; obedeci ao seu chamado.

* * * * *

A manhã seguinte não restituiu M. Emanuel à Rue Fossette, pois aquele era um dia inteiramente dedicado ao seu colégio. Eu cheguei ao fim das minhas aulas; passei pelas horas intermediárias; vi o entardecer se aproximar e me preparei para seus intensos ennuis. [3] O que seria pior, ficar com minhas colegas ou sentar-me sozinha, eu não havia levado em consideração; naturalmente adotei a última alternativa; se houvesse uma esperança de conforto por algum momento, o coração ou a cabeça de nenhum ser humano naquele estabelecimento poderia proporcioná-lo; somente sob o tampo da minha mesa ele poderia se abrigar, aconchegado entre as folhas de algum livro, dourando a ponta de um lápis, o bico de uma pena ou tingindo o fluido negro naquele pote de tinta. Com o coração pesado abri o tampo da minha mesa; com mãos pesadas revirei seu conteúdo.

Um a um, livros com os quais eu estava tão habituada, volumes cobertos por capas familiares foram tirados e devolvidos, sem esperanças: eles não tinham encanto; não poderiam confortar. É algo novo, esse

panfleto em lilás? Eu não o havia visto antes, e havia tornado a arrumar minha mesa naquele dia mesmo, naquela mesma tarde; o folheto devia ter sido introduzido naquela última hora, enquanto estávamos jantando.

Eu o abri. O que era? O que ele me diria?

Não era nem um conto ou um poema, nem um ensaio ou história; não cantava, nem relatava nem discutia. Era um texto teológico; ele pregava e persuadia.

Eu lhe dei atenção com toda a boa vontade, pois, pequeno como era, tinha seu próprio feitiço, e chamou minha atenção na hora. Ele pregava o romanismo; persuadia à conversão. A voz daquele livrinho insidioso era melíflua; suas entonações eram todas fervor e bálsamo. Nele não ribombava nenhuma expressão dos trovões de Roma, nenhuma explosão do sopro de sua desaprovação. O protestante deveria se tornar papista nem tanto por temer o inferno dos heréticos, mas por causa do conforto, da indulgência, da ternura que a Sagrada Igreja oferecia: longe dela ameaçar ou coagir; o desejo dela era guiar e conquistar. *Ela* , perseguindo? Oh, não, não! de jeito nenhum!

Esse suave volume não era dirigido aos empedernidos e aos mundanos; ele não era nem mesmo carne sólida para os fortes: era leite para as criancinhas: a meiga influência do amor materno voltado para seus rebentos mais tenros e mais jovens; concebido completa e unicamente para aqueles cuja cabeça tem de ser alcançada através do coração. Seu apelo não era ao intelecto; ele desejava conquistar os afeiçoados através de suas afeições, os simpatizantes através de suas simpatias: S. Vicente de Paula, reunindo seus órfãos ao seu redor, jamais falou com maior doçura.

Eu me lembro de que um principal estímulo à apostasia se encontrava no fato de que os católicos que haviam perdido seus amigos queridos para a morte poderiam desfrutar do indizível consolo de rezar para que eles saíssem do purgatório. O escritor não mencionava a paz mais segura daqueles cujas crenças não necessitam de purgatório de modo geral: mas eu pensei nisso; e, no conjunto, preferia a última doutrina como a que oferecia maior consolo. O livrinho me divertiu e não me desagradou profundamente. Era um livrinho hipócrita, sentimental, superficial;

contudo, algo nele alegrou minha melancolia e me fez sorrir; eu me diverti com as cambalhotas desse rústico filhote de lobo vestido de pele de cordeiro, e imitando o balido de um inocente cordeirinho. Partes dele me fizeram pensar em certos folhetos metodistas wesleyanistas que eu havia uma vez lido quando criança; eles eram condimentados com quase o mesmo tempero de incitação ao fanatismo. Quem o escrevera não era um homem mau, e, embora traísse perpetuamente a astúcia treinada, as patas bipartidas do seu sistema, devo parar antes de acusá-lo de insinceridade. O julgamento dele, entretanto, precisava de muletas; ele era instável.

Sorri então com essa dose de ternura maternal vinda da velha senhora das Sete Colinas vestida de escarlate; sorri também da minha própria falta de inclinação, para não dizer de habilidade, de me identificar com esses favores. Dando uma olhada na folha de rosto, descobri o nome de "Père Silas". A folha de guarda trazia, em uma escrita pequena, mas clara e tão conhecida: "De P. C. D. E. para L—y". E quando vi isso dei risada: mas não em meu estado de espírito anterior. Fiquei animada.

Um aturdimento mortal subitamente se dissipou da minha mente e da minha visão; a solução para o enigma da Esfinge havia sido obtida; a junção desses dois nomes, Père Silas e Paul Emanuel, era a chave de tudo. O penitente estivera com seu diretor espiritual, não tendo permissão para esconder nada, proibido de esconder um canto sequer do seu coração consagrado a Deus e a si mesmo; teve de permitir que toda a narrativa da nossa última conversa fosse extraída dele: ele havia admitido o pacto de amizade e falado da sua irmã adotiva. Como podiam tal pacto e tal adoção ser sancionados pela Igreja? Comunhão fraternal com uma herética! Parecia que eu ouvia Père Silas cancelando o pacto profano, alertando seu penitente de seus perigos, suplicando, rogando discrição, ou melhor, pela autoridade da sua posição, e em nome de tudo que M. Emanuel considerava mais caro e sagrado, e pela sua lembrança, exigindo o cumprimento desse novo sistema cujo gelo havia perfurado até a medula dos meus ossos.

Essas podem não parecer hipóteses agradáveis; contudo, em comparação, elas eram bem-vindas. A visão de um provocador

fantasmagórico pairando como pano de fundo não era nada, se comparada ao temor de uma mudança espontânea surgindo no próprio M. Paul.

Passado tanto tempo, não posso saber com certeza até que ponto as conjecturas acima apresentadas eram sugeridas por si próprias, ou até que ponto elas deviam sua origem e confirmação a outras fontes. O auxílio não se fez esperar.

Naquela tarde não houve um pôr-do-sol luminoso: o oeste e o leste eram uma só nuvem; nenhuma névoa azulada de verão, mesclada de cor-de-rosa, suavizava a distância; um nevoeiro pegajoso vindo dos pântanos se insinuava, acinzentado, ao redor de Villette. Essa noite o regador poderia permanecer em seu nicho perto do poço: uma chuva leve estivera caindo a tarde toda, e ainda caía rápida e silenciosa. Esse não era um tempo propício para caminhadas pelas aleias molhadas, sob as árvores gotejantes; e eu me sobressaltei ao ouvir o repentino latido de Sylvie no jardim, seu latido de boas-vindas. Certamente ela não estava acompanhada e, contudo, esses latidos felizes e rápidos jamais eram emitidos a não ser em homenagem a uma presença.

Através da porta de vidro e do berceau, eu tinha uma boa visão da allée défendue: para lá Sylvie foi correndo, brilhando através da escuridão da aleia como uma bola-de-neve. Ela correu para lá e para cá, pulando, ganindo, importunando passarinhos entre os arbustos. Eu fiquei olhando uns cinco minutos; nenhuma concretização se seguiu à profecia. Voltei para meus livros; os latidos agudos de Sylvie cessaram repentinamente. Uma vez mais, ergui o olhar. Ela estava parada não muito longe, balançando a cauda branca e peluda tão depressa quanto o músculo podia trabalhar, e observando atentamente as operações de uma pá, diligentemente usada por mãos incansáveis. Lá estava M. Emanuel, encurvado sobre o solo, cavando na terra molhada entre os arbustos pesados de chuva e gotejantes, trabalhando com tanto afinco como se o seu pagamento daquele dia ainda tivesse de ser ganho pelo literal suor do seu rosto.

Nesses gestos eu li um estado de espírito perturbado. Ele poderia cavar desse jeito na neve gelada no mais frio dos dias de inverno, quando

incitado internamente por uma emoção dolorosa, quer causada pela excitação nervosa ou por tristes pensamentos de autocensura. Ele cavaria horas a fio, com a testa franzida e os dentes cerrados, sem uma única vez erguer a cabeça ou abrir os lábios.

Sylvie ficou olhando até se cansar. Uma vez mais correndo de um lado para o outro, pulando aqui, avançando acolá, fungando e farejando em todos os cantos, finalmente ela me descobriu na classe. Na mesma hora se precipitou latindo para os vidros como se fosse para me incitar a ir lá fora para compartilhar seu prazer na labuta de seu dono; ela me havia visto ocasionalmente andando por aquela aleia com M. Paul; e eu não duvido de que ela considerasse meu dever me juntar a ele agora, mesmo tudo estando molhado.

Ela fez tamanho alvoroço que M. Paul finalmente ergueu o olhar, e naturalmente percebeu por que e para quem ela latia. Ele assobiou para chamá-la; ela apenas latiu mais alto. Ela parecia bastante decidida a ver a porta de vidro sendo aberta. Cansado, suponho, com a impertinência dela, ele colocou de lado a pá, se aproximou e escancarou a porta. Sylvie entrou toda impetuosa, pulou para meu colo e, com as patas no meu pescoço, e o focinho e a língua demasiadamente ocupados no meu rosto, na minha boca e nos meus olhos, agitou a cauda peluda sobre a mesa, e espalhou livros e papéis por todos os lados.

M. Emanuel se aproximou para acalmar o barulho e organizar a bagunça. Tendo recolhido os livros, ele capturou Sylvie e colocou-a sob seu paletôt, onde ela se aninhou tão quietinha quanto um camundongo, apenas a cabeça aparecendo. Ela era muito pequena, e tinha a mais linda carinha inocente, as orelhas mais longas sedosas, os mais belos olhos escuros do mundo. Eu nunca a vi sem pensar em Paulina de Bassompierre: perdoe a associação, leitor, ela *acontecia* .

M. Paul acariciou Sylvie e lhe deu umas palmadinhas; não dava para se espantar com os carinhos que ela recebia; ela atraía afeição devido à sua beleza e vivacidade.

Enquanto acariciava a spaniel, os olhos dele perambularam sobre os papéis e os livros recém-arrumados; eles se fixaram no panfleto religioso.

Seus lábios se moveram; ele controlou em parte o impulso para falar. O quê! Ele havia prometido não falar mais comigo? Se fosse assim, a parte melhor da sua natureza fez o juramento "mais honrada no rompimento que na observância", pois, com um esforço posterior, ele falou:

— A senhorita ainda não leu a brochura, suponho. Ela não é suficientemente convidativa?

Respondi que a havia lido.

Ele ficou esperando, como se desejasse que eu desse uma opinião a respeito, sem ser solicitada. Sem ser solicitada, entretanto, eu não estava com disposição para fazer ou dizer alguma coisa. Se algumas concessões deveriam ser feitas, se quaisquer avanços fossem exigidos, isso era responsabilidade do muito dócil pupilo de Père Silas, não minha. Os olhos dele se fixaram em mim, com gentileza; naquele momento, havia uma meiguice em seu brilho azul, havia solicitude, uma sombra de pathos; havia significados complexos e contrastados, a repreensão se transformando em remorso. Naquela ocasião, provavelmente, ele teria ficado contente por ver alguma coisa emotiva em mim. Eu não conseguia mostrá-la. Em mais um minuto, contudo, eu poderia ter traído minha confusão, caso não me tivesse decidido a pegar algumas penas na minha mesa e a começar a arrumá-las com seriedade.

Eu sabia que uma ação teria alterado o estado de espírito dele. Ele nunca gostava de me ver arrumando as penas; minha faca sempre estava rombuda; minhas mãos, também, eram desajeitadas; eu picava e lascava. Nessa ocasião, cortei meu dedo (em parte de propósito). Eu queria fazer com que M. Paul voltasse ao seu estado natural, colocá-lo à vontade, fazer com que ele me censurasse.

— Maladroite! [4] — exclamou ele, finalmente. — Ela vai fazer picadinho das próprias mãos!

Ele colocou Sylvie no chão, fazendo-a ficar deitada quietinha ao lado do seu bonnet-grec e, privando-me das penas e do canivete para aparar penas, começou a cortar, a aparar e a fazer pontas com a precisão e a rapidez de uma máquina.

"Eu havia gostado do livrinho?", perguntou ele então.

Reprimindo um bocejo, eu disse que não tinha muita noção.

“Ele havia me emocionado?”

“Eu achei que ele havia me deixado um pouco sonolenta.”

(Depois de uma pausa:)

“Allons, donc! [5] Não tinha cabimento usar aquele tom de voz com ele. Ruim como eu era (e ele sentiria muito ter de nomear todos os meus defeitos de um só fôlego), Deus e a natureza haviam me dado “trop de sensibilité et de sympathie” [6] para não ser afetada por um apelo tão tocante.

— É mesmo! — respondi, excitando-me rapidamente. — Eu não havia sido nem um pouco afetada… nem um pouquinho.

E, como prova, tirei do bolso um lenço absolutamente seco, ainda limpo e bem dobrado.

E com isso fui objeto de uma enxurrada de reprimendas bem mais mordazes que educadas. Ouvi com gosto. Depois daqueles dois dias de silêncio pouco natural, ouvir M. Paul arengando novamente com sua antiga maneira habitual era melhor que música. Ouvi e, enquanto isso, consolava a mim mesma e a Sylvie com o conteúdo de uma bonbonnière, sempre bem suprida com chocolates graças aos presentes de M. Emanuel: ele ficava satisfeito ao ver até mesmo algo insignificante saído de suas mãos devidamente apreciado. Ele olhou para mim e para a spaniel enquanto nós compartilhávamos o espólio; colocou de lado o canivete para aparar penas. Tocando minha mão com o punhado de penas recém-aparadas, ele disse:

— Dites donc, petite sœur… [7] fale francamente: o que a senhorita pensou a meu respeito durante os últimos dois dias?

Porém, eu não daria atenção a essa pergunta; o teor dela fez meus olhos se encherem de lágrimas. Eu acariciei Sylvie infatigavelmente. M. Paul se inclinou sobre a mesa, na minha direção:

— Eu disse que era seu irmão — disse ele. — Mal sei o que eu sou… irmão… amigo… Não sei dizer. Sei que penso na senhorita… Sinto que lhe desejo bem… mas devo me controlar; a senhorita deve ser temida. Meus melhores amigos apontam o perigo, e aconselham cautela.

— O senhor faz bem em ouvir os seus amigos. Com certeza, seja cauteloso.

— É sua religião: seu credo estranho, independente e invulnerável, cuja influência parece envolver a senhorita em um tipo de um envoltório ímpio. A senhorita é boa pessoa… Père Silas diz que a senhorita é boa, e a ama… mas em seu protestantismo terrível, orgulhoso e fervoroso se encontra o perigo. Ele se expressa em seus olhos às vezes; e, além do mais, ele lhe dá certa entonação e certos gestos que me fazem ficar arrepiado. A senhorita não é expansiva e, mesmo assim, agora mesmo… quando a senhorita segurou esse panfleto… meu Deus! Eu achei ter visto Lúcifer sorrir.

— Com certeza eu não respeito esse panfleto; qual é o problema?

— Não respeita esse panfleto? Mas ele é a pura essência da fé, do amor, da caridade! Eu achei que ele iria tocar a senhorita: acreditei que a gentileza dele não iria falhar. Eu o coloquei na sua mesa com uma oração: realmente devo ser um pecador: o Céu não vai ouvir os rogos que surgem com maior sinceridade do meu coração. A senhorita desdenha meu pequeno presente. Oh, cela me fait mal! [8]

— Monsieur, eu não o desdenho, pelo menos, não como um presente seu. Sente-se, Monsieur, e me ouça. Eu não sou pagã, eu não sou empedernida, eu não sou anticristã, eu não sou perigosa, como eles lhe dizem; eu não vou perturbar a sua fé; o senhor acredita em Deus, e em Cristo e na Bíblia, e eu também.

— Mas a senhorita *acredita* na Bíblia? Vocês recebem a Revelação? Quais são os limites para a insana e negligente ousadia do seu país e da sua seita? Père Silas fez algumas insinuações desfavoráveis.

À custa de persuasão, eu o fiz definir parcialmente tais insinuações; elas não passavam de astuciosas calúnias jesuíticas. Naquela noite, M. Paul e eu conversamos séria e intimamente. Ele implorou, argumentou. *Eu* não fui capaz de argumentar (uma incapacidade afortunada); era preciso uma oposição lógica e triunfante para realizar tudo que o conselheiro espiritual desejava que fosse realizado; mas eu conseguia falar a meu próprio modo, o modo com o qual M. Paul estava habituado, e ele

conseguia seguir os meandros e preencher os vazios, e perdoar os estranhos balbucios desse modo de falar, não mais estranhos para ele. Sentindo-me tranquila com ele, pude defender minha crença e minha fé a meu próprio modo; até certo ponto, consegui aquietar os preconceitos dele. Ele não estava convencido quando foi embora, e mal havia sido acalmado; mas havia sido levado a sentir intensamente que os protestantes não eram necessariamente os irreverentes pagãos que seu conselheiro espiritual havia insinuado; ele foi levado a compreender algo a respeito do modo deles de honrar a Luz, a Vida, a Palavra; ele foi até certo ponto induzido a perceber que, enquanto a veneração deles às coisas veneráveis não era exatamente aquela cultivada pela Igreja dele, ela tinha seu poder, talvez mais forte — sua própria reverência mais solene.

Eu descobri que Père Silas (pessoalmente, ele não era má pessoa, embora fosse o defensor de uma causa ruim) havia, de modo ameaçador, estigmatizado os protestantes em geral, e a mim por inferência, com estranhos nomes, havia nos atribuído estranhos "ismos"; Monsieur Emanuel revelou tudo isso de sua maneira franca, que não conhecia evasivas, olhando para mim enquanto falava com um temor afável e sincero, quase tremendo, com receio de que houvesse alguma verdade nas acusações. Ao que parece, Père Silas havia me observado atentamente, havia verificado que eu ia, alternadamente e de modo indiscriminado, às três igrejas protestantes de Villette: a francesa, a alemã e a inglesa, id est, [9] a presbiteriana, a luterana e a episcopal. Tal prodigalidade, aos olhos do padre, indicava uma profunda indiferença; quem tolera tudo, ele pensava, não pode se apegar a nada. Bem, o que acontecia é que eu havia com frequência refletido intimamente sobre o aspecto limitado e sem importância das diferenças entre essas três seitas, sobre a concordância e a identidade de suas doutrinas vitais: eu nada via que as impedisse de um dia se fundirem em uma grande Aliança Sagrada, e respeitava todas elas, embora considerasse que em cada uma havia erros de estrutura, empecilhos e trivialidades. Exatamente o que eu pensava, eu falei para M. Emanuel, e expliquei que meu apelo final pessoal, o guia ao qual eu

olhava, e o mestre que eu reconhecia, teria de ser sempre a própria Bíblia, e não alguma seita de qualquer nome ou nacionalidade.

Ele me deixou apaziguado, contudo, cheio de solicitude, manifestando o desejo, tão forte quanto uma oração, de que, se eu estivesse errada, o Céu iria me encaminhar para o bem. Eu ouvi, manifestados no umbral, certos murmúrios fervorosos dirigidos a "Marie, Reine du Ciel", [10] certa profunda aspiração de que a esperança *dele* pudesse ser a *minha* .

Estranho! Eu não tinha um desejo tão ardente de afastá-lo da fé de seus ancestrais. Eu achava que o romanismo estava errado, uma grande e mesclada estátua de ouro e de barro; mas me parecia que esse romanista acatava os mais puros elementos da sua crença com uma inocência de coração que Deus deveria amar.

A conversa precedente aconteceu entre as oito e as nove horas da noite, em uma sala de aula da tranquila Rue Fossette, que se abria para um jardim isolado. Provavelmente mais ou menos na mesma hora, ou um pouco mais tarde da noite seguinte, seus ecos, recolhidos pela obediência sagrada, foram sussurrados verbatim em ouvidos atentos, nas grades de um confessionário, na venerável igreja dos Magos. E, como consequência, Père Silas fez uma visita a Madame Beck e, incitado por não sei qual mistura de motivos, persuadiu-a a permitir que ele, por algum tempo, assumisse o conselho espiritual da inglesa.

E com isso eu fui submetida a uma série de leituras; na verdade, eu só dei uma olhada nos livros que me foram emprestados; eles eram muito pouco do meu gosto para que fossem minuciosamente lidos, marcados, aprendidos ou internamente digeridos. E, além do mais, eu tinha um livro no andar de cima, sob meu travesseiro, do qual certos capítulos satisfaziam minhas necessidades no que dizia respeito ao conhecimento espiritual, fornecendo os preceitos e exemplos que, no fundo do meu coração, eu tinha certeza de que não poderiam ser aperfeiçoados.

Então Père Silas mostrou-me o lado bom de Roma, suas boas obras; e me pediu que reconhecesse a árvore por seus frutos.

Em resposta, eu reconhecia e sentia que essas obras *não* eram os frutos de Roma; elas não eram mais que sua abundante floração, não mais que a

doce promessa que ela mostrava para o mundo. Essa floração, quando madura, não tinha sabor de caridade; a maçã plenamente desenvolvida era ignorância, degradação e fanatismo. Das aflições e dos males dos homens eram forjados os grilhões da servidão humana. A pobreza era alimentada e vestida e abrigada para ser aprisionada pelos benefícios à "Igreja"; a orfandade era alimentada e educada para que pudesse crescer no seio da "Igreja"; a doença era cuidada para que pudesse morrer segundo as fórmulas e as ordens da "Igreja"; e os homens eram sobrecarregados, e as mulheres sacrificadas da forma mais criminosa, e todos abandonavam um mundo que Deus tornara agradável para o bem de suas criaturas, e assumiam uma cruz, monstruosa em seu peso humilhante, para que eles pudessem servir a Roma, provar sua santidade, confirmar seu poder e divulgar o reino de sua "Igreja" tirânica.

Para o bem do homem, pouco era feito; para a glória de Deus, menos ainda. Mil caminhos eram abertos com dor, com suor de sangue, com o desperdício de vidas; montanhas eram fendidas em seu íntimo, e as rochas eram estilhaçadas até sua base; e tudo isso para quê? Para que um Sacerdócio pudesse marchar diretamente e mais além rumo a uma eminência dominante, de onde eles poderiam, finalmente, estender o cetro de sua "Igreja" Môlek.

Isso não pode ser. Deus não está com Roma; e, se o Filho de Deus ainda sentisse o sofrimento humano, não iria Ele lamentar as crueldades e ambições dela, como outrora Ele lamentara pelos crimes e infortúnios da condenada Jerusalém!

Oh, amantes do poder! Oh, aspirantes mitrados dos reinos terrestres! Até mesmo para vocês chegará uma hora em que fará bem para seus corações, pausando exaustos a cada pulsação irregular, que haja uma Misericórdia além das compaixões humanas; um Amor mais poderoso que essa morte poderosa que até mesmo vocês terão de enfrentar, e perante a qual sucumbirão; uma Caridade mais potente que qualquer pecado, até mesmo o de vocês; uma Piedade que resgata mundos; até mais que isso, absolve Padres.

* * * * *

Minha terceira tentação foi apresentada sob a forma da pompa de Roma, a glória do seu reino. Eu fui levada às igrejas em ocasiões solenes: dias de fête e de solenidade; mostraram-me o ritual e o cerimonial papal. Eu os observei.

Muitas pessoas, homens e mulheres, sem dúvida superiores a mim de mil modos, consideraram essa demonstração impressionante, declararam que, embora sua Razão protestasse, sua Imaginação fora subjugada. Não posso dizer o mesmo. Nem a procissão completa, nem a missa solene, nem a profusão de velas, nem os turíbulos balouçantes, nem a mitra eclesiástica nem as joias celestiais tocaram minha imaginação nem um pouquinho. O que vi me pareceu espalhafatoso, não grandioso; como grosseiramente material, não poeticamente espiritual.

Isso eu não falei para o Père Silas; ele era idoso, tinha uma aparência venerável: ao longo de todas as experiências abortivas, sob todas as repetidas decepções, ele permaneceu pessoalmente gentil para comigo, e eu sentia escrúpulos em magoar os sentimentos deles. Mas no anoitecer de certo dia, quando, da varanda de uma grande casa, eu havia sido forçada a testemunhar uma grande procissão mista da igreja e do exército, padres com relicários, e soldados com armas, um arcebispo obeso e idoso, vestido de cambraia e rendas, parecendo-se estranhamente com uma gralha cinzenta com a plumagem de uma ave-do-paraíso, e um grupo de meninas ricamente vestidas e enfeitadas, *então* eu disse o que pensava para M. Paul.

— Não gosto disso — eu lhe disse. — Eu não respeito tais cerimônias; não gostaria mais de vê-las.

E, tendo aliviado minha consciência com essa declaração, tive condição de prosseguir e, falando com maior fluência e clareza que meu modo costumeiro, para mostrar-lhe que eu tinha intenção de me ater ao meu credo reformado; quanto mais eu via do papismo, mais me apegava ao protestantismo; sem dúvida havia erros em todas as igrejas, mas agora eu percebia por contraste quão severamente pura era a minha, comparada

com aquela cuja face pintada e meretrícia havia sido desvelada para minha admiração. Eu lhe disse como nós mantínhamos menos formas entre nós e Deus, mantendo, na verdade, talvez não mais que a natureza da humanidade na massa tornada necessária para uma devida observância. Eu lhe disse que não conseguia olhar para flores e ouropel, para a luz de velas e bordados, em momentos e circunstâncias que deveriam ser consagrados a erguer a visão íntima para Aquele cuja morada é o Infinito, e Seu ser a Eternidade. E que quando eu pensava a respeito do pecado e do pesar, da corrupção terrena, da depravação mortal, dos pesados infortúnios seculares, não podia me importar com padres que cantavam ou com oficiais mascarados; que quando as dores da existência e os terrores da morte se faziam sentir à minha frente, quando a poderosa esperança e a dúvida incomensurável a respeito do futuro surgiam, *então* , até mesmo a tensão científica, ou a oração em uma língua culta e morta, perturbavam com obstáculos um coração que somente ansiava gritar:

"Ó Deus, tende compaixão do pecador que eu sou!".

Quando eu falei dessa maneira, e declarei de tal modo minha fé, e me afastei de modo tão completo daquele a quem eu me dirigia, então, finalmente, surgiu um tom de concordância, um eco compreensivo, um doce acorde de harmonia entre dois espíritos conflitantes.

— O que quer que digam padres ou controversistas — murmurou M. Emanuel —, Deus é bom e ama quem é sincero. Acredite, então, naquilo em que você pode; acredite como pode acreditar; uma oração, ao menos, nós temos em comum; eu também grito, "O Dieu, sois appaisé envers moi qui suis pécheur!". [11]

Ele se apoiou no espaldar da minha cadeira. Depois de pensar um pouco, ele se manifestou novamente:

— Como se apresenta aos olhos daquele Deus que criou o firmamento, de cujas narinas se originaram todas as formas de vida existentes aqui, ou nas estrelas que brilham mais além, como se apresentam as diferenças do homem? Mas, como o Tempo não é para Deus, nem o Espaço, então também não são a Medida e a Comparação. Nós nos degradamos em nossa insignificância e fazemos bem; contudo, pode ser que a constância de um

coração, a verdade e a fé de uma mente segundo a luz que Ele designou, contem tanto para Ele quanto o movimento regular dos satélites ao redor de seus planetas, ou dos planetas ao redor de seus sóis, dos sóis ao redor daquele centro poderoso e invisível, incompreensível, irrealizável, que só é percebido com um estranho esforço mental.

— Deus nos guie a todos! E Deus abençoe você, Lucy!

XXXVII. LUZ DO SOL

Foi muito correto da parte de Paulina se recusar a manter correspondência com Graham até seu pai ter aprovado o relacionamento. Porém, o Dr. Bretton não conseguia viver a cinco quilômetros do Hôtel Crécy sem dar um jeito de fazer visitas frequentes. Os dois apaixonados tencionavam, a princípio, eu acredito, se manter distantes; eles mantiveram suas intenções no que diz respeito a uma corte ostensiva; porém, em relação aos sentimentos, logo ficaram muito próximos.

Tudo que havia de melhor em Graham procurava Paulina; qualquer coisa nele que fosse nobre era despertada e crescia na presença dela. Em sua admiração anterior pela Srta. Fanshawe, eu suponho que seu intelecto estivesse pouco envolvido, mas todo o intelecto dele e seus gostos mais refinados se manifestaram então. Estes, assim como todas as faculdades dele, estavam ativos, ansiando por nutrição, e receptivos à gratificação quando ela acontecia.

Não posso dizer que Paulina o levasse a falar de livros de propósito, ou se propusesse formalmente por um momento a tarefa de levá-lo à reflexão, ou planejasse o desenvolvimento da mente dele, ou sequer imaginasse que a mente dele pudesse de algum modo ser desenvolvida. Ela o achava tão perfeito; foi o próprio Graham que, a princípio por um mero acaso, mencionou certo livro que estivera lendo, e quando na resposta dela foi percebida uma harmonia de interesses muito bem-vinda, algo agradável para a alma dele, ele continuou a falar, talvez mais e melhor do que jamais falara antes a respeito de tais assuntos. Ela ouvia com deleite, e respondia com animação. Em cada resposta sucessiva, Graham ouvia uma música que ficava cada vez mais agradável aos seus sentidos; em cada uma ele descobriu um toque sugestivo, persuasivo e mágico que abria em seu

íntimo uma caixa de tesouros pouco conhecida, mostrando-lhe um poder insuspeitado em sua própria mente, e, o que era melhor, uma bondade latente em seu coração. Cada um gostava do modo como o outro falava; a voz, a pronúncia e a expressão agradavam; cada um sentia um intenso prazer com os traços distintivos da sagacidade do outro; eles compreendiam o que o outro queria dizer com uma estranha rapidez, seus pensamentos com frequência combinavam como pérolas cuidadosamente selecionadas. Graham possuía abundância de alegria por natureza; Paulina não possuía esse fluxo inerente de vivacidade: sem ser estimulada, ela se inclinava a ser pensativa e melancólica, mas agora parecia tão alegre quanto uma criança; na presença jovial do seu amado, ela brilhava como uma luz suave e feliz. Quão bela ela ficou em sua felicidade, mal posso dizer, mas fiquei espantada ao vê-la. Quanto àquela gentil reserva dela, aquela reserva com a qual ela havia contado, onde estaria agora? Ah! Graham não mais a suportava; ele trouxe uma influência generosa que logo derreteu a restrição tímida e autoimposta.

E então os velhos dias em Bretton eram relembrados; talvez de maneira hesitante a princípio, com um tipo de acanhamento sorridente, depois com um candor honesto e uma confidência crescente. Graham havia criado para si mesmo uma oportunidade melhor que a que ele desejara que eu proporcionasse; havia conquistado a independência do apoio colateral que a pouco obsequiosa Lucy havia recusado; todas as suas reminiscências da "pequena Polly" encontraram uma expressão própria nas agradáveis inflexões dele, ditas por seus próprios lábios gentis e belos, tão melhores do que se tivessem sido sugeridas por mim.

Mais de uma vez quando estávamos sozinhas, Paulina me falava como era maravilhoso e curioso descobrir a riqueza e a precisão da memória dele sobre esse assunto. Como, enquanto ele estava olhando para ela, recordações pareciam ser repentinamente ativadas na mente dele. Ele recordava para ela que certa vez ela havia acolhido a cabeça dele em seus braços, acariciado sua juba leonina e exclamado: "Graham, eu gosto *tanto* de você!". Ele lhe contou como ela colocava um escabelo ao lado dele, e o usava como auxílio para sentar-se nos joelhos dele. Nesse dia, ele disse

que conseguia se lembrar da sensação das mãozinhas dela acariciando suas faces, ou se afundando na sua farta cabeleira. Ele se recordava do toque do dedinho dela, colocado um pouco trêmulo, um pouco curioso, na covinha do queixo dele: o jeito de falar, o olhar com que ela a definia como uma "linda covinha", e então procurando os olhos dele e perguntando por que eles eram tão penetrantes, dizendo-lhe que ele tinha um "rosto agradável e estranho, muito mais agradável e mais estranho que o da mamãe dele ou o de Lucy Snowe".

— Criança que eu era — observou Paulina — fico pensando como eu ousava ser tão arrojada. Tudo isso agora me parece sagrado, os cabelos dele são inacessíveis, e, Lucy, eu sinto um tipo de temor, quando olho para o queixo firme dele, para seus traços perfeitamente gregos. Dizem que as mulheres são bonitas, Lucy; ele não é parecido com uma mulher, portanto, suponho que ele não seja bonito, mas, o que ele é, então? As outras pessoas o veem com meus olhos? *Você* o admira?

— Eu vou lhe dizer o que eu faço, Paulina — foi minha resposta certa vez para as inúmeras perguntas dela. — *Eu nunca o vejo* . Eu olhei para ele duas ou três vezes há cerca de um ano, antes de ele me reconhecer, e então fechei os olhos; e, se ele fosse passar na frente deles uma dúzia de vezes entre o ocaso e a aurora de cada dia, a não ser devido às lembranças, eu mal saberia que forma havia passado por mim.

— Lucy, o que você quer dizer? — perguntou ela, baixinho.

— Eu quero dizer que valorizo a visão, e tenho medo de ser cegada.

Foi melhor responder-lhe de maneira firme e de uma só vez, e silenciar para sempre as confidências ternas e apaixonadas que partiam dos lábios dela doces como o mel, e às vezes chegavam aos meus ouvidos como chumbo derretido. Para mim, ela não fez mais comentários a respeito da beleza do seu amado.

Contudo, ela falava a respeito dele; às vezes com timidez, com frases tranquilas e breves; às vezes com uma terna cadência, e uma musicalidade na voz que era refinada por si só; mas que, de vez em quando, me enervavam profundamente; e então, eu sei, eu lhe lançava palavras e

olhares severos; mas uma felicidade sem perturbações havia ofuscado sua inerente visão límpida, e ela apenas achava Lucy caprichosa.

— Mocinha espartana! Orgulhosa Lucy! — dizia ela, sorrindo para mim. — Graham diz que você é a mulherzinha mais peculiar e caprichosa que ele conhece; mas, mesmo assim, você é excelente; nós dois pensamos assim.

— Vocês dois não sabem o que pensam — disse eu. — Tenham a bondade de me transformar em tema de suas conversas e pensamentos o mínimo possível. Eu tenho meu tipo de vida separado de vocês.

— Mas, Lucy, a nossa é uma vida bonita, ou será; e você vai compartilhá-la.

— Eu não vou compartilhar a vida de um homem ou de uma mulher neste mundo, do modo como você compreende o compartilhamento. Acho que eu tenho um amigo, mas não tenho certeza; e, até eu *ter* certeza, vivo sozinha.

— Mas a solidão é tristeza.

— Sim, é tristeza. A vida, entretanto, tem coisas piores que isso. Mais profundo que a melancolia é o pesar.

— Lucy, eu fico pensando se alguém chegará um dia a compreender mesmo você.

Há, nos apaixonados, certo excesso de egoísmo; eles têm de ter uma testemunha para a sua felicidade, não importa o que isso custe para a testemunha. Paulina tinha proibido as cartas; contudo, o Dr. Bretton escrevia; ela havia se decidido contra a correspondência; contudo, respondia, nem que fosse somente para censurar. Ela me mostrava essas cartas; e com algo da obstinação de uma criança mimada e da vontade imperiosa de uma herdeira, ela me *fazia* lê-las. Enquanto eu lia as cartas de Graham, mal me espantava com a imposição dela, e entendia o seu orgulho: eram belas cartas, viris e ternas — modestas e galantes. As dela devem ter parecido belas para ele. Elas não haviam sido escritas para mostrar seu talento; ainda menos, eu creio, para expressar seu amor. Pelo contrário, parecia que ela havia se proposto a tarefa de ocultar esse sentimento, e de conter o ardor do seu apaixonado. Mas, como poderiam

tais cartas servir a tal propósito? Graham era tão importante para ela quanto a própria vida; ele a atraía como um poderoso ímã. Para ela havia uma indizível influência em tudo que ele falava, escrevia, pensava ou olhava. Com essa confissão inconfessa, as cartas dela brilhavam, ela as animava da saudação até o adieu.

— Eu queria que papai soubesse; eu queria *tanto* que papai soubesse! — passou então a ser o murmúrio ansioso dela. — Eu queria, e, entretanto, eu temo. Mal consigo evitar que Graham fale com papai. Não há nada que eu deseje mais do que decidir essa questão, falar honestamente; entretanto, temo a crise. Eu sei, tenho certeza de que papai vai ficar zangado a princípio; temo que ele quase vá deixar de gostar de mim; isso vai parecer para ele uma questão desagradável; vai ser uma surpresa, um choque: eu mal posso prever o efeito geral sobre ele.

O fato era o seguinte: seu pai, por tanto tempo calmo, estava começando a ficar um pouco agitado: por tanto tempo cego em relação a um ponto, via agora uma importante luz começando a atravessar os seus olhos.

Para *ela* , ele nada dizia; mas quando ela não estava olhando para ele, ou talvez pensando nele, eu o via olhando-a com firmeza e pensando a respeito dela.

Certa noite, Paulina estava no seu quarto, escrevendo, acredito, para Graham; ela me deixara na biblioteca, lendo. M. de Bassompierre chegou; ele se sentou. Eu estava prestes a me retirar, ele me solicitou que ficasse; com gentileza, contudo, de um modo que mostrava que desejava aquiescência. Ele se sentara perto da janela, a certa distância de mim; abriu a mesa e retirou dela o que se parecia com um livro de apontamentos; desse livro ele estudou uma determinada anotação por vários minutos.

— Srta. Snowe — disse ele, colocando o livro de lado —, a senhorita sabe quantos anos tem minha menininha?

— Uns dezoito, não é, senhor?

— É o que parece. Este velho livro de apontamentos me diz que ela nasceu no dia 5 de maio do ano de 18**, há dezoito anos. É estranho; eu

havia perdido a conta da idade dela. Eu achava que ela teria uns doze… quatorze… uma idade indefinida; mas ela me parecia uma criança.

— Ela tem uns dezoito anos — repeti. — Ela cresceu; não vai ficar mais alta.

— Minha pequena joia! — disse M. de Bassompierre, em um tom de voz que soava como algumas das inflexões da sua filha.

Ele ficou sentado, bastante pensativo.

— Senhor, não fique triste — disse eu, pois eu conhecia os sentimentos dele, por mais que ficassem sem ser manifestados.

— Ela é a única pérola que eu tenho — disse ele —, e agora outros irão descobrir que ela é pura e valiosa: eles irão ambicioná-la.

Eu não respondi. Graham Bretton havia jantado conosco aquele dia; havia brilhado tanto na conversa quanto na aparência: certo tipo de demonstração de vigor embelezava seu aspecto e suavizava sua conversação. Sob o estímulo de uma esperança mais alta, havia se desvelado algo em todo o aspecto dele que chamava a atenção. Eu acredito que ele se propusera naquele dia a indicar a origem de suas aspirações, e o objetivo de sua ambição. M. de Bassompierre havia sido forçado, de certo modo, a discernir o alvo e a compreender as características da homenagem de Graham. Lento para observar, ele era lógico em seu raciocínio: tendo apanhado a ponta da meada, ela o havia guiado através de um longo labirinto.

— Onde ela está? — perguntou ele.

— Ela está no andar de cima.

— O que ela está fazendo?

— Ela está escrevendo.

— Ela está escrevendo, não está? Ela recebe cartas?

— Nenhuma além das que ela pode me mostrar. E… senhor… ela… *eles* estão há muito tempo querendo conversar com o senhor.

— Hm! Eles não pensam em mim… um velho pai! Estou no caminho deles.

— Ah, M. de Bassompierre… não é assim… não pode ser assim! Mas Paulina deve falar por si mesma: e o Dr. Bretton também deve ser seu

próprio defensor.

— É um pouco tarde. A situação está adiantada, ao que parece.

— Até o senhor aprovar, nada está feito; eles apenas se amam.

— Apenas! — respondeu ele.

Encarregada pelo acaso com o papel de confidente e mediadora, fui levada a prosseguir:

— Centenas de vezes o Dr. Bretton esteve a ponto de falar com o senhor; mas, com toda a coragem dele, ele o teme profundamente.

— E faz muito bem — faz muito bem ele em me temer. Ele pôs os olhos na melhor coisa que eu tenho. Se ele a tivesse deixado em paz, ela teria permanecido uma criança por muitos anos ainda. Então. Eles estão comprometidos?

— Eles não poderiam se comprometer sem sua permissão.

— É muito bom para a senhorita falar e pensar com esse decoro que sempre a caracteriza; porém, esse assunto é doloroso para mim; minha menininha era tudo que eu tinha: não tenho outras filhas, e nenhum filho; Bretton poderia muito bem ter olhado em outros lugares, há dezenas de mulheres ricas e bonitas que não desgostariam dele, ouso dizer: ele tem aparência e conduta, e contatos. Nada serviria para ele além da minha Polly?

— Se ele nunca tivesse visto sua "Polly", outras poderiam tê-lo satisfeito, e o satisfariam: sua sobrinha, a Srta. Fanshawe, por exemplo.

— Ah! Eu teria lhe dado Ginevra de todo o coração, mas a Polly! Não posso permitir que ele a tenha. Não… não posso. Ele não está à altura dela — afirmou ele, de modo um tanto abrupto. — Em que aspecto ele é comparável a ela? Eles falam de fortuna! Não sou um homem avarento ou interesseiro, mas o mundo pensa nessas coisas, e Polly será rica.

— Sim, isso é sabido — disse eu. — Toda Villette sabe que ela é uma herdeira.

— As pessoas falam da minha menininha dessa maneira?

— Falam, senhor.

Ele ficou profundamente pensativo. Eu me arrisquei a dizer:

— O senhor acharia que alguém está à altura de Paulina? O senhor preferiria outro, e não o Dr. Bretton? O senhor acha que uma posição mais alta ou maior riqueza faria muita diferença em seus sentimentos em relação a seu futuro genro?

— A senhorita está me convencendo — disse ele.

— Veja a aristocracia de Villette — o senhor não gostaria deles?

— Eu não quereria… nem um duc, um baron, ou vicomte [1] dentre todos eles.

— Disseram-me que muitas dessas pessoas pensam nela, senhor — prossegui, adquirindo coragem ao descobrir que era recebida com atenção ao invés de ser repelida. — Outros pretendentes virão, portanto, se o Dr. Bretton for recusado. Onde quer que o senhor vá, eu suponho, os aspirantes não serão poucos. Independentemente do fato de ela ser uma herdeira, me parece que Paulina encanta a maior parte das pessoas que a veem.

— Ela encanta? Como? Minha menininha não é considerada uma beleza.

— Senhor, a Srta. de Bassompierre é muito bonita.

— Tolice! Peço desculpas, Srta. Snowe, mas acredito que a senhorita seja muito parcial. Eu gosto da Polly: gosto do jeito e da aparência dela; mas eu sou pai dela; e nem mesmo eu jamais pensei em beleza. Ela é agradável, parecida com uma fada, interessante para mim; a senhorita deve estar enganada ao considerá-la bela.

— Ela atrai, senhor: ela atrairia sem as vantagens da sua riqueza e posição.

— Minha riqueza e posição? Serão elas uma isca para Graham? Se eu pensasse nisso…

— O Dr. Bretton está perfeitamente a par desses aspectos, como o senhor pode ter certeza, M. de Bassompierre, e os valoriza como qualquer cavalheiro valorizaria, como o *senhor* valorizaria, nas mesmas circunstâncias. Mas eles não são as iscas para ele. Ele ama muito sua filha; ele percebe as melhores qualidades dela, e elas o influenciam consideravelmente.

— O quê? Meu amorzinho tem “melhores qualidades”?

— Ah, senhor! O senhor a observou naquela noite em que tantos homens eminentes e cultos jantaram aqui?

— Eu certamente fiquei impressionado e surpreso com os modos dela aquele dia; sua feminilidade me fez sorrir.

— E o senhor viu esses talentosos franceses reunidos ao redor dela na sala de estar?

— Vi; mas achei que era um modo de relaxar; o modo como alguém poderia se divertir com uma linda criança.

— Senhor, ela se comportou à perfeição; e eu ouvi os cavalheiros franceses dizendo que ela era "pétrie d'esprit et de graces". [2] O Dr. Bretton pensou a mesma coisa.

— Ela é uma menina boa e querida, isso é certo; e eu acredito *mesmo* que ela tenha um pouco de personalidade. Quando penso nisso… certa vez eu estive doente; Polly cuidou de mim; eles acharam que eu ia morrer; eu me recordo, ela ficou mais forte e mais doce à medida que eu piorava de saúde. E, quando me recuperei, que luz do sol ela era no meu quarto de doente! Sim; ela ficava perto da minha poltrona tão silenciosa e alegre como uma luz. E agora estão querendo se casar com ela! Não quero me separar dela — disse ele, e gemeu.

— O senhor conhece o Dr. e a Sra. Bretton há tanto tempo — sugeri. — Seria menos parecido com uma separação entregar Polly a ele que a outro.

Ele pensou, um tanto melancólico.

— É verdade. Eu conheço há tanto tempo Louisa Bretton — murmurou ele. — Ela e eu somos, na verdade, velhos amigos; uma mocinha doce e gentil ela era quando jovem. A senhorita fala de beleza, Srta. Snowe! Ela era bela, se a senhorita quiser saber: alta, ereta e cheia de vida, não a mera criança ou elfo que minha Polly parece ser: aos dezoito anos, Louisa tinha o porte e a estatura dignos de uma princesa. Agora ela é uma mulher digna e boa. O rapaz é como ela; eu sempre pensei assim, e o considerei com carinho e quis o melhor para ele. E agora ele me paga com esse roubo! Meu pequeno tesouro costumava amar seu velho pai de todo o coração. Tudo se acabou agora, sem dúvida… eu sou um obstáculo.

A porta se abriu: o “pequeno tesouro” dele entrou. Ela estava usando, por assim dizer, a beleza noturna; aquela animação, que às vezes surge com o final do dia, brilhava nos olhos e nas faces dela; um rubor como o do verão iluminava sua pele; seus cachos caíam bastos e longos ao redor do seu pescoço alvo; o vestido branco dela era adequado ao calor de junho. Julgando que eu estava sozinha, ela havia trazido a carta recém-escrita; trouxe-a dobrada, mas sem lacrar. Eu deveria lê-la. Quando ela viu o pai, seus passos saltitantes hesitaram um pouco, fizeram uma pausa momentânea; a cor rosada de suas faces se espalhou por todo o rosto.

— Polly — disse M. de Bassompierre em voz baixa, com um sorriso sério. — Você se ruboriza ao ver o papai? Essa é uma novidade.

— Eu não me ruborizo… eu *nunca* me ruborizo — afirmou ela, enquanto outra onda vinda do coração acentuou o tom escarlate. — Mas, achei que o senhor estava na sala de jantar, e eu queria falar com Lucy.

— Você achou que eu estava com John Graham Bretton, suponho? Mas ele recebeu um chamado: ele voltará logo, Polly. Ele pode postar sua carta para você; isso vai poupar para Matthieu uma “course”, [3] como ele diz.

— Eu não posto cartas — disse ela, um tanto petulante.

— O que você faz com elas, então? Venha cá e me diga.

Tanto a mente quanto o gesto dela pareceram hesitar por um segundo, dizer: “Devo ir?”, mas ela se aproximou.

— Há quanto tempo você se transformou em uma escritora de cartas, Polly? Parece que foi ontem que você estava às voltas com seus rabiscos, se esforçando, segurando a pena com as duas mãos.

— Papai, não são cartas para mandar para o correio em seu pacote de correspondência; elas são apenas bilhetes, que eu entrego de vez em quando nas mãos da pessoa, somente para dar atenção.

— A pessoa! Suponho que seja a Srta. Snowe?

— Não, papai… não Lucy.

— Quem, então? Talvez a Sra. Bretton?

— Não, papai… não a Sra. Bretton.

— Quem, então, minha filhinha? Fale a verdade para o papai.

— Oh, papai! — exclamou ela, fervorosa. — Eu vou… eu *vou* dizer a verdade… toda a verdade; estou feliz por dizê-la… feliz, embora eu trema.

Ela tremia mesmo: uma excitação crescente, um sentimento que se intensificava e, também, uma coragem cada vez maior a abalavam.

— Eu odeio esconder minhas ações do senhor, papai. Eu o temo e o amo acima de tudo, a não ser Deus. Leia a carta, veja o endereço.

Ela a colocou nos joelhos dele. Ele a pegou e leu inteira; a mão dele tremia, seus olhos brilhavam.

Ele tornou a dobrá-la, e olhou a pessoa que escrevera com um estranho espanto, doce e melancólico.

— *Ela* sabe escrever assim… aquela coisinha que ainda ontem se sentava nos meus joelhos? Ela pode se sentir assim?

— Papai, isso está errado? Magoa o senhor?

— Não há nada de errado nisso, minha pequena e inocente Mary; mas, me magoa.

— Mas, papai, ouça! O senhor não ficará magoado por minha causa. Eu abriria mão de tudo… quase (se corrigindo); eu preferiria morrer a deixar o senhor triste; seria muita maldade!

Ela estremeceu.

— A carta não agrada ao senhor? Ela não pode ser enviada? Deve ser rasgada? Ela será rasgada, por amor ao senhor, se for essa sua ordem.

— Eu não ordeno nada.

— Dê alguma ordem, papai; diga o que o senhor deseja; somente não magoe, não entristeça Graham. Eu não consigo, não *consigo* suportar isso. Eu amo o senhor, papai, mas amo Graham também… porque… porque… não posso deixar de amar.

— Esse esplêndido Graham é um jovem pilantra, Polly… essa é minha atual ideia a respeito dele: você vai se surpreender ao ouvir que, de minha parte, eu não o amo nem um pouquinho. Ah! Anos atrás eu vi algo nos olhos daquele rapaz que nunca entendi muito bem; algo que a mãe dele não tem… uma profundidade que avisava para a pessoa não adentrar muito naquelas águas; agora, de repente, eu descubro que estou mergulhado até a raiz dos cabelos.

— Papai, o senhor não… não caiu; o senhor está a salvo na margem; o senhor pode fazer o que quiser; seu poder é despótico; o senhor pode me trancar em um convento, e partir o coração de Graham amanhã, se quiser ser tão cruel. Então, autocrata, então tsar, o senhor fará isso?

— Mandem-no para a Sibéria, com suíças ruivas e tudo; eu digo que não gosto dele, Polly, e me espanta que você goste.

— Papai — disse ela —, o senhor sabe que é muito malcriado? Eu jamais vi o senhor parecer tão desagradável, tão injusto, quase tão vingativo, antes. Seu rosto tem uma expressão que não é característica.

— Sumam com ele! — prosseguiu o Sr. Home, que certamente aparentava estar muito irritado e aborrecido; até mesmo um pouquinho amargo. — Mas, eu suponho que, se ele fosse embora, Polly faria sua trouxinha e correria atrás dele; o coração dela foi completamente conquistado; conquistado, e afastado do seu velho pai.

— Papai, eu acho que é maldade, é decididamente errado falar desse jeito. Eu *não* estou afastada do senhor, e nenhum ser humano e nenhuma influência mortal *podem* me afastar.

— Case-se, Polly! Despose as suíças ruivas. Deixe de ser uma filha, vá ser uma esposa!

— Suíças ruivas! Fico pensando no que o senhor quer dizer, papai. O senhor deveria se precaver contra o preconceito. Às vezes o senhor me diz que todos os escoceses, seus compatriotas, são vítimas do preconceito. Isso foi provado, agora, creio, quando nenhuma diferença é feita entre ruivo e um profundo tom castanho-avermelhado.

— Esqueça o preconceituoso velho escocês; vá embora.

Ela ficou parada olhando-o por um minuto. Ela queria mostrar firmeza, superioridade em relação às provocações; conhecendo o temperamento do pai, adivinhando as poucas fraquezas dele, ela havia esperado o tipo de cena que estava então acontecendo; o fato não a pegou desprevenida, e ela queria deixar tudo passar com dignidade, confiando na reação. A dignidade dela não a ajudou muito. De repente sua alma se desfez em seus olhos; ela pulou no pescoço do pai:

— Eu não vou deixar o senhor, papai; nunca vou deixar o senhor. Eu não vou magoar o senhor! Eu nunca vou magoar o senhor! — foi a exclamação dela.

— Meu cordeirinho! Meu tesouro! — murmurou o progenitor amoroso, embora severo. Ele não disse mais nada naquela hora; na verdade, as duas palavras foram ditas com voz rouca.

A biblioteca estava então escurecendo. Eu ouvi um movimento, passos lá fora. Achando que poderia ser uma empregada vindo com as velas, abri discretamente, para evitar intrusão. Na antessala não havia nenhuma empregada; um cavalheiro alto estava colocando o chapéu na mesa, lentamente tirando as luvas; protelando, esperando, ao que me parecia. Ele não me chamou nem com gestos nem com palavras; contudo, os olhos dele disseram: “Lucy, venha cá”. E eu me aproximei.

Um sorriso passou pelo rosto dele, enquanto ele me olhava: nenhum temperamento, a não ser o dele, expressaria com um sorriso o tipo de agitação que então o agitava.

— M. de Bassompierre está lá… não está? — perguntou ele, apontando para a biblioteca.

— Sim.

— Ele prestou atenção em mim no jantar? Ele me compreendeu?

— Sim, Graham.

— Eu estou sendo levado a julgamento, então, e *ela* também?

— O Sr. Home (de vez em quando nós ainda o chamávamos de Sr. Home) está conversando com a filha.

— Hah! São momentos difíceis, Lucy!

Ele estava bastante agitado; suas mãos jovens tremiam; um suspense vital (eu ia escrever *mortal* , mas tais palavras não se aplicam bem a alguém tão vivo quanto ele) ora continha, ora apressava a respiração dele: em toda a sua perturbação, o sorriso dele jamais desapareceu.

— Ele está *muito* zangado, Lucy?

— *Ela* é muito fiel, Graham.

— O que vai acontecer comigo?

— Graham, sua estrela deve ser boa.

— Deve ser? Gentil profeta! Alegrado desse modo, eu teria de ser um coração muito fraco para me intimidar. Acho que considero todas as mulheres fiéis, Lucy. Eu deveria amá-las, e amo. Minha mãe é boa; *ela* é divina; e *você* é tão leal e de confiança. Não é?

— Sim, Graham.

— Então me dá tua mão, minha irmãzinha de coração: para mim, é uma mãozinha amiga, e sempre tem sido. E agora, vamos dar o grande passo. Deus fique ao lado dos que procedem bem. Lucy, diga Amém!

Ele se voltou, e esperou até eu dizer "Amém!", o que eu fiz para alegrá-lo: o velho encanto, de fazer o que ele me pedia, retornou. Desejei-lhe sucesso; e bem-sucedido eu sabia que ele seria. Ele havia nascido vencedor, assim como alguns nascem vencidos.

— Siga-me! — disse ele, e eu fui com ele até o Sr. Home.

— Senhor — perguntou ele —, qual é minha sentença?

O pai olhou para ele: a filha manteve o rosto oculto.

— Bem, Bretton — disse o Sr. Home —, você me deu a costumeira recompensa pela hospitalidade. Eu o recebi; você me tirou o que tenho de melhor. Eu sempre me senti feliz ao vê-lo; você se sentia feliz ao ver a única coisa preciosa que tenho. Você me disse palavras bonitas; e, enquanto isso, eu não vou dizer que você me roubou, mas eu estou desolado, e o que eu perdi, *você* parece ter conquistado.

— Senhor, eu não posso me arrepender.

— Arrepender-se! Não você! Você triunfa, sem dúvida: John Graham, você descende em parte de um Highlander e de um chefe, e há um traço celta em todos os seus olhares, suas palavras e pensamentos. Você tem a astúcia e o encanto dele. O cabelo vermelho… (Bem, então, Polly, o cabelo *claro*), uma língua de mentiras e o cérebro ardiloso, todos eles apareceram por herança.

— Senhor, eu me *sinto* honesto o suficiente — disse Graham, e um genuíno rubor inglês cobriu o rosto dele com seu cálido testemunho de sinceridade. — E, mesmo assim — acrescentou ele —, não vou negar que em alguns aspectos o senhor me acusa com razão. Em sua presença, eu sempre tive um pensamento que não ousava mostrar para o senhor. Eu

sinceramente considerava o senhor como o proprietário da coisa mais valiosa que o mundo tem para me oferecer. Eu a desejei: lutei por ela. Senhor, eu a peço agora.

— John, você pede muito.

— Demais, senhor. E o que peço tem de vir de sua generosidade, como um presente; de sua justiça, como uma recompensa. Eu jamais posso conquistar.

— Ah! Ouçam a língua das Terras Altas! — disse o Sr. Home. — Olhe, Paulina. Responda a esse "galante conquistador"; mande-o embora!

Ela ergueu o olhar. Olhou rapidamente, tímida, para seu pretendente belo e ansioso. Olhou com ternura para seu progenitor irritado.

— Papai, eu amo os dois — disse ela. — Eu posso tomar conta de ambos. Eu não preciso mandar Graham embora… ele pode viver aqui; ele não vai ser um estorvo — alegou ela com aquela simplicidade ao se expressar que às vezes levava tanto seu pai quanto Graham a sorrir. Eles sorriram então.

— Ele vai ser um estorvo imenso para mim — insistiu o Sr. Home. — Eu não o quero, Polly, ele é alto demais; ele vai ficar no meu caminho. Diga-lhe para ir embora.

— O senhor vai se acostumar com ele, papai. Ele também me parecia excessivamente alto a princípio, como uma torre, quando eu olhava para ele; mas, de modo geral, eu não gostaria que ele fosse diferente.

— Eu ponho todas as objeções a ele, Polly; posso ficar sem um genro. Eu nunca pediria ao melhor homem deste país para assumir essa posição. Despeça o cavalheiro.

— Mas ele conhece o senhor há tanto tempo, papai, e é tão bom para o senhor.

— Bom para *mim* , de fato! Sim: ele fingiu fazer de minhas opiniões e gostos os dele. Ele fez minhas vontades por boas razões. Eu acho, Polly, que você e eu vamos nos despedir dele.

— Somente até amanhã. Aperte as mãos de Graham, papai.

— Não, eu acho que não: não sou amigo dele. Nem pense em me fazer ficar entre vocês dois.

— Mas é claro que vocês são amigos. Graham, estenda a mão direita. Papai, estenda a sua. Agora, deixe que elas se toquem. Papai, não fique tão rígido; feche os dedos, seja maleável… então! Mas, isso não é um aperto de mãos… é um apertão? Papai, o senhor aperta como uma mão de ferro. O senhor está esmagando a mão de Graham, o senhor o está machucando!

Ele deveria tê-lo machucado, pois usava um anel maciço, cravejado de brilhantes, cujas facetas cortaram a pele de Graham e tiraram sangue: mas, a dor somente fez o Dr. John rir, assim como a ansiedade o havia feito sorrir.

— Venha comigo ao meu estúdio — disse finalmente o Sr. Home para o médico. Eles foram. A conversa deles não foi longa, mas suponho que tenha sido conclusiva. O pretendente teve de passar por um interrogatório e um escrutínio a respeito de muitas coisas. Mesmo que o Dr. Bretton às vezes fosse ardiloso nos olhares ou nas palavras, havia uma sólida base por baixo disso. As respostas dele, pelo que eu soube posteriormente, mostraram tanto sabedoria quanto integridade. Ele cuidava bem de seus negócios. Havia lutado em meio às adversidades; estava a caminho de recuperar sua fortuna; mostrou que estava em condição de se casar.

Uma vez mais, pai e pretendente apareceram na biblioteca. M. de Bassompierre fechou a porta e apontou para a filha.

— Fique com ela — disse ele. — Fique com ela, John Bretton: e que Deus aja em relação a você assim como você agir em relação a ela!

* * * * *

Não muito tempo depois, talvez uma quinzena, eu vi três pessoas, o Conde de Bassompierre, sua filha e o Dr. Graham Bretton, sentados em um banco, sob uma árvore com ramos baixos e umbrosa, nos jardins do palácio em Bois l'Etang. Eles haviam ido lá para desfrutar de uma noite de verão; fora dos magníficos portões, a carruagem deles os esperava para levá-los para casa; as ondulações relvosas se estendiam ao redor deles tranquilas e escuras; o palácio se erguia à distância, branco como as encostas do Pentélico; a estrela d'alva brilhava sobre ele; uma floresta de

arbustos em flor perfumava o ambiente do local; o momento era silencioso e ameno; o cenário, com exceção desse grupo, estava deserto.

Paulina estava sentada entre os dois cavalheiros: enquanto eles conversavam, as mãozinhas dela estavam ocupadas com algum trabalho; achei a princípio que ela estava arrumando um ramo de flores. Não; com a minúscula tesoura brilhando no colo, ela havia cortado um suvenir de cada cabeça viril ao lado dela, e estava então ocupada trançando juntas as mechas grisalhas e as ondas douradas. Feita a trança (não havia uma fita de seda para atá-la), um cacho dos próprios cabelos dela foi usado para esse propósito; ela o amarrou como um nó, aprisionou-o em um medalhão, e colocou-o sobre o coração.

— Bem — disse ela —, eis um amuleto, que tem a virtude de manter os dois sempre amigos. Vocês jamais podem brigar, enquanto eu usar isto.

Um amuleto havia mesmo sido feito, um feitiço emoldurado que tornava a inimizade impossível. Ela se transformara em um elo para ambos, uma influência sobre cada um deles, um acordo mútuo. Deles ela obtinha sua felicidade; e o que ela pedia emprestado, devolvia com juros.

"Existe mesmo tamanha felicidade na terra?", eu me perguntei, enquanto olhava o pai, a filha e o futuro marido, então unidos; todos abençoados e abençoando.

Sim; existe. Sem nenhum colorido de romance, ou qualquer exagero da imaginação, existe. Algumas vidas reais, durante alguns dias ou anos, antecipam a felicidade celestial; e, eu acredito, se tal felicidade perfeita é sentida uma vez por pessoas boas (para os maus ela nunca surge), seu doce efeito nunca é completamente perdido. Quaisquer que sejam as tribulações seguintes, quaisquer que sejam as dores de doença ou as sombras da morte, a glória precedente ainda brilha através delas, alegrando a angústia profunda e colorindo as nuvens pesadas.

Irei mais adiante. Acredito *mesmo* que há certos seres humanos que nascem e são educados de tal maneira, conduzidos de um berço macio para um túmulo tardio e calmo, que nenhum sofrimento excessivo penetra seu destino e nenhum negror tempestuoso sombreia a jornada deles. E com frequência essas pessoas não são criaturas mimadas e egoístas, mas sim os

eleitos da Natureza, harmoniosos e benignos; homens e mulheres meigos por causa da caridade; gentis agentes dos gentis atributos divinos.

Que eu não protele a feliz verdade. Graham Bretton e Paulina de Bassompierre se casaram, e que pessoa o Dr. Bretton provou ser. Ele não degenerou com o passar do tempo; seus defeitos diminuíram, suas virtudes amadureceram; ele avançou em refinamento intelectual, ganhou em lucros morais: todas as impurezas filtradas, o vinho claro se isolou luminoso e tranquilo. Luminoso, também, foi o destino de sua doce esposa. Ela conservou o amor do esposo, e auxiliou no progresso dele; ela era a pedra angular da felicidade dele.

O casal foi realmente abençoado, pois os anos lhe trouxeram, com grande prosperidade, um grande bem: eles concederam com mãos generosas, mas sábias. Sem dúvida conheceram amarguras, decepções, dificuldades; porém, todas elas foram enfrentadas com coragem. Mais de uma vez, também, eles tiveram de olhar para Aquele cuja face a carne mal pode ver e sobreviver: eles tiveram de pagar seus tributos ao Rei dos Terrores. Na plenitude da vida, M. de Bassompierre foi levado; em idade avançada e madura partiu Louisa Bretton. Certa vez, até mesmo se elevou um grito na morada deles, de Raquel chorando seus filhos; mas outros cresceram saudáveis e florescentes para compensar a perda: o Dr. Bretton viu a si próprio viver novamente em um filho que herdou sua aparência e seu temperamento; ele também teve filhas, dignas, parecidas com ele: esses filhos ele criou com mão suave, mas firme; eles cresceram segundo a herança e os cuidados.

Resumindo, eu falo a verdade quando digo que essas duas vidas de Graham e de Paulina foram abençoadas, como a do filho favorito de Jacó, com “as bênçãos dos céus, do alto, as bênçãos do abismo estendido debaixo da terra”. Assim aconteceu, pois Deus viu que era muito bom.

XXXVIII. NUVENS

Porém, não acontece o mesmo com todos. E então? Seja feita a Sua vontade, como certamente será feita, quer nós nos sujeitemos à resignação ou não. O impulso da criação impele; a força dos poderes, vistos e não vistos, se encarrega da sua realização. Provas de uma vida vindoura devem ser dadas. Em fogo e em sangue, se preciso for, deve essa prova ser escrita. Em fogo e em sangue nós traçamos seu relato na natureza. Em fogo e em sangue ela perpassa nossa própria experiência. Sofredor, não fraquejes devido ao terror dessa evidência causticante. Esgotado andarilho, prepara-te mentalmente para as dificuldades; olha para cima, marcha adiante. Peregrinos e companheiros de lamentações, juntai-vos em companhia amigável. Sombrio através da vastidão deste mundo se estende o caminho para a maior parte de nós: uniforme e firme seja nosso passo; que nossa cruz seja nosso estandarte. À guisa de cajado, nós temos a Sua promessa, cuja "palavra tem valor, cujo caminho é perfeito": para a esperança presente Sua providência, "que dá seu escudo vencedor, cuja solicitude engrandece"; para morada final Seu seio, que "está lá no alto dos Céus"; para o prêmio maior a glória, excessiva e eterna. Que nós possamos correr para que possamos alcançar: que suportemos as dificuldades como bons soldados; que terminemos nossa carreira, e mantenhamos a fé, confiantes de que no fim sairemos mais do que vencedores: "Não sois vós que, desde a origem, sois o Senhor meu Deus, meu Santo? NÓS NÃO MORREREMOS !".

Em uma quinta-feira de manhã estávamos todas reunidas na sala, aguardando a aula de literatura. A hora havia chegado; esperávamos o mestre.

As alunas da primeira turma sentavam-se muito quietas; as composições bem escritas, preparadas desde a última aula, estavam prontas à frente delas, cuidadosamente atadas com fita, esperando ser recolhidas pela mão do Professor enquanto ele percorria rapidamente as mesas. Era o mês de julho, a manhã estava bonita, a porta de vidro, escancarada; por ela entrava uma brisa fresca, e as plantas, crescendo no lintel, se agitavam, se encurvavam, espiavam, pareciam sussurrar notícias.

M. Emanuel nem sempre era muito pontual; nós mal nos espantamos por ele estar um pouco atrasado, mas ficamos surpresas quando a porta finalmente se abriu e, no lugar dele, com sua rapidez e seu ímpeto, surgiu perante nós tranquilamente a cautelosa Madame Beck.

Ela se aproximou da mesa de M. Paul e parou à frente dela; ajeitou o xale leve que cobria seus ombros; começando a falar com voz baixa, porém firme, e, com um olhar fixo, ela disse:

— Esta manhã não haverá aula de literatura.

O segundo parágrafo da sua fala se seguiu depois de uns dois minutos de pausa.

— É provável que as aulas sejam suspensas por uma semana. Eu vou precisar de pelo menos esse período para encontrar um substituto eficiente para M. Emanuel. Enquanto isso, será nossa tarefa preencher as horas vagas de modo útil.

— Seu Professor, senhoritas — prosseguiu ela — tenciona, se possível, despedir-se condignamente de todas. Agora, ele não tem tempo livre para essa cerimônia. Ele está se preparando para uma longa viagem. Um chamado do dever muito repentino e urgente o convoca a uma grande distância. Ele decidiu partir da Europa por um tempo indeterminado. Pessoalmente, talvez ele possa lhes contar algo mais. Senhoritas, em vez da costumeira aula com M. Emanuel, esta manhã vocês irão estudar inglês com Mademoiselle Lucy.

Ela fez uma reverência cortês, aconchegou ainda mais as dobras do xale no corpo, e saiu da sala.

Um grande silêncio se seguiu: então um murmúrio perpassou por toda a sala: acredito que algumas alunas tenham chorado.

Certo tempo se passou. O ruído, os sussurros, os soluços ocasionais aumentaram. Eu tive consciência de um abrandamento da disciplina, de um tipo de desordem crescente, como se minhas meninas sentissem que o controle havia sido retirado, e que a surveillance havia virtualmente abandonado a sala. O hábito e o senso do dever permitiram-me recobrar forças rapidamente, erguer-me do meu modo habitual, falar com meu tom de voz costumeiro, intimar e, finalmente, estabelecer o silêncio. Fiz com que a aula de inglês fosse longa e minuciosa. Mantive as meninas ocupadas a manhã inteira. Eu me lembro de ter uma sensação de impaciência em relação às alunas que choravam. Na verdade, a emoção delas não tinha muito valor: não era mais que uma agitação histérica. Eu lhes disse isso sem piedade. Eu as ridicularizei em parte. Fui severa. A verdade era que eu não conseguia tolerar as lágrimas delas, ou aquele som ofegante; eu não era capaz de aguentar aquilo. Uma aluna bastante fraca intelectual e espiritualmente continuou quando as demais haviam parado; a necessidade implacável me forçou e me auxiliou a me aproximar dela, para que ela não ousasse continuar com a manifestação, para ser forçada a vencer a violenta agitação.

Essa menina teria tido o direito de me odiar, não fosse pelo fato de que, quando a aula acabou e as colegas dela estavam partindo, eu lhe disse para ficar. Quando todas foram embora, eu fiz o que jamais havia feito com nenhuma delas: puxei-a para perto do meu coração e beijei seu rosto. Mas, tendo cedido a esse impulso, rapidamente a dispensei, pois, com essa manifestação pungente, ela chorava mais que antes.

Eu me mantive ocupada todos os minutos daquele dia, e teria ficado acordada a noite inteira se pudesse ter uma vela acesa; a noite, entretanto, demonstrou ser um período difícil, e suas consequências foram péssimas, não me deixando bem preparada para o tormento da insuportável tagarelice do dia seguinte. Naturalmente, a notícia foi objeto de discussão geral. Um pouquinho de reserva havia acompanhado a surpresa inicial: ela logo se desvaneceu; todas as bocas se abriram; todas as línguas se agitaram; professoras, alunas, as próprias empregadas diziam o nome

“Emanuel”. Ele, cuja conexão com a escola remontava ao seu início, partir assim tão de repente! Todas achavam isso estranho.

Elas falaram tanto, por tanto tempo, com tanta frequência que, da própria abundância de suas palavras e seus rumores, finalmente surgiu uma informação. Lá pelo terceiro dia ouvi dizer que ele deveria partir em uma semana; então, que o destino dele eram as Índias Ocidentais. Olhei o rosto de Madame e nos olhos dela, para confirmar ou refutar esse relato; eu a perscrutei procurando informação, mas nenhuma parte dela revelou nada além do que era imperturbável e rotineiro.

“Essa separação era uma perda imensa”, alegou ela. “Ela não sabia como iria preencher o lugar vago. Estava tão acostumada com seu primo, ele havia se transformado na mão direita dela; o que ela faria sem ele? Ela se opusera à medida, mas M. Paul a convencera de que era o dever dele.”

Ela disse isso em público, na sala, à mesa de jantar, falando de modo audível para Zélie St. Pierre.

“Por que era dever dele?”, eu poderia ter-lhe perguntado. Eu sentia impulsos de agarrá-la repentinamente, enquanto ela passava calmamente por mim na sala, estender a mão e agarrá-la com força, e dizer: “Pare. Vamos ouvir a conclusão dessa história toda. *Por que* é dever dele partir para o exílio?”. Mas Madame sempre se dirigia a alguma outra professora, e nunca me olhava, nunca parecia ter consciência de que eu poderia me interessar pelo assunto.

A semana passou lentamente. Nada mais foi dito a respeito de M. Emanuel vir se despedir de nós; e ninguém parecia ansiar pela vinda dele; ninguém questionava se ele viria ou não; ninguém traiu uma aflição caso ele fosse partir silencioso e sem ser visto; incessantemente elas falavam, e nunca, em todas as conversas, mencionavam esse ponto vital. Quanto a Madame, é claro que ela poderia vê-lo, e dizer-lhe tudo quanto desejasse. E por que *ela* se importaria se ele aparecesse ou não na sala de aula?

A semana terminou. Disseram-nos que ele iria partir em tal dia, que o destino dele era “Basseterre, em Guadalupe”, que os negócios que exigiam sua presença no exterior se relacionavam a interesses de um amigo, não dele próprio; eu também pensava assim.

“Basseterre, em Guadalupe.” Eu pouco dormia nessa época, mas, sempre que tinha um *sono ligeiro* , acontecia infalivelmente de acordar de repente com um sobressalto, enquanto as palavras “Basseterre” e “Guadalupe” pareciam ser pronunciadas sobre meu travesseiro, ou atravessavam a escuridão ao meu redor e à minha frente, em letras ziguezagueantes de cor vermelha ou roxa.

Para o que eu sentia não havia remédio, e como eu podia deixar de sentir? M. Emanuel havia sido gentil para comigo recentemente; a cada hora que passava ele ficava ainda melhor e mais gentil. Fazia um mês que nós havíamos resolvido a diferença teológica, e durante todo aquele tempo não houvera uma briga. E tampouco nossa paz havia sido o fruto gélido do divórcio; nós não tínhamos vivido separados; ele havia vindo com mais frequência, havia conversado comigo mais do que antes; passara horas comigo, com o temperamento tranquilo, com os olhos contentes, com modos familiares e tranquilos. Temas amenos de conversação haviam se desenvolvido entre nós; ele perguntara sobre meus projetos de vida, e eu os havia contado para ele; a ideia da escola o deixou contente; ele me fez repetir mais de uma vez, embora dissesse que era um sonho de Alnaschar. Os conflitos haviam se acabado; a compreensão mútua havia sido estabelecida e fixada; sentimentos de união e de esperança se fizeram sentir profundamente no coração; afeição e uma profunda estima e uma confiança nascente haviam todas estreitado os seus laços.

Que lições silenciosas foram as minhas nessa época! Nada mais de zombarias quanto ao meu “intelecto”, nada mais de ameaças de irritantes exposições públicas! Com quanta doçura o sarcasmo veemente e o elogio ainda mais veemente e um pouco impetuoso foram substituídos por um auxílio silencioso e indulgente, uma orientação gentil e uma aceitação terna que perdoava, mas nunca elogiava. Havia ocasiões em que ele se sentava por vários minutos e não falava nada; e, quando o escurecer ou o dever ocasionava a separação, ele iria embora dizendo coisas como:

— Il est doux, le repos! Il est précieux le calme bonheur! [1]

Certa noite, uns dez dias haviam passado, ele se juntou a mim enquanto eu caminhava na minha aleia. Ele segurou minha mão. Olhei o

rosto dele. Achei que ele queria chamar minha atenção.

— Bonne petite amie! — disse ele, em voz baixa. — Douce consolatrice! [2] — Mas, com o toque das mãos dele, e com suas palavras, um sentimento novo e um pensamento estranho se fizeram sentir. Será que ele estava se transformando em mais que um amigo ou um irmão? O olhar dele expressava uma gentileza que ia além da fraternidade ou da amizade?

Aquele olhar eloquente tinha mais a dizer, a mão dele me afastou, seus lábios se moveram. Não. Não agora. Ali, na aleia sombreada pelo crepúsculo houve uma interrupção: ela surgiu de forma dupla e ameaçadora: nós nos deparamos com duas formas agourentas, a de uma mulher e a de um padre, Madame Beck e Père Silas.

Eu jamais me esquecerei do aspecto dele. Em uma impressão inicial, ele expressava uma sensibilidade rousseauniana, avivada pelos sinais de afeição recém-surpreendida; então, imediatamente, ele se ensombreceu com o despeito dos ciúmes eclesiásticos. Falou *comigo* com unção. Olhou seu pupilo com severidade. Quanto a Madame Beck, ela, naturalmente, nada disse… nada; embora seu parente segurasse em sua presença a mão da estrangeira herética, não admitindo que ela fosse afastada, mas segurando-a com força e decisão.

Logo depois desses incidentes, aquele anúncio súbito da partida a princípio parecera, para mim, algo inacreditável. Na verdade, foi somente a repetição constante, e a crença das cento e cinquenta mentes ao meu redor, que forçaram em mim sua completa aceitação. Quanto àquela semana de suspense, com seus dias vazios, entretanto causticantes, que não trouxeram da parte dele uma palavra de explicação, eu me lembro dela, mas não consigo descrever sua passagem.

O último dia nasceu. Ele viria então nos visitar. Viria então nos dizer adeus, ou então iria desaparecer, silencioso, e nunca mais ser visto por nós.

Essa alternativa não parecia estar na mente de nenhuma criatura viva naquela escola. Todas se levantaram na hora habitual; todas tomaram café da manhã como de hábito; todas, sem fazer referência ao antigo professor,

ou sem aparentemente pensar nele, se dedicaram com uma fleuma habitual a seus deveres costumeiros.

Tão absorta estava a casa, tão sob controle, tão treinados seus procedimentos, tão destituído de expectativas o seu aspecto, que eu mal sabia como respirar em uma atmosfera tão estagnada, tão sufocante. Ninguém iria se manifestar em meu lugar? Ninguém teria um desejo, uma palavra, uma oração, para os quais eu pudesse dizer "Amém"?

Eu havia visto todas unânimes ao exigir a maior das ninharias: um regalo, um feriado, o esquecimento de uma aula; elas não podiam, elas não *queriam* se reunir para assediar Madame Beck, e insistir em uma última entrevista com um mestre que havia certamente sido amado, pelo menos por algumas — amado como elas *são capazes* de amar… mas, oh! O que *significa* o amor das multidões?

Eu sabia onde ele morava: sabia onde ter notícias dele, ou entrar em contato com ele; a distância era bem pequena: tivesse sido na sala ao lado, sem ser convocada, eu não poderia usar meu conhecimento. Para seguir, procurar, relembrar, mencionar, para essas ações eu não tinha capacidade.

M. Emanuel poderia ter passado ao alcance de meus braços: tivesse ele passado silencioso e despercebido, silenciosa e imóvel eu aceitaria que ele passasse.

A manhã se acabou. A tarde chegou, e eu pensei que tudo estava acabado. Meu coração palpitava. Meu sangue estava perturbado em seu fluxo. Eu me sentia doente, e mal sabia como manter meu posto, ou fazer meu trabalho. Contudo, o mundinho ao meu redor labutava indiferente; todas pareciam alegres, livres de preocupações ou de temores ou de pensamentos: as mesmas alunas que, sete dias antes, haviam chorado histéricas com a perturbadora notícia, pareciam ter esquecido a notícia, seu significado e suas emoções.

Pouco antes das cinco horas da tarde, a hora da partida, Madame Beck mandou me chamar em seu quarto, para ler e traduzir uma carta em inglês que ela havia recebido, e para escrever para ela a resposta. Antes de iniciar essa tarefa, observei que ela fechava discretamente as duas portas do seu quarto; ela até mesmo fechou e trancou o postigo, embora fizesse calor e a

circulação livre do ar fosse de modo geral considerada por ela indispensável. Por que essa precaução? Uma suspeita penetrante e uma desconfiança quase violenta sugeriram tal pergunta. Ela queria excluir um som? Qual som?

Meus ouvidos estavam atentos como nunca antes; eu escutava como o lobo no inverno e no anoitecer, cheirando a neve, farejando a presa e ouvindo à distância os passos do viajante. Contudo, eu podia ao mesmo tempo escutar e escrever. Mais ou menos na metade da carta, ouvi (algo que fez minha pena parar) passos no vestíbulo. O sino da porta não havia soado; Rosine, sem dúvida agindo sob ordens, havia antecipado tal réveillée. Madame me viu parar. Ela tossiu, fez barulho, falou mais alto. Os passos haviam se dirigido para as salas de aula.

— Continue — disse Madame; mas minhas mãos estavam agrilhoadas; meus ouvidos, acorrentados, meus pensamentos foram levados para longe, aprisionados.

As salas de aula constituíam outro prédio; o hall as separava da moradia: apesar da distância e da separação, ouvi a súbita movimentação de muitas pessoas, toda uma turma se levantando na hora.

— Elas estão encerrando o trabalho — disse Madame.

Era mesmo a hora de encerrar o trabalho, mas, por que aquele súbito silêncio, aquela supressão instantânea do tumulto?

— Espere, Madame… eu vou ver o que está acontecendo.

E coloquei de lado a pena e a deixei. Deixei-a? Não: ela não seria deixada: impotente para me deter, ela se levantou e me seguiu, como se fosse minha sombra. Eu me voltei no último degrau da escada.

— A senhora também vem? — perguntei.

— Sim — disse ela, respondendo ao meu olhar com um aspecto peculiar; um olhar anuviado e, no entanto, resoluto.

Continuamos então, não juntas, mas ela andava bem atrás de mim.

Ele havia vindo. Ao entrar na primeira turma, eu o vi. Lá, uma vez mais, aparecia a figura mais que familiar. Eu não duvido que elas tivessem tentado mantê-lo afastado, mas ele havia vindo.

As meninas estavam em um semicírculo; ele estava passando por elas, dizendo adeus, apertando cada mão, tocando com os lábios cada face. Essa cerimônia final, os costumes estrangeiros permitiam em tal partida; tão solene, para durar tanto tempo.

Para mim, era insuportável o fato de Madame Beck me perseguir daquele jeito; me seguindo e me observando de perto; meu pescoço e meus ombros estremeciam, febris, sob o hálito dela; eu me senti terrivelmente provocada.

Ele estava se aproximando; o semicírculo fora quase todo percorrido; ele se aproximou da última aluna; ele se voltou. Mas Madame estava à minha frente; ela havia dado um passo adiante de repente; parecia ter aumentado de tamanho e ampliado as dobras da sua roupa; ela me eclipsou; eu fiquei escondida. Ela conhecia minha fraqueza e minha deficiência, ela era capaz de calcular o grau de paralisia moral (a total omissão de autoconfiança) com o qual, em uma crise, eu poderia ser atingida. Ela se aproximou rapidamente do seu primo, irrompeu sobre ele com volubilidade, controlou a atenção dele, levou-o, apressadamente, para a porta, a porta de vidro que se abria para o jardim. Eu acho que ele olhou ao redor; se eu apenas tivesse conseguido atrair o olhar dele, a coragem, eu acredito, teria corrido para socorrer o sentimento, e teria havido um ataque, e, talvez, um resgate; mas a sala já estava toda em confusão, o semicírculo se desfizera em pequenos grupos, meu corpo estava perdido entre trinta mais conspícuos. Madame conseguira o que queria; sim, ela o levou embora, e ele não me havia visto; ele acreditou que eu não estava lá. Soaram as cinco horas; o sonoro sino anunciando a hora de partir soou, a escola se separou, a sala se esvaziou.

Parece haver, em minhas lembranças, uma completa escuridão e perturbação em alguns dos minutos que eu passei sozinha, um pesar inexprimível por causa de uma perda insuportável. *O que* eu deveria fazer; oh! *o que* eu deveria fazer, quando toda a esperança da minha vida havia sido arrancada pelas raízes do meu coração dilacerado e insultado?

O que eu *deveria* ter feito, eu não sei, quando uma menininha (a criança mais sem importância da escola) surgiu com sua simplicidade e

sua inconsciência no centro tempestuoso, mas silencioso, daquele conflito interno.

— Mademoiselle — balbuciou a voz aguda —, eu tenho de lhe dar isto. M. Paul disse que eu deveria procurar a senhorita por toda a casa, do grenier até o porão e, quando a encontrasse, era para lhe entregar isto.

E a menina entregou um bilhete; a pombinha deixou cair em meus joelhos seu ramo de oliveira. Eu não vi nem endereço, nem nome; apenas as seguintes palavras:

"Eu não tencionava me despedir de você quando disse adeus para as demais, mas esperava vê-la na sala de aula. Fiquei desapontado. A entrevista está adiada. Esteja pronta para mim. Antes de eu partir, tenho de ver você com tranquilidade, e falar com você longamente. Fique pronta, meus minutos estão contados, e, agora, monopolizados; além do mais, no momento eu tenho um assunto particular, que não vou compartilhar com ninguém, nem conversar a respeito dele, nem mesmo com você. PAUL ".

"Esteja pronta?" Então tem de ser esta noite: ele não iria partir no dia seguinte? Sim: eu tinha certeza disso. Eu tinha visto o anúncio da data da partida do navio dele. Oh! *Eu* estaria pronta, mas esse encontro tão desejado seria concretizado? O tempo era tão escasso, os conspiradores pareciam tão vigilantes, tão ativos, tão hostis; o caminho de acesso parecia estreito como uma vala, profundo como um abismo — Apoliom caminhava a passos largos por ele, soltando chamas. Conseguiria meu Bom Coração vencê-lo? Meu guia conseguiria me alcançar?

Quem poderia dizer? Contudo, comecei a reunir um pouco de coragem, um pouco de conforto; parecia-me que eu sentia o pulsar do coração dele batendo ainda em harmonia com o palpitar do meu coração.

Esperei meu defensor. Apoliom veio trazendo atrás de si seu Inferno. Eu acho que, se a Eternidade contivesse o tormento, sua forma não seria um suplício feroz, tampouco sua natureza o desespero. Eu acho que em um determinado dia em meio àqueles dias que nunca nascem, e não irão acabar, um anjo entrou no Hades; ficou parado, brilhou, sorriu, foi mensageiro de uma profecia de perdão condicional, acendeu uma duvidosa esperança de felicidade vindoura, não agora, mas em um dia e em uma

hora que ninguém conhece, revelou em sua própria glória e grandeza o apogeu e a extensão de sua promessa, e assim falou. Então, elevando-se, transformou-se em uma estrela, e desapareceu em seu próprio Céu. Seu legado era o suspense; uma dádiva pior que o desespero.

Toda aquela noite eu esperei, confiando no ramo de oliveira trazido pela pomba; contudo, em meio à minha confiança, eu estava terrivelmente temerosa. Meu temor me oprimia. Frio e peculiar, eu o conhecia como companheiro de um pressentimento poucas vezes desmentido. As primeiras horas pareceram longas e lentas; em meu espírito, eu me agarrei às orlas fugidias das últimas. Elas passaram como uma nuvem à deriva, como os destroços impelidos antes da tempestade.

Elas passaram. Todo aquele dia longo e quente de verão se consumiu como o fogo da véspera de Natal; seus últimos clarões se acabaram; eu fui deixada encurvada entre as frias sombras azuladas, sobre os reflexos pálidos e borralhentos de sua noite.

As orações haviam terminado; era hora de ir dormir; todas as minhas colegas se retiraram. Eu ainda fiquei na melancólica sala da primeira turma, esquecendo, ou pelo menos ignorando, regras que eu jamais havia esquecido ou ignorado antes.

Por quanto tempo caminhei por aquela classe não sei dizer; devo ter ficado em movimento muitas horas; mecanicamente eu havia movido bancos e mesas, e havia aberto para mim um caminho no comprimento da sala. Lá eu caminhei, e lá, quando tive certeza de que todos estavam na cama, e sem que ninguém pudesse escutar, lá, eu finalmente chorei. Confiando na Noite, contando com a Solidão, não mais mantive minhas lágrimas aprisionadas e meus soluços agrilhoados; eles pesavam em meu coração; eles abriram seu caminho à força. Naquela casa, qual pesar poderia ser sagrado?

Logo depois das onze horas da noite (uma hora muito tardia na Rue Fossette) a porta se abriu silenciosamente, mas não de modo furtivo; a luz de uma lamparina invadiu a luz do luar; Madame Beck entrou, com o mesmo ar comedido como se estivesse vindo em uma ocasião comum, em um período comum. Em vez de se dirigir imediatamente a mim, ela foi até

sua mesa, pegou suas chaves e pareceu procurar alguma coisa: ela se demorou nessa busca simulada por muito, muito tempo. Ela estava calma, calma demais; meu estado de espírito mal suportou o fingimento, tendo sido levado além dos limites habituais duas horas antes, quando eu havia deixado para trás respeitos e temores costumeiros. Conduzida por um toque e controlada por uma palavra em circunstâncias normais, nenhum jugo poderia ser então suportado, nenhum limite, obedecido.

— Já passou e muito a hora de se recolher — disse Madame. — As regras da casa já foram transgredidas por muito tempo.

Madame não recebeu resposta: eu não interrompi minha caminhada; quando ela ficou à minha frente, eu a afastei.

— Deixe-me persuadi-la a se acalmar, Senhorrita; deixe que eu a conduza até seu quarto — disse ela, tentando falar em voz baixa.

— Não! — disse eu. — Nem a senhora nem outra pessoa poderão me persuadir ou me conduzir.

— Sua cama será aquecida. Goton ainda está acordada. Ela vai ajudar a senhorita a ficar bem: ela lhe dará um sedativo.

— Madame — interrompi —, a senhora é uma sensacionista. Sob toda a sua calma, sua paz e seu decoro, a senhora é inegavelmente uma sensacionista. Faça com que sua cama fique quente e aconchegante; tome sedativos e faça uma refeição, e tome bebidas condimentadas e doces, tanto quanto a senhora quiser. Se a senhora tem qualquer arrependimento ou decepção (e talvez tenha; ou melhor, eu sei que a senhora tem), busque seus paliativos nos recursos que a senhora escolher. Deixe-me, entretanto. *Deixe-me* , estou dizendo!

— Eu devo mandar outra pessoa para olhá-la, Senhorrita: devo mandar Goton.

— Eu a proíbo. Deixe-me em paz. Tire suas mãos de mim, da minha vida e dos meus problemas. Oh, Madame! Em *suas* mãos existe tanto o gelo quanto o veneno. A senhora envenena e paralisa.

— O que foi que eu fiz, Senhorrita? A senhorita não pode se casar com Paul. Ele não pode se casar.

— Como é grande sua cobiça! — respondi, pois eu sabia que, secretamente, ela o desejava, e sempre o havia desejado. Ela dizia que ele era "insupportable"; [3] ela zombava dele chamando-o de "dévot"; [4] ela não amava, mas queria se casar, para que ela pudesse prendê-lo a seus interesses. Eu havia penetrado profundamente em alguns dos segredos de Madame, não sei como: por uma intuição ou inspiração que veio até mim, não sei de onde. Durante o convívio com ela, eu também havia vagarosamente aprendido que, a não ser com uma pessoa inferior, ela sempre teria de ser uma rival. Ela era *minha* rival, de corpo e alma, embora em segredo, sob o mais suave dos comportamentos, e totalmente às escondidas de todos, a não ser dela mesma e de mim.

Por dois minutos eu observei Madame com atenção, sentindo que ela estava inteiramente nas minhas mãos, porque em estados de espírito como o presente, em alguns estados de percepção estimulados, como o deste momento, o habitual disfarce dela, sua máscara e seu dominó, eram para mim mera rede cheia de buracos; e eu vi por baixo deles uma criatura sem coração, indulgente consigo mesma e ignóbil. Ela retrocedeu silenciosamente, submissa e controlada, embora desconcertada, e disse: "Se eu não fosse persuadida a descansar, ela teria, com relutância, de me deixar". O que ela fez na mesma hora, talvez ainda mais feliz por ir embora do que eu estava ao vê-la desaparecer.

Foi essa a única rencontre [5] que ocorreu entre nós duas que ocasionou uma centelha e expôs a verdade: essa breve cena noturna nunca se repetiu. Madame Beck não alterou em nada seus modos em relação a mim. Não sei se ela se vingou. Eu não sei se ela me odiou ainda mais por causa da minha sinceridade contundente. Acredito que ela se tenha protegido com a filosofia secreta de sua mente forte, e decidido esquecer o que a deixava irritada recordar. Eu sei que, até o fim da nossa convivência mútua, não houve uma repetição dessa situação exaltada, ou alusão a ela.

Aquela noite passou: todas as noites, até mesmo a noite sem estrelas antes da morte, têm de se acabar. Cerca de seis horas da manhã, hora em que todos eram despertados, eu fui para o pátio e lavei o rosto com a água fria do poço. Entrando pelo carré, um espelho, colocado em um móvel de

carvalho, duplicou minha imagem. Ele dizia que eu havia mudado: minhas faces e lábios estavam pálidos e flácidos, meu olhos estavam sem expressão e minhas pálpebras, inchadas e vermelhas.

Ao me reunir com minhas companheiras, eu sabia que todas olhavam para mim — meu coração parecia ter sido desvelado para elas: acredito que eu me tenha traído. Parecia pavorosamente certo que a mais novinha das meninas deveria adivinhar por que e por quem eu me desesperava.

Isabelle, a menina de quem eu havia cuidado uma vez em sua doença, se aproximou de mim. Iria ela também escarnecer de mim?

— Que vous êtes pâle! Vous êtes donc bien malade, Mademoiselle! [6] — disse ela, colocando o dedo na boca, e olhando fixamente com uma estupidez ansiosa, que, no momento, me parecia mais bela que a mais aguda das inteligências.

Isabelle não permaneceu sozinha por muito tempo no louvor à ignorância: antes de o dia se acabar, eu tinha diversos motivos para ser grata a todos os cegos habitantes da casa. As pessoas têm mais o que fazer além de desvelar corações e interpretar vaticínios sombrios. Quem desejar pode permanecer em silêncio, ser o soberano de seus próprios segredos. Durante aquele dia, provas e mais provas me foram dadas, não somente de que a causa da minha presente dor não era adivinhada, mas de que toda a minha vida íntima ao longo dos últimos seis meses ainda era somente minha. Não era sabido, não havia sido percebido, que eu dava valor especial a uma vida entre todas as demais. A tagarelice havia passado ao largo; a curiosidade me lançara um rápido olhar; as duas influências sutis, sempre pairando ao redor, jamais haviam se focado em mim. Um determinado organismo pode viver em um hospital repleto de pacientes com tifo e escapar da doença. M. Emanuel havia vindo e partido: eu havia sido ensinada e procurada; nos momentos convenientes e inconvenientes ele havia me chamado, e eu obedecera: “M. Paul quer falar com a Srta. Lucy”; “A Srta. Lucy está com M. Paul”, tal havia sido o boletim perpétuo; e ninguém comentou, muito menos condenou. Ninguém aludiu, ninguém zombou. Madame Beck desvendou o enigma: ninguém mais o

elucidou. O que eu sentia então era chamado de doença, uma dor de cabeça: eu aceitei o batismo.

Mas, qual doença física se pareceria com essa dor? A certeza de que ele havia partido sem se despedir, a cruel convicção de que o destino e as fúrias perseguidoras, a inveja de uma mulher e o fanatismo de um padre iriam fazer com que eu não o visse mais? E causa espanto que a segunda noite tenha me encontrado como a primeira: indomada, torturada, uma vez mais caminhando por uma sala solitária em um ímpeto inalterável de desolação silenciosa.

Madame Beck não foi pessoalmente me mandar para a cama aquela noite; ela não se aproximou de mim: mandou Ginevra Fanshawe. Uma agente mais eficiente para essa ocasião ela não poderia ter empregado. As primeiras palavras de Ginevra, "Sua dor de cabeça está muito forte esta noite?" (pois Ginevra, assim como as demais, achava que eu tinha dor de cabeça; uma dor de cabeça intolerável, que me deixava com o rosto pavorosamente branco e me fazia caminhar desassossegada), suas primeiras palavras, estou dizendo, me inspiraram o impulso de fugir para qualquer lugar, desde que fosse um local fora de alcance. E o que veio logo em seguida (lamentos a respeito de suas próprias dores de cabeça) encerrou a situação.

Eu fui para o andar de cima. Logo eu estava na minha cama, minha miserável cama assombrada por ágeis escorpiões. Eu não estivera deitada por mais de cinco minutos, quando outra emissária chegou: Goton veio, trazendo-me algo para beber. Eu estava com uma sede doentia; bebi com avidez, a bebida era doce, mas eu senti gosto de algum remédio.

— Madame disse que isso vai fazer a senhorita dormir, chou-chou [7] — disse Goton, ao receber a xícara vazia.

Ah! O sedativo havia sido administrado. Na verdade, eles me haviam dado um forte opiáceo. Eu deveria ficar quieta a noite inteira.

Todos foram para a cama, a luz noturna foi acesa, o dormitório ficou em silêncio. Logo o sono prevaleceu: naqueles travesseiros, o sono alcançou uma supremacia fácil: soberano satisfeito de mentes e de corações que não doíam; ele passou ao largo dos inquietos.

A droga funcionou. Eu não sei se Madame havia dado uma dose excessiva ou mais fraca; o resultado não foi o intencionado por ela. Ao invés do estupor, sobreveio a excitação. Eu fiquei sensível a um novo tipo de pensamento; para um sonho cujo colorido era peculiar. Um toque de convocação percorreu os meus sentidos, suas cornetas soaram um chamado inoportuno. A imaginação foi despertada de seu descanso, e ela surgiu impetuosa e arrojada. Ela olhou desdenhosa para a Matéria, sua parceira. “Levanta-te!”, disse ela. “Preguiçosa! Esta noite, será feita *minha* vontade, tu não prevalecerás.”

“Olha para diante e observa a noite!”, foi a exclamação dela, e quando eu afastei as pesadas cortinas do postigo mais próximo, com seu gesto majestoso, ela me mostrou uma lua suprema, em um céu profundo e esplêndido.

Ela fez com que a escuridão bruxuleante, os limites estreitos e o calor opressivo do dormitório ficassem intoleráveis para meus sentidos ansiosos. Ela me levou a sair daquele antro e a segui-la adiante, em meio ao orvalho, ao frescor e à glória.

Ela me ofereceu uma estranha visão de Villette à noite. Ela me mostrou especialmente o parque, o parque no verão, com suas longas aleias silenciosas, solitárias e seguras; entre elas se encontrava um grande tanque forrado de pedras (aquele tanque eu conhecia, e ao seu lado ficara tantas vezes parada) profundamente encravado nas sombras das árvores, repleto de água fresca e clara, com um leito verde, frondoso e cheio de juncos. E de que adiantava essa lembrança? Os portões do parque estavam fechados, trancados, vigiados: não era possível entrar lá.

Não era possível? Era um ponto digno de consideração; e, enquanto eu refletia a respeito, me vesti mecanicamente. Completamente incapaz de dormir ou de ficar deitada em silêncio, excitada dos pés à cabeça, o que eu poderia fazer de melhor, além de me vestir?

Os portões estavam trancados, soldados postados à frente deles: não havia, então, um modo de entrar no parque?

Outro dia, ao passar por lá, eu tinha visto, sem prestar atenção no detalhe, um vão na cerca, uma estaca quebrada: eu via agora esse vão uma

vez mais em minhas lembranças. Eu o via distintamente; a abertura estreita e irregular visível entre os troncos das tílias plantadas de modo organizado, como uma colunata. Um homem não teria conseguido passar por aquela abertura, tampouco uma mulher robusta, talvez não Madame Beck; mas eu achei que poderia: achei que teria de tentar e, uma vez estando lá dentro, a essas horas o parque inteiro seria meu; o parque iluminado pela luz do luar da meia-noite!

Quão profundamente todas dormiam! Que sono profundo! Que respiração calma! Como a casa toda estava tão silenciosa! Que hora seria? Eu estava ansiosa para saber. Havia um relógio na sala lá embaixo: o que me impedia de me arriscar a descer para consultá-lo? Com tanto luar, seu mostrador grande e branco e os números negros como azeviche estariam perfeitamente distintos.

Como empecilho para esse passo, não havia muito mais que dobradiças rangendo ou um ferrolho estalando. Nessas noites quentes de julho, o ar parado era intolerável, e a porta do quarto estava escancarada. Iria o piso do dormitório aguentar meus passos sem traí-los? Sim. Eu sei onde há uma tábua solta, e vou evitá-la. A escadaria de carvalho solta alguns estalidos enquanto eu desço, mas não muito: estou no carré.

As grandes portas das salas de aula estão bem fechadas: elas estão trancadas. Por outro lado, a entrada para o corredor está aberta. As salas me parecem grandes celas lúgubres, enterradas muito longe das ruas, e, para mim, repletas de lembranças espectrais e intoleráveis, jazendo infelizes em meio à palha e aos grilhões. O corredor oferece uma vista alegre, levando ao alto vestíbulo que dá diretamente para a rua.

Silêncio! O relógio bate as horas. Assustadoramente profundo como é o silêncio deste convento, são apenas onze horas. Enquanto meus ouvidos seguem o silenciar do murmúrio da última badalada, eu percebo indistintamente, vindo da capital, um som parecido com o de sinos ou de uma banda; um som em que a doçura, a vitória e os lamentos se misturam. Oh, poder aproximar-me dessa música, ouvi-la sozinha ao lado do tanque cheio de juncos! Deixem-me ir… oh, deixem-me ir! O que impede, o que não auxilia a liberdade?

Lá, no corredor, estão pendurados meu manto, meu grande chapéu e meu xale. Não há tranca na grande e pesada portecochère; [8] não há uma chave para ser procurada: ela se fecha com um tipo de ferrolho, que não pode ser aberto pelo lado de fora, mas que, por dentro, pode ser puxado silenciosamente. Eu consigo fazer isso? Ele cede às minhas mãos, cede com uma facilidade oportuna. Eu me espanto com o fato de aquele portal se abrir quase espontaneamente; eu me espanto ao cruzar o umbral e sair para a rua pavimentada, me espanto com a estranha facilidade com que essa prisão foi forçada. Parecia que eu havia sido precedida por algo invisível, como se uma força anuladora tivesse aberto o caminho à minha frente: de minha parte, eu mal fiz esforço.

Calma Rue Fossette! Percebo em seu calçamento aquela noite de verão que seduz o caminhante, e na qual eu estivera pensando; eu vejo a lua brilhando sobre mim; sinto seu orvalho no ar. Mas não posso ficar aqui; ainda estou perto demais de antigos covis: tão perto do calabouço, consigo ouvir os prisioneiros gemendo. Essa paz solene não é o que estou buscando, não é o que consigo suportar: para mim, a face daquele céu tem o aspecto da morte do mundo. O parque também estará silencioso, eu sei; uma serenidade mortal prevalece em todos os cantos; contudo, deixem que eu vá até o parque.

Eu segui um caminho bem conhecido, e fui através da Haute-Ville palaciana e real; a música que eu ouvira certamente vinha de lá; ela havia silenciado agora, mas poderia tornar a despertar. Eu prossegui: música de banda ou de sinos não veio ao meu encontro; outro som a substituiu, um som semelhante ao de uma correnteza forte, um grande fluir que ficava mais profundo à medida que eu caminhava. A luz apareceu, o movimento se intensificou, carrilhões soaram; a que eu me dirigia? Entrando no terreno de uma Grande Place, percebi que estava, com a imprevisibilidade da mágica, mergulhada no meio de uma multidão alegre, viva e feliz.

Villette é um só fulgor, uma ampla iluminação festiva; o mundo inteiro parece estar se movimentando; a luz do luar e o céu foram banidos: a cidade, à luz de seus próprios flambeaux, [9] contempla seu esplendor. Roupas alegres, carruagens imponentes, belos cavalos e cavaleiros

galantes povoam as ruas iluminadas. Eu até vejo dezenas de máscaras. É uma cena estranha, mais estranha que sonhos. Mas, onde está o parque? Eu deveria estar perto dele. Em meio a tal clarão, o parque deve estar cheio de sombras e calmo; *lá* , pelo menos, será que não há nem tochas nem lampiões ou multidões?

Eu estava me fazendo essa pergunta quando uma carruagem aberta passou por mim repleta de rostos conhecidos. Em meio àquela imensa multidão, ela só poderia passar lentamente; os cavalos vivazes estavam ansiosos em seu ardor contido. Eu vi com nitidez os ocupantes da carruagem: a mim eles não conseguiam ver, ou, pelo menos, não reconhecer, enrolada em meu grande xale, protegida por meu chapéu de palha (naquela multidão variegada, nenhuma indumentária era perceptivelmente estranha). Eu vi o Conde de Bassompierre; vi minha madrinha, muito bem-vestida, digna e alegre; vi também Paulina Mary, envolta pelo tríplice halo da sua beleza, da sua juventude e da sua felicidade. Ao olhar para sua fisionomia feliz, e olhos brilhando de alegria, a pessoa mal se lembraria de notar a elegância da indumentária dela; eu só sei que os tecidos que flutuavam ao redor dela eram todos brancos e leves como o das núpcias; sentado no lado oposto a ela vi Graham Bretton; era por olhar para ele que o aspecto dela ganhara aquele brilho; a luz refletida nos olhos *dela* em primeiro lugar brilhava nos dele.

Deu-me um estranho prazer seguir esses amigos sem ser vista, e eu os *segui* , como pensava, rumo ao parque. Eu os observei apeando (carruagens não tinham permissão de entrar) entre esplendores novos e não antecipados. Vejam! O portão de ferro, entre as colunas de pedra, estava encimado por um arco flamejante feito de estrelas reunidas; e, seguindo-os cautelosa sob aquele arco, onde estavam eles, e onde estava eu?

Em uma terra de encantamento, um jardim tão esplendoroso, um terreno cravejado de meteoros coloridos, uma floresta com centelhas de fogo púrpura e vermelho profundo e dourado adornando a folhagem; uma região, não de árvores e de sombras, mas de uma estranha riqueza arquitetural; de altar e templo, de pirâmide, obelisco e esfinge: é incrível

dizer isso, mas as maravilhas e os símbolos do Egito abundavam por todo o parque de Villette.

Não importava que, em cinco minutos, o segredo fosse meu (a chave do mistério apanhada, e sua ilusão desfeita); não importava que eu rapidamente reconhecesse o material desses fragmentos solenes: a madeira, a tinta e o papelão, essas descobertas inevitáveis não conseguiram destruir o encanto, ou arruinar a magia daquela noite. Não importava que eu então compreendesse o motivo de toda aquela grande fête; uma fête que a conventual Rue Fossette não havia experimentado, embora ela tivesse se iniciado na aurora daquele dia, e ainda estivesse em pleno vigor perto da meia-noite.

Em tempos passados tinha havido, dizia a história, uma crise profunda relacionada ao destino de Labassecour, envolvendo não sei qual perigo para os direitos e as liberdades de seus galantes cidadãos. Rumores de guerras haviam acontecido, se não fossem as próprias guerras; um tipo de luta nas ruas, um alvoroço, uma correria para um lado e para o outro, algumas barricadas foram erguidas, certa manifestação popular, certa convocação das tropas, muitos tijolos sendo atirados, e até mesmo um pouco de tiros. A tradição mantinha que os patriotas haviam perecido: na velha Basse-Ville era exibido um recinto, solenemente construído e mantido à parte, contendo, assim se dizia, os sagrados ossos dos mártires. Seja como for, certo dia do ano ainda era mantido como celebração em honra desses tais patriotas e mártires de memória um tanto apócrifa. De manhã era celebrado um solene Te Deum em S. João Batista, a noite era dedicada a espetáculos, ornamentos e luzes, assim como os que eu via então.

Enquanto olhava para a imagem de um íbis branco, fixo em uma coluna, enquanto sondava a perspectiva profunda e iluminada pelas tochas de uma avenida, em cujo fim estava aninhada uma esfinge, eu perdi de vista o grupo que, desde o meio da grande praça, eu havia seguido. Ou melhor, eles desapareceram como um grupo de aparições. Toda a cena estava permeada de uma característica semelhante à de um sonho: todas as formas estavam tremulando, todos os movimentos eram flutuantes, todas

as vozes se pareciam com um eco, em parte caçoístas, em parte incertas. Paulina e seus amigos tendo sumido, eu mal poderia garantir que realmente os vira; tampouco senti falta deles como guias em meio ao caos, muito menos lamentei a perda deles como protetores no meio da noite.

Aquela noite de festa teria sido segura para uma criança. Grande parte dos camponeses havia vindo dos arredores de Villette, e os decentes cidadãos estavam todos se movimentando, por todos os lados, com suas melhores roupas. Meu chapéu de palha passou por entre chapéus e casacos, saias curtas e um longo manto de calicô, sem, talvez, atrair um só olhar; eu somente tomei a precaução de prender a grande aba à moda cigana, com uma fita extra; e então me senti segura como se estivesse mascarada.

E segura eu passei pelas avenidas; segura eu me misturei com a multidão, onde ela era maior. Não conseguiria ficar parada nem ficar tranquilamente observando. Senti grande prazer com a cena; inspirei o elástico ar noturno, as ondas de som, a luz incerta, ora brilhando, ora desaparecendo. Quanto à Felicidade e a Esperança, elas e eu havíamos trocado um aperto de mão, mas naquele exato momento eu desdenhava o Desprezo.

Meu objetivo impreciso, enquanto eu caminhava, era encontrar o tanque forrado de pedras, com sua profundeza clara e bordas verdes: naquela frescura e naquele verdor eu pensava com a sede ardorosa de uma febre inconsciente. Em meio ao brilho, e à pressa, e à multidão, e ao barulho, eu ainda ansiava em segredo e acima de tudo por me aproximar daquele espelho circular de cristal, e surpreender a lua iluminando sua fronte perolada.

Eu conhecia meu caminho; contudo, parecia que estava sendo impedida de segui-lo diretamente: ora uma visão, ora um som, chamavam-me de lado, atraindo-me a caminhar por esta aleia e por aquela. Eu já via as árvores plantadas umas perto das outras que margeavam aquele espelho trêmulo e ondeante quando, de uma clareira do lado direito, brotou em coral um som como o que eu julguei que poderia ser ouvido se o Céu fosse se abrir. Tal som, talvez, como *tenha sido* ouvido acima das planícies de Belém, na noite das boas-novas.

A canção, a doce música, surgiu lá longe, porém arrojando-se velozmente com asas cada vez mais fortes; e passou sobre aquelas sombras tão profunda tempestade de harmonias que, caso não houvesse nas proximidades uma árvore em que eu pudesse me apoiar, acredito que eu teria caído. Havia vozes lá, ao que me parecia, inumeráveis; instrumentos variados e incontáveis: corneta, trompa e trombeta eu conhecia. O efeito era como o de um mar soando com todas as suas ondas.

A maré oscilante veio para este lado, e então retrocedeu, e eu segui sua retirada. Ela me conduziu na direção de um prédio bizantino, um tipo de quiosque perto do centro do parque. Ao redor estavam milhares de pessoas, reunidas para um grande concerto ao ar livre. O que eu ouvi foi, assim acredito, um vibrante coral de caçadores; a noite, o ambiente, a cena e meu próprio estado de espírito haviam apenas exagerado os sons e a impressão por eles causada.

Ali estavam reunidas senhoras, parecendo, sob aquela luz, ainda mais belas: alguns dos vestidos eram diáfanos, e alguns tinham o brilho do cetim, as flores e as rendas tremiam e os véus se agitavam ao redor de suas toucas enfeitadas, enquanto aquele coral parecido com um batalhão, com seu som cada vez mais concentrado, fendia o ar acima deles. A maior parte dessas senhoras sentava-se nas cadeirinhas do parque, e atrás e ao lado estavam cavalheiros tomando conta delas. As fileiras mais afastadas da multidão eram compostas por cidadãos, por plebeus e pela polícia.

Nessa fileira mais distante eu assumi meu posto. Eu gostava de descobrir que era a vizinha silenciosa e desconhecida, e consequentemente não perturbada, da saia curta e do tamanco; e apenas a distante observadora do vestido de seda, do manto de veludo e do chapéu emplumado. Entre tanta vida e alegria, também, me agradava estar sozinha, bem sozinha. Não tendo nem o desejo nem o poder de forçar meu caminho através de um grupo tão compacto, meu posto se encontrava nos confins mais afastados, onde, na verdade, eu podia ouvir, mas conseguia ver muito pouco.

— Mademoiselle não está bem situada — disse uma voz ao meu lado. Quem ousava dirigir-se a *mim* , uma criatura em um estado de espírito tão

pouco social? Eu me voltei, mais para repelir que para replicar. Vi um homem, um morador da cidade, um completo estranho, como assim o julguei por um momento, mas, no momento seguinte, o reconheci como certo comerciante; um livreiro, cuja loja supria a Rue Fossette com seus livros e material de escrita; um homem conhecido em nosso pensionato pela excessiva aspereza de seu temperamento, e frequente irritabilidade de seus modos, até mesmo para conosco, seus principais fregueses: mas de quem, com minha alma solitária, eu sempre estivera disposta a gostar, e que sempre havia considerado educado, às vezes gentil; certa vez, ao me ajudar com determinada fastidiosa troca de dinheiro estrangeiro, ele havia me feito um favor. Ele era um homem inteligente; sob sua aspereza, era uma pessoa de bom coração; às vezes eu pensava que parte da sua natureza tinha afinidade com uma parte da natureza de M. Emanuel (a quem ele conhecia bem, e a quem eu vira com frequência sentado no balcão de Miret, folheando as publicações do mês); e foi nessa afinidade que eu encontrei a explicação para aquele sentimento apaziguador com o qual instintivamente o considerava.

É estranho dizer, esse homem me reconheceu sob meu chapéu de palha e o xale tão aconchegado ao redor do corpo; e, embora eu desaprovasse o esforço, ele insistiu em abrir caminho para mim através da multidão, e em descobrir para mim uma localização melhor. Ele levou seus modos educados e desinteressados mais além e, de algum lugar, trouxe uma cadeira para mim. Tantas vezes eu havia percebido que as pessoas de trato mais difícil não são de modo algum as piores da humanidade; tampouco as que estão mais baixo na escala social são as menos refinadas quanto aos sentimentos. Esse homem, em sua cortesia, pareceu não ver nada de estranho no fato de eu estar lá sozinha, somente uma razão para dedicar a mim, tanto quanto lhe fosse possível, uma atenção discreta, contudo, eficiente. Tendo garantido para mim um lugar e um assento, ele se retirou sem fazer uma só pergunta, sem impor uma observação, sem acrescentar uma palavra supérflua. Não admira que o Professor Emanuel gostasse de fumar seu charuto e aproveitar a hora de lazer e ler seu feuilleton na loja de M. Miret; os dois devem ter se entendido bem.

Eu não estivera sentada por cinco minutos, e tive então a consciência de que o acaso e meu valoroso amigo citadino haviam me colocado uma vez mais perto de um grupo familiar e doméstico. Bem à minha frente estavam sentados os Bretton e os de Bassompierre. Ao alcance de minha mão, caso eu tivesse desejado estendê-la, sentava-se uma figura parecida com a de uma rainha das fadas, ideia sugerida por sua indumentária, pelos lírios e suas folhas; o que não era de um branco imaculado era verde como a floresta. Minha madrinha também se sentava tão perto que, se eu me inclinasse para a frente, meu hálito agitaria as fitas da sua touca. Eles estavam perto demais; tendo acabado de ser reconhecida por um relativo estranho, eu me senti apreensiva com a proximidade tão grande de conhecidos íntimos.

E tive um sobressalto quando a Sra. Bretton, voltando-se para o Sr. Home e falando movida por um gentil impulso de uma recordação, disse:

— Só fico pensando o que minha pequena e imperturbável Lucy teria a dizer de tudo isto caso ela estivesse aqui. Gostaria de tê-la trazido, ela teria apreciado muito.

— E teria, teria mesmo, do jeito sério e sensato dela; é uma pena, nós deveríamos tê-la convidado — retrucou o gentil cavalheiro, e acrescentou — Eu gosto de vê-la feliz com tanta discrição, tão pouco comovida, entretanto, tão contente.

Caros eram os dois para mim; caros ainda são até o dia de hoje em sua benevolência recordada. Pouco sabiam eles do suplício de dor que havia feito Lucy quase ficar com febre, e a trouxera, sem companhia e temerária, instada e drogada, à beira do desespero. Cheguei a pensar em me curvar sobre os ombros dos anciãos e responder à bondade deles com os agradecimentos de meus olhos. M. de Bassompierre não *me* conhecia bem, mas eu *o* conhecia, e honrava e admirava a natureza dele, com toda a sua sinceridade evidente, sua cálida afeição e seu entusiasmo inconsciente. Era possível que eu falasse, mas bem nesse momento Graham se voltou; ele se voltou com um de seus movimentos imponentes e firmes, tão diferentes daqueles de um homem baixinho e temperamental: havia atrás dele uma multidão, uma centena de filas de pessoas; havia milhares para encontrar o

olhar dele e dividir seu escrutínio. Por que então ele concentrou tudo em mim, oprimindo-me com todas as forças daqueles olhos profundos, azuis e firmes? Por que, se ele *tinha de* olhar, um só olhar não o satisfez? Por que se voltou em sua cadeira, apoiou o cotovelo no espaldar, e me examinou vagarosamente? Ele não conseguia ver meu rosto, eu o mantive abaixado; certamente, ele não *conseguia* me reconhecer: eu me inclinei, eu me voltei, eu *não seria* reconhecida. Ele se levantou; de algum modo ele conseguiu se aproximar, em dois minutos teria desvendado meu segredo: minha identidade teria sido agarrada entre suas mãos, nunca as de um tirano, mas sempre poderosas. Só havia um modo de fugir ou de impedi-lo. Dei a entender, por meio de um gesto suplicante, que era meu desejo ser deixada em paz; depois disso, caso ele tivesse persistido, talvez tivesse testemunhado o espetáculo de Lucy enfurecida: nem tudo o que era grandioso, ou bom ou gentil nele (e Lucy sentia todo esse peso) a teria mantido bem dócil, ou absolutamente inofensiva e parecida com uma sombra. Ele olhou, mas desistiu. Balançou sua bela cabeça, mas ficou em silêncio. Tornou a se sentar, e não se voltou outra vez nem me perturbou com um olhar, a não ser por um só instante, quando um olhar, mais solícito que curioso, se insinuou até mim, falando o que de algum modo acalmou meu coração como "o vento sul que deixa a terra lânguida". Os pensamentos de Graham a meu respeito não eram totalmente os de uma fria indiferença, afinal. Acredito que naquela mansão cheia de bondade, o coração dele, ele conservasse um cantinho sob as claraboias, onde Lucy poderia ser recebida, caso decidisse fazer uma visita. Não era tão belo quanto os cômodos em que ele abrigava seus amigos; não era nem um pouco parecido com o hall onde ele acomodava sua filantropia, ou a biblioteca onde guardava sua ciência, menos ainda se parecia com o pavilhão onde sua festa de casamento estava organizada de modo esplêndido; contudo, aos poucos, por meio de uma longa e equilibrada gentileza, ele me provou que mantinha um quartinho, em cuja porta estava escrito: "Quarto da Lucy". Eu mantinha um lugar para ele, também; um lugar cujas medidas eu nunca tomei, nem com régua nem com compasso: acho que era parecido com a tenda de Peri-Banou. Minha vida inteira eu a

carreguei dobrada na palma da mão; entretanto, livre daquele aperto e daquela compressão, eu não sei se sua capacidade inata de expansão poderia tê-la aumentado até se tornar um tabernáculo para uma multidão.

Por mais tolerante que ele estivesse aquela noite, eu não podia ficar perto dele; esse lugar e essa cadeira perigosos teriam de ser abandonados: aproveitei quando tive oportunidade, levantei-me e saí discretamente. Ele pode ter pensado, pode até ter acreditado que Lucy estava contida naquele xale, e abrigada sob aquele chapéu; nunca poderia ter certeza, pois não viu meu rosto.

Com certeza o espírito aventureiro estava então acalmado? Eu já não havia tido aventuras suficientes? Não estava começando a enfraquecer, a desanimar e a desejar a segurança sob um telhado? De jeito nenhum. Eu ainda odiava minha cama no dormitório da escola mais do que palavras podem expressar: eu me agarrava a qualquer coisa que pudesse afastar os pensamentos. De algum modo eu sentia, também, que o drama noturno mal havia começado e que o prólogo ainda não havia sido totalmente pronunciado: por todo esse teatro relvoso e cheio de árvores reinava uma sombra de mistério; atores e incidentes inesperados aguardavam por trás dos bastidores: eu achava que sim; os pressentimentos assim me diziam.

Caminhando a esmo, obedecendo ao impulso de cada cotovelada casual, fui levada a um local onde árvores plantadas em aglomerados, ou crescendo solitárias, separavam um pouco a multidão compacta, e davam a ela uma aparência de maior dispersão. Esses locais estavam distantes da música, e até mesmo um pouco afastados dos lampiões, mas havia som suficiente para apaziguar; e, com aquela lua cheia, as luzes mal eram necessárias. Ali estavam acomodados principalmente grupos de famílias, moradores da cidade; alguns deles, mesmo naquela hora tardia, rodeados por seus filhos, com os quais não era aconselhável se aventurar em meio à multidão mais compacta.

Três árvores de tronco fino crescendo juntas umas das outras, os troncos quase entrelaçados, criavam um espesso dossel de sombra acima de uma elevação verde, encimada por um banco; um banco que poderia ter acomodado várias pessoas; contudo, ele parecia ter sido deixado para uma,

os demais membros desse grupo afortunado que se apossara do local estavam devidamente ao redor; contudo, em meio a esse reverendo círculo estava uma senhora, que segurava pela mão uma menininha.

Quando eu vi essa menininha, ela estava se balançando apoiada nos calcanhares, segurando a mão da sua condutora, girando para lá e para cá com movimentos ousados e fantásticos. Esses movimentos perversos atraíram minha atenção, eles me pareceram ter uma característica terrivelmente familiar. Examinando com maior atenção, não menos familiares eram as roupas da menina: o manto de seda lilás, a pequena estola de plumas de cisne, a touca branca, toda a toilette festiva, resumindo, era a indumentária de gala de um querubim muito conhecido, daquela ameba, Désirée Beck. E Désirée Beck era ela, ou então um duende que era o retrato dela.

Eu poderia ter considerado essa descoberta como um trovão; porém, tal hipérbole teria sido prematura; a descoberta estava destinada a aumentar em mais de um grau, antes de alcançar o seu ponto máximo.

Nas mãos de quem poderia a gentil Désirée balançar assim com tanto egoísmo, de quem eram as luvas que ela poderia amarrotar assim com tanta ousadia, de quem era o braço tão forçado com impunidade, ou de quem seria o vestido em cujas bordas ela poderia revirar e pisotear assim insolente, se não fossem a mão, as luvas, o braço e o vestido da senhora sua mãe? E lá, com um xale indiano e uma touca de crepe verde pálido; lá, louçã, corpulenta, jovial e agradável, lá estava Madame Beck.

Estranho! Eu teria certamente acreditado que, nesse exato instante, Madame estava na cama, e Désirée estava na caminha, dormindo, as duas, o sono dos justos, dentro das paredes sagradas, em meio à profunda reclusão da Rue Fossette. Com toda a certeza, elas também não imaginavam a "Senhorrita Lucie" ocupada se não fosse daquela maneira; e cá estávamos as três tendo nossos "ébats" [10] no parque iluminado pela fête à meia-noite!

Acontece que Madame estava agindo somente de acordo com seu costume plenamente justificável. Eu me lembrei então de ter ouvido as professoras dizendo (sem que, na ocasião, eu prestasse atenção particular

aos comentários) que, tantas vezes, quando nós achávamos que Madame estava seu quarto, dormindo, ela havia saído, muito bem-vestida, para se divertir em óperas, ou em teatros ou bailes. Madame não tinha gosto por uma vida monástica, e tomava providências, com muita frequência, embora com discrição, de temperar sua existência com um gostinho do mundo.

Meia dúzia de cavalheiros amigos dela estavam ali por perto. Entre eles, não demorei a reconhecer dois ou três. Lá estava seu irmão, M. Victor Kint; havia outra pessoa, um bigodudo e com cabelos longos; um homem calmo e taciturno, mas cujos traços apresentavam uma semelhança que eu não conseguiria observar sem me emocionar. Entre reserva e fleuma, entre contrastes de personalidade e de fisionomia, alguma coisa ainda restava que me fazia lembrar de um rosto — volúvel, fervente e sensível — um rosto mutável, ora sombreado, ora iluminado, um rosto excluído do meu mundo, perdido para os meus olhos, mas no qual as melhores horas da primavera da vida haviam se alternado em sombras e em luz; aquele rosto, em que eu tantas vezes vira movimentos tão próximos das marcas do gênio. E por que nele não brilhava plenamente o fogo genuíno, a coisa, o espírito e o próprio segredo, eu jamais pude dizer. Sim, esse Josef Emanuel, esse homem pacífico, me fazia pensar em seu ardente irmão.

Além de Messieurs Victor e Josef, eu conhecia outro membro do grupo. Essa terceira pessoa estava atrás e nas sombras, sua postura também era encurvada; contudo, sua roupa e sua cabeça branca e calva faziam dele a figura mais conspícua do grupo. Ele era um eclesiástico: era Père Silas. Não fique pensando, leitor, que houvesse alguma inconsistência na presença do padre na fête. Esta não era considerada uma demonstração da Feira das Vaidades, mas uma comemoração de sacrifício patriótico. A Igreja a favorecia, até mesmo com ostentação. Havia tropas de padres no parque aquela noite.

Père Silas se inclinava sobre o banco com seu único ocupante, sobre o banco rústico e sobre quem nele se sentava: uma massa estranha era aquela: informe, e, mesmo assim, magnífica. Dava para ver, na verdade, os contornos de um rosto, e traços fisionômicos, mas eles eram tão

cadavéricos e dispostos de forma tão estranha, que dava quase para se pensar em uma cabeça decepada do tronco, e colocada aleatoriamente sobre uma pilha de mercadorias caras. Os distantes raios de luz tocavam rapidamente em brincos claros, em grandes anéis; nem a castidade da luz da lua nem a distância das tochas conseguiriam reprimir os magníficos tons do tecido. Salve, Madame Walravens! Acho que a senhora se parecia, mais do que nunca, com uma bruxa. E logo em seguida a boa senhora provou que ela era mesmo não um cadáver, nem um fantasma, mas uma mulher idosa implacável e destemida; pois, tendo havido uma intensificação no ruidoso pedido feito por Désirée Beck a sua mãe, para ir ao quiosque e comprar doces, a corcunda repentinamente deu-lhe uma sonora bordoada com sua bengala com castão de ouro.

Lá, então, estavam Madame Walravens, Madame Beck e Père Silas; a conjuração toda, a junta secreta. Vê-los assim reunidos fez-me bem. Eu não posso dizer que tenha me sentido fraca na presença deles, ou embaraçada ou assustada. Eles eram mais numerosos que eu; e eu estava derrotada e nas mãos deles; mas, até aquele momento, eu não estava morta.

XXXIX. VELHOS E NOVOS CONHECIDOS

Sentindo-me como se estivesse fascinada por um basilisco com três cabeças, eu não conseguia abandonar esse grupo; o chão ao redor deles parecia prender os meus pés. Um dossel de árvores com ramos entrelaçados fazia sombra, a noite sussurrava uma garantia de proteção, e um lampião prestativo emitiu somente um raio de luz para me mostrar um assento obscuro e seguro, e então desapareceu. Permitam-me dizer rapidamente ao leitor tudo que, durante aquela última quinzena sombria, eu estivera silenciosamente recolhendo dos Rumores, no que dizia respeito à origem e ao objetivo da partida de M. Emanuel. A história é breve, e não tem nada de novo: seu alfa era Mamon, e seu ômega, o Interesse.

Se Madame Walravens era tão medonha quanto um ídolo indiano, ela também parecia possuir, na apreciação desses seus adoradores, a importância de um ídolo. O fato era que ela havia sido rica, muito rica; e, embora no momento presente sem ter dinheiro ao seu dispor, ela talvez voltasse a ser rica novamente um dia. Em Basseterre, em Guadalupe, ela era dona de uma grande propriedade, recebida como dote em seu casamento havia sessenta anos, confiscada desde a falência do seu marido; mas agora, era o que se supunha, estava livre de impedimentos e, se fosse devidamente administrada por uma pessoa competente e íntegra, poderia passar a ser, em alguns anos, bastante produtiva.

Père Silas se interessava por essa melhoria vindoura por amor à religião e à Igreja, da qual Magliore Walravens era filha devota. Madame Beck, parenta distante da corcunda, e sabendo que ela não tinha família, havia por muito tempo meditado a respeito das contingências com a premeditação calculada de uma mãe e, mesmo sendo tratada com aspereza

por Madame Walravens, nunca deixara de adulá-la por causa do seu interesse. Madame Beck e o padre estavam então, por razões financeiras, igual e sinceramente interessados nos cuidados da propriedade das Índias Ocidentais.

Porém, a distância era grande, e o clima, perigoso. O administrador justo e competente que eles queriam teria de ser um homem dedicado. E tal homem Madame Walravens havia mantido ao seu serviço por vinte anos, arruinando a vida dele, e então vivendo à custa dele, como um velho fungo; tal homem Père Silas havia treinado, ensinado e conservado junto de si por meio de laços de gratidão, hábito e crença. Tal homem Madame Beck conhecia e, até certo ponto, era capaz de influenciar. "Meu pupilo", disse Père Silas, "se permanecer na Europa, corre o risco da apostasia, pois ele se envolveu com uma herética". Madame Beck também fez seus comentários particulares, e murmurou em seu íntimo sua razão secreta para desejar o exílio. O que ela não era capaz de obter, não desejava que outra obtivesse, preferiria destruí-lo. Quanto a Madame Walravens, queria seu dinheiro e suas terras, e sabia que Paul, se ele assim o desejasse, poderia ser o mais prudente e fiel dos intendentes: desse modo os três oportunistas se uniram e assediaram quem não era egoísta. Eles argumentaram, suplicaram, imploraram; fizeram um apelo à piedade dele, nas mãos dele colocaram, com confiança, seus interesses. Eles não pediam mais que dois ou três anos de devoção. Depois disso, ele poderia viver sua vida: uma pessoa do grupo, talvez, desejasse que nesse ínterim ele morresse.

Não houve ser vivo que apresentou humildemente suas possibilidades aos pés de M. Emanuel, ou se colocou cheio de confiança em suas mãos, e que teve desprezada a confiança ou repelido o repositório. Qual pudesse ser seu sofrimento particular ou relutância íntima para deixar a Europa (seus planos para seu próprio futuro) ninguém perguntou, ou sabia, ou relatou. Tudo isso era uma incógnita para mim. As conversas dele com seu confessor eu tinha condições de adivinhar; a parte que o dever e a religião foram levados a desempenhar nos argumentos usados, eu era capaz de

conjecturar. Ele havia partido, e não dera sinal de vida. E aí terminava meu conhecimento.

* * * * *

Com a cabeça baixa e a testa apoiada nas mãos, eu me sentei entre os troncos das árvores e o mato rasteiro. Qualquer conversa que acontecesse entre meus vizinhos eu poderia ouvir, se quisesse; eu estava perto o suficiente; mas, durante algum tempo, mal havia motivo para prestar atenção. Eles tagarelaram a respeito de vestidos, da música, da iluminação, da bela noite. Eu prestei atenção querendo ouvi-los dizer: "Está fazendo tempo bom para a viagem *dele* ; o *Antigua* (o navio dele) vai navegar com sucesso". Nenhuma observação desse tipo foi feita; nem o *Antigua* , nem sua rota, nem seu passageiro foram mencionados.

Talvez a conversa inconsequente não interessasse à velha Madame Walravens mais do que interessava a mim; ela parecia inquieta, virando a cabeça ora para um lado, ora para o outro, olhando através das árvores e no meio da multidão, como se esperasse uma chegada e estivesse impaciente por causa do atraso. "Où sont-ils? Pourquoi ne viennent-ils?", [1] eu a ouvi murmurar mais de uma vez; e, finalmente, como se estivesse determinada a ter uma resposta para sua pergunta (à qual até então ninguém parecera dar atenção), ela falou em voz alta a seguinte frase — uma frase bastante curta, bastante simples, mas que me fez sobressaltar:

— Messieurs et mesdames — disse ela —, où donc est Justine Marie? [2]

"Justine Marie!" O que isso significava? Justine Marie, a freira morta, onde estava ela? Ora, em seu túmulo, Madame Walravens. O que a senhora pode desejar ter com ela? A senhora poderá ir ao encontro dela, mas ela não virá encontrar a senhora.

Assim *eu* teria respondido, caso a resposta estivesse ao meu alcance, mas ninguém parecia ser da minha opinião; ninguém pareceu se surpreender, se sobressaltar, não saber o que dizer. A mais tranquila e banal das respostas foi dada à estranha pergunta que perturbava os mortos, uma pergunta como a da Necromante de En-Dor, feita pela corcunda.

— Justine Marie — disse alguém — está vindo; ela está no quiosque, logo vai chegar aqui.

Dessa pergunta e resposta surgiu uma mudança na conversinha; e conversinha ela continuou a ser, uma tagarelice tranquila, desconexa e familiar. Menções, alusões, comentários continuaram a ser feitos no grupo, mas todos tão fragmentários, tão dependentes de referências a pessoas não nomeadas que, por mais que eu ouvisse atentamente (e *ouvia* atenta *então* , com um interesse determinado) eu não consegui entender nada além do fato de que algum plano estava sendo elaborado, no qual essa Justine Marie, morta ou viva, estava envolvida. Essa junta familiar parecia estar tentando colocar as mãos nela de algum modo, por alguma razão; parecia ser o caso de um casamento, de uma fortuna. Para quem, eu não consegui entender direito, talvez para Victor Kint, talvez para Josef Emanuel; ambos eram solteiros. Em determinado momento achei que as menções e alusões recaíam sobre um jovem estrangeiro de cabelos claros que fazia parte do grupo, e a quem eles chamavam de Heinrich Mühler. Em meio a toda badinage, [3] Madame Walravens ainda interpunha de tempos em tempos palavras roucas, temperamentais, sua impaciência sendo distraída somente por uma vigilância implacável de Désirée, que não podia se mexer sem que a velha a ameaçasse com a bengala.

— La voilà! — exclamou de repente um dos cavalheiros. — Voilà Justine Marie qui arrive! [4]

Essa ocasião foi, para mim, peculiar. Eu trouxe à lembrança a freira retratada no quadro; presente na minha memória estava a triste história de amor; meus pensamentos se voltaram para a visão no sótão, a aparição na aleia, o estranho nascimento do berceau; fui tomada por um pressentimento de descoberta, uma forte certeza de uma iminente revelação. Ah! Quando a imaginação corre desenfreada, onde nós paramos? Que árvore no inverno, tão despida de folhas e sem galhos, que animal pastando ao lado de uma estrada tão humilde, a Imaginação, uma nuvem passageira e um raio de luar não os envolvam em espiritualidade, e façam deles fantasmas?

Com uma força solene oprimindo meu coração, a expectativa de um mistério se resolver: até então, eu havia visto esse espectro por espelho em enigma; agora iria encará-lo face a face. Eu me inclinei para a frente, e olhei.

— Ela está chegando! — exclamou Josef Emanuel.

O círculo se abriu como se estivesse se abrindo para receber um membro novo e bem acolhido. Nesse instante, uma tocha estava sendo levada por ali; seu fulgor ajudou a lua pálida a fazer justiça a esse momento dramático, ao iluminar com perfeição o dénouement [5] que acontecia. Certamente quem estava perto de mim deve ter sentido um pouco da ansiedade que senti em um grau incomensurável. O mais insensível daquele grupo deve ter "prendido a respiração por certo tempo!". Quanto a mim, minha vida estava paralisada.

Tudo se acabou. O momento e a freira chegaram. O momento dramático e a revelação se passaram.

O flambeau ainda brilha bem perto, sendo segurado por um funcionário do parque; sua longa e ávida língua de chamas quase toca a figura da Esperada. Lá — onde ela está bem à minha frente. Como ela é? O que ela veste? Qual é a aparência dela? Quem é ela?

Há tantas máscaras no parque esta noite, e, à medida que o tempo passa, um estranho sentimento de animação e de mistério começa a se espalhar, e você, leitor, mal iria me contradizer se eu dissesse que ela é igual à freira do sótão, que ela usa roupas negras e uma touca branca, que ela parece a ressurreição da carne, e que ela é um fantasma que se ergueu dos mortos.

Tudo falsidade, tudo invenção! Nós não vamos lidar com essas coisas. Sejamos honestos, e cortemos, como até então, do singelo tecido da verdade.

Singelo, entretanto, é uma palavra mal escolhida. O que eu vejo não é exatamente singelo. Uma mocinha de Villette está parada ali; uma menina recém-saída do seu pensionnat. Ela é muito agradável, com a beleza típica deste país. Parece bem alimentada, clara e rechonchuda. Suas faces são arredondadas, seus olhos, gentis; seu cabelo é abundante. Está muito bem-

vestida. Não está sozinha; seus acompanhantes são três pessoas: duas delas idosas; a estas ela chama de “Mon Oncle” e “Ma Tante”. [6] Ela ri, conversa; bem-humorada, roliça e cheia de vida, parece ser, em todos os aspectos, a belle bourgeoise.

“Chega de Justine Marie”; chega de fantasmas e de mistério: não que este último tenha sido resolvido; essa menina certamente não é a minha freira: a que eu vi no sótão e no jardim deve ter sido um palmo mais alta.

Nós demos uma olhada na belle da cidade; demos uma rápida olhada nos respeitáveis e velhos tio e tia. E temos um olhar casual para dedicar ao terceiro membro desse grupo? Podemos dedicar-lhe um instante de atenção? Temos de distingui-lo a esse ponto, leitor; ele tem direitos sobre nós; não é a primeira vez que o encontramos. Entrelacei meus dedos com muita força, e retive profundamente a respiração: contive o grito, engoli a exclamação, proibi o sobressalto, não falei nem me movi mais do que faria uma pedra; porém, eu sabia para o que olhava; através das sombras deixadas em meus olhos por tantas noites de choro, eu o conhecia. Eles diziam que ele deveria viajar com o *Antigua* . Madame Beck tinha dito isso. Ela mentira, ou havia dito o que em certo momento havia sido verdade, e deixou de contradizer quando passou a ser mentira. O Antigua havia partido, e lá estava Paul Emanuel.

Estava eu feliz? Um fardo imenso foi retirado de mim. Seria esse um fato para justificar a alegria? Não sei. Pergunte, em primeiro lugar, quais eram as circunstâncias relacionadas a esse adiamento. Até que ponto esse atraso *me* dizia respeito? Não havia quem ele pudesse afetar com maior intensidade?

Afinal, quem poderia ser essa jovem, essa Justine Marie? Não uma desconhecida, leitor; eu a conheço de vista; ela visita a Rue Fossette: com frequência, ela faz parte dos grupos dominicais de Madame Beck. Ela é parenta tanto dos Beck quanto dos Walravens; ela herdou seu nome de batismo da santa freira que seria sua tia caso estivesse viva; seu sobrenome é Sauveur; ela é uma herdeira e uma órfã, e M. Emanuel é guardião dela; alguns dizem que é seu padrinho.

A junta familiar deseja que essa herdeira se case com um do seu grupo: quem é ele? A pergunta vital… quem é ele?

Eu me senti muito feliz, então, pelo fato de a droga que me havia sido dada junto com a bebida doce ter me enchido com alguma coisa que fez com que a cama e o quarto fossem intoleráveis para mim. Sempre, durante toda minha vida, gostei de chegar ao fundo da verdade; gosto de ver a deusa em seu templo, e retirar o véu e me atrever a enfrentar o olhar temido. Oh, mais poderosa entre as divindades! Os contornos velados do teu aspecto com frequência nos fazem adoecer por causa da sua incerteza, mas definem para nós uma característica, nos mostram um lineamento, nítido em uma terrível sinceridade; podemos ofegar em um terror indizível, mas com esse ofegar inspiramos um hausto da tua divindade; nosso coração palpita, e suas correntes oscilam como os rios agitados por um terremoto, mas nós ingerimos coragem. Ver o pior e conhecê-lo é subtrair do Temor sua maior vantagem.

O grupo de Madame Walravens, maior em quantidade, ficou então muito alegre. Os cavalheiros pegaram bebidas no quiosque, todos se sentaram na relva sob as árvores; beberam à saúde e aos sentimentos; riram, brincaram. M. Emanuel suportou certa zombaria, um tanto bem-humorada, um tanto, assim me pareceu, maldosa, sobretudo da parte de Madame Beck. E logo fiquei sabendo que sua viagem havia sido temporariamente adiada por vontade dele, sem o apoio de seus amigos, até mesmo contra os conselhos deles; ele havia deixado o *Antigua* velejar, e havia reservado uma cabine no *Paul et Virginie* , que deveria velejar uma quinzena mais tarde. Eles o amolavam para que ele contasse o motivo de ter tomado essa decisão, e que ele indicava vagamente como “a conclusão de um negocinho pelo qual ele se interessara”. E qual *era* esse negócio? Ninguém sabia. Sim, havia uma pessoa que parecia, ao menos em parte, estar a par dos segredos dele; um olhar significativo foi trocado entre ele e Justine Marie. “La petite va m’aider… n’est-ce pas?”, [7] disse ele. A resposta foi mais do que pronta, Deus sabe disso!

— Mais oui, je vous aiderai de tout mon coeur. Vous ferez de moi tout ce que vous voudrez, mon parrain. [8]

E esse querido “parrain” pegou a mão dela e a levou a seus lábios gratos. Eu vi o claro jovem teutão, Heinrich Mühler, ficar desassossegado com essa manifestação, como se não a apreciasse. Ele até mesmo resmungou algumas palavras, e com isso M. Emanuel riu na cara dele, e com o impiedoso triunfo do vencedor garantido, puxou sua pupila para mais perto de si.

M. Emanuel estava realmente muito alegre aquela noite. Ele não parecia nem um pouco abatido pela mudança de cenário e de ação vindoura. Ele era a verdadeira alma do grupo; um pouquinho despótico, talvez, determinado a ser o mais destacado tanto na alegria como na atividade, de um momento a outro provando indisputavelmente seu direito à liderança. Dele eram a palavra mais sagaz, o caso mais divertido e a risada mais franca. Incansavelmente ativo, como era o jeito dele, ele se multiplicou para servir a todos; mas oh! Eu vi quem era sua favorita. Vi aos pés de quem ele se sentou na relva, vi quem ele protegeu cuidadosamente do ar noturno, de quem ele tomava conta, a quem ele observava e estimava como se fosse a menina de seus olhos.

Mesmo assim, alusões e zombarias eram abundantes, e eu ainda tive a impressão de que, enquanto M. Paul estivesse ausente, trabalhando para outros, esses outros, não sendo ingratos, iriam cuidar, em nome dele, do tesouro que ele deixava na Europa. Deixem que ele traga para eles uma fortuna das Índias: eles lhe dariam em troca uma jovem esposa e uma bela herança. Quanto à consagração santificada, ao voto de constância, isso havia sido esquecido: o Presente cheio de vida e encantador prevalecia sobre o Passado; e, finalmente, sua freira estava mesmo enterrada.

Assim tinha de ser. A revelação havia sido feita. O pressentimento não se enganara em seu impulso: há um tipo de pressentimento que nunca *se engana* ; eu é que por um momento havia calculado mal; não vendo a verdadeira referência do oráculo, havia pensado que ele falava sobre visões quando, na verdade, suas previsões tocavam a realidade.

Eu poderia ter me detido por mais tempo naquilo que eu via; poderia ter deliberado até fazer minhas inferências. Algumas pessoas talvez tivessem considerado as premissas duvidosas, as provas insuficientes;

alguns céticos de raciocínio lento teriam examinado, incrédulos, até que aceitassem conclusivamente o prospecto de um casamento entre um pobre e abnegado homem de quarenta anos e sua rica pupila de dezoito; porém, longe de mim estavam tais ardis e paliativos, longe de mim estava tal evasão temporária da realidade, tal fuga covarde do temido fato de pés ágeis que a tudo ultrapassa, tal frágil adiamento de submissão a ele, o soberano único; tal simulada e hesitante resistência ao Poder cuja missão é marchar conquistando e conquistar tal traidora fuga da VERDADE .

Não. Eu me apressei a aceitar a ideia completa. Expandi o meu raciocínio e englobei tudo. Eu a trouxe para junto de mim com um tipo de fúria apressada, e a aconcheguei ao redor do meu corpo, assim como o soldado atingido no campo de batalha segura suas divisas no peito. Invoquei a Convicção para fixar em mim a certeza, recusada enquanto era acolhida, para fixá-la com as mais fortes estacas que seus golpes mais poderosos poderiam desferir; e, quando os grilhões haviam penetrado profundamente em minh'alma, eu me levantei, assim como eu julgava, renovada.

Em minha enfatuação, eu disse: "Verdade, você é uma boa senhora para seus servos fiéis! Enquanto a Mentira me oprimia, quanto eu sofri! Até mesmo quando a Falsidade ainda era doce, ainda lisonjeira para a imaginação e cálida para os sentimentos, ela me desgastou com um tormento contínuo. A convicção de que o afeto havia sido conquistado não poderia ser separada do temor de que, com mais uma virada da sorte, ele poderia ser perdido. A Verdade removeu a Falsidade, a Lisonja e a Expectativa, e cá estou eu, livre!".

Nada restava agora além de levar minha liberdade para o meu quarto, carregá-la comigo para a cama e ver o que eu poderia fazer dela. Na verdade, a peça ainda não fora representada até o fim. Eu poderia ter esperado e observado por mais tempo aquela cena amorosa sob as árvores, aquele galanteio campestre. Se não tivesse havido nem um pouco de amor no comportamento, minha Imaginação naquele momento estava tão generosa, tão criativa, que poderia ter moldado para ele os mais salientes lineamentos, e lhe ter dado a vida mais profunda e o mais intenso colorido

da paixão. Mas eu *não* iria olhar; eu havia me decidido, não iria violar minha natureza. E então algo me despedaçou tão cruelmente sob o meu xale, algo se enfiou tanto em meu flanco, um abutre com bico e garras tão fortes que eu teria de estar sozinha para enfrentá-lo. Acho que eu nunca tinha sentido ciúmes até então. Isso não se parecia em nada com suportar as manifestações de carinho do Dr. John e de Paulina, contra as quais eu cerrava os olhos e ouvidos; enquanto eu voltava meus pensamentos para elas, meu senso de harmonia ainda reconhecia nelas um encanto. Isso era um insulto. O amor nascido da beleza não se destinava a mim; eu nada tinha em comum com ele; não poderia ousar imiscuir-me com ele. Mas outro amor, se arriscando temeroso a viver depois de um longo conhecimento, passado pela fornalha da dor, marcado pela constância, consolidado pela liga pura e duradoura da afeição, submetido pelo intelecto aos testes do próprio intelecto, e finalmente moldado por seus próprios processos até alcançar sua completude perfeita, esse Amor que escarnecia da Paixão, de seus frenesis e de sua extinção abrasadora e apressada, *nesse* Amor eu tinha um interesse genuíno; e o que quer que se inclinasse para seu cultivo ou sua destruição eu não poderia encarar passivamente.

Dei as costas para o grupo de árvores e a "alegre companhia" à sua sombra. A meia-noite havia passado fazia muito tempo, o concerto acabara, a multidão estava diminuindo. Segui a correnteza. Saindo do radiante parque e da bem iluminada Haute-Ville (ainda bem iluminada, parece que aquela deveria ser uma "nuit blanche" [9] em Villette), eu me dirigi ao escuro bairro mais baixo.

Escuro eu não deveria dizer, pois a beleza da luz do luar, esquecida no parque, aqui uma vez mais se fez notar pelos sentidos. Alta a lua caminhava, e calma e imaculada ela brilhava. A música e a alegria da fête, o fulgor e as tonalidades luminosas daqueles lampiões haviam-na sobrepujado e brilhado mais que ela durante uma hora; mas agora, uma vez mais, seu esplendor e seu silêncio triunfavam. As luzes rivais estavam fenecendo: ela seguiu seu curso como um destino branco. Tambores, trombetas e cornetas haviam emitido seu clangor, e foram esquecidos;

com um lápis luminoso ela escreveu no céu e na terra relatos para arquivos sempiternos. Ela e aquelas estrelas me pareciam ao mesmo tempo os protótipos e as testemunhas de uma verdade reinante. O céu noturno iluminava seu reino, assim como seu lento progresso prenunciava sua vitória. Aquele movimento para a frente que tem acontecido, e acontece, e acontecerá de eternidade para eternidade.

Essas ruas iluminadas estão muito silenciosas: gosto delas por causa da sua simplicidade e sua tranquilidade. Cidadãos que se dirigem às suas casas passam por mim de vez em quando, mas essas companhias são pedestres, fazem pouco ruído, e logo se vão. Eu amo tanto Villette em seu presente aspecto, que não entraria com boa vontade sob um teto, se não fosse por estar decidida a levar minha estranha aventura a uma conclusão feliz, e silenciosamente retornar à minha cama no grande dormitório, antes que Madame Beck volte para casa.

Apenas uma rua me separa da Rue Fossette; quando entro nela, pela primeira vez, o som de uma carruagem rompe a profunda paz deste local. Ela se dirige para este lado, vem com muita rapidez. Como seu chacoalhar soa alto na rua pavimentada! A rua é estreita, e eu me conservo cuidadosamente no canto. A carruagem passa com estrondo, mas o que eu vejo, ou imagino ver, enquanto ela passa veloz? Certamente, algo branco flutuou daquela janela; com certeza uma mão agitou um lenço? Seria esse sinal dirigido a mim? Fui reconhecida? Quem poderia me reconhecer? Essa não é a carruagem de M. de Bassompierre, nem a da Sra. Bretton; além do mais, nem o Hôtel Crécy nem o château de La Terrasse ficam nessa direção. Bem, não tenho tempo para conjecturas; devo ir depressa para casa.

Chegando à Rue Fossette, aproximando-me do pensionnat, tudo lá estava em silêncio; nenhum fiacre havia chegado com Madame e Désirée. Eu havia deixado a grande porta escancarada; será que a encontraria desse modo? Talvez o vento ou algum outro acidente a tivesse impelido com força suficiente para cerrar o ferrolho. Nesse caso, entrar seria impossível; minha aventura terminaria em catástrofe. Empurrei ligeiramente a pesada porta; ela cederia?

Sim. Tão silenciosa e sem opor resistência, como se um gênio benéfico tivesse esperado por um Abre-te Sésamo, lá dentro do vestíbulo. Entrando com a respiração contida, agindo rapidamente, subindo a escadaria sem sapatos, fui para o dormitório e me aproximei da minha cama.

* * * * *

Ah! Eu me aproximei dela, e uma vez mais respirei profundamente. No momento seguinte, eu quase gritei (quase, mas não o fiz, graças aos Céus!).

Em todo o dormitório, em toda a casa, reinava nessa hora um silêncio mortal. Todos dormiam, e com tal quietude que parecia que ninguém sonhava. Estendidas em dezenove camas estavam dezenove formas, em toda a sua extensão e imóveis. Na minha cama, a vigésima, ninguém *deveria* estar deitado: eu a havia deixado vazia, e vazia deveria tê-la encontrado. O que, então, eu vejo, entre as cortinas parcialmente puxadas? Que forma escura e usurpadora, deitada de costas, longa e desconhecida? Será um ladrão, que abriu caminho pela porta da rua aberta, e está deitado aqui à espera? A forma é muito escura, acho que ela não tem uma aparência humana. Será um cachorro extraviado que entrou, vindo da rua, e se esgueirou e se aconchegou na cama? Ele vai se levantar e saltar, se eu me aproximar? E me aproximar eu devo. Coragem! Mais um passo!…

Senti uma vertigem, pois, à fraca luz da lamparina noturna, vi deitado na minha cama o velho fantasma: a FREIRA .

Nesse momento, um grito poderia ter me arruinado. Fosse qual fosse o espetáculo, eu não poderia me dar ao luxo nem de me consternar, nem de gritar nem de desmaiar. Além do mais, eu não havia perdido o controle. Enrijecidos pelos últimos incidentes, meus nervos desdenhavam a histeria. Aquecida pelas luzes, pela música e pelos milhares de pessoas, completamente atiçada por um novo flagelo, eu desafiava espectros. Em um instante, sem exclamações, eu havia me dirigido rapidamente para a cama assombrada; nada saltou dela, ou se levantou, ou se moveu; todos os movimentos eram meus, assim como eram toda a vida, a realidade, a

substância e a força, como meus instintos percebiam. Eu puxei a freira com força (o pesadelo!). Eu a segurei no alto (o duende!). Eu a sacudi (o mistério!). E ela caiu; caiu ao meu redor, em farrapos e fragmentos, e eu pisei nela.

Uma vez mais, eis a árvore sem galhos, o Rocinante não acomodado em seu estábulo; a camada de névoa, o tremeluzir da luz do luar. A longa freira demonstrou ser um longo travesseiro vestido com um longo hábito negro, e cuidadosamente provido de um véu branco. Na verdade, a indumentária, por mais estranho que possa parecer, era uma genuína indumentária de freira, e uma mão qualquer a havia disposto com o propósito de iludir. De onde vinham essas roupas? Quem elaborara esse artifício? Essas perguntas perduravam. Na touca estava preso um pedaço de papel: ele trazia escritas a lápis as seguintes palavras caçoístas:

"A freira do sótão lega a Lucy Snowe sua indumentária. Ela não será mais vista na Rue Fossette".

E o que era, e quem era ela que havia me assombrado? Na verdade, eu a havia visto três vezes. Nenhuma mulher que eu conhecesse tinha a altura daquele fantasma. Ela não tinha a altura de uma mulher. E a nenhum homem de meu conhecimento o plano, nem por um instante, poderia ser atribuído.

Ainda muito espantada, mas completa e repentinamente livre de toda a sensação fantasmagórica e sobrenatural, e também desdenhando atarefar meu cérebro com a perturbação de um enigma trivial, embora insolúvel, só fiz um pacote com o hábito, o véu e a touca, coloquei-os sob meu travesseiro, deitei-me, fiquei prestando atenção até ouvir as rodas do fiacre que trazia Madame de volta para casa, então me virei de lado e, exausta pelas vigílias de muitas noites, e também vencida, talvez, pelo narcótico que então começava a fazer efeito, dormi profundamente.

XL. O CASAL FELIZ

O dia que sucedeu a essa notável noite de verão demonstrou não ser um dia comum. Não quero dizer que ele foi portador de sinais lá no alto dos céus, ou de prodígios na terra; tampouco aludo a fenômenos meteorológicos, tempestades, enchentes ou ventanias. Pelo contrário: o sol nasceu alegre, com uma face estival. A manhã adornou sua beleza com rubis, e encheu tanto seu regaço de rosas, que elas caíam dele em grandes quantidades, fazendo seu percurso enrubescer: as Horas despertaram frescas como ninfas e, despejando sobre as montanhas seus frascos de orvalho, se apresentaram sem vapores; sem sombras, azuis e gloriosas, elas conduziram os cavalos que levam a carruagem do sol em uma trilha flamejante e sem nuvens.

Resumindo, era um dia tão belo quanto aqueles de que o melhor verão poderia se vangloriar; mas eu fico pensando se eu não seria a única habitante da Rue Fossette que se importava com esse fato agradável ou se dava ao trabalho de notá-lo. Outro pensamento ocupava todas as outras cabeças; um pensamento, na verdade, que teve sua parte em minhas meditações; mas essa grande reflexão, não sendo para mim uma novidade tão grande, nem sendo tão assombrosamente repentina nem um mistério especialmente denso, como era para a maioria das minhas coespeculadoras, deixou-me um pouco mais livre que as outras para quaisquer observações ou impressões colaterais.

Mesmo assim, enquanto caminhava pelo jardim, sentindo a luz do sol e observando as plantas que cresciam e floresciam, refleti sobre o mesmo tema que toda a casa discutia.

Qual tema?

Simplesmente o seguinte: quando chegou a hora das orações matutinas, havia um lugar vago na primeira fila das alunas internas. Quando o café da manhã foi servido, uma xícara ficou sem ser solicitada. Quando a camareira arrumou as camas, ela encontrou em uma delas um travesseiro colocado de comprido, vestido com uma touca e uma camisola; e quando a professora de Ginevra Fanshawe chegou cedo, como sempre, para dar a aula matutina, aquela talentosa e promissora jovem, sua aluna, se mostrou totalmente incapaz de aparecer.

De alto a baixo foi a Srta. Fanshawe procurada; de uma ponta a outra a casa foi revirada, em vão; nem um traço, nem uma indicação nem ao menos um pedaço de um billet recompensou a busca; a ninfa desaparecera, engolida pela noite passada, como uma estrela cadente engolida pela escuridão.

Profunda foi a consternação da professora surveillante, mais profundo o horror da diretora culposa. Nunca eu vira Madame Beck tão pálida ou tão amedrontada. Eis um golpe dado em sua parte mais sensível, seu lado fraco; eis um prejuízo causado aos interesses dela. Como havia o desagradável fato acontecido? Por qual passagem a fugitiva tinha escapado? Nem um postigo foi encontrado aberto; nem um vidro estava quebrado; todas as portas estavam seguramente trancadas. Nunca, até o dia de hoje, Madame Beck teve uma resposta satisfatória a esse respeito; na verdade, nenhuma outra pessoa envolvida, a não ser uma, Lucy Snowe, que não podia esquecer como, para facilitar certo empreendimento, certa grande porta havia sido silenciosamente puxada até seus batentes; fechada, na verdade, mas nem trancada nem aferrolhada. O encontro com a ruidosa carruagem puxada por dois cavalos foi então igualmente recordado, bem como aquele sinal desconcertante, o lenço agitado.

A partir desses pressupostos, e mais um ou dois, inacessíveis para qualquer pessoa a não ser para mim, eu consegui tirar só uma conclusão. Era um caso de fuga. Moralmente certa da minha ideia, e vendo o profundo constrangimento de Madame Beck, eu finalmente manifestei minha convicção. Tendo mencionado a corte de M. de Hamal, descobri, como era esperado, que Madame Beck estava completamente au fait [1] da

questão. Ela o havia discutido por muito tempo com a Sra. Cholmondeley, e colocado sua própria responsabilidade nesse caso nos ombros dessa senhora. À Sra. Cholmondeley e a M. de Bassompierre ela então recorreu.

Nós descobrimos que o Hôtel Crécy já estava a par do que havia acontecido. Ginevra havia escrito para sua prima Paulina, falando vagamente de intenções matrimoniais; mensagens haviam sido recebidas da família de M. de Hamal; M. de Bassompierre estava atrás dos fugitivos. Ele os alcançou tarde demais.

Durante aquela semana, o correio me trouxe um bilhete. Posso muito bem transcrevê-lo; ele contém explicações sobre mais de uma questão:

"MEU BOM E VELHO TIM " (diminutivo de Timon), "eu fui embora, você viu, como um raio. Alfred e eu tencionávamos nos casar dessa maneira praticamente desde o princípio; nós nunca pensamos em nos unir do modo enfadonho adotado pelas outras pessoas; Alfred tem ânimo demais para isso, e eu também — Dieu merci! Você sabe: Alfred, que costumava chamar você de 'o dragão', viu tanto você nestes últimos meses, que começou a se sentir bastante amistoso em relação a você. Ele espera que você não vá sentir saudade dele agora que ele se foi; ele lhe implora perdão por qualquer pequena dificuldade que possa ter-lhe causado. Ele receia que tenha incomodado demais você certa vez, quando se aproximou de você no grenier, bem na hora em que você estava lendo uma carta, aparentemente do seu maior interesse; porém, ele não conseguiu resistir à tentação de lhe dar um susto, você aparentava estar tão profundamente encantada com seu correspondente. En revanche, [2] ele diz que você certa vez o assustou ao entrar correndo para pegar um vestido ou um xale, ou qualquer outra peça de roupa, bem na hora em que ele havia riscado um fósforo, e estava prestes a dar umas tranquilas baforadas do seu charuto, enquanto esperava por mim.

Agora você está começando a entender que M. le Comte de Hamal era a freira do sótão, e que ele vinha para ver sua humilde correspondente? Eu vou contar como ele conseguia fazer isso. Você sabe que ele tem a entrée do Athénée, onde dois ou três de seus sobrinhos, filhos da irmã mais velha dele, Madame de Melcy, estão estudando. Você sabe que o pátio do

Athénée fica do outro lado do muro alto que margeia seu recanto, a allée défendue. Alfred é capaz de escalar tão bem quanto pode dançar ou manejar a espada: o prazer dele era entrar em nosso pensionnat escalando, em primeiro lugar, o muro; depois (com auxílio daquela árvore alta que se estende acima do grand berceau e apoia alguns de seus galhos no teto dos prédios mais baixos do nosso estabelecimento)ele conseguia escalar até a sala da primeira turma e a grande salle. Certa noite, por falar nisso, ele caiu da árvore, quebrou alguns galhos, quase quebrou o pescoço, e afinal, ao sair correndo, teve um susto terrível, e quase foi surpreendido por duas pessoas, Madame Beck e M. Emanuel, ele acha, que caminhavam pela aleia. Da grande salle a subida para o bloco mais alto do prédio, que termina no grande sótão, não é difícil. A claraboia, você sabe, fica, noite e dia, parcialmente aberta para a entrada de ar; pela claraboia ele entrava. Quase um ano atrás eu casualmente mencionei para ele nossa lenda da freira; isso lhe sugeriu a romântica ideia do disfarce fantasmagórico, o qual, acho que você vai concordar, ele levou a cabo com muita inteligência.

Se não fosse pela indumentária negra e o véu branco da freira, ele teria sido surpreendido mais de uma vez, tanto por você quanto por aquele jesuíta tigrino, M. Paul. Ele acha que vocês dois são excelentes caçadores de fantasmas, e muito corajosos. O que me espanta é mais a sua reserva que a sua coragem. Como você conseguiu aguentar as visitações daquele grande espectro, uma vez depois da outra, sem gritar, contar para todos e despertar toda a escola e a vizinhança?

Oh, e o que você achou da freira como sua companheira de leito? *Eu* a vesti: não fiz direitinho? Você soltou um grito quando a viu? Eu teria enlouquecido; mas você tem uns nervos! Duros como aço e couro grosso! Acredito que você não tenha sentido nada. Você não tem a mesma sensibilidade que uma pessoa da minha constituição tem. Para mim, você parece ser insensível tanto à dor quanto ao medo e ao pesar. Você é mesmo um velho Diógenes.

Bem, cara vovó! E você não está profundamente furiosa por causa da minha partida à luz do luar e da minha fuga? Posso garantir que é muito

divertido, e eu fiz isso em parte para aborrecer aquela petulante da Paulina e aquele urso, o Dr. John: para mostrar para os dois que, com toda a pose deles, eu posso me casar tão bem quanto eles. A princípio, M. de Bassompierre ficou incompreensivelmente encolerizado com Alfred; ele ameaçou um processo por 'détournement de mineur', [3] e eu sei lá mais o quê; ele estava falando com tanta sinceridade que eu me vi forçada a fazer uma encenaçãozinha dramática: cair de joelhos, soluçar, chorar, encharcar três lenços. É claro, mon oncle logo cedeu; na verdade, de que adiantava fazer tamanho alvoroço? Eu estou casada, e isso é tudo. Ele ainda fica falando que nosso casamento não é legal, porque eu não sou maior de idade, ora bolas! Como se isso fizesse alguma diferença! Eu estou tão casada quanto se tivesse cem anos. Entretanto, nós vamos nos casar de novo; e eu vou ganhar um trousseau, [4] e a Sra. Cholmondeley vai ser a responsável por ele; e há certas esperanças de que M. de Bassompierre vá me dar um dote decente, o que vai ser muito bom, já que o querido Alfred não tem nada além da sua nobreza, natural e hereditária, e seu soldo. Eu só gostaria que meu tio fizesse as coisas incondicionalmente, de maneira generosa e típica de um cavalheiro; ele é tão desagradável a ponto de fazer o dote depender do fato de Alfred dar sua promessa escrita de que nunca mais vai encostar em cartas ou em dados a partir do dia em que o dinheiro for entregue. Eles acusam meu anjo de ter a tendência ao jogo: eu não sei nada a respeito disso, mas eu sei *mesmo* que ele é uma criatura amada e adorável.

Eu não tenho condição de louvar suficientemente o talento com que de Hamal organizou nossa fuga. Quão esperto ele foi ao escolher a noite da fête, quando Madame (pois ele conhece os hábitos dela), como ele disse, infalivelmente iria ao concerto no parque. Eu suponho que *você* deva ter ido com ela. Eu vi você se levantar e sair do dormitório perto de onze horas da noite. Como você voltou sozinha, e a pé, não posso imaginar. Com certeza foi *você* que nós encontramos na estreita e velha Rue St. Jean? Você me viu agitar meu lenço da janela da carruagem?

Adieu! Alegre-se com minha boa sorte: me dê seus cumprimentos em minha felicidade suprema, e creia-me, cara cínica e misantropa, sua, no

melhor da saúde e do estado de espírito,

GINEVRA LAURA DE HAMAL ,

née FANSHAWE .

P.S.: Lembre-se, sou uma condessa agora. Papai, mamãe e as meninas lá em casa ficarão felicíssimos ao ouvir isso. ‘Minha filha, a Condessa!’, ‘Minha irmã, a Condessa!’ Bravo! Soa muito melhor que Sra. John Bretton, hein?”.

* * * * *

Ao encerrar o relato sobre Mistress Fanshawe, o leitor sem dúvida ficará esperando ouvir que ela finalmente expiou com amargura suas leviandades juvenis. Naturalmente, uma grande parcela de sofrimento está reservada para ela no futuro.

Umas poucas palavras irão dar uma forma ao meu conhecimento posterior relacionado a ela.

Eu a vi perto do fim da sua lua-de-mel. Ela foi visitar Madame Beck, e mandou chamar-me no salon. Ela correu para meus braços, rindo. Tinha uma bela aparência, cheia de vida: seus cachos estavam mais longos, suas faces, mais rosadas que nunca: sua touca branca e o véu de Flandres, suas flores de laranjeira e seu vestido de noiva lhe caíam muito bem.

— Eu consegui minha parte! — exclamou ela na hora (Ginevra sempre se ateve ao substancial; eu sempre pensei que havia um forte elemento comerciante em sua constituição, por mais que ela desdenhasse a “bourgeoisie”) — E o tio de Bassompierre já está aceitando a situação. Eu não me importo que ele chame Alfred de “papalvo”; isso é por causa da sua grosseira educação escocesa; e acho que Paulina tem inveja de mim, e o Dr. John está doente de ciúmes… a ponto de fazer uma loucura… e eu estou tão feliz! Eu sinceramente acho que mal tenho mais coisas para desejar… a não ser uma carruagem e um hôtel, e, oh! Preciso apresentá-la a “mon mari”. [5] Alfred, venha cá!

E Alfred veio do salon interno, onde estava conversando com Madame Beck, recebendo os parabéns misturados com reprimendas da senhora. Eu

fui apresentada com meus vários nomes: o Dragão, Diógenes e Timon. O jovem coronel foi muito educado. Ele me apresentou um pedido de desculpas, muito elegante e com palavras bonitas, por causa das aparições do fantasma, etc., e concluiu dizendo que "a melhor desculpa para todos os erros dele estava ali!", apontando para sua esposa.

E então a esposa mandou-o de volta para Madame Beck e se apropriou de mim, e começou a literalmente me sufocar com suas manifestações irrefreáveis e suas insanas tolices juvenis e levianas. Ela me mostrou sua aliança, exultante; disse que era Madame la Comtesse [6] de Hamal, e me perguntou como isso soava uma dezena de vezes. Eu falei muito pouco. Dei-lhe apenas a parte mais áspera e dura da minha natureza. Não fazia diferença: ela não esperava nada além disso de mim; e me conhecia bem demais para esperar felicitações; meus sarcasmos secos a deixaram bastante feliz; e quanto mais impassível e prosaica a minha expressão, com mais entusiasmo ela ria.

Logo depois do casamento, M. de Hamal foi persuadido a deixar o exército como o meio mais seguro de afastá-lo de certos amigos e hábitos indesejáveis; um posto de attaché foi arrumado, e ele e sua jovem esposa foram para o exterior. Achei que ela então me esqueceria, mas não esqueceu. Por muitos anos, manteve um tipo de correspondência caprichosa e inconstante. Durante mais ou menos os dois primeiros anos, ela só escrevia a respeito dela e de Alfred; então, Alfred desapareceu em segundo plano, ela e certo recém-chegado prevaleceram; certo Alfred Fanshawe de Bassompierre de Hamal começou a reinar no lugar de seu pai. Houve grandes jactâncias a respeito dessa personagem, extravagantes exageros relacionados a milagres de precocidade misturados com veementes invectivas contra a fleumática incredulidade com a qual eu os recebia. Eu não sabia "o que era ser mãe"; "criatura insensível que eu era, as sensibilidades de um coração materno eram grego e hebraico para mim", e assim por diante. No devido tempo, esse jovem cavalheiro conquistou seus diplomas em dentição, sarampo, coqueluche: esse foi um período muito difícil para mim; as cartas da mamãe passaram a ser um perfeito grito de aflição; jamais uma mulher fora tão provada pela

calamidade: jamais um ser humano precisou tanto de solidariedade. Fiquei assustada a princípio, e respondi de modo patético; mas logo descobri que havia muito mais fumaça do que fogo na história toda, e retomei minha natural e cruel insensibilidade. Quanto ao jovem sofredor, ele enfrentou cada borrasca como um herói. Cinco vezes esteve o jovem "in articulo mortis", [7] e cinco vezes milagrosamente renasceu.

Com o passar dos anos, correram boatos sinistros contra Alfred, o Primeiro. Foi necessário recorrer a M. de Bassompierre: dívidas tinham de ser pagas, algumas delas daquele tipo triste e desenxabido conhecido como "dívidas de honra"; lamentos e dificuldades ignóbeis tornaram-se frequentes. E em meio a cada tempestade, não importava qual fosse sua natureza, Ginevra, como antes, exigia em altos brados compreensão e auxílio. Ela não tinha a menor ideia de como enfrentar qualquer problema sozinha. De alguma forma, de um canto ou de outro, ela tinha certeza absoluta de conseguir o que queria, e assim prosseguia, lutando na batalha da vida por procuração, e, de modo geral, sofrendo menos que qualquer outro ser humano que eu tenha conhecido.

XLI. FAUBOURG CLOTILDE

Deverei eu, antes de encerrar, prestar contas daquela Liberdade e Renovação que conquistei na noite da fête? Deverei dizer como eu e as duas resolutas companheiras que eu trouxe para casa lá do parque iluminado passamos pelo teste de um conhecimento íntimo?

Eu as pus à prova no dia seguinte. Elas haviam se vangloriado em alto e bom som de sua força quando me reivindicaram do amor e de suas amarras; porém, quando eu exigi atos e não palavras, alguma evidência de um conforto maior, alguma experiência de uma vida tranquila, a Liberdade pulou fora, alegando estar no momento empobrecida e impossibilitada de prestar ajuda; e a Renovação jamais se manifestou; ela havia morrido durante a noite, repentinamente.

Para suportar a hora opressiva com lembranças da magia deformante e desvigorante dos ciúmes, nada mais me restava a fazer senão alimentar em segredo a esperança de que as conjecturas pudessem ter me levado muito rápido e muito longe. Após uma breve e vã luta, eu me descobri trazida de volta, cativa, ao velho suplício do suspense, amarrada e tensa uma vez mais.

Deverei ainda vê-lo antes de ele partir? Ele se lembrará de mim? Ele tenciona vir? Será que este dia, será que a hora seguinte o trará? Ou deverei novamente passar pela corrosiva dor da longa expectativa, a rude agonia da ruptura no final, aquele repuxão silencioso e mortal que, ao mesmo tempo arrasando as esperanças e as dúvidas, abala a vida, enquanto a mão que perpetra a violência não pode ser apaziguada até sentir piedade, porque a ausência interpõe a sua barreira!

Era a Festa da Assunção, não havia aula. As alunas internas e as professoras, depois de assistirem à missa de manhã, haviam saído para um

longo passeio pelo campo para fazer seu goûter, ou refeição vespertina, em alguma casa de fazenda. Eu não fui com elas, pois agora somente dois dias restavam antes que o *Paul et Virginie* partisse, e eu estava me agarrando à minha última chance, como o sobrevivente negligenciado de um naufrágio se agarra à derradeira tábua ou corda.

Havia um pouco de trabalho de marcenaria a ser feito na primeira classe, alguns bancos ou mesas para consertar; os feriados eram com frequência usados para a realização desses serviços, que não podiam ser feitos quando as salas estavam lotadas de alunas. Sentada ali sozinha, eu conjecturava me dirigir ao jardim e deixar a sala desimpedida, mas apática demais para realizar meus próprios desígnios, ouvi os trabalhadores chegando.

Trabalhadores e empregados estrangeiros fazem tudo em dupla: acho que seriam necessários dois carpinteiros de Labassecour para pregar um prego. Enquanto atava minha touca, que até então estivera pendurada pelas fitas na minha mão ociosa, eu vaga e momentaneamente me espantei ao ouvir os passos de somente um "ouvrier". [1] Percebi também (assim como os prisioneiros em calabouços às vezes têm a melancólica oportunidade de observar os fatos mais triviais) que esse homem usava sapatos, e não sabots: [2] concluí que deveria ser o chefe dos marceneiros, vindo para inspecionar antes de enviar seus empregados. Ajeitei meu lenço. O homem se aproximou; abriu a porta; eu estava de costas para ela; senti um ligeiro arrepio — uma sensação curiosa, por demais rápida e fugaz para ser analisada. Voltei-me e fiquei à frente do suposto chefe dos marceneiros: olhando na direção da porta, eu a vi ocupada por um corpo, e meus olhos imprimiram em meu cérebro a imagem de M. Paul.

Centenas de orações com as quais fatigamos os Céus não trazem para quem suplica nenhuma realização. Uma vez na vida, por acaso, uma dádiva dourada cai em cheio no regaço; uma mercê plena e luminosa, perfeita das forjas da Fruição.

M. Emanuel usava a roupa com a qual provavelmente tencionava viajar: um surtout, debruado com veludo; julguei que ele estava pronto para uma partida imediata, e, mesmo assim, eu soubera que dois dias ainda

tinham de se passar antes de o navio partir. Ele tinha uma aparência boa e alegre, gentil e benigna: chegou cheio de ansiedade; estava perto de mim em um segundo; ele era todo amizade. Talvez fosse seu espírito de noivo que o iluminasse daquele modo. Qualquer que fosse a causa, eu não era capaz de acolher a luz do sol dele com nuvens. Se fossem estes meus últimos momentos com ele, eu não os desperdiçaria com uma distância forçada e pouco natural. Eu o amava muito; o suficiente para afastar do meu caminho até mesmo os próprios Ciúmes, quando eles teriam posto obstáculos a uma despedida amigável. Uma palavra cordial dos lábios dele ou um olhar gentil dos olhos dele me fariam bem, durante todo o período de vida que me restasse; eles seriam conforto nos últimos rigores da solidão; eu os receberia. Eu provaria o elixir, e o orgulho não poderia destruir o cálice.

A conversa seria breve, é claro: ele iria dizer-me somente o que havia dito para cada uma das alunas reunidas; ele iria pegar minha mão e segurá-la por dois minutos; ele então tocaria minha face com seus lábios pela primeira, última e única vez; e então, nada mais. E depois, na verdade, a despedida final, e depois a imensa separação, o grande abismo que eu não poderia transpor para me aproximar dele — através do qual ele, por acaso, não iria olhar para se lembrar de mim.

Com uma das mãos, ele pegou minha mão; com a outra retirou minha touca; ele olhou meu rosto, seu sorriso luminoso desapareceu, seus lábios expressaram algo parecido com a linguagem sem palavras de uma mãe que encontra um filho demasiada e inesperadamente mudado, alquebrado por causa de uma doença, ou abatido por causa da necessidade. Uma pausa sobreveio.

— Paul, Paul! — disse a voz ansiosa de uma mulher atrás de nós. — Paul, venha para o salon; eu ainda tenho muitas coisas para lhe dizer! Conversa para durar o dia inteiro; assim como Victor. E Josef está aqui. Venha, Paul, venha ficar com os amigos.

Madame Beck, atraída para o local pela vigilância ou por um instinto inescrutável, se aproximou tanto que ela quase se interpôs entre mim e M. Emanuel.

— Venha, Paul — insistiu ela, seus olhos passando por mim com seus raios duros como um estilete de aço. Ela pressionou seu primo. Eu achei que ele se afastava; achei que ele iria embora. Sentindo uma dor mais profunda do que eu conseguiria suportar, levada então a sentir o que não poderia ser reprimido, exclamei:

— Meu coração vai se partir!

O que eu sentia parecia ser literalmente um coração partido; mas o lacre de outra fonte cedeu sob a pressão: uma frase de M. Paul, o sussurro "Confie em mim!" removeram um fardo, abriram um canal. E soluçando profundamente, muito excitada, com um arrepio de frio, tremendo demais, e, entretanto, aliviada, eu chorei.

— Deixe que eu tome conta dela, é uma crise nervosa; eu vou dar-lhe um cordial, e isso vai passar — disse a calma Madame Beck.

Ser deixada com ela e com seu cordial pareceu para mim algo como ser deixada com um envenenador e sua taça. Quando M. Paul respondeu com voz profunda, ríspido e breve "Laissez-moi!", [3] nesse tom de voz austero eu senti uma música estranha, forte, mas que instilava vida.

— Laissez-moi! — repetiu ele, suas narinas se dilatando, e seus músculos faciais tremendo enquanto ele falava.

— Mas isso não pode ser assim — disse Madame, severa. E com maior severidade seu primo retrucou:

— Sortez d'ici! [4]

— Eu vou mandar chamar Père Silas, eu vou mandar chamá-lo agora mesmo — ameaçou ela, pertinaz.

— Femme! — exclamou o Professor, agora não com seu tom de voz mais profundo, mas com sua voz mais alta e excitada. — Femme! Sortez à l'instant! [5]

Ele estava encolerizado, e eu o amei em sua fúria com uma paixão além da que eu já havia sentido.

— O que você está fazendo é errado — continuou Madame. — É uma atitude característica de homens do seu temperamento não confiável e imaginativo; um passo impulsivo, imprudente e inconsistente… um

procedimento afrontante, e não é respeitável, na opinião de pessoas de caráter mais firme e resoluto.

— Você não sabe quanto há de firmeza e de resolução em mim — disse ele —, mas você vai ver; os fatos vão dar-lhe uma lição. Modeste — continuou ele, menos exaltado — seja gentil, tenha compaixão, seja uma mulher; olhe para este pobre rosto, e tenha pena. Você sabe que sou seu amigo, e amigo de seus amigos; apesar de suas provocações, você sabe muito bem que eu sou de confiança. Ao me sacrificar não opus resistência; mas meu coração dói por causa do que eu vejo; ele *tem de* ter e oferecer consolo. *Deixe-me* !

Desta vez, no "*deixe-me* " havia uma entonação tão amarga e tão peremptória, que fiquei pensando que nem mesmo a própria Madame Beck poderia por um momento retardar a obediência; mas ela ficou firme; ela o encarou, intrépida; os olhos dela se encontraram com os dele, proibitivos e frios como uma pedra. Ela estava abrindo a boca para replicar; eu vi perpassando por todo o rosto de M. Paul uma luz e um fogo que se animavam subitamente; mal posso dizer como ele realizou a ação; ela não parecia violenta; manteve a aparência de cortesia; ele estendeu a mão; eu achei que ela mal encostou em Madame Beck, que saiu correndo, em um turbilhão, da sala; ela havia ido e a porta se fechou em um segundo.

O ímpeto da paixão se acalmou rapidamente. Ele sorriu ao me dizer para secar os olhos; esperou em silêncio até eu me acalmar, dizendo, de vez em quando, uma palavra calma e reconfortante. Em pouco tempo eu me sentei ao lado dele, uma vez mais controlada. Tranquilizada, não mais desesperada, tampouco desolada; não mais sem amigos, sem esperanças, nem desgostosa da vida e buscando a morte.

— Então, perder seu amigo deixou você muito triste? — disse ele.

— Ser esquecida está me matando, Monsieur — respondi. — Todos esses dias opressivos eu não ouvi uma palavra do senhor, e fiquei arrasada com a possibilidade, que passava a ser certeza, de que o senhor partiria sem se despedir!

— Eu tenho de lhe dizer o que disse para Modeste Beck, que você não me conhece. Eu tenho de lhe mostrar meu caráter e ensinar para você?

Você *tem de* ter a prova de que eu sou um amigo leal? Sem uma prova evidente essa mão não vai ficar tranquila entre as minhas, não vai confiar em meus ombros como um porto seguro? Bom. A prova está pronta. Eu vim para me justificar.

— Diga qualquer coisa, ensine qualquer coisa, prove qualquer coisa, Monsieur; estou pronta para ouvir, agora.

— Então, em primeiro lugar, você tem de andar comigo uma boa distância pela cidade. Eu vim de propósito para buscar você.

Sem questionar o que ele queria dizer, ou sondar os planos dele, ou dar sinais de uma objeção, tornei a amarrar minha touca: eu estava pronta.

O caminho que ele tomou passava pelos boulevards: várias vezes ele me fez sentar nos bancos situados sob os limoeiros; ele não perguntou se eu estava cansada, mas olhava e tirava suas conclusões.

— Todos esses dias opressivos — disse ele, repetindo minhas palavras, com uma imitação gentil e carinhosa da minha voz e do meu sotaque estrangeiro, que não era novidade em seus lábios, e cuja zombaria brincalhona jamais magoara, nem mesmo quando combinada, como acontecia com frequência, com a afirmação de que, por mais que eu pudesse *escrever* a língua dele, eu a *falava* e sempre deveria falar imperfeitamente e com hesitação. — "Todos esses dias opressivos" eu não me esqueci de você nem por uma hora. As mulheres fiéis se equivocam nesse ponto, elas acham que elas próprias são as únicas criaturas de Deus que são fiéis. Sendo extremamente honesto comigo mesmo, eu também, até muito pouco tempo, mal ousava me contar entre os sinceros e fiéis; mas… olhe para mim.

Eu ergui os olhos felizes: eles *estavam* felizes então, ou não seriam intérpretes do meu coração.

— Bem — disse ele, depois de alguns segundos de inspeção —, não há como negar essa assinatura: a Constância a escreveu, sua pena é de ferro. O relato foi doloroso?

— Extremamente doloroso — disse eu, com sinceridade. — Retire a mão dela, Monsieur; eu mal consigo suportar a força com que ela inscreve.

— Elle est toute pâle — disse ele, falando com seus botões —, cette figure-là me fait mal. [6]

— Ah! É tão ruim assim olhar para mim…?

Eu não consegui deixar de dizer isso; as palavras vieram sem ser solicitadas: eu não consigo me lembrar de um tempo em que não tivesse um temor obcecante relacionado ao grau da minha deficiência externa; esse temor me oprimia naquele momento com uma força especial.

Uma grande doçura passou pela face dele; seus olhos azuis ficaram úmidos e brilhantes sob seus espessos cílios negros; ele se levantou.

— Vamos prosseguir.

— Eu desagrado *tanto assim* os seus olhos? — criei coragem para insistir: o ponto tinha uma importância vital para mim.

Ele parou, e me deu uma resposta firme e decidida; uma resposta que silenciou, acalmou, e, contudo, me satisfez profundamente. Depois daquele momento, eu sempre soube o que eu significava para *ele* ; e o que eu poderia ser para o resto do mundo deixou de me importar por completo. Era fraqueza dar tanto valor a uma opinião sobre a aparência? Receio que possa ser; receio que fosse; mas, nesse caso, devo admitir que não era pequena minha carga de fraqueza. Devo confessar um grande temor de desagradar — um forte desejo de agradar moderadamente a M. Paul.

Por onde nós caminhamos, eu mal sabia. Nossa caminhada foi longa; entretanto, pareceu breve; o caminho era agradável, o dia estava lindo. M. Emanuel falou da sua viagem. Ele pensava ficar longe por três anos. Ao voltar de Guadalupe, esperava libertar-se de responsabilidades e seguir um caminho livre de empecilhos; e o que eu pensava em fazer durante o período em que ele se ausentasse?, perguntou ele. Eu havia falado certa vez, ele me lembrou, de tentar ser independente e manter minha própria escola: eu havia abandonado a ideia?

“Na verdade, eu não havia: estava fazendo o possível para poupar uma quantia que me permitisse colocá-la em prática.”

“Ele não gostava de me deixar na Rue Fossette; receava que eu fosse sentir muita falta dele lá… eu ficaria desolada… ficaria triste…?”

Isso era garantido; mas prometi fazer o melhor possível para suportar.

— Mesmo assim — disse ele, falando em voz baixa — há outra objeção para a sua atual residência. Eu gostaria de escrever para você de vez em quando: não seria bom ter quaisquer incertezas a respeito de uma troca segura de cartas; e na Rue Fossette… resumindo, nossa disciplina católica em certos aspectos… embora justificável e conveniente… poderia, possivelmente, sob certas circunstâncias, ser passível de uma aplicação inadequada; talvez abuso.

— Mas se o senhor escrever — disse eu —, eu *tenho de* receber suas cartas, e *vou* recebê-las: dez conselheiros espirituais e vinte diretoras não vão escondê-las de mim. Eu sou protestante, e não vou tolerar esse tipo de disciplina. Monsieur, eu *não vou tolerar* .

— Doucement… doucement [7] — retrucou ele. — Nós vamos fazer um plano; temos nossos recursos; soyez tranquille. [8]

E assim falando, ele parou.

Nós estávamos então voltando da longa caminhada. Havíamos chegado à parte central de um bem cuidado faubourg, [9] onde as casas eram pequenas, mas tinham aparência agradável. E havia sido na frente do umbral branco de uma casa impecável que M. Paul parara.

— Vou fazer uma visita aqui — disse ele.

Ele não bateu; mas, tirando uma chave do bolso, abriu e entrou na mesma hora. Fazendo-me entrar, fechou a porta atrás de nós. Nenhuma empregada apareceu. O vestíbulo era pequeno, como a casa, mas recém-pintado, e com bom gosto; através de uma porta-janela dava para ver parreiras arrumadas sobre os postigos, gavinhas e folhas verdes beijando o vidro. O silêncio reinava no local.

Abrindo uma porta interna, M. Paul descortinou uma sala de estar, ou salon; muito pequena, mas eu a achei muito bonita. As paredes delicadas tinham uma coloração que parecia um rubor; o piso era encerado; um pequeno tapete colorido cobria o seu centro; a pequena mesa redonda brilhava como o espelho sobre a lareira; havia um pequeno sofá, uma pequena chiffonnière, [10] cuja porta entreaberta, forrada de seda púrpura, mostrava nas prateleiras peças de porcelana; havia um relógio francês, um candeeiro; havia ornamentos de biscuit; o recesso da grande e única janela

estava ocupado por um suporte verde, contendo três vasos de flores, cada um com uma bela planta, cheia de cor em sua floração; em um canto aparecia um guéridon [11] com tampo de mármore, e sobre ele uma cesta de trabalho e um vaso cheio de violetas na água. A gelosia desse cômodo estava aberta; o ar vindo de fora deixava tudo fresco, as violetas soltavam seu perfume.

— Lugar bonito, bem bonito! — eu disse. M. Paul sorriu, vendo-me tão satisfeita. — Devemos nos sentar e esperar? — perguntei em voz baixa, um pouco impressionada com o silêncio profundo e penetrante.

— Primeiro vamos dar uma olhada em um ou dois cantos desta casinha — respondeu ele.

— O senhor ousa tomar a liberdade de andar pela casa toda? — perguntei.

— Sim, ouso — disse ele em voz baixa.

Ele ia me guiando. Ele me mostrou uma pequena cozinha, com um pequeno aquecedor e forno, com poucos utensílios de metal polido, duas cadeiras e uma mesa. Um pequeno armário continha um diminuto, mas adequado, jogo de faiança.

— Há um serviço de chá de porcelana no salon — disse M. Paul, enquanto eu olhava os seis pratos de jantar verde e branco, os quatro pires, as xícaras e as jarras que combinavam.

Conduzida ao longo da escadaria estreita, porém limpa, pude ter uma rápida visão de dois belos e pequenos quartos de dormir; finalmente, fui uma vez mais levada para baixo, e paramos com certa cerimônia à frente de uma porta maior que a que havia sido aberta antes.

Pegando uma segunda chave, M. Emanuel colocou-a na fechadura da porta. Abriu e me fez passar à frente dele.

— Voici! [12] — exclamou ele.

Eu me encontrei em um cômodo de bom tamanho, escrupulosamente limpo, embora vazio, comparado com os que eu havia visto até então. As tábuas do piso, muito bem esfregadas, não tinham tapete; havia duas filas de bancos e mesas verdes, com um corredor no centro, terminando em um estrado, uma cadeira e uma mesa para o professor; atrás delas, um tableau.

Nas paredes estavam pendurados dois mapas; nas janelas florescia um punhado de plantas vigorosas; resumindo, era uma classe em miniatura: completa, limpa e agradável.

— É uma escola, então? — perguntei. — Quem é a diretora? Nunca ouvi falar de um estabelecimento neste faubourg.

— Você faria a gentileza de aceitar alguns folhetos para distribuir em nome de uma pessoa amiga? — perguntou ele, tirando do bolso do surtout um punhado desses papéis e colocando-os na minha mão. Eu olhei, li, impresso em letras nítidas:

"Externat de demoiselles. Numéro 7, Faubourg Clotilde, Directrice, Mademoiselle Lucy Snowe". [13]

* * * * *

E o que eu disse para M. Paul Emanuel?

Certas conjunturas de nossa vida são sempre difíceis de trazer à lembrança. Certos pontos, momentos críticos, certos sentimentos, alegrias, pesares e surpresas, quando recordados, devem parecer-nos coisas confusas e caóticas, indistintas como uma roda girando rápido demais.

Eu sou tão incapaz de me lembrar dos pensamentos ou das palavras dos dez minutos posteriores a essa revelação, como sou capaz de rememorar a experiência do meu primeiro ano de vida: e, contudo, a primeira coisa nítida para mim é a consciência de eu estar falando muito rápido, repetindo uma vez depois da outra:

— O senhor fez isso, M. Paul? Esta casa é sua? O senhor a mobiliou? O senhor mandou imprimir estes papéis? O senhor está falando de mim? Eu sou a diretora? Existe outra Lucy Snowe? Diga-me: fale alguma coisa.

Mas ele não falava. O silêncio satisfeito dele, seu olhar sorridente e sua atitude são nítidos para mim agora.

— Mas como assim? Eu tenho de saber tudo… *tudo* — exclamei.

O pacote de folhetos caiu no chão. Ele havia estendido a mão, e eu a havia segurado com força, esquecida de tudo mais.

— Ah! Você disse que eu me havia esquecido de você todos esses dias opressivos — disse ele. — Pobre e velho Emanuel! São esses os agradecimentos que ele recebe por ficar andando de um lado para outro, durante essas três semanas mortais, de pintor para tapeceiro, de marceneiro para arrumadeira. Lucy e a casinha de Lucy, os únicos pensamentos na cabeça dele!

Eu mal sabia o que fazer. Primeiro acariciei o veludo macio do punho do seu casaco, e então afaguei a mão que ele rodeava. Era a presciência dele, sua bondade, sua bondade silenciosa, determinada e eficaz que me dominavam com sua realidade comprovada. Era a garantia do seu interesse insone que caiu sobre mim como uma luz vinda do céu; era seu olhar (vou ousar dizer isso) carinhoso e doce, que então me agitava de modo indescritível. Em meio a isso tudo, forcei-me a olhar para o lado prático.

— O trabalho! — exclamei. — E os custos! O senhor tinha dinheiro, M. Paul?

— Um monte de dinheiro! — disse ele, cordial. — O fato de eu me afastar de minhas várias funções de professor me colocou nas mãos uma bela soma, e com parte dela eu me determinei a me conceder o maior regalo que *já* conheci ou *irei* conhecer. Eu gosto disso. Fiquei pensando nesta ocasião dia e noite, recentemente. Não me aproximava de você, porque não desejava revelar tudo. Discrição não é nem minha virtude nem meu vício. Se eu tivesse ficado perto de você, e você começasse com suas perguntas com os lábios e com o olhar: “Onde o senhor esteve, M. Paul? O que o senhor andou fazendo? Qual é seu mistério?…” meu primeiro e último segredo solitário teria na mesma hora sido desvendado em suas mãos. Agora — prosseguiu ele — você vai viver aqui e ser dona de uma escola; vai se ocupar enquanto eu estiver longe; vai pensar em mim de vez em quando; vai cuidar da sua saúde e da sua felicidade por minha causa, e quando eu voltar…

E ele fez uma pausa.

Eu prometi fazer tudo que ele me disse. Prometi trabalhar com afinco, e com boa vontade.

— Eu serei sua prudente e fiel intendente — eu disse. — Tenho certeza de que, quando o senhor voltar, poderei prestar contas. Monsieur, monsieur, o senhor é bom *demais* !

Meus sentimentos lutavam para se expressar com tal linguagem inadequada: eles não conseguiam; as palavras, fragmentadas e não maleáveis e frias como gelo, se desfaziam ou tremiam com o esforço. Ele me observava, silencioso; gentilmente ergueu a mão para acariciar meus cabelos, ela tocou meus lábios ao passar; eu a segurei com força, paguei meu tributo. Ele era meu rei; régia para mim tinha sido a dádiva de suas mãos; prestar homenagem era tanto uma alegria quanto um dever.

* * * * *

As horas vespertinas haviam se acabado, e o período mais silencioso da noite sombreou o quieto faubourg. M. Paul solicitou minha hospitalidade; ocupado e se movimentando desde a manhã, ele precisava de uma refeição; disse-me que eu deveria oferecer-lhe chocolate no meu lindo serviço de porcelana branca e dourada. Ele saiu e encomendou o que era necessário em um restaurante; ajeitou o pequeno guéridon e duas cadeiras na varanda no lado de fora da porta-janela, sob as parreiras que a emolduravam. Com que felicidade tímida aceitei meu papel de anfitriã, arrumei a bandeja e servi o benfeitor-convidado.

Essa varanda ficava na parte de trás da casa; os jardins do faubourg nos rodeavam, campos se estendiam mais além. O ar estava parado, suave e fresco. Acima dos choupos, dos loureiros e dos ciprestes e das rosas, aparecia uma lua tão adorável e tão tranquila, que o coração palpitava sob seu sorriso; uma estrela brilhava mais fraca ao lado dela, com os raios desprendidos do puro amor. Em um grande jardim perto de nós, jorrava água de um poço, e uma pálida estátua se inclinava sobre as águas brincalhonas.

M. Paul conversava comigo. A voz dele era tão modulada que se misturava harmoniosamente com o sussurro prateado, o jorro da água e o

suspiro musical, nos quais a brisa ligeira, fonte e folhagem entoavam sua doce canção do anoitecer.

Hora feliz, permanece por um momento! Abaixa essas plumas, descansa essas asas; inclina sobre o meu esse rosto celestial! Anjo branco! Deixa que tua luz se prolongue; deixa teu reflexo nas nuvens vindouras; lega essa felicidade para aquela hora que, em retrospecto, precisa de uma luz!

Nossa refeição foi simples: o chocolate, os pãezinhos, o prato de frutas de verão, frescas: cerejas e morangos aconchegados em folhas verdes formavam o conjunto: mas nós gostávamos disso mais que de um banquete, e eu senti um deleite inexprimível em servir M. Paul. Eu lhe perguntei se seus amigos, Père Silas e Madame Beck, sabiam o que ele havia feito, se eles haviam visto minha casa.

— Mon amie [14] — disse ele —, ninguém sabe o que eu fiz além de você e de mim: o prazer é consagrado a nós dois, sem ser compartilhado e profanado. Para dizer a verdade, em relação a esse assunto senti um prazer refinado que eu não tornaria vulgar por meio de divulgação. Além do mais (sorrindo), eu queria provar para a Srta. Lucy que eu *era capaz* de manter um segredo. Quantas vezes ela me acusou de falta de reserva digna e de cautela necessária! Quantas vezes ela insinuou, atrevida, que todos os meus negócios são um segredo de Polichinelo!

Isso era mesmo verdade: eu não o havia poupado nesse aspecto, talvez em nenhum outro que pudesse ser atacado. Homenzinho com espírito magnificente, coração generoso, querido e cheio de defeitos! Você merecia sinceridade, e de mim sempre a teve.

Continuando com minhas perguntas, eu quis saber a quem a casa pertencia, quem era meu senhorio, o valor total do meu aluguel. Ele na mesma hora me deu esses detalhes por escrito; ele havia previsto e preparado tudo.

A casa não era de M. Paul — isso eu adivinhara: ele dificilmente seria o tipo de homem que se torna proprietário; eu mais que suspeitava nele a lamentável ausência da capacidade de poupar; ele conseguia obter, mas não manter; ele precisava de um tesoureiro. O aluguel, portanto, seria pago

a um cidadão de Basse-Ville; um homem de posses, disse M. Paul; ele me causou um sobressalto acrescentando, “um amigo seu, Senhorita Lucy, uma pessoa que a tem em grande estima”. E, para minha agradável surpresa, fiquei sabendo que o senhorio não era ninguém mais que M. Miret, o livreiro temperamental e generoso, que me havia tão gentilmente arrumado um local para sentar naquela noite memorável no parque. Parece que M. Miret era, em sua posição social, rico, assim como muito respeitado, e era proprietário de diversas casas naquele faubourg; o aluguel era moderado, menos da metade do valor do aluguel de uma casa do mesmo tamanho mais perto do centro de Villette.

— E além do mais — observou M. Paul —, caso o destino não favoreça você, embora eu acredite que vá favorecer, eu tenho a satisfação de pensar que você está em boas mãos; M. Miret não vai ser extorsivo: o aluguel do primeiro ano você já tem em suas economias; depois disso, a Srta. Lucy tem de confiar em Deus, e em si mesma. Mas, o que você vai fazer para arrumar alunas?

— Eu tenho de distribuir meus folhetos.

— Certo! E para não perder tempo, eu dei um para M. Miret ontem. Você objetaria em começar com três pequenas bourgeoises, as Demoiselles Miret? Elas estão ao seu dispor.

— Monsieur, o senhor não se esquece de nada; o senhor é maravilhoso! Objetar? Era só o que faltava, eu objetar! Suponho que eu mal possa esperar, no começo, contar com aristocratas em meu pequeno externato; não me importo se elas nunca vierem. Terei orgulho em receber as filhas de M. Miret.

— Além delas — prosseguiu ele — outra aluna se oferece, que virá diariamente para ter aulas de inglês; e, como ela é rica, pagará muito bem. Eu estou falando da minha afilhada e pupila, Justine Marie Sauveur.

O que há em um nome? O que há em três palavras? Até então, eu ouvira com verdadeira alegria; havia respondido com prontidão cheia de alegria; um nome me petrificou; três palavras me fizeram emudecer. O efeito não poderia ser escondido, e, na verdade, eu mal tentei ocultá-lo.

— O que foi agora? — perguntou M. Paul.

— Nada.

— Nada! Sua fisionomia se altera: suas cores e seus olhos perdem o brilho. Nada! Você deve estar doente; você sente alguma dor; diga-me o que é.

Eu nada tinha a dizer.

Ele puxou a cadeira mais para perto. Não ficou contrariado, embora eu continuasse silenciosa e fria. Ele tentou fazer com que eu falasse; instou com perseverança, esperou com paciência.

— Justine Marie é uma boa menina — disse ele —, dócil e amável; não é esperta, mas você vai gostar dela.

— Acho que não. Acho que ela não deve vir aqui.

Foram essas minhas palavras.

— Você quer me confundir? Você a conhece? Mas, é sério, alguma coisa *está* acontecendo. De novo, você está pálida como aquela estátua. Confie em Paul Carlos; conte para ele o que a aflige.

A cadeira dele encostava-se à minha; a mão dele avançou silenciosamente, e me fez virar para o lado dele.

— Você conhece Marie Justine? — perguntou ele de novo.

O nome, pronunciado novamente por seus lábios, me abalou profundamente. Ele não me prostrou; não, ele me estimulou, percorrendo com rapidez e ardor minhas veias, rememorando uma hora de profunda dor, dias e noites de depressão. E sentado perto de mim, como M. Paul estava agora, e do modo profundo e íntimo como ele havia confundido a vida dele com a minha, por mais que a assimilação de nossas mentes e de nossas afeições houvesse progredido e sido alcançada, a simples sugestão de interferência e de separação afetiva só poderia ser recebida com uma excitação crescente, uma agonia impetuosa, uma determinação desdenhosa, uma ira, uma resistência cuja chama nem olhos ou rosto humanos poderiam esconder, da qual nem uma língua humana acostumada a dizer a verdade conseguiria conter o grito.

— Eu quero contar-lhe uma coisa — falei —, quero lhe contar tudo.

— Fale, Lucy; chegue mais perto; fale. Quem estima você, se não for eu? Quem é seu amigo, a não ser Emanuel? Fale!

Eu falei. Tudo escapou dos meus lábios. Não fiquei sem palavras então; narrei rapidamente, de modo fluente contei minha história, ela jorrou dos meus lábios. Retornei à noite no parque; mencionei a bebida com o remédio: por que ela havia sido ministrada, seu efeito estimulante, como ela havia afastado o repouso da minha mente, me arrancara da cama, me levara para a rua com o apelo de uma imaginação vívida e, no entanto, solene. A solidão de uma noite de verão em meio à relva, sob as árvores, perto de um laguinho profundo e fresco. Falei sobre a cena tornada real; a multidão, as máscaras, a música, os lampiões, o esplendor, os canhões trovejando à distância, os sinos soando com força. Tudo com que eu me deparara contei em detalhes, tudo que eu havia reconhecido, ouvido e visto; como eu o havia visto e observado: como ouvira, quanto conseguira escutar, o que havia conjecturado; toda a história, resumindo, solicitada pela atenção dele, jorrou, sincera, literal, ardente e amarga.

Enquanto eu contava, ao invés de me interromper, ele me incitava a prosseguir, estimulava-me com os gestos, o sorriso, a palavra mal pronunciada. Antes que eu tivesse chegado à metade da história, ele segurou minhas mãos, consultou meus olhos com um olhar dos mais penetrantes; havia algo no seu rosto que não se inclinava a me acalmar ou a me conter; ele esqueceu sua própria doutrina, abandonou seu próprio sistema de repressão quando desafiei até o ponto máximo que ele o exercesse. Acho que eu merecia uma severa repreensão; mas, quando nós recebemsos o que merecemos? Eu merecia severidade; ele aparentava indulgência. Segundo meu próprio ponto de vista, eu parecia autoritária e irracional, pois vetava a Justine Marie minha porta e meu teto; ele sorria, transparecendo deleite. Excitada, ciumenta e arrogante, até então eu não sabia que minha natureza tinha tal inclinação: ele me puxou para junto do seu coração. Eu era cheia de defeitos; ele acolheu a todos eles e a mim. Para o momento de maior rebelião, ele reservou o profundo poder da paz. E as seguintes palavras acariciaram meus ouvidos:

— Lucy, aceite meu amor. Um dia, compartilhe minha vida. Seja a minha criatura mais querida, a primeira sobre a face da Terra.

* * * * *

Nós voltamos caminhando para a Rue Fossette à luz do luar, um luar como o que iluminava o Éden, brilhando por entre as sombras do Grande Jardim, e por acaso embelezando um caminho glorioso para passos divinos — uma Presença sem nome. Uma vez em sua vida alguns homens e mulheres retornam a esses primeiros dias de nossos grandes Pai e Mãe; provam do orvalho daquela manhã majestosa, se aquecem à luz do seu sol.

Durante a caminhada, ele me disse como Justine Marie Sauveur sempre havia sido considerada com o afeto devido a uma filha. Como, com o consentimento de M. Paul, ela havia ficado noiva, há muitos meses, de certo Heinrich Mühler, um rico e jovem comerciante alemão, e deveria se casar no prazo de um ano. Alguns dos amigos e conhecidos de M. Emanuel, na verdade, ao que parece, gostariam que ele tivesse se casado com ela, para manter a fortuna dela em família; mas, para ele, o plano era repugnante, e a ideia totalmente inadmissível.

Chegamos à porta de Madame Beck. O sino de S. João Batista soou as nove horas. Nessa hora, nesta casa, havia dezoito meses, o homem ao meu lado se inclinara na minha direção, olhara meu rosto e meus olhos, e decidira meu destino. Nesta noite ele havia uma vez mais se inclinado, olhado e decretado. Quão diferente o olhar; quão completamente diverso o destino!

Ele acreditava que eu nascera sob a mesma estrela que ele: ele parecia ter espalhado seu brilho sobre mim como um estandarte. Antes, desconhecida e não amada, eu o considerara ríspido e estranho; a baixa estatura, a constituição angulosa, a pele morena e os modos me desagradavam. Agora, permeada por sua influência, e vivendo da afeição dele, tendo o valor dele como força mental, e sua bondade no coração, eu o preferia a toda a humanidade.

Nós nos separamos: ele me deu sua palavra de honra, e então sua despedida. Nós nos separamos; no dia seguinte, ele viajou.

XLII. FINIS

O ser humano não é capaz de profetizar. O amor não é um oráculo. O temor às vezes pensa coisas vãs. Os anos de ausência! Como eu me transtornara antecipando-os! A angústia que eles acarretariam parecia tão certa quanto a morte. Eu conhecia a natureza do seu percurso: jamais duvidara que eles iriam torturar à medida que passassem. O Juggernaut, em seu carro, transportava um fardo sinistro. Vendo-o chegar muito perto, afundando suas grandes rodas no solo oprimido, eu, a adoradora prostrada, sentia de antemão o esmagar aniquilador.

É estranho dizer; estranho, mas verdadeiro, e com muitas semelhanças na experiência da vida: aquele esmagar antecipatório provou ser toda… sim, quase *toda* a tortura. O grande Juggernaut, em seu grande carro, passou imponente, ruidoso e taciturno. Ele passou silencioso, como uma sombra atravessando os céus ao meio-dia. Nada além de uma sombra gelada foi visto ou sentido. Eu ergui o olhar. Carro e condutor demoníaco haviam passado; a adoradora ainda vivia.

M. Emanuel ficou longe por três anos. Leitor, esses foram os três anos mais felizes da minha vida. Você rejeita o paradoxo? Ouça. Iniciei minha escola; trabalhei; trabalhei com afinco. Eu me considerava a intendente da propriedade dele; e determinada, com ajuda de Deus, a prestar boas contas. As alunas vieram. Cidadãs comuns no início, de uma classe mais alta antes que se passasse muito tempo. Mais ou menos na metade do segundo ano, um acaso inesperado colocou em minhas mãos cem libras adicionais: certo dia recebi uma carta da Inglaterra, contendo o dinheiro. Ela fora mandada pelo Sr. Marchmont, o primo e herdeiro da minha estimada e falecida patroa. Ele estava se recuperando de uma perigosa doença; o dinheiro era uma oferta de paz feita à sua consciência, que o reprovava em relação a

papéis ou anotações, eu não sei quais, descobertos após a morte da sua parenta, mencionando ou recomendando Lucy Snowe. A Sra. Barrett lhe dera meu endereço. Até que ponto ele pecara contra sua consciência, eu nunca perguntei. Não fiz perguntas, mas peguei o dinheiro e o usei bem.

Com essas cem libras, eu me aventurei a alugar a casa pegada à minha. Eu não sairia daquela escolhida por M. Paul, na qual ele me deixara e esperava me encontrar novamente. Meu externato se transformou em pensionato; ele também prosperou.

O segredo do meu sucesso não se encontrava tanto em mim mesma, em qualquer talento, qualquer poder que eu tivesse, mas sim em um novo estado de circunstâncias, uma vida maravilhosamente transformada, um coração aliviado. O motor que impulsionava minhas energias se encontrava muito longe, além-mar, em uma ilha das Índias. Com a partida, um legado me havia sido feito; tal era o pensamento para o presente, tal era a esperança para o futuro, tal era o motivo para um caminho de perseverança, de trabalho, de empreendimento, de paciência. Eu não *poderia* fraquejar. Poucas coisas me abalavam então; poucas coisas eram importantes o suficiente para me deixar contrariada, intimidar ou deprimir: a maior parte das coisas me agradava; meras ninharias tinham encanto.

Não pense que essa chama jovial se sustentasse, ou vivesse totalmente de uma esperança legada à posteridade ou de uma promessa feita na hora da partida. Um provedor generoso forneceu um estímulo abundante. Eu fui poupada de toda indiferença, de toda restrição; não tive de temer a penúria; não fui testada com o suspense. Ele me mandava cartas em todos os navios; escrevia assim como doava e amava, com uma plenitude generosa e carinhosa. Ele escrevia porque gostava de escrever; não resumia, porque não se preocupava em resumir. Ele se sentava, pegava a pena e o papel, porque amava Lucy e tinha muito a lhe dizer; porque ele era fiel e cheio de consideração, porque era terno e correto. Não havia falsidade nem trapaça, e nenhuma futilidade nele. A apologia jamais derramou seu óleo escorregadio nos lábios dele. Jamais proferiu, com a pena dele, seus covardes estratagemas e insignificantes ninharias: ele não

daria nem uma pedra nem uma desculpa, tampouco uma serpente; nem uma decepção; suas cartas eram um alimento que nutria, água viva que refrescava.

E eu me sentia grata? Deus sabe! Acredito que pouquíssimos seres humanos, tão recordados, tão apoiados, tratados de um modo tão constante, honroso e nobre, poderiam ser algo além de gratos até a morte.

Fiel à sua própria religião (nele não havia o material de que é feito o apóstata inconsequente), ele aceitava que eu mantivesse minha fé pura. Não atormentava nem tentava. Ele disse:

"Continue protestante. Minha inglesinha puritana, eu amo o protestantismo em você. Reconheço seu encanto severo. Há algo nesse ritual que eu não posso partilhar, mas é a única fé para 'Lucy'".

Nem toda Roma era capaz de conduzi-lo ao fanatismo, nem a própria Propaganda poderia fazer dele um verdadeiro jesuíta. Ele havia nascido honesto, e não falso; sincero, e não ardiloso; um homem livre, e não um escravo. Sua ternura havia feito com que ele fosse maleável nas mãos de um padre; seu afeto, sua devoção, seu entusiasmo sincero e piedoso às vezes cegavam seus olhos gentis, faziam-no esquecer a justiça em relação a si próprio para atender às necessidades das artimanhas e servir os propósitos do egoísmo; mas esses são defeitos tão difíceis de encontrar, e quem os possui paga um preço tão alto por causa deles, que nós mal sabemos se algum dia eles não serão contados como grandes qualidades.

* * * * *

E os três anos se passaram: a volta de M. Emanuel foi marcada. Estamos no outono; ele deverá estar ao meu lado antes que os nevoeiros de novembro cheguem. Minha escola prospera, minha casa está pronta: arrumei para ele uma pequena biblioteca, enchi suas prateleiras com os livros que ele deixou aos meus cuidados: por amor a ele, eu cultivei (pois não sou uma florista nata) suas plantas preferidas, e algumas delas ainda estão florindo. Eu achava que o amava quando ele partiu; eu o amo agora com outra intensidade: ele é mais meu.

O sol passa pelo equinócio; os dias ficam mais curtos, as folhas ficam ressequidas; mas… ele está vindo.

A geada aparece à noite; novembro mandou seus nevoeiros antecipadamente; o vento solta seu gemido outonal; mas… ele está vindo.

Os céus estão pesados e escuros, a devastação vem do oeste; as nuvens se juntam em formas estranhas, arcos e amplas irradiações; as manhãs nascem esplêndidas, gloriosas, majestosas, rubras como um monarca em seu trono; os céus estão flamejantes; tão selvagens eles são, eles competem com as batalhas em seu momento mais intenso. Tão sangrentos, eles envergonham a Vitória em seu orgulho. Eu conheço alguns sinais celestes; eu os tenho notado desde a infância. Deus, velai por aquele navio! Oh! Protegei-o!

O vento passa a soprar para o oeste. Calma, calma, Banshee, "pranteando" em todas as janelas! Ele vai aumentar, ele vai crescer, ele solta seus gritos por muito tempo: por mais que eu caminhe à noite pela casa, não consigo acalmar o fragor. As horas que passam o deixam mais forte: à meia-noite, todos os que velam insones escutam e temem uma violenta tempestade a sudoeste. Essa tempestade rugiu, enlouquecida, durante sete dias. Ela não cessou até que o Atlântico ficasse coberto de destroços: ela não se apaziguou até que as profundezas tivessem engolido sua dose de alimentos. Enquanto o anjo destruidor da tempestade não tivesse consumado seu trabalho perfeito, ele não iria fechar aquelas asas cujo estandarte era o trovão, aquelas penas cujo tremular era a tempestade.

Cala-te, aquieta-te! Oh! Milhares de pranteadores, rezando em agonia nas praias expectantes, esperaram ouvir aquela voz, mas ela não se manifestou; não se manifestou até que, quando o silêncio sobreveio, alguns não puderam senti-la: até que, quando o sol tornou a brilhar, sua luz era a noite para alguns!

Que se faça uma pausa, uma pausa imediata. Muito já foi dito. Não se perturbe mais um coração calmo e gentil; que as mentes alegres tenham esperanças. Que elas possam imaginar o deleite da alegria renascida de um grande terror, o êxtase do resgate dos perigos, o maravilhoso indulto do

temor, o desfrutar do retorno. Que elas imaginem a união e uma vida feliz subsequente.

Madame Beck prosperou todos os dias da sua vida, assim como Père Silas; Madame Walravens chegou aos noventa anos antes de morrer. Adeus.

TRADUÇÃO DAS PALAVRAS E FRASES EM OUTROS IDIOMAS

Capítulo II

[1] Chemisette — peitilho; peça de renda que cobria o decote do vestido

Capítulo III

[1] Tête-à-tête — juntos, face a face

Capítulo VI

[1] Savoir-faire — conhecimento da conduta adequada à situação

[2] Jeunes — jovens

[3] Inconvenant — inconveniente

[4] Blasée — entediada

[5] Promenade — passeio

[6] Schönes Mädchen — bela jovem

[7] Chose — coisa

[8] Maîtresses — preceptoras

[9] Professeurs — professores

[10] Élèves — alunas

[11] Au diable — ao diabo

[12] Heureusement je sais faire aller mon monde — Felizmente, eu sei como fazer com que as pessoas ajam.

Capítulo VII

[1] Anglaise — inglesa

[2] Marmots — crianças

[3] Gouvernante — governanta

[4] Chaussée — estrada

[5] Bureau — agência

[6] Portmanteau — valise

[7] Qu'est-ce que vous faîtes donc? Cette malle est à moi. — O que o senhor está fazendo? Essa mala é minha.

[8] Boulevard — alameda

[9] Porte-cochère — portão para entrada das carruagens

[10] Pensionnat de Demoiselles — pensionato para senhoritas

[11] Bonne — empregada

[12] Maîtresse — preceptora

[13] Il n'y a que les Anglaises pour ces sortes d'entreprises. Sont-elles donc intrépides ces femmes là! — Não há como as inglesas para esse tipo de empreendimento. Como são intrépidas essas mulheres!

[14] Voilà pour la prière du soir! — É hora das orações noturnas!

[15] Salon — salão

[16] Mon cousin — meu primo

[17] Et qu'en dites vous? — e o que você diz?

[18] Mais… bien des choses — ora… tantas coisas

[19] Eh bien! ma cousine, ce sera toujours une bonne oeuvre. — ora! minha prima, sempre será uma boa ação

[20] Bon soir — boa-noite

Capítulo VIII

[1] Prière du soir — oração noturna

[2] Tableau — quadro, retrato

[3] Anglicé ou hibernicé — em inglês ou em irlandês

[4] Un véritable cachemire — uma caxemira de verdade

[5] Pensionnat — pensionato

[6] Chambre d'enfants — quarto das crianças

[7] Femme-de-chambre — criada de quarto

[8] Née — nascida; usado para indicar o nome de solteira de uma mulher

[9] Surveillance — vigilância

[10] Espionage — espionagem

[11] Angleterre — Inglaterra

[12] Les Anglaises — as inglesas

[13] Souliers de silence — chinelos

[14] Pour les pauvres — para os pobres

[15] Berceau — pérgula

[16] Jours de sortie — dias de saída

[17] Gaufres — waffles

[18] Vin blanc — vinho branco

[19] Pain bis — pão integral

[20] Pistolets au beurre — pãezinhos com manteiga

[21] Dîtes donc, vous sentez-vous réellement trop faible? — Diga-me, então, a senhorita realmente se sente muito incapaz?

[22] En avant — adiante

[23] Bon! — Bom!

[24] Ce sont des Labassecouriennes, rondes, franches, brusques, et tant soit peu rebelles. — São meninas de Labassecour, audaciosas, francas, abruptas e, às vezes, um pouco rebeldes.

[25] C'est vrai — É verdade

[26] Estrade — estrado

[27] Jeune fille — jovem, mocinha

[28] Belles — beldades

[29] Bonne d'enfants — babá

[30] Baronne — baronesa

[31] Ayant l'air de rien — com aspecto inocente, com cara de quem não quer nada

[32] C'est bien. Ça ira. — Está tudo bem. Vai dar certo.

Capítulo IX

[1] J'ai menti plusieurs fois — eu menti diversas vezes

[2] Dieu, que c'est difficile! Je n'en veux pas. Cela m'ennuie trop. — Meu Deus, como isso é difícil. Não quero fazer mais. Isso me aborrece demais.

[3] Berceau — pérgula

[4] Pensionnaire — aluna interna

[5] Parce que, quand vous serez morte… vous brûlerez tout de suite dans l'Enfer. — Porque quando a senhorita morrer… a senhorita vai imediatamente queimar no fogo do Inferno.

[6] Croyez-vous? — A senhorita acredita nisso?

[7] Certainement que j'y crois: tout le monde le sait; et d'ailleurs le prêtre me l'a dit. — Mas é claro que acredito: todos sabem disso; e, além do mais, o padre me disse.

[8] Sotto voce — em voz baixa

[9] Pour assurer votre salut là-haut, on ferait bien de vous brûler toute vive ici-bas. — Para garantir sua salvação lá no céu, seria bom queimar a senhorita viva aqui.

[10] Nonchalante — impassível

[11] Comme cela. Ça suffit. — Mais ou menos. Já basta.

[12] Furieusement — excessivamente

[13] À ce qu'on dit — pelo que dizem

[14] Beau, mais plutôt bel homme que joli garçon — belo, mas era mais um belo homem que um mocinho bonito

[15] Coquette — namoradeira

[16] Chaperon — companhia, senhora normalmente idosa que saía com as jovens para fiscalizar o comportamento delas

[17] Ceinture bleu céleste — faixa azul-celeste

[18] Bouquets — buquês

[19] Parure — joias

[20] On est là pour Mademoiselle Fanshawe! — Vieram buscar a Senhorita Fanshawe!

[21] Ecoutez! — Ouça!

[22] Ecoutez, chère grogneuse! — Ouça, querida resmungona!

[23] Blanc-bec — simplório, tonto

[24] Mais pas du tout! Je suis sa reine, mais il n'est pas mon roi. — De jeito nenhum! Eu sou a rainha dele, mas ele não é meu rei.

[25] Bourgeois — burguês

[26] Les penseurs, les hommes profonds et passionnés ne sont pas à mon goût. Va pour les beaux fats et les jolis fripons! Vive les joies et les plaisirs! A bas les grandes passions et les sévères vertus! — Os pensadores, os homens sérios e apaixonados não são do meu gosto. Que venham os belos tolos e os bonitos inescrupulosos. Vivam as alegrias e os prazeres! Abaixo as grandes paixões e as virtudes sóbrias!

[27] J'aime mon beau Colonel, je n'aimerai jamais son rival. Je ne serai jamais femme de bourgeois, moi! — Eu amo meu belo Coronel, não amarei jamais seu rival. Eu jamais serei esposa de um burguês!

Capítulo X

[1] Leur avenir — o futuro delas

[2] Prends garde, mon enfant! — Tome cuidado, minha filha.

[3] Quelle peste que cette Désirée! Quel poison que cet enfant là! — Mas que peste é essa Désirée! Que perigo que é essa menina!

[4] Beaufet […] salle-à-manger — bufê […] sala de jantar

[5] Désirée a besoin d'une surveillance toute particulière. — Désirée precisa de um cuidado muito especial.

[6] Toilette — enfeites, joias, perfumes

[7] Cet enfant a un os de cassé. — Esta criança está com um osso quebrado.

[8] Et qu'on aille tout de suite chercher un fiacre. — e que alguém vá imediatamente procurar um fiacre.

[9] Eau sucrée — água com açúcar

[10] Gourmande — gulosa, que adora comer bem

[11] Ça vaudra mieux. — Assim vai ser melhor.

[12] Merci, Madame; très bien, fort bien! Voilà un sang-froid bien opportun, et qui vaut mille élans de sensibilité déplacée. — Obrigado,

senhora; muito bom, muito bom mesmo! Eis um sangue-frio bem oportuno, e que vale muito mais que muita sensibilidade fora de hora.

[13] Empressement — alacridade, jovialidade

Capítulo XI

[1] Bonne-Maman — vovó

[2] Rondeur et franchise de bonne femme — sinceridade e franqueza de uma boa mulher

[3] Ce pauvre Docteur Jean! Ce cher jeune homme! La meilleure créature du monde! — Esse pobre Doutor John! Esse jovem tão bom! A melhor criatura do mundo!

[4] Au reste — de resto

[5] Migraine — dor de cabeça

[6] Voilà tout! — isso é tudo!

[7] Protégé — protegido

[8] Déshabillé — roupão, penhoar

[9] Brodequins — botinhas

[10] Boudoir — pequeno salão reservado para o uso das senhoras

[11] Barcarole — barcarola

[12] Fraîchë, brisë, […] Venisë — fresco, brisa […] Veneza

[13] Grisette — moça trabalhadora, frívola e namoradeira

[14] Jaconas — tecido de origem indiana

[15] Trop bonne — boa demais

Capítulo XII

[1] Salut — orações vespertinas

[2] L'allée défendue — a aleia proibida

[3] Cuisinière — cozinheira

[4] Voyez-vous comme elle est propre, cette demoiselle Lucie? Vous aimez donc cette allée, Senhorrita? — Vocês veem como ela é esmerada, a senhorita Lucie? Então, a senhorita gosta desta aleia?

[5] C'est juste — Isso mesmo.

[6] Pour la robe grise — para o vestido cinzento

[7] Billet-doux — bilhete/carta de amor

[8] Entreprise — ação

[9] Une véritable bégueule Britannique à ce que vous dites — espèce de monstre, brusque et rude comme un vieux caporal de grenadiers, et revêche comme une religieuse. — uma verdadeira puritana britânica, pelo que a senhorita diz — um tipo de monstro, brusca e rude como um velho cabo dos granadeiros, e azeda como uma religiosa.

[10] La robe grise, le chapeau de paille — o vestido cinzento, o chapéu de palha

[11] Quel conte! Personne n'y a été. — Mas que história! Ninguém esteve lá.

[12] Esclandre — escândalo, cena

[13] La brise du soir — a brisa noturna

[14] Quelle belle nuit! Qu'il fait bon! Que l'air est frais! — Que linda noite! Que temperatura agradável! Como o ar está fresco!

[15] Bon soir, mon amie; dormez bien! — Boa-noite, minha amiga, durma bem!

Capítulo XIII

[1] Étude du soir — estudo noturno

[2] La lecture pieuse — a leitura piedosa

[3] Hôtel de Ville — corresponde à prefeitura

[4] Lits d'ange — literalmente, "camas de anjo"; tipo de cama com cortinados e sem baldaquino

[5] Meuble — móvel

[6] Chemisettes — peitilhos

[7] Cette enfant a toujours un peu de fièvre. Le Docteur Jean l'a-t'il vue dernièrement? Non, n'est-ce pas? — Esta menina ainda tem um pouco de febre. O Doutor John a tem visto ultimamente? Não, não é mesmo?

[8] Pour faire quelques courses en fiacre — para fazer algumas compras, com o fiacre

[9] Chapeau vert tendre — chapéu verde-claro

[10] Malgré maman et médecin — apesar da mamãe e do médico

[11] Grisette — tecido cinzento, barato, usado para fazer roupas de empregadas; a palavra passou a ser usada para indicar a jovem empregada de maneira geral

[12] Le marmot n'a rien, nest-ce pas? — Essa criança não tem nada, não é?

[13] Pas beaucoup — Quase nada

[14] Eh bien! — Bom!

[15] Monsieur — Senhor

[16] Coup-de-vent — pé de vento

[17] Mais enfin — Mas, então

[18] Ah ça! Il n'y a donc rien là-dessous: pas de mystère, pas d'amourette, par exemple? — Ah, é isso! Então, não tem nada por trás disso: nada de mistério, nada de um caso de amor, por exemplo?

[19] Pas plus que sur ma main — Nada, assim como na minha mão

[20] Quel dommage! Et moi… à qui tout cela commençat à donner des idées. — Que pena! E eu… eu, que, com isso tudo, estava começando a ter umas ideias.

[21] Vraiment! Vous en êtes pour vos frais. — É mesmo?! A senhorita teve tanto trabalho à toa.

[22] Moue — bico

[23] Billet — bilhete, carta

[24] Enrhumée — resfriada

[25] Courses en fiacre — saídas com o fiacre

Capítulo XIV

[1] Fête — festa

[2] Parisienne — parisiense

[3] Je sais bien qu'elle n'a pas de principes, ni, peut-être, de moeurs, son maintien en classe est toujours convenable et rempli même d'une certaine dignité: c'est tout ce qu'il faut. Ni les élèves ni les parents ne regardent

plus loin; ni, par conséquent, moi non plus. — Eu sei muito bem que ela não tem princípios nem, talvez, moral; seu comportamento na sala de aula é sempre conveniente e até mesmo demonstra certa dignidade: isso é tudo que é necessário. Nem as alunas nem os pais esperam nada além disso; consequentemente, nem eu.

[4] Grand berceau — grande pérgula

[5] Bonté — gentileza, bondade

[6] Des grimaces — caretas, fingimentos

[7] Vite! — rápido!

[8] Eh bien! Deux ou trois cuillers, et autant de fourchettes en argent. — Bem! Duas ou três colheres, e a mesma quantidade de garfos, de prata.

[9] Vous n'êtes donc que des poupées ? — Vous n'avez pas de passions… vous autres. Vous ne sentez donc rien? Votre chair est de neige, votre sang, de glace! Moi, je veux que tout cela s'allume, qu'il ait une vie, une âme! — As senhoritas não passam de umas bonecas? As senhoritas não têm sentimentos… todas. As senhoritas não sentem nada? A sua carne é de neve; seu sangue, de gelo! Eu quero que tudo isso se ilumine, que tenha uma vida, uma alma!

[10] Avec délices — com prazer

[11] Toilette — indumentária

[12] Coiffeur — cabeleireiro

[13] Bénitier — bacia com água benta

[14] Tailleuse — costureira

[15] Si triste… si peu voyant — tão triste — tão pouco vistoso

[16] Convenablement e décemment — convenientemente e decentemente

[17] La Convenance et la Décence — a Conveniência e a Decência

[18] Des femmes mures — mulheres maduras

[19] Quant à la St. Pierre, elle a l'air d'une vieille coquette qui fait l'ingénue. — quanto à St. Pierre, ela tem a aparência de uma velha coquete que se faz de mocinha.

[20] Grande salle — sala grande, salão

[21] Paletôt — sobretudo

[22] Bonnet grec — tipo de barrete usado pelos homens para impedir que os cabelos pegassem o cheiro da fumaça do charuto, semelhante ao fez usado pelos turcos

[23] C'est cela! Je la connais: c'est l'Anglaise. Tant pis. Toute Anglaise, et, par conséquent, toute bégueule qu'elle soit… elle fera mon affaire, ou je saurai pourquoi. — É ela! Eu a conheço: é a inglesa. Não importa. Por mais inglesa, e, consequentemente, mais puritana que ela seja… ela vai fazer o que eu quero, ou eu vou ter de saber o motivo.

[24] Moyens — habilidades, capacidades

[25] Minauderies — afetações

[26] Vaudeville — comédia ligeira

[27] Rôle — papel

[28] Amour-propre — amor-próprio

[29] Dieu sait que je les déteste comme la peste, ordinairement — Deus sabe que eu as detesto, como se elas fossem a praga, normalmente

[30] Non, non, non! — Não, não, não!

[31] Oui — sim

[32] Vite à l'ouvrage! — Rápido, mãos à obra!

[33] Ours — Urso

[34] Ça ira! — Vai dar certo!

[35] Pâtés à la crème — bolo de creme

[36] Apropos — a calhar

[37] J'ai tout entendu. C'est assez bien. Encore! — Eu ouvi tudo. Muito bem. De novo!

[38] Encore! Et point de grimaces! A bas la timidité! — De novo! E nada de afetação! Abaixo a timidez!

[39] Enfin, elle sait — Enfim, ela sabe

[40] Au revoir! — Até logo!

[41] Eh bien! Qu'est-ce que c'est, Mademoiselle? — Bem! O que foi, senhorita?

[42] J'ai bien faim. — Eu estou com muita fome.

[43] Comment, vous avez faim! Et la collation? — Como, a senhorita está com fome! E a refeição leve?

[44] Ah! C'est vrai — Ah! É verdade.

[45] Petit pâté à la crème — bolinho com creme

[46] Bonne bouche — um bocado especial

[47] A la bonne heure — Muito bem!

[48] N'est-ce pas que c'est beau? — Não é bonito?

[49] De l'ordre! Du silence! — Ordem! Silêncio!

[50] Halte là! — Esperem um momento!

[51] Petit-maître — almofadinha

[52] Chère amie… belle Anglaise! — querida amiga… bela inglesa!

[53] Vaudeville de pensionnat — uma peça ligeira representada em um pensionato

[54] Courage, mon ami! Un peu de sang-froid… un peu d'aplomb, M. Lucien, et tout ira bien. — Coragem, meu amigo! Um pouco de sangue-frio… um pouco de equilíbrio, Senhor Lucien, e tudo vai correr bem.

[55] C'est peut-être plus beau que votre modèle, mais ce n'est pas juste. — Talvez seja mais bonito que o modelo, mas não é acurado.

[56] Jeunes gens — moços

[57] Belle blonde — linda loira

[58] Jolie brune — morena bonita

[59] Cette jeune fille magnifique aux cheveux noirs comme le jais. — aquela moça magnífica com os cabelos negros como azeviche.

[60] Taisez-vous! Vous ne passerez pas à moins que ce ne soit sur mon cadavre, et vous ne danserez qu'avec la nonnette du jardin. — Calados! Vocês não darão um passo a não ser que seja por cima do meu cadáver, e não dançarão a não ser com a freirinha do jardim.

[61] Jeune homme — moço

[62] Surveillante — vigilante

[63] Ménagerie — lugar onde se exibiam animais selvagens (antes da criação dos zoológicos)

[64] Sortez, sortez, au plus vite. — Saia, saia, rapidamente.

[65] Naïve — ingênua

[66] Dieu! Dieu! — Oh, Deus! Deus!

[67] C'est lui-même… — É ele mesmo…

[68] Oh ciel! — oh, céus!

[69] Cela suffit: je n'en veux pas. — Isso já é demais: eu não quero nada disso.

Capítulo XV

[1] Année scolaire — ano escolar

[2] Amour-propre — amor-próprio

[3] Allée défendue — aleia proibida

[4] Ainsi, vous allez trôner comme une reine demain… trôner à mes côtés? Sans doute vous savourez d'avance les délices de l'autorité. Je crois voir en vous je ne sais quoi de rayonnante, petite ambitieuse! — Então, a senhorita reinará como uma rainha amanhã… reinará ao meu lado? Sem dúvida, a senhorita saboreia antecipadamente as delícias da autoridade. Eu creio ver na sua pessoa alguma coisa iluminada, sua pequena ambiciosa!

[5] Une de ses beautés — uma de suas melhores características

[6] Que vous êtes dur, Monsieur! — Como o senhor é severo, Monsieur!

[7] Je me tiens pour averti. — eu considero isso como um aviso.

[8] Par exemple, de sonn, de mone, de stares — est-ce bien dit? — por exemplo, de sonn, de mone, de stares — eu pronunciei bem?

[9] Donnez-moi la main — Dê-me sua mão

[10] Pauvrette! — Coitadinha!

[11] Mon père, je suis protestante. — Padre, eu sou protestante.

[12] Numéro 3, Rue des Mages — Rua dos Magos, número 3

Capítulo XVI

[1] Clairvoyante — clarividente

[2] Château — casa de campo; propriedade senhorial

Capítulo XVII

[1] *Carafe* — garrafa

[2] Manoir — solar

[3] Tisane — tisana

[4] Côtelettes de mouton — costelas de carneiro

[5] Père — Padre

Capítulo XVIII

[1] Naïveté — inocência, ingenuidade

[2] Rouleaux — rolos

Capítulo XIX

[1] Une pièce magnifique — uma sala magnífica

[2] Tellement dignes, aimables, et respectables — tão dignos, amáveis e respeitáveis

[3] Madame sa mère, la digne châtelaine — a senhora sua mãe, a digna dona da casa

[4] Chef-d'oeuvres — obras-primas

[5] Connoisseurs — conhecedores, especialistas

[6] Que faites-vous ici? — O que a senhorita está fazendo aqui?

[7] Mais, Monsieur, je m'amuse. — Ora, Monsieur, estou divertindo-me.

[8] Vous vous amusez! et à quoi, s'il vous plaît? Mais d'abord, faites-moi le plaisir de vous lever; prenez mon bras, et allons de l'autre côté. — A senhorita se diverte! E com quê, poderia me dizer? Mas, em primeiro lugar, faça-me o favor de se levantar, pegue no meu braço, e vamos para o outro lado.

[9] Singulières femmes que ces Anglaises! — Mulheres estranhas que são essas inglesas!

[10] Garçon — moço

[11] Bon! Bon! — Bem! Bem!

[12] Taisez-vous, et asseyez-vous là… là! — Fique em silêncio, e sente-se lá… lá!

[13] Cadres — quadros

[14] Mais, Monsieur? — Mas, senhor?

[15] Mais, Mademoiselle, asseyez-vous, et ne bougez pas… entendez-vous? jusqu'à ce qu'on vienne vous chercher, ou que je vous donne la permission. — Mas, senhorita, sente-se, e não se mova… a senhorita compreendeu?, até que venham buscá-la, ou que eu dê minha permissão.

[16] Quel triste coin! et quels laids tableaux! — Que canto triste! e que quadros feios!

[17] La vie d'une femme — A vida de uma mulher

[18] Mariée — Casada

[19] Prie-dieu — genuflexório

[20] Jeune Mère — Jovem Mãe

[21] Veuve — Viúva

[22] Anges — Anjos

[23] Des dames — senhoras

[24] Demoiselle — senhorita

[25] Vraiment! Vous valez peu de chose. — É mesmo! A senhorita não tem muito valor.

[26] Sang-froid — sangue-frio

[27] Cela ne vaut rien. Une femme superbe… une taille d'impératrice, des formes de Junon, mais une personne dont je ne voudrais ni pour femme, ni pour fille, ni pour sœur. Aussi vous ne jeterez plus un seul coup d'oeil de son côté. — Isso não quer dizer nada. Uma mulher soberba… um porte de imperatriz, formas de Juno, mas, uma pessoa a quem eu não quereria nem como esposa, nem como filha, nem como irmã. E a senhorita também não irá olhar nem mais uma vez para o lado dela.

[28] Le type du voluptueux — um tipo voluptuoso

Capítulo XX

[1] Au bénéfice des pauvres — em benefício dos pobres

[2] En grande tenue — com roupa de gala

[3] Lecture pieuse — leitura piedosa

[4] Reflets satinés — reflexos acetinados

[5] Robe — vestido

[6] Conservatoire — Conservatório

[7] En permanence — continuamente

[8] Bourgeoisie — burguesia

[9] Rose et blanc — rosa e branco

[10] Second déjeuner — lanche matutino

[11] Fausse Isabelle — falsa Isabelle

[12] Méchant — mal-educado

[13] Paysanne — camponesa

[14] Marchand de vin — comerciante de vinho

Capítulo XXI

[1] Chagrin — tristeza, melancolia

[2] Réveillée — toque para acordar

[3] Mademoiselle, vous êtes triste. — A senhorita está triste.

[4] Monsieur, j'en ai bien le droit. — Senhor, eu tenho todo o direito de estar.

[5] Vous êtes malade de coeur et d'humeur. — A senhorita está com problemas no coração e no temperamento.

[6] Peignoir — penhoar, roupão

[7] Pistolets — pãezinhos

[8] Demi-pensionnaires — semi-internas

[9] Pardon, Mademoiselle — Com licença, senhorita.

[10] Que mademoiselle est appliquée! — Como a senhorita é estudiosa!

[11] Bas-bleu — mulher com pretensões intelectuais

[12] Pas de Géant — antigo aparelho para ginástica, que consistia de um mastro ao qual estavam atadas cordas; a pessoa podia amarrar-se às cordas e correr ao redor do mastro, dando grandes passos

[13] Un, deux, trois — Um, dois, três

[14] Chère amie — cara amiga

[15] Tailleuse — costureira

[16] Ange farouche — anjo revoltado

[17] Dieu merci! — graças a Deus!

[18] Compatriote — compatriota

[19] Ourse Britannique — ursa britânica

[20] Ourson — grande ursa

[21] Nonchalante — indolente

[22] Voilà! pour vous — Veja! É para a senhorita.

[23] Petites maîtresses — jovens tolas

[24] Boudoir — sala

[25] Surveillante — vigilante

[26] La Grande Bretagne — a Grã-Bretanha

[27] Est-ce que vous avez l'intention de m'insulter? — A senhorita por acaso tenciona insultar-me?

[28] Allons, allons! — Ora, ora!

[29] N'est-ce pas? — não é?

[30] La jeunesse n'a qu'un temps. — Só se é jovem uma vez.

[31] Je conçois, je conçois: on sait ce que c'est qu'un ami. Bonjour, Mademoiselle! — Eu imagino, eu imagino: nós sabemos o que é um amigo. Bom-dia, Senhorita!

[32] Je vois bien que vous vous moquez de moi et de mes effets. — Estou vendo muito bem que a senhorita zomba de mim e dos meus pertences.

Capítulo XXII

[1] Mais certainement, chou-chou, vous en aurez deux, si vous voulez — Mas é claro, querida, a senhorita poderá ter duas, se quiser.

[2] Figure chiffonnée — a forma vestida de chiffon

[3] Grenier — sótão

[4] Bougie — vela

[5] Un air fin — aparência astuta

Capítulo XXIII

[1] On est là pour vous au salon. — Estão à sua espera no salão.
[2] Prince russe — príncipe russo

Capítulo XXIV
[1] Justement — Exatamente.
[2] Entrée — entrada, acolhida
[3] Coquelicot — papoula
[4] À l'endroit du gros Jean — por causa do gordo John

Capítulo XXV
[1] Seignor — senhor
[2] Pas de fée, […] de fantaisie — dança das fadas, […] imaginativa
[3] Mobile — móveis, cambiantes

Capítulo XXVI
[1] Oui, oui, ma bonne amie: je vous donne la permission de coeur et de gré. Votre travail dans ma maison a toujours été admirable, rempli de zèle et de discrétion: vous avez bien le droit de vous amuser. Sortez donc tant que vous voudrez. Quant à votre choix de connaissances, j'en suis contente; c'est sage, digne, laudable. — Sim, sim, minha boa amiga: eu dou meu consentimento, de todo o coração, e com boa vontade. Seu trabalho no meu estabelecimento tem sido sempre admirável, cheio de zelo e de discrição: a senhorita tem todo o direito de se divertir. Saia, então, tanto quanto deseje. Quanto à sua escolha de amizades, estou contente com ela; é prudente, digna e louvável.
[2] Il y a quelque chose de bien remarquable dans le caractère Anglais. — Há algo extremamente notável no caráter inglês.
[3] Je ne saurais vous dire "como", mais, enfin, les Anglais ont des idées à eux, en amitié, en amour, en tout. Mais au moins il n'est pas besoin de les surveiller. — Eu não saberia dizer-lhe "como", mas, enfim, os ingleses têm suas próprias ideias, quanto à amizade, ao amor, tudo. Mas, pelo menos, não há necessidade de vigiá-los.

[4] Allée défendue — aleia proibida

[5] C’est ce que je ferai — é isso que vou fazer

[6] En l’air — confusa

[7] Religieuses — religiosas

[8] Dévouement — devoção

[9] Récueillement — recolhimento, introspecção

[10] Juron — praga, palavrão

[11] Sacré — maldito

[12] Mille — mil

[13] Fräulein — Senhorita

[14] “Des Mädchens Klage” - “O Lamento da Donzela”

[15] Du Heilige, rufe dein Kind zurück, / Ich habe genossen das irdische Glück, / Ich habe gelebt und geliebet! — Oh, Todo-Poderoso, chama tua filha, / Eu desfrutei da felicidade terrena, / Eu vivi, e amei!

[16] Savants — eruditos

[17] Messieurs — Senhores

Capítulo XXVII

[1] Duc — Duque

[2] Discours — discurso

[3] M. le Chevalier — o Cavalheiro

[4] Personage — personagem, pessoa

[5] Tribune — Tribuna

[6] Bourgmestre — burgomestre

[7] Belles Lettres — literatura

[8] College — escola

[9] Qu’en dites vous? — Qual é sua opinião?

[10] Gros-bonnets — pessoas importantes

[11] Soubrette — camareira que serve de intermediária entre apaixonados, principalmente nas peças de teatro

[12] Petite chatte, doucerette, coquette! Vous avez l’air bien triste, soumis, rêveur, mais vous ne l’êtes pas: c’est moi qui vous le dis:

Sauvage! la flamme à l'âme, l'éclair aux yeux! — Gatinha, meiguinha, coquete! A senhorita tem uma aparência bem triste, submissa, sonhadora, mas a senhorita não é assim: sou eu que estou dizendo: Selvagem! Com o fogo na alma, o brilho do relâmpago nos olhos.

[13] Oui; j'ai la flamme à l'âme, et je dois l'avoir! — Sim; eu tenho o fogo na alma, e devo tê-lo!

[14] Sauvage — grosseiro

[15] Brusqueries — grosserias

[16] Ce grand fat d'Anglais — esse grande tolo inglês

[17] Mon ami, je vous pardonne. — Meu amigo, eu o perdoo.

[18] Bon! Voilà que le jour va poindre! Dites donc, mon ami. — Bom! O sol começa a raiar! Diga, então, meu amigo.

[19] Monsieur Paul, je vous pardonne. — Senhor Paul, eu o perdoo.

Capítulo XXVIII

[1] Mon Dieu! Mon Dieu! Que vais-je devenir? Monsieur va me tuer, je suis sûre; car il est d'une colère! — Meu Deus! Meu Deus! O que vai acontecer comigo? Monsieur vai me matar, eu tenho certeza; ele está com tanta raiva!

[2] Mademoiselle La Malle au piano! — Aula de piano da Senhorita La Malle!

[3] Dès ce moment la classe est défendue! La première qui ouvrira cette porte, ou passera par cette division, sera pendue… fut-ce Madame Beck elle-même! — A partir deste momento não é permitido entrar nesta sala! A primeira que abrir essa porta, ou passar por essa divisão, será enforcada… nem que seja a própria Madame Beck!

[4] Pantoufles — pantufas

[5] Commissionaire — mensageiro

[6] Gendarme — policial

[7] Ouf! Je n'en puis plus! — Eu não consigo mais fazer isso!

[8] Lunettes — óculos

[9] Que me voulez-vous? — O que a senhorita deseja de mim?

[10] Monsieur, je veux l'impossible, des choses inouïes — Senhor, eu desejo o impossível, coisas assombrosas

[11] Douche — ducha

[12] Là! Me voilà veuf de mes lunettes! — Ah! Eis-me privado dos meus óculos!

[13] Une forte femme… une Anglaise terrible… une petite casse-tout — uma mulher forte… uma inglesa terrível… uma pequena destruidora

[14] Grand Empereur — grande Imperador

[15] À l'improviste — de imprevisto

[16] Feuilleton — folhetim

[17] Voilà Monsieur! — Monsieur está chegando!

[18] Ne bougez pas — Não se mexa.

[19] Vous ne voulez pas de moi pour voisin. Vous vous donnez des airs de caste; vous me traitez en paria. Soit! je vais arranger la chose! — A senhorita não me deseja como vizinho. A senhorita fica se dando ares de modesta; a senhorita me trata como pária. Que seja! Eu vou dar um jeito na situação!

[20] Levez vous toutes, Mesdemoiselles! — Levantem-se todas, senhoritas!

[21] Est-ce assez de distance? — A distância é conveniente?

[22] Monsieur en est l'arbitre. — O senhor é que deve julgar.

[23] Vous savez bien que non. C'est vous qui avez créé ce vide immense: moi je n'y ai pas mis la main. — A senhorita sabe muito bem que não. Foi a senhorita quem criou esse vazio imenso: eu não tive nada que ver com isso.

[24] Un drame de Williams Shackspire; le faux dieu — um drama de Williams Shackspire; o falso deus

[25] De ces sots païens, les Anglais — desses camponeses estúpidos, os ingleses

[26] Sang-froid — sangue-frio

[27] Caractère intraitable — personalidade intratável

[28] Fougue — fúria

[29] Chut! à l'instant! […] vive comme la poudre! — Silêncio! Agora mesmo! […] inflamável como a pólvora!

[30] Emportement — temperamento

[31] Chaleur — ardor, ímpeto

[32] En l'air — confusa

[33] Excellence — superioridade

[34] Des couleurs de poupée — com as cores de uma boneca

[35] Un nez plus ou moins bien fait — um nariz mais ou menos bem feito

[36] Des cols brodés — golas bordadas

[37] Colifichet de plus — mais uma ninharia

[38] Babioles — ornamentos

[39] Des façons mondaines — modos mundanos

[40] Bure — tecido grosseiro de lã

[41] Gris de poussière — cinza cor de sujeira

[42] Va pour le ruban! — Tudo bem com o laço!

[43] Rude savon — um rude sermão

[44] Chiffon — chiffon (tecido)

Capítulo XXIX

[1] Nacarat — nacarado

[2] Robe de soie — vestido de seda

[3] Goûter un peu les plaisirs — desfrutar um pouco dos prazeres

[4] Situation — situação

[5] Bonjour, mes amies — Bom-dia, minhas amigas

[6] Est-ce là tout? — Isso é tudo?

[7] Mappemonde — mapa-múndi

[8] Vive l'Angleterre, l'Histoire et les Héros! A bas la France, la Fiction et les Faquins! — Vivam a Inglaterra, a História e os Heróis! Abaixo a França, a Invenção e os Almofadinhas!

[9] Donc je n'y serai pas. — Então, eu não farei parte dele.

[10] Soit! — Que seja!

[11] Je te déteste, mon garçon! — eu detesto você, meu rapaz!

[12] Dieu vous en garde! — Deus a proteja disso!

[13] Bonbonnière — bomboniere

[14] Dragées — doces

[15] A présent c'est un fait accompli — Agora o assunto está encerrado

[16] Asphyxiée — asfixiada, sufocada

Capítulo XXX

[1] Coteries — grupos, associações

[2] Amour-propre — amor-próprio

[3] Bonne et pas trop faible — boa e não muito incompetente

[4] Carrément — plantada

[5] Qu'il est vraiment beau, Mademoiselle, ce jeune docteur! Quels yeux… quel regard! Tenez! J'en ai le coeur tout ému! — Mas como ele é mesmo bonito, Senhorita, esse jovem médico! Que olhos… que olhar! Veja! Meu coração está batendo mais forte!

[6] Cette fille effrontée, cette créature sans pudeur — essa moça desavergonhada, essa criatura sem pudor

[7] Elle ne dit que la vérité. — Ela não está falando mais que a verdade.

[8] Ah, vous trouvez? — Ah, a senhorita acha?

[9] Mais, sans doute. — Mas é claro.

[10] Lusus naturæ — aberração da natureza

[11] Cela ne me regarde pas: je ne m'en soucie pas — Eu nada tenho que ver com isso: não me preocupo com isso

[12] Petite gourmande! — pequena gulosa!

[13] Pâté à la crème — bolo com creme

[14] Orgueil de diable — orgulho diabólico

[15] Je vous vois d'ici — eu a estou vendo

[16] Papas e mamans — papais e mamães

Capítulo XXXI

[1] Cette maîtresse-femme — essa mulher autoritária

[2] Comment? — como?

[3] Grand Dieu! — bom Deus!

[4] Puritaine! — puritana!

[5] Patte de velours — patas aveludadas, ou seja, mãos macias

[6] Petite pensionnaire — menininha de escola

[7] Blondes jeunes filles — jovens loiras

[8] Digne — digna

[9] Hauteur — altivez

Capítulo XXXII

[1] Demi-grisette — pouco mais que uma empregadinha

Capítulo XXXIII

[1] Je vous conseille de vous faire prier. — Eu aconselho a senhorita a se convidar.

[2] Qu'est-ce que c'est? Vous me jouez des tours? — O que é isso? A senhorita está brincando comigo?

[3] A-h-h! c'est la robe rose! — Ah, é o vestido cor-de-rosa!

[4] Et Mademoiselle Lucie est coquette comme dix Parisiennes. A-t-on jamais vu une Anglaise pareille? Regardez plutôt son chapeau, et ses gants, et ses brodequins! — E a Senhorita Lucie está faceira como dez parisienses. Já se viu uma inglesa como ela? Vejam só o chapéu dela, e suas luvas, e suas botinas!

[5] Courage!… à vrai dire je ne suis pas fâché, peut-être même suis-je content qu'on s'est fait si belle pour ma petite fête. — Coragem!… para dizer a verdade, não estou bravo, talvez esteja mesmo contente por todas terem ficado tão bonitas para minha festinha.

[6] Mais ma robe n'est pas belle, Monsieur… elle n'est que propre. — Mas meu vestido não é bonito, Monsieur… ele só é adequado.

[7] J'aime la propreté — Eu amo a adequação

[8] Les bois et les petits sentiers — os bosques e os caminhos estreitos

[9] Fermière — fazendeira

[10] Café au lait — café com leite

[11] Jambon — presunto

[12] Confitures — geleias

[13] Des ménagères avares — donas de casa avarentas

[14] Donnez-moi la main! — Dê-me sua mão!

[15] Petite sœur — irmãzinha

[16] Pourtant j'ai été pour vous bien dur, bien exigeant. — Contudo, eu fui muito duro com a senhorita, muito exigente.

[17] Où est Mademoiselle Lucie? — Onde está a Senhorita Lucie?

[18] Elle est au lit. — Ela está deitada.

Capítulo XXXIV

[1] Pardon — Me desculpe

[2] Ma bonne — minha boa

[3] Adieu! Au revoir! — Adeus! Até mais tarde!

[4] Tripotage — serviços triviais

[5] Grandeur — grandeza, luxo

[6] Place — praça

[7] Que me voulez-vous? — O que a senhorita deseja comigo?

[8] Et quant à ses félicitations, je m'en moque! — e quanto aos cumprimentos dela, estou pouco me importando!

[9] Prie-dieu — genuflexório

[10] Donc, donc, vous devez connaître mon noble élève, mon Paul? — Então, então a senhorita deve conhecer meu nobre pupilo, meu Paul.

[11] Pax vobiscum — a paz esteja convosco

[12] Elle est drôle, n'est-ce pas? — Ela é estranha, não é?

[13] Verbatim — literalmente

[14] Oh la singulière petite bossue! Et figurez-vous qu'elle me déteste, parce qu'elle me croit amoureuse de mon cousin Paul; ce petit dévot qui n'ose pas bouger, à moins que son confesseur ne lui donne la permission! Au reste […] soit moi, soit une autre […] Mère Walravens, Père Silas,

Dame Agnes […] personnage assez niaise à ce que je pense […] pure comme um lis, à ce qu'il dit. […] ma bonne […] oubliez les anges, les bossues, et surtout, les Professeurs — et bon soir! — Oh, a estranha corcundinha! E a senhorita saiba que ela me detesta, porque acha que eu amo meu primo Paul; esse pequeno carola que não ousa dar um passo, a não ser que seu confessor lhe dê permissão! E quanto ao resto […] seja eu, seja outra […] a Mãe Walravens, o Padre Silas e a Senhora Agnes […] criatura muito tolinha, na minha opinião […] pura como um lírio, como diz ele. […] Minha boa […] esqueça-se dos anjos, das corcundas, e, acima de tudo, dos professores — e boa-noite!

Capítulo XXXV

[1] Oubliez les Professeurs. — Esqueça os professores.

[2] Propria persona — pessoalmente

[3] Surtout — sobretudo

[4] Grand ciel! — Deus do céu!

[5] Je n'en sais rien. — Eu não sei nada disso.

[6] Est-elle donc idiote? — Mas será ela uma idiota?

[7] Nous agissons dans l'intérêt de la vérité. Nous ne voulons pas vous blesser. — Nós agimos no interesse da verdade. Não desejamos magoar a senhorita.

[8] Une petite moqueuse et sans-coeur — uma criaturinha caçoísta e impiedosa

[9] Et vous, Mademoiselle? vous êtes proprette et douillette, et affreusement insensible, par-dessus le marché. — E a senhorita? A senhorita é arrumadinha e meiga, e assustadoramente insensível, além do mais.

[10] Je vis dans un trou! — Eu vivo em um buraco!

[11] Les voilà. — ei-los.

[12] Je fais mon lit et mon ménage — eu arrumo minha cama e faço os serviços domésticos

[13] Boudoir-oratoire — quarto-oratório

[14] Poignée — punhado

[15] Et puis? — E depois?

[16] Qu'est-ce donc? — E então?

[17] N'est-il pas vrai? — não é verdade?

Capítulo XXXVI

[1] Petite exigeante — criaturinha exigente

[2] Croisées — vidraças, janelas

[3] Ennuis — aborrecimentos

[4] Maladroite! — desajeitada!

[5] Allons, donc! — Ora, o que é isso!

[6] Trop de sensibilité et de sympathie — sensibilidade e simpatia em excesso

[7] Dites donc, petite sœur — Diga-me então, irmãzinha

[8] Oh, cela me fait mal! — Oh, isso me deixa doente!

[9] Id est — a saber, ou seja

[10] Marie, Reine du Ciel — Maria, Rainha do Céu

[11] O Dieu, sois appaisé envers moi qui suis pécheur! — Oh, Deus, tende piedade de mim, um pecador!

Capítulo XXXVII

[1] […] duc, […] baron, […] vicomte — […] duque, […] barão ou […] visconde

[2] Pétrie d'esprit et de graces — constituída de espírito e de graças

[3] Course — tarefa, serviço

Capítulo XXXVIII

[1] Il est doux, le repos! il est précieux, le calme bonheur! — É doce, o repouso! É preciosa, a calma felicidade!

[2] Bonne petite amie! Douce consolatrice! — Boa amiguinha! Doce consoladora!

[3] Insupportable — insuportável

[4] Dévot — carola

[5] Rencontre — circunstância

[6] Que vous êtes pâle! Vous êtes donc bien malade, Mademoiselle! — Como a senhorita está pálida! A senhorita está bem doente, então, Mademoiselle!

[7] Chou-chou — querida

[8] Porte-cochère — portão para entrada das carruagens

[9] Flambeaux — tochas

[10] Ebats — diversão

Capítulo XXXIX

[1] Où sont-ils? Pourquoi ne viennent-ils? — Onde eles estão? Por que não vêm?

[2] Messieurs et mesdames, où donc est Justine Marie? — Senhores e senhoras, mas onde está Justine Marie?

[3] Badinage — tagarelice

[4] La voilà! Voilà Justine Marie qui arrive! — Ei-la! Vejam, Justine Marie está chegando!

[5] Dénouement — cena final

[6] Mon oncle e ma tante — Meu tio e minha tia

[7] La petite va m'aider… n'est-ce pas? — A menina vai ajudar-me… não é?

[8] Mais oui, je vous aiderai de tout mon coeur. Vous ferez de moi tout ce que vous voudrez, mon parrain. — Mas é claro, eu ajudarei o senhor de todo o coração. O senhor fará de mim tudo que quiser, meu padrinho.

[9] Nuit blanche — noite branca

Capítulo XL

[1] Au fait — inteirada

[2] En revanche — Por outro lado

[3] Détournement de mineur — corrupção de menor

[4] Trousseau — enxoval

[5] Mon mari — meu marido

[6] Madame la Comtesse — a Condessa

[7] In articulo mortis — no momento da morte

Capítulo XLI

[1] Ouvrier — trabalhador

[2] Sabots — tamancos

[3] Laissez-moi! — Deixe-me!

[4] Sortez d'ici! — Saia daqui!

[5] Femme! Femme! Sortez à l'instant! — Mulher! Mulher! Saia agora mesmo!

[6] Elle est toute pâle, cette figure-là me fait mal. — Ela está tão pálida, esse rosto me causa dor.

[7] Doucement… doucement — calma… calma

[8] Soyez tranquille — fique tranquila

[9] Faubourg — bairro (nas cidades antigas, os bairros fora das muralhas)

[10] Chiffonnière — tipo de cristaleira

[11] Guéridon — mesa redonda

[12] Voici! — Cá estamos!

[13] Externat de demoiselles. Numéro 7, Faubourg Clotilde, Directrice, Mademoiselle Lucy Snowe. — Externato para moças. Número 7, Faubourg Clotilde, Diretora, Senhorita Lucy Snowe.

[14] Mon amie — minha amiga

POSFÁCIO

VILLETTE , DE CHARLOTTE BRONTË : UMA MULHER ALÉM DE SEU TEMPO

LILIAN CRISTINA CORRÊA*

Inevitavelmente, ao procedermos à leitura de um romance escrito entre o final do século 18 e o início do século 19, teremos a impressão de que esse romance foi exclusivamente escrito para o púbico feminino. Por quê? Bem… Seriam diversas as respostas possíveis para tal questionamento, entretanto, a mais comum, ou talvez a menos complicada, seria a consolidação do gênero literário, o romance, que as assegurava como leitoras, público fidelizado, talvez já seja suficiente. Isso implicaria dizer que o papel desempenhado por tais mulheres na sociedade daquela época é também algo primordial e as tornava, de alguma forma, como centro das atenções das futuras produções literárias — a figura feminina passou a significar um interesse sem precedência. (VASCONCELOS, 2007, 124).

Além de termos em mãos um romance datado dessa época, observamos que se trata, de fato, de uma obra de autoria feminina ou, como constava em um dos números da *Monthly Review* , famoso periódico americano, "Esse ramo do comércio literário parece, agora, estar quase inteiramente monopolizado pelas Senhoras"[1] (*apud* VASCONCELOS, 2002, p.103). O que nos leva a ressaltar a importância dos romances escritos por mulheres a partir do movimento romântico. O que explicaria essa mudança no panorama literário?

Justamente a mesma possibilidade que tantos outros escritores no passado escolheram: a de usar o texto literário como bandeira de denúncia, como meio de expressão de suas angústias e de sua revolta ante a situação

vivida pelas mulheres daquela época. Em comparação com os homens, as mulheres ainda tinham grau de instrução limitado e sua situação financeira dependia do pai ou do esposo, caso fosse casada — não lhes era permitido, socialmente, sair para encontrar distrações sozinhas, sempre precisavam estar acompanhadas por um homem, e as possibilidades de trabalho aceitas variavam entre: babá, governanta, professora ou doméstica.

Muitas começaram a escrever usando pseudônimos, os famosos "By a Lady",[2] para que não fossem reconhecidas, ou porque temiam "manchar" o nome da família, pois o faziam anonimamente. Vasconcelos (2002, p. 109) menciona J.M.S Tompkins, que fala sobre a mentalidade dessas mulheres:

> Deixem que uma mulher escreva para preencher suas horas vagas, fornecer leituras inocentes ou ganhar a vida; o zelo moral era uma justificativa consentida e a pobreza, uma desculpa aceita; mas havia um motivo que não podia ser justificado nem desculpado — a ambição, a "jactância" de poder consciente, ansiando realizar sua tarefa e receber sua recompensa. A atitude adequada para o talento feminino era a modéstia; o campo adequado para seu exercício, o círculo estreito de seus amigos íntimos; e, se, por qualquer das razões permitidas, ela pisasse fora do círculo, deixem-na pelo menos evitar diligentemente a imputação desonrosa de segurança.

Bem, J.M.S. Tompkins mereceria os mais variados protestos do público feminino nos dias de hoje! Tanto é assim que os romances de autoria feminina se multiplicaram e as autoras deram voz às suas personagens e às suas críticas cada vez com mais desenvoltura. Dentre as diversas romancistas bem-sucedidas temos Charlotte Brontë, com *Villette* (1853).

Nesse romance, Charlotte Brontë, já aclamada por *Jane Eyre* (1847), escreve sob o pseudônimo de Currer Bell, seguindo a já mencionada "tradição" entre as romancistas da época. Muitos críticos classificam *Villette* como um romance menor, se comparado a *Jane Eyre* , mas que o leitor não se deixe enganar pelas falsas aparências! O que *Villette* traz é um mundo à parte, visto nas entrelinhas, talvez fora do alcance daqueles que desconhecem o universo romântico inglês, repleto de peculiaridades.

Villette é, de muitas formas, um romance delicado e deliciosamente difícil. Tudo que diz respeito à sua heroína, Lucy Snowe, é encoberto por uma névoa de inacessibilidade e uma certa escuridão que sustenta a narrativa. Seu tom é simultaneamente pessoal, profundo, altamente cultural e traz alguns indícios de feminismo, se fosse possível falar dele nesse período histórico.

O que há de ser mencionado é o senso de justiça apontado por Brontë, quando parece apontar que algumas personagens foram feitas para receberem o bem ou representarem o bem a todo custo e vice-versa, ou a pretensa aceitação, por parte da protagonista, de que a ausência de um final feliz é satisfatória, pois Deus pode predestinar algumas pessoas ao sofrimento ou à felicidade — tais fatos são bem evidentes no romance. A autora também atenta à questão da ausência de beleza feminina como uma possível limitação para o amor, assim como o seria dependendo da classe social à qual as pessoas pertencessem — fatos mais do que presentes nas sociedades do passado ou do presente!

Sem dúvida alguma, Charlotte Brontë acreditava em si mesma. Em um momento em que as mulheres eram consideradas pouco mais que adornos sociais ou meras parideiras, Charlotte Brontë conseguiu, bravamente, contradizer a sociedade de seu tempo por meio de seus romances, que falam pelas mulheres e para as mulheres, colocando-a como uma das mulheres mais importantes de seu tempo, aliás, muito além dele…

REFERÊNCIAS

BRONTË, Charlotte. *Villette* . London: Penguin Books, 1979.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII* . São Paulo: HUCITEC, 2002.

_____. *A formação do Romance Inglês* : ensaios teóricos. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____

* Mestre e Doutora em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde atua como docente no curso de Letras. Atualmente também é responsável pela coordenação do *Mackenzie Language Center* .

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2015.
Título original: *Villette* .

direção Martin Claret

produção editorial Carolina Marani Lima
Mayara Zucheli

direção de arte e capa José Duarte T. de Castro

diagramação Giovana Gatti Quadrotti

revisão técnica Lenita Maria Rimoli Pisetta

revisão Waldir Moraes

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brontë, Charlotte, 1816-1855.
Villette [livro eletrônico] / Charlotte Brontë; tradução e notas: Solange Pinheiro. — São Paulo — Martin Claret, 2020.
2983 Mb; ePub.

Título original: Villette.
ISBN 978-65-86014-41-9

1. Ficção inglesa I. Pinheiro, Solange II. Título.

20-34816 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.
Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré – CEP: 01254-010 – São Paulo, SP
Tel.: (11) 3672-8144 – www.martinclaret.com.br